

TERRA DAS NOVE LUAS



ORÁCULO ESQUECIDO

TRILOGIA DO NOVO ELO - LIVRO 3



か
14



Carlos Rocha



Oráculo Esquecido

- [Oráculo Esquecido](#)
- [Midpoint](#)

Terra das Nove Luas

Oráculo Esquecido

Trilogia do Novo Elo – livro 3

Carlos Rocha

Published by Carlos Rocha at Smashwords

Copyright©2014 Carlos Rocha

Versão 1.0

Terra das Nove Luas

Oráculo Esquecido

Trilogia do Novo Elo – livro 3

Publicado por Multiversos Editorial via Smashwords

Copyright©2014 Carlos Rocha

Direitos reservados para língua portuguesa:

Carlos Henrique Madureira Rocha

Ilustração da capa: Carlos Rocha

Capa: Carlos Rocha

Formatação final: Carlos Rocha

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida para fins comerciais, sem a permissão, por escrito do Autor. Licença para versão eletrônica: Creative Commons 2007 – Carlos Henrique Madureira Rocha

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA. Em resumo, você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra. Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor. Este é um sumário para leigos. Leia a licença jurídica na íntegra em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/legalcode> Notas da Licença desta edição via Smashwords Obrigado por baixar este ebook gratuito. Fique a vontade para compartilhar com seus amigos. Se você gostou deste livro, por favor, retorne a Smashwords.com para encontrar mais livros deste autor. Agradecemos pelo seu interesse.

A meus leitores,
sem o incentivo que recebi de vocês, não teria conseguido concluir esta série.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste livro.

Somente foi possível construir este romance com a ajuda do material da extensa campanha de RPG da Terra das Nove Luas. Nesse sentido, a vontade de continuar de meus colegas jogadores impulsionou muitas vezes minha força criativa para que, mês após mês, ano após ano, eu construísse, pouco a pouco, as bases deste universo ficcional. Em particular, gostaria de agradecer aos colegas Vitor Schmidt, Daniel Negreiros, Guilherme Tuler, Kairam Hamdam, Vitor Xavier, Humberto Mendes, Frederico Queiroz, Emmanoel e Jorge Lima.

Um agradecimento especial para o Newton Nitro, pelo grande apoio e divulgação que vem dando a esta série.

Um último agradecimento para Jaqueline Sartori, Izack Rodrigues, Joseane da Silva, Artur Albuquerque, Carlos da Silveira, Thalia, Antônio Cunha, Anndrey Francys, Antônio Cunha, Elaine Torino, Aser Gomes, Pablo, Carlos Henrique Mendes, Theandra Naves, Scheila, Josemar Adriano, Daniela Souza, Jeff Alessandro, Stelvia Alexandre, André Luís e Vitor Albuquerque. Muito obrigado, o contato que fizeram me motivou a dar continuidade a meu trabalho como escritor e concluir esta série.

CAPÍTULO 1

O que Kyle Blackwing chamava de destino, Archibald DeReifos, ex-monge Naomir, chamava de coincidência. Já o comerciante Atir percebia como oportunidade. Atir era um homem de muita energia, e o encontro entre eles foi um momento alegre. O fato de encontrarem um conterrâneo para conversar na mesma língua trazia conforto aos quatro lacoreses foragidos: Kyle, Archibald, Kiorina e Gorum.

O primeiro encontro ocorreu no dia anterior. Na ocasião, Archibald procurava por tinta e penas metálicas para escrever. Foi surpreendido por Alonzo, o braço direito do senhor Atir. O assistente não havia mudado muito, apesar de usar cabelos mais longos seus traços característicos eram os mesmos: magreza e olhos fundos acentuados por olheiras. Alonzo levou o rapaz até seu patrão que ficou muito feliz com o encontro inesperado. Atir contou tudo a respeito dos negócios e que estava morando em Dacs há alguns meses. Apesar das boas relações que mantinha com os dacsinianos da casa Baltimore, acabou montando a sede da casa comercial Atir em Duir, a cidade portuária mais movimentada da casa Alekzandra. Tratava-se da cidade mais oriental de Dacs e, justamente do porto de Duir, saíam os navios dacsinianos que seguiam para as rotas do leste passando por Tchilla e a região das Sete Tribos, pelo Império Keldoriano, as Selvas de Krös, Reinos do Vale Verde, até o extremo oriente nos reinos bélicos de Orbech e Almodorask.

Estavam reunidos sob teto de um Lacorês, bebendo vinho dacsiniano, numa conversa bastante animada. O velho comerciante estava vermelho de tanto rir de uma das anedotas contadas pelo enorme Gorum. Este estava sentado um pouco desajeitado devido ao seu tamanho, incompatível com os móveis. Numa breve pausa, coçava sua barba grisalha imaginando outra história para contar. Um pouco antes, Archibald narrou toda história que tinham vivido desde a saída de Lacoresh passando pelas terras dos Silfos do Mar. Atir e Alonzo escutavam atentamente e Archibald era apenas interrompido por Kiorina que corrigia, quase indignada, detalhes da história. Ao mesmo tempo, Kyle resmungava sobre como ela conseguia se lembrar daqueles detalhes, ou mesmo, sobre a relevância dos mesmos. Como quando Archibald contava sobre a ocasião que Noran falecera ela interrompeu-o franzindo o cenho: – não éramos quinze Archie! Éramos *treze*. – E enumerou cada um dos membros do grupo naquela ocasião.

E assim, contaram sobre bons e maus momentos e muitas vezes os olhos da ruiva ficaram cheios d'água. Mas havia um assunto que escapava da discussão. Kyle introduziu o tema: – Sr. Atir, conte-nos a respeito da situação de Lacoresh.

Atir suspirou, e olhou para baixo pensando por alguns momentos. Removeu o

turbante avermelhado revelando sua calvície avançada salpicada por algumas manchas escuras e pintas vermelhas. Era como se todo álcool e gargalhadas tivessem perdido o efeito. Colocou sobre o olho seu monóculo para enxergar bem o rosto de Kyle.

- Vou lhes contar sobre Lacoresh... Como disse antes, a situação era tal que já não era mais seguro para eu e meu pessoal continuarmos de portas abertas por lá. Nós sabíamos que uma mudança no poder estava por vir, não é mesmo Alonzo?

O braço direito estava com uma expressão severa e confirmou com um aceno.

- Eu adverti o Duque, pouco antes da guerra contra os bestiais, mas ele, teimoso, disse que eu estava imaginando coisas.

Kyle indagou surpreso, – você e o duque são amigos?

Atir sorriu e respondeu irônico – digamos que nossa amizade não seria bem vista pela sociedade. Como dizia, não adiantou, o cabeça dura só dava ouvidos ao mago Alexanus.

- Ele foi meu professor – observou Kiorina.

- Sim, ele também faz parte da cúpula dos malditos necromantes, Srta. DeLars.

O queixo da moça caiu e todos se viraram para Archibald que disse – Faz sentido! Por isso fomos enviados naquela investigação. Ele deve ter convencido Heirich...

Kyle disse – não sei se estou entendendo.

- Ele deve tê-lo convencido a enviar Kiorina, digo, nós, pois sabia que nossa atuação não produziria efeito.

Kiorina não gostou nada daquilo, talvez por sentir seu orgulho ferido e disse – deixe de bobagens Archibald! Está interrompendo o Sr. Atir!

Kyle e Archibald trocaram olhares e seguraram o riso. Aproveitando-se da deixa Atir prosseguiu – Vimos a série de infortúnios acontecer sem poder fazer nada. Ou quase nada... Da mesma forma que ajudamos vocês a fugir, ajudamos outros perseguidos pelos necromantes. Formou-se uma oposição que foi chamada de rebelião. Testemunhamos muitas atrocidades, mas procurávamos não nos envolver. Inevitavelmente, nossas ajudas ocorriam cada vez mais. Por fim, éramos um braço não oficial dos rebeldes. Trabalhávamos principalmente com informações.

Kyle aproveitou-se de uma pausa e perguntou – o senhor acha que o Duque traiu o povo aliando-se aos necromantes?

- Se estivesse no lugar dele, não sei se faria diferente.

- Eu faria! – declarou Kyle

- E provavelmente estaria morto. Diferente do Duque, que tem conseguido manter sua posição. Acho até que se um dia os ventos do destino soprarem a favor dos rebeldes o Duque Dwain seria o único com autoridade moral para assumir o trono. Isso responde a sua pergunta?

Kyle refletiu reconhecendo as dificuldades pelas quais o Duque deve ter passado. Apenas acenou com a cabeça como resposta.

- Como dizia – prosseguiu Atir – muitos em Lacoresh têm passado por maus bocados. Parte da população sequer suspeita do golpe dado pelos necromantes. As evidências que surgem e que poderiam confirmar ações dos bruxos das trevas são revertidas como provas do envolvimento dos rebeldes com a magia das trevas. Não eram muito incomuns execuções em praça pública nas quais eram os executados, rebeldes ou inocentes, apontados como responsáveis por necromancia, mesmo estes sendo completos analfabetos em magia. Encenações eram preparadas com ilusões, ou magia oculta, de forma que os acusados parecessem querer escapar usando magia das trevas. Verdadeiros espetáculos horripilantes! A existência da rebelião era usada como teatro para distrair e amedrontar o povo, e assim se ampliava o poderio dos necromantes. Nos baronatos do norte, ficou famosa a história de um jovem nobre de olhos completamente negros que caçava demônios.

Kiorina indagou – O senhor diz, olhos completamente negros como os bebês que investigávamos?

- Sim, sem sinal de branco. Este surgiu em uma cerimônia no palácio real. Um tempo antes, a Real Santa Igreja começara a divulgar a profecia da boa nova. – Atir interrompeu a pergunta de Archibald com um gesto e prosseguiu. – Dizem haver em textos antigos referências ao nascimento de crianças com olhos de eclipse que anunciariam uma era de paz, riquezas e prosperidade. As crianças vêm sendo protegidas pelo reino, e as famílias em que nascem recebem tratamento especial incluindo ajuda financeira. Muitas mulheres tem tido mais e mais filhos na esperança de dar à luz a uma criança do eclipse. Nunca vi tantas mulheres grávidas e bebês nascendo como nestes últimos tempos.

- Que horror! – exclamou Kiorina – pois ao invés de ser uma bênção isto é de certo uma maldição.

- Que idade tinha este jovem de que falou – Archibald indagou com uma expressão intrigada.

- Dezesseis quando surgiu. É o único com maior idade, todos os demais ainda são criancinhas.

- Parece que estão trabalhando nisso há muitos anos – sugeriu Kyle.

Archibald pensou alto – Muito me intriga saber sobre como conseguiram se organizar às escondidas. E mais ainda: por qual razão estão unidos? O que pretendem?

Seguiram-se alguns momentos de silêncio e reflexão. Surpresos, encararam Alonzo que se pronunciou espontaneamente. – Há rumores... – fez uma pausa e lambeu os lábios secos – Alguns afirmam que todas essas coisas não provem de iniciativa humana... – terminou Alonzo reticente.

- Pode completar a sua ideia? – pediu Gorum.

- Conheci uma pessoa... – Alonzo hesitou – Ela esteve presa na principal base dos necromantes. Uma cidade desconhecida para os homens e que chamam de Necrópole. Essa pessoa já estava muito doente e morreu. Mas antes disso, falou sobre uma criatura inumana, um mal ancestral que lá vivia e que todos os necromantes temiam e respeitavam.

- O que era? – quis saber Kyle.

- Não sei. Imagino que seja a origem de toda coisa. – Alonzo assumiu postura rígida e seu olhar profundo tornou-se severo. – Algo que manipula e seduz. Algo que se teme. Algo que não se compreende. Algo que deveria permanecer desconhecido.

- Não fale assim Alonzo, ou vai assustar nossos convidados.

Kyle sorriu e disse – Não se preocupe, já confrontamos situações muito mais assustadoras. E tenho a impressão que faz parte de nosso dever confrontar as trevas por mais vezes.

Atir suspirou e disse – Tempos terríveis estes em Lacoresh. Espero que isso chegue logo a um fim. Felizmente, parece uma questão localizada. No tempo que estive aqui pude perceber que há relativa paz em toda Dacs e que essa condição é semelhante em quase todo o continente dos nove reinos, para onde vocês viajarão.

- Assim esperamos. – disse Archibald esperançoso – Estamos fartos de tanta confrontação.

- Mas o que buscam por lá? Aliados contra os necromantes? Acho isto um tanto improvável...

- Suponho que buscamos uma esperança. – comentou o ex-monge.

Kyle explicou – Na realidade procuramos respostas. Viajamos para consultar um antigo oráculo, há muito esquecido.

- Como é chamado?

- Chamam-no de Oráculo de Shimitsu, já ouviu falar?

- Sinceramente, não. É por acaso alguém, ou algo, que pode se comunicar com o antigo Deus protetor da humanidade?

- É o que achamos.

- E o que vão perguntar a ele?

Gorum prontificou-se e disse – Eu tenho uma boa pergunta a fazer. – Fez certo suspense e Kyle antecipou-se colocando a mão sobre a testa e fazendo uma careta. Gorum prosseguiu – O que surgiu primeiro, o ovo ou o dragão? Ei, que cara é esse garoto? Por acaso você sabe? – Gorum dava pequenas cotoveladas em Kyle que não ria, enquanto os outros davam suas risadas. – Hein? Sabe sabichão? Hein?

Ficava tarde e aquela era uma boa deixa para irem. Levantaram-se e agradeceram a hospitalidade de Atir. Mas antes de saírem para voltar ao Estrela do Crepúsculo, a nau de An Leopard, o Sr. Atir chamou por Archibald e Kyle – Rapazes, por favor fiquem um pouco mais, há algo que gostaria de discutir com vocês.

Archibald concordou e disse acenando para os outros – Vejo vocês mais tarde.

CAPÍTULO 2

A noite chegava e o senhor Atir havia dispensado Alonzo para frequentar a noite da cidade de Duir, algo que seu assistente apreciava muito. O comerciante pediu a ajuda do ex-monge Naomir e de Kyle para acender as velas e lampiões do salão no qual Atir costumava trazer seus clientes para negociações, o mesmo local em que conversaram durante aquela tarde. Da janela do segundo andar, podiam ver as primeiras estrelas no céu azul, cada vez mais escuro, além de luzes que iluminavam as janelas da cidade portuária.

Atir abriu mais uma garrafa de vinho dacsiniano e ofereceu a Archibald comentando – Se há algo que gosto em Dacs é de seus excelentes vinhos.

Archibald sorriu e aceitou mais uma taça. O rapaz observava os detalhes geométricos desenhados no vidro esverdeado enquanto o vinho era servido. – Esta taça não é Lacoresha, estou certo?

Atir ergueu a taça observando-a através de seu monóculo que cobria o olho esquerdo e respondeu – Sim. Não há ninguém dedicado à vidraria tão habilidoso em nosso reino. Trata-se de uma peça Keldoriana. Difícil conseguir algumas destas... Os Keldorianos tem uma cultura fabulosa, porém são muito fechados a estrangeiros e fazem pouco comércio com o ocidente.

- Interessante. Se dispuséssemos de tempo, gostaria muito de ouvir suas histórias. Todas essas viagens que o senhor fez durante a juventude...

- Sim, sim! Foram tempos fascinantes, mas com a idade, a tendência é a acomodação. Eu lhe digo meu jovem, não fossem as condições extremas de Lacoresha, não teria viajado. Essas viagens através dos oceanos tornaram-se muito difíceis para mim. – disse Atir pesaroso.

- Compreendo – retrucou Kyle.

- Sim, isso me lembra. Há algo que gostaria de lhes contar, em especial para você meu rapaz. – disse encarando Kyle – Temo que possa não haver outra oportunidade. Bem, e a noite ainda é jovem. Fico muito feliz de ter os dois por aqui.

- Sinto-me de volta a Lacoresha em sua companhia – revelou Kyle.

- Você sabe, seu pai era um espadachim incrível. Quando eu ainda tinha uma cabeleira, fiz uma longa e perigosa viagem, você sabe. Eu já tinha meu comércio bem estabelecido em Kamanesh, mas segundo dizia um antigo amigo de fora: ‘Atir, meu rapaz você precisa expandir seus

horizontes'. O velho comerciante acabou me convencendo a partir numa viagem marítima para conhecer suas importantes, ricas e lucrativas rotas comerciais. Nesta época, seu pai treinava para ser cavaleiro. Era muito habilidoso, um dos melhores! Era até mesmo capaz de vencer alguns cavaleiros da ordem do duque. Certa vez, o vi vencer uma luta mesmo após ter ficado desarmado. Movimentos incríveis aqueles! Ele só pensava em duas coisas: tornar-se cavaleiro e em sua mãe. Bom, sua mãe, naquela época não queria saber dele. Ele era bastante, como posso dizer... Ele não tinha jeito com mulheres. Excesso de treinamento marcial, eu imagino. Você sabe, Alonzo está comigo há muito tempo, ele era um pouco mais jovem que seu pai. Ele sempre me falava muito a respeito de sua admiração por seu pai. Uma oportunidade veio quando seu pai estava completamente arrasado.

-O que houve?

Atir bebeu um gole e encarou Kyle – Digamos que sua existência, caro Kyle, estava ameaçada. Seu avô, pai de sua mãe, que era uma moça belíssima, aceitou o pedido de casamento do filho de um ourives de boas posses. Seria um bom casamento para sua mãe, financeiramente falando, mas o fato deixou seu pai na pior. Tão mal que chegou a perder os testes mais importantes para a ordenação como cavaleiro.

Atir tomou mais dois goles do vinho – Foi então que lhe propus que fosse meu guarda-costas durante minha viagem pelos mares. Ele aceitou, mais para escapar do ambiente que o deprimia do que pelo salário que lhe ofereci, e, veja só! Não era qualquer salário! Foi assim que acabei por conhecer muito seu pai, mas não o homem de que tanto falam. Um jovem que vi amadurecer e aprender sobre a vida. Foram dois anos de viagens. Ele era muito calado e foi uma boa escolha como guarda-costas. Salvou minha vida por duas vezes, sabia?

-Mas como meu pai ficou com minha mãe?

-Ah sim! Depois que voltamos, seu pai não era mais um rapaz tolo. Aprendeu muito sobre a vida, e um pouco sobre mulheres também. Ele ficou muito surpreso quando soube que sua mãe não se casou com o filho do ourives. É que havia outro pretendente, que intimidou o filho do ourives, e, por fim, ambos, pai e filho, abandonaram a ourivesaria em Kamasesh para se estabelecerem nos baronatos do norte. A beleza de sua mãe havia atraído a atenção de uma pessoa ainda mais poderosa. Um nobre que fora apresentado à sua mãe em um jantar, enquanto ainda era

noiva do filho do ourives. Tratava-se de um capitão da guarda da cidade que passou a desejar casar-se com sua mãe e pressionar seu avô para que concordasse. Este capitão era um homem rude e tosco, mas muito influente. Sua mãe sofria, pois o achava repugnante. Na situação, acabou se desabafando com seu pai, que aprendera muito sobre ouvir as pessoas em nossas viagens. Era um homem mudado com muitas histórias a contar. Foi assim que acabou conquistando o coração de sua mãe, porém, sua conquista lhe trouxe problemas com o capitão da guarda. Furioso, o homem ameaçava seu pai até que acabaram por se enfrentar num duelo. O capitão era considerado como um dos melhores guerreiros e seu pai chegou a recusar o duelo por três vezes. Mas na quarta vez, o velho capitão excedeu-se agredindo seu avô materno para pressioná-lo a cumprir a promessa de casamento. Seu pai intrometeu-se e aceitou duelar. Muitos cavaleiros e nobres vieram assistir o duelo e bem, foi uma luta formidável. É claro, seu pai foi vitorioso. Depois disso, o casamento não demorou muito, mas antes seu pai sentia que devia ter um trabalho de verdade. O duelo lhe abriu as portas para retomar o treinamento e seleção para a cavalaria do duque. Essas felicidades, após o casamento e ordenação de seu pai duraram pouco. Como sabe, logo veio a guerra e o resto é a história que você sabe.

- Já tinha ouvido o caso do duelo, mas com detalhes diferentes, sabe como é.

- Histórias são assim, meu rapaz. As perspectivas... sempre diferentes.

- Obrigado por me contar esta história, senhor Atir, mas sinto que devemos retornar...

- Se pensa assim... E quanto a você, jovem Archibald? Que tal ficar um pouco mais?

- Seria ótimo!

Kyle deu com os ombros. – De fato, muito obrigado por tudo, mas sigo meu caminho.

- Muito bem rapaz! Foi boa a oportunidade de relembrar aqueles tempos.

Kyle despediu-se e saiu, deixando Atir, Archibald e mais vinho para ser bebido. Atir voltou a enrolar a tira que formaria o turbante em sua cabeça enquanto Archibald observava intrigado.

- No extremo oriente. – Disse Atir em resposta ao olhar do rapaz.

- O que?

- Peguei este costume de usar turbantes no extremo oriente. Imagino se sua busca poderá levá-lo para aquelas bandas.

Atir ainda levou mais uns instantes para terminar e bateu as palmas das mãos sobre a mesa com satisfação. – Terminei!

Archibald estava um pouco sem graça, pois não sabia o que dizer. Começava a mostrar sinais de apreensão. Por que estava ali? Faria Atir alguma revelação? Alguma proposta? Como quando lhe pediu, anos atrás, para entregar um cristal para um anão em Tisamir, a cidade oculta?

Atir ignorou os sinais de apreensão demonstrados pelo jovem e falou bem tranquilo – pois sim! Nosso assunto. Sei que se lembra da ocasião em que conversamos no terraço, observando a praça da meia-lua em Kamanesh.

Archibald concordou com um sinal com a cabeça e disse: – Quer dizer sobre aquela questão encarar a realidade de diferentes pontos de vista?

- Não, nada disso. Acho que já aprendeu o suficiente sobre isso. Referia-me à encomenda.

- É claro. Foi um tanto difícil encontrar seu amigo de acordo com as indicações que acompanhavam a carta.

- Mas sei que correu tudo bem, apesar dele ter ficado com uma má impressão de você.

Archibald coçou a cabeça fazendo uma careta e disse: – E eu dele.

Atir deu boas gargalhadas, mas Archibald não retribuiu, pois falhava em achar graça. O comerciante se conteve e pediu: – Na realidade nunca soube de detalhes do encontro de vocês, seria muito incômodo me contar?

Archibald deu com os ombros. – São águas passadas. Devo dizer, quase desisti de procurar pela casa no bosque de Tisamir. Achei que a casa dele era uma construção para crianças brincarem. Quando me aproximei, cordas puxaram meus pés e uma barulhada danada começou, sons de latas e apitos.

- Você cruzou a sem soar a sineta? – Indagou Atir vermelho e segurando o riso.

- Sim, mas não tem graça. Logo saiu de uma portinhola no chão, bufando e xingando coisas que não entendi. Com um toco comprido e retorcido acertou minha cabeça algumas vezes. Fiquei sem jeito de revidar, afinal era um velhote senil, baixo e gordo. Tentei falar, mas ele não ouvia. Mostrei-lhe a carta, mas a ignorou. A única coisa que produziu efeito foi

mostrar o diamante. Ele ficou com os olhos vidrados na pedra por alguns instantes só então limpou o suor da testa e abaixou-se para pegar a carta. Depois de lê-la, olhou para os lados, desconfiado, e me arrastou para dentro de sua toca. Andei por uns tuneis longos e apertados e aquilo foi me dando falta de ar. Na salinha de teto baixo em que ficamos, havia um retrato. Tive a péssima ideia de perguntar a respeito. Falou-me longamente sobre sua linhagem de ancestrais e sobre alguns de seus planos para o futuro, mas eu só pensava em sair dali.

Atir parecia imaginar tudo vividamente e segurava o riso colocando a mão sobre os lábios. – E você não percebeu que ele era um anão, certo?

- Não a princípio. Foi grosseiro e sempre que eu queria dizer alguma coisa me ignorava tagarelando ainda mais com aquele terrível sotaque. No final, explicou-me sobre os prazos e que trabalharia naquilo junto com os outros anões. Entendi que minha missão estava cumprida e logo me retirei. Procurei um local para meditar e isso, ao menos, me serviu para praticar autocura, pois ainda estava com a cabeça dolorida dos golpes dados pelo velhaco.

Atir bebeu mais do vinho e não resistiu. Caiu na gargalhada. Archibald sorveu todo conteúdo do copo e chacoalhou a cabeça como se espantasse um calafrio.

- Aquilo me deixou de mau humor. Cheguei a ser um pouco rude com meus amigos naquele dia e nem mesmo quis comentar mais nada sobre o ocorrido.

- Imagino que tenha sido uma experiência traumatizante. Apanhar de um velho com metade de sua altura. – Atir foi sarcástico. – Enfim, não era exatamente sobre isso que queria lhe falar, mas confesso que foi interessante saber desta história. – E deu mais umas risadinhas.

Archibald devolveu o sarcasmo, o que não era de seu feitio, talvez estivesse se sentindo muito provocado. – Pelo que me lembro o senhor ficou *muito feliz* quando lhe dei a notícia que o velhote levaria anos para concluir o trabalho.

Atir engoliu o riso, levantou-se e dirigiu-se até um armário de onde retirou um objeto longo coberto por um pano fino com estampas coloridas. Colocou-o sobre a mesa e desenrolou o pano com cuidado para revelar um cajado com partes de madeira, pedra e metal ricamente trabalhado.

Archibald ficou boquiaberto, apontou para a extremidade e indagou surpreso: – É aquele diamante?

Atir fez que sim com a cabeça e mostrou outros detalhes. – Veja, runas. Pode

segurar. É todo mágico, assim como o diamante.

-Incrível!

-É seu.

Archibald assustou-se e quase caiu da cadeira. – Meu!? Como assim? Isso deve custar uma fortuna!

- É verdade, mas essa encomenda já me deu aborrecimentos demais. Primeiro, a demora para ficar pronta. Depois, o cliente que foi assassinado pelos malditos necromantes. Por sorte, já tinha recebido parte do pagamento. Mas quase não cobriu os custos daquele anão salafrário. Agora, só de ter uma coisa desta aqui corro riscos.

- Quer dizer, que atrai ladrões?

- Não, nada disso. Experimente sentir a energia do diamante.

Archibald concentrou-se e percebeu que nada podia tirar dali. – Não funciona – comentou.

- Funciona sim, mas não aqui nestas terras. A magia e itens de magia aqui, além de serem proibidos, mal funcionam. Se aqueles malditos fiscais da Casa Imperial encontrassem isso, além de confiscá-lo, de certo me multariam, ou pior.

- Entendo. Casa Imperial, você diz?

- Sim. A casa superior para qual todas as grandes casas comerciais de Dacs devem obediência. E não me pergunte o porquê do não funcionamento de magia nestas terras. É algo que ninguém por aqui parece saber.

- Ou então, que ninguém ousa comentar.

- Sim, pode bem ser. É assim também com assuntos de religião. Não há templos e ninguém fala nisso.

- De fato, havia percebido.

Atir embrulhou o cajado no tecido uma vez mais. – Leve com cuidado direto para o navio e coloque-o num lugar seguro.

- Fico muito agradecido.

- E há mais um motivo pelo qual quero que fique com isso. Sei que vocês podem ajudar nosso reino, de alguma forma, a se ver livre daqueles malditos necromantes! Quero que você use isso pensando no bem do povo de Lacoresh para livrá-los do seu terrível domínio.

- Não precisava pedir, mas prometo: farei meu melhor.

CAPÍTULO 3

An Lepard contemplava com orgulho seu navio, o Estrela do Crepúsculo. Sentado à mesa de um bar portuário, segurava nas mãos uma grande caneca de cerveja da qual bebia vagarosamente. Sentia-se alegre e bem consigo mesmo como há muito tempo não se sentia. Era fim de tarde, e logo mais, começaria a escurecer. Tinha os cabelos loiros soltos e um pouco desarranjados sendo soprados pela brisa litorânea. Em ocasião recente, teve a chance de estar com seu irmão, An LePaul, e obter algumas de suas roupas antigas. Sendo assim, havia voltado a vestir-se como o de costume. Sua gargantilha prateada, fina túnica azul com botões de prata, calças brancas e longas botas marrons escuras de bico fino, conferiam-lhe um ar de nobreza. Seus olhos verdes brilhavam observando o navio no cais. Sua nostalgia era tal que deixava escapar um suspiro ou dois.

Os reparos feitos no navio tinham-no deixado como novo. Recordava-se da ocasião em que vira o navio pela primeira vez. Era apenas um garoto e era um dia de grande festa. O navio era novo em folha, recém-saído do estaleiro. Ele e seu irmão, An Lepaul, nada sabiam sobre sua construção. Os negócios iam bem para seu pai e o navio foi uma surpresa para os irmãos. Ainda podia se recordar da expressão alegre no rosto barbudo de seu pai. Era um homem forte e moreno. Até os dias de hoje, não pôde rever barbas com corte tão preciso e tão bem penteadas. Eram da mesma cor dos cabelos, castanho escuros. O velho senhor LeCarl, como era conhecido, era um comerciante respeitado, mas era obcecado pela perfeição de sua barba e sempre tinha navalha e espelho à mão. Os irmãos haviam herdado os traços delicados, olhos verdes e pelos loiros da mãe, senhora Anna.

-Escutem filhotes! – Disse a voz de LeCarl na memória de An Lepard. Havia muita satisfação e um enorme sorriso no rosto. – É neste navio, nesta beleza, que irei ensinar a vocês como serem marujos. Ensinar-lhes-ei tudo e, um dia, serão capitães de deus próprios navios!

Lepard lembrou-se de como vibrava e de tudo que se passou desde então. O navio fora batizado de Estrela do Crepúsculo, pois era o modo carinhoso que LeCarl chamava os olhos de sua esposa, Anna. Quando seu pai morreu em busca de vingança, anos depois, o Estrela do Crepúsculo foi herdado por LePaul, pois era o irmão mais velho. Os irmãos nunca se deram muito bem e LePaul sabia que o que Lepard mais desejava em seu íntimo era ter para si o navio de seu pai. Lepard conseguiu o navio anos mais tarde, aproveitando-se da fraqueza do irmão que estava apaixonado pela sua namorada, Claudine. Lepard convenceu-o a lhe dar o navio se terminasse com Claudine.

Kleon, o ruivo e jovem katoriano, membro da tripulação do capitão An Leopard interrompeu seus devaneios e suspiros dizendo: – Muitas memórias, não é mesmo capitão? – Leopard apenas ergueu as sobrancelhas e assentiu com a cabeça. Por alguns momentos, se esquecera completamente de que o rapaz lhe fazia companhia. O jovem sardento bebeu metade da caneca de cerveja com avidez, formando acima dos lábios um falso bigode de espuma. Tentou lambe-la enquanto o capitão lançou um olhar de desaprovação. An Leopard, assim como os dacsinianos em geral, tinham um senso de boas maneiras bastante diferente dos lacoreses e katorianos.

- Não me venha falar de modos novamente, certo Capitão? – Antecipou-se Kleon.

An Leopard sorriu. Bebiam juntos à espera dos lacoreses. An Leopard sentia grande confiança e estima pelo baixinho ruivo, pois haviam passado por bons e maus bocados juntos. Era ele o único membro da tripulação, fora o falecido Georges, que seguira a seu lado, mesmo após a traição de Celix e Erles que culminou com a perda do estimado navio.

Leopard voltou seu olhar para o navio mais uma vez, mas alguém estava impedindo sua visão naquele momento. Para sua surpresa, a pessoa parecia aproximar-se. Tratava-se de um homem idoso cujo rosto estava parcialmente oculto atrás de um capuz. O estranho aproximou-se da mesa e tocou uma das cadeiras disponíveis indagando com polidez exemplar: – Com sua licença, o senhor é o capitão An Leopard Baltimore?

- Sim. Posso ajudá-lo?

- Perdoe-me interromper os senhores, mas poderia eu lhes acompanhar para discutirmos um breve assunto?

- Esteja à vontade. – Indicou-lhe o assento.

Antes de sentar-se disse – Permitam-me que me apresente propriamente. Meu nome é Lemerre da casa Rasaad.

Com a proximidade, ambos puderam observar as feições de Lemerre. Era mesmo um senhor de idade com olhos azuis escuros, rosto avermelhado, barbicha branca e um nariz proeminente cheio de furinhos semelhante a um morango. Sorria com simpatia, mas suas sobrancelhas e outros músculos da face não acompanhavam propriamente. Não que fosse um sorriso falso, ou forçado, parecia apenas preocupado, ou mesmo sofrendo de algum desconforto.

- Pois bem, senhor Lemerre, já sabe quem sou. Este é Kleon.

- Muito prazer em conhecê-los. Ora, vamos direto ao assunto. Soube que transporta em sua nau um pequeno grupo de lacoreses, estou certo? – Leopard acenou e velho prosseguiu. – Gostaria de marcar com eles uma

entrevista. Seria possível ainda para esta noite?

Lepard estava um pouco desconfiado. – Posso saber o assunto?

-Não posso afirmar ao certo a natureza do assunto. Entenda capitão An Lepard, represento os interesses de um jovem rapaz que deseja falar com os estrangeiros.

-Entendo, mas tenho dúvidas a respeito. Que garantias posso obter que não desejam mal aos passageiros?

Lemerre franziu o cenho e exclamou surpreso – E que mal haveria de ser?

Lepard ficou quieto. Tantos problemas e desventuras vieram a ocorrer desde que os lacoreses colocaram os pés no Estrela do Crepúsculo que sentia uma pontada de paranoia. Kleon tomou a palavra. – Perdoe-nos senhor Lemerre, mas atravessamos um período turbulento. Por tal razão, não estamos dispostos a confiar em desconhecidos, ou mesmo recebê-los em nossa embarcação.

- É claro! – o olhar do senhor iluminou-se. – Desculpem, não fazia ideia. Por vezes sou cético, mas depois de uma jornada esta minha fé se renova. – disse para si mesmo e antes que Lepard e Kleon fizessem mais questionamentos anunciou – Fornecerei mais detalhes e quem sabe os senhores concordarão com a entrevista.

Após algumas adaptações a cabine que costumava ser ocupada por Archibald e Mishtra acolhia o ex-monge, o velho ferreiro e o jovem Blackwing. Ficava um pouco apertada, mas era melhor que dormir no úmido e escuro convés inferior do navio. As pequenas janelas, além de arejar, iluminavam o ambiente. Já Kiorina, utilizava a mesma cabine, que um dia fora ocupada pelo imediato Erles.

Era tarde da noite e todos os Lacoreses estavam preparando-se para dormir. Gorum já cochilava, mas despertou ao ouvir batidas contra a porta. Era Kleon, chamando-os para virem até a cabine do capitão. Ao mesmo tempo, o próprio An Lepard chamava por Kiorina.

Pouco depois, estavam sentados à mesa do capitão imaginando o porquê daquela convocação tão tarde.

-O que há? – Kyle quis saber indagando um tanto irritado.

O capitão ao invés de responder, retirou-se.

-Ele me ignorou, Archie! Você viu isso? – reclamou o cavaleiro.

- Será que está armando alguma? Depois daquela traição... Quase morremos, todos nós!

Kiorina esfregava os olhos e comentou. – Vocês têm razão...

Kyle e Archibald, espantados disseram juntos. – Temos razão?

- Sim. De fato Lepard agiu de má fé não nos contando sobre seus planos de vingança, mas não quer dizer que faça da mesa forma o tempo todo! Parem de ser tão desconfiados.

- Esquece Kiorina! – retrucou Kyle e antes que pudesse continuar a porta voltou a abrir. O capitão entrou seguido de duas figuras. Um velho e um jovem rapaz. Ambos utilizavam capuzes, mas assim que entraram mostraram os rostos. O velho cumprimentou a todos com um sorriso e um aceno. Era o mesmo que estivera com An Lepard e Kleon durante o crepúsculo.

O outro era apenas um menino pré-adolescente. Enquanto o velho Lemerre buscou assento sem se aproximar da mesa dos Lacoreses, o garoto caminhou sereno com olhos fixos em Kyle. Tinha pele muito branca, como se nunca tomasse sol, olhos castanhos e cabelos curtos rentes à cabeça formando um pequeno topete sobre a testa. Acima do olho direito, na testa, havia uma mancha de nascença rósea com três pontas. Vestia um manto cinza claro que cobria o corpo todo, mas pelo pescoço fino e maçãs do rosto fundas, deduzia-se que era um garoto muito magro. Tinha um olhar profundo e sério demais para alguém de sua idade, um pouco assustadores.

Kyle engoliu seco e sentiu-se um pouco desconfortável com o olhar do menino. Mesmo tendo sido por alguns instantes, pareceu durar muito mais tempo. Logo o menino desviou o olhar para Archibald, Kiorina e então Gorum.

Gorum rompeu o silêncio e mal-estar num tom jocoso – Quem é este An Lepard? Seu filho?

Archibald segurou o riso e o garoto encarou Gorum por uns instantes até que o sorriso recuou dos lábios do gigante. – Não senhor, sou seu irmão, apenas mais um filho das luas. – respondeu o jovem num Lacorês perfeito.

- Alguém pode me explicar o que está havendo? – pediu Kyle.

- Sim, senhor Kyle Blackwing. – retrucou o rapaz. – Eu viajei muito para encontrá-los. Meu nome é Renè, mas alguns me chamam de Renè L'amian. Renè, o Sacro, traduzindo para o Lacorês.

- Olá Renè – adiantou-se Kiorina simpática. – Meu é...

- Kiorina DeLars – completou o menino. – As apresentações não são necessárias, sei o nome de vocês, assim como de seus companheiros ausentes.

Ainda assim, Kiorina estendeu a mão para o menino para um cumprimento. Assim que a pele da moça foi tocada, sentiu um arrepio quente percorrer seu corpo.

O toque encheu o campo energético da moça com energias mágicas, tão escassas naquela região. Seu coração acelerou e seus olhos verdes arregalados passaram e enxergar uma forte aura luminosa em torno de todo corpo do garoto.

- Sim! – exclamou Renè. – Como soube desde o início.

- Soube de quê?

- Vocês quatro, são as gotas do destino que se precipitaram sobre a terra estéril de Dacs.

- Gotas do destino? – Indagou Kyle interessado.

Renè soltou a mão de Kiorina deixando a ruiva sentindo dormência nas pernas e nos lábios. Ela ficou a observar, entorpecida, o espaço vazio deixado pelo menino ser preenchido por uma espécie de rastro coruscante no ar.

O menino aproximou-se de Kyle e colocou a palma de sua mão esquerda sobre a testa do cavaleiro. Kyle sentiu um efeito diverso no interior de sua cabeça. Fechou os olhos em decorrência da forte sensação de leveza de seu cérebro.

- O destino é forte em você. – comentou Renè.

- Esta sensação... por que? O vazio... ao lado da corrente... – Kyle divagava um tanto confuso até que a mão de Renè deixou de tocar sua testa. Logo levou a própria mão esquerda massageando o mesmo local.

Em seguida o menino encarou Archibald que ansioso disparou diversas perguntas – Por que veio de tão longe para nos ver? Como soube que estaríamos aqui? Pode explicar melhor o que quer dizer com gotas do destino?

- Responderei, pois são perguntas justas. Mas não posso garantir que as respostas irão satisfazer a seus anseios.

Archibald concordou com um aceno e o menino prosseguiu. – Vim de longe por dois motivos, primeiro, precisava viajar por Dacs e ver a realidade com meus próprios olhos. Segundo, imagino que posso ajudá-los em sua jornada. Soube que estariam aqui, pois de forma semelhante a seu amigo Noran de Tisamir, possuo faculdades mentais que me permitem ter visões e receber informações do mundo invisível. Quanto às gotas do destino, trata-se de uma metáfora que criei e que explica minha vinda a este mundo, assim como as transformações pelas quais está prestes a sofrer.

Archibald ficou atordoado com as informações, enquanto Gorum ficou abatido assim que o nome de Noran fora mencionado. Noran morrera no arquipélago dos silfos do mar, lutando contra os necromantes. Eram bons amigos e a morte dele havia deixado marcas profundas.

Renè foi capaz de captar o sentimento exato de Gorum e disse com sinceridade transparente – Estive com Noran após seu desencarne. Duas coisas são certas: sua

missão ao lado de vocês não terminou e vocês terão oportunidade de se encontrar no futuro.

Gorum ficou surpreso com as palavras do menino e relutou em acreditar no que ouvia. Enquanto isso Kyle comentou – Sim, agora me lembro... Sinto como se tivesse falado com Noran, ou melhor, como se ele... Foi isso! Ele nos salvou, no mesmo dia que ele se foi. Foi ele que espantou aquela criatura das trevas convocada pelos necromantes. Tenho certeza!

- Você está certo Kyle. Em verdade, Noran continua um companheiro fiel a vossos propósitos. O motivo pelo qual essa certeza está em você é por que sua mente despertou para a mesma centelha que libera os potenciais superiores da mente.

Archibald indagou – Fale mais sobre essas transformações do mundo. O que está havendo? Isso tem relação com os necromantes?

- Temo que não haverá tempo para discutir e explicar esta questão em detalhes. O fortalecimento dos necromantes nas terras de Lacoresh parece ser apenas um pequeno sinal do que está por vir.

- Mas disse que poderia nos ajudar? Suas capacidades são impressionantes! Ajude-nos dizendo o que fazer.

- Apesar de saber sobre muitas coisas, o futuro é extremamente nebuloso e tenho pouco poder como um indivíduo para influenciar o destino do mundo. Meu papel está relacionado de forma íntima com o destino do povo de Dacs, assim como o destino de vocês está relacionado ao destino do povo de Lacoresh. Posso apenas afirmar que vocês deverão perseverar no propósito de contatar o oráculo esquecido.

-Fale mais sobre o oráculo.

-O oráculo é um representante do passado de nossa terra. Talvez uma das mais antigas entidades presentes em nossa terra desde os tempos imemoriais. Sua manifestação é raramente percebida ao longo dos séculos. Acredito que esteja adormecido, ou em estado semelhante. Sobre as mudanças que pressinto e que já estão a ocorrer, este oráculo poderá responder. O próprio silfo Modevarsh que os enviou nesta empreitada, já tentou contata-lo sem sucesso. Recentemente fizemos contato, eu e o falecido silfo Modevarsh. Muitas vezes, desenvolver o dom da visão serve apenas para ver o próprio fim, o destino final se aproximando. Foi assim com ele. Seu destino foi perecer para impedir que o irmão prosseguisse

num caminho autodestrutivo.

Kyle ficou abalado com a notícia e disse – Mas se Modevarsh pereceu, para quem deveremos levar as notícias do oráculo? A quem devemos nos reportar?

- Isso não sei responder. Mas minha intuição me diz que serão vocês próprios os responsáveis por tomar alguma ação se conseguirem de fato estabelecer contato com o oráculo de Assimoir. E antes que perguntem, Assimoir é o nome pelo qual chamamos a divindade protetora da humanidade aqui em Dacs.

Renè recuou e cochichou para Lemerre: – Devemos ir, os agentes do imperador logo estarão em nosso encalço. – An Leopard, que estava próximo a Lemerre, pode escutar e ficou alarmado.

Os quatro Lacoreses tinham dezenas de perguntas a fazer, mas logo perceberam que não haveria oportunidade.

-Peço desculpas – anunciou Renè. – Precisamos ir de imediato! Sejam fortes e persistam em seu propósito.

O velho e o menino deixaram a cabine com pressa. No convés do navio voltaram a cobrir os rostos com os capuzes. Renè comentou com Lemerre – Um pouco triste o destino destes quatro. Na realidade, é triste o destino de todos nós. Assim como foi triste o destino dos Deuses.

Lemerre sorriu e retrucou – Não seja assim sombrio Renè, a vida também está repleta de alegrias. Veja como as luas estão bonitas no céu.

- Você tem razão. Haverá alegrias e tristezas no caminho deles. No caminho de todos.

CAPÍTULO 4

Após a intrigante visita do menino dacsiniano, o capitão An Leopard, com ânimo renovado, coordenava os preparativos para a viagem. Teriam que atravessar o extenso mar que separava as terras de Dacs do continente conhecido como a Terra dos Nove Vales. Este nome vem justamente da forma do continente, que tem nove cadeias de montanhas que se encontram na região central, local no qual as lendas dizem haver um planalto. Porém, na atualidade não se conhece civilização, cidade ou povoado que esteja situado nesta região. Não há registros recentes, mesmo exploradores mais hábeis de alguma jornada bem-sucedida através do planalto lendário. As crenças de alguns povos apontam esta região de altíssimas altitudes, como a morada dos Deuses.

Chegando ao continente antigo, a primeira destinação seria a milenar cidade-estado de Tchilla. An Leopard foi até a cidade apenas uma vez há muitos anos, acompanhando seu pai a bordo do Estrela do Crepúsculo. Os tchillianos não fazem muita questão de manter bons relacionamentos com povos estrangeiros, nem mesmo relações de comércio. Apesar de não serem inimigos dos dacsinianos, episódios históricos de conflitos e pequenas guerras chegavam a ser comuns.

Um pouco alheio à movimentação de cargas para dentro do navio, Kyle caminhava pelo cais, observando a água verde e transparente através das diversas frestas no chão de madeira. Cardumes de pequenos peixes movimentando-se distraíam seus pensamentos, mais serenos que o normal desde o encontro com Renè na noite anterior.

Foi uma bota delgada de um couro avermelhado e lustroso que ao ocultar uma fresta maior tirou Kyle de seus devaneios. Ao subir os olhos, foi tomado por uma surpresa acompanhada de sensações que não podia entender. Seu olhar fixou-se no olhar de uma mulher alta, mas um pouco mais baixa que ele, mas talvez, alguns anos mais velha. Encarou-a nos olhos castanhos claros que reluziam sob o forte sol assumindo tonalidade âmbar. A íris de cor incomum era emoldurada por cílios fartos e compridos, muito femininos. Sua pele era bronzeada e tinha lábios grossos e carnudos. As feições eram bem diferentes das que costumava ver entre os lacoreses, dacsinianos e katorianos. Os cabelos escuros e levemente cacheados eram compridos e, comandados pela brisa, cobriram metade da face.

A mulher chicoteou a cabeça projetando as mechas para o lado e disse – *É lacorrencian?* – Tinha um forte sotaque dacsiniano e Kyle não teve certeza se entendeu a pergunta.

Kyle observou os dentes, muito corretos da moça que sorriu ao falar. Hesitou e não respondeu.

- *Nan me entendeun*, ou um *gatin* comeu sua língua?

Kyle não compreendia bem o que lhe acontecia, mas achava a voz da moça macia e seu jeito de falar lhe parecia encantador.

- Sim. Não! Digo, sou *lacorês*.

- Ah que *bon*! Achei que fazia *un* papel de tola... – retrucou simpática. – Este *entan* deve ser o navio de *capitan* An Leopard? *Certin*?

- Sim, senhora.

- Mas que *bonitin*... – disse girando os olhos e tocando delicadamente a face Kyle – *Nan* precisa me chamar de senhora. Sou Claudine.

Kyle ficou vermelho como um pimentão com o toque da mulher e sentiu o estômago retorcer. Com a emoção tomando conta, não conseguiu evitar inspecionar o corpo da moça notando suas vestes um pouco masculinas. Calças escuras folgadas e uma camisa clara apertada e modificada na frente formando um decote bastante indecente mesmo para os padrões locais. O corpo era bastante atlético e os braços quase chegavam a ser musculosos. Kyle também não pode deixar de notar que tinha uma espada presa a um cinto grosso, do mesmo couro avermelhado das botas.

- Desculpe *queridin*. *Nan* pretendia lhe *avexar*.

Kyle ficou rígido, tentando controlar-se e disse. – Sou Kyle Blackwing.

- Blequiuin? Muito prazer! – Abraçou o rapaz que novamente tomado pela surpresa ficou sem ação e ainda mais rubro.

- Que tipo de costume era aquele de abraçar alguém que acabou de conhecer?” pensava.

Após o abraço, Kyle mergulhou mais uma vez no silêncio e embaraço.

Claudine estudava-o com os olhos e, por instantes, Kyle teve a impressão de que era devorado por aquele olhar tão intenso. Ela lambeu os lábios e sorrindo, bastante descontraída e à vontade, disse – Você é mesmo muito tímido, *nan* é Blequiuin? – Em seguida desviou-se dele caminhando em direção à prancha de carga do navio. Kyle acompanhou a movimentação da mulher, um tanto abobado. A forma de caminhar era bastante livre e sinuosa, além de requebrar o quadril de forma acentuada. Em seguida, no convés do navio, An Leopard e Claudine trocavam os primeiros olhares depois de muito tempo. Leopard, incrédulo teve um pouco de dificuldades para reconhecer a moça.

- Claudine?! Não posso ocultar minha surpresa. – disse o capitão um tanto abalado em sua língua materna.

- An Leopard, An Leopard... – Claudine pressionava os olhos demonstrando uma expressão de certo descontentamento. – O mesmo canalha e sem educação de sempre! Pois não estive em Porto Baltimore e

sequer me cumprimentou?

A essa altura, diversos membros da tripulação acompanhavam a conversa que se sucedia numa tonalidade levemente exaltada. Kyle logo subiu apenas para observar a discussão, pois pouco entendia da língua dacsiniana.

Lepard coçou a cabeça e sorriu um pouco sem graça. – Devo minhas desculpas. – Aproximou-se tomando-a pela mão e beijando-a como uma forma de cumprimento galanteador.

Claudine observou-o movendo-se, fisicamente derrotado devido às mutilações e mascarou a pena que sentiu dele, sustentando o sentimento anterior de descontentamento.

- A que devo a honra de sua visita? – quis saber o capitão.

- Aceito suas desculpas.

- Muito bem.

Claudine cruzou os braços e declarou – An LePaul me contou sobre tudo.

Lepard engoliu seco. Seu irmão era detestável, mas seria tão baixo? Revelaria a ela que fora trocada por um navio? A simples ideia de que ela soubesse daquilo deixou-o desconcertado. Tossiu e replicou – Tudo o que?

Desconfiada respondeu – Sobre os silfos, as torturas, a traição de Erles, o que mais?

- Bem, posso dizer que tenho sorte. Ainda estou vivo e recuperei meu navio.

- Seu irmão acha diferente.

- Eu sei, ele deve imaginar que seria melhor eu ter morrido a ter ficado deste jeito. – explicou o marujo indicando seus aleijões.

- Uma coisa é certa, não vim aqui para ver sua condição tão pouco para condoer-me com sua situação.

- Se não foi por isso, posso saber o motivo?

- Vim para pedir-lhe trabalho.

- Trabalho? Está louca? Por acaso quer cozinhar ou lavar pratos num navio cheio dessa corja? – disse Lepard indicando os marujos que faziam uma roda para assistir a discussão. Os marujos riram e uma série de comentários se sucedeu. – Contrata ela capitão! – disse um. – Ela é um arraso! – veio uma voz de trás. – Eu cozinho para ela! – manifestou-se outro engraçadinho.

Claudine fez uma cara feia para os marujos e desembainhou sua espada. – Quero que me contrate como espadachim.

An Leopard deu uma gargalhada e foi acompanhado de muita zombaria por parte dos marujos. A essa altura os outros lacoreses, Gorum, Kiorina e Archibald também estavam no convés tentando entender o que se passava.

Claudine apontou a espada para o peito do capitão e desafiou – Por acaso está com medo de perder?

- Ah Claudine! Eu nunca lutaria com você. Isso não seria honesto. Afinal, desde quando você virou uma espadachim? É uma moça culta, sabe ler, escrever e fazer contas. Por que essa coisa de espadachim?

- Isso não é de sua conta! E então, se não é mais homem para me enfrentar, pelo menos algum de seus marujos é?

Houve um breve silêncio e os marujos vaiaram em coro. O capitão sinalizou para que parassem e disse. – Vou repetir, depois de tudo que passamos, não posso conceber que lutemos. Mas não aceitarei seu insulto. Se quiser mesmo lutar...

- Ei capitão! Posso lutar com ela? – pediu um dos marujos, de aparência truculenta. – Que tal uns beijos nela se eu ganhar? – sugeriu mostrando a língua e gesticulando obscenidades.

- Você concorda, Claudine?

Ela virou-se para o marujo e disse – Terei meu trabalho?

An Leopard concordou. No instante seguinte a mulher partia para o ataque gritando com ferocidade – Defenda-se cachorro!

O marujo, um tanto surpreso, fez o que ela ordenou. Não pela qualidade das palavras, mas porque sentiu que sua pele dependia de suas ações defensivas. Foram um, dois, três, quatro ataques da mulher. O marujo era experiente e logo percebeu que a luta não seria um passatempo.

Ele contra-atacou. Claudine demonstrou que além de atacar, defendia-se muito bem. Mais cinco, seis, sete tilintadas e Claudine mostrou que tinha seus truques. Acertou a canela do marujo com um forte chute. Arrancou gritos da torcida que acompanhava a luta com empolgação. Aproveitando-se do golpe, cruzou espadas e sacando uma adaga produziu um corte acima do pulso do marujo. Ele xingou com dor e soltou a espada. Antes que o marujo derrotado fosse vaiado, humilhado e tomado pelo ressentimento, Claudine guardou as armas, aproximou-se dele e disse simpática – Você lutou muito bem, mas não foi sujo como eu! – Aproximou-se o beijando no rosto. – Obrigada pela boa luta.

O marujo corou e acabou sorrindo abobalhado. O coro de marujos gritou e assobiou diante da cena. Alguns pediam: – Ei moça, eu também quero!

A situação se prolongou até que o capitão gritou – Já chega!

Claudine caminhou até An Leopard com sorriso de satisfação estampado em seu rosto bronzeado. Leopard sorriu e disse – Se é isso mesmo que quer, está contratada.

Os marujos fizeram muito barulho e o último dia do Estrela do Crepúsculo nos portos dacsinianos foi lembrado por todos com um saudosismo especial.

CAPÍTULO 5

Era como uma espécie de sonho extremamente real. Um sonho vívido como nunca antes havia experimentado. As imagens, sons e demais sinais captados por seus sentidos, incluindo o tato, eram tão perfeitas quanto a realidade. Mas como poderia ser real? Sabia que estava no navio de An Leopard em seu primeiro dia de viagem. Como poderia então estar naquela floresta? Logo, um aspecto fez com que Kyle abandonasse seus pensamentos a respeito do que via, era uma imensa dificuldade de concentrar-se e pensar, até mesmo de controlar suas ações, seus passos e seu olhar. Resistir parecia inútil e ao mesmo tempo não parecia haver motivos para tal procedimento. Seu último pensamento foi: “Vou embarcar nisso e ver o que acontece”.

A floresta era grandiosa e diferente de tudo que já havia visto. Ainda assim lhe parecia um tanto familiar, como se na realidade ali fosse seu lar. Por entre as sombras e inúmeras folhas, confundiam-se formas. Troncos escuros que se misturavam ao chão coberto de folhas e frutos secos e em decomposição. Entretanto, não havia cheiro desagradável. Apenas o ruído de cigarras e pássaros colorindo as tonalidades sombrias daquele ponto da floresta. Onde os raios do sol conseguiam chegar formavam-se ilhas de verde brilhante nos galhos e folhas e pequena vegetação rasteira.

Após andar por um estreito caminho de pedras avistou uma construção antiga no meio de uma clareira. Era uma construção incomum e não conseguiu perceber do que se tratava. Era como um farol fora das proximidades marítimas. O sol estava forte e delineava sombras nos tijolos velhos que variavam seus tons de vermelho gasto, dos claros aos escuros. Havia quase uma dezena de entradas construídas em arcos. Baixas demais para um ser humano adulto passar. Concluiu que era uma obra de uma raça de menor estatura. Na ponta da construção havia uma grande torre, sem portas ou janelas, na forma de um obelisco de ponta romba.

Aproximou-se e ficou de frente para uma das entradas. Posicionou-se sob a sombra de uma árvore e o calor foi aliviado. Observou que a entrada escondia um interior escuro, sem piso definido e coberto com bastante cascalho. Ao contrário do que imaginava a entrada era de sua altura e formava uma espécie de corredor de tijolos com o teto em arco conduzindo ao seu interior.

Não escutou nada ali e resolveu entrar. Seus passos fizeram barulho no cascalho e teve que se curvar. Escutou barulho de passos e se afastou. O que poderia ser? Chamou, mas ninguém respondeu. Resolveu entrar novamente. Ao entrar sentiu correr um vento frio. Estava fresco e agradável no interior. Observou o local que era um corredor comprido com o teto curvo. A luz do dia penetrava por uma dezena de

portais semelhantes ao que tinha atravessado formando desenhos de sombra e luz ao longo do chão.

Havia pequenos buracos no topo e imaginou que se fosse um pouco menor, sua cabeça poderia passar. Deles descia a luz do dia e dentro de alguns deles havia um emaranhado de teias de aranha. O teto era velho com muitas rachaduras e falhas nos tijolos. Viu um pequeno utensílio de madeira pregado na parede. Era madeira nova e parecia ser uma colher, salvo que a parte inferior era de madeira chata. Havia folhas secas e pequenas pedras em cima desta. Parecia estar lá há algum tempo. Tocou a folha que bastante seca e quebradiça esfarelou-se emitindo som característico.

Avançou pelo túnel escutando seus próprios passos e constatou que de alguns arcos saíam pequenas folhas verdes. Havia mais alguns utensílios de madeira pendurados e concluiu que deviam servir para suportar velas.

Encarou um grande tronco retorcido perto do final do corredor. Teve a ligeira impressão de tê-lo visto se movendo. Ficou alerta, mas não ocorrendo mais nada, resolveu sair do local.

Ao sair, escutou os sons da floresta novamente. Não havia percebido, mas de dentro da construção não conseguia escutar nenhum ruído externo. Seguiu subindo até chegar próximo à torre. Devia ter pelos menos cinco vezes a sua altura e seu topo estava um pouco despedaçado. Rodeou a torre e viu que em um de seus lados havia uma fenda que levava ao subsolo onde estivera há pouco.

Sentou-se no chão de pedras que contornava a torre e retirou de uma bolsa de couro um grosso maço de papeis. Foi um momento de confusão, pois ao mesmo tempo em que escrevia uma série de símbolos no papel, não conseguia entender seu significado. A consciência, mesmo estando de certa forma suprimida naquele estranho sonho, em um lampejo constatou pensando: “Estou escrevendo em sílfico!”

Pouco depois ouviu a própria voz no sonho comentar que faria as anotações depois. O sol forte parecia atrapalhar a concentração. Ao menos foi essa ideia que surgiu para explicar o ocorrido. Segurou a pena por alguns instantes e o sol projetou sua sombra sobre o chão. Naquele contexto veio a ideia de que estaria atrasado. Viu-se levantando muito apressado e correndo em direção à estrada de pedra que percorrera antes de chegar naquelas ruínas.

Corria pelo terreno acidentado da floresta de forma perigosa. Chegou a ficar com medo de cair várias vezes. Mas, de alguma forma, parecia haver um instinto, ou mesmo uma agilidade sobrenatural que impedia os tropeços e quedas de ocorrerem. Manteve equilíbrio mesmo ao atravessar um pequeno riacho pisando nas rochas de aparência escorregadia depositadas no leito. Outro paradoxo sentido durante a corrida foi o fato de sentir medo ao mesmo tempo em que cantarolava e saltava serelepe. Algo nitidamente incompatível com a natureza mais centrada de Kyle.

Ao fim da corrida, avistou um belo cavalo de pelo amarelado e crina laranja

escura. O equino era esguio e não estava selado. Havia apenas uma fina manta de um azul vibrante sobre o lombo do animal. Terminando a corrida, no mesmo ritmo animado, saltou para cima do cavalo que, com naturalidade, seguiu seus comandos disparando por entre as frondosas árvores da floresta.

A cavalgada durou um bom tempo. Durante este período contemplava a natureza ao seu redor. Nada do que via lembrava Lacoresh, ou mesmo os arquipélagos pelos quais passara no último ano. Estava certo de que desconhecia todos aqueles lugares. Mas essa certeza entrava em conflito direto com a sensação de intensa familiaridade com tudo que ocorria.

De súbito o cavalo empinou muito assustado. Mesmo com a agilidade aumentada, que experimentava naquela situação, não conseguiu evitar a queda. Sentiu o braço doer de forma intensa, uma dor verdadeira que nunca fora capaz de experimentar num sonho. Acordou com o coração acelerado percebendo o interior da cabine ainda escura. O primeiro som que pode identificar além do habitual ranger de madeiras e o sons das águas foi o forte ronco de Gorum. Sentou-se na cama, analisando o braço ainda com forte memória da dor sentida após cair do cavalo. Conforme sua visão se habituou ao escuro, percebeu que a cama de Archibald estava vazia.

Aquele sonho havia sido muito perturbador. Ficou sem sono, decidiu sair da cabine e andar pelo convés principal. O vento era intenso e frio do lado de fora. Talvez já fosse alta madrugada. Kyle não era bom em acompanhar o tempo através da observação de estrelas, luas, etc.

- Hei, Kyle! – chamou Archibald. – Problemas para dormir?

O jovem aproximou-se e assentou-se próximo do amigo. – É o que parece.

- Algo errado? – indagou o ex-monge analisando a expressão preocupada do amigo.

- Tive um sonho muito estranho.

- Me conte – pediu Archibald.

- Não consigo me lembrar dos detalhes. Sei que no final, caí de um cavalo e machuquei o braço. Antes disso, lembro-me vagamente de estar numa floresta. Estava sozinho e fazia algo, mas não sei bem o que.

- Me parece normal. É mesmo o sonho que o incomoda?

- Não sei. Sei apenas que esse sonho não foi normal, ao contrário, sequer parecia um sonho. Era como se eu estivesse lá, todos os detalhes eram muito reais. Muito mesmo! Lembro-me do canto de um pássaro, cheiros, temperatura...

- Entendo, os detalhes eram reais, mas você não está conseguindo

entender de onde veio tudo isso, estou certo?

-Acho que sim.

-Você pode ter tido uma experiência ligada ao mundo invisível.

-Talvez, mas acho que não. Aprendi um pouco sobre isso com Noran e me pareceu bem diferente. Os vislumbres que tive do plano invisível eram pouco coloridos e muitos detalhes eram escuros ou mesmo embaçados.

-Entendo – Archibald baixou os olhos.

-E você? Também andou tendo sonhos perturbadores?

-Nada disso. Durante a noite consigo o espaço e calma para meditar. Tenho pensado muito em tudo que já enfrentamos e no que ainda nos aguarda.

-E tem predominado bons ou maus pensamentos?

-Não vejo as coisas deste jeito. São questões de fé. Depois de tudo que vi, tudo por que passamos, não consigo mais ter fé na Real Santa Igreja, nem mesmo fé nos ensinamentos dos monges Naomir. Descobri que mesmo sem a fé nos Deuses encontro forças para evocar os sagrados ofícios.

-Você diz, coisas como a magia.

-Algo assim. Vejo que o que aprendemos no monastério é um método diferente de despertar e direcionar as energias existentes para alcançar um propósito. Venho pensando que isto se dá da mesma forma que Kiorina e outros magos produzem os efeitos da chamada magia.

-Então você constatou que não precisa da fé para produzir os efeitos.

-A fé é necessária até mesmo para dar um simples passo. Mas o que percebo que a tal fé proferida e defendida pelos clérigos seria dispensável.

-Entendo. Deve ser como o que aprendi com Noran. Aquela história de Jii...

-Sabe Kyle, às vezes, não consigo deixar de pensar que não fosse nossa ida a Tisamir, Noran ainda estaria por lá vivo e ajudando as pessoas.

-Ele escolheu o caminho a trilhar, não nós. Fiquei abalado com o encontro que tivemos ontem com aquele jovem. Especialmente quanto ao que ele disse sobre Noran. Fico pensando se esse sonho que tive tem relação com meu contato com o tal Renè.

-Não é uma má hipótese. Havia alguma força mística muito forte nele.

Mas para mim o mais perturbador foi saber da morte de Modevarsh e as implicações disso.

- Que nós somos responsáveis por tomar ações depois que questionarmos o oráculo?

- Exatamente isso. Sentia antes que nossa missão era como a tarefa de um mensageiro, mas agora vejo que talvez sejamos nós os responsáveis por reverter a situação de Lacoresh. Talvez nós mesmos tenhamos que tomar as ações para neutralizar os necromantes. Isso me assusta.

Kyle deu um longo suspiro. – Sinto-me um tanto impotente. O que nós podemos fazer contra um reino? Contra todo o poderio daqueles malditos bruxos?

-Puxa! Quer algo melhor para acabar de tirar o sono!?

Kyle sorriu para o amigo. Depois de tanto, sentia-se feliz por estar ao lado de um verdadeiro amigo para quem poderia confiar sua vida.

Eles riram e conversaram muito mais até o alvorecer. Relembaram histórias, lugares, festas e costumes de sua terra natal. Trocaram dúvidas e inquietações estreitando ainda mais os fortes laços de amizade que mantinham.

CAPÍTULO 6

Era o segundo dia de viagem rumo a grande cidade de Tchilla. Logo cedo, An Leopard avisou Kyle e Archibald, que ainda estavam no convés principal, sobre os mares daquela região.

O capitão parecia disposto e bem humorado quase da mesma forma que era quando o conheceram. – Escutem Lacoreses! Logo sairemos das águas rasas da costa de Dacs. Poderemos encontrar águas revoltas a frente, portanto fiquem alerta.

-Um bom dia para você também capitão. – Ironizou Kyle.

-Engraçado como sempre, não Blackwing? Pois saiba que além de mar bravio, esses mares que atravessaremos também são conhecidos por abrigarem diversas feras marinhas.

-Feras marinhas? Como assim?

-Melhor nem explicar. Rezem para não cruzarem nosso caminho.

Archibald bocejou longamente. Kyle seguiu o reflexo por imitação.

-Lacoreses... Mas que caras! Se tiveram dificuldades de dormir ontem, preparem-se para tempos piores. – An Leopard seguiu em frente, deixando Kyle e Archibald para trás, e começou a gritar em sua língua materna para seus homens, chamando-os a acordar e trabalhar com afinco.

Kyle e Archibald seguiram para o interior da nau e lá se encontraram com Gorum e Kiorina. Como era o costume no navio de An Leopard, os passageiros recebiam o desjejum em um dos cômodos da cabine de An Leopard, no qual a grande mesa de navegação era convertida em mesa de guloseimas. Havia pães, mel, geleias, leite fresco e sucos. Eram assim os primeiros dias de viagem, enquanto os suprimentos carregados no navio ainda estavam frescos. Alguns dias mais tarde, as refeições já perderiam certos atrativos.

-Bom dia, dorminhocos! – cumprimentou Kiorina, animada.

Kyle acenou e Archibald respondeu sonolento – Bom dia. – deu um tapa amigável no ombro de Gorum e sentou-se ao seu lado. Enquanto isso, Kyle sentou-se ao lado de Kiorina e esticou a cabeça dando-lhe um beijinho no rosto. – Bom dia, antes que diga que sou mal educado.

Kiorina corou, mas procurou disfarçar o embaraço mostrando-lhe a língua e ironizando. – Como adivinhou?

Gorum comia uma generosa fatia de pão com geleia e observava as atitudes de Kyle com certa curiosidade. – Hum! Essa geleia dacsiniana é como uma piada: me faz sorrir.

Seguiram-se alguns momentos de silêncio proporcionados pela comilança. O desjejum prosseguiu com mais alguns comentários aqui e ali até que Kyle engasgou e tossiu um bocado ficando com o rosto vermelho. Claudine, o motivo do engasgo, entrara na cabine vestindo apenas uma camisa folgada, que cobria as pernas como se fosse um vestido muito curto. Archibald encarou as pernas atléticas e nuas de Claudine até que Gorum acertou-lhe uma discreta cotovelada no braço. Kiorina fechou a cara ao observar a mulher se aproximando.

Claudine, um tanto distraída, agia com naturalidade e veio buscar lugar ao lado de Kyle. Ficou entre ele e Kiorina. A moça dacsiniana cobriu um bocejo com a mão enquanto apoiava a outra na coxa de Kyle. O rapaz enrijeceu e ela comentou casualmente. – Pode *men* passar a geleia Blequiuin?

Kyle sorriu sem graça e atendeu ao pedido um pouco desajeitado. Só então ela retirou a mão da coxa de Kyle. Claudine lambrecou um pão com a geleia e deu uma boa mordida. Ao mesmo tempo, fechou os olhos e saboreou emitindo um suspiro, e ao engolir, disse algumas palavras incompreensíveis em dacsiniano. Em seguida, voltou a atenção para os demais presentes. Inclinou-se por cima da mesa estendendo a mão para cumprimentar Archibald. – Muito prazer, sou Claudine.

Archibald sorriu amarelo e apenas disse seu nome. Claudine inclinou-se ainda mais para alcançar Gorum. Para tal, colocou-se numa posição um tanto indecente para o ponto de vista de Kyle que apertou os lábios. Gorum cumprimentou-a achando graça na situação. Para finalmente cumprimentar Kiorina, a moça debruçou-se sobre Kyle que corou imediatamente.

Kiorina forçou um sorriso, e dominou seus impulsos de voar no pescoço daquela mulher para enforcá-la. Estava completamente indignada com a situação. Assim que ela voltou a seu assento, a ruiva reclinou-se sobre a mesa encarando Kyle que magnetizado por Claudine, mal notava a sua postura agressiva.

Kiorina levantou-se e declarou enfezada: – Estou satisfeita! Vou me retirar.

Gorum não resistiu e fingiu espirros que escamoteavam suas palavras: – Ciúmes! Ciúmes! – Archibald segurou o riso.

Kiorina fulminou-os com o olhar antes de sair da cabine praticamente marchando sua indignação.

-*Nervosin* sua amiga, *han* Blequiuin?

Kyle comentou laconicamente – Hã? sim...

-*Nan* dormiu bem, *nan* é mesmo? – perguntou Claudine olhando-o nos olhos.

Kyle acenou perdido no olhar que prendia sua atenção. Fitaram um ao outro por alguns momentos até que Claudine sorriu e disse jocosa – *Nan* me olhe assim ou ficarei *encabulade*!

-Me desculpe! Não queria...

Claudine deu uma gargalhada suave e segurou novamente a coxa de Kyle com a mão. – Você é mesmo uma piada Blequiuin! Será que isso é mal de *lacorrecian*?

Gorum não se conteve e disse animado: – Não, Srta. Claudine! Isso é típico do Kyle, você sabe, um tanto bocó mesmo, mas outros lacoreses *têm* senso de humor...

Kyle franziu o cenho irritado com Gorum que ao perceber a reação do rapaz aumentou o sorriso. Archibald, ao lado, continuava segurando o riso desde que Kiorina havia saído. Gorum logo viria a seu resgate. Já tinha a atenção de Claudine e antes que mais alguém falasse iniciou uma anedota rápida.

Kyle logo se viu tendo que segurar o riso ainda chateado por ter chamado de bocó. Archibald gargalhou de forma desproporcional enquanto Claudine riu bastante. Gorum só estava começando. Ao fim de cinco piadas, Kyle já estava descontraído. Já Archibald, vermelho e num estado lastimável. Sua barriga doía de forma aguda de tanto rir e implorava para que Gorum parasse de contar piadas. Claudine estava encantada com Gorum e logo ficariam íntimos.

Com Gorum atraindo toda a atenção, foi mais fácil para Kyle acostumar-se com os frequentes toques e intimidades de Claudine para com ele. O café foi longo e divertido e mais tarde juntaram-se a eles Kleon e An Leopard.

Com a chegada do capitão a moça parecia intensificar a intimidade com Kyle, mas An Leopard apesar de sentir-se incomodado com a proximidade dos dois, nada disso deixava transparecer. Com Gorum contando anedotas e casos, o clima permaneceu descontraído e tranquilo sem o surgimento de tensões.

Após o longo desjejum, farto e divertido, Kyle sentiu o peso da noite mal dormida. Despediu-se de todos e recebeu de Claudine um beijo carinhoso no rosto. Saiu da cabine do capitão em direção à sua. Sentia o corpo bem pesado. Precisou escorar-se para ajudar as pernas a suportar o peso do corpo e da cabeça que pareciam maiores a cada passo. Chegando à sua cabine, debruçou-se sobre a cama dormiu quase imediatamente sem ao menos retirar as botas ficando com uma das pernas para fora da cama.

Abriu os olhos devagar, sentindo-os pesados, mas, novamente, não viu o que esperava. Estava no interior de uma casa bastante aconchegante. Sentia um colchão fofo e seu corpo estava coberto por uma colcha de tecidos finos que dava uma sensação agradável quando tocada. Reparou que ao lado da cama havia um senhor sentado. Seus olhos se encontraram e sentiu muita serenidade transmitida por aquele olhar. A fisionomia lembrou-o do velho Silfo Modevarsh, porém com expressão jovial.

“Sim” pensou Kyle. “É mesmo um silfo!”

Vestia-se com um duplo manto. Por baixo um tecido claro e mais grosso cinza

esverdeado. Por cima deste uma capa branca de seda semitransparente que parecia reluzir. Usava no pescoço um colar de contas de madeira com pequenos símbolos desenhados em cada uma destas. Tinha sobrancelhas grossas e olhos esverdeados, um pouco esbugalhados, que tinham aparência úmida e reflexiva.

Novamente, a mesma confusão começou a turvar seus pensamentos. Seu impulso de dizer ao silfo seu nome e seus pensamentos foi repelido por uma vontade maior. Ouviu sua própria voz alarmada dizendo em sílfico: – Vovô, o que aconteceu?

- Você caiu do cavalo e quebrou o braço.

- Quebrei o braço!? – Disse espantado retirando o braço debaixo dos lençóis e constatando que estava normal. – Mas...

- Acalme-se Örlon, cuidamos de seus ferimentos.

No fundo da mente Kyle pensou: “Örlon? Quem é Örlon?”

- Será que eu bati a cabeça também vovô?

- É possível, mas não havia ferimentos...

- Não consigo me lembrar. Que esquisito!

- De fato, Örlon, acontecimentos incomuns estão a ocorrer.

- Então o senhor acha que posso ter razão, vovô? O que dizem os espíritos?

- Depois que o encontramos ontem, o conselho reuniu-se. Havia desarmonia presente. Os espíritos estão a inquietar-se!

- Eu sabia. – Atirou os lençóis de lado sentando-se na cama.

- Espere um momento.

- Por favor, vovô, não me dê lições, lhe suplico!

O silfo idoso suspirou e balançou a cabeça negativamente, mas de forma muito sutil.

- Jovem Örlon! Suponho que de fato não surtirá efeito. Estou mesmo a dar voltas.

- Desculpe vovô, não pretendia ser indelicado.

- Está certo, está desculpado. Mas escute: sei que vai continuar suas investigações. Sei que quer ajudar e que tem pressentido o mal se aproximar. Isto quer dizer que é seu destino confrontá-lo.

- Eu juro que terei cuidado, vovô!

- Sei que terá, mas escute: não é com as forças sombrias que me preocupo, mas sim com os humanos. Não nos compreendem. Seus corações são cheios de desejo e malícia. Preste a atenção no que estou a

lhe dizer ao menos neste ponto: O mal que emana das forças sombrias é facilmente reconhecível e sei que saberá repeli-lo, mas o mal que goteja do comportamento humano, o que vem de seus desejos, paixões e ambições, a este sim, você deverá estar atento.

- Sim vovô, eu compreendi. – Após uma pausa sentiu súbita alegria e indagou – Isso quer dizer que poderei mesmo ir? Poderei ir me encontrar com meu amigo e ajudá-lo em suas investigações?

- Sim, depois de ontem soube que sim.

- Primaveras! Será incrível! Vou mesmo conhecer as cidades, exércitos e tudo mais!

CAPÍTULO 7

O tempo parecia passar bem devagar. Era apenas entardecer do segundo dia de viagem. Com mar em todos os lados e poucas nuvens no céu, o efeito do sol dourado à frente do caminho ofuscava a visão. Assim, as previsões de mau tempo e mar revolto do capitão ainda não haviam se concretizado.

Kiorina e Gorum tomavam lições da linguagem tchilliana no convés com Kleon. Archibald tentou participar, mas estava inquieto e deixou-os. Kiorina comentava com Kleon a respeito de algumas palavras parecidas do antigo lacorês e do tchilliano. Era interessante constatar que mesmo línguas tão diferentes tinham algumas palavras cuja origem era comum. Kleon explicava a Kiorina que a maioria das línguas que ele sabia tinham pontos em comum. Ele acreditava que isso advinha do fato de serem derivadas de três línguas antigas, destas apenas o sílfico atual teria se mantido parecido com o sílfico antigo. Ainda citou exemplos e mostrou que algumas das palavras que Kiorina havia identificado como parecidas no tchilliano eram de fato de raiz sílfica.

Enquanto as lições de tchilliano continuavam, Archibald entrou na cabine e observou Kyle dormindo por alguns instantes. Estava inquieto e numa posição que parecia desconfortável. Ainda vestia calçados e Archibald pensou “Puxa! Há tempos não vejo Kyle despencar exausto deste jeito”.

O ex-monge passou pela cama de Kyle até chegar ao lado da sua. Ajoelhou-se e depois entrou com a cabeça e braços em baixo da mesma. De lá retirou o cajado que recebera de Atir enrolado no mesmo tecido estampado. Colocou-o sobre a cama desembrulhando-o. Parecia um pouco ansioso e, em seguida, tocou o cajado observando suas runas e demais entalhes. Fechou os olhos como se quisesse potencializar sua percepção às energias contidas no objeto. Tão logo o segurou com ambas as mãos, sobreveio um surto energético que fez os pelos de seus braços se arrepiarem. Sua respiração intensificou-se e ficou impressionado com a potência energética do objeto. Um pouco assustando e até sentindo a cabeça zunir largou o cajado na cama. Encarou-o com os olhos esbugalhados. Teve a impressão que o diamante na ponta apresentava um fraco brilho. Passou alguns momentos observando a pedra e lembrou-se de quando carregou a mesma presa a um colar em seu pescoço.

Suas memórias foram ativadas e viu-se na floresta de Shind, em Lacoresh, caminhando com Kyle e Kiorina. Em sua memória o ataque dos bestiais se repetiu. A luta foi confusa para ele. Fora atingido com força por um enorme bestial. Seu destino poderia ter sido morrer nas mãos daquela fera, mas fora salvo por uma flecha certa. Em sua memória olhou para sua salvadora, era Mishtra, sua amada.

Pode ver seu rosto com clareza. Tinha uma expressão bastante fechada com as sobrancelhas rígidas. O que estava ocorrendo com sua memória? Não foi assim que aconteceu. Na ocasião tinha sido capaz de ver apenas um vulto que logo desapareceu na mata.

Ainda de joelhos ao lado da cama, Archibald era tomado por seus pensamentos e memórias. Seus olhos estavam fixos no brilho do diamante, mas imagens apareciam vislumbradas pelo olho de sua mente.

Voltaram fortes memórias dos bons momentos que compartilhou com Mishtra, em especial, os tempos tranquilos na Ilha de Shind. Foi quando começou a desprender-se dos conceitos rígidos de sua antiga religião. Memórias de suas orações direcionadas à mãe da natureza, Ecta, vieram à tona. Reviveu memórias e sensações da estadia na casa de Melgosh. Entristeceu-se, pois ao ver a imagem de Melgosh em sua mente, constatou seu filho nunca conheceria seu avô, um silfo de muita coragem, fibra e bom caráter. A tristeza conectou-o a memórias de Lacoresh, as enfermarias cheias de soldados moribundos durante a guerra contra os bestiais. Dali viajou para as batalhas e em especial a grande retomada de Grey, na qual lutou com ferocidade. Fazia muito tempo que não pensava naquilo. De certa forma, a maior parte do tempo esteve envolvido em lutas, violência e sofrimentos.

Lembrou-se da terrível batalha que travou contra Weiss, antes do mosteiro dos Naomir ser consumido pelas chamas. O irmão Himil DeReifos Weiss fazia parte da aliança dos necromantes e escondia o segredo de ser seu tio. Foi ele que manipulou a sua vida trazendo-o para o mosteiro dos Naomir. Trabalhou, distorcendo sua mente e seu espírito para que fosse um colaborador da causa das trevas. Essas influências eram muito fortes nas terras de Lacoresh, mas depois que partiram para além-mar, aqueles efeitos desapareceram. Sentiu calafrios e medo de voltar a Lacoresh e uma ideia forte veio à sua mente: “Nunca devo voltar a Lacoresh. Vou ajudar, mas nunca devo retornar”.

Archibald deu um salto e virou-se assustado para Kyle que acordava muito excitado.

-Excelente! Excelente! – exclamava o cavaleiro com vigor.

Archibald engoliu seco e retrucou, – O que é excelente, Kyle? – Enquanto isso cobria o cajado com o tecido colorido.

- Excelente? Sim... Quero dizer... Fazia sentido agora mesmo? Puxa Archie! Sonhei novamente com aquele lugar estranho. Era como seu eu fosse outra pessoa, sabe?

Archibald sentou-se na cama e analisou a expressão facial e maneira diferente de falar de Kyle. De fato havia algo estranho acontecendo. Talvez não fosse só um sonho. – Fale mais desse sonho.

- É um pouco confuso. Mas vejo algumas imagens com perfeição. Havia um silfo ancião e no meu sonho ele era meu avô. Espera aí! Isso quer dizer então que eu era um silfo?

- Um silfo, tem certeza?

- Absoluta! Pois até me lembro do meu nome, um tanto esquisito... Olrion.

- Olrion? Não me parece um nome de silfo... Passamos tanto tempo no arquipélago de Shind e nunca ouvi tal nome.

- Mas tenho certeza, e este lugar não parecia ser em qualquer dos arquipélagos.

- O que mais ocorreu?

- Hum... Não sei bem. Parece que eu estava doente ou ferido, mas já tinha melhorado. Então discuti com meu avô sobre sair numa missão.

- Que tipo de missão?

- Não sei bem, tenho a sensação de que investigava algo. Isso está muito estranho.

- Verdade.

- Acha que pode ser algo como o que acreditam os tisamirenses? De voltarmos a viver depois de morrer?

- Você diz reencarnação?

- Sim, isso mesmo. Será que fui um silfo chama do Olrion no passado?

- Puxa, não sei o que dizer. A Real Santa Igreja não acredita nisto, e a crença dos silfos também não é assim. Os silfos creem que o espírito se dilui integrando-se à natureza. Depois de morrer, habitam árvores e animais.

- Sim ouvi dizer. Mas não estou falando da crença dos silfos, tão pouco da Real Santa Igreja e suas mentiras. Mas sim da crença dos tisamirenses.

- Entendo. Diria que é possível.

- Veja bem, temos toda aquela coisa de viagem astral e faculdades da mente que aprendi com Noran e Radishi. Se podemos sair dos corpos e manter a consciência, o que nos impediria de retornar?

- Não sei Kyle. Já pensou que esses sonhos podem ter relação com nosso recente encontro com Renè L'amian?

- Para falar a verdade, sim. Sinto que quando ele me tocou, mudou

alguma coisa em minha mente. Acho que ele fez isso de propósito. Será que estaria nesses sonhos a resposta para nossa busca? Será que através deles poderemos obter alguma informação sobre o paradeiro do oráculo?

- Quem sabe? Sei apenas que nossa viagem até Tchilla poderá dar o tempo de descobrir tais fatos. Temos muitos dias e noites pela frente.

Só então Kyle percebeu o cajado enrolado atrás de Archibald. – O que é isso?

- Um presente que recebi de Atir. – Colocou-se a guardá-lo sob a cama.
– Em outra oportunidade posso te mostrar.

- Por que o mistério?

- Nada demais... Mas é um objeto mágico e temo algum efeito negativo de sua manipulação. Ainda não pude compreender o que faz.

- Entendi. Por que não pede a Kiorina para dar uma olhada?

- Sim, parece-me uma boa ideia, vamos?

Kyle coçou a cabeça e fez uma careta desanimada. – Não sei... Acho que ela não está muito legal comigo.

Archibald evitou fazer comentários sobre questões emocionais com Kyle. Costumeiramente se irritava ao tocarem no assunto. – Suponho que está certo. Vou indo então.

CAPÍTULO 8

Por fim, as previsões de An Leopard se concretizavam. Não que fossem previsões sobrenaturais, pois as águas turbulentas do Mar Bramante, que separava as terras de Dacs do antigo continente, eram bem conhecidas. Com o mar agitado o Estrela do Crepúsculo jogava bastante. Entretanto, os ventos não eram muito fortes e não chovia, assim estava longe de ser uma situação extrema. Depois de viajarem nestas condições por mais da metade do dia, a tripulação já começava a se habituar à nova situação.

Leopard explicou que passariam por vários encontros de correntes e provavelmente haveriam tempestades na região. Seriam três ou quatro dias de viagem em condições adversas e depois disso chegariam às águas rasas das proximidades dos nove vales.

Kiorina estava introspectiva e pode captar certa alteração nas energias mágicas depois de entrarem no Mar Bramante. Havia fortes tendências dos elementos água e ar combinados. Sentia com firmeza a predominância do elemento água com o qual não tinha muita afinidade. Mesmo assim, foi capaz de aprender alguns fundamentos de sua manipulação com o silfo Zoros. Imaginava se a pujança energética da região teria relação com a total ausência dela nos arredores das terras de Dacs.

No interior da cabine de An Leopard, que era dividida em três cômodos, Kiorina observava quieta o comportamento da espadachim, Claudine, rodeando e assediando Kyle. Apesar de Claudine ser uma pessoa atenciosa, Kiorina não gostava nada dela. Era forte a impressão de que usava Kyle para provocar ciúmes em An Leopard, ou mesmo, irritá-lo. An Leopard, por sua vez, era um marujo experiente no mar e na vida. De forma alguma cedia ao jogo de Claudine sendo que as atitudes da mulher faziam-no reconsiderar se realmente desejaria reatar a relação rompida. A necessidade de reparar os males que teria provocado a Claudine talvez fossem apenas devaneios de sua parte. Talvez para a moça, a separação não tivesse sido tão traumática, ou mesmo teria sido superada. Mas no fim, sempre ficava a dúvida. Por mais experiência que Leopard tivesse, tinha dificuldades em compreender as mulheres por serem frequentemente enigmáticas.

O jogo em andamento fez justamente que An Leopard voltasse a se aproximar de Kiorina.

-Escute Leopard, não me venha envolver nos jogos de Claudine, certo?

- Jogos de Claudine? Mas de que você está falando? – Mentiu convincente An Leopard penteando a cabeleira loira com as mãos.

Kiorina estava apenas parcialmente convencida. – Não me esconda! – Ameaçou a ruiva com um olhar inquisidor. – Sei que vocês tiveram uma relação no passado.

- Sim, não vou mentir para você. Estivemos juntos e foi muito sério.

- Por que nunca me contou sobre ela? Quero dizer, quando estivemos juntos.

An Lepard deu com os ombros. O navio sofreu um forte solavanco e Lepard segurou-se na mesa que era fixada no chão. – Acho que falar de ex-amores não ajudaria em nada, ajudaria?

Kiorina fez uma careta, mas concordou. – Pois é... – Ao mesmo tempo, observou como Claudine aproveitou o solavanco para atirar-se nos braços de Kyle. Ambos riam e conversavam. Kiorina fixou um olhar raivoso, perdendo a discrição.

An Lepard deu uma olhadela para trás e voltando-se para Kiorina com um sorriso debochou – Parece que você é quem está ligada nas ações de Claudine. Ciúmes do velho Kyle?

- Ora seu! Não me venha com essa! – Retrucou irritada, mas mantendo o controle sobre o tom de voz.

- Quer um conselho? Esquece esse cara, meu bem! Ele nunca vai se aperceber de você. Da pequena e preciosa joia que você é minha cara.

- Dispensso essas intimidades. Entendido, capitão Baltimore?

- Kiorina, Kiorina... Eu a conheço. Conheço seus sentimentos, seus desejos. Por isso soube que não podia competir com seu príncipe. Mas saiba que na mente dele não haverá tempo para você. Há coisas mais importantes, como achar o oráculo, ajudar o reino de vocês...

Kiorina irritou-se bastante, pois ao mesmo tempo em que escutava An Lepard, observava Kyle segurando as mãos de Claudine. – É espertinho? – Retrucou venenosa e sussurrante. – Você diz que Kyle não tem cabeça para mulheres? Mas o que é aquilo, uma ilusão?

- Não benzinho, você não o compreende. Antes de ser cavaleiro e portador de grandes responsabilidades, Kyle é um homem. Pode até ser que se envolva com alguma mulher, mas nunca algo sério. É só um mexerico.

A ira de Kiorina irrompeu e num reflexo impensado acertou um tapa no rosto de An Lepard indignada. – Mexerico? Vocês homens são todos iguais.

An Lepard recebeu o tapa e fez uma expressão incrédula levando a mão ao rosto. Logicamente, todos voltaram suas atenções para o ocorrido. Mas antes que algo pudesse ser dito ou feito, Kiorina saiu da cabine marchando e com o rosto rubro.

Em seguida, Kyle comentou com Claudine – Esse An Lepard é mesmo um sem vergonha. Já não basta ter seduzido e ferido a pobre Kiorina uma vez? É mesmo um sem vergonha insistente.

- Você quer dizer que Lepard e a *ruivin* já...

Kyle deu com os ombros. E voltou os olhos novamente para o rosto de Claudine. Se fosse outra situação, tomaria satisfações com o capitão, mas estava muito à vontade ao lado da mulher e preferiu não sair. Acabou comentando – Kiorina sabe se defender, como você pôde ver.

Claudine respondeu sorrindo – Ah sim, foi um bom tapa, *nan* é *Blequiuin*?

Kyle sorriu de volta e com um novo solavanco do navio, perdeu o equilíbrio aproximando-se de Claudine. Por um breve instante os lábios se tocaram e Kyle recuou ruborizado e avexado. – Perdoe-me.

- Nan se preocupe *queridin*! Gosto de ter você por perto. – Disse e piscou o olho.

O coração de Kyle acelerou e antes que algo progredisse. An Lepard aproximou-se empurrando-o nos ombros e dizendo. – Não perde tempo, hein Blackwing?

- Olha capitão, não estou disposto a brigar com você. Por que não paramos por aqui?

- Brigar? – Debochou Lepard. – Quem falou em brigar? – Seu problema Blackwing é que leva tudo muito a sério.

Kyle irritou-se e deu um passo em direção a An Lepard, mas parou, pois Claudine segurou-lhe o braço e foi severa com Lepard – Deixe-o em paz, certo? Você é tão corrupto que sequer admite que haja alguém verdadeiramente inocente?

An Lepard engoliu o fel e recuou. – Desculpe-me Kyle, acredito que interpretei mal suas ações.

Claudine observou-o incrédula. – Pedindo desculpas, capitão? Uma mudança e tanto.

- Escute Claudine, sei que às vezes sou um cretino, mas mudei muito nos últimos tempos e não é só no físico. E devo muito a este jovem, não fosse isso, não estaria aqui arriscando meu barco nesta jornada perigosa.

Houve silêncio, mas An Lepard voltou a falar. – Aceita minhas desculpas, Blackwing? Não queria ser rude ou fazer brincadeiras desagradáveis, se estivesse de fato mal-intencionado, sei que sua reação seria outra.

Kyle estava um pouco sem graça, abaixou a guarda e concordou – Tudo bem Lepard, tudo tranquilo.

Antes do desfecho da situação um novo solavanco violentíssimo acompanhado de um estrondo atirou todos ao chão.

An Leopard arregalou os olhos e anunciou – Isso não foi o mar!

- Outro navio!? – arriscou Kyle colocando-se de pé.

- Duvido – replicou aceitando a ajuda de Kyle para ficar de pé. – Vamos verificar!

Saíram para o Convés e havia muita agitação. Do alto da gávea um marujo gritava em dacsiniano – Uma besta! Uma besta do mar!– O que está havendo? – Quis saber Kyle.

Claudine que estava próxima explicou – Arme-se *Blequiuin*! É um monstro do mar!

Kyle correu para sua cabine para buscar sua espada. Neste ínterim, An Leopard comandava as ações dos tripulantes. Entre um e outro choque que o navio recebia contra o casco, as velas eram recolhidas. O capitão buscava minimizar o efeito das guinadas do navio que eram potencializadas pelo forte vento contra as velas. O marujo posicionado na gávea avisava quando haveria novo impacto, pois conseguia ver a sombra da criatura que ia e vinha contra a embarcação. A tripulação reconhecia a perda de um marujo que foi ao mar após o primeiro impacto. Depois de sua queda não pode mais ser visto, alguns confirmavam que teria sido devorado. Arpões eram preparados ao mesmo tempo em que alguns marujos desciam aos conveses inferiores para verificar possíveis danos provocados no casco.

Quando Kyle retornou ao convés principal, um marujo reportava sobre a situação do casco. Informava a ocorrência de diversos vazamentos, mas nenhum dano maior até o presente momento. Até então a criatura castigara o Estrela do Crepúsculo com cerca de dez encontrões. Apesar de apreensão, surgia a impressão que a criatura se cansaria abandonando-os fora de perigo.

O marujo na gávea notificou aos demais uma nova aproximação da besta pelo flanco direito do navio. Alguns tripulantes, inclusive o próprio capitão puderam acompanhar a aproximação do alto do tombadilho da embarcação. Era uma grande massa escura que se assemelhava a uma baleia. Era muito veloz e nadava abaixo da superfície. Acima dela, a água deslocada formava um ovo. Neste momento, puderam avaliar o tamanho da criatura. Seu comprimento correspondia a aproximadamente metade do comprimento do navio. Com a aproximação, um dos marujos precipitou-se contra a borda arremessando com muita habilidade um grande arpão de pesca contra a besta. Antes que o arpão atingisse a água, um forte espirro d'água surpreendeu a todos. Quatro ou mais tentáculos projetaram-se para fora em direção ao marujo. Seu tronco e braços foram agarrados e com violência e velocidade incríveis foi puxado para fora do navio. O pobre coitado sequer teve a oportunidade de gritar. Um dos tentáculos também agarrou a lateral do navio e com o forte puxão, as madeiras se quebraram fazendo com que a nau sofresse forte inclinação.

Após este ataque alguns marujos começaram a gritar desesperados – Blukutil! Blukutil! Vamos todos morrer!

Kyle indagou a An Leopard – O que é um Blukutil? Nunca ouvi falar...

An Leopard – Uma terrível besta. Dizem que nenhuma embarcação já sobreviveu a um ataque de um Blukutil.

Archibald que estava por perto questionou – Se ninguém sobreviveu, como sabem como é a criatura?

- Calem-se! – Ordenou Kiorina furiosa. – Precisamos afugentar esse monstro.

- Alguma ideia? – Quis saber An Leopard.

- Pensei em castigá-lo com o fogo. – Sugeriu a ruiva.

Enquanto discutiam sobre o tombadilho, a criatura voltou a atacar com seus tentáculos pelo flanco esquerdo. Neste momento, ela trouxe para fora a cabeça. Havia cinco ou seis tentáculos maiores que saíam de cima da cabeça e da nuca, enquanto duas dezenas de tentáculos menores situavam-se ao redor da sua boca enorme dotada de diversas camadas de dentes pontiagudos do tamanho de pequenos punhais. A coloração era pele era escura, com tonalidades predominantes de azul profundo e ocasionais rajadas marrons e amareladas. O par de olhos grandes e escuros, do tamanho de melões, tinham as pálpebras semicerradas. Havia uma pequena íris avermelhada que girava frenética. Nas costas do bicho, a confirmação da pontaria do marujo recentemente devorado, o arpão penetrou a pele e parecia provocar dor sendo que um dos grandes tentáculos tentava removê-lo sem muito sucesso. Algumas flechas foram disparadas, e apesar de atingirem a criatura na região da cabeça, pareciam não penetrar o suficiente na espessa carapaça para machucar a besta.

Um dos tentáculos enroscou-se contra o mastro principal, mas tinha força para rompê-lo. Alguns marujos tentavam atacar os tentáculos com espadas, mas logo eram envolvidos por estes e arremessados ao mar. Outros de menor sorte eram trazidos para as proximidades da boca. Nesta situação, os tentáculos menores esticavam e partiam o corpo entre uma e outra mordida da criatura, que tinha a garganta um tanto estreita para engolir um homem de uma só vez.

Kiorina concentrou-se para realizar magias e atirou duas bolas de fogo contra a cabeça do Blukutil. Devido ao balanço, uma delas perdeu o alvo sendo engolfada pela água num forte chiado e foi vaporizada dissipando fumaça clara. Mas outra atingiu um dos tentáculos que envolviam um marujo e este foi salvo de ser devorado. Ele fugiu e jogou-se para dentro o porão do navio. Com a situação ruim, Archibald desceu para buscar o cajado em sua cabine. O ex-monge quase trombou com Claudine que saiu com uma tocha acesa nas mãos e vidros com óleo na outra. Atirou um projétil incendiário certo contra a criatura que guinchou de dor. Mesmo

enquanto queimava, a besta atacou Claudine antes que ela pudesse lançar outro projétil. Suas pernas foram envolvidas por um tentáculo que a derrubou no chão. Assustada gritou deixando cair para trás a tocha e os vidros. Foi arrastada com violência pelo chão do convés, mas no último momento conseguiu segurar-se em cordas que prendiam as laterais do navio aos mastros. Gritava desesperada. An Leopard e Kyle avançaram para ajudá-la, mas logo o capitão ficou para trás por causa de seu aleijão. Kyle saltou do tombadilho com a espada em punho e correu para acudi-la.

- Claudine! – gritou o rapaz sentindo o coração disparado quase saindo pela boca.

A força dos braços da dacsiniana resistiu apenas por alguns instantes. O tentáculo da besta, muito mais forte arrancou-a das cordas num forte baque, mas novamente a sorte impediu-a de trazer a mulher até a bocarra. A bainha da espada de Claudine que estava atada ao seu cinto ficou embaraçada nas cordas entrelaçadas ligavam a lateral do navio à base da gávea.

A criatura estava furiosa com o ataque ígneo recebido da dacsiniana e queria vingança. Com isso, aproximou-se do ponto em que ela estava presa e projetou seu corpo para cima do navio, quebrando parte da amurada. O navio inclinou-se em sua direção. Claudine sentiu o hálito quente da besta e gritou em pânico, sendo enroscada por meia dúzia de tentáculos menores que buscavam levá-la ao alcance de suas mandíbulas mortíferas.

Ao mesmo tempo, Kyle tomou forte impulso, aproveitando-se da forte inclinação da embarcação e caiu sobre a lateral da cabeça besta incrustando nesta sua espada. O monstro guinchou de dor e com o choque afrouxou os tentáculos que espremiavam e puxavam Claudine. Ela ficou pendurada nas cordas pelo cinto. Kyle segurou firme no cabo da espada, mas seus braços latejavam de dor. Em seguida, buscou apoio com os pés, mas a pele do monstro marinho era muito escorregadia. Sendo assim, ficou pendurado por uns instantes e acabou caindo no convés ao lado da criatura.

O Blukutil tentou recuar para o mar, mas estava preso à lateral da embarcação, que se mantinha inclinada. Suas nadadeiras laterais estavam enganchadas na estrutura do navio. Usando seus tentáculos menores a criatura conseguiu agarrar o cabo e parte da lâmina da espada de Kyle desenterrando-a e atirando-a contra o convés. Kyle havia caído de mau jeito e tentava ficar de pé quando foi envolvido pelos tentáculos da besta. Sem conseguir segurar-se foi levado até a boca da criatura. Kyle gritou sentindo sua perna esquerda e parte do abdome sendo rasgados pelos dentes afiados da besta.

Archibald retornara ao convés de posse do cajado e, ao ver o amigo sendo ajeitado pelos tentáculos mandibulares para mais uma mordida, gritou – Kyle!

Kiorina acabava de descer do tombadilho e também se encaminhava para

auxiliá-lo. Atirou uma bola de fogo certa que rodopiou para o interior da boca da criatura. O efeito foi pequeno, mas suficiente para evitar que Kyle continuasse a ser mastigado. De imediato, a ruiva percebeu alta densidade energética emanando do cajado de Archibald. Um olhar foi suficiente para Archibald e Kiorina perceberem que deviam unir forças. Seguraram juntos o cajado e a potência das chamas que Kiorina pode evocar foi ampliada. Os olhos da ruiva brilharam saturados com a energia mágica e com isso convocou uma magia poderosa que nunca tinha conseguido evocar. Lançou-a contra a cabeça da besta, atingindo-a em cheio. Um forte estrondo soou e chamas e fumaça foram projetadas em todas as direções. Mesmo não tendo sido alvo da magia, Kyle e Claudine foram envolvidos pelas chamas.

Com a boca, cabeça e tentáculos em chamas, a criatura contorceu-se violentamente, chacoalhando o navio. Ela desvencilhou-se, voltou a submergir apagando o fogo. Kyle foi deixado para trás. Ao perceber o perigo afastando-se, Kiorina controlou e extinguiu as chamas que se espalhavam no convés. A criatura não mais retornou, e assim, a tripulação sobreviveu a seu ataque mortífero.

Kyle estava inconsciente e sua situação não era nada boa. Logo foi acudido pelos marujos e levado à cabine do capitão. Os cortes em seu corpo eram profundos e o sangue corria em grande volume. Archibald convocou orações curativas e pode amenizar o efeito de boa parte dos ferimentos. Ao cair da noite, apesar de todos os esforços aplicados, Kyle não recobrou a consciência. Isto deixou todos apreensivos.

CAPÍTULO 9

Kyle sentia o toque gelado da morte mais uma vez sobre si. Era a terceira vez que a morte atravessava seu caminho. A sensação de frio intenso reavivava suas memórias da primeira vez que quase morrera. Sem forças, sentindo a neve depositar-se sobre seu corpo, camada após camada. Teria morrido através de um real toque gélido. Fora salvo por Noran. A outra situação, foi após o período que trabalhou como escravo nas minas de Xilos, as forças abandonavam seu corpo rapidamente e, desta vez, foi o silfo Modevarsh que veio em seu auxílio. De alguma forma, talvez por estar novamente entre a vida e a morte, confirmou-se em seu íntimo a aceitação da morte de Modevarsh. Seu raciocínio estava lento e confuso, mas uma ideia lhe ocorreu: parecia que quem quer que fosse a lhe salvar da morte, estaria condenado a fenecer. A agonia tomou conta e a ideia de que alguém pudesse trazê-lo de volta à vida, era perturbadora. Desejou morrer. Abraçou o frio e desejou que ele tomasse conta de si.

Foi então que acordou de sobressalto e enxugou o suor frio que lhe cobria a testa. Pensamentos desordenados deixavam seu julgamento prejudicado. Sentiu um forte cheiro de estrume, como se estivesse num estábulo ou celeiro. Estava deitado em uma rede, e, ao olhar à sua volta, pouco pode ver, mas escutou sons de animais. A confusão foi diminuindo e escutou a si mesmo murmurando.

-Apenas um sonho ruim.

Reagiu pensando: “Por que estou falando em sílfico?”

Logo a confusão causada pela percepção alterada da realidade afastou a sensação da morte iminente. No lugar destas ideias veio a racionalização. Os pensamentos que tentavam recordar-se de detalhes do mau sonho com um monstro e com tentáculos se esvaíram. Assim, veio o fim dos questionamentos e o início das respostas. Kyle era mais uma vez Öron.

Ele havia chegado na velha fazenda dos Krenov há dois dias, mas como seu bom amigo Rílkare não estava, decidiu aguardar. Insistiram para que aceitasse um aposento na grande sede, mas não se sentia confortável em ambientes tão fechados, de forma que uma rede colocada no espaço amplo de um dos celeiros deixou-o mais à vontade. Ainda mais porque com o crepúsculo, muitos animais, que lhe serviam de excelente companhia, também buscavam o abrigo do celeiro.

Seu velho avô, Iot Evos Erendon, lhe ensinara muito sobre a comunicação com os animais. Desta forma, Öron distraía-se praticando estas habilidades. Logo soube que a maioria deles gostava muito do senhor Ulik, o administrador da fazenda, enquanto a maioria detestava o jovem Reesdi Krenov, sobrinho de Rílkare, em especial as catizes leiteiras, que reclamavam de dores nas costas. Elas não mais

suportavam o peso do jovem, que insistia em montar em seus lombos, apesar do senhor Ulik lhe advertir com frequência que já ultrapassara a idade e o peso para tais brincadeiras.

Na sua terceira noite na fazenda dos Krenov, o jovem silfo pressentiu a chegada do amigo, pois pode escutar o trote da montaria de Rílkare, Ferro-em-brasa, em conjunto os sons de armaduras chacoalhando. Com os ouvidos atentos, percebeu que Rílkare vinha acompanhado. Do interior do celeiro, pouco iluminado, avistou um grupo de cavaleiros que se aproximavam. Agora com os olhos, pode reconhecer seu amigo, mas não sabia que eram os demais. Dois deles, vestiam armaduras, enquanto o terceiro, roupas leves.

Ferro-em-brasa, que foi um cavalo dado de presente a Rílkare pela família de Öron, pressentiu a presença de seu irmão, o cavalo Zitrehidel, que servia de montaria para o silfo e repousava no celeiro. Desviou-se do caminho que seguia até a grande sede e galopou até Öron. Rílkare que conhecia bem os humores de sua montaria, não refreou seus impulsos. Logo, os dois amigos voltaram a se encontrar.

Öron cumprimentou ambos, cavaleiro e montaria. O jovem nobre desmontou e envolveu o silfo num caloroso abraço.

- Meu caro Öron! Espero que tenha trazido boas novas! – disse o humano abrindo um largo sorriso e mostrando seus dentes frontais separados, mas simpáticos. Usava uma farta barba castanha um pouco menor que o comprimento do seu corte de cabelos. Seus olhos eram castanhos claros, e sob o sol, ficavam cor de mel. O nariz era comprido e pontudo como de um falchim e sua estatura era baixa, sendo apenas um pouco mais alto que Öron.

Öron estava radiante e logo respondeu na língua dos humanos – Sim! Sim! Recebi a autorização de meu avô para ajudá-lo nas investigações.

- Ótimo! De fato, fantástico! Vamos, quero que conheça nossos companheiros imediatamente.

Enquanto conversavam, as montarias, agora reunidas, relinchavam uma para a outra e pareciam apostar corrida na área plana próxima ao celeiro.

Seguiram o caminho que levava até a grande sede, um casarão de quatro pavimentos, que já fora uma fortaleza, construído há séculos pelos ancestrais da família Krenov. Os cavalos seguiram seus donos que desciam a pé, colocando assuntos em dia.

Rílkare apontou os cavalos e indagou, – Não acha curioso o comportamento deles, Öron? É como se estivessem conversando.

-Eu já lhe expliquei, Rilks, eles conversam, de fato!

- Ah, é verdade. Vivo me esquecendo disto. Não tem jeito, acho que essas coisas não entram na minha cabeça.

Em seguida, chegaram ao pátio frontal do casarão. Lá os três homens que acompanhavam o jovem nobre já haviam desmontado e amarrado suas montarias.

- Quero que conheçam meu bom amigo, Öron.

O silfo acenou timidamente.

- Öron, estes são Eskallurè, Con e Poul.

O primeiro, era alto e forte, de pele morena e cabelos negros. Aproximou-se com um sorriso estranho nos lábios que Öron não sabia interpretar. Era um sorriso, mas em vez de sentir uma empatia amigável pelo humano, sentiu justamente o oposto. Tinha uma feia cicatriz no rosto além de possuir um odor desagradável. Cumprimentaram-se à moda dos humanos, apertando as mãos, sendo essa uma terceira surpresa desagradável, sentiu dor.

- Ai! – reclamou Öron.

- Ué? Não é homem não? – Eskallurè debochou.

- Sugiro que peça desculpas e reavalie seus modos, senhor Têbure. – Ordenou Rilkare com severidade e certa polidez.

- Ah claro, mil desculpas! Não me apercebi de que de fato ele não é um homem, mas sim um silfo. – ressentiu-se Eskallurè deixando escapar uma ponta de sarcasmo.

O segundo era branco, de cabelos desgrehados, não sorria, mas tinha um olhar tranquilo com o qual Öron se identificou. Este surpreendeu Öron ao cumprimentá-lo à moda dos silfos.

- Sou Con deCrown, a seu serviço. – Olá, Con, obrigado. – retrucou o silfo

um pouco desconcertado.

De trás veio o comentário sarcástico – Por que se apresenta com um *apelido*, hã *Condarillo*? Por acaso não se orgulha de seu *nome*?

Con ignorou o comentário de Eskallurè e deu espaço para o grandalhão, Poul, se aproximar.

Numa voz grave, arrastada e pausada se apresentou dizendo – Oi seu Olren, eu sou o Poul, mas lá em Pinnus me chamam de Poul Bronco.

Öron estendeu a mão um pouco temeroso, e, apesar dela ter sido chacoalhada vigorosamente por mais tempo que o de costume, não sentiu dores ou desconforto. Foi um cumprimento caloroso e lhe pareceu sincero.

- Muito bem! Agora que já se conhecem... – comentou Rílkare animado. – Vamos entrar!

No interior, foram recebidos pelo senhor Ulik que indicou-lhes os aposentos nos quais passariam a noite. Mais tarde no jantar, juntaram-se ao jovem Reesdi e sua mãe, senhora Alia Krenov, viúva do irmão mais velho de Rílkare. Já no início da refeição, o menino chateou a mãe dizendo que não gostava dos pratos servidos e como castigo foi dormir mais cedo, sem comer.

Örion não comia carne, tão pouco lhe agradava se sentar à mesa acompanhando aquele banquete carnívoro. Mesmo assim, não demonstrava sinais de desaprovação quanto à comilança de carne.

- Diga-me Örion – chamou Eskallurè – Os demais silfos também são assim?

- O que pretende dizer?

Deu olha olhadela para o anfitrião e parou uns segundos mastigando com a boca semi-aberta procurando elaborar melhores palavras. – Digo, não acompanham os demais numa boa refeição? Veja, sequer provou um pedaço destas succulentas carnes.

Rílkare respondeu em seu lugar – Ele não come carne.

- Como assim, não come carne?

- Como consideramos os animais nossos semelhantes, comê-los seria um ato de canibalismo.

- Caniba o que? Puxa vida! Agora entendi tudo! – Deu uma cotovelada em Con que estava a seu lado. – Não é mesmo, *Condarillo*?

- Hã?

- Por isso os silfos são magros e fraquinhos assim. – Avançou dando lição – Meu pai sempre me ensinou que força e saúde vem de uma boa alimentação. – E completou sarcástico – E seu pai *Condarillo*, que foi que lhe ensinou?

Con ficou vermelho e embaraçado. Örion observou curioso sem saber o porquê.

A senhora Alia falou em seu lugar. – De certo o pai dele ensinou-lhe um pouco de educação. E o seu? Por acaso não lhe ensinou que a força serve para proteger com gentileza ao invés de atacar e intimidar.

- Atacar e intimidar senhora? Não exageremos, certo? No máximo uma brincadeira, não é mesmo velho Con? – Deu-lhe uns tapinhas nas costas.

Con deu com os ombros – Perdoe os modos dele senhora, afinal não se pode esperar polidez demais vinda de um mercenário.

- Há há! Olha só quem fala... Como se todos não soubéssemos de

quem é filho, não é *senhor de Crown*?

- Essa conversa está indo para o rumo errado. – interrompeu Rílkare. – Não se pode julgar um filho pelo pai ou um pai pelo filho. São pessoas diferentes, cada qual com suas escolhas.

- Verdade – concordou Eskallurè – Veja o exemplo do Rei e seu primogênito. São como vinho e azeite.

O comentário causou certo desconforto e logo Elkallurè tentou consertar. – Por outro lado, veja seu caso: é tão tolerante, bondoso e inteligente quanto seu pai, o nobre Barão Argo Krenov.

- É melhor que esqueçamos este assunto. – Sugeriu Rílkare. – Como vocês sabem, meu bom amigo Öron e seu povo, são versados nas artes místicas e o motivo dele estar aqui conosco é por que irá nos ajudar em nossa investigação.

Neste momento, Poul que comia concentrado se voltou para Öron.

- Olha seu Olen, sua ajuda é tudo para mim. – seus olhos ficaram marejados de lágrimas e continuou – Ainda tenho esperanças de encontram minha esposa.

- Sim, sinto muito pelo ocorrido. Farei tudo a meu alcance para ajudá-los.

- Perfeito! – Rílkare estava entusiasmado. – Pois tenho novidades! Como sabem, hoje pela manhã, estive com meu pai em Balish. Ele recebeu uma mensagem dos silfos avisando sobre a colaboração nas investigações.

- É mesmo? – indagou Öron surpreso.

- Sim, meu pai tem contato com seu povo, você não sabia Öron?

- Bem, nunca perguntei sobre isso...

- Pois então, logo pela manhã partiremos para Koli sob disfarce.

- Sob disfarce? – quis saber Con.

- Sim, se eu for reconhecido como filho do Barão Krenov chamarei muita atenção, poderá atrapalhar na investigação.

- Mas por que a vila de Koli? – perguntou Eskallurè.

- É claro! As novidades. Foi lá o registro mais recente de desaparecimentos. Novamente mulheres, mãe e filha. Ocorreu há dois dias.

Poul espalmou a mão sobre a mesa indignado. – Esses desgraçados!

- Não entendo... – comentou Eskallurè. – Koli não faz parte do

território de Balish, estou certo?

- Sim, e é por isso que nós iremos. O assunto destes raptos já chegou aos ouvidos do rei. Mesmo estando muito doente, pediu ao príncipe Kel que investigasse essas ocorrências.

Lágrimas rolaram dos olhos de Poul que exclamou. – Já não era tempo! Sinto minhas forças se renovando!

- Que ótimo Poul! Contaremos com sua dedicação em nossa missão. Estamos indo para Koli, pois o próprio príncipe Kel pediu a meu pai que enviasse um pequeno grupo de sua confiança para a região.

Con coçou a cabeça e perguntou. – Tem algo que não estamos sabendo? Isso tudo está muito estranho.

- Como assim? – Intrigou-se Öron.

Con ajustou-se na cadeira para falar. – Acompanhe meu raciocínio. Há alguns meses, desaparecem algumas camponesas na região de Pinnus. Apesar das reclamações da comunidade, pouca atenção é dada ao assunto pelo reino. Depois, os desaparecimentos prosseguem, todos na região sul do reino. Ora, sabemos que no sudeste da capital, fica a Floresta Proibida. Dada a proximidade com a região dos desaparecimentos, podemos pensar em um grupo de bandidos, ou alguma outra coisa que estivesse na região da floresta. Fosse um animal, ou grupo de animais, haveria algum rastro ou sinal. Mas então ocorrem casos do outro lado do rio e agora na vila de Koli, longe, a nordeste da capital. E se esses desaparecimentos não estiverem relacionados a bandidos ou mesmo criaturas? E se for uma organização de nosso reino vizinho, Aldancara? Não é verdade que entre eles há uma tradição de feiticeiros? E se estes estiverem infiltrados em nosso reino?

Öron estava confuso – Desculpe-me senhor Con, mas não acompanho seu raciocínio.

- *Condarillo, Condarillo...* Acho que toda essa comida não lhe caiu bem. aldancarianos são mesmo patifes, mas feiticeiros infiltrados? Isso não faz sentido!

- Acho que sei onde ele quer chegar. – Comentou Rílkare. – Por favor, prossiga.

- Obrigado, senhor. Por que o príncipe que agora lidera as investigações pediria ao barão por pessoas de confiança? Não sabem vocês que nosso rei está muito enfermo e idoso? Que a sucessão ao trono pode ocorrer a qualquer momento? O herdeiro de direito é o príncipe Luvik, mas talvez, o príncipe Kel, príncipe Tarin, ou mesmo a princesa Jasla, pensem diferente.

Com a sucessão bem próxima, pode haver jogos de interesse acontecendo. E se houver um pacto ou aliança de outros possíveis herdeiros para tirar Luvik do caminho? E se de alguma forma estes desaparecimentos estiverem relacionados a tais intrigas?

- São coisas muito sérias que você acaba de falar, meu rapaz. – disse a senhora Alia.

- Veja bem, não estou acusando ninguém. Ou há uma explicação simples para o desaparecimento misterioso de cerca de vinte mulheres, até agora, ou há algo de estranho acontecendo. Pensem bem, não foi na mesma época do desaparecimento das primeiras moças que a saúde do rei começou a ficar prejudicada?

- Sei que não faz acusações rapaz. Mas sim, perguntas demais. É bom tomar cuidado com esse tipo de perguntas.

- De certo senhora. – Concordou Eskallurè dando uma cotovelada em Con. – Se não foi à comida que caiu mal, deve ser o vinho que está subindo na cabeça.

Rílkare controlava sua irritação com o mercenário, mas foi severo – Eskallurè, aqui em minha casa, todos podem expressar suas ideias livremente. Não tem problema, certo? Mas veja Con, a senhora Alia e ele têm razão. Pode não ser conveniente que determinados assuntos sejam discutidos levianamente.

Örion franzia a testa pensando no que seu avô lhe dissera sobre os humanos. Pensava sobre o mal que mencionara: aquele que brota dos desejos, paixões e ambições. Uma grande ambição poderia estar de fato por de trás dos desaparecimentos. Não seria apenas de uma grande motivação que surgiria esses raptos tão destrutivos? Quem ou o que seria capaz de destruir lares e corações desta forma e por qual motivo?

Enfim o silfo fez um comentário que deixou a todos perturbados. – Não sei de tantos detalhes destes terríveis acontecimentos, mas devo concordar com os pontos colocados por Con. Há um forte desejo, uma forte ambição na origem destes raptos. Pressinto isso. E ele poderia estar certo, eu também diria que isso tudo tem relação com a disputa pela coroa de Saubics.

CAPÍTULO 10

Örion acordou logo cedo, antes do sol surgir. O ar estava bastante frio e gostoso de respirar fora do celeiro. O céu ainda estava repleto de estrelas e as duas grandes luas estavam novas, próximas do horizonte. Tudo estava muito tranquilo naquelas boas terras da família Krenov.

Aproveitava o tempo para meditar a respeito de sonhos inquietantes que começara a ter em tempos recentes. Não entendia exatamente como, mas estava sendo arrastado por uma força do destino. Toda aquela jornada que estava para começar trazia apreensão e inquietação.

Suas meditações duraram pouco, pois, para sua surpresa, Rílkare e os outros saíram da sede pouco antes do sol nascer. Com o alvorecer deixaram a fazenda cavalgando em direção à vila mais próxima a qual somente alcançaram com o sol alto no céu. A pequena vila cujo nome não sabia, impressionou os olhos inexperientes de Örion. Havia muitas casas próximas umas das outras e grande movimentação nas ruas cobertas de cascalho e lama.

- Como se chama essa cidade, caro Rílkare? – indagou Örion.

- Cidade?! – intrometeu-se Eskallurè com espírito fanfarrão – Chama esse lugarejo de cidade? Pensei que você fosse um sábio, ou algo assim.

Rílkare explicou – Esta é a vila de Erbui.

Ao mesmo tempo, o mercenário fazia mais comentários – Ouviu essa, Con? O bicho do mato acha que isso é uma cidade, só pode ser piada! Nosso sábio é mesmo incrível!

Örion franziu o cenho e perguntou – Qual é o problema dele, Rilks?

- Não ligue para ele Örion, acha divertido incomodar os outros. Se você deixá-lo de lado, vai acabar desistindo.

Mais adiante, chegaram a um pequeno porto à beira do calmo e largo rio Viran.

- Tomaremos uma balsa. – explicou o jovem Krenov.

O barqueiro era um senhor de idade e era ajudado por dois rapazes mais novos. Era gente muito simples e Örion observou que um deles sequer usava calçados. A travessia não foi demorada, e os cavalos estavam agitados a princípio. Örion cuidou de conversar com eles e tranquilizá-los. Con observou com muito interesse e exclamou. – Incrível! Nunca minha montaria havia atravessado o rio assim, tão tranquila. Como fez isso?

- Apenas expliquei-lhe que a balsa é segura.

- Você pode mesmo falar com os animais?

- Um pouco.

Poul, que escutava quieto interessou-se e indagou – Será que pode perguntar aos bichos de perto de minha casa sobre o desaparecimento da minha esposa, seu Olren?

- Sim. Quem sabe podemos ter alguma pista?

- Muito bom! Depois desta viagem podemos ir até Pinnus. O que acha senhor Krenov?– disse Poul entusiasmado.

Rílkare repreendeu o grandalhão num tom polido. – Escute Poul, é muito importante que não fique falando meu nome. Não devemos chamar atenção nesta viagem, entendido?

- Já me esquecia, senhor. Desculpe-me, mas...

Foi interrompido por Rílkare que encerrou o assunto – Tudo bem por agora, ainda estamos longe. Mas vamos evitar meu nome daqui em diante, certo?

Deixaram o rio para trás e seguiram a trilha que era bastante movimentada. Carroças e algumas pessoas montadas cruzavam o caminho com frequência.

- O que é aquela fumaça? – quis saber o silfo.

- Deve ser uma floresta em chamas. – sugeriu Eskallurè.

- Claro que não – retrucou Con. – É fumaça da fundição. Estamos nos aproximando da cidade de Edrevik.

- Fundição?

Eskallurè deu uma gargalhada. – Esse é o professor sabe-nada! É onde queimam carvão para trabalhar metais. – desembainhou sua espada apontando-a para Öron. – Como minha lâmina aqui, vê?

- Bem, mas não é de Edrevik que vem o aço. – corrigiu Con.

Eskallurè ergueu as sobrancelhas em desprezo e disse – E quem aqui falou em aço, *Condarillo*? Estou falando de *metal*.

- E que tipo de metal trabalham lá? – questionou Öron curioso.

- Bronze e cobre. Muito cobre é trazido das minas na região de Koli e Adasepti, justamente para onde vamos. – Explicou Rílkare.

- As montanhas lá adiante. – Indicou Con.

- E o que há além daquelas montanhas?

- O reino de Aldancara.

Eskallurè fez cara de repulsa e cuspiu no chão sonoramente repetindo com amargura. – Aldancara! Está aí algo pior do que esses silfos.

Rílkare voltou-se para o mercenário e comentou. – Me surpreende essa sua reação. Nossos reinos são bastante próximos e fazia ideia de que tais rixas estivessem enterradas no passado.

- Para muitos talvez, mas como meu pai, sempre digo: nunca se esqueça das injúrias dos ardilosos aldancarianos!

Örion olhou para Con sem entender.

Con explicou – Ele fala das guerras do passado. Mas isso foi há muito, muito tempo mesmo!

-Mas e suas ideias? Não pressupôs o envolvimento do reino vizinho? – perguntou o pequeno silfo coçando a nuca.

- Talvez nem tanto. Não estou muito certo dessa minha teoria dos feiticeiros, mas sei que há envolvimento de aldancarianos nessa história.

Rílkare preocupado com o desenvolvimento de tais assuntos encerrou a conversa – Vamos mudar de assunto, quero lembrá-los de que atuaremos como mercadores vindos dos portos de Eirak.

Eskallurè indagou sarcástico – Se somos comerciantes, o que estamos vendendo?

Con retrucou – Por acaso não prestou atenção? Nossos negócios não interessam a curiosos.

- E em segundo caso – completou o nobre – iremos apenas levantar oportunidades de compra e venda.

A esta altura, já cruzavam pequenas propriedades rurais nas proximidades da cidade. Havia grandes extensões de pasto e algumas pequenas plantações. Rílkare e Örion passaram a usar capuzes sobre a cabeça. Örion observava cada detalhe com olhar maravilhado. Podia ver ao longe as formas da cidade aos poucos se revelando. Achou incrível quando o caminho tornou-se pavimentado por pedras cinzentas dispostas em padrões geométricos.

Adentravam a cidade afinal e diante deles estava o enorme portão leste, uma passagem larga e alta construída com pedras cinzentas formando um arco duplo. Rílkare explicou que os portões foram removidos há muitas gerações, pois reinava a paz na região por tempo prolongado. Edrevik era uma das cidades mais antigas do reino de Saubics e era a capital de um dos antigos reinos que foram reunidos para confrontar terríveis hordas que invadiram a região em tempos remotos.

Rílkare era letrado e sempre teve acesso a livros, diferente de Poul e Eskállure que eram iletrados. Con era semi-letrado, mas nunca teve muito acesso a livros e pergaminhos. Assim, o jovem, filho do barão da cidade de Balish, dava lições de história que eram escutadas com atenção e avidez pelo Silfo Örion.

Enquanto cruzavam a cidade, contou-lhe sobre como todas as cidades e pequenos reinos da região se uniram para rechaçar a invasão de hordas inumanas. Um grande guerreiro chamado Pearl di Saubic liderou o exército que expulsou as hordas do vale para o alto das Montanhas Dentadas. Com o fim da guerra contra os

inumanos, os principais nobres e generais da época dividiram as terras. Alguns governantes e nobres locais pereceram e alguns casamentos entre nobres haviam sido celebrados como forma de oficializar a união dos pequenos reinos. Assim foi o início da formação dos atuais reinos do grande vale verdejante que também é conhecido pelos estrangeiros como Vale Verde. Após a grande unificação havia dois grandes reinos, Saubics cujo primeiro rei foi Pearl di Saubic e Tradarnak. Aldancara, que é também nome da grande capital chegou a pertencer a Saubics por duas gerações tendo havido uma grande rebelião e guerra que levaram à separação de Saubics. Os aldancarianos foram apoiados pelo reino de Tradarnak, que temia o poderio vasto do reino de Saubics. Após esta perda, os saubiquenses, ainda enfraquecidos pela longa guerra contra os aldancarianos, também sofreram outra cisão. Esta foi menos traumática e ocorreu quando os nobres da cidade de Nevreth decidiram coroar seu próprio rei. A questão foi resolvida através de um tratado financeiro que ajudou o reino de Saubics a se recuperar das perdas no pós-guerra. Ainda assim, Saubics ainda é o reino mais rico da região apoiado na força e produção de cinco grandes cidades, a capital Saubic e as grandes cidades de Duolti, Tuisk, Edrevik e Balish.

Em Edrevik, Eskallurè e Con, ficaram impressionados com a demonstração da riqueza de Rílkare. O nobre ficou preocupado com o disfarce de comerciantes não funcionar bem e retirou de suas posses duas dezenas de moedas de ouro com as quais comprou uma carroça de duplo vagão e cavalos de carga. Exercitou seus conhecimentos da região e resolveu comprar algumas mercadorias que acreditava que poderiam alcançar um bom preço na região de Koli.

Örion, maravilhado e atônito com as novidades, fazia perguntas o tempo todo. Ao mesmo tempo, sua excitação desaparecia com frequência ao deparar-se com o lado desagradável da grande cidade. Havia muitas pessoas em condições miseráveis, animais sendo maltratados, alguns locais sujos e fétidos e pessoas doentes com aparência terrível.

No fim do dia, sentia falta de ar livre, de escutar os sons da natureza e de enxergar o céu aberto. A noite que passaram em uma estalagem foi ainda pior. O local era muito fechado e úmido e o barulho de música e conversas altas do andar inferior perdurou até altas horas. Enquanto Rílkare e Örion se recolheram para descansar após o jantar, os demais ficaram a se divertir na taverna até tarde.

No dia seguinte, os planos de sair logo cedo de Rílkare foram frustrados, pois Poul e Eskallurè simplesmente não saíam das camas. Sendo assim, partiram para Koli somente pouco antes do horário de almoço.

CAPÍTULO 11

A viagem até Koli, de carroça, deu a Öron a oportunidade de conhecer uma nova faceta de Condarillo. Os cavalos foram amarrados à carroça seguindo-a enquanto todos viajavam no interior. Con retirou de suas posses uma pequena sacola com ferramentas próprias para esculpir madeira macia. Ele explicou a Öron que não faria o acabamento das pequenas esculturas de madeira, pois a carroça balançava muito. Com habilidade e rapidez o rapaz dava forma a pequenos blocos de madeira que trazia numa sacola. Junto com estes, o silfo pode ver algumas das peças prontas produzidas.

- São muito bonitas e precisas – comentou Öron examinando as pequenas esculturas na palma da mão.

- Obrigado. É apenas um passatempo.

- Por que não trabalha como escultor?

- Seria uma vida muito monótona.

- Acho que entendo o que quer dizer – refletiu o jovem silfo. – Acho que estou aqui pelo mesmo motivo.

Con lambeu o lábio superior e franziu a testa – Meu avô dizia que a natureza dos viajantes, guerreiros e demais errantes é como uma força que vem de dentro. Este ímpeto não pode ser negado, de outra forma, faria o homem infeliz.

- Seu avô devia ser sábio.

Con parou de esculpir e fixou um olhar vago em direção à paisagem. – Ele era um homem incrível.

Öron parou por um momento, pensando no próprio avô e mergulhou em seus pensamentos. Tantas experiências deixavam-no intrigado. De todos acompanhantes de seu amigo Rílkare, achava Condarillo o mais inteligente, mas ao mesmo tempo, misterioso. Suas ideias sobre uma conspiração de bruxos aldancarianos não lhe pareciam corretas. Tinha a forte sensação de que tratava-se de algo mais sinistro. Esses raptos não pareciam configurar algum tipo de intriga política entre os reinos.

Logo o dia caiu. Chegar em Koli, em especial, conduzindo a carroça recém adquirida foi um desafio e tanto. Estavam cansados e procuraram alojamento em uma taverna sossegada no alto de uma colina onde ventava violentamente. O céu estava nublado colorido por um violeta profundo. Uma tempestade estava a caminho.

Durante aquela noite, o jovem silfo não conseguiu dormir bem. Acordou diversas vezes e teve pesadelos. Tinha um mau pressentimento sobre aquele lugar. Na alta madrugada a tempestade finalmente veio e de algum modo ajudou Öron a

cair no sono.

Pela manhã, ainda chovia forte e Öron despertou com um pouco de dor de cabeça. Eskallurè e Poul também se queixaram de dor de cabeça durante o desjejum, porém a causa era outra: muito vinho na noite anterior. Um padrão repetitivo que acentuava o mau humor do mercenário. Para manter o costume, ele provocou Öron diversas vezes demandando, no fim, a intervenção de Rílkare.

Öron seguia os conselhos de Con e aos poucos se imunizava contra a acidez do mercenário. Com o mau tempo, permaneceram durante o restante da manhã na estalagem. Conforme o cansaço tomou conta do mercenário, deixou a mesa para juntar-se a Poul num jogo de dados no canto do salão da estalagem. Ficaram na grande e pesada mesa de madeira: Rílkare, Con e Öron. Eskallurè vencia Poul com facilidade, mas antes que o tédio aflorasse, duas figuras encharcadas e encapuzadas adentraram no salão do estabelecimento. Ambos eram altos e tinham os pesados mantos marrons escurecidos pela água da chuva.

Öron sentiu um nó na garganta e frio na barriga que não soube explicar. Os dois sujeitos pingavam muita água deixando pegadas molhadas no assoalho de madeira que rangia com a peso de seus corpos. Logo ficou evidente que sob os mantos e capuzes havia peças de armadura pesada. O mais magro aproximou-se de Rílkare como se já o conhecesse.

O homem encarou Rílkare que surpreso fez menção a movimentar-se. O estranho sinalizou e pediu imediatamente.

- Por favor, não.

Rílkare engoliu seco e ficou sem saber qual ação tomar. Não era outro senão o próprio príncipe Kel, um dos herdeiros ao trono, diante de seus olhos.

Kel assentou-se e disse – Imaginei que fosse você. Sua chegada já era esperada, mas não devemos criar alarme. Portanto, sem formalidades e sem nada de mencionar questões de nossa nobre linhagem.

Enquanto o nobre falava, Öron observava-o com cuidado. Tinha longos cabelos negros escondidos sob o capuz. Sua pele era alva e lisa. Seus olhos negros eram grandes e expressivos, com leves rugas visíveis em seu entorno. Os lábios eram finos e rosados e teria uma aparência feminina não fosse o formato sólido de seu nariz.

- É claro Alte.. digo, senhor – Retrucou o jovem filho do barão, um tanto intranquilo.

O acompanhante do príncipe ficou de pé e observou a reação de Eskallurè e Poul na mesa mais afastada. O mercenário fez menção levantar-se para verificar o que acontecia, mas Con logo sinalizou para que ficasse por lá. Eskallurè deu com os ombros e voltou a conversar com Poul.

- Não vou me demorar – anunciou o príncipe. – Estou contente que

tenha vindo. Ocorre que estou muito preocupado com o bem estar de meu irmão mais velho. Ele veio para a região e meus esforços para dissuadi-lo têm sido em vão.

- Não compreendo senhor – disse Krenov. Ao mesmo tempo, Con escutava o relato do príncipe Kel com total atenção. O príncipe falava muito bem e com firmeza.

- Ele está convencido de que estou de alguma forma atrapalhando as investigações. Não confia em mim e veio até aqui para resolver a questão dos desaparecimentos. O fato é que foi verificada a presença de um grupo de aldancarianos na região. Segundo o que penso, eles não estão envolvidos de forma alguma com os desaparecimentos. O preconceito de muitos, inclusive de meu irmão, porém indica o contrário. Temo que um embate infeliz possa vir a ocorrer. Porém, sei bem do respeito que ele nutre por seu pai. Eis o que quero que faça: vá até meu irmão, diga que veio por pedido de seu pai e tente dissuadi-lo desta busca infeliz.

- O senhor acha que os aldancarianos ofereçam perigo? Diz-se que os desaparecimentos seriam obra de bruxos de lá.

- Preconceito. Meus espiões reportam justamente o contrário. Houve desaparecimentos também em Aldancara. E os aldancarianos também desconfiam de nós como causadores do mesmo mal. Já disse isso a meu irmão, mas ele não crê. Acredita que estaríamos sendo enganados. Os espiões teriam sido enfeitiçados, ou mesmo mudado de lado. Quer capturar alguns aldancarianos e submetê-los a interrogatórios e torturas para que revelem o paradeiro das mulheres desaparecidas.

- Suas colocações são muito sensatas. Faremos o possível para dissuadir o príncipe Luvik.

- Sei que irão. E conto com seu sucesso nesta empreitada. E mais uma questão: em seguida, gostaria de contar com seu apoio e de seus acompanhantes, em especial, seu apoio – dirigiu-se a Öron.

O jovem silfo suava um pouco e sentia-se desconfortável na presença do príncipe. – Eu? Mas...

- Sim. Consegui reunir algumas evidências obscuras e misteriosas e imagino que alguém com seus talentos possa nos ajudar a desvendá-las.

Con criou coragem para falar. – Senhor, essas informações mudam as coisas. De

fato, tal curso de ação poderia levar a um desastre.

- Sim rapaz, é por isso que devemos deixar de lado, por hora, os desaparecimentos. É imperativo que partam de imediato. Ele os conduzirá até meu irmão, mais ao norte.

O príncipe levantou-se e cumprimentou com um aperto de mãos apenas Rílkare. Acenou para os demais, saiu da estalagem, tomou sua montaria e desapareceu na chuva forte.

Rílkare observou-o desaparecer e voltou-se para o interior convocando os companheiros – Vamos amigos! Os negócios nos esperam. É hora de enfrentarmos esta tempestade.

CAPÍTULO 12

Seguiam por uma trilha que levava a uma mina há muito abandonada. Porém, após algum tempo o guia desviou-os desta. Começava a parte mais difícil da travessia.

A tempestade era tão intensa que, para percorrer certos trechos naquela região montanhosa, tiveram de dispensar as montarias. Örion conversou com sua montaria, o belo Zitrehidel, pedindo que tomasse conta dos demais, incluindo seu irmão mais jovem a montaria de Rílkare, Ferro-em-brasa. Os cavalos desceram o monte abrigoando-se sob frondosas árvores numa clareira próxima.

Deixando os animais para trás, seguiram morro acima seguindo o guia. A chuva forte e o vento gelado forçavam que se movimentassem sem cessar para manterem os corpos aquecidos. Não havia uma só parte dos corpos que já não estivesse encharcada. As botas em especial, pareciam ter o dobro do peso, exceto no caso de Örion, que contava com vestimentas e calçados de fibras vegetais cobertas por fino óleo, semelhante ao que protege as penas de aves. Assim o jovem silfo deslocava-se com relativa facilidade em relação aos demais.

O guia, fornecido pelo príncipe Kel, não falava muito. Possuía plena forma física, seu rosto mostrava uma expressão severa e quando falava usava palavras curtas, quase sempre numa comunicação monossilábica. O ritmo que impunha na caminhada era severo, deixando todos com pouco fôlego para conversações. No entanto, não iam muito longe. O desafio maior era superar era um monte íngreme, logo adiante. Ainda não era meio-dia, mas o guia sugeriu uma parada para rápida refeição: carne seca, queijo desidratado e algumas castanhas. Antes de juntar-se a eles, o guia afastou-se um pouco e se prostrou. Murmurava algo incompreensível para si mesmo. Örion quis saber o que ele fazia e Rílkare explicou que orava e que pelo fervor da oração, devia ser um homem de muita fé.

Do outro lado do monte a tempestade parecia pior. Relâmpagos rasgavam o céu entre as nuvens escuras e tardiamente chegava o som diminuído dos trovões, como se o céu estivesse resmungando. Persistiu uma sensação ruim, na boca do estômago de Örion, desde o encontro com o príncipe mais cedo. E toda aquela situação trazia ansiedade e uma ponta de arrependimento. Nesta hora, poderia bem estar no conforto de sua casa lendo e tomando chá. Mas ao invés disso, sentia seu corpo doer pelo esforço da caminhada e seu coração lhe alertava constantemente sobre um grande perigo. Tentava manter sua mente serena e impedir que o medo se instalasse em seu âmago, pois se isto ocorresse, seria sua ruína. Olhar para Poul e sua tristeza lhe traziam um pouco de ânimo, pois sabia que outros, assim como ele sofriam pela perda de entes queridos. A possibilidade de ajudar superava seus medos e

fraquezas, por hora. Foi então que foi atingido como por um raio por um lampejo de compreensão. Lembrou-se com precisão das palavras de seu avô: “Sei que quer ajudar e que tem pressentido o mal se aproximar. Isto quer dizer que é seu destino confrontá-lo”. Era exatamente o que ocorria, estava enjoado e ansioso por que se aproximava de seu destino: confrontar o mal.

Örion levantou-se de súbito segurando com firmeza o braço de Rílkare que se voltou para ele com atenção.

- Escute Rilks. Além daquele monte haverá uma luta, sei disso, posso sentir.

Rílkare engoliu seco e franziu o cenho. O jovem silfo prosseguiu, – apesar do que ouvimos hoje cedo do príncipe, há algo de errado. Ainda não sei bem... É preciso que fiquemos alerta para diferenciar o mal verdadeiro dos maus entendidos.

- Tenha calma Örion, vamos tentar resolver tudo sem a necessidade de violência, está certo?

Eskallurè intrometeu-se, – O franguinho já está apavorado, hem? Pode deixar que o titio te protege. Há há há!

Rílkare condenou o mercenário com um olhar, mas este apenas deu com os ombros e voltou-se para o monte. – Vamos de vez. Minha espada tem saudades do inimigo, em especial, de ratos aldancarianos!

Örion podia sentir a energia negativa vinda do mercenário, e de alguma forma, ele parecia estar em alinhamento com o confronto adiante. Emanava dele um desejo sanguinário.

Mais tarde, atingiram o ponto no qual puderam visualizar o outro lado da montanha. A descida parecia mais suave e o pior do caminho já tinha passado. A tempestade impedia ver muito longe, além do pequeno vale entre altas montanhas. Os contornos das montanhas se empalideciam com a distância até sumirem, ao longe, na neblina leitosa. O guia explicou que por este vale havia uma grande estrada que ligava Saubics a Aldancara antes da guerra civil. Apesar de há muito abandonada, a estrada ainda era utilizada por mercadores. Fora o caminho seguido pelo príncipe Luvik e seus homens.

Após a descida, não custou muito a encontrarem a trilha de Luvik e seus homens. Como o guia imaginava, eles passaram pela velha estrada. As fezes das montarias estavam frescas e sugeriam bastante proximidade. Eventualmente, podiam identificar ao longo da trilha, estátuas de pedra escura, tomadas e integradas à vegetação. Eram marcos que ajudavam os viajantes a estimar o progresso nas viagens. A característica marcante das esculturas eram os queixos grandes dos guerreiros e seus cabelos encaracolados. Estilo semelhante ao que viram na antiga cidade de Edrevik.

Seguiram o rastro sem muito descanso para tentar alcançar o príncipe e seus

cavaleiros. O crepúsculo se anunciava e desanimados com uma longa ladeira à frente decidiram descansar um pouco.

Mais uma vez, o guia afastou-se para fazer suas orações. Ao mesmo tempo, Con verificava a trilha em busca de rastros. Öron comia e observava as orações do guia intrigado. Desta vez, o ângulo lhe permitia observar que além de murmurar fazia movimentos estranhos com os dedos. A oração parecia evocar bênçãos da mesma forma que algumas conjurações mágicas eram operadas. A análise levou seus pensamentos de volta a sua vila. Lembrava-se de sua infância, de quando começou a receber instruções sobre as energias invisíveis que mantinham o mundo e os seres. Tais energias, que quando contatadas e manipuladas, surtiavam efeitos que a sociedade humana chamava de magia.

Rílkare estava alerta e aproximou-se de Con para discutir sobre os rastros enquanto Eskallurè e Poul comiam quietos sentados sobre os restos de uma estátua tombada.

Pouco depois, se reuniram todos para discutir as descobertas de Con e finalizar as refeições.

Con apontou o dedo para adiante e revelou – Estou certo de que estão muito próximos. Talvez possamos avistá-los além daquela elevação.

O guia concordou, encarando o nobre – É verdade senhor.

Öron encarava o guia, mas este evitava seu olhar.

Eskallurè definiu – Então vamos! Melhor que os encontremos ainda na luz do dia.

Puseram-se a caminhar ladeira acima. Apesar de todo ruído da tempestade, um som particular chamou a atenção de todos. Em seguida, o som se repetiu e logo souberam: metal contra metal. Poderia bem ser uma luta. Faltava pouco para o topo e logo estavam a correr, escutando, mais e mais, sons de uma batalha que se intensificava. O primeiro a atingir o topo foi Eskallurè.

- O príncipe está sob ataque! – Desembainhou sua espada e sem parar de correr elevou-a gritando – Malditos aldancarianos!

Logo, Öron e os demais puderam ver a batalha que ocorria logo adiante. O jovem silfo sentiu-se mal, temendo por sua vida e de seus companheiros. O que poderia fazer? Não estava preparado para enfrentar uma batalha. Concentrou-se em compreender a situação. Abaixo podiam ser vistos oito cavaleiros cercados por mais de vinte homens à pé portando lanças e em pleno ataque. Entre os que identificou como inimigos, havia um montado que tinha aparência aterradora. O líder dos opositores, como julgava, era combatido por dois dos cavaleiros que acompanhavam o príncipe. Vestia uma armadura de placas e o metal molhado reluzia tons vermelhos e alaranjados reagindo às luzes do crepúsculo. Era um homem grandalhão e parecia ser muito mais forte que os demais. O elmo dele tinha preso à face o crânio de uma

crilha, uma espécie de cervo comum na região possuidor de chifres negros, alongados e contorcidos sob seu próprio eixo, como um agulhão de perfuração. Na mão esquerda empunhava uma espada de lâmina larga que parecia um pouco maior e mais pesada que outras do mesmo tipo, enquanto tinha preso ao braço direito um escudo escuro com o desenho estilizado de um crânio de crilha.

Ele dividia a atenção entre os dois atacantes defendendo-se com o escudo ao mesmo tempo que golpeava e contra golpeava com a espada. Sua posição avançada indicava que teria liderado o ataque deixando seus homens para trás.

Apesar da atenção dividida no combate com os dois cavaleiros, o aterrador, Cabeça de Crilha, pareceu por um momento encarar Öron, fazendo um calafrio percorrer sua coluna. No momento seguinte, desferiu golpe contra o pescoço da montaria de um dos cavaleiros. Öron sentiu seu coração apertar e seus olhos se encheram de lágrimas. Tal crueldade transformou seu ser num só instante. “*Covarde! Covarde! Covarde!*” Seus pensamentos ecoavam na mente.

Ao mesmo tempo, um pouco adiante, Rílkare ao observar o mesmo ataque desleal contra a montaria, encheu-se de raiva. Passou a correr ladeira abaixo com maior intensidade, ansioso para confrontar o inimigo.

Enquanto a montaria do cavaleiro empinava e relinchava tombando, o Cabeça da Crilha voltou-se para o outro cavaleiro penetrando suas defesas com um golpe certo da espada contra uma das frestas de sua couraça. Ambos cavaleiros tombaram quase simultaneamente. Livre de seus oponentes o cruel opositor avançou contra os demais cavaleiros que formavam um semi-círculo para proteger o príncipe dos soldados à pé.

Algo impelia Öron a prosseguir, mas o choque de assistir uma batalha sangrenta o deixava para trás. Diante de si, assustou-se ao perceber o guia tombar e rolar por alguns instantes. Mais abaixo se aproximou do mesmo para verificar sua condição. Em seu rosto, uma expressão de dor enquanto segurava o tornozelo com ambas as mãos.

- Você está bem?

- Estou bem! – vociferou – Vá rapaz! Proteja o príncipe!

Öron voltou sua atenção novamente para o local da batalha e neste momento, Rílkare, Eskallurè e Poul engajavam os inimigos. Rílkare cruzou espadas com um dos aldancarianos recuando sob seus ataques ferozes. Um pouco adiante, Eskallurè fazia o oposto, dominando a luta. Já Poul, sobrepujou as defesas do inimigo com seu ataque violento derrubando-o com um só golpe. Adiante, os cavaleiros derrubavam os aldancarianos, mas também caíam. Dos sete originais, restavam apenas quatro e a esta altura o próprio príncipe tinha espada empunhada a se defender.

Öron aprendera a manipular os elementos através da magia, porém nunca havia utilizado tais conhecimentos numa situação de combate. Sussurrou as palavras em

concentração profunda passando a enxergar a realidade à sua volta de forma plena. O elemento água estava abundante no local, facilitando seu trabalho. Da lama empoçada sobre a velha estrada fez jorrar um jato com a força de um gêiser seguindo a inclinação perfeita para atingir a face do opositor de Rílkare. Com os olhos cobertos de lama, o soldado aldancariano não teve chance de se defender contra o golpe não letal de Rílkare que derrubou-o.

- Obrigado! – disse ao olhar para trás e ver a expressão miserável no rosto de Öron. O jovem silfo detestava a situação em que se encontrava com todas suas forças, mas parecia não haver alternativas senão colaborar com seus companheiros, mesmo que isso significasse engajar-se em situações violentas e sangrentas.

Mais adiante, Poul lutava lado a lado com Eskallurè que derrubava o segundo oponente e gritava furioso – Condarillo seu inútil! Faça alguma coisa!

Fervilhavam inimigos e talvez a contagem inicialmente feita de vinte pudesse chegar a vinte e cinco.

Con atrás de todos tinha as mãos nervosas e passava uma adaga pontiaguda de uma para a outra. Observava a batalha como se estivesse paralisado de medo.

Em dupla, Rílkare e Öron conseguiram eliminar mais um oponente ao mesmo tempo que o Cabeça de Crilha derrubava mais um dos cavaleiros. Agora avançava contra o príncipe com toda velocidade.

Con, bastante concentrado, finalmente parou de passar a adaga de uma mão à outra. Segurou-a com intensidade na mão direita elevando-a acima da cabeça. Estava prestes a lançar quando o próprio príncipe posicionou-se entre ele e seu alvo: o Cabeça de Crilha. – Maldição! Vamos! Saia da frente!

O príncipe saiu da frente sim, conforme o desejo de Con, porém para o choque geral, o príncipe fora atingido pela pesada e poderosa espada do líder encouraçado. Um dos cavaleiros gritou – Meu príncipe! – Furioso e sedento de vingança, avançou contra o Cabeça de Crilha e foi abatido com um golpe contra a garganta. O Cabeça de Crilha parecia um oponente invencível até o momento que Con lançou sua adaga. A adaga cortou o ar e a chuva numa trajetória perfeita penetrando com precisão a órbita vazia da caveira que cobria o rosto do atroz oponente. O efeito foi imediato, o cavaleiro caiu do cavalo de costas no chão fazendo levantar a água enlameada ao seu redor como uma pesada pedra atirada em um lago.

Restava apenas um dos cavaleiros defensores ainda montados, este em especial, havia derrotado mais de cinco oponentes sozinho. Eskallurè derrotou o último oponente urrando irado. – Argh! Diabos! Maldição! Perdemos o príncipe!

Caminhou irado na direção de Öron, que estava chocado e desnortado.

- Seu inútil! Você não fez nada. O príncipe já era e é culpa sua! –

Mesmo antes que outros pudessem intervir empurrou-o no chão com violência. – Seu grande idiota! Você foi o único que não matou ninguém!

– Isso não é verdade! – exclamou o guia que aproximava-se mancando. – Se alguém é inútil aqui sou eu. E se quer brigar com seus próprios conterrâneos, que tal começar comigo? Hã seu bufão!

O cavaleiro remanescente avisou – Parem já com isso, seja lá quem vocês forem! É hora de avaliar os prejuízos desta batalha e atender aos feridos, inclusive ao príncipe. – Em seguida, desceu de sua montaria ao lado do corpo do príncipe.

Rílkare auxiliou o cavaleiro e aproveitou para apresentar-se – Sou Rílkare Krenov.

O cavaleiro acenou – Sir Adslay.

Era um nome famoso. Sim, agora pode reconhecer os olhos do cavaleiro através da fenda de seu elmo. Era um dos cavaleiros de maior status, subordinado diretamente ao rei Ludsfay.

Ambos aproximaram-se do príncipe. Ele estava com o rosto parcialmente afundado na lama e o cavaleiro virou-o. Havia um corte profundo na garganta que sangrava muito, porém o príncipe ainda não havia fenecido. Ao ser virado, tossiu vigorosamente.

Rílkare ajoelhou-se ao lado do nobre cujos olhos giravam enquanto tossia expelindo sangue pela boca. Finalmente os olhos do príncipe se afixaram em Rílkare demonstrando certa surpresa.

Falava com muita dificuldade – Filho de Krenov? Mas como? Cof! Cof!

Rílkare pressionava os lábios, sentindo um leve enjôo, enquanto olhava nos olhos verdes, agonizantes, do príncipe Luvik. Sir Adslay pressionava o corte com um tecido, que logo ficava encharcado e rubro.

– Alteza, nos perdoe... Chegamos tarde. O príncipe Kel nos envi...

A expressão do príncipe moribundo mudou. Olhou Rílkare com ódio no olhar tossiu muito e finalmente conseguiu falar – Kel? Escute-me Krenov... Cof! Cof! Não... cof! Confie em Kel. Ele e suas menti... cof, suas... cof... cof.. intri... cof! Maldito! Cof! Cof! Cof! Ele só quer... – engoliu e fez uma careta terrível de dor. Sua voz ficava mais fraca e não podia ser ouvido.

Rílkare aproximou-se encostando o ouvido na boca do príncipe.

– Poder... o trono não deve... não deve... acredite... não pode... reinar. – Respirou mais uma vez com dificuldade e seu último suspiro foi – Ajude Tarin...

O cavaleiro Adslay percebeu que o coração parou de bater e ficou cabisbaixo. Rílkare por sua vez, ficou confuso com as últimas palavras de Luvik. Ficou claro que Luvik odiava muito seu próprio irmão. Mas o contrário não parecia verdade. Se

tivessem apenas chegado mais cedo poderiam ter evitado esta tragédia. Só então Rílkare percebeu que as consequências do que acabava de ocorrer podiam ser terríveis. A partir desta constatação, a expressão de Rílkare ficou severa e grave, e, em seu íntimo passou a sentir que uma grande tragédia estava para cair sobre o povo saubiquense.

Con, Poul, Öron, Eskallurè e o guia se encarregaram dos demais. Dois outros cavaleiros feridos iriam sobreviver, quanto aos inimigos, apenas três não tinham ferimentos mortais, dois deles, justamente os que Rílkare havia poupado. Havia sido apenas o fim de uma de muitas batalhas sangrentas que ainda estavam por vir.

CAPÍTULO 13

As consequências da morte do príncipe Luvik foram graves. Tal fato foi a única coisa que fez com que o rei moribundo de Saubics, Kalden Ludsfay, saísse de seu leito de morte. Praticamente carregado, fez questão de estar presente no funeral de seu filho primogênito e herdeiro do trono de Saubics.

Na mesma ocasião, já se sabia, por todo reino que o príncipe Luvik perecera num ataque dos aldancarianos. Tropas já se formavam por todo o reino e uma guerra contra o reino de Aldancara esperava apenas a ordem real.

A decisão de declarar guerra contra o reino vizinho pesava muito na cabeça do velho rei, pesava mais que a coroa que seu pescoço fraco já não podia suportar. Porém, a dor da perda do filho inibiu a consciência do monarca que declarou, ao anoitecer do dia em que seu filho foi sepultado: guerra contra os aldancarianos.

Tarin, o atual herdeiro recebeu o título de Príncipe General e logo coordenava no castelo uma grande reunião com os principais cavaleiros e nobres, que viajaram de todo os cantos do reino para o funeral do príncipe Luvik.

Era tarde em um dos pátios do castelo real na capital, Saubics. Uma importante reunião havia acabado, mas a movimentação no castelo era tal que haveriam atividades até o alvorecer.

- Alteza! – Rílkare ajoelhou-se para cumprimentar o príncipe Kel. Vestia um de seus melhores trajes, tal qual seu pai vestia na cerimônia do funeral, mais cedo.

- Rílkare Krenov. – Cumprimentou o príncipe estendendo-lhe a mão para que levantasse. Kel estava bem diferente da última vez que se encontraram, ainda na região montanhosa de Koli. Vestia seus trajes reais e uma tiara prateada com pedras lapidadas incrustadas. Tinha os longos cabelos negros penteados cobrindo-lhe ambas as maçãs do rosto.

- Novamente, peço perdão por minha falha para com seu irmão.

- Não é necessário se desculpar agora todas às vezes que nos vemos. Como já disse, o perdão lhe foi concedido de coração. E além do mais, vocês fizeram o possível, sei disto. Ao menos puderam salvar alguns bons cavaleiros do senhor meu pai. Sim, e é claro, capturar três dos assassinos com vida.

- Obrigado, Alteza.

- Sobre isto mesmo que queria lhe falar. – anunciou Kel com frieza. –

Eles foram interrogados e temos informações precisas sobre a origem dos mesmos.

- Pois sim, Alteza.

- Eles vieram de um forte nos ermos, ao leste de Aldancara. É sobre este forte que queremos que recaia o primeiro ataque de nossas tropas.

- Ainda não compreendo o porquê deste ataque. Os prisioneiros revelaram se sabiam quem estavam atacando?

- Sim, eles sabiam, era sua pretensão capturar o príncipe, mas pelo que disseram, seu comandante pareceu enlouquecer na batalha. Diga-me, Krenov, o comandante deles parecia de fato estar fora de si?

- A batalha foi muito rápida e um pouco confusa, mas acredito que o cavaleiro em questão estava de fato com muita sede de sangue. Se sua missão era mesmo capturar o príncipe, somente se estivesse louco para atacá-lo da forma que o fez.

- Entendo... Talvez a razão real fosse mesmo ver meu irmão morto. Talvez os homens que capturamos não soubessem disso.

- Não poderiam eles mentir, Alteza?

- Não, estou certo disso. Confio muito em quem realizou o interrogatório.

- Entendo. Foi possível saber como eles sabiam a respeito do paradeiro do príncipe Luvik?

- Ao que parece, não tinham tais informações, mas acredito que certamente souberam através de espões. Não haveria outra maneira.

- Sim, é verdade.

- Nossa prioridade é tomar este forte e quero estar por perto para ver isso acontecer. Queria que você e seus companheiros também nos acompanhassem.

- Para o campo de batalha, Alteza?

- Sim. Estamos em guerra. E nesta ocasião, precisamos de novas lideranças. Fato que pude discutir mais cedo com seu pai, o Barão Krenov. Ele ficou contente.

- Contente?

- Sim, estou apontando você para comandar tropas nesta campanha.

- Eu? Comandar? Digo... Fico honrado, mas...

- Entendo perfeitamente. Não sente ter experiência suficiente, não é mesmo?

- Sim.

- Não se preocupe, terá responsabilidade partilhada com outros tantos. Conheceu Sir Adslay, não é mesmo?

- Sim, Alteza.

- Pois então, ele será o comandante militar das tropas. Poderá aprender muito com ele.

- E quanto aos meus companheiros?

- Poderão atuar como mercenários, ou receber patentes, conforme desejarem. Sei que é importante ir para a batalha com pessoas que confia.

- Quando? Digo, quando partirão as tropas, Alteza?

- Amanhã mesmo. Vá, comandante Krenov. Logo receberá instruções mais detalhadas.

- Sim Alteza! Como desejar. – Rílkare hesitou por um instante – Alteza, posso fazer uma pergunta?

- É claro, Krenov.

- Seu irmão, o príncipe Luvik não gostava muito de vossa Alteza, não é mesmo?

Kel olhou para baixo e deixou escapar um suspiro. – Meu irmão era mesmo um cabeça dura. E acabou morrendo por causa disto. Mas é verdade... Não éramos muito chegados. Ele nunca gostou de mim, devo confessar. Mas lhe juro Krenov, fiz de tudo para ajudar meu irmão, para fazê-lo enxergar as coisas... Mas ele era muito desconfiado. Como se tivesse medo de mim. Talvez algum de seus amigos colocasse ideias negativas a respeito de minha pessoa, não sei.

- Mas então, no fim, você acha que ele estava certo em relação aos aldancarianos? Quero dizer, quanto aos desaparecimentos?

- Não, de jeito nenhum. Há muito sobre isso que poucos sabem. Mas agora não é hora. Após a tomada do forte, Krenov... Procure-me, pois quero discutir mais este assunto com você. Por hora, o mais importante é nos prepararmos para a batalha. É importante fazer com que os aldancarianos paguem pelo mal que nos fizeram.

- Obrigado por confiar em mim Alteza. Não irei decepcioná-lo.

- Sim, sei que dará tudo de si, Krenov.

CAPÍTULO 14

Örion tinha diante de si um novo universo cheio de complexidades para lidar. Podia pensar o dia inteiro e ainda ter mais e mais assuntos para destrinchar. A dimensão humana lhe fascinava muito, apesar de não entender ainda o porquê. Mal podia imaginar-se no meio de tanta encrenca. Voltar às regiões altas de Koli já lhe trazia lembranças desagradáveis da terrível batalha ocorrida há poucos dias passados. Certas imagens perseguiam sua mente que custava a ficar em paz.

Apesar da discussão que teve com Rílkare, na grande capital, decidiu acompanhar seu amigo. O nobre queria que Örion retornasse ao seu lar, mas não foi possível dissuadi-lo. No fundo, Rílkare tinha razão, uma guerra não era lugar para ele.

Agora, cavalgavam lado a lado, em meio às tropas, em direção à velha estrada. Montavam seus cavalos, como o de costume, mas estes receberam mantas e selas que os identificariam como aliados na guerra. Fora bastante difícil convencer Zitrehidel a usar sela, mas no fim acabou aceitando. A vestimenta de Rílkare era vistosa, uma manta vermelha com o brasão da família Krenov, em amarelo, uma adaga cercada de dez estrelas, repousava sobre a armadura de placas do nobre. Sobre a cabeça um elmo trabalhado por um artista de talento com duas asas prateadas ornamentadas, na região temporal. Örion usava uma manta semelhante e fora lhe explicado que usar uma destas era como ser reconhecido como tendo acedência nobre. Também foi um pouco difícil encontrar um elmo que não o incomodasse muito. Acabou optando por um elmo simples e aberto com cota de malha protegendo a nuca. A adaptação ao peitoral metálico é que era mais difícil, pois Örion nunca havia usado uma armadura em sua vida. No fim, ficou apenas com o peitoral e proteção para as costas, deixando as pernas e braços cobertos com vestimenta de couro reforçado. Sentia-se preso e pesado em tantas roupas.

Örion observava a reação das pessoas simples que viviam na região à passagem das tropas. Alguns estavam excitados e acenavam dizendo palavras de incentivo, enquanto outros pareciam assustados e preocupados. Tendo os sentidos abertos para sensações que os humanos costumam ignorar, Örion sofria ao perceber uma quantidade tão grande de emoções fortes. Para aliviar seu sofrimento lembrava-se de seu lar e de seus parentes, em especial, de seu avô. Ao fechar os olhos era capaz de enxergar a bela floresta em que viviam.

Após acalmar-se, a mente de Örion voltou-se para questões intrigantes que insistiam em acompanhá-lo. Quem estaria por trás do desaparecimento das mulheres? Quem tinha razão afinal? Kel ou Luvik? Seriam os aldancarianos os responsáveis pelos desaparecimentos? Por que nenhum corpo fora encontrado? E se

não fosse um complô? Se fosse algum tipo de predador com gosto especial por mulheres? Mas como poderia nunca ter sido visto? E quanto aos sinais de luta, ou mesmo sangue? Não podia ser, não havia pistas. Voltava a sua mente as suspeitas levantadas por Con na noite em que se conheceram. E se Kel estivesse tentando ascender ao poder? Ele seria realmente capaz de armar contra seu próprio irmão?

- Rilks, você acha que a morte do príncipe Luvik possa ter sido planejada?

- Planejada? Ao que parece não.

- Mas essa morte certamente favorece o príncipe Tarin quanto à sucessão ao trono.

- Öron! Cuidado com o que diz.

- Estou tendo cuidado, não conversaria sobre isso senão com amigos verdadeiros.

- Tudo bem.

- Mas então? O que acha?

- Definitivamente não. Tarin é um sujeito despojado e despreocupado com questões de política. Só tem cabeça para mulheres e caçadas.

- Entendo. Já ouvi dizer algo assim, mas o príncipe Kel é diferente, não é mesmo?

- O que está sugerindo? – franziu o cenho de súbito. – De jeito nenhum! Eu conheço o príncipe e sei que ele nunca faria algo assim. Ele é bom e sensato.

- Mas...

- Chega Öron! – disse o nobre irritado. – Não quero falar mais nesse assunto. Levantar suspeitas sobre as pessoas desta forma não é atitude honrada. Não lhe ensinaram isso?

- Desculpe, você tem razão Rilks. – Öron reconheceu que Rílkare estava certo, porém com certo pesar. Ele sentia que Kel, apesar de parecer ser bom e sensato, em seu íntimo podia ser diferente. E isso não lhe saía da cabeça.

Con, cabisbaixo e com a face coberta por cota de malha, cavalgava já há algum tempo ao lado de Öron. Esforçava-se para escutar a conversação de Öron e Rílkare, tendo sucesso em captar a maior parte.

- Escute Öron, sou de semelhante opinião. – Disse baixo de forma que Rílkare não pudesse escutá-lo.

Örion surpreendeu-se, imaginando que se ele escutou, talvez outros também pudessem ter escutado. – Hã? Con? – De fato, as vestimentas de Con não chamavam tanta atenção quanto as de Örion e Rílkare Krenov.

- Algo fede além da bosta de cavalo. Escute o que digo.

Örion aproximou sua montaria da de Con. – O que sabe? Algo de novo?

- Muito se fala nas tavernas. E muito se fala em todo canto. Para quem tem bons ouvidos, é claro.

- Entendo.

- Há um velho ditado que diz: tempo de guerra é tempo de confusão.

- Não entendi.

- Agora que estamos em guerra, pouco vai importar quem fez ou deixou de fazer algo errado. Investigações não serão prioridade, entende? E francamente... Tarin como Príncipe General? Isso até parece uma piada. O que ele entende de guerras?

- Entendo. Você acha que nesta situação ele poderá correr riscos e até perecer?

- Claro que sim! E neste caso, quem sai ganhando? Não diga!

- Rilks não quer nem ouvir falar nisso.

- Eu sei. É a coisa correta a se fazer. Mas me escute: fiquemos atentos. E não nos esqueçamos de Poul e tantos outros que perderam esposas, irmãs e filhas.

- Verdade. Parece que agora é hora de perder os esposos, irmãos e filhos.

- Meu avô dizia que ninguém ganha com a guerra. Parece que neste caso pode haver uma exceção.

- Estou muito preocupado. Realmente venho sentido coisas estranhas. Por mais de uma vez tive estranhas sensações quando estive próximo do príncipe. Meu avô me advertiu que eu sentiria quando confrontasse o verdadeiro mal.

- Você sentiu coisa semelhante na batalha? Quando confrontamos o Caveiroso?

- Caveiroso?

- Sim, o cavaleiro com a máscara de crilha.

- Sim, só que mais forte.

- Será que o Caveiroso trabalhava para Ele?

- Queiram os espíritos que não. Só de pensar numa traição assim fico enjoado. Irmão contra irmão. Será que vão tão longe assim as ambições dos homens?

- Infelizmente, algumas vezes sim. Nesta história toda, só tem um questão que não encaixa.

- O que?

- Os desaparecimentos. Eles não tem lógica.

E nisso, eu acredito no príncipe. Não acho que são os aldancarianos. Não vejo como poderiam lucrar com tal situação.

- Penso que é preciso trabalhar com outras lógicas por vez.

- Como, por exemplo?

- A da magia.

- Magia?

- Sim. No passado, alguns cultos e até mesmo povos sacrificavam pessoas, e em alguns casos, somente mulheres, a fim de obter favores místicos de entidades malévolas.

- Contos de fada!

- Olha bem para meu rosto. – Não era fácil confundir um rosto de silfo com um de um homem.

- Tudo bem... Mas entidades malévolas? Não foram expulsas há milênios ou algo assim?

- É o que sabemos.

- Outra coisa Öron. Não vai dar uma de herói e se arriscar nesta batalha, certo? Temos que ajudar o Poul e os outros... Parece que além de nós, pouca gente está ligando para este assunto.

- Tudo bem, mas como fazer isso?

- Fique por perto de mim e ouça o que eu disser.

- E quanto ao Rilks?

- Ele sabe se virar. Recebeu treinamento e se for esperto, vai usar sua posição de comando para evitar riscos desnecessários. Nós devemos fazer o mesmo.

CAPÍTULO 15

O alvorecer rubro anunciava um dia sangrento para a história dos reinos de Saubics e Aldancara. O céu estava limpo e já não chovia forte há dois dias. A movimentação de tantas tropas e notícias da morte do príncipe havia chegado até o reino vizinho. Ambos estavam a se preparar para a guerra e o ataque ao forte não seria uma surpresa.

Nas proximidades do forte, chamado pelos aldancarianos de Nir-vich, havia pequenas fazendas que estavam abandonadas. Os rebanhos foram retirados e nada de maior interesse estava disponível para pilhagem. O forte Nir-vich já podia ser visto no alto da mais alta colina, com suas grossas paredes de rocha cinzenta suportando as cinco torres baixas. Ao longe era possível escutar os sinais de alerta do inimigo enquanto o horizonte era preenchido pela força de cerca de dois mil homens.

Um estandarte foi erguido indicando parada total da marcha das tropas. Era hora de um descanso e discussão dos detalhes do ataque que ocorreria a seguir. Os comandantes dos grupamentos foram convocados para discussão com o Príncipe General e a cúpula dos cavaleiros. Rílkare prosseguiu com sua montaria deixando os companheiros no seu grupamento.

Örion observava à distância o encontro dos comandantes. De longe, podia distinguir bem a figura do príncipe Tarin vestindo uma armadura que lhe chamava a atenção. Brilhava mais que outras e não parecia ter sido montada ou mesmo concebida no reino de Saubics. Detalhes dourados e prateados entrelaçavam-se formando padrões geométricos curvilíneos de grande beleza. De cima dos ombros se projetavam proteções que rodeavam toda a cabeça na proximidade do pescoço deixando-o escondido, sendo apenas possível visualizar parte da boca e o nariz. O príncipe tinha fisionomia diferente de seus irmãos, cabelos castanhos curtos, olhos castanhos escuros e sobrancelhas grossas.

Ele explicava algo aos demais participantes da pequena conferência, mas não tomavam suas palavras muito a sério. Em seguida, demonstrou irritação e pareceu reafirmar o que dizia, apontando com um graveto para a lona estendida no chão. Os cavaleiros e demais participantes abaixaram as cabeças e acenaram positivamente. Örion pode perceber quando um dos nobres pediu algo ao Príncipe General apontando para a região da cintura. Örion sentiu os cabelos do braço arrepiarem enquanto pode ver, por um breve momento, a lâmina que o Príncipe retirou da capa. Aos seus olhos a lâmina tinha um brilho especial que vira poucas vezes na vida. Tratava-se de um instrumento embevecido em intensa e pura energia mágica. Porém, aos olhos de não iniciados, não passava de um belo trabalho de forjaria em metal.

Percebeu que alguns dos comandantes saíram da conferência com olhares preocupados, outros, um pouco irritados. Logo Rílkare voltou, mas não tiveram tempo para discutir detalhes.

-O que houve? – quis saber o jovem Silfo.

-Recebemos as instruções do Príncipe General.

-É impressão minha ou...

- Desculpe, Öron, mas não há tempo – Rílkare voltou-se para seu agrupamento de cerca de cem homens e bradou – Atenção homens! Preparem-se para marchar, pois temos um forte a conquistar.

A reação geral não foi de muita empolgação. A motivação de cada um daqueles homens era diversa. Uns vieram por dinheiro, outros por promessas, curiosidade, etc.

Eskallurè gritou do meio dos homens – Vamos lá gente! Vamos rachar cabeça de aldancarianos!

Alguns homens riram. Outros concordaram. Muitos, assim como Rílkare estavam suados e sentindo um nervosismo cada vez mais forte.

Eskallurè batia as palmas das mãos e incitava os outros repetindo: – Rachar! Rachar! Rachar!

Poul logo entrou no clima erguendo ao alto seu machado de combate. – Rachar! Rachar! Rachar!

Logo o grupamento de Rílkare viria a ser conhecido como: O Racha.

Öron respirava fundo tentando dominar sua ansiedade. A noção de que poderia morrer naquele dia ficava cada vez maior. Em especial, teve uma série de pesadelos nos últimos dias no qual participava de grandes batalhas. Batalhas contra criaturas inumanas, ferozes e cruéis. Podia ver flashes destas imagens em sua mente ao fechar os olhos. E foi assim, como num piscar de olhos que se viu no meio de uma batalha de verdade. Acompanhava o grupamento em sua retaguarda subindo a colina em passos rápidos. Havia muita gritaria e confusão. Decidira na última hora mandar Zitrehidel ficar fora da batalha. Instruiu a montaria para aguardar em alerta num poço próximo da colina.

-Flechas! Defendam-se! Flechas!

Ergueu o escudo acima da cabeça assim como os demais. Logo, viu tombar ao seu lado e adiante soldados atingidos pelas setas que caíam em quantidade. Desviou-se de um do corpo de um soldado bastante azarado atingido por uma seta de forma letal.

Enfim, enfrentava um dos primeiros horrores daquela guerra para a qual ainda buscava um sentido. Assim como seu grupamento, os demais subiam a colina afastados uns dos outros atraindo as saraivadas de flechas que partiam do alto das muralhas do forte e das torres. As baixas começavam a se somar e até o presente

momento, nenhum inimigo parecia ter sido ferido. Öron tentava entender a lógica do ataque sem sucesso. Em livros que pode ler a respeito do assunto eram mencionados mecanismos de guerra como aríetes, escadas e catapultas. Nada disso estava presente nesta batalha e fica mais e mais real a impressão de que estavam todos sendo atirados para serem mortos.

Enfim, seu agrupamento atingiu o objetivo desejado. Deitavam-se contra a grama a meia altura da colina no local onde havia um desnível que os protegia dos ataques do inimigo.

Ali foram instruídos a ficar todos que estivessem a pé até que o sinal fosse dado. A parte do grupamento que estava montado, que incluía Rílkare, Con, Eskallurè e Poul, seguiu colina acima aproximando-se de outros grupos de cavalaria em escolta ao Príncipe General. Este grupo maior seguia em direção ao portão do forte. Sobre eles novas saraivadas de flechas eram disparadas.

Vendo seus companheiros se afastando e sob risco Öron sentiu arrependimento de ter deixado sua montaria para trás. Estava ofegante e sentindo um forte calor em todo seu corpo. Tomado pela curiosidade ou algum outro impulso irracional abandonou a cobertura avançando em direção à trilha que cortava a colina até o portão da fortaleza. Cada vez mais próxima, a construção parecia crescer e tornar-se mais imponente e impenetrável.

Öron pensava: *“E agora? O que vai acontecer? Será que simplesmente irão todos morrer? Todos massacrados pelas flechas do inimigo?”*

Do meio da cavalaria pode ser visto o Príncipe General destacar-se e avançar em direção ao grande portão de madeira e ferro. Logo inúmeras flechas foram disparadas contra o Príncipe e sua montaria. Não demorou muito para ocorrer o inevitável. Foram atingidos tombando ambos ao solo.

Öron mal podia acreditar que estava diante de tanta estupidez. Sim, ouvira dizer que os humanos eram irracionais, que as guerras eram irracionais. Mas o que estava a testemunhar senão um suicídio coletivo? Toda a discussão que mantinha com Con passou por sua mente. *“E agora? Se o príncipe Tarin sucumbir? O trono será mesmo de Kel? Não pode ser? Seria magia? Estaria ele enfeitiçado e cometendo suicídio? Sim, só pode ser isto!”*

Para sua surpresa o príncipe ergueu-se. Sua montaria também, porém pôs-se a fugir relinchando com duas setas encravadas no corpo. Mais setas eram direcionadas ao Príncipe General, mas falhavam todas em penetrar sua armadura que parecia ser de alguma forma invulnerável às setas. Novamente, Öron pode ver a espada sendo desembainhada. Desta vez o Príncipe General ergueu-a ao alto segurando-a com ambas as mãos. Em seguida mudou a empunhadura para desferir um golpe contra o solo. Desceu com todo o corpo cravando a lâmina à sua frente. Por um instante, todos os sons da batalha cessaram. Um instante de quietude no qual, aliados e

inimigos concentraram seus olhares no Príncipe General. Rompeu o silêncio o som de rocha estalando. Örion lutou para manter o equilíbrio quando sentiu o solo tremer abaixo de seus pés. Um pequeno tremor comparado ao que atingiu a fortaleza nas proximidades do portão. Do alto da muralha, pequenas rochas começaram a se soltar e acompanhadas destas, cascatas de pó desciam sendo jogadas para fora das frestas entre as grandes pedras que a compunham. Toda muralha estralava e estremecia.

O tremor se intensificou e logo, os aldancarianos que se encontravam na área acima do muro começaram a gritar e fugir em desespero. Um deles, tomado pela surpresa e pelos fortes tremores tombou gritando enquanto caía. O olhar fascinado dos saubiquenses acompanharam a queda do inimigo. Pouco depois, grandes pedras soltaram-se da estrutura do muro e seguiu-se o efeito de uma avalanche que trouxe ao chão boa parte da parede que sustentava o portão. Um forte estrondo soou neste momento e uma grande nuvem de poeira subiu escondendo a parte frontal da fortaleza.

Os estandartes se levantaram e se agitaram sinalizado para o avanço das tropas que circundavam o forte formando uma meia-lua.

Örion escutou atrás de si seu grupamento erguer-se e gritar – Rachaaar! Rachaaaar!

Logo corriam e passavam adiante provocando estremecimento ao seu redor. Ao chegarem na região coberta por escombros da muralha arruinada os grupos montados já tinham penetrado a fortaleza e uma grande batalha era travada em seu interior. Formou-se um grande aglomerado de mais de mil homens esperando ocasião de penetrar na brecha aberta que suportava apenas a passagem de cinco homens lado a lado. No alto, os arqueiros se reuniam nas duas torres mais próximas disparando flechas, porém em quantidade insignificante. Todo o balcão que suportava dezenas de arqueiros ao longo das ameias do forte havia ruído. Os arqueiros das duas muralhas adjacentes não conseguiam bons ângulos para alvejar o aglomerado.

No interior, à medida que mais e mais homens penetravam a fortaleza, a batalha começava a se aproximar de um massacre, uma vez não era esperado pelos aldancarianos que os saubiquenses pudessem penetrar a fortaleza sem o uso de máquinas de guerra. Antes do meio-dia, a fortaleza de Nir-vich estava tomada.

CAPÍTULO 16

Semanas após a tomada de Nir-vich, a guerra tomava outros rumos. As tropas aldancarianas até então, não confrontadas, marcharam contra a fortaleza tomada, que, por ser indefensável, foi abandonada. Vários acampamentos se formaram ao redor da antiga estrada nos pequenos vales entre as montanhas que separam os reinos. Nesta região alguns confrontos foram travados e as forças dos dois reinos se equiparavam. Uma força aldancariana não identificada, conseguiu mover-se contornando as cordilheiras pelo norte para atingir a vila de Adasepti, nas proximidades de Koli. Foi o primeiro golpe duro sentido pelo reino de Saubics. Muitos civis pereceram e muitos mais foram feitos prisioneiros, entre eles, um nobre, primo do rei Kalden.

Nestes dias, Rílkare, Öron e os demais estavam de volta à capital tendo sido chamados do campo de batalha para encontrar-se com o príncipe Kel. Nas duas batalhas em que tiveram participação, conseguiram sobreviver sem sofrer graves ferimentos. Eskallurè fora o mais atingido, tendo sido alvo de uma seta e dois cortes provocados pelas lâminas inimigas.

Foram conduzidos através de diversos corredores e escadarias do castelo até o local no qual o príncipe Kel fazia suas leituras. Öron estava impressionado com pinturas, tapeçarias, esculturas e outros tantos objetos dispostos nos corredores e salões do castelo. Um painel, em especial, chamou sua atenção. Era enorme, ficando no centro de uma alta parede que acompanhava o vão no qual as escadarias davam acesso aos segundo, terceiro e quarto pavimentos do castelo. Ao seu redor, janelas com vitrais traziam iluminação multicolorida ao ambiente. O painel retratava uma cena de uma batalha feroz, com centenas de figuras representadas: humanas e inumanas. Entre as bandeiras representadas, havia o brasão da família real de Saubics: o pássaro vermelho empunhando duas espadas apontadas em diagonal para o alto, uma negra e uma branca.

A sala de estudos de Kel era ampla e iluminada, sendo que as grandes janelas davam acesso a um balcão externo do qual podiam ser vistas parte das construções da cidade e a famosa grande ponte sobre o rio Viran.

Kel estava sentado a uma mesa de madeira escura entalhada com formas e figuras que logo chamaram a atenção de Con, que nutria gosto por esculpir madeiras. Sobre a mesa, alguns pergaminhos, pesos de papel e tomos sinalizados por dezenas de marcadores de página. Atrás de si, estantes repletas de livros e pergaminhos.

Rílkare curvou-se e os demais seguiram sua postura. – Alteza – cumprimentou o jovem nobre.

- Rílkare Krenov. Que bom que puderam vir – Respondeu o príncipe

olhando rapidamente para os demais.

- Como passa Vossa Majestade, o Rei.

- Nada bem. Penso se poderá viver para ver nossa vitória nesta guerra. Mas ao menos, já foi uma alegria para ele ter as notícias da atuação de meu irmão na tomada do forte Nir-vich.

- Foi algo muito inspirador, porém também uma grande surpresa para todos.

- Peço a vocês que não comentem por aí, mas parte da estratégia foi de minha formulação.

Todos murmuraram alguma coisa simultaneamente. Uma nova surpresa, de fato.

- Aquela espada Alteza? De onde veio? Qual sua história? Poderia nos contar? – Pediu Rílkare.

- Sim, será instrutivo, e além do mais, poderá ser um conhecimento útil para o futuro. Aquela espada, é antiga, e já foi chamada de muitos nomes. Acredita-se que foi forjada na época da grande guerra, junto com outras espadas de grande poder. Cada qual, encerrava em si o poder de manipular diferentes elementos. Espadas flamantes, conjuradoras de tempestades, de poderes invernais e assim por diante. A que está com o Príncipe General manipula o elemento terra: o solo e as rochas. Está em posse da nobreza, meus ancestrais, desde antes da unificação contra as hordas inumanas. Os antigos, utilizaram seu poder, mas não sem seu preço. Aprenderam a duras penas que tais artefatos não devem ser utilizados e portados corriqueiramente. É um tesouro que é guardado com muito cuidado pela realza, sendo retirada apenas de tempos em tempos, para que o conhecimento sobre seu uso seja passado entre as gerações. Esta época chegou há poucos anos quando meu pai escolheu Tarin para ser o guardião de seus poderes e seus segredos.

- Entendo que foram meus ancestrais os forjadores destas lâminas. – informou Öron.

- Sobre isso, os registros não são precisos. Pelos meus estudos houve sim a participação dos antigos Silfos, porém, em parceria com os anões e humanos.

Öron deu com os ombros.

- Mas enfim, havia um nome antigo, mas atualmente a chamamos de

Racha-Montes.

Eskallurè deu uma risada – Racha-Montes. Engraçado!

O príncipe estranhou – Qual é a graça?

- A coincidência. O nome de nosso grupamento, Alteza. É O Racha! E ganhou esse nome no dia da batalha. Mesmo antes de a tal espada aparecer.

- Coincidência? Talvez não. Tais artefatos possuem estranhos poderes ocultos. Eu diria que pode haver uma relação.

- Bom saber disso tudo, Alteza. – Revelou Rílkare preocupado – Penso que poderá nos dar uma vantagem nesta guerra, ainda assim...

- Está preocupado com o andamento dos confrontos, não é mesmo, Krenov?

- Um pouco. Adasepti caiu, como sabe Vossa Alteza.

- Sim, e logo teremos mais preocupações.

- É verdade, meu príncipe?

- Alianças. Os aldancarianos estão prestes a forjar aliança com Tradarnak. Isso poderia nos colocar em desvantagem. Porém, nossos estrategistas já estão mais adiantados. Amanhã mesmo haverá notícias por todo o reino.

- Nevreth, Alteza? – arriscou Con.

- Sim... – respondeu como quem desejava saber seu nome.

- Condarillo.

- Condarillo deCrown – corrigiu Eskallurè.

O príncipe ergueu as sobrancelhas em reconhecimento. Observou a mão de Con e disse – Vejo pelo seu anel que é parente do cavaleiro deCrown.

- Sim, era meu avô.

Kel sorriu, levantou-se aproximou-se de Con. – Deixe-me ver o anel.

Con mostrou, o anel, indeciso quanto a sentir orgulho ou medo.

- É o mesmo! Seu avô foi um grande cavaleiro, também foi um bom instrutor. Foi com ele que aprendi a manejar a espada, sabia?

Con acenou negativamente. A manobra de Eskallurè para difamar Con, revelando-lhe o nome da família havia falhado. Ao que parece o Avô de Con tinha mais valor para o príncipe que o pai. Justamente o pai de Con que trouxera desgraça e má fama ao nome da família.

- Não sei o que dizer, Alteza.

- Não é preciso que diga nada. Cada homem é responsável por traçar seu destino e valor. E nunca ficar preocupado com tomar para si o destino e valores de seus ancestrais. A propósito, chegou aos ouvidos de meu pai que o senhor vingou o assassino de meu irmão. Cavaleiros comentaram que seu arremesso foi de uma precisão incrível.

- Se dizem...

- O caso é que ele pediu para que lhe desse um sinal de sua gratidão. – Havia uma caixa sobre a mesa, da qual o príncipe retirou um objeto envolto num tecido. – Aqui está, senhor deCrown, com os cumprimentos do rei de Saubics.

Con ficou emocionado e recebeu o presente sem examiná-lo. Ajoelhou-se e disse – Não é possível expressar minha gratidão, mas mesmo assim: muito obrigado!

Só então Con pode examinar o que recebera. Uma adaga muito bonita, cujo desenho do cabo e da lâmina eram obras de um verdadeiro mestre. Havia detalhes em dourado e presumiu corretamente tratar-se de ouro. Enquanto Con namorava sua nova arma, o príncipe Kel voltou-se para Rílkare – como dizia, Krenov, já está selada nossa aliança com o reino de Nevreth. Tropas já estão a caminho, o primeiro objetivo conjunto será retomar Adasepti.

Örion, novamente, sentia-se desconfortável durante as conversas com o príncipe. Precisava abreviar o encontro, mas não sabia exatamente como. – Perdoe-me a intromissão, Alteza – disse Örion respeitoso – mas não foi para discutir os andamentos da guerra que nos chamou, estou certo?

O príncipe ergue ambas sobrancelhas e encarou o silfo com um olhar congelante. – Está certo sim, Örion Erendon, e imagino que intromissões para ir direto ao assunto assim seja algo aceitável entre seu povo.

Rílkare sentiu sua face corar e o sangue esquentar por causa da fala de Örion.

- Desculpe-me novamente, mas estou apenas preocupado com seu tempo e seus estudos. Para que nossa perturbação dure pouco...

- Entendo, senhor Örion, mas o senhor falha em assumir que a companhia de vocês me seja uma perturbação. Mas enfim, ao ponto, não é mesmo?

Rílkare olhava para baixo, enquanto Eskallurè se divertia com a forma que o príncipe deixava o jovem silfo desconcertado.

Após uma pausa, Kel disse – Chamei-os aqui, por conta da questão não resolvida dos desaparecimentos.

Logo, os olhos de Poul brilharam e deixou escapar – Ótimo.

-Entendo seu interesse. Poul, da vila de Pinnus?

Poul acenou, surpreso por ser reconhecido pela realeza.

- Pois bem, meu bom homem, fui informado de que sua própria esposa encontra-se entre as desaparecidas. E como a guerra já está bem encaminhada é hora de retomar a atenção para esta questão.

- Obrigado, Alteza! Obrigado mesmo! – Agradecia o lenhador com sinceridade.

Kel ergueu a mão – Não é necessário, bom homem. É apenas meu dever como soberano cuidar das aflições do povo.

Poul emocionado, deixou uma lágrima escapar, enxugando-a prontamente.

- Pois bem, meu caro Rílkare, continuemos de nossa última conversa. Quero que você e seus companheiros continuem a investigação, conforme a vontade do Barão Krenov, porém, agora, contando com meu apoio pessoal.

- Será uma honra senhor!

- Ótimo! Quero que cruzem o rio, rumo a Pinnus e viagem além dos bosques verdejantes.

- Além dos bosques? – retrucou Con temeroso.

- Sim rapaz, além dos bosques. Desejo que investiguem a floresta proibida.

- Flo-floresta proibida? – Resmungou Poul.

- Sim, minhas investigações me levam a crer que os responsáveis pelos desaparecimentos estão se aproveitando das crendices e tradições locais e se escondendo na Floresta Proibida.

Rílkare concordou com vibração. – Confrontaremos qualquer perigo Alteza, em seu nome e para o bem do povo de Saubics!

Örion balançou a cabeça negativamente. Sentiu pela primeira vez verdade nas palavras do príncipe. De fato, toda a lógica indicava para algo assim. Para um grupo de criminosos ou raptos, o local perfeito para um esconderijo era a Floresta Proibida. Só restava uma questão: seriam os motivos para que ninguém penetrasse nesta região, por centenas de anos, fossem verdadeiramente justificados por algum grande perigo?

CAPÍTULO 17

A cavalgada até Pinnus foi bastante rápida. Poul e Rílkare fizeram uma breve visita ao chefe da vila para dar notícias da guerra e das investigações. Há alguns meses, após os desaparecimentos, inclusive o de Adria, esposa de Poul, o chefe solicitou a oficiais do reino para que Poul acompanhasse as investigações. As andanças de Poul o levaram aos Krenov e finalmente a Rílkare que assumiu uma das investigações oficiais. Pinnus era uma pequena vila cujo sustento vinha da extração da madeira e coleta de amêndoas e frutos silvestres.

A casa de Poul, como de muitos lenhadores, ficava afastada da área central da vila, morro acima, numa trilha a caminho dos bosques. Chegaram até a casa de Poul, antes de anoitecer. Era pequenina e modesta, mas tinha dois pavimentos. As casas de madeira eram construídas em esquema de mutirão. Con nunca havia visitado Pinnus e outras vilas mais distantes das principais cidades. Ficou impressionado com a qualidade da casa. Boas madeiras, bem cortadas e montadas. O poço d'água também fora parte do esforço da construção da casa. Retiraram água para os cavalos, enquanto um tanto da lenha abrigada num anexo da casa era partida por Poul para alimentar a lareira. O lenhador estava especialmente calado desde que deixaram a casa do chefe da vila. Con ajudou Poul com as madeiras e separou para si, alguns pedaços para entalhar. Voltar ao seu lar trazia memórias de sua esposa e suas emoções variavam entre saudade e raiva.

No chão da entrada da casa, próximo à lareira, havia uma grande pele de urso de pelagem cinzenta.

Enquanto Rílkare e Con se ocupavam de atear fogo para a lareira, Poul mostrava a Öron e Eskallurè a pele de urso.

- Meu pai caçou este urso. – Informou orgulhoso – Ele era um caçador, sabe? Não um lenhador como eu. Os caçadores são muito vivos, muito espertos. Meu pai era muito esperto e tinha boa pontaria. Olha aqui. – Afastou o pelo para indicar o ponto na pele no qual a flecha havia penetrado, na região do pescoço.

Öron apertou os lábios sentido desconforto. Eskallurè riu um pouco de Öron, mas respeitava Poul e certamente seu pai. – Muito boa mira, Poul! Muito boa mesmo.

- Seu Olren? Não tem caçadores no seu povo? Na sua família?

- Poucos. A maioria entre meu povo não come carne, como sabe.

- Mas e as peles? Não sentem frio?

- Sim, sentimos frio, mas há outras maneiras.

- Eu entendo. Quando era criança, tinha pena dos animais. Pedia ao papai para não caçar, mas depois a gente se acostuma. A acaba se acostumando com quase tudo. – Disse Poul com os olhos marejados.

- Vamos Poul. Encontraremos sua esposa. De algum modo, sei que ela não se foi.

As lágrimas rolaram.

Eskallurè inclinou-se sobre Öron e sussurrou em tom ameaçador. – É bom mesmo que a esposa dele esteja viva silfo! Gosto do grandão e se estiver alimentando falsas esperanças para ele vou amassar seu belo nariz.

Öron levantou-se para juntar-se a Rílkare e Con. – Rilks, estou ficando farto do senhor Têbure!

- Não ligue para as provocações dele. Apesar de tudo, ele é um bom soldado.

Con retrucou. – Concorde, mas não podíamos arrumar um outro bom soldado menos encrenqueiro e mal educado?

- No ponto em que estamos, não. Mas vou considerar isto para depois, correto?

Con deu com os ombros e Öron coçou a cabeça. Seguiram em frente para preparar o jantar. Num caldeirão suspenso acima do fogo, prepararam um cozido e em espetos assaram pedaços de carne. As noites eram bem frias naquela região.

Öron teve pesadelos e acordou confuso, por várias vezes, mas o cansaço logo fazia-no dormir novamente.

Con levantou-se cedo, antes do sol sair. Observou o sono inquieto de Öron e em seguida ficou alerta. Ruídos no lado de fora chamaram sua atenção. “*Poderia ser um animal?*” pensava. “*Poderia ser qualquer coisa*”. Aproximou-se da janela que ficava no lado oposto da lareira. Estava bem escuro, mas a luz do braseiro dentro da lareira permitia que caminhasse sem tropeços. Esperava que seus pés descalços contra a madeira, fizessem muito barulho, mas novamente se surpreendia com a qualidade da casa. A madeira do piso nem mesmo rangia. Da janela também vinha uma branda iluminação. Era noite de luas. Duas das menores estavam cheias, próximas do horizonte, enquanto a maioria das demais estavam crescentes, bem alto no céu. Lá fora, pode observar os contornos dos cavalos a dormir.

Por um momento, seus olhos captaram o movimento rápido, do que parecia ser um inseto grande. Um tipo de libélula grande que pairava no ar. Voava em torno dos cavalos, fazendo pausas longas entre um voo e outro. Con franzia o cenho e pensava. “*Aquilo não é um inseto. Não mesmo!*” Seguiu para a porta, girando a pequena trava de madeira e saiu para investigar.

O solo coberto pela grama estava gelado e molhado sob os pés de Con, mas isso não era um problema. Aproximando-se dos cavalos e apesar do escuro, deparou-se com o ser voador. Logo, dois pontos vermelhos se destacaram nos contornos pouco definidos da criatura.

- Quem é? O que quer? – Indagou Con apreensivo.

- Grinda zu greb kin. – A voz da criatura sussurrou diretamente nos ouvidos do guarda.

Este voou para perto mais perto de Con, e ele pode distinguir melhor seus contornos. Eram contornos de um pequeno e magro ser humano. Totalmente escuro e com olhos medonhos que brilhavam como brasas.

- Xô! Xô! – Advertiu Con com um gesto agressivo.

- Xu? Hain Ain! – Veio-lhe o sussurro agudo. Em seguida voou célere para o bosque gritando. – Cá-cá-cá-cá-cá-cá-cá!

Con ainda ouviu os sons emitidos pela criatura por mais algum tempo até que cessasse, sendo encoberto por outros sons da noite. Retornou à casa para buscar uma adaga e permaneceu sentado nos degraus vigiando os arredores.

Mais tarde, ainda antes do alvorecer, escutou movimentação na casa.

- Ué? Não conseguiu dormir, seu Con? – Indagou Poul com a voz sonolenta.

- Dormi sim. Acordei há pouco. Diga-me Poul, costumam aparecer pirilampos e outras criaturas estranhas por aqui?

- Como caça-fogos?

- É... coisas do tipo.

- Hum hum – espreguiçou-se bocejando – Você viu algum.

- Vi sim. Coisa esquisita! Muito esquisita. Até falou comigo...

- Falou? Ué? Falou o que?

- Não entendi nada.

- Ah bom. Acho que o seu Olen ia entender.

- Quem sabe, não é Poul? Vamos, me ajude com os preparativos. Vamos deixar tudo pronto para quando os outros acordarem.

A cavalgada pelos bosques verdejantes foi agradável e revigorante. Öron lembrou-se de seu lar, a floresta de Adrastinn. Os raios do sol atravessando as copas das árvores traçavam belos desenhos no ar e no solo. Ocasionalmente, avistavam cervos, macacos e outros animais. Entre os bosques e a floresta, havia uma campina.

Mais adiante, puderam avistá-la.

Quanto mais próximos da Floresta Proibida, mais ficava evidente o porquê de tantas lendas e superstições. A floresta, parecia demarcada, como se um desenho de contorno tivesse sido feito. Começava de repente, e, suas árvores eram altas e antigas. A coloração da folhas era mais escura e com poucas variações tonais. Muitos cipós e plantas trepadeiras ligavam as copas das árvores e a certa distância a floresta tinha a aparência de um paredão verde sombrio e espesso.

Seu interior era sombrio e os primeiros a sentirem impacto ao entrar na floresta foram Öron e as montarias. Ficaram inquietas e um pouco difícil de serem controladas. Öron sentiu o ambiente como frio trazendo-lhe como reflexo, emoções negativas. A floresta parecia sugerir um caminho entre os troncos grossos que se elevavam como torres. No alto, formava-se um teto de copas densas. O chão era coberto com uma espessa camada de folhas em vários estados. Desde folhas murchas em tons predominantemente marrons, mas com folhas amareladas e avermelhadas aqui e ali. Em alguns pontos nos quais o sol penetrava as folhas secavam, porém a maior parte do solo era coberto por massas de folhas úmidas.

Estranhos sons podiam ser escutados. Pássaros, macacos e outros animais conversavam ao mesmo tempo que o vento fazia as folhas farfalharem, galhos rangerem e as próprias árvores pareciam murmurar. Ao longe, escutaram águas cantando. Seguindo seu canto, chegaram em um clareira iluminada pelo sol, cortada pelo leito rochoso de rio de águas transparentes. Os cavalos tinham sede e fizeram uma pausa para descanso. O rio não era profundo, tão pouco havia fortes corredeiras. Suas águas eram gélidas, mas os cavalos não se recusaram a cruzá-lo.

Após a travessia, depararam-se com o restante da clareira e, mais adiante, uma forma curiosa lhes chamava a atenção.

- Olha lá seu Olren. Aquele tronco até parece um homem sentado.

Havia de fato, algo que lembrava um toco de árvore cinzento mais adiante. Havia um detalhe em especial: saía dele um pouco de fumaça.

- Não me parece um tronco Poul. – retrucou Öron com dificuldades para identificar a figura.

- Tronco ou não, acabou de se mover. – Informou Con. – Vamos ver o que é.

Ao chegar mais perto, percebiam o delineamento da figura com mais clareza. Com a proximidade, parecia agigantar-se. Finalmente, puderam distinguir uma face, coberta por musgo e úmida. Tinha olhos amarelados que olhavam para o céu em contemplação. A fumaça vinha de uma espécie de cachimbo que segurava com sua mãozorra.

Após exame detalhado Öron sentenciou – Acredito que é um Tardo da Floresta.

- Tardo? Isso existe? – resmungou Eskallurè.

- Ah sim, é um dos quais vocês chamam de inumanos.

O mercenário torceu a face – Óbvio, mas ele é hostil?

- Seus olhos parecem inteligentes. Talvez ele fale conosco. – Sugeriu Rílkare. – Vamos lá mais perto.

- Não fala sério? – Reclamou Eskallurè.

Örion não podia deixar passar a oportunidade – Por acaso está com medo?

- Medo? Eu? Há, olha quem fala...

Örion desmontou, avançou e anunciou – Eu vou lá.

Com e Rílkare decidiram acompanhá-lo, enquanto Poul e Eskallurè ficaram para trás com as montarias. Com cautela, o grupo chegou a pouca distância do Tardo. Örion, seguindo à frente, fez contato. – Olá? Olá senhor Tardo.

A criatura moveu-se devagar, abaixando a cabeça para observar o grupo. Tragou do cachimbo e expirou uma boa leva de fumaça. O cheiro da erva que fumava era forte e desagradável.

Com tom polido, mas com sotaque carregado falou em Saubiquense – Meu nome é Nergon. O que querem nestas terras?

Olhavam-no de baixo para cima, e o medo de uma reação negativa diminuiu um pouco após as palavras brandas do gigantesco Tardo. Sentado, era mais alto até mesmo que Poul. Ao falar, seus dentes amarelados e tortos podiam ser vistos, contornados por lábios carnudos e cinzentos. A língua era marrom escura e o fundo da boca negro. Tinha um enorme nariz e das narinas saiam tufos de cabelos negros e grossos misturados com musgo. Os olhos amarelos eram cortados por padrões radiais avermelhados e a parte branca dos olhos aparecia timidamente nos cantos. As sobrancelhas eram volumosas e podiam até ser penteadas, e, também estavam mescladas com musgo e algo parecido com pólen branco.

- Senhor Nergon, sou Rílkare Krenov. Estamos, é... hum... – Rílkare ia falar sobre os desaparecimentos, mas lhe ocorreu que a criatura poderia estar envolvida, ou mesmo, ser a responsável.

- O que querem? – O Tardo foi mais ríspido, como se estivesse perdendo a paciência.

Örion veio ao socorro de Rílkare – A propósito, sou Örion Erendon. Pode nos ajudar? Temos perguntas?

O Tardo sugou o cachimbo com intensidade e retrucou soprando a fumaça acima da cabeça do jovem silfo – Perguntas, você diz... É Erendon?

- Sim. – Tossiu duas vezes e prosseguiu – Notou forasteiros entrando e saindo da floresta nos últimos tempos?

- Forasteiros, como vocês, você diz?

- Sim, mas também qualquer um que não é destas bandas.

- Com certeza. Muito movimento. E... se eu fosse vocês, dava meia volta e saía daqui enquanto podem carregar suas vidas.

Con sentiu um calafrio. Passava em sua cabeça que se o Tardo resolvesse entrar numa luta, estariam mortos. – Nos aconselha a não seguir em frente? É isso que quis dizer?

- Sim, isso que quis dizer pequenino. Estou velho demais para ficar brigando aqui e ali, sem um motivo maior. Algum de meus irmãos mais jovens já os teria devorado, é claro.

- O que há adiante? – quis sabe Rílkare.

- Se quiser saber, vá verificar. Mas não reclame por não ter sido prevenido.

Surgiu, como do nada, um pequeno ser voador. Era da altura de uma garrafa, porém bem mais magro. Suas asas não podiam ser vistas, pois batiam numa velocidade incrível, como as de um besouro. Foi diretamente ao ouvido de Nergon e cochichou algo.

- Hum. Ah é? Huumm... Hou. Rã-rã. – Nergon escutava com interesse.

Örion aguardou o fim do relato e perguntou – E este, quem é?

- Cretàh. Cretàh é meu nome.

Con observou o pequenino com atenção. Este aproximou-se e gritou sinalizando, imitando a voz de Con – Xô! Xô! – Fez uma pausa e gargalhou irritante – Cá-cá-cá-cá-cá...

Tratava-se de uma espécie de fada, de feições angulosas e tom de pele escura. Tinha cabelos espetados, grossos como as cerdas de uma vassoura. Seus pequenos olhos vermelhos não chegavam a brilhar como haviam brilhado no escuro. Seu sorriso ora era maroto, ora malicioso. Mas sempre sorria, mostrando dentinhos pequenos e pontiagudos. Tinha sobre o corpo, uma vestimenta que parecia ser feita de minúsculas plantas vivas e entrelaçadas, como uma trepadeira.

- Dê-nos algum ouro, e responderemos mais perguntas – sugeriu o pequenino.

Rílkare mostrou algumas moedas. E Cretàh voou a seu redor ziguezagueando.

- Ora, ora! Ouro! – vibrou o pequenino.

- Sabem sobre raptos de humanos?

Nergon acenou com a cabeça. – Sei quem poderá lhes responder, mas como disse, não recomendo procurá-la.

- Procurá-la? Quem?

- Ardívilla. Cretàh me disse que ela está rio abaixo, nas margens do lago negro.

Rílkare curvou-se e disse – Agradecemos a ajuda de vocês dois, Nergon e Cretàh.

- Que tenham sorte em sua busca. – replicou o grandalhão.

- Obrigado – disse Öron.

- Muita sorte! Cá-cá-cá! Muita cá-cá-cá sorte! – repetia o serzinho zombeteiro.

Logo subiram em suas montarias.

- E então? O que disseram? – disse Eskallurè.

- Depois explicamos. Vamos rápido, rio abaixo! Ligeiro para retornarmos antes do anoitecer.

A cavalgada rápida animou um pouco a viagem. Logo penetraram nas partes densas da floresta. Não muito longe de onde encontraram as duas curiosas criaturas da floresta, puderam ouvir uma bela melodia. Havia um instrumento de cordas acompanhado por uma voz suave e graciosa. Cantava uma canção sombria e pesarosa que parecia expressar um profundo desgosto ou desengano.

- Será que é a tal Ardívilla? – perguntou Rílkare.

- Sim, suponho que sim. Ela tem uma voz muito bonita, não acham?

Con acenava com a cabeça – Verdade, mas não entendo o que canta.

- Ela canta o antigo sílfico. Aprendi um pouco com meu avô.

- Uma das suas? Eu já devia saber que esses raptos só podiam se coisa de sílfos mesmo.

Öron olhou furioso para Eskallurè.

- O que diz a canção, seu Olen?

- É um pouco difícil de traduzir. Fala sobre o amor. Um amor impossível, um amor interrompido, um amor à guerra. Sangue e outras coisas mais. Na realidade, essa canção está me dando arrepios. Que terrível uso para as palavras!

- Preparem-se então. Pois deve sobre algo terrível que Nergon nos preveniu. Entre as informações de que precisamos e nossas vidas, não hesitem em escolher nossas vidas, certo?

- O que, seu Rílkare?

- É o seguinte Poul, se houver uma luta, será para valer. Capturar prisioneiros para ter informações poderá não ser possível, entende?

- Certo, para cair matando.

- Isso. Vamos adiante.

Aproximaram-se do lago, mas não havia uma clareira como esperavam. O lago era na realidade uma área inundada entre as árvores, e, nesta parte as copas pareciam mais densas, deixando o local todo sob penumbra. Logo puderam ver quem cantava. Havia uma rocha grande e escura, de superfície lisa e lustrosa, parcialmente coberta de lodo, que emergia das proximidades da margem. No alto estava, como se pousasse para um pintor, a bela Ardívilla. A visão de uma linda mulher, ou melhor, silfa, deixou os cinco um pouco atordoados. Diferente das mulheres de Saubics e das damas da floresta de Adrastinn, Ardívilla usava poucas roupas. Suas pernas estavam nuas e utilizava um saiote curto, de tecido rubro e escuro. O peitoral estava coberto por um corpete de couro rígido tingido de um vermelho vibrante. Usava botas do mesmo couro tingido. Seus cabelos eram louros, compridos, finos e pareciam ser leves. O tom dos lábios era de um vermelho intenso e usava fortes pinturas no rosto, com os olhos ressaltados por uma sombra púrpura. Seu rosto era bastante simétrico e delineado com traços finos e delicados. Apoiava na pedra a harpa que tocava com dedos delicados. Atrás de si, as águas escuras e quietas do lago negro. Logo à frente, toda sua imagem podia ser vista refletida, com perfeição nas águas turvas, mas quietas.

- Tanta falação por causa de uma mulherzinha tocadora de harpa? – comentou Eskallurè num tom baixo.

- Quietos! Ela deve ser uma feiticeira poderosa.

Ardívilla tocou as últimas notas de sua melodia e disse – O rapaz tem razão. E você um dia vai morrer por causa dessa sua língua grande.

- Ela também fala nossa língua – deixou escapar Con.

- Desculpe-nos incomodá-la, mas falamos com Nergon e ele nos disse que poderia responder...

- Nergon? Aquele Tardo velho e inútil... Nem devia ter deixado vocês passarem... Quanto mais, dizer onde me encontrar.

- Pode nos respon...

- Eis a única resposta que terão aqui. – Neste momento a água do lago começou a borbulhar. Emergiram cabeças e depois corpos. Homens e mulheres pútridos, alguns sem olhos, outros sem pele. Brancos, mas de tez azulada pela morte, outros com a carne exposta e escurecida. Ela

completou – É ver o que acontece depois da vida! Há há há há há!

-Credo! – exclamou Poul. – São defuntos.

Örion sentiu-se enjoado e tonto. O cheiro era terrível. Os cavalos reagiram muito mal, empinando e dando coices. O primeiro a cair foi Örion. Rílkare saltou para acodí-lo. Os demais logo souberam que não teriam vantagem em lutar montados com seus cavalos tão agitados. Dezenas de mortos-vivos saíam da água, enquanto a necromante divertia-se com o atabalhoamento de Rílkare e seus companheiros.

Poul, instintivamente, atacou o primeiro morto-vivo com seu machado, separando a cabeça do corpo. Con dava estocadas consecutivas em uma morta que caminhava em sua direção sem muito efeito além de fazer vazar água escura dos ferimentos.

Örion segurava o vômito no alto da garganta e era acobertado por Rílkare, enquanto Eskallurè seguia os passos de Poul atacando o pescoço das criaturas. Uma espadada de Eskallurè não foi suficiente para separa a cabeça do corpo. Com a cabeça suspensa por um fio, o morto segurou o braço do mercenário com uma força que o fez gemer.

-Arrgh! Eles são muito fortes.

Poul veio ao socorro de Eskallurè arrancando a perna da criatura que tombou, sem largar o braço do mercenário.

-Droga Poul, tira ele de mim!

Poul cortou o braço da criatura fora e Eskallurè recuou.

Örion concentrava-se ao máximo para convocar uma forte brisa. Assim que o vento começou a soprar, o odor desagradável foi diminuindo. O próximo passo era acalmar os animais.

-Rilks. Segure-os por uns momentos. Vou tentar chamar e acalmar os cavalos.

- Segurar Örion? Ai! – o contrário justamente acontecia. Um dos mortos segurava Rílkare apertando com muita força. Con lançou uma adaga com perfeição penetrando o crânio através do olho direito. De imediato, o morto tombou.

-Pelos Deuses, Rílkare, acerte a cabeça! – Alertou o guarda.

A situação piorava. Mais mortos surgiam e se aglomeravam. Por mais que Poul derrubasse um a cada instante, dois ou três tomavam seu lugar.

- Agora! Vamos! – gritou Örion enquanto aos cavalos vinham ao encontro deles num galope rápido.

Zitrehidel praticamente colocou Örion em seu lombo baixando a cabeça e depois erguendo-a. Rílkare subiu em Ferro-em-brasa com facilidade. Con e Eskallurè

subiram, mas Poul estava em pior situação. Sua montaria sob o comando de Öron ajudou, desferindo uma série de coices furiosos contra a multidão de mortos que o rodeavam. Poul montou, mas em seguida um morto agarrou sua perna e deu nela uma boa mordida.

- Desgraçado! – urrou Poul enquanto preparava o golpe de seu machado certeiro contra o crânio da criatura. Com o crânio partido em dois, o morto afrouxou a pegada. Com isso o cavalo pode partir para junto dos demais.

- Que foi aquilo!! – exclamou Eskallurè

- A mulherzinha tocando harpa – zombou Öron.

- Ela que enlouqueceu os cavalos? – quis saber Con.

- Foi. Da mesma forma que depois eu os convoquei. – respondeu Öron.

- Vamos dar o fora daqui antes que nos alcancem. – disse Rílkare intensificando o ritmo da cavalgada.

CAPÍTULO 18

Muitas bolhas, irritações e pus manifestavam-se ao redor da mordida recebida por Poul. Era um ferimento bem feioso. Ele suava sem parar e ardia de febre. Em seus delírios chamava pelo nome da esposa.

Con e Eskallurè ajudavam o curandeiro de Pinnus com suas tarefas, recolher ervas frescas e preparar chás, ao mesmo tempo em que vigiavam os arredores da casa de Poul. Estavam preocupados. Poderiam ter sido seguidos. Con sabia que Cretàh saberia onde estariam. Mas tinha dúvidas sobre a criatura ser colaboradora da terrível Ardívilla. O clima em Pinnus não era nada bom, pois mais um rapto ocorreu, justamente na noite em que Rílkare esteve com o chefe da vila. Muitos ligavam o rapto à presença do nobre e seus companheiros forasteiros.

- Se aquela mulher não estiver envolvida nestes raptos, não sei quem estaria. – comentou Con.

O mercenário fez uma careta – Concordo Condarillo, aquilo foi muito sinistro.

- Será que as mulheres são raptadas para serem transformadas naquelas criaturas?

- Não sei. Se fossem apenas mulheres mortas lá no lago... Pensando bem, havia mais corpos de homens que de mulheres, não acha?

- É verdade.

- O Poul está mal mesmo. – comentou Eskallurè cabisbaixo. Con apenas acenou concordando.

O mercenário prosseguiu – Ele foi muito bravo. Nos salvou daquelas coisas. Me salvou.

- Ele e o Örion.

Eskallurè balançava a cabeça negativamente. – Bah! Que nada! Se ele não tivesse caído, teríamos dado o fora.

- Não sei, os cavalos...

Eskallurè retrucou rancoroso – Deixe de bobagens Condarillo! Os cavalos só se assustaram um pouco, assim como todos nós. Aquele *silfozinho fracote* que nos colocou em problemas. Ficou enjoado e caiu. Depois *o nobre* Krenov teve que ir a seu socorro. Nosso trabalho era proteger Krenov. Eu não caí. Eu *desci*, entendido? Um cavalo nervoso não me derruba assim tão fácil. No fim, era mais que a obrigação do moleque ajudar a reverter a situação, assim como todos nós fizemos.

Con suspirou e deu com os ombros. Levantou-se e disse – Vou ver se o curandeiro precisa de mais alguma coisa.

Os irmãos, Zitrehidel e Ferro-em-brasa, agora podiam cavalgar a todo pique. Eram cavalos mais velozes e robustos que os criados em Saubics. Para eles não havia prazer maior que cavalgar livremente pelas campinas, sentindo o vento e a simples alegria da velocidade. Em alguns momentos, Rílkare chegava a temer que caíssem, pois cavalgavam num galope muito veloz. Neste ritmo, chegariam à floresta de Adrastinn antes do anoitecer.

A velha fazenda dos Krenov estava no caminho e Rílkare queria ver seus parentes. Foram recebidos pelo encarregado, Jonas Ulik e logo fizeram uma rápida refeição com sua cunhada, Senhora Alia, e seu sobrinho, Reesdi. Öron deixou a casa para fazer companhia aos cavalos e dar um tempo para Rílkare e sua família. Os três despediam-se, no rol de entrada. O menino estava bem vestido para alguém que vivia no campo, assim como sua mãe, que gostava de usar vestidos escuros e sóbrios.

- Eu já disse Reesdi, você está cansando seu tio com tantas perguntas.

- Mas mãe!

- Tudo bem Alia, eu entendo a curiosidade dele. Deixe-me responder mais esta pergunta, certo? – Voltou-se para o sobrinho que tinha apenas quatorze anos e disse – Quando houver mais tempo, voltarei para conversarmos por mais tempo, está bem Reesdi?

O menino deu com os ombros um pouco desapontado – certo.

- Então escute bem. Quero que entenda que a guerra não é nada bonita. Espero que, em breve, cheguemos a um termo com os aldancarianos, e que você tenha sorte de tornar-se adulto em tempos de paz.

- Mas eu queria poder ajudar...

- Por hora, você ajuda ficando aqui e protegendo sua mãe.

O menino cruzou os braços. E decepcionado disse. – Está bem...

- Ainda parece preocupado Rílkare? Podemos ajudar em algo? – quis saber Alia.

- Já ajudaram. Vir até aqui já me fez melhorar um pouco. Estes dias tem sido muito difíceis. Agora, vamos até Adrastinn buscar ajuda.

- Para a guerra?

- Não. A questão dos raptos. Não temos certeza, mas acreditamos ter localizado os responsáveis.

- Verdade? Quem? – Alia segurou no braço de Rílkare, curiosa.

- Melhor não comentarmos a este respeito sem haver certeza.
- Entendo. – Ela recuou.
- Quero lhe pedir um favor.
- Claro.
- Esta carta. Preciso que seja entregue ao príncipe Tarin, porém, somente no caso de acontecer-me algo.
- Acontecer algo? O que quer dizer?
- Alia, você sabe, estamos em guerra. Estamos correndo riscos...
Alia segurou a carta e as mãos de Rílkare – Combinado. Então guardo esta carta para devolver-lhe em mãos, tão logo os tempos melhorarem. – Seus olhos se encheram de lágrimas e aproximou-se para falar-lhe sem que seu filho escutasse – Tome cuidado Rílkare, Reesdi precisa de você. Você é como um segundo pai para ele.
Rílkare beijou o rosto da viúva e disse – Vou me lembrar disso.
Abraçou o sobrinho erguendo no alto. – Até a próxima Reesdi!
- Tchau, tio Rilks!

A floresta de Adrastinn era esplendorosa. Suas paisagens deixavam Rílkare estonteado. Öron sentia-se aliviado de estar voltando ao lar depois de tantas experiências difíceis. Estava ansioso para ver seu avô e os demais. Apesar de gostar muito de todos de sua terra, sentia ligação especial com seu avô, que era para ele como pai e mãe. Muitos de sua aldeia mantinham certa distância dele. Seu avô explicava que era por causa de sua mãe ter morrido após o parto. Ela era muito querida por todos e de alguma forma, apesar de não admitirem, culpavam Öron pelo falecimento da mãe. Mas no fim, isso não era um grande problema, Öron já era um adulto agora e teve a vida toda para habituar-se ao comportamento às vezes um pouco frio, de todos da aldeia em relação a ele.

Chegavam à aldeia que não era maior que uma pequena vila, como Pinnus. Rílkare se perguntava quantos silfos habitavam o local. Duzentos? Trezentos? As construções, se é que assim podiam ser chamadas, eram muito diferentes das humanas. Era possível reconhecer estruturas que lembravam casas... Acompanhavam os troncos das árvores, integradas de maneira quase natural. Algumas delas pareciam desequilibradas, sem sustentações suficientes, prontas para cair com o peso dos habitantes.

Enfim, estavam entre os silfos de Adrastinn. Já de cara, Öron começou a ouvir comentários negativos, em sílfico, que Rílkare não podia compreender.

- Como pode trazer um humano até nossa aldeia sem nos consultar?

Outro disse – Típico! Que desrespeito à nossa segurança e privacidade. Quando é que você vai aprender a se comportar como um de nós?

- Tolo! Você é só problemas! – disse um velho silfo.

- Ele vai acabar trazendo problemas para nosso povo, pode saber disso.

- Se tivessem feito como eu disse, há anos, não teríamos esses problemas agora.

Örion baixava a cabeça e pedia desculpas, seguindo para a moradia de seu avô.

- O que estão dizendo? – quis saber Rílkare.

- São um tipo de boas-vindas... – mentiu Örion.

- Muito estranhas, eu diria. Mas vai entender? O comportamento dos silfos...

- Na realidade... – Örion sentia-se desconfortável mentindo, em especial para seu amigo – não estão muito felizes em me ver.

- Mesmo? Você fez algo de errado?

- Talvez, ir me misturar com os humanos seja uma boa explicação, mas às vezes acho que é algo que independe das minhas ações. Como se eu fosse errado. Errado por natureza.

- Sinto muito, eu não sabia...

- Mas não ligue para eles – disse enquanto cavalgavam calmamente entre dezenas de maus olhares, comentários rancorosos e algumas caras feias. – Espere só até conhecer meu avô!

Os comentários negativos cessaram com a chegada o ancião, Iot Evos Erendon.

- Örion! Örion! Meu rapaz!

- Vovô! – Örion pulou de Zitrehidel com a agilidade sílfica, quase acrobática, para dar um caloroso abraço em seu avô.

- Deixe-me ver seus olhos. – Iot Evos, ficou sério – Vejo que passou por muitas dificuldades. Örion apenas confirmou com um aceno.

Rílkare desmontou e aproximou-se deles.

- Você trouxe seu amigo, não foi? – Olhou para o neto com olhar desaprovador, mas depois sorriu. – Tudo bem, eu confio em seu julgamento.

Örion sorriu e introduziu o amigo em saubiquense. – Vovô, este é Rílkare Krenov.

O ancião respondeu na língua humana, estendendo-lhe a mão, também conforme

o costume humano – Então, enfim, estou a conhecer o famoso Rílkare Krenov. É mesmo muito parecido com seu pai, meu rapaz.

Rílkare sorriu com seus dentes separados, que causariam estranhamento entre os silfos, todos com dentição muito correta e sorrisos perfeitos. Mas logo ganhou a simpatia de Iot Erendon. – É muita honra conhecê-lo, senhor Erendon.

-Entendo porque Öron é seu amigo – revelou Iot Evos – Vejo pelo seu olhar que é um rapaz de bom coração.

Rílkare olhava para os olhos esverdeados de Iot Evos, reconhecendo neles serenidade e simpatia. O ancião vestia um manto branco por sobre as roupas que tinha uma branda luminescência, algo que deixou Rílkare surpreso.

Öron observou, com uma ponta de tristeza, enquanto todos os demais retornavam a seus afazeres. Alguns ainda demonstrando insatisfação com sua chegada. Pensando melhor no assunto, via que eles tinham razão. Ter trazido um humano era muito ruim no ponto de vista deles, mas, isso por que não conheciam Rílkare. Ao mesmo tempo, lembrou-se de tipos como Eskallurè, lembrou-se da guerra e sentiu que, no fundo, eles todos tinham a razão.

- Vamos Öron! – Ordenou o avô – Pare de sonhar acordado e vamos entrar. Há um bom chá nos esperando e temos muito que conversar.

A noite na aldeia era serena. Do alto, era possível observar as janelas aproximadamente ovais das demais moradias com suas luzes brancas e esverdeadas. Rílkare sentia-se muito bem na sala de Iot Evos sentindo conforto maior que sentiria no castelo de seu pai em Balish. Öron lia com avidez um livro emprestado de seu avô. Abaixo, Rílkare podia ver o velho Iot argumentando com dois outros silfos. Um deles parecia ser uma moça, mas não tinha certeza, pois vestia um manto que lhe cobria a face e boa parte do corpo. Poderia também ser um jovem imaturo.

Os argumentos eram em sílfico e mesmo que pudesse escutar com clareza, Rílkare não entenderia.

O ancião disse – Veja, meu caro Keledrel, não é pela razão que peço que construa seu julgamento.

-Desculpe-me Iot, mas tão pouco sinto que devemos ajudá-los.

-Vejam por outro ângulo Keledrel. A jovem Irscha já concordou que a doença que aflige o outro amigo de Öron, não poderá ser curada pelos meios dos humanos.

- Sim, mas não vejo relação com violarmos nossas tradições – disse o silfo Keledrel com o cenho levemente franzido. Não era alguém que

mostrava pela expressão a totalidade de seus sentimentos e opiniões. Tinha feições delicadas como a grande maioria dos silfos, porém seu corpo era um tanto mais robusto, sendo possível observar os músculos delineados. Gostava de passar nos seus cabelos negros, uma seiva que o deixava lustroso e volumoso com pontas na parte posterior da cabeça. Algo que era um costume entre os guardiões da comunidade.

A jovem silfa, que tinha cabelos e olhos castanhos amarelados, argumentou com voz gentil – As tradições têm um motivo para existir, mas não devemos nos prender a elas. Ou seremos escravos destas? Será que não temos escolha?

Iot insistiu – Keledrel, Irscha já concordou em acompanhar Öron para acudir o enfermo.

-Muito bem, já disse que não me oponho.

Iot sorriu. – Ótimo, então, conforme seu dever de guardião, peço que escolte e proteja nossos familiares, Öron e Irscha em sua jornada até Pinnus.

-Se imagina que é necessário...

-Sim, não imagino meu rapaz, eu sei.

-Novamente peço desculpas por não ver e concordar com seu ponto de vista, mas continuo contra escoltá-los adentro da velha floresta. Além de ser fora de nossos limites é um lugar perigoso.

-Entenda, é justamente por causa de tais perigos que gostaria que os acompanhasse. Mas como não posso forçá-lo, quero pedir-lhe apenas como um favor.

-É claro.

-Acompanhe-os, observe, aprenda e depois, conforme seu julgamento, tome a decisão se os ajudará, ou não.

-Combinado. Posso lhe pedir um favor em troca?

Irscha riu e disse – Olha quem vem falando de tradições...

-Irscha, por favor. – Iot chamou a atenção da moça e voltou-se para Keledrel – Isso não é usual, mas aceito.

-Permita-me questionar as decisões que o conselho tomou em relação ao jovem Öron. E neste ponto, o favor. Que o senhor reveja se suas opiniões não estariam influenciadas pelos seus laços sanguíneos com o rapaz.

-Keledrel! – exclamou Irscha escandalizada.

-Está bem, Irscha. Não se preocupe. – pediu Iot Evos. – Apesar da

indelicadeza do guardião Keledrel, eu compreendo o que se passa em sua mente. Já fui mais jovem e compreendo.

- Desculpe-me novamente, Iot, mas digo o que está na minha mente para libertar meu coração das dúvidas.

- Está desculpado, meu rapaz. Não devia, mas vou revelar-lhes algo que não sabem. Algo que somente os membros do conselho estão cientes, porém devo advertir, o peso deste conhecimento poderá se depositar em vossos corações. É algo que poderá perturbá-los, portanto, pergunto aos dois, querem mesmo saber?

Keledrel respondeu com firmeza – Sem dúvida.

Irscha hesitou, demonstrando um pouco de nervosismo.

- Irscha – disse Keledrel – Não fique. Isso é um assunto que eu levantei, não quero que seu equilíbrio...

- Não Keledrel, considerando que acompanharei o jovem Öron, também desejo saber. Quanto a meu equilíbrio, apesar de não ser uma guardiã, sei bem me cuidar, assim como você.

- Muito bem, vocês dois e agora, não é um favor que lhes peço, convoco minha autoridade de conselheiro, sob pena de exílio, a não revelarem aos demais o que vou lhes contar.

- Aceito o encargo, conselheiro Iot Evos. – declarou Keledrel.

- Eu também aceito. – disse Irscha.

Iot Evos olhou-os com compaixão nos olhos e suspirou. – Enfim, acho que contar a mais alguém, fará bem ao meu coração envelhecido.

CAPÍTULO 19

Con estava muito triste e tentava entender o porquê. Conhecia o lenhador, Poul, há pouco tempo, questão de meses. Ainda assim, quando o curandeiro deixou a casa e informou que Poul não sobreviveria mais àquela noite, sentiu seu coração encolher. Não eram amigos de longa data, mas admirava Poul por sua simplicidade e sinceridade. Não havia muitos homens assim. Ao receber as mesmas notícias, Eskallurè ficou irritado e resolveu sair para cavalgar.

Entardecia e da casa de Poul era possível ver a pequena Pinnus abaixo. A casa ficava numa colina suave, e de lá também era possível ver o rio Viran e mais ao longe a capital Saubic.

Logo sua melancolia foi substituída por interesse. Avistou quatro figuras montadas subindo a trilha. Reconheceu dois entre o grupo, um era Öron, o outro seu patrão, Rílkare. Exceto pelo cavalo de Rílkare, os demais não estavam selados.

Pouco depois, Öron anunciava – Con estes são Keledrel e Irscha.

Con cumprimentou-os à maneira dos silfos, sem contato físico e disse – Sou Condarillo deCrown, mas podem me chamar de Con.

-Como está Poul? – indagou Rílkare preocupado.

Con ficou cabisbaixo e pressionou os lábios. – Ainda vive, mas sua condição tem piorado.

O nobre se animou – Ótimo! Então chegamos a tempo.

-Vamos entrar – sugeriu o guarda.

Poul estava inconsciente, pálido e suava muito. Suas mãos tremiam e tinha o ferimento na perna coberto por um pano branco que absorvera líquido e pus com uma mancha amarelada em seu centro.

Irscha sentou-se na beirada da cama e com movimentos delicados retirou o pano que cobria o ferimento. A ferida tinha péssima aparência e parecia pulsar. De sua bolsa, retirou um frasco que continha um líquido transparente verde-escuro. Derramou sobre o ferimento e imediatamente houve uma reação. Em contato com o ferimento o líquido tornava-se branco e borbulhava. Poul contraiu alguns músculos e fez uma careta, porém sem despertar. Ela seguia o tratamento e enquanto isso, era observada pelos demais.

Keledrel, olhou para o enfermo apenas por uns momentos e logo perdeu interesse, estudando a casa e seus objetos. Con observava os detalhes do que ela fazia, enquanto Öron, observava as mãos, os braços e o rosto de Irscha. Era muito jovem, e apesar de ter o dobro de sua idade, era considerada ainda como jovem adulta na comunidade. Öron, era o mais novo de todos e depois de seu nascimento,

nenhum outro havia ocorrido. Era comum não nascer um silfo por mais de cem anos. Rílkare observava a cena toda um pouco distraído até que os sons de Eskallurè e sua montaria chamaram sua atenção. Deixou a casa para encontrar-se com o mercenário.

Örion ficou um pouco tenso com a chegada do mercenário, e surpreendeu-se ao ver que ele tratou Keledrel e Irscha com respeito. Nenhum sinal de seu desrespeito e arrogância. Seria algo pessoal contra ele?

Mais tarde, o clima na casa tornou-se menos solene. A lareira acesa aquecia o jantar enquanto Irscha escutava atenta as histórias que Örion e Rílkare contavam sobre a guerra, os desaparecimentos e sobre a Floresta Proibida. Keledrel ficava sempre muito quieto, e quase não falava, exceto quando lhe faziam uma pergunta direta, que ele sempre respondia da forma mais breve, procurando não estender nenhum assunto.

Con ajudava Poul a se alimentar, estava fraco, mas reganhara a consciência. Irscha explicou a Con que ele ficaria bom em um ou dois dias, deixando o guarda impressionado com os conhecimentos e habilidades dos silfos nas artes curativas. Con perguntara se ela havia utilizado energias mágicas no processo de cura. A resposta dela, repetia-se em sua mente *“As energias estão sempre presentes e são unas. Não há barreiras para separá-las, apenas a mente que as separa com sua necessidade de dar nome às coisas”*. Era algo que estava prestes a compreender, mas de algum modo a resposta que sua própria mente dava era insatisfatória.

A noite avançava e logo uns e outros se preparavam para dormir. Conforme o tempo avançava, Rílkare ficava mais fora da conversa que predominava entre Örion e Irscha. Rílkare recolheu-se e os dois silfos perceberam que apenas eles estavam despertos e conversando. Não estavam cansados e queriam conversar mais. Enrolaram-se em mantas e saíram da casa carregando lanternas de fogo e óleo. Penduraram as lanternas em ganchos na frente da casa e sentaram-se nos degraus de madeira.

- Sabe Örion, acho que estou começando me sentir como você. – comentou Irscha descontraída.

Örion sentiu uma pontada no estômago e não soube o que responder. Olhou-a nos olhos e engoliu seco.

Como ele nada disse, ela prosseguiu – Você sabe, essa sensação de sair do casulo e conhecer o mundo. Ver lugares diferentes. Esse espírito de aventuras.

Örion suspirou, decepcionado e aliviado ao mesmo tempo. Seus sentimentos eram conflitantes e confusos. – É verdade. Acho que os outros não compreendem isso.

- Talvez por serem mais velhos e experientes não sintam mais essa necessidade.

- São todas essas tradições... Somos um povo recolhido e egoísta, que não participa de nada que ocorre no mundo.

- Não vejo assim. Eu acredito nas tradições, quero dizer, pelo menos boa parte delas faz sentido. Elas nos ajudam a ter vidas simples, felizes e harmoniosas.

- Eu não sinto que minha vida é muito feliz e harmoniosa – retrucou Öron melancólico.

- E você por acaso segue as tradições? Ao menos acredita nelas?

- Entendo o que quer dizer. Tudo bem. Não sigo as tradições, não sou herdeiro de toda nossa cultura milenar. Eu concordo. Mas ao menos, não fico parado, escondido em nosso santuário verde, enquanto há outros aqui fora precisando de ajuda.

- Talvez, nosso povo tenha se isolado por tempo demais. Nem mesmo temos contatos com outros clãs. Dizem que todos os demais se tornaram degenerados. Que escravizam os humanos e até praticam magia das trevas.

- É por isso que os humanos nos odeiam, ou pelo menos, por isso que são tão desconfiados. No fundo, não lhes tiro a razão. Mesmo assim – lágrimas encheram os olhos de Öron – cada vez mais, sinto que meu lugar é entre os humanos. Eu venho pensando em deixar o clã, definitivamente.

Irscha encheu-se de compaixão e tocou Öron nos ombros – Não diga uma coisa destas Öron. Seu lugar é conosco, você só tem que descobrir seu caminho.

Öron não conteve as lágrimas, que simplesmente escorreram pesadas pela face. – Não é isso que sinto. Acho que todos ficariam mais felizes e aliviados se eu partisse.

- Öron, olhe para mim. – pediu Irscha. Seus olhares se cruzaram, e novamente Öron sentiu seu estômago embrulhando. – Eu não vou ficar mais feliz se você se for. Um dia apenas junto de você foi o suficiente para perceber o quanto é nobre e o quanto se sacrifica. Entendo agora o que me disse seu avô. Entendo e estarei a seu lado para te apoiar. – Aproximou-se dando um forte abraço. Ambos choraram e foi um momento que nunca mais se esqueceriam. Naquele momento, entregavam seus corações e profundos sentimentos um ao outro pela primeira vez. E a partir de um simples abraço, beijos apaixonados. Abria-se ali, nos degraus da casa de Poul, o caminho para um profundo relacionamento. Eventos assim eram incomuns de ocorrer entre os silfos, assim como os nascimentos, um a

cada centena de anos.

Logo cedo, Con e Öron desceram até Pinnus para buscar suprimentos. Decorreram dois dias, desde que Poul recebeu os primeiros tratamentos de Irscha e agora, já estava plenamente recuperado. Pretendiam partir em breve para prosseguir com as investigações. Chovia e Öron e Con se tentavam se proteger com capas de couro.

- Está tudo certo, Con?

- Sim Öron, todos os suprimentos de que vamos precisar estão na montaria.

- Ótimo, vamos voltar então. Partiremos logo mais.

Con parecia preocupado – Antes disso, queria discutir um assunto com você Öron.

- O que é?

- Sobre Rílkare. Ontem tentei conversar a respeito da situação política. A questão da coroa.

- Entendo.

- Sabe como estivemos cogitando aquelas possibilidades... Sobre Kel.

- Nem me fale. Não dá para falar deste assunto. Ele simplesmente não escuta.

- Fiquei com a mesma impressão. Suponho que se não escuta você, que é seu amigo, meu esforços para fazê-lo pensar no assunto também não surtirão efeito.

- Ele não vai ouvir. – disse Öron balançando a cabeça – Temos de aguardar e ver o que acontece. Enquanto isso, há muito a fazer. Acho que é hora de obtermos informações para colocar um fim nesta história de raptos.

- Outra coisa. Eskallurè...

- O que tem?

- Seu comportamento está estranho, não acha? Acha possível que algo lhe tenha acontecido?

- Con, meu caro, sua cabeça está mesmo sempre a buscar novos mistérios, não é mesmo?

Con deu com os ombros.

Örion prosseguiu – Neste caso, é um mistério menor, diria eu. Também estranhei sua súbita mudança de comportamento nestes últimos dias.

-E o que descobriu.

-É mais simples do que parece. Rilks descobriu a linguagem adequada para falar com ele: dinheiro! Ele disse teria penalidades em seu pagamento para cada insulto, ou maus-tratos em relação ao grupo, e receberia um bônus caso se comportasse.

-Essa é boa! Será que eu deveria pedir a Rílkare um bônus por ser bem comportado?

-Melhor não comentar isso.

-Não se preocupe Örion. Eu só estava pensando alto. Sei bem de meu lugar e meus deveres, e diferente daquele malandro do Eskallurè, não ficarei tentando tirar vantagens sobre todas as situações.

-Fico feliz em saber como pensa, caro Con.

-Acho que nós dois tivemos sorte com nossos avôs, não é mesmo?

-Verdade.

-Para seguir seu caminho, só me falta dar sorte com as mulheres.

-Como assim? O que quer dizer?

-A quem tenta enganar, meu rapaz? Acha que não dá para perceber como estão as coisas entre você e Irscha?

Örion corou. – É óbvio assim?

-Nem tanto. Mas lhe digo, não fui só eu quem percebeu. Se eu fosse você, ficava atento com o guarda-costas dela, o tal Keledrel?

-Como assim? O que quer dizer?

-Posso estar errado, meu caro, mas acho que ele tem seus sentimentos em relação à moça. Meu avô me ensinou muito sobre aprender com os olhos. – Fez um gesto para indicar o que diria – Esse é irmão deste, entende?

-Entendo. É possível que você tenha razão. – fez uma pausa, olhando para o alto, formando uma nova ideia – Diga-me Con, o que esse treinamento seu, de aprender com a observação lhe ensinou sobre o príncipe Kel.

-Quer mesmo saber?

-Acha que sou de fazer perguntas retóricas?

- Muito bem, vejo nos olhos dele, que ele é muito bom na arte da política, ou seja, encobrir as aparências. E se há algum tipo de conspiração para tomar a coroa, colocaria todas minhas moedas em Kel.

- É assim que sinto, não pela observação, mas pela intuição.

- Mas Rílkare, não quer ouvir, não é?

- Não se preocupe, Con, vamos dar um jeito.

- E mais uma coisa, Öron.

- Sim?

- Quanto a Eskallurè. Mesmo ele estando mais quieto, vamos ficar de olho nele. É um tipo perigoso.

- Concordo.

Desta vez, cavalgavam em sete. Quatro montarias magníficas especialmente manejadas pelos silfos de Adrastinn e três bons cavalos dos estábulos de Balish. A travessia dos bosques verdejantes foi menos agradável que da última vez, porque chovia. Chuva fraca, porém constante, desde a noite anterior.

Logo, avistaram a muralha verde da Floresta Proibida, ou como os silfos a chamavam, Velha Floresta. Acima dela as nuvens pareciam mais escuras, quase negras. Relâmpagos cruzavam o céu este grunhia furioso, infringindo certo temor nos viajantes.

- Suponho que é inútil adverti-los mais uma vez quanto aos perigos da Velha Floresta. – questionou Keledrel erguendo a voz.

Poul retrucou, indicando a perna enfaixada – Sabemos do perigo moço. Se tivesse perdido alguém da sua família? Não viria também?

- Por esta perspectiva, não posso dizer que está errado, senhor Poul.

Poul riu, sem graça. – Para de me chamar de senhor, fico envergonhado. Sou só um lenhador.

- Desculpe-me.

- Ora! Não precisa disso...

- Vamos Poul – disse Rílkare – É só o jeito dele, formal.

- Formal?

- Raios! Vamos logo! – impacientou-se Eskallurè. Indicou o arco em suas costas e disse – Desta vez estou preparado para dar um troco àquela meretriz.

Örion pediu a Zitheidrel para prosseguir e os demais o seguiram. Ao penetrarem na floresta, Irscha trouxe sua montaria para bem perto de Örion e comentou – Örion, está sentindo a dor deste lugar?

-Dor? Não sei minha bela, mas de certo não me sinto bem por aqui. É um lugar triste.

-Acha que precisaremos demorar? O que é preciso fazer?

-Veremos. Vamos até o lago escuro e mais adiante.

-Diz onde estavam as criaturas do além?

-Sim. – fez uma pausa – Diga-me Irscha, acha que Keledrel já esteve aqui?

-Diria que sim, também sente isso?

-Sim. Acho que ele já esteve aqui antes. Perguntei a ele ontem, mas não quis falar comigo.

Acostumados com o som da chuva contra as folhas nas copas altas das árvores que preenchia o ambiente, pareciam estar dentro de um muro de silêncio. Quase como não mais existissem quaisquer outros ruídos. Porém, a quietude aparente era tenebrosa construindo aos poucos nervosismo e ansiedade.

Con sentia necessidade de falar – Talvez a chuva nos ajude.

-Por que acha isso? – quis saber Rílkare.

-Criaturas e outras ameaças devem estar abrigadas.

-Faz sentido – concordou Rílkare girando e massageando o pescoço tenso – Espero que tenha mesmo razão.

Enfim, seguiam o riacho, que com as chuvas tinha suas águas mais escuras e caudalosas. Neste ponto, tomavam a chuva diretamente e o céu acima assumira uma tonalidade cinza escura. A trovoada havia cessado há algum tempo e já estavam bem próximos do lago negro. Apesar da tensão que cresceu com a sua aproximação, nada encontraram. O jeito era contornar e seguir em frente. Depois, depararam-se com os primeiros sinais de obra inteligente. Pilares de rocha cinza escura, antiga e desgastada tombados e quebrados cobertos por lodo e trepadeiras. Os cascos dos cavalos e ferraduras passaram a soar diferente. Pisavam sobre rochas, aqui e ali. A densidade da floresta também diminuía um pouco, mas enormes troncos já haviam crescido em locais que no passado pareciam terem sido pavimentados.

-Ruínas? Não fazia ideia... Con pensou alto.

-É claro que não humano! De fato, há muito que desconhecem. – Keledrel disse, demonstrando agressividade e um pouco de nervosismo.

Rílkare suave e sentia seu rosto um pouco quente – Não é a primeira vez que fala como se conhecesse este lugar. Diga-nos, e não minta! Já esteve aqui antes,

senhor Keledrel?

- Veja como fala comigo humano! Pois não sou de faltar com a palavra.

Eskallurè estava farto e sacou a espada soando ameaçador – É mesmo? Então responda à pergunta do meu senhor!

- Seu tolo. Acabaria com você com os olhos vendados!

Irscha não compreendia por que os ânimos estavam em ebulição. – Esperem! Por acaso estão perdendo a razão?

Örion completou – Sim eu sinto. Isso não é normal. É a floresta!

- Ou alguma outra coisa... – especulou Con.

Eskallurè insistiu – Não interessa! Ele vai ter que responder! Estamos todos em risco e não queremos segredos agora.

- Já estive, mas acho melhor sairmos daqui já. Este lugar é maligno.

- Vamos Eskallurè – ordenou Rílkare – guarde a espada e vamos adiante.

Eskallurè preparava-se para embainhar a espada quando um urro pavoroso soou, colocando todos em alerta.

- O que é isso? – perguntou Eskallurè tentando não transparecer seu medo.

- Nem queira saber. – retrucou Keledrel – Vamos sair daqui! – A montaria do silfo logo disparou, seguida pelos demais. Antes que deixassem o local, dois estalos fortes acompanhados de um grunhido bizarro anunciaram o desastre. Pássaros subitamente voaram abandonando a copa de uma árvore e esta tombou em seguida na direção do grupo em retirada. O tronco poupou Eskallurè por um triz. Ele, Keledrel e Rílkare conseguiram avançar, porém, o tronco caiu precisamente no meio das montarias que escapavam em fila. O cavalo de Con, que seguia o do mercenário, muito assustado empinou derrubando o guarda no solo rochoso e molhado. Irscha, Örion e Poul conseguiram frear e recuaram fazendo uma manobra circular. Keledrel manobrou com destreza seu possante corcel, Vento-radioso, que saltou por sobre a árvore tombada para juntar-se aos demais. Ferro-em-brasa, relinchou e repetiu o movimento de Vento-radioso como se estivesse realizando uma mímica. Eskallurè, que de repente se viu à parte dos demais, esforçou-se para comandar seu cavalo (que chamava de mula preguiçosa, ou outros nomes) para segui-los. O cavalo recusou-se a saltar e o mercenário esbravejou –

Sua mula imbecil! Há! Há! – Puxou as rédeas com força a fim de dar a volta e juntar-se aos demais.

Enquanto isso, Öron ajudava Con a erguer-se. O guarda fazia uma careta sofrida, mas o novo urro da criatura, ajudou-o a superar e ignorar a forte dor.

A criatura avançou com velocidade saltando e caminhando sobre o tronco derrubado. Movia-se com incrível rapidez sendo impossível visualizá-la em detalhes. Era uma espécie de cachorro tão grande quanto um pônei, com uma bocarra desproporcional. Entre seus dentes enormes, algumas lascas grandes de madeira fresca. Seu tronco era musculoso enquanto as patas posteriores eram mais delgadas. Tinha um longo grosso pelo marrom escuro e encaracolado

Irscha questionou – O que é isso Keledrel?

-Um Pug’a’wee, aquele que tudo devora!

Con sentia muita dor não conseguia montar novamente e Öron desmontou para auxiliá-lo. O devorador saltou para as proximidades, mas foi detido por Rílkare que executou um ataque em carga. A espada zuniu contra a criatura, que parecia esperar ser atingida passivamente. Mas no último instante, como um cão que salta no ar com incrível precisão para abocanhar um osso, o devorador mordeu a espada quebrando-a. Rílkare arregalou os olhos, mal podendo acreditar no ocorrido. Olhava atordoado para a pequena porção da lâmina que ainda estava presa ao cabo. – Essa coisa comeu minha espada! – exclamou Rílkare assumindo um tom lívido.

O ataque de Rílkare deu tempo a Öron para erguer Con para sua montaria. Mas ainda no solo, viu-se como alvo do avanço frenético da criatura que grunhia e babava ferozmente. Se a criatura tinha comido o tronco de uma árvore e uma espada, o que não faria com Öron?

Uma voz feminina salvou a pele do silfo – Pare Alzaad!

Öron encarou a criatura, olhos contra olhos. Pela primeira vez pode observá-la em detalhes. A boca, com mandíbulas enormes, ficava num abre e fecha e ocasionalmente sua língua roxa comprida lambia ao redor dos lábios estreitos. Seus olhos redondos eram pequenos e expressavam a compreensão de um ser muito inteligente e não de uma besta.

No alto, entre os galhos de uma árvore, puderam avistar a silfa Ardívilla em seus trajes vermelhos.

- Nergon, Gruko e Grurbo – ela ordenou – capturem-nos com vida, conforme o anseio da mestra. – O tardo da floresta surgiu, empurrando e quebrando galhos, seguido de duas outras criaturas de maior estatura e aparência repugnante. Os mortos pútridos que encontraram no lago negro atrairiam simpatia ao lado de tais monstregos barrigudos. Eram dois homenzarrões assimétricos, e desfigurados. A pele rugosa e cheia de

verrugas assemelhava-se a de um sapo. Um era narigudo e na boca sempre aberta, salivante e com enormes gengivas das quais projetavam-se apenas três dentes tortos apodrecidos. O outro, parecia ter o rosto maleável e contorcido, um dos olhos subira para altura da testa, enquanto o outro, parecia ter escorregado pela bochecha até alojar-se ao lado da boca, que era pequena, mas beijuda.

Örion fez menção de recuar para aproximar-se de Zitrehidel, mas uma rosnada ameaçadora do Pug'a'wee fez com que congelasse seus movimentos. Enquanto isso, os passos largos e pesados das três criaturas faziam o solo estremecer com seu avanço.

Eskallurè pensava “*Mate o cabeça e o resto...*” – Preparou o arco, mirou contra Ardívilla disparando uma flecha certaíra.

Em resposta ao seu ataque, uma gargalhada. Um gesto da feiticeira fora suficiente para desviar a flecha, fazendo-a penetrar no tronco da árvore. Eskallurè mal podia acreditar e atirou outra e mais outra. Todas desviadas com facilidade por Ardívilla que se divertia com os ataques do humano.

Örion concentrou-se e disparou o ataque de uma só vez contra o devorador. Um jato de lama direto nos olhos da criatura fez com que se contorcesse dando ao silfo a oportunidade de montar Zitrehidel. Quase no mesmo instante, o cavalo já desenvolvia um célere galope. A montaria de Örion mostrou o caminho para as demais, mas Vento-radoso tomou a dianteira com Keledrel a gritar – Por aqui! Vamos! É nossa única chance!

-Idiotas! – vociferou Ardívilla – Corram! Atrás deles!

Os três grandalhões corriam, mas não superavam a velocidade dos cavalos.

-Para onde vamos? – Gritou Rílkare.

Keledrel respondeu – Para as ruínas de Ilm'Taak.

CAPÍTULO 20

Conforme a fuga prosseguia, penetravam mais a fundo nos recantos da Floresta Proibida. Os cavalos de Balish foram os primeiros a demonstrar cansaço, e logo, todos cessaram o galope para seguir em trote.

Keledrel anunciou – Estamos fora de perigo.

-Pensei que fossemos morrer – desabafou Eskallurè.

-Em certo ponto, acho que todos nós – concordou Rílkare.

-Não, não morreríamos – sentenciou Keledrel.

-Falou o *sabe-tudo*. – Zombou Eskallurè – Que tal nos iluminar com sua *radiante* sabedoria, hã *senhor silfo*?

Keledrel olhou-o com desprezo, mas decidiu falar. – Eu já vim aqui algumas vezes.

- Certo, que tal detalhes como por quê? Para que? Quando? – pediu Con.

-A cada cinco anos, o conselho envia um guardião até a Velha Floresta, para verificar a situação.

- Conselho? Verificar a situação? Como assim? – indagou Condarillo intrigado.

Örion respondeu – O conselho é formado pelos anciãos de meu povo, são eles quem tomam as decisões, assim como o rei de vocês.

-Ah, claro...

Keledrel prosseguiu – Não sei bem de seus motivos, mas há muitas e muitas gerações o conselho de Adrastinn procura manter-se informado sobre a situação em Ilm'Taak.

-Ilmitaqui? – questionou Poul.

- Na realidade – completou Keledrel – ruínas da antiga cidade de Ilm'Taak.

Rílkare revelou – Acho que as antigas escrituras falam deste lugar. Mas nem imaginava que ficava aqui, tão perto. Era a cidade central de um antigo império de nossos ancestrais, muito antes dos tempos de Pearl di Saubic.

-Fala de uns dois mil anos atrás? – sugeriu Con.

Keledrel riu arrogante – Pode considerar umas duas ou três vezes a mais, rapaz. E não se preocupem agora, aquelas coisas não costumam se aproximar das ruínas. Eles a temem.

- E por que diz isso? – questionou o guarda, mas antes da resposta, seus olhos enxergaram a resposta.

A floresta subitamente minguou para dar lugar ao solo pavimentado por rochas cinzentas, mescladas a musgo e plantas. Adiante, um volumoso aglomerado de enormes construções em ruínas, cobertas por vegetação menor. De tal grandiosidade era o conjunto arquitetônico que fazia a capital Saubics, parecer uma pequena vila como Pinnus.

Irscha ficou atordoada com a visão e exclamou em sua língua – Incrível! Incrível! Incrível!

Con sentiu vontade de beliscar-se para certificar-se de que não era um sonho. Poul apontou – Olha, uma escadaria de gigantes!

- Chamavam aquilo de pirâmide – Esclareceu Keledrel. – Vamos, é melhor buscarmos abrigo no grande templo. Apesar de evitarem as ruínas, não quer dizer que não possam mudar de ideia. Além do mais, há outros perigos a considerar.

- Outros perigos? – perguntou Con.

- Animais perigosos... predadores. É dito que nenhum mal, ou intenção de violência é capaz de penetrar no grande templo.

- Quem disse isso? – Rílkare estava curioso.

- Ensino dos antigos guardiões de Adrastinn. Quando venho a Ilm'Taak, sempre passo a noite no grande templo. Vamos, é lá adiante, atrás da pirâmide.

Con estranhou – O grande templo não é a pirâmide?

- Não. A pirâmide, na realidade, é um mausoléu.

- Massulé-o-que? – Poul passava a mão na careca.

- Um túmulo! – explicou Eskallurè com traços de impaciência.

- Credo! Desse tamanho todo? Devia ser mesmo para gente importante...

Keledrel explicou descontraído, cedendo à visão inocente do lenhador – Era sim, senhor Poul. Desculpe... Os antigos imperadores de seus ancestrais eram adorados como deuses. Em verdade, sua ruína ocorreu por agirem como tal.

Con indagou – Öron, por que acha que seu povo tem interesse em saber o que ocorre aqui?

Öron refletiu, enquanto Keledrel e Irscha observavam-no, ansiosos pela resposta que daria. – Acho que querem se prevenir contra um grande mal.

- Grande mal? – Questinou Irscha assustada – De que fala, meu caro

Örion?

Keledrel olhou para o outro lado, fingindo procurar por algo. Detalhe que apenas Con registrava.

Örion revelou – Algo com que venho sonhando. Um mal ancestral que está a se revelar.

Irscha pressionou os lábios, nervosa, enquanto Keledrel voltou-se novamente para Örion, procurando mascarar seu nervosismo. Con, atento ao silfo mais velho, percebeu em seus olhos, ligeiramente arregalados e no leve branqueamento dos lábios, que a revelação de Örion batia com algum conhecimento oculto. Algo que em seguida, pode perceber na reação de Irscha.

- Deixe de bobagens, Örion. São apenas sonhos... – Ela disse em tom jocoso, procurando descontrair-se – Não há tal coisa como o *grande mal*!

Örion deu com os ombros e disse – Que seja assim à vontade dos espíritos.

O grande templo era a construção em melhor estado de todo o conjunto de ruínas. Tinha apenas uma das quatro torres tombada, com um grande buraco na estrutura na cúpula, como se tivesse sido atingida por uma pedra lançada por máquinas de guerra. Era uma construção bastante alta, e que rivalizava com a altura do castelo de Saubics. Uma das metades do imenso portal estava tombado, proporcionado um caminho de entrada. Ao longe, nas construções, movimentos rápidos e em pontos isolados puderam ser vistos.

- Os predadores – advertiu Keledrel – Não queira confrontá-los após o cair da noite.

- Já os enfrentou então? – inquiriu Rílkare

- Uma vez. São ligeiros e melindrosos.

Enquanto isso, Con voltou-se para trás e pensou ver algo, como uma sombra.

- Saia Cretàh! – ordenou o guarda – Eu lhe vi.

De fato, a pequena e obscura criatura alada surgiu. – Ei, seus cabeças de cogumelo! Não vão ser assim tão estúpidos de passar a noite nesta... nesta...

- Um pirilampo corrompido! Temos que destruí-lo! – exaltou-se Keledrel sacando sua espada.

- Destruir? Eu? Calma... Diz para ele Con... Aquele dia... Eu ajudei vocês...

- Ajudou? – indignou-se Eskallurè – Ou nos mandou para a morte?

- Ei! Está esquecido cabeça de lata? Avisamos para não ir... Que era

perigoso... Vocês foram por que são uns burros mesmo!

- O que quer sua criatura impura! – demandou Keledrel.

- Ei, fica fora disso, certo seboso? O assunto é entre mim e o Conzão!

- Conzão?

- Eu me arrisquei está sabendo? Estou me arriscando... Esse silfinho irritado aí ó! Tá querendo acabar comigo. E pergunte por quê? Qual vantagem tiro eu disso tudo?

- Uma boa pergunta, que tal responder. – sugeriu Con desconfiado.

- Eu ajudo um amigo!

Keledrel advertiu – Não escute esse pedaço de amoralidade repulsivo!

- Amigo? – questionou Con – Que amigo?

- Ô Conzão... Você pode até não me considerar, mas eu sou seu amigo. E se me escutar, verá que tenho razão. Quem avisa amigo é, ou não é?

- Fala logo Cretàh!

- Certo! Certo! Com dizia, vocês não vão querer dormir nesse... nesse... Argh! Não vão querer dormir aí ó! Ardívilla está vindo e vai esperar vocês aqui de fora. Isso aí é uma toca rasa.

- Mentiras! – Acusou Keledrel. – Esse sujo está tentando nos confundir. Quer que prossigamos... A noite já vem e então teremos de lidar com os predadores, ou mesmo, coisa pior.

- Ai seu silfinho idiota e cabeça dura! Con, Conzão! Não dê ouvidos a ele, ou você vai acabar numa pior, e seu amigo aqui não vai poder te ajudar.

Con esticou a mão puxando o rosto. Sabia que não podia confiar em Cretàh, mas, ao mesmo tempo, reconhecia que o que dizia tinha lógica.

Örion interferiu – Vamos Con, Keledrel está certo. A noite nesta floresta não é para nós.

- Então vai bobão! Dê ouvido a esses silfinhos rudes e cabeça de cogumelos malcheirosos e asquerosos! Cretàh voou furioso para longe, deixando dúvidas na mente de Condarillo.

Para entrar, todos desmontaram. O interior do templo estava seco, porém frio. Örion, em especial, sentiu um toque gelado e arrepiante ao atravessar o portal. No interior, saltaram aos olhos de Irscha, os ferimentos sofridos por Con na queda recente. Instintivamente, aproximou-se do guarda tocando-lhe as costas. Con sentiu um formigamento gelado por um instante, e logo, sentiu-se plenamente restaurado,

livre das fortes dores.

- O que fez comigo? – indagou surpreso.

- Não sei bem. Como se sente?

- Muito bem! Foi como um toque mágico...

- Uma boa descrição, apesar de não ter me concentrado para tal feito.

- Parece-me então que a fama deste local não é infundada. – fez uma pausa e disse – sabe Irscha, acho que estaremos protegidos aqui.

- Sinto que sim, mas as palavras daquele diabinho não me saem da cabeça. Estou com um pressentimento terrível quanto o dia de amanhã.

CAPÍTULO 21

Qualquer ruído feito dentro do grande templo parecia cinco vezes mais alto. Passos ficavam marcados, falas causavam eco e a brisa soprando lembrava uma ventania. Era noite e um acampamento, com direito a fogueira foi preparado na parte central da nave. O fogo crepitava diretamente sob a alta e grande cúpula, ainda intacta, que recebia pouca iluminação, quase se misturando ao negrume dos cantos e sombras projetadas a partir da fogueira central.

Örion, Irscha e Con, curiosos, desejavam explorar o templo. Enquanto isso, os demais repousavam, ou mesmo montavam vigília na entrada do templo.

Con portava uma tocha cujo óleo queimava intensamente. Em alguns pontos, era possível visualizar painéis com figuras em alto e baixo-relevo. Alguns pigmentos ainda restavam, mas foram empalidecidos pelo tempo. Algumas pilastras tinham escritos antigos lapidados em baixo-relevo.

- Sabe ler isto? – indagou Con.

- Nunca havia visto tais símbolos – disse Örion.

- Tão pouco eu – completou Irscha.

- Nunca pensei que um lugar tão antigo pudesse manter-se erguido.

Irscha estava excitada com tudo que via a seu redor – Não sentem uma forte emoção? De estarmos em contato com a história deste povo antigo?

- Vejam isso! – Con iluminou o paredão alto, mais conservado que os demais.

Irscha e Örion perceberam de imediato, pelo sutil reluzir de alguns pontos, que o grande painel estava imbuído de energias místicas. Milhares de homens estavam representados em pequena escala atirando flechas e operando máquinas de guerra contra um ser gigantesco, com um par de chifres curvados. Em seu rosto, uma expressão de puro ódio. Nos céus, pequenos cavalos alados montados por cavaleiros empunhando espadas e lanças, também cercavam a gigantesca besta.

- Mas que exagero! – comentou Con.

- Será mesmo? Ou teria existido tal criatura? – especulou Örion.

- Se existiu – Irscha disse – Devia ser um demônio vindo dos abismos.

Con estava incrédulo – Do abismo ou não, não acredito que nem mesmo cem mil homens fossem capaz de deter tal criatura. O que podem as formigas contra um homem?

- De certo é uma representação exagerada, Con. – Örion concluiu descontraído – Vamos adiante ver se encontramos algo mais de

interessante.

Irscha segurou a mão do amante e revelou-lhe ao pé do ouvido – Esse demônio me dá arrepios. É como uma besta destruidora de mundos.

Örion deu com os ombros e puxou Irscha pela mão, seguindo o avanço de Con. O guarda seguiu pela lateral do templo, ora parando para analisar painéis, ora fazendo algum comentário com os companheiros. Mais adiante, um grande altar captou a atenção dos três. Subiram um pequeno conjunto de degraus para alcançá-lo. O que logo chamou atenção foram as enormes rachaduras no bloco de pedra do altar. Ao iluminá-las de perto com a tocha, Con percebeu que a chama era sugada por uma corrente de ar.

- Segure a tocha Örion – pediu excitado e tentou forçar as rachaduras para abrir uma passagem. Depois de algum suor e pequenas lascas retiradas, Con desistiu.

- É pesada demais. Não consigo mover.

- Talvez possamos conversar com as rochas. – sugeriu Irscha.

- Conversar com pedras? Só pode ser brincadeira. – resmungou – Animais ainda vai lá, mas pedras...

Irscha olhou para Örion e disse – O que acha?

O rapaz concordou com gesto afirmativo – Podemos tentar.

Örion devolveu a tocha para Con e segurou as mãos de Irscha. Cerraram os olhos e colocaram-se a sussurrar frases em sílfico, incompreensíveis para Con. O processo levou algum tempo. O suficiente para o guarda humano perder a paciência. Andava de um lado a outro sem acreditar que algo de fato fosse acontecer.

Depois de longa concentração e recitação de antigos ritos, ambos aproximaram-se da rocha do altar tocando-a suavemente com a ponta dos dedos.

Örion e Irscha abriram os olhos encarando o infinito. Con gesticulou procurando chamar a atenção, mas era como se nem mesmo estivesse ali, diante deles.

Recitavam agora em voz alta, num surpreendente uníssono uma estranha frase de forma repetitiva. Con arregalou os olhos ao ver e escutar a pedra mover-se lentamente gemendo em atrito contra o chão. Após mover-se por uns instantes, parou. Os sílfos pararam de falar no mesmo instante. Tontos se apoiaram, cada qual, numa das metades afastadas do altar.

- Caramba! – exclamou Con – Nunca mais duvido! Vocês podem falar que vão conversar com uma chave, maçã, qualquer coisa. Eu acredito.

Örion disse ofegante – Con, os elementos nos ouviram. Advertiram para sermos cautelosos.

Irscha completou – Nós conseguimos ver. O templo nos revelou o túnel.

Con aproximou a tocha da abertura entre as metades do altar. De fato, havia um

profundo túnel vertical que descia. A abertura era larga o suficiente para entrarem. Apesar de não enxergar o fundo, era possível ver uma escadaria na lateral rochosa do túnel. Öron tocou no primeiro degrau. – É metal. Parece firme. Con ateou fogo em um pedaço de tecido e atirou-o no interior do túnel. Acompanharam sua queda que iluminou as laterais da passagem até atingir o solo.

- Pelos espíritos da floresta! – exclamou Öron – Não imaginava que fosse tão fundo.

Em poucos instantes, o pequeno ponto de fogo se extinguiu.

- O que acha? – perguntou Öron – Vamos explorar?

- Não seria melhor avisar os outros? – sugeriu Irscha, preocupada.

- Já devem estar dormindo... – Con fez pouco-caso.

Öron estava excitado com a descoberta e movimentou-se. – Eu vou! – disse já descendo o primeiro degrau.

- Tenha cuidado, Öron! Verifique se cada degrau está realmente firme! – recomendou Irscha.

- Tudo bem. – disse tomando distância. – Venha Con – sua voz produziu eco – está ficando escuro aqui.

Irscha balançava a cabeça negativamente torcendo os lábios. Essa impulsividade deles não a agradava. Poderiam acabar encrocados.

Con iniciou sua descida, porém com maior dificuldade devido aos cuidados que tomava com a tocha que carregava. Irscha ficou para trás e cada vez mais no escuro. Acompanhava os dois ficando menores à medida que desciam o túnel. A moça retirou um colar com um grande pingente de cristal que escondia sobre as roupas. Com um sopro e gesto gentil alimentou-o com energia mágica, fazendo-o brilhar intensamente numa tonalidade azulada. Hesitava, mas enfim, suspirou irritada com a imprudência dos dois e decidiu seguí-los.

- Esperem! Eu também vou!

Após uma longa e cansativa descida, perceberam que não mais estavam numa construção, mas sim numa espécie de caverna. A temperatura estava mais baixa e ali, podiam ver o bafo de suas respirações.

Irscha encolheu-se e reclamou – Que frio!

Con concordou com um som gutural, sem olhar para ela. Procurava por algo que lhe chamasse a atenção. Novamente, orientou-se pelo movimento provocado pela brisa nas chamas da tocha. Era uma espécie de corredor. Irscha agarrou-se em Öron amedrontada.

Adiante, confrontaram-se com um lago que lhes barrava o caminho. Um exame mais cuidadoso, mostrou que não era um lago natural, os contornos retangulares das paredes laterais sugeriam uma piscina. Uma piscina enorme.

- Olhem – avisou Irscha – pilares!
- Não são pilares – corrigiu Con – são correntes.
- Tão grossas? – Irscha não podia acreditar.
- Ele tem razão – confirmou Öron – pelo brilho, não parecem de pedra, mas sim, de metal.

As duas correntes gigantescas caíam verticalmente do alto da câmara, penetrando na superfície da água que se movimentava brandamente, influenciada pela brisa que ali passava.

Irscha arregalou os olhos ao ver Con tirando peças de suas vestimentas.

- O que pensa que está fazendo?
- Vou mergulhar. Não vim até aqui para sair sem respostas.
- Pense! Nada enxergará. – Irscha reagia inconformada com a estupidez e teimosia do humano.

- Não se me emprestar seu colar – apontou Con.

Öron deu com os ombros – ele tem razão.

Irscha tentou não demonstrar sua frustração e entregou o colar para Con.

Apenas vestindo roupas de baixo, o guarda testou a temperatura da água.

- Credo! Está gelada! – Mas estava determinado. Vestiu o colar e mergulhou.

Öron e Irscha puderam ver os contornos de Con nadando para o fundo com nitidez. A água era transparente. Conforme a luz que carregava afundava, puderam ver que as correntes afundavam até tocar uma superfície submersa. Con perdeu o fôlego e retornou à superfície no meio da piscina.

- É uma caixa! – revelou.

- Caixa?

- Sei lá! Um tipo de caixa... Vou voltar lá. – acumulou fôlego e desceu.

Desta vez, chegou próximo o bastante para que os silfos pudessem ver os contornos da caixa retangular surgindo. Con, bem de perto, lutava contra seus olhos ardendo fixando seu olhar na superfície metálica da caixa. Estava repleta de inscrições, símbolos e gravuras em alto-relevo. Fascinado, tocou sua superfície. Logo, Öron e Irscha viram subir uma grande quantidade de bolhas à superfície. Ao tocar o metal, Con sentiu um profundo e terrível calafrio congelar todo seu corpo. Sua mão ficou colada à superfície do metal e não pode evitar soltar todo o ar do peito. Seu corpo esfriou rapidamente e tudo ficou claro. Uma grande luz surgiu preenchendo sua visão por completo. Nada mais importava, respirar, viver ou morrer. O transe foi rompido ao sentir em torno de seu tórax um toque quente. Öron segurava-o erguendo-o para a superfície. Con sentia um calor distante, mas não era

capaz de mover um músculo sequer.

Irscha ajudou Öron a retirar Con da água. Seu corpo estava gelado, os lábios azulados, o olhar vidrado e com o peito imóvel. Não respirava. Irscha tinha consigo fortes sais para despertar, cuja dose usual era de uma ou duas gostas, mas naquela situação, seu instinto de curandeira lhe disse para entornar todo o frasco na boca do rapaz. No instante seguinte, Con puxou ar fazendo um forte ruído e engasgou. Tossia e tremia, mas estava respirando novamente.

Öron voltou sua atenção para a piscina e no fundo pode ver os contornos do imenso esquife se iluminarem. Con despertara algo com seu toque. Uma grande bola de luz subia à superfície. Irscha, com medo, abaixou-se segurando as mãos de Con. Mas Öron não pode resistir e encarou a luz. Seus olhos se encheram e em seguida sua mente inteira estava preenchida por aquela imensa e fria luz. A mente de Öron se dissolveu, dando lugar ao vazio. O infinito vazio iluminado.

CAPÍTULO 22

Örion escutava um choro feminino. Sentia seu corpo rijo e frio. Estaria morto? Irscha chorava? Não podia terminar assim. Ela tinha que trazê-lo de volta.

Escutou a voz de um homem afirmar – Ele está piorando. Não irá resistir.

A mulher que chorava se desesperou, com a voz embargada – Não! Não vá!

“Para onde foi aquela imensa luz?” pensava Örion. “Por que agora sinto tanto frio? Por que tanta escuridão.”

Outras vozes falavam, mas tudo ficava cada vez mais confuso. Não era capaz de identificar as vozes, e logo o que diziam parecia incompreensível, até mesmo soava como uma outra língua.

Algo o impedia de partir. Precisava partir, precisava descansar. Ficar em paz. O cansaço era imenso, mais profundo que a escuridão. Sua mão. Era o único ponto que não estava congelado. Havia um pequeno calor em sua mão direita. Alguém segurava sua mão. Irscha? A mulher que chorava não queria que se fosse. O frio se foi. Não sentia mais seu corpo. Uma brecha na escuridão. Sentia a agradável sensação de levitar. “Estou saindo de meu corpo” pensou “Estou morrendo”.

Aos poucos, o véu que cobria sua visão era removido. Podia ver seu corpo lá, deitado. Ao seu redor, vultos se movimentavam. Não podia ver os detalhes, tudo estava turvo. Alguém segurava suas mãos, mas não era Irscha. Quem seria aquela moça? Cabelos ruivos?

- Archie! Faça alguma coisa! – implorou a ruiva.

“Archie?” pensou Örion. “Quem é Archie?”

- Já fiz o que pude Kiorina. Não tem jeito.

“Kiorina? Archie? Será que estou enlouquecendo? E que língua é essa? Como pode ser que esteja entendendo isso?”

Uma outra mulher chorava copiosamente abraçada a um homem de cabelos loiros. – Adeus *Blequeuin*...

Um gigante, ajoelhou-se ao lado do corpo e disse – Adeus Kyle.

“Blequeuin? Kyle? Não me chamo Kyle!” Örion estava prestes a enlouquecer. E logo, lembrou-se. “Sonhos... Aqueles sonhos!” Sua visão ficou clara e pode enxergar o rosto do rapaz ao redor do qual aquelas pessoas choravam. “É a pessoa com quem sonhava... Mas que depois, me esquecia. Aquele é Kyle Blackwing! Aquele sou eu!” estava muito confuso “Sou eu? Como posso ser Örion e Kyle ao mesmo tempo? A não ser...” Era absurdo. “Kyle Blackwing? Eu fui este rapaz humano numa vida

passada?”

Örion desceu para examinar o rapaz. Estava muito ferido. Sua perna, toda enfaixada, assim como abdome e tórax. Já não respirava. “Por que estou me lembrando disso agora? Por que? Será por causa da luz? Sim! A luz, sob o antigo templo de Ilm’Taak!”

“Uau!” assustou-se Örion. “Eu não sou ele!” pensou ao ver uma tênue energia ao redor do corpo. Em seguida, viu desprender-se do corpo de Kyle um espírito translúcido. Um outro ser translúcido surgiu ao seu lado. Dele irradiava uma intensa luminosidade amarela e alaranjada. Vestia-se com uma peça única branca esvoaçante.

- Kyle – disse o ser iluminado.

- Noran? É você? – respondeu o espírito de Kyle.

- Sim, meu amigo.

- Ei! Foi você que nos salvou, não é mesmo? Em Aurin...

- Pode perceber?

- Sim, agora percebo. Você não nos deixou. Eu sabia.

- Não pude retornar Kyle. Há muito que fazer.

- Eu morri Noran? É isso que aconteceu?

- Não. Você ainda não morreu, mas está, novamente, no limite entre a vida e a morte.

- Eu não quero voltar Noran. Eu já entendi. Toda vez que volto, alguém com que me importo acaba pagando. Eu já entendi o preço de enganar a morte.

- Não estou certo do que diz, mas sei que você precisa voltar.

- Não quero. Não sei como.

- Acalme-se, vim para auxiliar. Segure minha mão.

A inspiração de Kyle veio rouca, súbita, profunda e veloz tal qual a recuperação de uma asfixia.

- Está vivo! – Kiorina disse num sobressalto.

- Vivo? – Gorum ergueu os olhos.

- Um milagre! – concluiu Archibald.

Kyle contraiu os músculos das mãos e sentiu segurando sua mão direita, a mão de Kiorina e em sua mão esquerda o toque etéreo da mão de Noran.

Kyle tremia e gemia. Em seu peito, o colar com o pingente em forma de uma grande semente, antes enegrecida, voltou à tonalidade avermelhada e parecia pulsar.

Archibald foi o único a perceber a mudança, lembrando-se do segredo a ele revelado após a chegada nas terras de Dacs. A semente guardava a energia vital da fada encontrada por Kyle após o confronto com o silfo Lévor, no qual um nexo foi acionado quase matando a todos os presentes.

Após despertar, sussurrou debilmente – Noran... Noran... Noran...

CAPÍTULO 23

Örion despertou sentido um gostoso calor próximo de sua face. Ao abrir os olhos, viu ao seu lado uma fogueira. Estava de volta ao acampamento no interior do grande templo. Novamente, tivera um daqueles estranhos sonhos, dos quais pouco podia se recordar. Desta vez porém, recordava-se de detalhes mais intensos. Tinha sonhado com um humano, o mesmo, por mais de uma vez. Desta vez, ele estava ferido e a beira da morte. Quem era ele? Por que tinha esses sonhos?

Estava um pouco grogue e tinha a impressão de que alguém balançava seu ombro. – Örion, levanta! Estamos com problemas! – pediu Con nervoso.

- O que? Con? Foi tudo um sonho? – indagou o jovem silfo com a mente bastante confusa.

- Lá fora! Estamos cercados. – explicou Con. – Levanta!

Örion obedeceu, percebendo que todos os demais estavam montados nos cavalos. Con ajudou-o a montar em Zitrehidel e em seguida montou seu próprio corcel.

- O pirilampo corrompido disse a verdade. – confirmou Keledrel à frente. – A feiticeira, Ardívilla, está lá fora com um grupo de seres malignos. Vejo duas dezenas de bestiais, um tardo e dois ogros.

- Bestiais? – perguntou Örion.

- Sim, seres brutos e violentos. Não é comum encontrá-los por aqui. Muitos foram mortos na guerra dos humanos contra os inumanos, há alguns séculos. Diz-se que o restante se retirou para além das Montanhas Dentadas.

- Estamos perdidos. – desesperou-se Örion.

Keledrel o encarou – Não Örion! Escute-me: você deve escapar, junto com os demais. É muito importante que seja bem-sucedido. Prometi a seu avô, que você retornaria desta viagem e vou manter essa promessa.

- Do que está falando, Keledrel?

- Irscha – ele voltou-se para ela. Tomou sua mão e olhou-a nos olhos. Num tom baixo e triste revelou – Fui lento e perdi minha oportunidade.

- O que?

- Meus sentimentos... – Keledrel olhou para baixo. – eu não...

A face de Irscha ruborizou – Sentimentos? Por que isso agora?

Keledrel soltou as mãos da silfa e voltou a falar alto, com determinação. – Não

importa! Não mais importa!

Irscha ficou confusa, olhando para Keledrel e sentindo um forte aperto no peito.
– Não pretende...

– Não há tempo para discussões! – cortou a fala dela. – Você sabe o que deve ser feito! Conduza Öron de volta em segurança. – afastou-se de Irscha pressionando os lábios e franzindo o cenho, sentindo seu coração disparar – Rílkare, você deve proteger Öron a todo custo, compreende?

– Compreendo – concordou Rílkare, entendendo o que Keledrel estava prestes a fazer.

– Vou atacá-los! Será a oportunidade de vocês todos escaparem, certo? Estejam prontos!

Öron aproximou-se de Keledrel e sua montaria. – Não! É melhor esperarmos, eles não podem penetrar no templo.

– Eu sei disso, mas se temos uma chance de quebrar o cerco é agora, enquanto ainda temos energia. Se ficarmos por mais tempo, estaremos condenados. – avançou lentamente e gritou – Vamos, Vento-radioso! Rá! Rá!

Do lado de fora, Keledrel avançou contra os bestiais, que formavam uma linha de frente. Os bestiais portavam machados, clavas e lanças. Peludos, com olhos vermelhos e dentes pontiagudos, os bestiais partiram para cima de Keledrel em bloco. Antes do confronto, um sucumbiu com uma flechada no peito. Da entrada do templo, Eskallurè disparava flechas de cima de sua montaria. Keledrel derrubava um bestial a cada movimento de sua espada que zunia executando golpes precisos e letais. Os bestiais recuaram assustados, mantendo distância e procurando cercá-lo.

Zitrehidel disparou, seguido de Ferro-em-brasa e da montaria de Irscha. Ao contrário do que esperava, três dos humanos ficaram para dar cobertura à fuga do nobre e demais silfos. Poul avançou golpeando violentamente com seu machado. Con, atirava facas certeiras contra os bestiais e Eskallurè tinha sucesso derrubando mais um ou dois. O combate estava favorável, mas isto não duraria. Gruko e Grurbo, os enormes ogros, avançavam dando tudo de si. Eram seguidos pelo tardo conhecido com Nergon e na retaguarda, Ardívilla observava o desenrolar do confronto.

– Vamos recuar – ordenou Keledrel aos demais.

Poul, Eskallurè e Con logo forçaram um galope veloz seguindo a trilha de Öron, mais adiante. Keledrel seguiu por curto período, mas fez Vento-radioso retornar para confrontar o grupo de gigantes.

Eskallurè exclamou – ele é louco! Eu estou fora.

Poul hesitou e Con o persuadiu – vamos Poul, não encontraremos sua esposa se estiver morto. Keledrel deve saber o que está fazendo.

Poul deu com os ombros e seguiu no encalço de Rílkare e dos outros.

Keledrel avançava a toda velocidade na direção do ogro de rosto disforme e boca beijuda. Sussurrou palavras no ouvido de sua montaria e, em seguida, equilibrou-se ficando de pé sobre o lombo do animal a pleno galope. Keledrel saltou veloz contra o peito do ogro, quem mal teve tempo de reagir. Vento-radioso, por sua vez, desviou-se da criatura dando meia-volta.

O silfo cravou a lâmina de sua espada até o cabo no pescoço curto do ogro. A ponta da espada penetrou e atravessou a garganta atingindo e estilhaçando as vértebras da espinha dorsal, e finalmente despontou na nuca corcunda do monstro. A morte foi instantânea e antes mesmo que a criatura tombasse para frente, Keledrel saltou tomando impulso com ambas as pernas contra a barriga protuberante do ogro. Realizando uma cambalhota completa, o silfo aterrou com os dois pés, flexionando o joelho direito à frente do corpo, esticando a perna esquerda para trás, apoiando a mão esquerda no chão e com o outro braço, apontando a espada coberta pelo sangue negro para trás e para o alto. Toda sua manobra, foi realizada como se fosse parte de um único movimento premeditado.

O outro ogro, que vinha logo atrás, era narigudo e sua boca aberta mostrava apenas três dentes medonhos. Irado, ergueu uma enorme clava acima da cabeça e golpeou com violência atingindo o solo num grande estrondo. Keledrel rolou para a direita para evitar o golpe. Ergueu-se do rolamento, posicionando-se na defensiva. O ogro desferiu mais três ataques violentos, e de todos o silfo, que era ágil como um felino, desviava-se apenas por um triz. O tardo já estava próximo e silfo precisava atacar de imediato para evitar confrontar ambos simultaneamente. Desviou-se de mais uma clavada rolando para diante e emendando um golpe da espada contra o pé do monstro. A lâmina decepou o dedão do pé e o ogro emitiu um forte grunhido de dor. Enfurecido, ele atingiu Keledrel de raspão com um chute. Um chute certo, teria quebrado ossos do silfo ou mesmo provocado nocaute. Keledrel voou girando chocando-se contra uma parede próxima. Atordoados, colocou-se de pé sentindo fortes dores. Tendo aprendido a lição, o ogro girava a clava de um lado para o outro sem parar, procurando evitar ao máximo uma aproximação de seu oponente. Keledrel saltou um golpe, agachou-se para escapar de outro e por fim, fingiu perder o equilíbrio caindo de costas no chão. O ogro, como ele esperava, voltou a erguer a clava sobre a cabeça visando abaixá-la com violência e esmagá-lo como um inseto. O movimento do oponente deu-lhe tempo suficiente atirar sua espada adiante, que deslizou no chão. Keledrel manobrou o corpo erguendo as pernas ao mesmo tempo em que dava impulso com as mãos, ficando de pé a partir de posição deitada. Porém, ao invés de simplesmente ficar de pé, aproveitou o impulso para rolar

adiante, reaver sua espada e esticar-se para golpear a batata da perna do ogro. O golpe feriu o ogro ao mesmo tempo em que sua clava colidiu contra o local de onde Keledrel tinha saído. Com um novo giro do corpo e da espada, próximos ao solo, atingiu o tendão acima do calcanhar do ogro narigudo. Os três ferimentos na mesma perna fizeram com que finalmente o ogro caísse de joelhos. Com mais um rolamento, Keledrel escapou do monstro corpulento que cairia sobre si. Posicionou-se atrás do oponente e escalou até suas costas para finalmente ferí-lo entre as costelas.

O tardo, menor e menos feio, chegou para atacar. Era veloz e forte como um touro. Sua pele escura tinha textura semelhante à de um velho tronco e seu rosto de feições grosseiras, parecia estar cheio de calma.

Keledrel teve de abandonar o ogro ferido, mas não derrotado. Ele e o tardo se estudaram.

- Por que não se entrega pequeno? Não quero te machucar. – alertou Nergon em sílfico bem pronunciado.

- Não vai dar... é melhor se defender. – Keledrel atacou visando o abdome que ficava na altura de sua cabeça.

Nergon defendeu-se habilmente com o enorme manguai, composto de uma corrente grossa ligada a uma bola de ferro lisa, do tamanho de uma cabeça humana.

- Vai pequeno, estou te dando uma chance. – insistiu Nergon segurando a corrente com ambas as mãos.

Keledrel ignorou o segundo aviso e atacou contra a coxa. O golpe atingiu, porém de raspão. O tardo fez um careta e girou o manguai contra as pernas de Keledrel. Ágil, este saltou escapando por uma, duas e três vezes. O tardo não era estúpido, golpeava de forma a fazer Keledrel recuar. Logo estaria encurralado e com problemas. Sua única esperança, seria se o tardo lhe oferecesse mais uma chance para entregar-se. Já encurralado e prestes a ser golpeado, Keledrel suspirou percebendo que o tardo recolhera a corrente. Supôs que o tardo pediria novamente para se render e aproveitou para avançar com tudo. Seu erro foi supor. O tardo chutou o chão com violência, projetando terra e pedregulhos contra o guardião. Foi impossível desviar-se das pedras que voaram o atingindo em vários pontos. Logo teve a espada retirada de sua mão e o corpo enrolado pela grossa e pesada corrente do tardo. Keledrel gemeu ao ser apertado pela corrente e erguido do solo.

Adiante, Ardívilla batia palmas – Foi um espetáculo e tanto Keledrel. Uma luta formidável!

O sílfo sentia muita dor e tinha dificuldade para falar. Disse entre dentes – Sua traidora! Na primeira oportunidade, acabo com você!

A sílfa, com vestimentas rubras e de longos cabelos loiros, disse – É hora de conhecer nossos mestres, Keledrel. Logo, terá apenas o suicídio como escapatória.

Isto é, se for forte o bastante para tal. O converteremos. Será mais um traidor! – ela jogou os cabelos de lado e deixou escapar uma gargalhada suave.

CAPÍTULO 24

Kyle estivera inconsciente, entre a vida e a morte, por cinco dias. Após penetrar a escuridão e o frio, voltou a sonhar com o misterioso silfo em suas estranhas terras, desta vez, tomadas por uma série de conflitos. As memórias, como de costume, diluíam-se gradativamente após o despertar. Neste período, a tripulação do Estrela do Crepúsculo realizou reparos no navio e voltou a navegá-lo em direção ao velho continente.

Sua recuperação trouxe novo ânimo aos tripulantes, que amargavam a perda de três dos marujos no confronto contra a besta marítima. Dias mais tarde, ao se aproximarem do velho continente, ele já caminhava pelo convés, com o auxílio de muletas.

Gorum, passava boa parte do dia, ajudando Kyle a exercitar-se. Para o gigante, era determinante que o jovem movimentasse a perna mutilada pelas mordidas do Blukutil. No passado, participou da reabilitação de mutilados da guerra contra os bestiais. Os exercícios propostos por Gorum eram dolorosos, mas o tutor não se contentava até que Kyle cumprisse tudo o que exigia.

- Vamos lá Kyle! Ou quer ficar com um aleijão? – repetia Gorum pela centésima vez.

Kyle fazia careta, mas já conseguia dar alguns passos sem a ajuda das muletas.

An Leopard comentava – Vai lá Kyle! Você consegue. – fez uma pausa – mas se não conseguir, nos formaremos uma bela dupla de veteranos aleijados! Há há há!

Kyle fez uma careta para Leopard e retrucou irônico – Muito engraçado.

Gorum não resistiu e caiu na gargalhada. – É sempre saudável manter o senso de humor Kyle! Não é mesmo An Leopard?

O marujo concordou zombando das caretas que Kyle fazia.

- *Nan* ligue para eles *Blequeuin*. – disse Claudine beijando sua bochecha. Ofereceu os ombros para o cavaleiro se apoiar, ajudando-o a voltar até a cabine na qual descansava. – Vamos, *queridin*! Chega desta tortura contra meu herói.

Gorum riu mais e zombou de Kyle, enquanto An Leopard ficou sério e incomodado, observando a intimidade da bela Claudine com o rapaz.

Acima, no tombadilho, Kiorina e Archibald tomavam pouco conhecimento do que ocorria no convés principal. Estavam animados com a breve chegada em Tchilla. Não suportavam mais o mar e queriam pisar em terra firme novamente. Outro sentimento que os unia era o alívio e felicidade pela recuperação de Kyle.

- Foi por pouco, não é mesmo Kina? – disse Archibald sorrindo. Após

todo este tempo, a última coisa que ele parecia era um monge Naomir. Os tempos no mosteiro com seus velhos companheiros pareciam distantes. Sequer tinha trajes que lembravam os de um lacorês.

Kiorina também já não se parecia uma lacoresa, tão pouco lembrava a menina que estudava na Alta Escola de Magia de Lacoresh. Seu corpo de mulher estava bem coberto com calças largas e escuras e uma blusa bege com uma gola mais clara. Usava alguns colares de conchas obtidos das ilhas sílficas e grandes argolas prateadas como brincos. Seus cabelos ruivos ondulados desciam até os ombros. No fim, se parecia mais com um marujo dacsiniano.

-Ai! Nem me fala Archie. – suspirou a ruiva.

-Aquilo que fizemos, você sabe, com o meu cajado...

-Puxa Archie! Não consegui digerir aquilo. Acho que pela necessidade conseguimos agir instintivamente e...

-É verdade! – cortou o rapaz empolgado – Foi inesperado, mas ao mesmo tempo, eu simplesmente sabia o que fazer.

Kiorina deu com os ombros. E Archibald prosseguiu animado e com brilho nos olhos – Eu tenho estudado o meu cajado. Ele é fabuloso. Não é apenas um canalizador, é muito mais que isso.

-Percebi. Aquele diamante foi...

-É mesmo uma bênção de Leivisa este meu cajado. Aquele velhaco grosseiro ao menos pode ser perdoado por esta magnífica obra!

Kiorina franziu o cenho – Velhaco grosseiro? Não está falando do senhor Atir...

-Claro que não! Lembra-se de quando estivemos em Tisamir?

-Sim, mas...

-Escute, o diamante que carregava, era uma encomenda de Atir para um velho anão que lá residia. Meu encontro com ele não foi muito agradável, sem querer o ofendi e apanhei um bocado por conta disso.

-Apanhou, sério?

Archibald deu com os ombros e sorriu. – Agora que possuo o cajado produzido com aquele mesmo diamante, consigo achar graça disso pela primeira vez.

-É por isso que ficou tão resmungão, de repente? Por que apanhou de um anão?

O ex-monge não negou.

-Ai,ai, Archie! E eu achando que te conhecia. Você tem mesmo seus mistérios.

O rapaz ficou bem sério e concordou – O pior é que tenho mesmo. Muita coisa

ruim e esquisita aconteceu comigo. Coisas que tenho até medo de contar! Essa coça que tomei do anão é uma bobagem perto do resto todo.

-Não fale assim, você me assusta.

-Muita coisa, eu contei para o Kyle e para Mishtra, exceto este caso do anão. Mas depois de tanto... Sabe, você é família também. Não sobrou muita coisa boa de nosso lar e nossas famílias. Penso que tudo que temos agora é a força uns dos outros.

Os olhos de Kiorina ficaram marejados, mas não chorou. Aproximou-se de Archibald e abraçou-o. – Conte comigo Archie, não só para as tarefas da jornada, mas para desabafar também.

Foi o início de uma conversa longa que se estendeu pelo resto do dia. O navio seguia veloz cada vez mais próximo do destino final: a grande cidade de Tchilla.

CAPÍTULO 25

O Estrela do Crepúsculo aproximava-se do velho continente. Adiante já era possível avistar a grande cidade de Tchilla. Construções baixas em rocha avermelhada acompanhavam o relevo estendendo-se até onde a vista podia acompanhar. De longe viam-se estátuas de grandes proporções, porém havia algo que desafiava a percepção e crença dos lacoreses: uma massiva e alta construção de pedra elevada como um monte.

- Não fala sério? Um templo? – disse Kyle incrédulo, estonteado pela visão que desafiava seus conceitos. – Nem mesmo entre os silfos...

- Vai dizer que nunca ouviu falar no Octógono Sagrado de Tchilla? – retrucou An Lepard assustado com a falta de cultura do rapaz. Olhou para os demais questionando. – Archibald? Kiorina?

Kiorina veio ao resgate dos lacoreses – Eu já, é claro! Mas confesso que não imaginava algo assim tão grande. Li muitas coisas interessantes sobre os reinos bárbaros, havia muitos livros na Alta Escola. – e complementou – O povo de Lacoresh tem pouco contato com as culturas externas. Culpa você sabe de quem, não é Archie?

- Felizmente, havia claras distinções entre os monge Naomir e a Real Santa Igreja. – justificou o ex-monge. Sua antiga ordem era subordinada à poderosa igreja lacoresa. – Mas resumindo, a igreja esconde verdades para proteger o povo da barbárie do mundo. Escravidão entres os silfos, sacrifícios humanos entre os tchilianos e assim por diante.

- Sacrifícios humanos? – questionou Kyle.

- Um dos motivos pelos quais estas são chamadas de terras bárbaras. – revelou Kiorina – Mas nem tudo é como dizem. Há reinos antigos, povos adiantados e costumes muito diferentes dos Lacoreses. Muitos deles são tão isolados como nós. São poucos que como os dacsinianos têm maior abertura. Muitos povos se isolam para evitar conflitos.

- Por falar nisso, An Lepard – perguntou Archibald – não houve uma guerra recente entre Dacs e Tchilla?

- Não durou muito. – desconversou o marujo subitamente sério.

- Por Forlon, Leivisa e Uraphenes! – exclamou Kyle – Essa cidade é muitas e muitas vezes maior que a nossa capital.

An Lepard explicou – Olha Kyle, é ainda maior do que é possível avistar daqui,

acredite. Ao menos eles não são um reino, mas sim apenas uma cidade. Ouvi dizer que a cidade tem mais que dois milhões de habitantes.

- Uma ovelha desgarrada – disse Gorum.

- Ovelha? Do que está falando? O que sabe sobre Tchilla?

- Garoto! Respeite meus cabelos brancos... Acha que os cavaleiros mais graduados não aprendem sobre política externa? E seu pai também me contou muito de suas viagens, ele já esteve nestas bandas, sabia?

Kyle franziu a testa e fez careta – É já soube disso, mas não graças a você.

- Ah garoto! O que é isso agora? Começou a gostar de saber da vida de seu pai de repente? Não é culpa minha você fazer cena sempre que eu tentava lhe falar algo sobre seu pai. Bah! Como se isso fosse algum segredo...

Kyle deu com os ombros sentindo-se desinformado e a discussão foi interrompida por Kiorina. – Ovelha desgarrada, você dizia...

- É, Tchilla tornou-se independente do Império de Keldor, que fica ao norte, há muito tempo. – explicou Gorum – E seu poderio militar, que é enorme, concentra-se na defesa contra ataques dos keldorianos, que mesmo depois de tanto tempo...

Lepard sorriu – Vejo que os veteranos lacoreses sabem algo das questões externas quando o assunto é a guerra.

- Assim como os dacsinianos sabem das coisas quando o assunto é ouro. – retrucou o gigante com tom de brincadeira.

- Fale mais sobre o grande templo, An Lepard. – Pediu Kyle, cada vez mais fascinado na medida em que se aproximavam, ficando visíveis seus enormes degraus ascendentes, que mais ao longe se assemelhavam aos contornos de uma colina.

- Não sou um especialista no assunto, mas Georges... – fez um pausa olhando para baixo lembrando-se do companheiro que perderam numa batalha contra os silfos – ele conhecia muito sobre os tchilianos. Ele era um dacsiniano esquisito que aprendeu a gostar dos deuses de outros povos. Mas enfim... O octógono é o principal templo de Tchilla que também é conhecida como a cidade dos cem templos. Em oposição completa aos dacsinianos que não tem um deus sequer, os tchilianos são religiosos fervorosos e muitas vezes fanáticos que adoram dezenas e dezenas de deuses. Eles têm deus para tudo. Deus do vento, fogo, água do

mar, águas dos rios, nuvens, fertilidade, guerra, enfim, o que imaginar. Bem, mas isso não é tudo, há oito deuses favoritos e para cada um deles, uma das paredes, ou melhor, escadarias do octógono foi erguida. Sabe, esses tchilianos não batem bem da cabeça. Há concursos entre eles para decidir quem irá oferecer a própria vida em sacrifício a determinados deuses. E todos os anos, não faltam concorrentes, voluntários para morrer. Acreditam nisso? Suicidas malucos! – Leopard riu-se e disse – Bem, graças aos deuses que não acreditamos em deuses em Dacs.

Archibald quis complementar – Em alguns aspectos, li que os deuses adorados por eles são parecidos com os nossos, porém, eles o fazem de um modo mais primitivo e menos refinado. Eles não compreendem a grandeza e nobreza de valores das divindades. Concentram-se apenas em efeitos, pedidos e prazeres. Como se a religião fosse envolvesse barganhas. Rezam por dinheiro e posses e quando sentem ira, inveja e ódio, rezam pedindo que a desgraça recaia sobre os inimigos. Antes da Real Santa Igreja, já ocorreram práticas menos nobres nos cultos em nossas terras. Mas tudo isso já se passou há muito tempo, profetas e escrituras inspiradas pelas divindades vieram a esclarecer certas confusões e eliminar as práticas pagãs.

- Isso é verdade – concordou Kiorina – Posso não concordar com tudo sobre a Real Santa Igreja, mas dou meu braço a torcer. No fundo, os ensinamentos são bons levando as pessoas a vidas mais pacíficas e equilibradas. Seria injusto atribuir as desigualdades em Lacoresh à Igreja, quando estas estão mesmo mais ligadas à nobreza.

- Enfim, logo mais, todos vocês terão a oportunidade de conhecer tudo sobre a exótica Tchilla e seus numerosos habitantes.

A pessoa capaz de tirar a atenção de Kyle dos templos e da cidade chegou ao tombadilho. O olhar do rapaz se iluminou, mas Leopard e Kiorina desviaram o olhar. – *Blequeuin, queridin!* Vou dizer logo o que deve aprender sobre *tissilians*. *Nan* confie, *nansi* aproxime e *nan* fique entre eles muito tempo. Se *fazer* diferente, *se arrepender*. – encarou Kiorina por um instante com um sorriso nos lábios e, em seguida, beijou longamente e boca de Kyle.

Gorum pigarreava alto, mas não chegou a encurtar as demonstrações de afeto entre os dois.

Pouco depois, Kiorina indagou – Claudine, posso saber o porquê de tanto desprezo pelos Tchillianos? – An Leopard balançou a cabeça enquanto Kiorina perguntava.

Claudine respondeu alterada – Tolinha... *Nan* sabe da guerra? Será preciso mais *motives*?

Pouco depois, An Lepard cochichou ao pé da orelha de Kiorina – O pai dela morreu na guerra. – A ruiva corou.

-Para a proa, *queridin*? – Claudine desceu puxando Kyle atrás de si.

Gorum cochichou algo para Archibald e ambos começaram a segurar, sem muito sucesso gargalhadas. Que desta forma, irritavam ainda mais a ruiva.

Kiorina, mais que corada, olhou para os dois com olhar fulminante e desceu com passos sonoros para o lado oposto até a popa da embarcação.

An Lepard deu com os ombros e acompanhou as gargalhadas de Archibald e Gorum. – Bom humor, não é mesmo Gorum? Nada como o bom humor!

CAPÍTULO 26

- Como disse, os tchillianos têm costumes muito diferentes, os quais levam muito a sério. – advertiu novamente An Lepard, um pouco nervoso com a atracação do navio.

O Estrela do Crepúsculo era mais um entre centenas de navios atracados na extensa região portuária da cidade multimilenar. Os lacoreses observavam assombrados a movimentação nas ruas próximas dos atracadouros. Era muita gente, como uma grande colônia de insetos. Kleon fora o primeiro a desembarcar. Com Erles e Georges mortos, o pequeno katoriano assumira a posição de imediato do navio. Era hábil com as línguas, aprendendo-as com incrível facilidade. Falava tão bem o tchilliano quanto um nativo letrado. Durante as últimas semanas, ensinou aos membros da tripulação, dispostos a aprender aspectos básicos da linguagem. O ruivo das terras do extremo sul, foi atender às demandas dos fiscais portuários.

An Lepard desceu em seguida chamando – Gorum, venha comigo. Peço aos demais que aguardem enquanto cuidamos da documentação.

Gorum desceu a rampa, seguido por Kyle. Estranharam pisar em solo firme. Kyle sentia a perna repuxar, mas conseguia andar sozinho.

Antes que An Lepard se manifestasse, Kyle insistiu – não adianta, não será como daquela vez. Não quero estar no navio enquanto você sai e é capturado.

Lepard não gostou a colocação do rapaz.

-Relaxa garoto! Não vai acontecer nada...

O capitão deu com os ombros – Pode vir Kyle. O pior que pode acontecer é pensarem que viemos de um reino de mancos.

Gorum gargalhou. – Boa, An Lepard!

O capitão ficou sério e repreendeu o gigante – Lepard apenas, como disse antes.

- Desculpe. – Gorum lembrou-se do que fora explicado a respeito de nomes próprios. Que apenas os imperadores de Tchilla tinham o privilégio de utilizar em seus nomes a primeira das letras. Que era uma ofensa alguém além de imperadores e deuses ter o nome iniciado pela letra A.

Cumprimentaram os dois fiscais conforme Kleon havia ensinado. Mão direita espalmada sobre o coração seguida de breve reverencia abaixando a cabeça sutilmente. Kyle estranhou as vestimentas e feições. Tinham estatura mediana, olhos escuros e cabelos curtos e muito enrolados. Um deles tinha bigodes proeminentes enquanto o outro usava uma barba curta, porém farta e volumosa. A pele era bastante bronzeada. Suas vestes eram mantos beges de uma só peça, com golas decotadas em vô, bordadas com detalhes geométricos e coloridos. Em torno da

cintura, cinturões de couro ou de tecido. O pano descia até o meio das canelas que estavam cobertas com tiras de couro das sandálias que deixavam os dedos do pé expostos. A vestimenta lembrava em alguns aspectos os trajes clericais de Iacoresh.

Seguiram os fiscais até um posto no qual tomou-se nota de informações sobre o navio e sua tripulação. No posto, uma construção ampla e movimentada, puderam trocar moedas dacsinianas pelas argolas tchillianas.

Conforme revelada a existência de duas mulheres na tripulação, os fiscais recomendaram a compra de mantos e xales azuis. Como puderam observar era o costume local que as mulheres cobrissem seus corpos com longos mantos azuis e a cabeça com lenços ou xales da mesma cor. Após adquirirem mantos e uma caixa de madeira para os documentos e dinheiro locais, voltaram às ruas.

- Por que as mulheres daqui vestem-se de azul? – indagou Kyle a Kleon.

- Não estou certo, mas tem relação com a religião deles. Ao que me parece é a cor da divindade da fertilidade à qual dão grande valor e importância em Tchilla.

- É como um festival. Todos parecem estar fantasiados – concluiu Gorum.

Lepard explicou – para os tchillianos, símbolos, cores e nomes são muito importantes. Em suas roupas, chapéus e joias há muitos significados. Nunca fui capaz de compreendê-los totalmente.

- Isso é estranho... – disse Kyle – O povo todo se veste de modo diferente. Em Iacoresh, apenas nobres e o clero tem essa prerrogativa.

Muita gente e cores nas ruas. Olhares reprovadores vinham de muitos na direção dos estrangeiros e uma sensação de desconforto crescia em Kyle. Enquanto isso, Gorum achava graça na forma de vestir e de andar das pessoas. Carroças eram puxadas por grandes quadrúpedes que nunca haviam visto, e ao mesmo tempo outras carroças pequenas, carregando uma ou duas pessoas eram puxadas por homens.

- São bantus. – explicou Kleon.

- Quem, os homens ou os animais? – retrucou Gorum.

- Os animais, é claro! Os homens são escravos, conforme a marca em suas testas.

- Mas há outros de testa marcada, não parecem escravos.

- Verdade, algumas posições entre os tchillianos são tão importantes que devem estar marcadas em suas testas.

Gorum percebia a tensão em Kyle. Sorriu e cutucou-o – Vejo que leem estrangeiros pagãos em nossas testas. Relaxe garoto, não parecem ser tão maus

assim.

- Qual é Gorum. Pare de pegar no meu pé!

- Garoto! Até parece que não passamos tempos desagradáveis entre os silfos do mar. Estamos entre os nossos aqui, humanos, são esquisitos, mais ainda humanos.

- Não sei. Não me sinto bem aqui.

Gorum deu um tapa nas costas de Kyle – Deixe de bobagens, logo irá se acostumar. Seu pai mesmo já falou daqui... Ele dizia: “Os tchillianos são esquisitos, mas no fundo são boa gente”.

Kyle virou os olhos e seguiu em frente, carregando nos braços os mantos e xales azuis para Kiorina e Claudine.

De volta ao navio, documentos de visitantes formam distribuídos para cada um.

Claudine conhecia a realidade de Tchilla e não gostava nada de ter de vestir-se de azul. Resmungava quanto a isso, ao passo que Kiorina estranhou aquilo, mas sua excitação em conhecer a cidade e sua cultura deixou quaisquer questionamentos de lado. Vestiu-se rapidamente e aproximou-se do capitão.

- Vamos An Leopard, – pediu Kiorina excitada – quero que me mostre tudo que há em Tchilla!

- Kiorina! – retrucou ríspido – Não me chame de An Leopard! Esses doidos consideram isso sacrilégio, uma grande ofensa. A primeira letra deve ser dedicada apenas aos nomes do imperador e de deuses. Leopard seria um problema para outros, mas me cai bem, uma vez que dedicam o L e O para nomes da nobreza. Como sou considerado um nobre em minhas terras, não tem problema.

- Pelos deuses Leopard! Não precisa ser grosso assim.

- Peço perdão Kiorina, mas é importante que entendam certas coisas sobre este lugar. Não quero ver ninguém encarcerado por causa de bobagens.

- Ah, tudo bem, já entendi... – a ruiva deu uns pulinhos – Vamos desembarcar de uma vez! Não aguento mais esse navio!

Penetravam nas movimentadas ruas da metrópole. A cidade era enorme e as dimensões de suas ruas e algumas construções deixavam os visitantes lacoreses de queixo caído. Nem mesmo a cidade de Nish, capital dos silfos do mar, causara tal impressão.

Além da zona portuária, chegaram a uma grande avenida, repleta de carroças puxadas por bantus, e puderam ver ao longe enormes estátuas de pedra avermelhada.

– É a praça dos imperadores – informou Lepard. – deixemos esta visita para depois, agora o mais importante é chegarmos ao Brilho d'Água.

-Onde? – quis saber Kyle.

-O hotel administrado por um conhecido. Vamos.

Passaram por um templo com um estátua com falo desproporcional que fez Gorum gargalhar. Foi severamente repreendido por Lepard.

-Pelos Deuses! – exclamou Archibald.

-É enorme, não? – brincou Gorum.

-Que horror! – Kiorina desviou o olhar.

An Lepard explicou – Este é o templo de Araior, o deus da fertilidade dos Tchillianos, um dos Oito.

-Oito? – repetiu Gorum – Quer dizer que tem mais outros sete deuses com um terceiro pé...

-Já disse Gorum, isso não é motivo de piadas!

Era um grande templo e na sua entrada a estátua de Araior, com o tamanho de três homens, exibia seus órgãos genitais de forma exagerada. Aquilo era obsceno para os lacoreses. Nas paredes externas do templo, representações em alto relevo dos diversos rituais de fertilidade exibiam centenas de homens e mulheres engajados em atividade sexual.

-Em frente, vamos! – ordenou Lepard – Vamos antes que seu instinto de piadista nos traga problemas.

CAPÍTULO 27

O hotel Brilho d'Água tinha seu nome derivado de uma piscina circular que ficava no centro do salão no qual funcionava um movimentado restaurante. O teto acima possuía uma abertura que deixava o sol penetrar iluminando a água e todo o salão, por consequência, todo o local possuía brilhos ondulantes da luz refletida na água. Ali havia uma concentração de estrangeiros, o que diminuía a sensação de desconforto dos lacoreses e dacsinianos.

Sentados à mesa em cadeiras confortáveis feitas de couro de catiz esticado experimentavam uma típica refeição tchilliana. Eram servidos pelo simpático Crilio Erino, um rapaz moreno de cabelos crespos que não parecia ser de Tchilla e falava bem lacorês e dacsiniano. Crilio trazia outra jarra de cerveja escura e adocicada produzida na cidade.

Kiorina estava curiosa e indagou – Com licença, senhor Erino...

- Apenas Crilio.

- Aquele homem – indicou a moça discretamente – por que está tão arrasado?

O homem a que Kiorina se referia, bebia e chorava sem parar. Possuía uma barba farta e vestia-se de maneira distinta.

- Ah, a senhorita percebeu. Pobre homem, o único filho será sacrificado aos deuses.

- Que horror! Sacrifícios humanos...

- A cerimônia é muito bonita. E quanto ao homem, talvez a senhorita esteja equivocada quanto a sua interpretação.

- Como assim?

- O pai não está triste pela morte do filho, em si.

- Não?

- Está preocupado com seus negócios. Agora que seu filho irá deixá-lo, está preocupado com a reputação e continuidade dos negócios da família.

- E por que o filho será sacrificado?

- Por escolha própria. Ele se ofereceu para Araior na esperança de que seu pai possa voltar a ter filhos.

- Isso não faz sentido. Ele já não tem um filho?

- Sim, mas apesar de serem abastados, nenhuma das dez esposas do filho engravidaram.

- Dez esposas? – Intrometeu-se Archibald.

- Dez não são tantas... Cinco esposas estão com um processo de divórcio aberto. O jovem príncipe Abenani, por outro lado, casar-se-á com mais de duzentas prometidas.

Kiorina retomou – Mas eu ainda não entendi...

- De uma forma simples, o filho é infértil e oferece sua vida em sacrifício na esperança de retornar a fertilidade a seu pai. Assim, uma nova linhagem poderá ser iniciada. Além do mais, as esposas estão muito infelizes, pois até que nasça o primeiro homem, ficam aprisionadas na mansão.

- Mas isso não faz sentido!

- Talvez não para vocês, estrangeiros...

Gorum perguntou – E o que vai acontecer com as esposas?

- Por lei, passarão para o pai. Ele terá um ano para fertilizá-las.

An Leopard terminou sua refeição e disse – Que ótimo estarem interessados neste besteirol de fertilidade, mas devo lembrar-lhes que isso não é nosso problema. Obrigado Crilio. Ótimo serviço e refeição.

- Sempre às ordens, senhor Leopard. – disse o rapaz, retirou os pratos e saiu.

- Aliás, o problema de vocês é salvar Lacoresh da garra daqueles malditos usurpadores, certo? Que tal deixarmos esse assunto de fertilidade de lado voltar à questão do oráculo?

Kiorina ficou contrariada, mas Kyle concordou – Leopard tem razão. Vamos nos concentrar em confirmar nosso caminho até o oráculo.

- Mas Kyle!

- O que?

- Essa história não está certa.

Claudine concordou – Verdade! Esses *tissilians* são uns tolos. Nada do que fazem *nan* está certo.

- Não é o que quis dizer. Quis dizer que talvez possamos ajudá-lo.

- Ajudar *tissilians*? *Nan* conte comigo!

Kiorina fez uma careta para Claudine, e ignorando-a perguntou – DeReifos? Gorum? Kleon?

- O que tem em mente garota? – perguntou Gorum interessado.

Kiorina começou a expor o que pensava para Gorum, Kleon e Archibald. Eles estavam sensibilizados pelo sofrimento do homem.

Kyle balançou a cabeça e resmungou – Será possível que na única vez que Lepard está certo sobre alguma coisa eles arrumam uma furada para entrar?

- *Nan* se preocupe *queridin*, nós três vamos pegar as indicações necessárias para ir adiante, *nan* é capitão?

Lepard consentiu – Claro. Gosto pouco de estar nesta cidade...

Torenb Nargub, o homem desesperado, estava um pouco mais calmo. Passava por difíceis provações, mas lhe faltava um ombro amigo para desabafar. Para os conhecidos e parentes, sua situação era embaraçosa demais para ser discutida. Archibald e Kiorina entendiam um pouco de Tchilliano, mas precisavam da ajuda de Kleon para traduzir.

- Quer dizer que para o senhor o mais importante é a vida de seu filho? – traduziu Kleon.

- Sim, não é como dizem e pensam, que sou um negociante mesquinho... Na realidade, essa história toda se espalhou pela boca grande do cabeça dura do meu filho. Ele não me escuta, colocou na cabeça que é um amaldiçoado e inútil, que arruinou a família, mas eu não ligo. Ele é meu filho, entendem? Não está certo que ele morra por algo que não concordo, que morra em meu nome...

Kiorina cochichou para Archibald – Eu sabia Archie, eu senti que aquele lamento advinha de um sentimento profundo e verdadeiro.

Quando Kleon terminou de traduzir, Gorum pediu – Diga a ele que vamos ajudar.

- Mas como? – retrucou o homem.

- Não se preocupe, Sr. Nargub – traduziu Kleon – vamos encontrar uma solução.

CAPÍTULO 28

An Leopard olhava para as estrelas um tanto deprimido. Os ares mau cheirosos da enorme marina de Tchilla eram amenizados por uma generosa brisa noturna vinda do mar. Noutro canto de seu navio que fora roubado e depois recuperado às custas de muito sangue, estavam sua ex-amante, Claudine, e Kyle Blackwing, vivenciando um romance o qual capitão custava admitir que feria seus sentimentos. Sua vingança foi realizada: Erles e Celix foram mortos e seu navio recuperado. Recuperar seu navio e vingar-se dos traidores foi a motivação que levou o capitão An Leopard adiante, mas agora o que fazer? As memórias das torturas do silfo Shark ainda o atormentavam, pensar em Kyle com Claudine o atormentava, pensar em seu aleijão e tudo mais também. Tudo por causa do maldito Celix. Ele já estava morto, mas um vazio e uma raiva que não se dissipavam permanecia.

-Bela noite, não é capitão? – indagou Archibald.

-Depende dos olhos de quem vê.

O ex-monge aproximou-se colocando-se lado a lado com o capitão, assumindo postura semelhante, apoiando mãos na lateral do navio e olhando para o alto. – Ambos insones, não é mesmo?

Leopard deu com os ombros. – O que quer DeReifos?

-Sei que não se importa muito com Lacoresh, ou com a questão dos necromantes.

-Verdade. Então?

-Fico pensando se lhe restou algum objetivo de vida.

Leopard riu-se, uma risada ácida – Não estou precisando de um conselheiro sentimental, certo *padreco*?

-Não é o que pretendia, sabe... – foi interrompido.

-Sei, sei exatamente do que estou precisando. Uma boa noitada! O que me diz, Sr. monge?

-Noitada?

Leopard envolveu as costas de Archibald com o braço e puxou-o sorrindo. – Vamos, acho que ambos precisamos tomar uma boa bebida.

Archibald concordou – considerando tudo o que passamos, uma bebida não parece uma má ideia.

Próximo à marina na qual o Estrela do Crepúsculo estava ancorado, dezenas de bares e tavernas estavam em pleno movimento. No interior de uma destas soava uma música exótica, muito ritmada, composta por uma dúzia de instrumentos de

percussão e um conjunto de flautas com timbres diferenciados e ao mesmo tempo peculiares. A música era bastante estranha para os ouvidos de um lacorês. An Lepard não escolheu uma espelunca qualquer, era um lugar frequentado por ricos ou poderosos, cuja entrada lhes custou caro.

Archibald protestou – isso tudo?

-Relaxa DeReifos, vai valer o preço.

Ao cruzar dois portões intermediários e descer uma pequena escada, depararam-se com um ambiente amplo, luxuosamente decorado, coberto por uma névoa advinda de dezenas de instrumentos de fumo espalhados. O primeiro ambiente, era composto de mesas baixas, rodeadas por almofadões nas quais apenas homens bebiam, comiam e fumavam. Adiante, havia uma escada de poucos degraus ascendentes que levava a outro local, separado por inúmeros véus coloridos. De lá vinha a música, assim como grande movimentação e dança. Próximo à escada, uma espécie de cabide de grandes proporções apoiava dezenas de vestes azuis ou púrpuras.

Archibald e An Lepard sentaram-se ao redor de uma mesa sobre a qual um instrumento de fumo estava disponível. Lepard tragou e saboreou, em seguida, ofereceu a Archibald. O rapaz, tossiu vigorosamente, pois nunca havia fumado qualquer coisa em toda sua vida. Lepard zombou de Archibald e pediu algumas bebidas. Uma bonita jarra de vidro, contendo um líquido amarelo foi servida. Tratava-se de uma batida de frutas, bastante adocicada, misturada a uma forte aguardente local. A bebida doce, escondia o gosto do álcool e sem perceber o ex-monge se viu embriagado.

-Vamos rapaz – chamou Lepard.

-Onde?

-Para a noitada de verdade, até então, estávamos só nos aquecendo.

Archibald seguiu Lepard para a escada diante dos véus. Lepard sorria largamente e Archibald estava apreensivo. A música estava mais intensa e além dos véus, Archibald ficou atordoado pela visão. Uma centena de homens e mulheres dançavam e agarravam-se de uma forma repreensiva. As mulheres, vestiam roupas vermelhas e não azuis ou púrpuras como o de costume. Seus rostos pintados com fortes maquiagens e pernas, braços e até mesmo ventres ficavam amostra.

Nas laterais, piscinas de água quente das quais vapores emanavam. Homens e mulheres relaxavam, ou mesmo se tocavam no interior destas piscinas. Mais adiante, um altar, com estátuas dos deuses da fertilidade e seus órgãos genitais desproporcionais eram venerados por sacerdotes. Tudo aquilo de uma só vez, atordoava os sentidos e a racionalidade do monge. Como era possível que em um local que parecia ser um bordel, sacerdotes e sacerdotisas estivessem realizando um ritual?

Archibald ficou paralisado a observar tudo o que ocorria, enquanto isso, An

Lepard encontrou uma companheira para dançar, misturando-se à aglomeração de pessoas. Archibald hesitava e preparava-se para dar meia-volta e deixar aquele local. Não viu de onde vieram duas mulheres, muito bonitas, com os corpos cobertos de suor, mas também cobertas com o odor de fortes ervas aromáticas. Só soube que elas puxavam-no pelos braços, levando-o para o centro da grande pista de dança. Aos poucos, o ex-monge foi contagiado pelo ritmo, calor e excitação. Uma espécie de transe se apossou de seus sentidos e dançou por horas, suando e enroscando-se com as mulheres que ofereciam beijos e carícias em meio àquela dança erótica coletiva. E a dança, era apenas o início dos rituais dedicados ao grande deus da fertilidade de Tchilla, assim como aos deuses menores da fertilidade. Em dado momento, a percepção de Archibald abriu-se, sentindo grande calor em seus pontos vitais e seus olhos enxergaram manifestações do mundo invisível a interagir com todos os presentes naquele ritual de grandes proporções.

No dia seguinte, acordou nu, com diversas mulheres e homens nus ao seu redor, uns sobre os outros. Sentiu-se estranhamente leve e purificado. As memórias do que vivenciara na noite anterior não estavam claras, mas a segunda visão adquirida, ao menos uma parte dela, parecia permanecer. Olhava para as próprias mãos que pareciam ora ter cinco dedos, ora dividiam-se em dez, ora em quinze. Ao caminhar para além das camas que ficavam além do altar, foi cercado por dois sacerdotes. Um deles cobriu seu corpo com um manto vermelho enquanto o outro fez um sinal em sua testa com uma espécie de tinta quente, ou mesmo, uma cera quente. Era estranho, mas podia entender perfeitamente as palavras dos sacerdotes, mesmo que ainda não falasse bem a língua local. Parecia que eles falavam diretamente em sua mente. O que lhe disseram, perturbava sua fé perdida e sua racionalidade construída.

Esqueceu-se de Lepard e saiu pelas ruas, caminhando com os pés descalços olhando para o vazio. Sem saber por que nem para onde ia, viu-se subindo os imensos degraus do templo de Araior.

CAPÍTULO 29

- Afinal, onde estão Archibald e Lepard? – indagou Kiorina preocupada.

- DeReifos e Lepard saíram ontem e não retornaram – respondeu um dos membros da tripulação.

De fora do Estrela, Kleon chamou – E então Kiorina? Vamos ou não? Se demorarmos mais...

- Certo... Kyle! Kyle?

- Ei, não precisa gritar. – Kyle saiu da cabine espreguiçando-se.

- Você e Claudine, ficam encarregados de encontrar o capitão e Archi.. DeReifos, certo?

Kyle ainda tinha cara de sono e seu raciocínio era lento – Ah? Encontrar? O que houve?

Gorum desceu e disse – Não deve ser nada, garoto, apenas uma noitada... Vamos Kina!

Kyle fez uma careta – Vocês estão indo arrumar encrenca, não é? Aquela história do sacrifício?

- Isso! Diga ao capitão que logo estaremos de volta – pediu Kleon animado.

Kyle observou Kiorina, em vestes azuis, seguida de Kleon e Gorum. Apesar da sensação de que encontrariam encrencas, Kyle ficou tranquilo, pois sabia que Gorum cuidaria bem deles.

- Bom dia, *queridim*! Que tal umas frutas? – a dacsiniana surgiu da cabine com um sorriso no rosto e caminhar animado.

O casal se abraçou e beijou. Neste meio tempo, An Lepard aproximou-se da embarcação. O marujo retorceu os lábios, mas não admitia que conviver com Kyle e Claudine juntos o abalava.

- Vocês não têm o que fazer? Ainda estão do mesmo jeito que os deixei ontem!

Kyle que retrucou animado – Bom dia para você também capitão! – Kyle adorava poder incomodar o Lepard. Claudine fechou a cara.

- E então, Lepard? Onde está DeReifos?

- O monge? Não voltou? – Lepard abriu um sorriso. – Foi mesmo uma noite e tanto!

- Onde foram? O que... – Kyle assustou-se com o movimento brusco de Claudine, que saltou para fora do navio e disparou numa corrida ao longo do cais.

- Claudine! Claudine! – Os chamados de Kyle foram ignorados.

- O que deu nela? – perguntou Lepard.

Kyle movimentou-se para buscar um manto noutra canto do convés – Não sei, mas sem as vestes azuis vai arranjar encrenca! – Desceu no encalço da amante. An Lepard o seguiu numa marcha mais lenta por causa do aleijão.

Ao deixar o cais, Claudine foi interceptada por um guarda que segurou-a pelos braços. – Me solta seu idiota! – rosnou a moça em sua própria língua, conseguindo se desvencilhar. Penetrou na multidão, mas o guarda logo soou seu apito chamando reforços. Em instantes, Claudine fora capturada por um par de guardas.

Kyle chegou em seguida, dizendo com forte sotaque uma das poucas coisas decoradas em tchilliano – Desculpem, nós estrangeiros. Desculpem, nós estrangeiros.

Kyle deu o manto a Claudine – Vista isso, se não estaremos em problemas com os locais!

- *Problems?* Eles é que *están* com *problems* agora! – Disse Claudine furiosa vestindo o manto. Com isso os guardas deixaram o local sob mais pedidos desajeitados de desculpas de Kyle.

- Calma! Me diga o que houve.

- Meu pai! Eu vi meu pai!

- Mas seu pai não morreu na guerra?

- *Nan* é obvio? Ele *nan* morreu, mas tornou-se um *escrabull* destes *patifs*!

- Escravo? Você tem certeza do que viu?

- É claro – disse tomando Kyle pelo braço e puxando-o para dentro da multidão.

Havia uma grande multidão aglomerada e muito barulho. Kiorina saltitava tentando ver algo, sem sucesso.

- O que está vendo Gorum?

- Reptantes em jaulas.

- Reptantes? Incrível e... ei! – Kiorina protestou ao ser agarrada por Gorum que colocou-a sobre a seus ombros. Assim que a ruiva pode ver

com seus próprios olhos, deixou os protestos de lado. Ao mesmo tempo, Kleon tentava avançar na multidão na esperança de ver algo.

Havia um grupo de jaulas puxadas por bantus e no interior destas, dezenas de homens lagartos, conhecidos como reptantes. Kiorina observava-os com fascinação, apenas havia visto ilustrações destes em livros e vê-los assim de perto a deixava atônita. Um reptante, em especial, capturou a atenção da ruiva. Suas escamas tendiam a um tom azulado, diferindo dos demais, esverdeados. O seu pescoço, mais longo que o dos humanos, possuía rajadas de cores quentes, do amarelo ao laranja escuro. Ele aproximou-se da lateral da jaula, segurando-a com suas garras afiadas. Seus olhos verdes e fendidos, cruzaram-se com os olhos, de mesma cor, da Lacoresa. Palavras formaram-se na mente da moça: “Ajude-nos! Ajude-nos, fêmea do fogo!” Kiorina deu um gritinho e muito assustada desceu das costas de Gorum às pressas.

- O que deu em você? – quis saber Gorum

- Alta Magia! Suponho que o lagarto azul, fez um contato comigo. Eu não estava preparada para isso. Foi assustador.

- Contato?

- Ele falou em minha mente, me pediu ajuda. Olha, estou toda arrepiada.

Gorum coçou a barba, intrigado e deu mais uma olhada nas jaulas. Enquanto isso, Kiorina chamou – Kleon! Kleon!

O rapaz retornou, decepcionado, sem ter conseguido ver muita coisa – Sim?

- O que eles estão dizendo?

- Como assim?

- O povo, e os condutores das jaulas, o que dizem?

- Ah sim, falam sobre lutas que irão acontecer na arena, amanhã. Os lagartos são uma amostra para atrair o público.

Gorum ficou animado – Puxa! Deverá ser uma luta e tanto. Mal posso...

Kiorina deu uma cotovelada de repreensão – Não devia falar assim, sabe que lutas em arena são uma crueldade!

- Ei garota, esfria a cabeça.

Kleon resolveu mudar de assunto, antes que Kiorina continuasse com sua lição de moral – Ei, escutem! Não devemos perder tempo com isso, lembrem-se, precisamos nos encontrar com o filho do senhor Nargub.

Kiorina concordou e foi à frente. Afastaram-se da multidão. Ela batia os pés e tinha a expressão fechada. A ideia de lutas em arenas a deixavam enjoada. Kleon e Gorum trocaram olhares e deram com os ombros. Kiorina virou-se para Gorum e

disse irritada – Sem piadas!

Kleon e Gorum e seguiram-na segurando o riso.

CAPÍTULO 30

- Por favor, rapaz, nos diga seu verdadeiro nome, é muito importante. – Pediu o templário de expressão bondosa, vestido em mantos brancos. Possuía cabelos grisalhos e ralos, mas já era quase careca.

Archibald hesitava. Estava sentado, envolto num manto vermelho do qual não se lembrava ter vestido. Sua testa ardia e sentia-se inseguro sendo interrogado por um círculo de templários velhos de alta graduação.

- Muito bem, mas prometam que não farão mal a meus amigos.

- Por que faríamos? – retrucou um templário velho, de olhos azuis e pele bastante enrugada.

- Meu nome é Archibald.

Houve um silêncio seguido por um murmúrio. Um nome começado com a letra A era mais um sinal de que o rapaz poderia de fato ser alguém sagrado. Um templário arregalou os olhos e cochichou algo ao pé do ouvido de um outro. – Akibaru! Akibaru? – disseram. Era assim que o nome deles soava na língua deles.

Um deles, que tinha expressão bondosa, excitado deixou escapar – Eu sabia! É mesmo um avatar!

Outro, temeroso, repreendeu – Quietos Eseak!

Um outro logo rebateu com uma proposição – Se o rapaz for mesmo um avatar, deverá ser testado.

- Eu não entendo, o que está havendo? – Archibald estava confuso, e até o presente momento não conseguia entender o que lhe acontecia, ou mesmo algo mais simples: como agora conseguia entender perfeitamente a língua tchilliana?

- Eseak, explique ao rapaz. – ordenou o templário mais velho, de pele enrugada.

O templário de meia-idade, cabelos grisalhos e ralos, bochechas grandes e rosadas e boquinha apertada aproximou-se de Archibald e disse – Alguns de nós, que o examinamos hoje cedo, no templo de Araior, acreditamos que você tenha incorporado um avatar.

- Incorporado? Que dizer que eu não sou mais eu? Eu sei quem sou, sei de onde vim. Venho de Lacoresh, fui um monge da ordem dos Naomir, vim em busca do oráculo de Shimitsu.

- Oráculo de Shimitsu, você diz? O deus da lua azul? Senhor dos

cristais?

- Sim o pai dos homens. – confirmou o lacorês.

- Ele busca a grande voz de Asimi! – Um templário nos fundos deixou escapar o seu espanto.

- Asimi?

- Asimi, o deus do poder celeste, da suprema força, da conjunção dos elementos, do metal e da mente, do corpo e do espírito. – Explicou Eseak.

Archibald deu com os ombros – Olhem, a única coisa verdadeiramente estranha é o fato de conversarmos normalmente.

- Como assim?

- Até ontem, mal sabia pedir comida na língua de vocês, agora, entendendo tudo, como se tivesse nascido aqui, não é estranho?

Eseak disse coberto de excitação – E ainda querem provas, meus caros?

- Não pode ser, um avatar de Asimi? Sabem o que isso significa?

Um dos templários, alarmista, gaguejou e disse com medo – Os si..sinais são cla...claros. O alinhamento e a grande con...con...conjunção se aproximam.

- Não é certo que seja mesmo um avatar, quanto menos de Asimi.

Archibald sentia seu coração acelerado – E então? Poderei ir? Eu fiz algo de errado?

- Não meu jovem, não fez nada de errado. – o templário Eseak tentava tranquiliza-lo. Mas Archibald sentia que havia forte tensão e preocupação entre os templários.

- Será que não veem em seus olhos, que foi preparado para abrigar um dos filhos de Korvokur?

Archibald sentiu um calafrio ao escutar tal nome, para ele desconhecido.

- Mas não é isso que parece ter acontecido, não é mestre Gusbarg? – perguntou Eseak, ao templário mais velho e graduado.

Gusbarg aceitou o argumento de Eseak, mas insistiu – Não é o que ocorreu, de fato, mas sem enganos eu lhes digo, é perigoso este rapaz, está sob a sina da lua obscura, sob a sina do senhor das mentiras, o trapaceiro, Korvokur.

Archibald novamente sentiu um calafrio, e lembrou-se dos acontecimentos estranhos vivenciados em Lacoresh. Lembrou-se de quanto seu corpo era tomado por uma força selvagem e que combatia o inimigo impiedosamente em tais situações.

- Não foi assim com o grande herói? Não era também Baru nascido sob a lua obscura?

- Tais discussões não nos levarão a um ponto de consenso – sentenciou

Gusbarg. – Devemos levar tal discussão ao grande conselho dos templos, mesmo antes da cerimônia de emancipação do jovem imperador Abenani Baru.

- Isso quer dizer que não poderei ir, estou certo?

Eseak colocou as mãos sobre o ombro do rapaz – Calma rapaz, é só por um tempo.

- Sr. Eseak, posso ao menos avisar a meus amigos que estou bem?

- Perfeitamente. Pode chamar-me de Nar. É meu primeiro nome.

CAPÍTULO 31

Já era noite e frustração e preocupação dominavam o convés do Estrela do Crepúsculo. Kiorina estava sentada e quieta, bastante chateada com tudo que vinha acontecendo. Archibald estava desaparecido, o rapaz tchilliano que pretendiam ajudar foi

rude e não escutou o que tinham a dizer, ainda não tinham boas pistas sobre o oráculo e no fim de tudo, não conseguia apagar de sua mente o pedido de socorro emitido pelo reptante enjaulado.

Claudine também estava chateada, pois não conseguira nenhuma pista sobre o paradeiro de seu pai. Kyle tentava oferecer consolo, mas sem muito sucesso.

Há pouco, Kleon e Lepard deixaram o navio para retornar ao local em que o capitão vira Archibald pela última vez. Talvez com alguém fluente em tchilliano, o capitão conseguiria obter informações sobre o paradeiro do rapaz. Em seu íntimo, Lepard estava tranquilo, imaginando que o ex-monge, de algum modo, ainda estivesse entre as mulheres da noite anterior.

- Não adianta fazer careta, Kina! Isso não vai resolver nada.

- Você não entende, Gorum? Aquele pobre homem está prestes a perder seu filho e ninguém está fazendo nada a respeito!

- Sabe menina, você é que não sabe nada sobre perder filhos.

- Como assim?

- Eu tive uma filha, sabia? Perdi ela e a mãe, na ocasião da guerra dos bestiais.

- Puxa, eu não sabia.

- Tudo bem, isso já ficou no passado, mas não me venha dizer que ninguém está fazendo nada, pois nós estamos. Nós estamos tentando, não é mesmo?

- Você tem razão, estou exagerando, mas me sinto impotente para ajudá-lo.

Gorum fez um gesto obsceno e disse – Não me fale de impotência, há há há! Nossa essa piada é horrível, mas me deu uma boa ideia!

- Ideia?

- Magia sua boba! Você vai resolver essa questão usando magia!

- É mesmo? Como? Tocando fogo nele?

- É funcionaria! – riu-se – Mas seria muito radical... Não, é claro que

queimá-lo não é a melhor opção. Quem sabe, fazer com que o pai dele adoça.

- Você acha que sou uma necromante, ou algo assim?

- Não, mas não é uma má ilusionista, não é verdade?

O rosto da ruiva iluminou-se. – É claro, como não pensei nisso antes? Gorum, você é um gênio!

- Deixa disso garota, mas também não é fácil esquecer as tantas vezes que me pregou peças com suas ilusões.

Kiorina riu, lembrando-se de algumas de suas travessuras.

- O que é tão engraçado? – Quis saber Kyle, aproximando-se.

- Já perdeu a graça. – retrucou Kiorina com uma careta.

- Humor variável como sempre... Estive imaginando se alguma coisa engraçada pudesse animar Claudine.

- O que houve com sua mulher? – brincou Gorum.

- Ela acha que viu o pai dela hoje. Não tenho certeza se é mesmo verdade, acho que ela está chateada comigo também por não acreditar nela.

- É claro seu idiota! – irritou-se Kiorina – Qualquer um pode desacreditá-la, menos você.

- Como assim?

- Você é um idiota mesmo Kyle. Vamos lá Gorum, vamos oferecer ajuda para encontrar o pai da Claudine.

Gorum deu com os ombros e zombou – Kiorina ao resgate!

Kyle ficou parado, balançando a cabeça, contrariado. Em seguida, uma movimentação no cais chamou sua atenção.

Um guarda aproximou-se e disse algumas coisas das quais Kyle pensou ter entendido: mensagem. Um dos marujos que falava um pouco de tchilliano aproximou-se e tomou o pedaço de pergaminho do guarda. – Senhor Kyle, é uma mensagem vinda do senhor DeReifos.

Kyle pegou o bilhete e reconheceu a caligrafia do amigo. Procurou um local próximo de um lampião a óleo para ler a mensagem:

«Amigos, estou bem e hospedado na casa do templário, senhor Nar Eseak. Por favor, venham me visitar amanhã. Tenho novidades que poderão nos levar ao oráculo. Desculpem-me se os deixei sem notícias, mas falta espaço

neste papel para maiores explicações. Do amigo, Archibald”.

- Ei pessoal! Notícias de Archibald! Ele está bem. – Kyle anunciou e Kiorina correu para pegar o bilhete.

-Ao menos alguém está bem! – retrucou Claudine irritada.

Kyle cruzou os braços. Não acreditava que o pai de Claudine estivesse vivo. Ela deu as costas e saiu.

CAPÍTULO 32

Era cedo e o sol da manhã iluminava as enormes estátuas da praça dos imperadores. Parte delas era tingida com tons alaranjados. Projetavam suas enormes sombras sobre o pátio circular, no qual estavam dispostas em grandes círculos concêntricos. Toda a área era maior que a porção central de Lacoresh e previa espaço para expansão futura, com muito mais estátuas a serem esculpidas e expostas no local. Havia mais de setenta estátuas representando os imperadores da dinastia Baru. Conforme pensamento local, Tchilla passava pelo terceiro círculo imperial, pois cada círculo era composto de trinta e duas estátuas, uma para cada imperador. Cada círculo, também representava uma lua. A crença local é que quando forem completados nove círculos, duzentos e oitenta e sete imperadores, será o fim do império de Tchilla, e de toda experiência terrena dos povos da terra. Todos os homens deixarão seus corpos para habitarem no mundo dos deuses. Entre as estátuas da praça dos imperadores há duas exceções, ambas estátuas do primeiro imperador, Akena Baru, um grande herói de guerra reverenciado pelos tchillianos como um semi-deus. A entrada e saída da praça eram através de uma rua que passa por de baixo das pernas das estátuas de Akena Baru, ambas, com a face voltada para fora do círculo. Tal era a disposição, que o rosto do imperador era iluminado pelo sol nascente na entrada da praça, enquanto o rosto da estátua situada na saída era iluminada pelo sol poente. A estátua do novo imperador, Abenani Baru, ainda por vir, será a de número oitenta e um, completando uma meia lua no ciclo dos imperadores.

Os Lacoreshes passavam pelo local, de queixos caídos pela magnitude e beleza das estátuas.

- Pelos deuses, isso é que pode se chamar de cultuar imagens! – comentou Gorum enquanto davam os quinze passos necessários para passar entre os pés do imperador Akena Baru.

Kyle replicou – De fato, segundo o mensageiro, a casa de Nar Eseak não é distante da praça. Logo atrás da estátua com a espada erguida. Aquela! – Indicou Kyle apontando.

Lepard reagiu batendo na mão de Kyle – Aqui não se aponta para os imperadores, lembra?

- Claro, mais uma regra idiota... – retrucou com uma careta.

A casa do templo lembrava um pequeno palacete, escondido atrás de um frondoso jardim, separado da rua por uma cerca de metal. No portão, guardas conversaram brevemente com Kleon na língua nativa. Atravessaram o jardim de Nar

Eseak repleto de palmeiras anãs carregadas com coquinhos vermelhos.

As construções de Tchilla eram estranhas, se comparadas com as lacoresas. Havia corredores e cômodos apertados e escuros, em contraste com salões abertos, com paredes cobertas por massa lisa sobre a qual afrescos com motivos religiosos podiam ser vistos. A casa estava repleta de mulheres vestidas com mantos púrpuros ornados com fios dourados e botões de cristal, enquanto um número ainda maior de escravos seminus carregava bandejas, vasos e pareciam possuir ocupações diversas. A riqueza daquele templo rivalizava a dos nobres em Lacorêsh. Os templos lacoreses eram tão ricos e grandiosos quanto os de Tchilla, mas a vida dos clérigos era muito mais simplória. Mesmo um bispo lacorês tinha poucos confortos e posses, comparados a estes.

Chegaram até um salão no terceiro piso, no qual Archibald recebeu-os com um largo sorriso e estranho brilho no olhar. Vestia uma túnica tchilliana de uma tonalidade vermelha vibrante e em sua testa fora estampado um símbolo desconhecido pelos estrangeiros. Próximo a ele, recostado em uma espreguiçadeira, sendo servido por escravos, estava um senhor grisalho de cabelos ralos e face rósea e levemente enrugada.

- DeReifos! – Kiorina abraçou-o, emotiva. – Ficamos preocupados com você!

- Me desculpem.

Kyle sorriu e colocou a mão no ombro do amigo. – Deixe disso...

Neste íterim, Nar Eseak levantou-se, espalmou as mãos espalhando farelo do que acabava de comer, ajeitou o manto e a pança evidente e disse – Sejam bem-vindos à minha casa, amigos do avatar!

Apenas Kleon estranhou o que foi dito, pois os demais apenas foram capazes de compreender o sentido geral das boas-vindas na língua estrangeira.

- Vamos sentar – ofereceu Nar indicando os assentos. – Aceitem de minha boa comida e bebida, que as bênçãos dos deuses se estendam para atendê-los.

Kleon achou que era educado traduzir o que dizia para o Lacorês. Enquanto isso, eram atendidos por escravos que ofereciam toalhas úmidas e quentes para higiene. Todos agradeceram e depois de assentados, com copos e quitutes em mãos, aguardaram algum tipo de explicação.

Gorum agradecia animado enquanto era atendido por uma moça e um rapaz. E uma moça da qual tinha dificuldade de tirar os olhos. – Obrigado, muito obrigado por isso também, que é o que? Ah sim. Obrigado... Isso é que é tratamento!

Mais uma vez Kyle se pegou pensando no termo, reinos bárbaros, utilizado para descrever os povos daquele continente. Bem, afinal, ainda havia escravidão e

sacrifícios humanos, mas de resto, pareciam mais desenvolvidos, ricos e limpos que os Lacoreshes. E é claro: esquisitos.

- Bem amigos, – começou Archibald – tenho ótimas notícias sobre o Oráculo de Shimitsu! Aqui é chamado de a voz de Asimi.

- Verdade? – disse Kyle desconfiado – Não é uma surpresa, lemos o seu recado...

- Ah, é claro! Antes de tudo, devem estar imaginando o que fiz para estar vestido assim e tudo mais.

Kiorina concordou com Kyle – Por favor, e depois: o oráculo!

- Não sei como explicar, na verdade, nem sei se entendi direito o que aconteceu. O fato é que participei de um hã... – o rosto do ex-monge ficou vermelho – ritual. E depois disso, talvez por ter sido monge em Lacoresh, me alinhei com uma expressão do sagrado, reverenciada aqui em Tchilla, algo diretamente, e hã... fortemente associado a Asimi.

- Como é? – quis saber Gorum. – Não entendi nada.

Kyle deu com os ombros, mas Kiorina acenava positivamente com uma expressão de que entendia a explicação de Archibald.

- Resumindo – disse a ruiva – Eles acham que ele é um santo!

- Ah bom! Por que não disse logo rapaz! – disse Gorum com expressão de tudo esclarecido, mas franziu a testa – Espere, disse *um santo*?

- Não é bem isso – Archibald estava constrangido – Mas também não sei como explicar...

- Entendo – disse Kyle – e por isso estão colaborando... Por isso tem informações sobre o oráculo, não é?

Archibald deu com os ombros – Quase isso... – disse um pouco desanimado, baixando os olhos.

Kiorina adivinhou – Eles querem que você fique aqui, não é? Não aceitariam deixar você ir, estou certa?

Archibald acenou positivamente, um tanto melancólico. E Kyle entendeu que seu amigo também queria ficar e que a partir dali, se separariam. Quando os olhos dos amigos se cruzaram, um instante depois, estavam rasos d'água. Algo que foram rápidos em dissimular mudando de assunto.

- Mas as notícias sobre o oráculo? – indagou Kyle.

Archibald fungou – Como disse, são ótimas! Há boas chances de que nossa busca esteja próxima do fim, mais do que imaginávamos!

- Suponho que as pistas que a princesa Aeycha levantou nos trouxeram

ao lugar certo afinal – sugeriu a ruiva.

- Sim, concordou Archibald. Segundo Nar e outros templários, há uma certeza razoável de que a voz de Asimi repousa em uma cadeia de montanhas a nordeste, não muito longe daqui.

Kiorina sentiu uma energia intensa brotar dentro de si. Um entusiasmo forte e acompanhado da intuição de que de fato, logo encontrariam o oráculo. E com ele, as respostas para salvar Lacoresh, e talvez, toda a terra da escuridão que ascendia juntamente com os necromantes. Mas antes, havia questões que precisavam ser solucionadas. O sacrifício do filho de Nargub e o paradeiro do pai de Claudine. A mente da ruiva fervilhava com intensidade.

CAPÍTULO 33

A sensação de otimismo e de que problemas seriam resolvidos atingiu a todos, com maior ou menor intensidade. Contavam com a ajuda de um importante templário, Nar Eseak, que depositava fé na santidade de Archibald. Assim, Kyle, Claudine e Kleon percorriam a cidade em busca do pai da dacsiniana com esperanças renovadas.

Kiorina permaneceu no Estrela do Crepúsculo e recebeu Toremb Nargub em sua cabine. Ali realizou um elaborado feitiço. Para torná-lo forte, convincente e durável, a ruiva, utilizou a força do cajado místico guardado junto aos pertences de Archibald. Toremb deixou a embarcação com aparência terrível, com a pele ressecada e obscurecida, chagas nos braços e pernas como se padecesse de terrível doença, tal era o efeito da carapaça ilusória produzida pela feiticeira. Cobriu-se com um manto e partiu para casa. Compactuando dos planos traçados por Gorum e Kiorina, ele deveria atuar, mostrando-se doente a fim de sensibilizar seu filho e dissuadí-lo de sacrificar-se. Era o melhor que ela podia fazer e rezava para o plano surtir efeito.

Gorum e An Leopard assumiram pretextos a fim de assistir aos combates na grande arena de Tchilla, deixando a embarcação após a chegada de Toremb Nargub. Gorum estava ansioso pela oportunidade de conhecer a forma de combater daquelas terras e sentia que o conhecimento e análise dos diferentes estilos de combate poderiam ser úteis, caso surgisse uma situação conflituosa envolvendo os locais.

A multidão dificultava a locomoção e após pagar pelo ingresso, o ritmo em que avançavam diminuiu, mesmo havendo diversas entradas largas.

-Sinto-me um cupim numa colônia – reclamou Gorum com o vozeirão elevado, para que Leopard pudesse escutá-lo.

-Está quente de mais... – O loiro quase gritou. – Já vê alguma coisa?

-É claro tampinha! Vamos para a direita, parece melhor.

-Enfim, um assento! – An Leopard estava aliviado.

Gorum observava ao redor coçando sua barba de forma típica – Há muitos templários por aqui, não acha isso estranho?

-Deuses para tudo, lembra? Se isso não bastasse, Ometan, o Deus da guerra, é um dos mais prestigiados.

Gorum deu com os ombros e Leopard prosseguiu – É claro que a arena não é uma unanimidade por aqui... Há aqueles que são contra a violência gratuita.

-Ao menos pagamos pelo ingresso, há há há! – o cavaleiro cutucou

Lepard com o cotovelo.

Lepard deu com os ombros, mas logo fixou sua atenção na arena. O primeiro combate estava para começar. Um simples um contra um, e no fim, houve misericórdia. O guerreiro derrotado e ferido sobreviveria. O segundo combate, foi feio de se ver. Quatro escravos pouco treinados em combate enfrentaram um gladiador experiente num jogo chamado: o sobrevivente. Deviam juntar-se para derrotar o veterano, ou morrer, sendo que a regra permitia que um deles sobrevivesse para participar de outros jogos. O próprio veterano, segundo a narração, havia começado sua carreira neste tipo de jogo.

- Você não ia querer virar um escravo nestas bandas – comentou An Lepard, um pouco abalado pelas mortes que viu.

Gorum deu com os ombros – Como você diz, é a lei da sobrevivência...

A atração seguinte foi uma encenação de batalha em que os tchillianos sobrepujaram os keldorianos. Seguiu-se um dos momentos mais esperados, o jogo com o homem lagarto. As pessoas estavam agitadas e um grande burburinho preencheu as arquibancadas.

O lagarto azul não demonstrava qualquer emoção. Não parecia haver medo em seus olhos fendidos. Permanecia quase imóvel no interior da jaula aguardando o início dos jogos.

- Nunca vi uma destas bestas lutar – comentou Gorum.

- Tão pouco eu. Ouvi dizer que são combatentes ferozes e obstinados.

Gorum apontou, indicado os escravos que puxavam as correntes que moveram a tampa da jaula. Do outro lado, um grupo de seis combatentes, com armas e alguma proteção avançavam cautelosos. Um deles, que parecia temer um confronto direto, avançou, tomando impulso para lançar um dardo na direção do réptil. Este permaneceu imóvel como se aguardasse a morte chegar. Era um tiro certeiro, mas no último instante, ele desviou-se do dardo por uma fração mínima. O movimento seguinte, brusco e veloz, foi de um salto sobre-humano para fora da jaula, seguindo o dardo. A queda acompanhou um rolamento que o deixou próximo da arma. O lagarto avançou e apanhou o dardo. Os combatentes humanos aproximavam-se devagar tentando circular o azulão. O seu pescoço delgado apresentava manchas amareladas. Gorum reconheceu este como um dos lagartos que eram expostos pelas ruas, justamente o que havia assustado Kiorina. Gorum pensou: “*Teria poderes mágicos?*”

No instante seguinte, durante um lapso de tempo, os olhos do lagarto pareceram confrontar o olhar atônito de Gorum. O lagarto partiu para o ataque. Lançou o dardo com precisão mortal contra um dos humanos que carregava uma lança. Correu e saltou em sua direção, tomando a lança de sua mão. O oponente agonizou com o

dardo atravessado no peito. Rastejou veloz em direção a um guerreiro que vestia uma grossa couraça e golpeou contra a articulação entre o pé e a perna, um ponto desprotegido. Este caiu e foi eliminado com mais uma cutucada da lança. Ao mesmo tempo, um terceiro oponente sentiu que sua posição era vantajosa e correu pelas costas com a espada acima da cabeça, pronta para golpear. O lagarto foi ágil. Girou sua pesada cauda contra o pé do outro antes que o firmasse no chão. Ele tropeçou, mas aproveitou-se da velocidade converteu sua queda numa oportunidade de dar um encontrão no lagarto humanoide. Sua agilidade era surpreendente. Saltou e girou no alto e, antes de cair, desferiu uma estocada na nuca do inimigo.

A multidão mal podia crer no que via e muitos sequer conseguiam acompanhar os movimentos do réptil. Gorum tinha o queixo caído e sentia uma estranha simpatia pelo lagarto. Torcia baixinho para que ele vencesse. Pouco depois, o lagarto azul era o único ser respirando na arena. Havia derrotado seis, sem ao menos ser ferido e voltou a ficar imóvel.

- É impressão minha, ou aquele feioso está olhando para você, Gorum?

Gorum engoliu seco e não respondeu. Havia confusão em sua mente enquanto encarava os olhos verdes e fendidos do lagarto. “Grande irmão da fêmea de fogo! A voz revela: precisa nos ajudar!”

- Gorum? – An Leopard estava preocupado com o olhar perdido do grandalhão.

“Ainda não acabou” Gorum pode ouvir, sem saber como responder, ou mesmo se não estava ficando louco.

O lagarto voltou a mover-se enquanto os brados enfurecidos da multidão clamavam – Mecho! Mecho! Mecho!

Gorum balançou a cabeça e disse – Loirinho, aquele bicho falou comigo.

- Hein?

- Escuta, é verdade. Dias atrás, ele também fez um contato com Kiorina. Na ocasião não dei muito crédito, mas agora...

- Caramba! Olha aquilo!

Um grande portão foi aberto de dele um monstrengo com a altura uns três homens saiu caminhando. A multidão chamava seu nome – Mecho! Mecho! Mecho!

- É um gigante! – exclamou Gorum boquiaberto – Pensei que isso fosse folclore...

O gigante tinha as formas gerais de um ser humano, mas era enorme e massudo. Era feio, careca, narigudo e exibia dezenas de cicatrizes no rosto e nos membros. Sua vestimenta cobria o tronco e a virilha. Era composta de várias peças inteiriças de pele de bantus, sendo que sobre cada ombro, repousavam cabeças destes grandes

ruminantes imitando ombreiras de uma armadura. Nas mãos, carregava um par de clavas construídas com fêmur de bantu.

De um caminhar, passou para uma rápida corrida. Seus passos erguiam poeira e soavam como batidas de tambor. Os braços longos do gigante aliados ao tamanho das clavas, permitiam que atacasse o lagarto de uma distância segura. O azulão esquivava-se como podia dos violentos golpes do gigante. Mais ágil, o lagarto avançou e fugiu flanqueando o gigante. Mecho virou-se e preparou uma nova carga. O réptil atirou a lança com toda sua força contra o peito do gigante. Ele grunhiu com dor e largou uma das clavas para retirar a lança cravada no peito. O lagarto parecia decepcionado. Talvez esperasse ter atingido um ponto vital. A lança não penetrou o suficiente. Foi um ferimento superficial.

Isto conferiu ao lagarto alguns momentos para pensar em como confrontar o oponente colossal. Gorum torcia pelo lagarto, mas viu que o gigante era o mais forte.

O réptil partiu para o ataque e chamou para si o golpe da clava de ossos. Assim como fizera antes, ao desviar-se do dardo, escapou por um triz ao tomar impulso para outro salto sobre-humano. Cravou as garras afiadas nos ombros e enterrou os dentes pontiagudos na garganta do gigante. A mordida foi dolorosa. Desesperado, o gigante agarrou o lagarto pela cauda para desgrudá-lo de si. Surpreendeu-se com a facilidade que a cauda desprende-se do corpo. Isto conferiu ao lagarto mais um instante. Ele escalou para morder o rosto do gigante, puxando a maçã do rosto, testa e o olho direito. A resposta foi um safanão que atirou o lagarto para longe.

Mecho gritava de raiva e dor. O lagarto rolou e quicou sobre o chão até repousar, sem a cauda, empoeirado e numa pose desconjuntada: morto, ou desmaiado.

O gigante tinha a intenção de pisoteá-lo, mas sentiu-se zozzo, cambaleou e parou, colocando a mão no rosto ensanguentado.

- Veneno – comentou Gorum. – A mordida deve ter injetado veneno.

O gigante tropeçou e tombou. Deitado e xingando numa língua incompreensível, arrastava-se para perto do lagarto. Este, que parecia morto, momentos atrás, recobrava-se. Homens da arena correram para capturar o lagarto antes que voltasse a apresentar perigo. Lançaram redes sobre ele e arrastaram-no para um dos portões. Enquanto isso, templários corriam para prestar socorro ao gigante. Do outro lado da arquibancada era possível ver o desespero e apreensão de um templário que parecia ser o dono do gigante, certamente um escravo valiosíssimo.

- Gorum, eu preciso confessar uma coisa.

- Hã?

- Eu disse, que não gostava muito dessas coisas... Mas o que vimos aqui hoje foi espetacular! Realmente incrível.

Gorum sorriu, concordando com o dacsiniano, porém seus pensamentos prosseguiram perturbados por causa do estranho contato mental que ocorrera entre ele e o lagarto azul. O que fazer a respeito daquilo?

CAPÍTULO 34

Já era noite. Na maior cabine do Estrela do Crepúsculo, os viajantes se reuniam, com exceção de Archibald, que permanecia hospedado com Nar Eseak.

- Eu te disse, Gorum! Naquele dia você ficou me olhando como se eu fosse uma doida... – reclamou Kiorina.

Gorum deu com os ombros e mostrou um sorriso amarelo. – Ainda considero isso fora de nossa alçada. Mesmo assim, após os jogos, eu e Leopard descobrimos quem é o dono daqueles reptantes, um templário chamado Nartipal.

Claudine intrometeu-se – Nartipal, *nan* é?

- Por acaso sabe quem é? – indagou An Leopard, curioso.

- O mesmo canalha que está com meu pai... – respondeu irritada.

- Hein? Perdi alguma coisa? – Gorum estava surpreso.

Kyle explicou – Encontramos o pai de Claudine, ele é propriedade deste Nartipal, um poderoso templário.

- Então eu já sei! – animou-se Kiorina. – Vamos pedir a Nar Eseak para negociar o pai de Claudine e os lagartos...

- Talvez seja uma boa ideia – refletiu o pequeno Kleon – Estivemos novamente na casa do templário, e ao que parece, ele e Nartipal seriam fortes rivais.

An Leopard complementou – Kleon disse rivais, mas pelo que entendi, na verdade são inimigos. Odeiam-se mutuamente.

- Melhor ainda! – exclamou a ruiva – Assim Nar irá nos ajudar a roubar os escravos de Nartipal.

- Roubar escravos?! – indignou-se Kyle – Está louca?!

- Roubar, sequestrar, qualquer coisa... Por que não?

Gorum intrometeu-se – Escute garoto, segundo Nar, o oráculo estaria em algum lugar além da terra dos lagartos...

- Como assim?

- Procurei saber de onde vinham estes tais lagartos, segundo os locais, vivem nas montanhas a nordeste daqui...

- Na mesma direção... – ponderou Leopard.

Kiorina sorriu triunfante – Viu só? Não é perfeito? Nos libertamos os lagartos, e estes poderão nos guiar até o oráculo.

Gorum coçou a barba e disse – Hum... O lagarto azul me revelou algo sobre A

Voz... Talvez, ele já tenha consultado o oráculo... É suposição demais?

- Talvez, mas não importa. – Kiorina estava animada – O que acham? Vamos pedir a Archibald para nos ajudar a convencer Nar Eseak?

Lepard deu com os ombros – Eu não me oponho.

- Lagartos... ora! – retorquiu Claudine e tom de indignação – *Nan* é melhor fazer um *plan* e resgatar meu pai? – e finalmente resmungou em dacsiniano – quem liga para uns malditos lagartos! – Ela olhou para Kyle, como se exigisse um posicionamento.

Ele estava confuso e não disse nada. Gorum disse – Talvez haja uma maneira de extrair os lagartos e salvar seu pai. Amanhã, tomaremos informações junto a Archibald para avaliar este plano.

- Ótimo! – Kleon bocejou – Melhor irmos descansar, hoje o dia foi cansativo.

An Lepard seguiu Kleon, um pouco apressado, como se precisasse lhe dizer algo. Claudine seguiu-os. Kyle aproximou-se dela, mas ela o afastou. Ele voltou a se sentar, decepcionado.

Kiorina acusou – Ela tem razão.

Seus olhares se cruzaram e havia algo que não conseguiam dizer um ao outro. Gorum sentiu que as coisas podiam piorar e intrometeu-se – Conte mais sobre Torenb Nargub. Supõe que nosso plano surtirá efeito?

- *Torembi* quem? – indagou Kyle.

Kiorina balançou a cabeça sem acreditar e explicou – Aquele homem, cujo filho seria sacrificado daqui a dois dias.

Kyle ergueu as sobrancelhas e fez – Ah, é mesmo! Mas não vai ser mais?

- Será que você só pensa no seu umbigo? – acusou Kiorina.

Antes que respondesse, Gorum explicou – Temos um plano, talvez com doença do pai o filho mude de ideia.

- Doença?

- Falsa, é claro, mas preparei tudo de forma a ser muito convincente. Fiz um serviço perfeito!

- Magia?

- Claro estúpido!

- E como eu ia saber, sua convencida!?

- Pois saiba que você está aqui hoje e vivo por causa da minha magia!

- Vai jogar isso assim na minha cara? É convencida sim! E além do mais insensível!

- Agora eu que sou a insensível... Tenha paciência, senhor Kyle Blackwing. Não vê o que começou essa discussão? Justamente a *sua* insensibilidade com Claudine.

- Ah corta essa!

- Eu sei do que estou falando, ela precisava sentir confiança em você. E justamente no momento em que mais precisava disso, você não acredita nela.

- A mesma ladainha, vê se cresce e para com esses sermões Kiorina!

Houve um momento de silêncio e Gorum tentava ficar quieto e segurar o riso como podia. Mas isso lhe escapava e caiu na gargalhada. Ambos encararam Gorum com olhar fulminante, tomados por uma explosão de raiva. Gorum olhava para suas caras sérias e gargalhava com maior intensidade. Chegavam a brotar lágrimas de seus olhos.

Algo mudava no interior de Kyle e Kiorina, e contrariados seguravam o riso. Gorum gargalhava e foi impossível segurar a explosão. Kiorina começou a rir acompanhada por Kyle e riram todos juntos até perder o fôlego.

Gorum enxugou as lágrimas e confessou – Sinto falta de casa. Falta de martelar metal. Falta de quando você chegava com pão quente, ainda cedo. – disse para Kyle e voltou-se para Kiorina – E de quando você nos visitava fazendo bagunça em minha oficina.

Kiorina suspirou. – Quanta bobagem a nossa de ficar discutindo. Somos os únicos lacoreshes aqui. Não há mais ninguém...

- Olha, desculpe Kiorina... – começou Kyle e foi cortado.

- Deixa para lá... Eu estava mesmo procurando uma briga, na verdade, fiquei um pouco frustrada por trabalhar o dia inteiro aqui no navio, enquanto vocês estavam explorando Tchilla sem mim.

- Que tal mais uma bebida? – sugeriu Kyle. Em seguida serviu os companheiros.

- A Lacoresh! – ofereceu Gorum.

Depois de uns goles e algum silêncio Kyle soltou uma pergunta que deixou o grandalhão e a ruiva intrigados. – Vocês acreditam em reencarnação?

Kiorina ficou pensativa e Gorum logo respondeu em tom de gozação – Se eu acreditasse nisso, diria que estou diante do meu velho companheiro Armand Blackwing.

- É sério! – retrucou Kyle.

- Armand, é você?

- Gorum seu idiota... Um pai não pode reencarnar em seu próprio filho.

- Bem, isso depende. Veja, seu pai morreu antes de você nascer...

- É? Mas e antes?

- Antes o que? Antes você era um bebê desalmado, esperando o nascimento.

- Não é nada disso, não é o que ensina a igreja, um bebê na barriga tem mais alma que um animal, você sabe disso.

- Eu sei, eu sei... Estou apenas de gozação, você não percebeu?

- Ah, e eu estou apenas querendo falar sério, não percebe?

Kiorina pigarreou, saindo de uma espécie de transe dos próprios pensamentos. – No sentido mágico, sim. Acredito em reencarnação, pois isso é provado.

- Sentido mágico? Como assim. – quis saber Kyle.

- Existem encantos que podem levar uma pessoa a mudar de corpo. Antigos feiticeiros eram capazes de transferir almas para um objeto, a fim de protegê-las e tal técnica poderia ser utilizada para transferir a alma de um objeto a um novo corpo. Daí a reencarnação. Magos sensatos, não fazem isso, pois é imoral e arriscado.

- E acha que pode acontecer de forma natural?

- Hum, suponho que sim. Os efeitos mágicos, até onde tenha estudado, são apenas um reflexo do que já acontece espontaneamente, porém sob comando da inteligência do mago. É como o fogo... – Kiorina fez surgir uma chama em suas mãos – antes dos magos, já acontecia, mas sobre este é possível realizar... – fez as chamas crescerem e mudar de cor, para azul e depois esverdeado. As chamas tomaram a forma de um lagarto que caminhou sobre a mesa e depois evaporou. Atrás dele, um rastro de madeira chamuscada no formato de pequeninas patas.

- Belo espetáculo – aplaudiu Gorum.

- Obrigada! Mas diga-me, Kyle, por que toda essa conversa?

- Eu acho que na minha vida passada eu fui um silfo chamado Öron.

Kiorina franziu as sobrancelhas. – Ora, isso seria muito estranho, especialmente por que os silfos não reencarnam. Eles voltam a unir-se à natureza.

- Estranho então, mas essas memórias voltaram a mim. E depois do Blukutil, enquanto estava desacordado, tive sonhos e lembranças intensas, mas como antes, a maior parte delas desaparecem após meu despertar.

Conseguir recobrar algumas destas memórias, tais como o nome deste silfo, Öron.

- Quanto disso aí você andou bebendo, hein garoto?

- Dá um tempo!

- E de que mais se lembra? Nome de outras pessoas? Cidades, reinos?

- É muito confuso... Lembrei! Tinha um amigo, um rapaz humano chamado Rílkare. Acho que ele era um nobre...

- Que conversa esquisita... – comentou Gorum, desconfortável – afinal, que tipo de nome é esse? Rílkare?

Kyle deu com os ombros – Havia uma guerra entre reinos vizinhos... Puxa, mas que droga! – Bateu com a mão na mesa, irritado. – Não consigo me lembrar de mais...

- O nome de duas pessoas é muito pouco para verificarmos essa sua história. – anunciou Kiorina – Mas quando se lembrar de mais, conte-nos. Quem sabe descobrimos do que se trata?

Gorum bocejou e falou com voz sonolenta – Não sei quanto a vocês, mas já deu para mim. É hora de cama, ou melhor, rede.

CAPÍTULO 35

Rios de gente aglomerada fluíam pelas ruas da antiga cidade estado de Tchilla. Era o início dos feriados, marcados por uma sucessão de festas religiosas. Kiorina e Claudine perceberam que os mantos azuis que utilizavam não eram adequados para o uso naquele dia. Mulheres, que passavam pelo cais rumo ao Octógono Sagrado, vestiam-se com mantas vermelhas, ou rosadas neste dia. Grupos de pessoas seguiam templários atrás de imagens de deuses que eram carregadas sobre estruturas de madeira por escravos, ou devotos. Diversos cânticos eram entoados pelo povo, muito religioso. Militares vestiam capas e enfeites sobre os capacetes e ombros. E a população vestia roupas finas, reservadas para estas cerimônias. Um tempo depois, as ruas ficaram praticamente desertas. Kiorina desceu satisfeita do navio, com seu manto vermelho escuro.

- Como é bom vestir uma de minhas roupas novamente!

Kyle retrucou – Como consegue ficar pensando em roupas numa situação como esta?

A feiticeira ignorou Kyle e completou, – não é Claudine?

A espadachim estava um pouco tensa, mas visando deixar Kyle de fora, concordou – É mesmo! Mas *nan* estamos todas sob as *convenssans* dos costumes?

Kiorina concordou e Kyle permaneceu tenso com o que vinha pela frente.

- Não fosse por duas boas causas, estaria inconformada por deixar de acompanhar a cerimônia em torno do Octógono Sagrado. – comentou Kiorina indicando o gigantesco monumento cujo topo podia ser visto de qualquer ponto de Tchilla.

An Leopard desceu a prancha mancando com um porta mapas. Entregou o rolo de couro a Gorum e disse – Partiremos no por do sol. Se tudo der certo, nosso ponto de encontro será em Tonuak. Conforme nossos recursos e as estações favoráveis à navegação, poderemos esperar lá por quarenta dias, antes de retornar a Dacs.

Gorum apertou a mão do dacsiniano com firmeza e disse – Forlon permitirá que tudo corra bem. Até breve, Leopard. Obrigado por tudo!

Kyle aproximou-se e forçou um sorriso – Apesar de nossas diferenças, desejolhe bons ventos.

An Leopard estendeu a mão para um cumprimento e concordou – O mesmo para vocês. Cuide bem delas, certo? – indicou Kiorina e Claudine discutindo roupas adiante. Ao mesmo tempo, o ruivo Kleon dava um forte abraço em Gorum e ambos sorriam e trocavam palavras de despedida.

Kiorina e Claudine perceberam as despedidas e também se aproximaram. Contra

a vontade de Claudine, lágrimas umedeceram seus olhos. Ela deu um forte abraço em Lepard segurando a nuca do marujo e ficando por um tempo com os rostos colados. Kyle observava aquele abraço com um olhar muito insatisfeito e não pode ouvir bem e compreender as palavras que Claudine disse a An Lepard em dacsiniano. Claudine virou-se para o lado contrário de Kyle a fim de enxugar as lágrimas ao mesmo tempo em que An Lepard deu um forte abraço em Kiorina tirando-a do chão. – Ai, minha pequena ruiva com olhos da cor do mar... Cuide-se! Não fosse minha invalidez, iria junto com vocês, mas faço melhor cuidando de nosso navio.

- Seja otimista, Lepard! Não deixe que aquilo que os silfos fizeram apague quem você realmente é! – A ruiva aproximou-se para um beijo demorado. Lepard ficou surpreso com a demonstração de afeto e ficou sem palavras. Kiorina olhou-o nos olhos e disse – Sinto falta do velho Lepard! Lembre-se, seja otimista! Nada de remoer sentimentos e pensar em vingança. Espero que um dia volte a ser como antes.

- Vo... vou pensar nisso. – conseguiu dizer.

Assim, Kyle, Kiorina, Gorum e Claudine caminharam pelo cais afastando-se do Estrela do Crepúsculo. An Lepard, Kleon e demais membros da tripulação acenavam. Alguns marujos gritavam para Gorum, desejando-lhe boa sorte.

Lepard mudou de expressão por uma lembrança súbita e disse em voz alta – E desejem sorte ao Sr. DeReifos!

Era incrível como a grande Tchilla tinha suas ruas semi-desertas. Ao longe, podia-se ouvir cânticos e clamor da multidão na cerimônia em torno do grande octógono. Alcançaram a rua na qual ficava a casa de escravos de Nartipal. Tratava-se de uma propriedade fortificada, com altos muros e portão de grades metálicas. Em frente ao local, uma grande carroça puxada por quatro bantus estava parada. A carroça tinha uma das rodas avariadas e dois de seus condutores trabalhavam para trocá-la. No alto da carroça, em vestes de templário de Krovokur, deus adorado por Nartipal e seus seguidores, estava Archibald. Era hora de por o plano em ação.

Gorum e Kyle partiram para cima dos homens que trocavam a roda, simulando um assalto. Ao mesmo tempo, num tchilliano perfeito, Archibald pediu por ajuda – Em nome de Krovokur, ajuda! Estamos sendo assaltados!

Não demorou muito e três guardas da propriedade de Nartipal, abriram o portão com espadas em punho para socorrer o suposto templário em apuros. A isca havia funcionado. Saindo debaixo da lona da carroça, oito homens de Nar Eseak, sob disfarce, juntaram-se a Kyle, Gorum e os demais rendendo os guardas. Com os guardas rendidos, tiveram acesso ao interior da propriedade.

Archibald preocupado dirigiu-se a Kiorina – Kina, você trouxe?

- Sim Archie, aqui está. – a feiticeira entregou a Archibald o cajado encantado dado pelo Sr. Atir. – espero que ele ajude em sua busca.

- Claro, fico agradecido. Vamos, pelo que soube, os lagartos ficam trancafiados no andar de baixo.

Seguiram apressados pelo interior da rica propriedade até o piso inferior, onde Kiorina deparou-se com o lagarto de escamas azuladas e seus companheiros. Eles não pareceram surpresos com sua chegada.

Kiorina ouviu a voz do lagarto em sua mente “Fêmea do Fogo! Meus sonhos mostraram a verdade! A Voz nos abençoa, uma vez mais!”

Kiorina ficou um pouco sem jeito e seu coração acelerou. Os lagartos sibilavam entre si, palavras que não podia compreender. Kyle pressionou a lâmina nas costas do guarda e indicou que abrisse a cela dos lagartos.

O guarda ficou perplexo e apavorado – Por acaso enlouqueceu? Eles vão nos atacar e matar a todos, em especial, este azul aí!

Gorum viu o lagarto lutar na arena e compreendia o desespero do homem. De fato, eram criaturas ágeis, fortes e com instinto combativo formidável.

Kyle hesitou e Kiorina disse – Está tudo bem, estou em contato com eles, assim como fazia Noran, falamos diretamente com a mente. O nome dele é Azus. Os demais são seus súditos e não vão nos atacar.

O guarda tremia muito, mas abriu a jaula. O lagartos saíram da jaula seguindo o líder, Azus.

Azus esforçou-se para pronunciar as palavras em algo que lembrava a língua lacoresa – *Os..os..gigazzu*.

Kiorina deu com os ombros. – Não há de que.

Azus encarou o guarda e aproximou-se deste. Novamente com grande esforço pronunciou – *De..dezzicupass..*

-Desculpar? Desculpar o que?

O ataque foi tão rápido e letal que não puderam intervir. Esticou o pescoço atingindo a garganta do guarda com uma mordida feroz. O guarda morreu em seguida caindo no chão sem cordas vocais para gritar.

-*Os..os..men kzuel. Mau-tza-zza noiss...*

Enquanto isso, ali perto, Archibald e Claudine procuravam pelo pai escravizado. Archibald perguntava a um escravo por um homem chamado Toulle. Depois de inquirir várias pessoas, descobriu que o pai de Claudine não estava na propriedade, e sim, trabalhava como carregador junto a Nartipal na procissão.

Fora da propriedade, Kiorina orientava Azus e seus seguidores a entrar na carroça e esconder-se sobre a lona. Os guardas, que tiveram a sorte de não cruzar caminho com os lagartos, sedentos de vingança, foram deixados no interior da

propriedade amarrados.

Claudine, com expressão preocupada encarou Kyle.

- Não encontrou seu pai?

- *Nan Blequeuin...* – a dacsiniana deu um beijo demorado em Kyle, olhou-o nos olhos e disse – adeus, *queridin*!

- Adeus? Como assim? Do que você...

- *Nan* posso ir com vocês. Tenho que ficar e *resgatre* meu pai.

- Neste caso, vou com você – declarou Kyle.

- *Nan queridin*, seu *compromiss* é com seu povo e sua *missan*!

- Mas Claudine, eu... eu te a...

- *Nan* diga isso! Vai me fazer *sentirr* muito pior do que já me *sinte*!

- Kiorina, Gorum, escutem! Vocês procuram o oráculo, eu fico e vou ajudar a Claudine.

Kiorina se assustou e disse – Como é? Que conversa é essa?

- *Ecute*, Kyle Blackwing!

O jovem cavaleiro imediatamente focou toda sua atenção em Claudine. Era a primeira vez que ela dizia seu nome completo e correto.

Ela tinha lágrimas nos olhos e disse – Me desculpe, pois enganei você.

- Enganou? Do que está falando?

- Eu me *aporrveitei* de você! Na verdade, eu *nan* o amo. Gosto de você, mas *nan* te amo.

- Não importa, eu vou te ajudar.

- *Ecute*, seu teimoso! Eu só fiquei com você para fazer ciúmes em Lepard. É Lepard que amo, é Lepard que sempre amei.

Kyle ficou quieto por um instante. Seu rosto ficou vermelho como uma pimenta e levantou a mão para estapear a traidora. No último instante, se conteve, deu as costas e subiu na carroça. Kiorina estava estupefata e observou as lágrimas correrem no rosto de Claudine antes que se virasse e saísse correndo na direção oposta.

Gorum e Archibald já estavam prontos e a carroça começou a se deslocar. A libertação dos lagartos havia sido um sucesso, porém, quanto ao pai de Claudine...

Mais tarde, próximo ao horário do crepúsculo, a carroça deixava Tchilla para trás. Ainda podiam ver o grande octogno, com seu topo iluminado por diversas piras de fogo. A grande cerimônia ainda estava em curso. Ao mesmo tempo, An Lepard e Kleon também deveriam estar deixando a grande cidade a bordo do Estrela do Crepúsculo. Archibald pediu ao condutor para parar.

- Está certo disso, meu amigo? – perguntou Kyle.

- Sim, preciso me encontrar. Preciso descobrir o propósito da minha existência e saber mais sobre este novo potencial que desperta em mim. Estou certo de que em breve, terei condições de ajudar nosso povo, de alguma forma.

- Eu entendo.

Kiorina já não conseguia conter as lágrimas e abraçou Archibald longamente.

- Archie, se cuida, tá?

- Você também, e...

- Pode deixar, eu já sei.

Gorum aproximou-se, curvando-se para abraçar o rapaz. – Espero que um dia voltemos todos a Lacoresh e que tenhamos tempos de paz.

- Gorum, não deixe Kyle e Kiorina brigarem demais, está bem?

Gorum deu uma boa risada – É claro! Isso faz parte de minhas obrigações de tutor, não é garoto?

Kyle deu com os ombros.

De cima da carroça, Azus forçou-se a expressar. – *Osgigazzu, irmauz zi fê-mia zi* fogo.

Archibald acenou para o lagarto que parecia sorrir em agradecimento. Não era um sorriso muito simpático com todos aqueles dentes pontiagudos.

Kyle estava triste e suas emoções um tanto fora de ordem. Sentiu uma estranha sensação, de que nunca mais veria o amigo. Abraçou-o mais uma vez, procurando ocultar uma lágrima que lhe escapava dos olhos. Terminaram o abraço e Kyle logo suprimiu as lágrimas. Ainda não querendo se despedir de todo, perguntou – Archie, você ainda acredita nos deuses? Digo, os deuses de Lacoresh?

- Kyle, os deuses não são de Lacoresh, mas sim de todos os homens, silfos, anões, animais, florestas... Até mesmo dos lagartos... – indicou Azus e seus companheiros na carroça – Não fosse por eles, não teríamos um céu destes e essas lindas luas para iluminar nosso caminho. Olhe para este crepúsculo. Sinta e verá que os deuses estão conosco, mesmo quando não parece e eles nos guiam para que cumpramos nosso propósito.

- Então você chegou a uma conclusão, afinal?

- Conclusão?

- Sim, falo do destino.

- Ah, aquilo não é mesmo? O que sempre discutimos. Você não precisa que eu lhe diga no que acredito. O importante é você acreditar. Busque em seu interior e saberá o que fazer, assim como agora eu sei que devo

permanecer em Tchilla. Não se preocupe, quando chegar o momento, você saberá o que fazer.

-Adeus amigo. Que Forlon te proteja.

-Kyle, Leivisa irá lhe prover de sabedoria e Aianaron, sempre esteve ao seu lado, lhe conferindo força e coragem.

Foi uma despedida dura e estranha. Archibald ficou ali, sob a luz do crepúsculo observando os companheiros seguir pela estrada, noite adentro. Kiorina chorava e acenava a quase todo momento. Archibald devolvia os acenos e por fim, sentiu-se sozinho e pronto para encarar sua nova busca junto aos templários em Tchilla.

Na carroça, todos agora faziam silêncio. Kyle murmurou para si mesmo – Compreendo. Sinto que estamos bem perto de encontrar o oráculo. – e foi apenas um sussurro que ninguém deveria ter ouvido, mas logo veio-lhe uma resposta, no interior da mente.

„No silêncio, bem quieto é que se escuta a Voz, Guerreiro de Alma”.

Kyle olhou para Azus, um tanto surpreso. A língua do lagarto saía e entrava na boca, enquanto seu corpo parecia estranhamente imóvel.

Kyle pensou “Pode mesmo falar comigo? Como fazia Noran?”

„Sim, tanto com você e também seu amigo, Alma Que Guia”.

„Gorum?”

„Não, Alma Que Guia, está sentado à sua esquerda”.

Kyle virou-se, mas não havia ninguém sentado a seu lado. Deu com os ombros e sentiu um arrepio. Será que Noran estava mesmo ali? Ao seu lado?

„E o que Ele lhe disse?” indagou Kyle ao lagarto azulado.

„O que você já escutou: logo irá se encontrar com a Voz.”

Kyle respirou fundo e agradeceu. Apesar de tudo que ocorreu, estavam finalmente no caminho certo para encontrar o Oráculo de Shimitsu.

CAPÍTULO 36

Em Tchilla, Kiorina recolheu informações sobre a região na qual penetravam. Soube que ali, além da cidade estado de Tchilla havia vastas planícies, grandes rios e pântanos. Os povos que habitavam essas terras haviam se estabelecido bem distantes uns dos outros. Seguindo relato de exploradores de uma antiga rota comercial, esta região tornou-se conhecida como o Vale das Sete Tribos. Algumas destas chamadas tribos, na realidade cresceram e se organizaram nos últimos séculos formando pequenas cidades independentes. A maior, TONUAK, era habitada por comerciantes humanos de estatura média, tez clara e cabelos e olhos castanhos. Neste vale havia quatro outros povoados humanos: Ô-makô, Racine, Citrus e Dridala. Além destes, dois povoados de raças conhecidas na antiguidade como sub-humanas: os Igooles e os Tuiks.

Além das conhecidas “Sete Tribos”, escutou rumores sobre um outro povo que viveria na região num povoado cuja localização era desconhecida. O Santuário, ou Banzanac, já teria feito comércio com TONUAK, mas há muitos anos, desapareceu.

A princípio, Gorum tinha alguma preocupação com os suprimentos para a viagem. Especialmente após três dias, pois prosseguir com a carroça ficava cada vez mais difícil devido a grande quantidade de riachos e regiões alagadas. Por fim, abandonaram a carroça seguindo com os bantus, dos quais podiam tirar algum leite.

Azus e seus seguidores eram caçadores formidáveis e logo as preocupações de Gorum com suprimentos se dissiparam. Seguiam então, rumo às terras de Azus que lhes alimentava a esperança de que seriam conduzidos ao Oráculo, o que ele chamava de: A Voz.

As planícies eram extensas e havia uma grande variedade de aves, e outros animais nunca antes vistos, que impressionavam os viajantes lacoreses. Neste dia, bastante ensolarado e quente, caminhavam numa trilha seca cercada por charcos. Ali cresciam juncos e pequenas árvores de raízes aéreas e copas densas formadas por folhas miúdas e muito verdes.

- Olha Kyle, – Kiorina disse bem-humorada – aquelas aves vermelhas, são enormes... e bonitas.

- E estranhas... – replicou o jovem – veja só, como tem dentes nos bicos.

- Não são dentes, o formato do bico que é serrilhado. – corrigiu Kiorina.

- Eu também acho que são dentes – disse Gorum – parecem ser pogo-tapos.

- Como sabe?

- Em Tchilla, comi pogo-tapo assado, pogo-tapo frito, ensopado de pogo-tapo...

- Já entendi, mas...

- E os que comi, tinham dentes mesmo!

- E a carne é boa? – Kyle perguntou com malícia no olhar.

Gorum fez que sim.

- Azus – chamou o rapaz – Pode me emprestar um de seus dardos?

Azus parou a caminhada e encarou Kyle desconfiado.

- Para caçar – explicou apontado para os pogo-tapos.

Azus entregou o dardo e advertiu em seu sotaque sibilante – *casssa* ruim.

Gorum contra argumentou – Não, a carne é muito gostosa.

Enquanto Azus e Gorum discutiam, Kyle deu com os ombros e partiu na direção das aves. Penetrou no charco ficando com água acima dos joelhos. Espreitou com corpo curvado utilizando a cobertura da vegetação. Gorum, Kiorina, Azus e demais lagartos pararam para assistir à caçada. O jovem estava excitado, nos dias anteriores observou o procedimento de caça dos lagartos com grande interesse. Era hora de testar suas habilidades como caçador. “Já estou perto”, pensava, “Só mais um pouco... Agora!” Lançou o dardo que atingiu um dos pogo-tapos no dorso e este grasnou violentamente. Kyle comemorou – Acertei! Acertei! – Ao contrário do que Kyle imaginava, os demais pogo-tapos não revoaram, mas sim, voltaram sua atenção para ele. Pogo-tapos eram aves de grande porte e não voavam. Suas pernas compridas e musculosas eram perfeitamente adaptadas para caminhar nos pântanos. Uma das aves, que tinha uma crista azulada na cabeça partiu na direção de Kyle emitindo um terrível grito de batalha. Outras aves seguiram o líder e Kyle desembainhou sua espada com a certeza de que a usaria. Sentiu seu sangue gelar com o avanço das aves que era mais assustador que um ataque de bestiais. As aves tinham movimentos muito ágeis e alcançavam velocidade incrível.

Lá atrás, Kiorina exclamou – Sapos e dragões... Cuidado Kyle!

Kyle atingiu o líder com sua espada, mas não pode evitar a investida simultânea do bico dentado contra seu pescoço. O máximo que conseguiu como um reflexo defensivo foi encolher o pescoço e ser atingido no ombro. A bicada arrancou-lhe carne e sangue. O mesmo golpe no pescoço, teria lhe tirado a vida. A lâmina de Kyle teve efeito mortal, cravando-se no peitoral e perfurando os órgãos vitais da grande ave. O líder cambaleou e atingiu a superfície do charco respingando água para todo lado.

Kyle estava em apuros, cercado por cinco ou mais pogo-tapos ferozes. Dardos foram atirados por Azus e seus companheiros, mas uma forte rajada de fogo evocada por Kiorina foi o que de fato espantou as aves rancorosas.

Kyle ficou agachado com água até o peito pressionando o ferimento no ombro direito com a mão esquerda. Azus chegou perto e disse – Boa *casssadza!*

Kyle respondeu com um careta. Azus complementou – *Kylitz* boa *ishhca!* – Os demais lagartos rodearam Kyle dizendo coisas que não compreendia expressando algum grau de entusiasmo, ou seja, acenos rápidos e positivos com a cabeça e certo agito das caudas, algo que corresponderia a tapas nas costas e comemoração animada entre os humanos.

-Com...*companieiros dizzz Kylitz casssantis co...coragi.*

Gorum aproximou-se e ao ver que o ferimento não era tão sério debochou – Você arrumou alguns fãs, hein garoto?

-Não enche Gorum!

Gorum riu e prosseguiu – Isso merece um título! Kyle-minhoca, ou então, Kyle-isca-de-pogo-tapo, o que acha hem, Kiorina?

Kiorina fulminou o grandão com seus olhos verdes e irritados – Ai Gorum, tem horas que você é muito besta! – Aproximou-se de Kyle e disse – Você está bem? Está doendo muito? Deixa eu ver.

-Tudo bem, vai melhorar...

-Mas se a mordida for venenosa? – a ruiva imaginava preocupada.

-Ei Kiorina, ele vai ficar bem, certo? Depois de tudo que Kyle passou, isso é só um arranhão.

-Obrigado pela preocupação Kina, vou ficar legal.

Azus perguntou a Gorum – Que é *Kylitz-min..minio..minioca?* – e isso fez o gigante explodir em gargalhadas.

CAPÍTULO 37

Nem mesmo os hábeis lagartos foram capazes de prever ou resistir ao ataque daqueles guerreiros de pele cor de cobre. Eram homens fortes, musculosos de cabelos raspados. Havia também mulheres guerreiras, atléticas, de cabelos curtos e lisos. Todos usavam apenas tangas, deixando os peitorais e seios nus. Os corpos eram cobertos por pinturas que combinavam vermelho terroso e preto. As mesmas camuflavam seus rostos e corpos quando deitados contra os charcos e lamaçais da região.

Os caçadores surgiram de repente. A primeira a cair foi Kiorina. O xamã indicou aos caçadores que ela precisava ser o primeiro alvo. Em instantes, os demais foram atingidos por dezenas de boleadeiras, redes e pedregulhos.

Bem amarrados, foram levados para uma das aldeias da tribo dos Ô-makô. Eram muitas cabanas de madeira com telhados compostos por camadas e mais camadas de fibras espessas, secas e bem amarradas. Entre duas das maiores cabanas havia uma tora alta, larga e comprida, cuja madeira parecia ter vindo de alguma outra região. A madeira era esculpida com figuras e pintada de vermelho e branco formando uma espécie de portal. Cordas feitas com cipó entrelaçado prendiam Kyle, Kiorina, Gorum, Azus e os demais pelos pés. Suas cabeças estavam longe do chão.

Um batuque ritmado despertou o filho do célebre cavaleiro Armand Blackwing. O rapaz sentia sua cabeça latejar e se odiava naquele instante. Como se deixaram capturar tão facilmente? O que aconteceria? Ao seu redor havia grande comoção. A tribo festejava o sucesso de seus caçadores. A visão de Kyle estava turva. Havia também um gosto ruim na boca: lama. A cabeça zunia e entre imagens desconexas que via ao seu redor havia uma figura que lhe chamava atenção: o xamã. O ser magrelo agora estava coberto por um pó branco. No rosto e pescoço uma pasta negra aplicada causava forte contraste. Acima da cabeça, uma touca de couro com um par de chifres costurados que pendiam para o chão. Kyle piscava bastante provocando lágrimas que limpavam, aos poucos, sua visão. A figura do xamã destoava dos demais membros da tribo, não devido a sua indumentária, mas sim devido sua alta estatura e constituição física débil. Os homens e mulheres de Ô-makô eram baixos com corpos fortes, músculos definidos e tórax largo e avantajado. Ao perceber a movimentação de Kyle um dos homens da tribo aproximou-se e puxou com vigor uma mecha dos cabelos que pendiam em direção ao solo.

- Seu puto! – resmungou o rapaz.

O homem deu uma gargalhada e disse uma série de palavras incompreensíveis. A batucada toda cessou dando lugar ao silêncio. O caçador tomou melhor empunhadura da cabeleira de Kyle, girando o punho e enrolando os cabelos até

formar um grosso cordão um tanto desgrenhado. Isso fez Kyle gemer de dor.

Kyle escutou a voz de Gorum trovejar – Seu nanico covarde! Me solte e vamos ver numa luta justa quem é homem de verdade!

Enquanto Gorum esbravejava, Kyle sentia um forte calor no peito ao passo que muitos fios de seus cabelos eram arrancados. Ainda estava lá, por baixo das camisas a semente. A força vital da fada pulsava no peito de Kyle. Perceber isto foi um alívio!

Usando uma lâmina tosca, o caçador cortou os longos cabelos de Kyle agitando-os no ar provocando comemoração dos selvagens. O calor em seu peito aumentava e uma sensação de frio percorreu sua espinha. Escutou uma voz familiar sussurrar tão perto de seu ouvido que não teve certeza de que não estivesse de fato, dentro de sua mente. – Relaxe meu amigo. Tudo estará logo resolvido.

Ainda tomado pela surpresa, Blackwing se viu falando a língua dos selvagens com vozeirão autoritário – Escutem caçadores! Vocês libertarão essas presas, ou sofrerão as consequências!

Uma nova onda de silêncio tomou conta da tribo. E logo foi quebrada pela gargalhada do caçador atarracado que tinha nas mãos os cabelos removidos de Kyle. A gargalhada soou sozinha por uns instantes, até que toda tribo gargalhava junto com o caçador.

-Prometemos não ferí-los se nos soltarem imediatamente. – Ordenou Kyle, pronunciando aquela linguagem repleta de sons guturais.

O caçador, agora irado e transfigurado, empunhou a mesma lâmina que cortou os cabelos do cavaleiro e aproximou-se para proferir um golpe mortal.

Kyle, sem ter controle sobre o que dizia viu agora sua boca dizer em lacorês – Agora Kiorina, conforme lhe instruí!

Antes que o caçador completasse sua manobra, os cabelos de Kyle foram consumidos por fortes chamas num só instante. Assustado, o homem recuou sacudindo vigorosamente a mão queimada. Kiorina desenvolvera seu potencial em magias do fogo de tal forma, que conseguia produzir alguns efeitos apenas pela concentração de seu pensamento.

Kyle voltou a falar – Liberte-nos, ou sofram as consequências!

O xamã tomou uma lança, avançando contra Kiorina.

Kyle advertiu – Atenção Kiorina, o xamã!

Antes de atingi-la o magricela contorceu-se desesperado tentando apagar as chamas que emergiram de sua touca de couro e da sacola que carregava. Abandonou os objetos e fugiu horrorizado. Com isso, a moral dos demais despencou e a confusão teve início. O fogo também consumiu as cordas que prendiam a ruiva, mas ao contrário do que seria esperado, a moça não caiu de cabeça no chão. Ela flutuou e evocou mais chamas que rodeavam seu corpo, transformando-a numa espécie de

gigante feito de fogo. Neste ponto, não havia caçador com coragem suficiente para confrontar aquela magnífica criatura de fogo. Kiorina esticava os braços e destes jatos de chama atingiam os telhadas das casas que acolhiam o fogo com avidez. Sob grande confusão, a tribo corria desordenadamente mato adentro abandonando a vila para ser consumida pelas chamas. Após castigar um pouco mais as construções próximas com jatos e bolas de fogo, Kiorina pousou dispersando as ondas de chamas que a envolviam. Ainda usando sua magia, rompeu as cordas e fez com que todos pousassem suavemente no areal circular que demarcava o centro da vila.

Kiorina tinha os olhos verdes, brilhando, cheios de lágrimas e correu para abraçar Kyle, muito emocionada.

-Eu vi! Eu vi!

-Ei calma! Já passou... – disse Kyle, novamente controlando sua boca.

-Foi ele que nos salvou! Foi Noran!

-Noran? – indagou Gorum deixando-se contagiar pelas lágrimas. – Como assim, Noran?

Kiorina soltou Kyle, voltando-se para Gorum. Kyle corou, coçando o couro cabeludo, que ardia e coçava horivelmente. Seus cabelos estavam espetados para o alto e muito bagunçados.

Kiorina ainda chorava – Ele estava muito bonito! Seu rosto brilhava. Era como o sol. Eu pensei que era um sonho. – fez uma pausa para enxugar as lágrimas, junto com um bocado de lama seca, ainda presa em seu rosto. – Mas quando abri os olhos, eu sabia que era real. Ele soprou a minha testa e fiquei muito tranquila. E muito concentrada. Acho que.... – soluçou a ruiva – nunca estive tão concentrada em toda minha vida.

-Eu vi em seus olhos – contou Gorum – nem parecia que estava aqui.

-Sim! Ele que falou através de mim... – De repente, tudo fazia sentido para Kyle – Eu sabia! Foi ele que me salvou... Quero dizer, depois do ataque do Blukutil, lembram?

-É mesmo! – concordou Kiorina – Me lembro bem... Você já estava pálido e voltou de repente! Repetia o nome dele...

Gorum enxugou as lágrimas e disse – Muito obrigado! Sei que pode nos ouvir. Muito obrigado, duas vezes, meu amigo.

-*Humanuz shhhorar depoiz! Agora fugssshir!* – interrompeu o lagarto Azus.

-Tem razão! – corroborou Kyle – Vamos antes que eles mudem de ideia.

Kiorina olhou para o chão próximo de onde estivera o xamã e sorriu. Ali

estavam alguns de seus pertences. “Isto ainda pode ser muito útil” pensou enquanto apanhava suas pedras preciosas. Quanto ao resto, as armas e carga da viagem, estavam perdidos no interior das cabanas que eram consumidas pelo incêndio. Teriam que se virar sem tudo aquilo.

CAPÍTULO 38

Lacoresh, o arquipélago dos silfos, Dacs, Tchilla e os dias difíceis nas planícies quentes e inóspitas do baixo vale haviam ficado para trás. Kyle usava o cabelo curto e espetado. Agora sua aparência era bem melhor graças ao corte feito por Kiorina. O vale abaixo estava especialmente verde e bonito visto da trilha que faziam com os lagartos por entre as montanhas daquela vasta cordilheira. O clima no alto era mais fresco, mesmo com o céu aberto e bastante sol. Ao fim do dia, o sol tingia de vermelho as montanhas e seus picos gelados, ainda distantes.

Há um dia, caminhavam numa trilha estreita, em muito pontos beirando altos abismos rochosos. Não era um trilha natural, mas o que restou de uma antiga estrada que parecia abandonada há muitos séculos, talvez, milênios. Em alguns pontos do caminho havia marcos esculpidos nas rochas em baixo relevo e muito desgastados com desenhos e inscrições de línguas antigas e esquecidas. Mesmo Kiorina, que estudou um pouco sobre povos antigos, não se lembrava de ter visto tais padrões anteriormente.

Naquele fim de tarde, encontraram um marco que chamou a atenção do grupo. Era uma pedra de ponta triangular da altura de dois homens com um grandioso lagarto entalhado e circundado de inscrições. A seus pés, figuras pequeninas em adoração, esculpidas com traços simples.

Gorum observou por uns instantes e disse a Azus – Seu parente, azulão?

O lagarto parou diante da pedra e permaneceu imóvel como uma estátua por alguns instantes. Sempre que fazia aquilo, Kyle sentia-se incomodado. Era como se por algum tempo, a criatura morresse, para subitamente retornar à vida. Finalmente falou – *Gzzande Kutz*.

-Kutz?

-Essas marcas foram feitas por seu povo, Azus? – indagou Kiorina.

Azus permaneceu em silêncio. Seus companheiros, no entanto, não pareciam interessados naquilo.

-E então, azulão? – insistiu Gorum.

- *Muitoss tempoz...* Meu povo veio. *Adjuda contza* inimigo de *abissshmoz*. Meu povo, amigo *ezzfoz*, amigo *hozzmoz*. *Gzande Kutz*, acabado. Meu povo, não *maiss* vez casa.

-Será que ele está falando da antiga guerra? –indagou Kyle.

Kiorina assentiu – acho que sim.

- Vamos! Minha casa *zzá*! – apontou o reptante. – Depois *de vazze*

encontzaa a Voz.

Dois dias depois, o baixo vale já não podia ser visto. A trilha entre as montanhas era comprida e fria, mas ao menos era segura. Conversando com Azus, descobriram que seu povo sempre utilizava este caminho para descer ao vale e caçar. Há muito tempo que reptantes e humanos não conviviam bem, e os líderes reptantes seguiram a Voz para um vale no interior da extensa cordilheira que separava o vale de Tchilla do vale do Imperador Keldor. A diversão de Gorum naqueles dias mais tranquilos era observar as brigas de Kyle e Kiorina. Ficava impressionado como não conseguiam ficar muito tempo sem falar um com o outro e quando começava algum assunto, logo começava uma discussão. Azus estava curioso e perguntou a Gorum, através de telepatia “Estou curioso...”

Gorum sobressaltou-se. – Puxa! Pode avisar quando for falar assim comigo?

“Desculpe, Grande Irmão. Mas falar na sua língua é muito difícil para mim. Além do mais, o assunto é...”

Gorum deu com os ombros – Vá em frente.

“O que a Fêmea do Fogo e o Caçador Isca estão fazendo?”

- Discutindo, para variar.

“Vi que você acha isso interessante. Mas discussão não é algo ruim?”

Gorum riu um pouco. – Não neste caso.

“Então é um ritual de acasalamento?”

Gorum caiu na gargalhada. Ria tanto que lágrimas saíam de seus olhos. Ficou tão vermelho que parecia que ia explodir. Isto é claro, fez a discussão de Kyle e Kiorina cessar.

Kyle logo veio tirar satisfações – Do que está rindo?

Gorum tentava, mas simplesmente não conseguia articular uma resposta.

- Ah deixa para lá!

- Viu do que eu estava falando? – a ruiva retrucou irritada. – Isso é típico de você Kyle!

Kyle voltou para onde estava, ao lado da feiticeira e resmungou – Ah Kiorina, você parece uma roda d’água, sempre girando no mesmo lugar.

“E então?” Azus ainda esperava por sua resposta.

Gorum finalmente conseguiu se conter para responder – Suponho que sim, azulão! Esses dois tem muita história juntos.

“O ritual de acasalamento é sempre assim, entre os humanos? Tão barulhento?”

Gorum riu suavemente – Muitas vezes, meu amigo. Muitas vezes!

CAPÍTULO 39

Naquelas montanhas, descer nem sempre era tão fácil como subir. Abaixo, podiam avistar um vale que parecia rodeado por uma grande muralha formada pelas montanhas. As águas que desciam de várias encostas íngremes formavam quedas d'água fabulosas que brilhavam em tons azulados e de branco intenso contra a luz do sol. No centro do vale, um grande lago era formado do encontro dos riachos que convergiam de todos os lados. O lago que parecia bastante calmo à distância, formava um espelho que refletia com perfeição as montanhas e seus picos pontudos contra o céu azul. Ao seu redor, terras repletas de verde cobriam todo o vale como um tapete.

A descida requeria prática de escalada em muitos pontos. Depois de tantos dias subindo, porém em inclinações mais suaves, aquela descida extenuava os viajantes lacoreses, em especial Gorum e Kiorina.

- Não tenho mais idade para isso. – resmungou Gorum.

- Vamos! – incentivou Kyle – Pelo ritmo, acho que chegaremos ao vale antes do meio-dia.

- Eu me cansei! – retrucou Kiorina – Vou descer do meu jeito!

A ruiva parou a caminhada e permaneceu concentrada por alguns instantes. Murmurou sua ladainha de palavras da feitiçaria e realizou alguns gestos para produzir o encanto. Deu um grande salto adiante, deixando os lagartos alarmados. Caiu num arco lento e pisou suavemente num rochedo, muito abaixo, tomando novo impulso para continuar a rápida trajetória descendente.

- Kiorina! – chamou Kyle estressado – Não faça isso! Devemos ir juntos!

A resposta já soou distante – Ah Kyle, não enche! Eu sei me cuidar.

E Kiorina desceu rapidamente até ficar fora da vista dos demais.

Um bom tempo depois, ouvia-se o forte chiado causado por uma grande queda d'água. Kyle, adiantou-se em relação ao grupo, que seguia no ritmo mais lento de Gorum. Todos ficaram para trás, exceto por um dos batedores que Azus. Ele o enviou a fim de contatar outros membros de seu povo e avisar sobre a chegada de estrangeiros ao vale. Mesmo que quisesse, Kyle não conseguiria acompanhar o ritmo do batedor, que descia com agilidade reptiliana a íngreme costa pedregosa. Ao ver o lagarto descer, confortavelmente, quase deslizando morro abaixo, o ex-cavaleiro lembrou-se de pequenos lagartos cinzentos e muito ágeis que ele e Archibald tentavam capturar quando crianças. E tentavam com afinco, quase nunca conseguindo. Numa destas ocasiões, Kyle havia conseguido e sugerira ao amigo,

abrir o lagarto para ver por dentro. Archibald, imediatamente se negou, fazendo um pequeno sermão. Ao recordar-se disso, Kyle, que estava muito suado e fatigado murmurou para si mesmo – É Archie, você já levava jeito para monge. – E tal murmúrio mal soou encoberto pelos sons da cachoeira.

Kyle chegou ao lado do topo da cachoeira, que dali caía para dentro de um poço de águas límpidas e esverdeadas. Uma movimentação no centro do poço chamou sua atenção. Lá estava ela. Kiorina nadava feliz e relaxada. Estava nua e devido a transparência da água, o rapaz não podia evitar de ver seu corpo. Já não era aquela menina magra e imatura dos tempos de Lacoresh. Era uma mulher que nadava ali. E pela primeira vez, Kyle via nela aqueles atributos. Ficou imóvel por uns instantes a observá-la antes de tomar coragem de se aproximar um pouco mais. Um pássaro vermelho e exuberante começou a piar alto. Ele repousava num galho de uma árvore que emergia do meio das rochas, sempre úmidas, ao lado da cachoeira. No mesmo instante, Kiorina interrompeu o nado e vasculhou os arredores com os olhos verdes, que combinavam com a cor da água. Num instante encarou Kyle, ainda distante, e relaxou sorrindo. Cobrindo os seios com o braço esquerdo, acenou para a o amigo com a mão direita. – Vem Kyle, a água está ótima!

Kyle ruborizou. Olhando para baixo e apenas negou com um aceno de cabeça.

A ruiva insistiu – Anda Kyle! Deixa de ser travado! Você deve estar cansado da descida. Tomar um banho de vez em quando não faz mal.

Kyle ainda não estava convencido e descia pela encosta para chegar ao nível do poço.

- Além do mais – argumentou Kiorina – Uma oportunidade como esta não se desperdiça! Olha só essa cachoeira! Já viu água mais linda?

Kyle deixou seus pertences de lado e removeu a roupa de cima. Sentia-se embaraçado e não teria a mesma coragem dela para despir-se. Kiorina parou por uns instante para observar o corpo de Kyle. A despeito de algumas cicatrizes das muitas batalhas, o rapaz tinha o físico perfeito. O corpo suado brilhava contra o sol e o coração da garota acelerou ao observar os contornos que tanto lhe agradaram. Kyle resolveu entrar com o calção cinzento, que era sua roupa de baixo. Ao tocar a água com os pés, fez uma careta de desânimo. Aquela água estava um gelo. Kiorina não perdeu a oportunidade e convocando sua feitiçaria fez uma onda de água fina emergir até engolfar Kyle. A careta que fez com o choque, provocou na ruiva um acesso de gargalhadas que só eram um pouco abafadas pelo forte som da cachoeira.

Tomado por uma sensação parecida com a que tinha quando brincava com Archibald, Kyle saltou para a água em busca de vingança. Logo tinha tomado a moça pela cabeça e ombros afundando-a na água. Kiorina se debateu, mas Kyle a liberou antes que ficasse realmente sem ar. E sem perceber Kyle tinha Kiorina nua em seus braços. Seus olhos se cruzaram. Os lábios se atraíam. Era um momento mágico.

Todo o clima se rompeu repentinamente, quando a superfície do poço tornou-se turbulenta. Azus e seus companheiros, haviam se atirado da plataforma acima. Mergulharam no poço, um após o outro numa sequencia frenética. Juntavam os membros ao tronco a fim de espalhar o máximo de água possível. Era uma grande festa para eles. Era o sinal de que estavam de volta em seu lar. Azus e os demais nadavam no poço, impulsionados por suas caudas e brincavam uns com os outros, como se fossem crianças humanas. Ao fim do fuzuê, Kyle e Kiorina estava de volta à margem vestindo suas roupas. Estavam um pouco envergonhados e evitavam se olhar.

Gorum, só chegou alguns momentos depois, anunciando – Kiorina, olhe para o outro lado! – Em seguida, o gigante peludo e pelado, desceu alguns degraus de pedra e saltou poço adentro para juntar-se aos lagartos que ainda aproveitavam o banho.

CAPÍTULO 40

Depois da natação ao pé da cachoeira e um banho de sol para secar as roupas e aquecer o corpo, adentraram em bosques de uma mata pouco densa, composta por árvores de troncos largos e retos que formavam copas pouco volumosas bem no alto. O caminho era livre e o chão repleto de folhas secas. O sol já não alcançava o chão, exceto por uma clareira ou outra, e nestes pontos, um pouco de vegetação baixa conseguia crescer. Mas o solo, em geral, era de composição rochosa com pouca terra na superfície.

Kyle e Kiorina não se falavam há algum tempo e Gorum já havia gastado todas suas piadas com aqueles dois. Azus, assim como seus seguidores, não eram muito de falar, restava então caminhar e apreciar o silêncio. O canto dos pássaros daquele vale não era familiar aos Lacoreses. Pequenos macacos, ou talvez fossem esquilos, pulavam entre as copas altas, ocasionalmente, e além disso, muitos insetos marcavam presença, de forma que apesar da ausência de conversa, não se fazia silêncio de fato.

O som que num primeiro momento, parecia um tambores tocando distantes, intensificou-se rapidamente. E quando a terra começou a tremer, ficou óbvio que não eram tambores! Um bando de cavalos galopando também não faria um ruído tão alarmante. Antes que pudessem discutir muito a respeito do que causava aquilo, avistaram algo que olhos lacoreses nunca haviam visto antes: um bando de enormes lagartos se aproximava num galope veloz.

Kyle murmurou – Dragões?

Kiorina aproximou-se de Kyle segurando em seu braço, muito apreensiva, mas algo dentro de si dizia que não era necessário entrar em pânico. Já o olhar treinado de Gorum, pode verificar que no dorso de cada um daqueles monstros estavam montados lagartos muito parecidos com Azus e seus seguidores. O bando se aproximou e formou um rápido círculo em torno dos viajantes. Se fossem uma presa, não haveria escapatória.

Azus deu um passo adiante e um dos grandes lagartos que serviam de montaria apoiou-se nas quatro patas. Essas montarias sáurias eram bípedes com escamas esverdeadas, padrões em bege e rajadas escuras, quase negras. As bocas eram compridas e mostravam fileiras de dentes muito afiados, os olhos amarelos e ligeiros pareciam encarar os visitantes lacoreses como uma possível refeição. Mesmo nas quatro patas eram ainda maiores que fortes cavalos de guerra. De cima desta montaria, pulou adiante um lagarto de escamas azuladas, assim como Azus, porem um pouco mais baixo e encorpado. Eles cruzaram os braços e encostaram o topo de suas cabeças. Uma espécie de abraço à distância que parecia um cumprimento dado

antes do início de um combate.

Kiorina cochichou no ouvido de Kyle – Eu acho que é a namorada do Azus.

Kyle discordou, pois para ele o outro lagarto parecia um guerreiro, ainda mais forte.

A ruiva insistiu – Olha, a garganta é avermelhada e fora isso, não tem o couro pintado como o do Azus.

O lagarto sobre o qual Kyle e Kiorina discutiam terminou o longo cumprimento dado a Azus e aproximou-se dos lacoreses. Ajoelhou-se diante deles e em seguida, ouviram surpresos ideias formando-se em suas mentes. As palavras não formavam frases, mas logo souberam que o nome dela era Zat'tza e que estava profundamente agradecida por terem resgatado seu esposo, Azus, e os demais membros do clã de caçadores.

Kiorina cutucou Kyle e sorriu, como se quisesse dizer que tinha razão. Kyle deu com os ombros e aproximou-se de Zat'tza estendendo a mão, para um cumprimento. Era a primeira vez que a reptante encontrava-se com um humano, mas devido a sua capacidade de comunicação mental e empatia, compreendeu o gesto retornando o cumprimento. A reptante sentiu a mão quente de Kyle e ao tocá-lo, ambos sentiram uma espécie de choque mental, havendo entre eles uma breve troca de imagens diversas advindas de suas memórias. Azus ainda não sabia, mas Kyle revelou: – Azus, você é pai!

Azus retornou um olhar surpreso para Kyle – Pai? – perguntou incrédulo.

Zat'tza virou-se para Azus e confirmou na língua deles. Kyle de alguma forma compreendeu e disse – Desculpe... Era para ser uma surpresa?

Zat'tza olhou de volta nos olhos de Kyle e o lacorês entendeu que não tinha importância. Logo, a transmissão de ideias começava a formar frases e o rapaz ficou surpreso com a frase que se formou: “A Voz divina anseia para revelar segredos. Na noite de todas as luas, as palavras serão ditas. Você mudará, mas vai descobrir que os outros homens não poderão ser mudados.”

O primeiro contato com o povo de Azus foi um pouco assustador para os Lacoreses. Mas logo se habituariam à convivência em sua vila. Ele era o líder de um clã de lagartos caçadores que vivia às margens do grande lago. A cultura destes era bem simples, mas dominavam técnicas para construção de grandes casas de madeira em formato oval sem divisões de cômodos. No interior destas sempre havia fornos alimentados por carvão vegetal, que eles mesmos produziam em grande quantidade. Extraíam óleos e sucos que armazenavam em grandes potes de cerâmica e apesar de gostarem de se alimentar de carne crua, nem sempre havia desta disponível. Assim, também cozinhavam a caça armazenando-as em conservas de óleos diversos. Aparentemente, preparavam-se para a vinda do inverno, que seria bastante rigoroso naquele vale montanhoso. Além das casas, também eram hábeis construtores de

canoas e muito de sua alimentação também advinha de pescados do grande lago.

Outro aspecto intrigante era a questão das montarias. Na verdade, não mantinham suas montarias em estábulos, ou algo semelhante. Eram animais independentes que viviam nos bosques próximos à vila. Quando necessário, havia um ritual pelo qual eram convocados. Então, após realizar suas marchas, ou mesmo caçadas, eram novamente soltos.

Conviveram algum tempo no clã de Azus, aguardando pela noite de todas as luas, isto é, uma noite em que todas as luas cheias ficavam visíveis no céu noturno. Um evento que só ocorria umas poucas vezes por ano. Gorum havia saído cedo para pescar com um grupo de lagartos no grande lago. O gigante relaxava com aquela atividade, mas sentia falta do tempo que pescava junto com os silfos. Pescar com os silfos era divertido, pois sempre podia contar suas anedotas e escutar diversas histórias. Kiorina aproveitou aquele tempo para praticar sua magia. Algo lhe dizia que haveria confrontos adiante e que era necessário estar em dia com todos seus feitiços.

Kyle fazia o mesmo, passava por rigorosa rotina de treinamento físico e meditação. Naquela região, sentia que suas capacidades estavam aumentadas. Um dia, conseguiu fazer algo extraordinário, contatou Gorum, que pescava em águas distantes, através de seus pensamentos. Após meditações mais profundas, ao caminhar nos arredores da vila, podia enxergar espíritos da floresta se manifestando. Em certa ocasião, assim como Azus dizia ser possível fazer, viu Noran e travou breve conversação com ele. A figura do ex-companheiro parecia bem real, exceto por certa transparência e brilho discretos que exibia. Acima dos olhos, no centro da testa, onde ficavam tatuados três círculos, uma tênue luz amarelada pulsava.

- Noran? É você mesmo?

- Sim Kyle. Fico contente que finalmente possamos nos falar.

- Aqui sinto algo diferente. O que está havendo comigo? Por que consigo agora ver espíritos?

- É devido a proximidade do oráculo. Ele habita este vale. É o que os reptantes chama de Voz.

- Então, finalmente estamos próximos de nosso objetivo!

- Sim, mas será que está preparado para o que está por vir?

- Não sei. Mas também não estou muito preocupado com isso, não depois de tanta coisa.

- Isso é bom. Muito do que irão vivenciar dependerá do espírito com que confrontarem o oráculo. Das perguntas e dúvidas que têm em mente.

- Suponho que nosso dever seja indagar sobre como remover a sombra

que se instalou sobre Lacoresh. Como anular os necromantes.

- E se não houver nada a fazer?

- Como assim? Como se o senhor Modevarsh nos tivesse enviado numa busca inútil? Eu não creio nisto.

- Tão pouco eu. Mas pelo que tenho visto, os necromantes podem ser o apenas um problema menor.

- Como assim?

- Na verdade, é só um palpite. Sinto que qualquer palpite meu seja irrelevante comparado a algo a ser revelado pelo grande oráculo.

- E o que é este oráculo, afinal?

- É uma força ancestral. Algo que remanesce dos tempos antigos. Da era dos deuses. Nas tradições de Tisamir, é ensinado que há muitos anos, no fim da grande guerra milenar, ocorreu o fim da era dos deuses.

- A Real Santa Igreja não conta algo tão diferente.

- É verdade. Enfim, o oráculo é uma inteligência de grande poder que remanesce dos tempos antigos. Uma força que sabe de tudo. Que vê tudo. Quando as luas se aproximam, ele emerge para contemplá-las. Em outros momentos, fica como adormecido. O fato de estarmos nos comunicando, certamente está relacionado à sua proximidade. Eu sinto e estou certo de que também sente a emanção de sua energia.

- Sim, eu sinto.

- É assim com seus amigos reptantes. Eles nasceram e cresceram sob a influência da energia do oráculo. O desenvolvimento do psiquismo deles é senão uma consequência.

- Algo semelhante ocorre em Tisamir? É por razões assim que muitos de sua cidade possuem tais faculdades?

- Suas impressões estão corretas. Mas independentemente de meus palpites, em apenas três noites você saberá, pois nesta ocasião o oráculo irá emergir. Apesar de ser mais fácil conversarmos nestas terras sinto-me fatigado. Fazer-me evidente para você e manter uma conversação é muito cansativo. Adeus Kyle, e boa sorte com o oráculo.

CAPÍTULO 41

O entardecer no vale verdejante e cercado de altas montanhas, por todos os lados, era muito bonito. O céu pintou-se de matizes que iam do amarelo, passando pelo vermelho, de um lado do horizonte para chegar aos tons púrpuros e de azul profundo salpicado de estrelas, no lado oposto. Ventos frios anunciavam noites gélidas da estação que precedia o inverno.

Kyle e Kiorina seguiam Azus e Gorum montados, cada par em um grande lagarto que corria em passos largos pelas matas daquele vale desconhecido por povos humanos. Uma corcova volumosa ajudava a compensar a falta de sela, mas ainda assim, montar aquelas enormes bestas sem a prática adequada era arriscado. Kiorina agarrava-se com força em Kyle que sentia falta da velha segurança que tinha ao montar cavalos. Adiante, o som de cachoeiras podia ser ouvido. Aproximavam-se de um paredão na porção norte do vale, e para tal, fizeram longa viagem durante todo o dia ao redor do lago.

Entre duas enormes quedas d'água surpreenderam-se ao encontrar uma escadaria estreita que escalava o paredão em padrão de ziguezague até alturas incríveis. As montarias ficaram nas quatro patas, deixando descer os viajantes aliviados. Azus agradeceu seus primos gigantesco que logo se embrenharam na mata deixando-os diante daquela enorme escadaria.

-Puxa! Que incrível... Foi seu povo que construiu isto Azus? – indagou Kiorina.

O lagarto olhava bem para o alto e respondeu – De *tempzozz* de *Gzzande* Kutz!

Kyle cochichou para Gorum – Ele quis dizer tempo, ou templo?

Gorum deu com os ombros e avançou – Vamos! Enquanto ainda há luz do dia.

Os degraus tinham musgo e pequenas plantas nascendo de fendas, sendo um tanto escorregadios. Naquele ponto, eram banhados por gotículas formadas de uma das quedas d'água, mais próxima.

-São mais de três mil degraus! – anunciou Kiorina com excitação.

-Hein? – resmungou Gorum.

-Cada lance tem cerca de 300, e são dez lances e...

- Não podia guardar essas observações para si mesma, garota? – resmungou Gorum contrariado.

-Ih Gorum, você está ficando um velho resmungão!

-Só estou cansado de tantas subidas e descidas. – ofegou Gorum – Só isso! E... deixa para lá... – Gorum resolveu poupar seu fôlego.

Depois de algumas paradas para descanso, a noite finalmente era completa. Do alto, puderam acompanhar o brilho das luas que surgiram uma a uma, de trás dos picos para trazer nova iluminação para o vale. Em uma destas paradas para descansar, próxima ao topo da escadaria, acabou tomando mais tempo, pois observavam o surgimento das luas. Primeiro surgiu Teona, imensa e mais amarela que nunca, seguida da esverdeada Titeny. Já despontavam a grande Ty com suas manchas violetas e azuladas seguida da pequena e vermelha Pydera.

Mais dois lances e uma grande surpresa. Kiorina e Kyle estavam bem cansados, mas trocaram olhares maliciosos e riram bastante ao ver, mais e mais escadarias que o ângulo de visão não permitira perceber antes.

Gorum reclamou imediatamente – Não é possível! Vocês vão, eu fico! Não subo mais nenhum degrau!

- Vamos Gorum, você não está falando sério?

- Estou com cara de quem está contado piadas? – Disse o gigante limpando o rosto encharcado em suor. Caminhou para uma reentrância no paredão e tirou óleo e uns gravetos de sua mochila.

- O que está fazendo Gorum? – Quis saber Kiorina.

- Será que não vê? Uma fogueira. Eu fico aqui...

Antes que usasse seu isqueiro para produzir faíscas, Kiorina ateou fogo através de sua magia.

- É... Estou ficando velho mesmo... Mandem minhas lembranças para o oráculo! – disse o veterano ao sentar-se ao lado da fogueira.

Azus sentou-se ao lado de Gorum encolhendo-se todo. – Bom! Quente bom!

Kiorina avaliou que aquela fogueirinha não iria muito longe e que logo estaria bem mais frio. Ajoelhou-se diante do fogo, retirou um giz da bolsa e rabiscou símbolos mágicos logo em torno da fogueira. Kyle observava aquilo com um pouco de impaciência. A ruiva gesticulou irritada, pedindo silêncio, já que Gorum continuava resmungando, Kyle retrucando e Azus suspirando. Todos ficaram quietos aguardando o prosseguimento do ritual.

Uma chama multicolorida surgiu elevando uma labareda altíssima. Kiorina encarou as chamas, forçando-as a diminuir. Kyle e Gorum, sentiram calafrios quando viram surgir olhos os observando do meio da fogueira.

Kiorina tirou alguns gravetos de sua mochila e pediu para Kyle fazer o mesmo.

- Aqui está Gorum, alimente-o com um graveto de vez em quando. Pedi sua ajuda para ajudar a aquecê-los. Mas não alimente como uma fogueira comum. Um graveto por hora deve ser suficiente para mantê-lo satisfeito.

- Você convocou um elemental do fogo? – Gorum tinha os olhos

arregalados.

Kiorina deu com os ombros. – É! O que é que tem?

- Mas isso não é perigoso? – resmungou Gorum.

- Não, eu já conheço este... Ele já é meu amigo, não é mesmo, Foguinho? – disse a ruiva atirando um graveto no fogo, que voltou a mudar de cor, ficando verde, azul e novamente amarelo.

- Foguinho? – disseram Gorum e Kyle em uníssono.

- Qual é? Não confiam em mim?

Kyle e Gorum se entreolharam. Kiorina retrucou – Não estamos em Lacoresh, certo? Isto só não é legal de se fazer numa cidade, ou algo assim.

- Como o caso daquele aluno da Alta Escola que queimou uma vila, dez anos atrás... – lembrou Gorum.

- Ou do mago que queimou os armazéns do porto de Lacoresh. – Lembrou Kyle.

- Só faça como eu disse. Um graveto a cada hora e tudo vai ficar bem! Vamos Kyle – Kiorina tomou o rapaz pelo braço – Ainda há muito que subirmos!

- Quantos... degraus... agora...? – perguntou Kyle ofegante.

- Não dá para enxergar... Uns cinco mil?

Depois de mais três mil degraus... O vento era fortíssimo e gelado.

- Kyle, me carrega no colo?

- É?! Que tal fazer uma magia para nos levitar? – zombou o excavaleiro.

- Não dá.... Estou tão cansada que acho que não dá para acender nem uma vela.

- A gente vai acabar congelando aqui!

Kiorina aproximou-se e a abraçou Kyle, buscando seu calor. – Vamos descansar de novo. – concedeu Kyle.

Sentados e abraçados, contemplaram oito das nove luas, bem cheias cruzando o céu. Um pouco mais tarde, Kiorina encostou o rosto em Kyle que reclamou – Que nariz frio!

Kyle tomou isso como pretexto para ficar de pé e dizer – Vamos! Podemos não ter outra chance.

- Se Azus tivesse nos prevenido dessa subida toda, poderíamos ter improvisado casacos melhores, ou algo assim... – reclamou a ruiva.

- Isto é, se Azus algum dia pensar um pouquinho como nós, humanos. Estes lagartos são realmente muito diferentes de nós. – constatou Kyle.

A caminhada era cada vez mais extenuante e suavam bastante. E de repente uma surpresa: um deslizamento ocorrido no passado destruíra uns dez degraus. Deixando-os frente a um obstáculo, aparentemente intransponível.

-E agora? – perguntou Kyle.

Kiorina pensou por uns instantes e fuçou dentro de sua bolsa. – Ótimo, está aqui.

-O que? – quis saber Kyle.

-Reserva para emergências! – a feiticeira mostrou na mão umas pedras preciosas.

-Jóias? – Kyle não tinha entendido nada.

-Gemas de energia... – explicou Kiorina – em seguida apertou-as com força, fazendo brilhos luminosos de várias cores escaparem por entre seus dedos. A energia mágica fluiu pelo corpo da feiticeira até tocar o rapaz, que por alguns momentos foi percorrido pelas luzes multicores.

-Me sinto estranho... Acho que vou vomitar...

-Respire fundo e acalme-se.

Kyle seguiu as instruções e o enjoo ficou sob controle. Sentia seu corpo leve como uma pluma. Ele testou a sensação dando uns pulinhos. Com pouco esforço, subia muito mais que o normal.

-Acho que consigo saltar. – concluiu Kyle.

Kiorina concordou. Ela subiu um degrau e igualou sua altura à dele. Ficaram próximos se olhando. Kyle também sentiu a atração. Se beijaram. Kyle não sabia se tinha relação com o feitiço que fazia que se sentisse leve, mas teve a sensação de que era o melhor beijo de toda sua vida. Trocaram carícias por mais uns instantes e um forte brilho azulado surgiu de trás do horizonte. Era a lua Tchiunni, ou a que os silfos chamavam de Nam-Luir, morada dos espíritos. Apesar de menor que três das outras luas, era a lua de brilho mais intenso.

Kyle recuou para tomar impulso e saltou em direção à continuação da escadaria. Por pouco não caiu no precipício abaixo. Kiorina sentiu um forte frio na barriga seguido de alívio ao ver que Kyle, tinha conseguido.

-Se cuida Kyle!

- Você também Kina.

Ela sentiu-se angustiada com a partida de Kyle e observou apreensiva a sua subida, agora mais veloz de três em três degraus. Depois de perdê-lo de vista, desceu alguns degraus, procurando por um abrigo. Lá, com a energia residual de suas gemas, convocou chamas para formar uma fogueira. A ela também restava apenas esperar.

CAPÍTULO 42

O efeito do feitiço de Kiorina não durou tanto quanto Kyle gostaria, mas ajudou a superar alguns obstáculos difíceis no caminho. O último trecho de subida, possuía diversas falhas, mas nenhum buraco tão grande como o que havia saltado após despedir-se da ruiva.

Aquela subida solitária fez a mente do rapaz viajar para o passado até sua infância, quando ele e Archibald conheceram Kiorina. Eles pensaram que a menina se tratava de uma nobre, princesa, ou algo assim. O vestido era muito bonito e seus cabelos ruivos eram cumpridos e cuidadosamente penteados. Kyle e Archibald perguntaram a Gorum, o que uma princesa estava fazendo ali, fora dos palácios. Ele explicara que ela não era nobre, mas que se vestia bem por que era filha do alfaiate que fazia as roupas do duque. Não demorou muito até que o pai de Kiorina surgisse e que Gorum fosse cumprimentá-lo. Os pequenos Kyle e Archibald seguiram o gigante.

-Olá Gálius!

-Cavaleiro Gorum! Há quanto tempo. – direcionou os olhos para Kyle – É o filho de Blackwing?

-Sim.

O pai de Kiorina passou a mão na cabeça de Kyle e comentou sobre como se parecia com o pai. Kyle sempre detestou isso. Para disfarçar a cara feia do garoto, Gorum comentou – Os garotos aqui pensavam que sua filha era um princesa.

Gálius sorriu. – Esta é Kiorina meninos. Como vocês se chamam?

-Eu? Archibald! – como Kyle ficou mudo, Archibald apresentou – Esse é o Kyle.

Gorum sugeriu – Por que não vão brincar garotos? Eu tenho assuntos a tratar com o senhor Gálius.

Kiorina logo pediu – Papai! Posso ir brincar com eles?

Gálius não pretendia deixar, mas Gorum acabou por convencê-lo, com toda sua simpatia, de que não haveria problemas.

-Pode ir, mas não vá sujar sua roupa!

Os três se divertiram um bocado, mas a ruiva tomou um grande castigo, pois depois das brincadeiras o vestido ficou tão imundo que teve que ser jogado fora.

Kyle recordava-se de como Kiorina sempre falava daquele castigo, mesmo anos depois.

Sua mente vagava entre vários acontecimentos. A viagem que fizeram juntos, ele Kiorina e Archibald. O confronto com os bestiais em Shind. A visita a Tisamir. A

guerra contra os bestiais. O complô dos necromantes. A fuga de Lacoresh. As encrencas no arquipélago dos silfos. E aqueles que ficaram para trás. O silfo Modevarsh, Noran, Archibald, Claudine, An Lepard, entre outros. Acima de todos aqueles degraus, respostas para suas perguntas. E em toda aquela confusão de acontecimentos, uma nova pergunta surgia. O que era aquilo que sentia? Por que, mesmo ao recordar-se de tudo aquilo, as memórias que lhe pareciam mais fortes e importantes envolviam Kiorina. O que era aquele sentimento? Algo novo e diferente que nunca sentira antes, nem mesmo em relação a Claudine. Por que não conseguia parar de pensar em Kiorina?

O fim da escadaria, finalmente! Kyle apoiou-se sobre os joelhos e sua respiração ofegante formava baforadas de vapor que iam longe. Havia uma grande praça, e mais adiante, incrustado nas montanhas, delineado pela luz das luas, um antigo templo em ruínas.

Era hora de obter respostas. Mas que perguntas fazer? Que consequências teriam aquelas respostas? Será mesmo que apareceria ali, algum tipo de oráculo?

Àquela altura, a maior parte das luas estava alta no céu, acima de sua cabeça. Sentiu-se tão cansado que não suportou chegar até a entrada do templo. No meio daquela praça, sentou-se e depois, deitou-se olhando para o céu. Ficou a contemplar as luas e estrelas. Assim como muitas vezes no passado, imaginou que seus companheiros, Archibald e Kiorina, estivessem deitados ali ao lado e que conversariam longamente enquanto observassem o céu. Sua imaginação parecia ganhar um poder todo especial. Ao olhar para o lado, viu que a sua esquerda estava deitado Archibald, como um espectro transparente a contemplar as estrelas. Na direita, estava Kiorina, em pose que lhe era de costume. Com os braços cruzados atrás da cabeça, e uma dos joelhos levantados apoiando o tornozelo da outra perna. As imagens eram plásticas e ora Kyle enxergava Archibald e Kiorina como crianças de dez anos, ora como adolescentes e, mais tarde, como adultos.

Ele murmurou – puxa... queria que estivessem aqui comigo. – Seus olhos se encheram de lágrimas que escorreram silenciosas sob o véu daquela noite iluminada. Um grande peso caiu sobre seus olhos e, em poucos momentos, Kyle Blackwing mergulhou em sono profundo.

Novamente, Kyle enxergava com os olhos do silfo Öron. Mas algo era diferente. Sua mente observava calmamente. E seus pensamentos não se anuviavam. Ele soube que ele não era Öron e Öron não era ele. Possuíam uma estranha

afinidade. Algo inexplicável que jamais sentira com outro ser. Uma ligação profunda e enigmática. Como se fossem carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue.

Örion olhava para o céu, muito preocupado. A configuração das luas era exatamente a mesma que contemplara, um pouco antes de adormecer. Como isso seria possível? Seria o caso de que estivessem vivos agora, numa mesma época? Sob o mesmo céu? Será que o que pensava a respeito de Örion, que teria sido uma vida passada sua era uma hipótese totalmente falsa?

Kyle compartilhava os sentidos de Örion, sua visão, audição e tato. Uma brisa suave e fria tocava a pele do rapaz, mas este não sentia frio. Kyle escutou passos, instintivamente desejou virar-se para ver quem era, mas Örion, por sua vez continuava a observar as luas e suspirar por ansiedade. Falavam a língua dos Silfos, e Kyle compreendia perfeitamente, apesar de seu domínio da língua ser limitado.

- Uma bela noite, não é meu jovem.

- Vovô? Mas o senhor...

- Não abandonarei meu lar. Nem nenhum dos anciãos assim fará.

- Mas não podemos confrontar o exército. Eles são muitos, não há chances.

- Evidente. Não haverá confronto. Nós realizaremos o ritual de passagem a fim de proteger nossa floresta da corrupção do rei maligno.

- O rito? Todos anciãos?

- Sim. Nós estamos velhos demais e ficaremos. Enquanto isso, os demais buscarão o antigo refúgio no pé dos picos gelados. Exceto aqueles que navegarão contigo.

- Navegar? Comigo?

- Sim jovem Örion. Foi o que determinou o espírito Aznevondor.

- O grande livro escreveu novamente?

- Sim, ele despertou. Uma grande ameaça paira sobre todos nós. Não é só o reino de Saubics que sucumbiu às trevas. Mas todos os povos correm risco de sofrer o mesmo destino. Nossos ancestrais devem ser avisados. Logo...

Kyle escutava atentamente à conversa e subitamente perdeu contato com toda aquela realidade. Acordou num sobressalto. Ainda era noite e ao seu redor, o chão tremia. Um ruído alto e assustador de rocha partindo ecoou ao longe. Tentou ficar de pé, porém sem sucesso. O terremoto era severo e assustador. Por uns instantes sentiu-se como sob tempestade a bordo de um navio.

Uma ventania fortíssima girou até formar um tornado. Magia forte pulsava em

toda a parte e cores e luzes erráticas zuniam de lado a outro. Os olhos de Blackwing ardiam toda vez que tentava encarar o tornado, que emitia um pouco de luz.

Uma voz baixa, vibrou em todas as línguas faladas na terra. Falava na língua das antigas e esquecidas linhagens dos Hölmós e Vetmöš. Falava na língua élfica, em sua derivação sílfica. Expressava passado presente e futuro. As palavras faziam saltar imagens. E projeções de cenas de tudo que aconteceu e do que poderá acontecer chegavam à mente de Kyle, porém, de forma confusa. Sua cabeça doía na medida em que via imagens estranhas. Umas poucas e que pode reconhecer, eram como memórias, mas memórias vistas de fora de si. Ele viu a si próprio e Archibald, ainda crianças, correndo nos pomares do duque de Kamanesh. Ele viu a si mesmo, velho em um estábulo, escovando um cavalo. Viu cenas estranhas de reinos distantes, batalhas gigantescas. Viu heróis do passado, tomando dragões como montaria e lutando contra demônios horrendos. Muito do que viu, de forma embaralhada, não fazia sentido. Quanto mais via, mas sentia sua cabeça doer. Ao mesmo tempo, uma mensagem se formava. Ele sabia então que estava diante do oráculo. Na realidade, estava agora dentro do oráculo. Passeava no interior de um ser além de sua compreensão.

E tudo foi tomado pelo silêncio e uma bela e confortável luz dourada.

“Você sou eu agora. Eu sou você. Sempre fomos como um. Tudo é uno. A separação é apenas uma ilusão. Você é o oráculo. Agora que sabe o que é, sabe também que todas suas perguntas tem respostas. Sabe que as perguntas são infinitas assim como as respostas. Sabe que se escolher perguntar demais nunca voltará para o mundo que deixou. Nunca mais será Kyle. Nunca mais verá aqueles que ficaram lá. A cada nova lua nos veremos. Sabemos que todos seus questionamentos são sobre o futuro. Suas visões do futuro mostrar-lhe-ão o resultado de suas escolhas. Se decidir abandonar os conflitos, da maneira que seu íntimo deseja, verá as consequências. Se decidir enfrentar a sombra que tomou sua terra natal verá as consequências. A cada escolha, um futuro. A cada futuro, poderá ver o que desejar, quando desejar. A cada visão, mais chances de perder o caminho de volta a seu corpo. Perguntar sobre o futuro vai provavelmente trazer-lhe a morte. Estamos prontos, não é mesmo?”

Eu me vejo acordar e dizer: – Saubics! É isso! Temos que ir para Saubics!

Mas a primeira pergunta é: Como salvar nossa terra natal dos necromantes? E isso muda tudo!

Eu me vejo acordar e dizer: – Saubics! Não é isso! Não podemos ir para Saubics! Devemos voltar a Lacoresh!

Sim, em Lacoresh, será possível extirpar o mal pela raiz. Porém, com Lacoresh liberta, Saubics afundará em trevas. As trevas se expandirão. Possibilidades são muitas. Eu não posso controlar. Não há tempo de ver tudo. Impossível examinar tudo. Vou me perder. Vou me encontrar. Claro!

Eu me vejo acordar e dizer: – Saubics! Não posso decidir ainda. Preciso de mais tempo. Preciso de mais visões. Preciso contar para Kiorina e Gorum o que descobri”.

Kyle acordou num sobressalto e disse: – Saubics! Não posso decidir ainda. Preciso de mais tempo. Preciso de mais visões. Preciso contar para Kiorina e Gorum o que descobri.

“Que estranho” pensou “Eu sabia exatamente o que iria dizer!” Foi tomado por um medo e calafrio gélidos. “Se dissesse diferente... Que consequências terríveis! Deuses me ajudem! Como posso decidir? Como minhas decisões podem mudar tudo. Minhas decisões mudam tudo. Que horror!”

O coração do rapaz estava disparado e ele correu, muito apreensivo, para encontrar seus companheiros. Só então que percebeu o alvorecer. Era quase dia. O tempo havia se passado como num piscar de olhos. A revelação do oráculo assumia peso de uma terrível maldição. Kyle agora sabia que a cada pico de luas cheias, seria capaz de ver o futuro. E ver o futuro era algo assustador e desagradável!

CAPÍTULO 43

Dias depois, estavam de volta à vila dos lagartos.

Gorum estava irritado. – Para mim não dá! Essa conversa de viagem no astral, lugar onde o tempo não existe e árvore de futuros não entra na minha cabeça. Quando, e se, decidirem para onde devemos ir, com quem devemos falar, me avisem. Vou pescar no lago!

- Deixe-me adivinhar – arriscou Kiorina – você já sabia, ou tinha a sensação de que ele ia dizer isso e sair, certo?

- Algo assim.

- Quer dizer que quando optou, por irmos salvar Lacoresh dos necromantes, ao mesmo tempo que não vamos ao tal reino de Saubics investigar sobre esse tal Öron, você ficou sabendo de tudo que aconteceria durante cerca de um mês.

- Algo assim.

- Eu vou morrer?

- Sim, quero dizer... Não por agora.

- Mas, você viu se eu ia morrer?

- Escuta Kiorina, não, não até a próxima lua!

- UFA! – aliviou-se a ruiva. – E o Gorum? Ele vai morrer?

- Tenha paciência!

- Tá bom, desculpa... É que fico curiosa...

- Mas e se você decidisse se matar?

- Kiorina! Eu não vou tentar me matar, certo?

- É claro, por que faria isso... – resmungou a ruiva.

Kyle ficou encarando-a como se esperasse por algo a ser dito. Aquele calafrio terrível percorreu sua espinha. Ele sabia o que ela ia dizer, mas não ousava interferir, podia murar tudo. TUDO! Pensou em dizer: “Você vai dizer: – Desculpe Kyle, ...”.

Neste momento Kiorina disse: – Desculpe Kyle, isso também foi muita coisa para minha cabeça. Vou dar uma volta para pensar, certo?

- Tudo bem. Isso é demais para a cabeça de qualquer um.

E Kyle sabia que devia suspirar e assim suspirou.

CAPÍTULO 44

Um mês havia se passado desde que Öron escapou com os outros da emboscada nas ruínas de Ilm'Taak. A floresta de Adrastinn, lar do clã sílfico de Öron Erendon, Irscha e Keledrel, ardia em chamas. O exército de Saubics avançava causando destruição. Ao longe, Öron montava Zitrehidel e observava, impassível, sem demonstrar seus sentimentos, enquanto a floresta que foi seu lar era consumida pelas chamas e loucura.

Um cavaleiro galopava vindo da direção oposta sem que o rapaz percebesse. Öron estava absorto num transe de tristeza observando seu lar ruir. Mas, felizmente, o cavaleiro que se aproximava não era um inimigo. Foi o instinto do cavalo, Ferro-em-brasa, irmão de Zitrehidel, que trazia Rílkare diretamente àquele local.

- Öron! – gritou Rílkare, galopando velozmente.

Öron virou-se, quebrando o transe – Rilks? É você? Você está vivo!

O nobre humano aproximou-se até que e ambos desmontaram e se abraçaram. Rílkare chorava – Que bom que cheguei a tempo! Pensei que...

- Eu também! Mas como?

- Eu devia ter ouvido a você e ao Con, – lamentou Rílkare – quando me advertiram sobre o rei Kel...

- Era *ele* a face do mal!

- Sim Öron! – admitiu Rílkare desconsolado – Foi ele quem planejou tudo. A guerra e até mesmo os desaparecimentos.

- Tudo tinha seu propósito... As mulheres e crianças libertadas na fronteira de Adrastinn, foi assim que o maldito convenceu seu povo de que nós sílfos éramos culpados pelos raptos, que nós estávamos utilizando-as para rituais macabros.

- Algo que convenceu rapidamente pessoas como Eskallurè. Agora todo seu povo está condenado!

- Maldito seja seu Rei! – Öron estava indignado.

- Não posso considerar uma pessoa assim como meu Rei. Nos precisamos impedi-lo!

- Impedi-lo? Mas como?

- Talvez, se provarmos ao povo, que ele esteve por detrás de tudo isso. Se pudermos libertar as outras mulheres raptadas... – Rílkare puxou os cabelos, num gesto nervoso – Öron, eu acho que sei onde estão sendo

mantidas.

- Verdade?

- Há uma cidadela, uma fortaleza ao redor de uma torre negra, numa clareira profundamente escondida na Floresta Proibida.

- Na Velha Floresta... É claro!

- Precisaremos de ajuda. Onde está Irscha? E os demais?

- Irscha está com a expedição para o refúgio. Não poderíamos chamá-la agora, é muito arriscado para alguém na condição dela.

- Condição?

- Sim, ela espera um filho meu.

- Filho? Deveria lhe felicitar, mas numa situação como estas... Mas afinal, por que você está aqui sozinho?

- Para mim, foi determinado outro destino. Confiaram a mim, o antigo espírito Aznevendur e a missão de navegar para a terra esquecida dos ancestrais. O mal que se espalha em nossas terras é antigo e poderá ameaçar todo o mundo. Meu dever é avisá-los desta ameaça.

- Avisar a quem? Isto não faz sentido.

- Meu povo guarda um segredo, o da existência do reino invisível de Nelfária.

- Nelfária? O que é isso? Contos de fada?

- É o antigo reino de nossos ancestrais, os elfos.

- Elfos? Todos sabem que estes foram extintos há muitos mil anos.

- Não! Isso é o que eles querem que todos pensem. Veja – o rapaz retirou da bolsa um livro de aparência incomum, e que parecia ser antiquíssimo. – aqui está o livro de Aznevendur.

Rílkare abriu o livro e surpreendeu-se – Ué? Mas não tem nada escrito nele!

- Trata-se de um livro encantado. Respostas aparecem na forma de texto ou imagens, conforme fazemos perguntas.

- E ele sabe responder qualquer coisa?

- Não, mas possui vastos conhecimentos. Como dizia, Aznevendur foi um feiticeiro élfico que lutou na antiga guerra contra hordas demoníacas, há mais de quatro mil anos atrás. Em momentos de desespero, ele se ofereceu para que seus companheiros, pesquisadores de magia, testassem nele um tipo de magia poderosa e que transportava a alma para fora do

corpo. Seu corpo era mantido protegido, mas foi perdido. Tomou o corpo de outros seres vivos, mas sob grande instabilidade. Os novos corpos se deterioravam e sucumbiam após um ano ou dois. Ele sofreu muito, morreu diversas vezes, cumprindo missões suicidas. Muitas informações importantes foram obtidas através de seus sacrifícios. Com o fim da guerra, Aznevondor sentiu vontade de repousar e realizou ele próprio o ritual de transferência de sua alma para este livro, onde poderia descansar e ser útil como fonte de informação às gerações futuras.

- Ótimo! Com este livro, nossas chances de obter sucesso certamente serão ampliadas!

- Eu não vou me envolver, tenho uma importante missão a cumprir. Preciso avisar os antigos...

Rílkare estourou de raiva e acertou um tapa no rosto do amigo. Em seguida esbravejou – Seu egoísta! É assim então? Vai simplesmente abandonar seus companheiros? Poul e Keledrel estão cativos! Além deles dezenas de mulheres e crianças inocentes...

Uma lágrima escorreu no rosto do silfo que se encolheu assuntado – Rilks...

Rílkare sentiu o rosto inflamar com vergonha – Perdoe-me Öron, eu perdi a cabeça, aliás, perdi tudo...

- Perdeu tudo? Do que está falando?

- Meu pai, Öron, ele foi assassinado.

- Mas como? Por quê?

- Não sei de detalhes, sei apenas que isto foi obra do maldito rei Kel. De certo, meu pai descobriu sobre atrocidades cometidas pelo rei, incluindo o assassinio que cometeu dos dois irmãos, e intencionava revelar isto ao povo. Con viajou até Balish para investigar este fato, nos separamos há poucos dias.

- Então, Con está bem?

- Nem tanto, recaiu sobre ele uma terrível maldição. Aquele pequeno pirilampo negro, Cretàh, lançou-lhe um feitiço e que rouba, por vezes, sua força de vontade, transformando-o em seu serviçal.

- Mas se é assim, como pode ser que esteja trabalhando junto consigo?

- Consegui enganar Cretàh e alcançamos, por hora, um ponto de equilíbrio.

- Como assim?

- Encontrei sua toca, numa árvore oca, na Floresta Proibida. De lá, subtraí um amuleto, muito especial para o Cretàh. Com isso, consegui barganhar com o maldito e libertar, ao menos parcialmente o pobre Con.

- Compreendo. Olha, Rilks, sinto muito pelo seu pai... E não é por isso que o perdoarei pelo que fez... – o silfo tocou a face, ainda vermelha e latejando do golpe recebido. – Agora entendo... Você carrega o amuleto do pirilampo corrompido, certo?

- Sim.

- Sabia! Senti um choque ao abraçá-lo, agora a pouco. Há energia maligna em você. Este amuleto está lhe fazendo mal. Precisamos reverter esta situação, o quanto antes. Deixe-me ver...

Rílkare mostrou o amuleto que estava preso a uma corrente em seu pescoço.

- Sim, é um nexo canalizador de poder.

- O que?

- Trata-se de um objeto mágico muito poderoso que canaliza poderes para seus usuários, alguns destes foram feitos no passado e dados como presente a criaturas ambiciosas. Com o tempo, lhes confere poderes e capacidades além de seus próprios, mas também corrompe o corpo e a alma, fazendo-os escravos de um senhor maligno. Isto já está acontecendo com você, foi por isso que chegou me golpear.

Rílkare tomou o amuleto nas mãos e pensou em atirá-lo para longe, porém hesitou. – Mas quanto a Con? Sem o amuleto...

- Não sejamos precipitados, guarde-o, por hora. Já não devemos permanecer aqui.

- E o que vai ser?

- Vou ajudá-los, é claro. Depois, darei um jeito de honrar minha missão e navegar para a antiga Nelfária.

- Muito bem. – Rílkare segurou o amigo pelo ombro – Vamos, temos que ir ao ponto de encontro. Consegui a ajuda de uns poucos homens leais a meu pai. Somos todos agora desertores. A guerra segue intensa e precisamos ser rápidos e agir antes que Kel nos perceba como uma ameaça. Além destes, há também os mercenários que estou tentando contratar. A torre negra não parece ter muitas defesas, mas precisamos aumentar nossas chances de um ataque bem-sucedido.

CAPÍTULO 45

A luz de amarelada de Teona iluminava o rosto de Kyle. Ao seu lado, Kiorina e Gorum aguardavam um tanto ansiosos. O rapaz tinha os olhos fechados e a respiração era tranquila. Kiorina lançou o feitiço e com isso, uma chama azulada e forte surgiu ao lado do rapaz. O movimento era rítmico, tal qual as batidas do coração de Blackiwing.

Kyle viu a luz ao lado de seu corpo deitado, e observar a si mesmo, não era muito agradável. Estava fora de seu corpo havia um grande risco de não conseguir retornar, conforme alerta oferecido pelo oráculo. Para sua surpresa, viu uma figura conhecida, Noran. As cores e luzes do mundo real eram como um pano de fundo esmaecido frente as cores e luzes nítidas daquele outro plano em que penetrara.

-Olá Kyle – disse o espírito do tismirense.

-Noran? – Kyle sorriu como raramente fazia – Fico feliz em vê-lo.

A expressão do tismirense era plácida e seu sorriso bondoso – Tenho acompanhado vocês, tem sido um trabalho árduo mantê-los afastados de problemas.

-Que bom que ainda está conosco.

-O que pretende fazer?

Kyle indicou com um gesto. Havia uma ponte que levava a uma porta de luz alaranjada.

-Entendo. Infelizmente, não posso acompanhá-lo.

-Sei disso. Ele concedeu-me passe livre, a cada lua cheia.

-Suponho que só me resta dizer: boa sorte!

-Obrigado! É hora... – Kyle deslizou por sobre a ponte e penetrou o portão.

Era sua segunda experiência no mergulho de futuros em potencial. Sentiu-se um com o oráculo e a confluência de todas as possibilidades. Decidiu que desejava ver o que aconteceria dentro de um ano, caso não fosse até Saubics.

Eram tempos de guerra. Uma época de ressurgimento de criaturas malignas. Ele viu que havia um rei forte e poderoso. O rei Kel dominara todos os povos do Vale Verde e conduzia milhares de crianças escravizadas para o interior de uma floresta tomada por espíritos malignos. No centro desta floresta, tropas inumanas, com brutos ogros e bestiais reuniam milhares de crianças ao redor de um templo cujo brilho resistia às trevas circundantes. O templo era uma prisão cujo solo sagrado aprisionava um dos maiores terrores ancestrais já vistos. O rei, vestido com uma armadura brilhante, manto e capa vermelhos dava ordens para execução das crianças

inocentes. Seus olhos eram malignos e avermelhados e sua boca mostrava dentes pontiagudos sedentos de sangue. O sacrifício daquelas crianças era o passo final para libertar um grande terror. Aprisionado no fundo de um lago gelado, sob o templo, o caixão de metal envolto com selos antigos e poderosos se rompeu. Corpo do rei foi consumido em chamas e a essência daquele antigo mal voltou a habitar o monstro contido nas profundezas. No princípio, o monstro libertado foi tomado pela fúria e em êxtase devorava as crianças e os membros de seu exército de forma indistinta. Retomando suas energias, o demônio aquietou-se e reuniu aqueles que colaboraram para sua libertação e concedeu-lhes poder para espalhar o terror pelo mundo.

Ver aquele horror, em detalhes, congelou a alma de Kyle que retornou a seu corpo manifestando grande agonia.

Um grito de loucura irrompeu a noite e Kiorina e Gorum seguraram o rapaz que acordara de súbito se debatendo num acesso de histeria.

- Kyle! Acorde! – ordenava Gorum sem sucesso.

Do outro lado, Noran observava Kyle retornar a seu corpo, com a mente emanando pensamentos desesperados. Imediatamente, o tisamirense pôs-se em ação, emitindo pulsos tranquilizadores direcionados à mente desordenada do rapaz.

Kyle tinha os olhos abertos e chorava. – Horrível! Será horrível...

- O que houve Kyle, o que você viu? – Indagou Kiorina preocupada.

- Não sei o que irá acontecer a Lacoresh, mas devemos partir imediatamente para Saubics.

- Mas... – Dizia Kiorina que foi interrompida.

- O que? Eu não sei. – Kyle sorriu pela descoberta, em seguida, exclamou animado: – Eu não sei!

- Não sabe o que? – Gorum estranhava.

- Não sei o que vão dizer. Isto é ótimo!

Gorum deu com os ombros, não entendia nada daquilo e começava a pensar que Kyle podia estar ficando louco.

Kiorina refletiu por um momento e arriscou – Sua nova visão... Ela quebrou o ciclo da visão anterior, não é isto?

- Sim, acho que sim. Desta vez foi diferente. Eu não explorei possibilidades, talvez, tenha recebido uma ajuda. Vi algo terrível e apenas uma visão foi suficiente para tomar esta decisão.

- Ir a Saubics, você fala? – arriscou Gorum.

- Isso. Vamos! Mas, você sabe onde fica?

Gorum respondeu – Saubics, você diz? Acho que tenho uma ideia. Seu pai já

esteve por aquelas bandas. É um bocado longe.

- Ótimo! Imagino que até chegarmos lá, terei ao menos mais uma oportunidade de novas visões.

Kyle levantou-se e olhou para o céu estrelado. Distraído, compenetrado-se olhando para as seis luas visíveis no céu. A memória de sua visão estava fresca, além do horror das imagens podia se recordar dos sons, gritos, choro, agonia e aquela palavra...

- Marlituk – balbulciou.

- Repete isso – pediu Kiorina, segurando-o pelo braço.

- Marlituk?

- Onde ouviu essa palavra? – a ruiva parecia assustada.

- Na minha visão... Acho que era o nome da coisa.

- Deuses! – Exclamou Kiorina – Mas será possível? O que viu em sua visão?

- O despertar de um monstro. Seus seguidores, um bando de fanáticos cantava seu nome num ritual macabro. Sabe algo a respeito?

- Sim... Lembra-se do Ector, não é mesmo?

- Claro, seu colega na Alta Escola...

- Sim, ele era muito curioso. Certa vez, roubou um livro da seção proibida da biblioteca da escola. Um livro que falava sobre demônios. Não ficamos com ele por muito tempo, apenas uma tarde. Ector tinha receio de ser apanhado... Havia um capítulo, que falava dos piores demônios. Este era um deles... Marlituk, o devastador de continentes. Somente com apoio dos próprios deuses, a coisa foi capturada e aprisionada. Dizem que era mau demais e poderoso demais para ser destruído ou mesmo exorcizado.

- Vocês acham que o objetivo dos necromantes possa ser libertar este demônio? – Gorum estava curioso.

- Se for, não serão eles a libertá-lo – informou Kyle – Eram seres leais a um rei maligno que nunca vi antes... Certamente não havia gente de Lacoresh envolvida.

CAPÍTULO 46

Calisto observava calmamente a luz bruxelante da vela sobre a mesa. A fúria que sentira no seu âmago agora estava sob controle, adormecida, reservada. Toda sua vida, tudo pelo que passou servira para conduzi-lo àquele momento. Um momento de revelação, o despertar de sua consciência. Aquele que conheceu como sendo seu pai era um ser inumano, sem coração e consciência: Thoudervon. Um monstro cujo mistério, mais cedo ou mais tarde, teria de compreender e talvez confrontar. Pela primeira vez, a compreensão do que é ser humano alcançava a consciência do rapaz.

Durante semanas, tornou-se prisioneiro na Necrópole dominado pela dor da perda de sua amada. Depois disso, Thoudervon liberou-o para retornar à sua propriedade. Em seu novo e pequeno baronato, entre o ducado de Kamanesh e a capital, Lacoresh, dedicou algum tempo para organizar seus pertences. E foi com dor e forte aperto no peito que confrontou a coleção completa do escritor E. Alembrel, presente dado a ele por sua amada e falecida Rainha Alena.

O que sentiu e passou a compreender foi inesperado. Perguntava-se: como simples livros de histórias poderiam ter clareado sua mente e lhe conferido entendimento sobre a humanidade e sobre si próprio? A resposta era clara: fora enganado. Toda sua criação e educação por Thoudervon, e depois, seu contato com Weiss e demais necromantes, fizeram que tivesse uma compreensão parcial da realidade. Começara a vislumbrar essa nova realidade durante seu treinamento com o tisamirense, Radishi.

Agora compreendia que esteve errado. Assim como todas ações daqueles que usurpavam o reino, para as quais, ele vinha erroneamente colaborando. Soube que se quisesse encontrar a paz, bastaria abandonar tudo aquilo. Aceitar as más ações de seu passado e deixar aquele lugar para nunca mais retornar. Fora este o último desejo de sua amada. Ainda podia escutá-la em seus pensamentos. *“Deixe Lacoresh para trás. Vá para longe. Comece uma vida nova e seja feliz, seja bom”*.

Por outro lado, a sensação de que deveria agir a fim de reparar o mal que ajudou a causar era dominante. Sabia que seu caminho futuro ainda estaria sujeito ao sofrimento, e que este duraria até que pudesse reparar o mal causado. Para reparar o mal, precisava impedir os necromantes, desmanchar seus planos e restaurar o controle do reino para seu povo. Com efeito, haveria dois caminhos. Abandonar os necromantes, deixar sua posição como barão e aliado para juntar-se aos rebeldes. Ou então, permanecer entre os vilões a fim de aprender mais sobre seus planos e eliminá-los quando menos esperassem. A sua escolha ficaria para depois, no momento, seus criados estavam a caminho para avisá-lo do visitante, mas não era

necessário. Tinha ciência da aproximação de Jeero e de seu afilhado, Armand DeFruss.

A criada entrou receosa, não suportava olhar o rapaz nos olhos e perguntou cabisbaixa – O senhor já sabe, não é?

- Sim, obrigado. Providencie chá para meu convidado e alguns daqueles biscoitos doces para o garoto.

- Com quiser, meu senhor.

Logo Calisto se reunia ao experiente alfaiate e comerciante. Estava bem vestido, como um nobre e o pequeno Armand imitava-lhe as vestes.

- Ora Jeero, há quanto tempo!

- Meu senhor, – curvou-se o homem – fico contente pela sua recepção calorosa. Algo de errado?

- Sim, é claro que sim! – dizia Calisto com tranquilidade e certa animação, um humor fora do usual – conte-me sobre os negócios.

- Os gastos da corte estão em alta, e seus domínios por aqui, cresceram e coletam mais impostos. Conforme a crença popular de que o senhor lê mentes, ninguém se arrisca a deixar de pagar o que é devido. Os coletores e demais servos não se atrevem a desviar recursos. Portanto, o tesouro do barão está crescendo.

- Sim, sei disso. Estou certo de que foi uma boa escolha tê-lo como meu tesoureiro.

- Acha que seu afilhado também irá desenvolver estas habilidades?

- É possível...

Calisto observava o menino, com as marcas do eclipse nos olhos e recordou a própria infância, sob os cuidados do detestável Thoudervon. De certo, esta criança e outras tantas faziam parte dos planos de conquista dos necromantes, ou de algo pior. Jeero observava que Calisto havia adquirido um tique nervoso, mas ignorava este fato. Em alguns momentos, suas mãos tremiam, em outros o pescoço dava algumas guinadas para a direita e os olhos pareciam piscar mais que outrora.

- Mas levará tempo – prosseguiu o anfitrião – por hora, que tal uns biscoitos?

O menino recusou, fazendo seu pai corar. Antes que pudesse falar qualquer coisa, foi interrompido pelo jovem barão. – Não importa. Ele sabe bem o que quer e o que não quer, certo? O que me faz lembrar... Como estão nossos negócios nas terras de Fannel? Como foi sua viagem?

- Foi proveitosa! A nova tecelagem dos Lars, não vai mal. Suponho que

não haverá problemas com eles se não ficar clara nossa relação e a origem dos recursos iniciais.

- Nosso segredo já foi para o túmulo, mas considerando a natureza dos governantes de Fannel, não há garantias...

- Bem, eles têm muito com que se preocupar no momento. O novo barão está em dificuldades... Já se passaram mais de seis meses desde que assumiu, mas ainda há disputas de poder entre a nobreza. Além disso, os rebeldes ainda são uma força naquelas bandas.

- Verdade? Conte-me mais sobre isso.

- A instabilidade política tem dado espaço para o retorno daqueles que estão contra a coroa. Ao que parece, surgiu um novo líder entre os rebeldes.

- Interessante. O que mais soube?

- Nada oficial, sabe? Rumores, histórias... O tal líder, dizem que é um guerreiro formidável, de incrível agilidade. Que derrota soldados e cavaleiros bem armados com as mãos limpas. Tem alguns apelidos, como sombra azul, vento do norte, gatuno e outros nomes esquisitos. Além disso, costuma fazer discursos e pregações. Mesmo com toda perseguição, ele tem ganhado a simpatia do povo, que acaba lhe oferecendo cobertura, de algum modo. O senhor bem sabe, que a opressão naquelas bandas foi forte durante seu governo como Barão de Fannel, mas o senhor havia conquistado o respeito, ou ao menos, o temor do povo. É bem diferente com o novato, ele não tinha boa fama, talvez seja estudado demais, ou mesmo, por ser um pouco mole para exercer a posição que exige firmeza. Ele hesita e vem dando espaço para seus inimigos, que são muitos.

Calisto sorriu e Jeero imaginava que ria das notícias das infelicidades daquele que usurpou sua posição. Mas logo, viu que se tratava de algo a mais. Havia malícia no olhar de Calisto.

- Jeero, meu caro. Nos vamos colaborar para o infortúnio do Barão Adam. Vamos financiar seus inimigos com nossas reservas. Principalmente, os rebeldes.

Jeero gelou e empalideceu – Fala sério, senhor? Não teme que...

- Não se preocupe, meu caro. Faremos tudo com a maior cautela. A coroa e seus verdadeiros homens de poder, tem outras coisas em mente,

que não esses poucos e resistentes rebeldes. A economia precisa fluir para que possam alimentar seus planos ambiciosos. O que faremos é favorecer a economia... e colocar um aliado no lugar daquele fedelho do Adam Fannel.

CAPÍTULO 47

Era hora de deixar aquele paraíso para trás. Kiorina e Gorum aguardavam a chegada de Kyle. Azus, sua esposa Zat'tza e uma comitiva dos lagartos que libertaram em Tchilla estavam lá para se despedir. Gorum estava satisfeito de ter subido facilmente o altíssimo paredão com a ajuda da magia de Kiorina. Ambos contemplavam a bela paisagem verdejante que se estendia ao longe.

Kyle recusara a magia de contra-peso de Kiorina, pois subir fazia parte de seu treinamento físico. Nunca estivera com o físico tão forte quanto agora. Ainda estava a meio caminho. Escalar mantinha a mente em ordem. Noran orgulhava-se de Kyle e sempre o seguia de perto. Mesmo tendo tido visões horrendas, já conseguia bloquear pensamentos improdutivos e exercia com mestria o foco no presente. Na região, Noran encontrou-se com muitos espíritos antigos que habitavam o Vale do Oráculo. Aprendeu sobre a história do povo de Azus e surpreendeu-se em saber que advinham de outro mundo, além das estrelas. Felizmente, depois de tantos conflitos e guerras, seus descendentes finalmente estavam vivendo uma era de paz naquele belo vale intocado pela corrupção dos homens. Tinham muito em comum com os tisamirenses, mais do que supunha a princípio.

Kyle atingiu a plataforma onde os demais aguardavam. Seu corpo estava aquecido e coberto de suor e Kiorina deixou escapar um breve suspiro ao contemplar seus contornos esculturais. Ela sabia que estava apaixonada, mas desde o beijo na noite em que Kyle uniu-se ao oráculo, não estiveram próximos. Às vezes sentia raiva dele, pois ia para muito longe, indiferente e distante. No meio daquilo tudo, simplesmente parecia não sobrar tempo para que o amor deles florescesse. Era apenas uma semente latente, aguardado o sol sob o solo. A ruiva deixava seu pensamento viajar projetando sonhos e enganos. Um dia talvez, depois daquilo tudo, eles teriam um lar juntos, teriam filhos, netos e muitas histórias para contar. Mas no fundo ela sabia que era apenas uma ilusão. Sabia que o tempo adiante deles não seria de alegrias, mas sim, de conflitos e sofrimento.

Azus, Zat'tza e os demais fizeram uma espécie de vênica para Kyle.

-Muitos-zonrrados adjudas-zeu camin-nio, Kylitz.

Kyle sorriu e respondeu – Eu é quem estou honrado por vocês terem nos recebido no lar de vocês.

-Obzigaduu amigu!

A turma de lagartos balançava a cabeça demonstrando excitação. Zat'tza comunicou-se com os seus indicando a maneira de dar adeus dos estrangeiros. Logo os reptantes fizeram fila para cumprimentar com um aperto de mãos, Kyle Gorum e

Kiorina.

Azus também cumprimentou-os e ofereceu-lhes três lanças. Eram presentes para confrontarem os perigos além do vale. Kyle e os demais agradeceram e de fato, encontravam-se desarmados desde a captura pela tribo de caçadores. Apenas Kiorina havia sido capaz de recuperar parte de seus pertences que estavam na sacola do xamã. O restante, fora incendiado junto com as casas.

Zat'tza comunicou-se diretamente com os pensamentos deles desejando-lhes uma boa jornada. Ofereceu uma sacola repleta de peixe desidratado, ideal para a viagem. Gorum trazia água e Kyle algumas panelas de cerâmica e com o fogo de Kiorina, a sobrevivência básica parecia assegurada.

Logo colocaram-se em marcha deixando o belo vale e os lagartos para trás. Já ao longe, Kyle olhou uma vez mais para trás e percebeu que todos haviam partido, exceto a esposa de Azus, Zat'tza. Seus olhares se cruzaram e Kyle recebeu “É hora de encontrar a verdade dentro de você. O que é mais importante? Seu reino, o sofrimento do mundo, ou seu coração?”

Kyle sentiu o peso do mundo sobre seus ombros. Ele havia visto muito. Ainda haveria muito a ser visto. E sentia o destino de povos e amigos repousando sobre seus ombros, aguardando sua decisão. E pensou “Ninguém deveria ter tanto conhecimento.” Em seguida sacudiu a cabeça, como que se quisesse fisicamente livrar-se de maus pensamentos e refletiu “Um passo de cada vez. Cada decisão em seu momento certo. Um passo de cada vez”.

Com isso, voltou-se novamente para o caminho adiante e disse. – Vamos! Com sorte ainda encontraremos An Leopard e os demais em Tonuak, conforme combinado.

CAPÍTULO 48

A rebelião que efervesceu no Baronato de Fannel contra o novo regime Lacorês fora esmagada, entretanto, o pensamento disseminado pelos rebeldes e a noção de que houvera, de fato, um golpe de estado contra o Rei Corélius IV espalhou-se por todo o reino de Lacoresh. Parte da fofoca comum de tabernas, portos e mercados, é que havia bruxos aqui e ali. Assim, figuras como o Barão Calisto de Wuri eram temidas. Rumores corriam dizendo que o Duque de Kamanesh, outros nobres e até membros da Real Santa Igreja teriam feito pactos macabros com espíritos, demônios e demais forças sobrenaturais em troca de poder. Todo tipo de histórias corria solto, umas verdadeiras, outras muitas exageradas, e isto compunha um novo clima sobre todo o reino.

O próprio conselho dos necromantes havia aceitado o fato de que não conseguiriam ocultar a manobra, por outro lado, oficialmente, qualquer um que proferisse publicamente estas ideias, passou a ser capturado, e em muitos casos, executado. Tal rigidez teceu um novo equilíbrio nas estruturas de poder, fortemente baseado no medo. Lacoresh, nestes dias em especial, após a morte da Rainha Alena, era um reino mais sombrio que outrora, governado e dominado por leis rígidas e temor. Os hábitos agora eram outros e era bastante incomum que pessoas se submetessem ao risco de um passeio noturno, ou mesmo andarem, durante o dia, desacompanhadas. Diziam que pessoas sozinhas poderiam sumir, e de fato, elas sumiam, pois a quantidade de redutos necromantes apinhados de mortos-vivos e sombras malignas sedentas de sangue era algo cada vez maior. A sensação de ruína iminente era compartilhada pelo povo e uma tragédia era prevista por muitos pessimistas em todo reino, ao menos um em cada bar.

Do outro lado desta percepção, a doutrina cada vez mais agressiva da Real Santa Igreja, fazia muitos fieis se tornarem fanáticos que acreditavam com fervor no destino glorioso do povo lacorês. Acreditavam ser o povo escolhido pelos deuses e abençoados por receberem as Crianças do Eclipse, e em breve, seriam o reino mais poderoso, rico e influente de todo o mundo. A guerra sagrada da Real Santa Igreja estava para começar. O primeiro alvo era o reino vizinho, Homenase. Todos barões de Lacoresh receberam ordens para erguer milícias e o treinamento para combate. Lacoresh já detinha forte influência sobre este vizinho, mas nem todos estariam dispostos a aliar-se para uma campanha militar mais longa. Assim, se fazia necessário operar uma conquista militar para garantir-lhes uma aliança mais sólida. Ao mesmo tempo, na costa lacoresa um grande número de navios de guerra estavam em construção, talvez, em dez anos teriam a maior frota marítima de todo o mundo, com poderio superior à dos Silfos do Mar e dos Dacsinianos juntos.

Apesar de todas as dificuldades, imenso poder dos bruxos e opressão, e a perspectiva de uma guerra santa, uns poucos sustentavam ativamente a luta contra o destino infeliz do reino. Era o caso daquele homem. Uma que sombra saltava de telhado em telhado na região nobre de Lont, capital do Baronato de Fannel. Perseguindo-o abaixo, na rua, um grupo de soldados disparava flechas em sua direção.

- Vamos! Se deixarmos que ele escape, o comandante vai nos fritar! – lembrou o sargento que acompanhava a pequena tropa em perseguição.

Lá no alto, Vekkardi, ou Gatuno, como era conhecido naquelas bandas, cumpria sua rotina de incursões em prol do movimento rebelde. Vestia uma roupa justa de tecido aveludado azul marinho profundo que se confundia com o negro. A tira colo, o tubo com o precioso mapa que roubou da torre do mago conselheiro do Barão Adam Fannel. Tratava-se de uma relíquia da antiga civilização que foi varrida da terra durante a guerra milenar pela fúria do Grande Elemental do Fogo. A segurança da torre era forte, além da segurança física, havia detectores de intrusão por magia, mas as defesas não contavam com a excepcional capacidade de Vekkardi de escalar paredes verticais de pedra nua vencendo os quinze andares da mais alta torre de Fannel. Neste ponto, não estava protegida contra a ousadia de um simples ladrão.

Vekkardi dominava as rotas de fuga. Seus perseguidores se aproximavam e havia o risco de um embate. No ponto planejado, havia uma corda enrolada e já amarrada em uma chaminé. Desceu dos telhados e removeu os dois caixotes que selavam aquele estreito beco sem saída. Em seguida, montou seu cavalo que estava esperando e ganhou as ruas de Lont. Ainda viu ao longe as tochas dos soldados. Se seguisse naquele ritmo não poderiam alcançá-lo. Trocaria de cavalo numa fazenda de um simpatizante, cujo filho havia sido salvo pela resistência. Logo, chegaria a uma das bases ao norte, em Vaomont. Mas antes que seus planos se concretizassem, seu cavalo enlouqueceu. Vekkardi perdeu o controle e a montaria tomou um novo rumo. O cavalo virou em ruas e becos, como se tivesse vontade própria e ignorando seus comandos. Vekkardi considerou saltar do cavalo, mas ainda precisava sair da cidade e escapar dos guardas. Ele viu a silhueta de um homem montado no alto da colina para onde seu cavalo cavalgava involuntariamente.

- Afinal, aí está você. Foi trabalhoso localizá-lo. – disse a figura.

- Ca-calisto? O que quer comigo?

- Não vim aqui para um confronto.

Os cavalos se emparelharam. Vekkardi controlou seu nervosismo. – A que veio então?

- Vim por que precisamos trabalhar juntos novamente. Deixe-me começar dizendo o seguinte: o inimigo de meu inimigo é meu aliado.

- Nosso último trabalho juntos foi desastroso o suficiente. Tivemos sorte de escapar com vida.

- Não foi sorte coisa alguma, foram os tisamirenses. Senti a energia deles antes de desmaiar. Você foi levado por eles, não é mesmo?

- Sim, eu e Radishi. Passamos alguns meses em Tisamir nos recuperando. Parece que nossa luta contra Arávner propiciou a eles uma porta de entrada. De algum modo a missão foi bem sucedida, Radishi foi salvo.

- E em troca, aquele monstro ficou com o Orbe do Progresso. – Calisto esporeou o cavalo – Venha comigo.

Vekkardi o seguiu, agora com o controle de sua montaria recuperado – Isso não muda muito as coisas, o artefato estava nas mãos do silfo Rodevarsh antes, lembra-se?

- E o que os tisamirenses pretendem fazer quanto a guerra iminente?

- Se refere à incursão de Lacoresh sobre Homenase? Pois isto não é nada comparado com que está por vir.

- O que?

- Os necromantes chamam o evento de A Grande Eclosão.

- Grande Eclosão? Como ficou sabendo disto, Vekkardi?

- Radishi conseguiu penetrar a mente de Arávner quando lutou, antes de ser dominado. Ele é um dos antigos Vetmö, o povo que trouxe a guerra milenar que destruiu o mundo antigo, há muitas gerações. Talvez ele seja o último dos Vetmö. Lembra-se de Therd Fermen?

- Como poderia me esquecer de um demônio como aquele?

- Ele e muitos outros de sua estirpe ainda estão em nossa terra, os demais, foram expulsos ao fim da Guerra Milenar. Li sobre isso no Ermirak, a escola dos tisamirenses. Eles sabem sobre o que está para acontecer.

- E por que não tomam alguma atitude?

- Não acreditam na violência. Não querem se envolver. Dizem que se o mal voltar a tomar o mundo é por que está na hora de partirem. Estão se preparando para transmigrar para uma outra dimensão.

- E os rebeldes? O que estão a fazer?

- Alguns de nós continuamos a lutar na esperança de alguma forma

depor os necromantes do poder, se o povo todo puder ser conscientizado, talvez...

- Acho difícil. O povo está cativo, principalmente de toda aquela ladainha proferida pela Real Santa Igreja.

A esta altura, cavalgavam pela estrada a sudeste de Liont rumo a Kamanesh. Apenas Pydera, a pequena lua avermelhada e disforme, pairava no céu sobre eles. Era uma noite bastante escura.

- Bem, há outras coisas que nós da rebelião estamos fazendo para evitar essa calamidade. Vários de nós partiram em missões ao exterior.

- Como assim?

- Foram enviados aos outros principais reinos do mundo para alertá-los sobre o perigo que Lacoresh poderá representar brevemente. No entanto, nossos inimigos estão atentos a isto e os missionários são perseguidos com rigor. Tivemos notícias de muitos que foram abatidos. Entretanto, ainda resta você e alguns nobres que ainda estariam em posição de nos favorecer numa retomada de poder. Não consideramos que tudo está perdido.

- Sei, os nobres de fato vão ajudar muito – Calisto foi irônico e piscava muito o olho direito – eu não contaria com qualquer nobre. Os que não foram mortos até hoje é por que foram corrompidos pelo novo regime.

- Nem mesmo o Duque de Kamanesh?

- É um sujeito enigmático... Já tentei ler sua mente umas duas vezes sem sucesso. Talvez de fato ele seja um coringa.

Calisto deu uma boa olhada na bolsa que Vekkardi carregava a tiracolo. Captou impressões e pensamentos do líder rebelde e comentou – Se arriscou um bocado para roubar isso aí, não é mesmo?

- Eu sempre me arrisco. De certa forma é o que ainda me dá motivação para viver.

- Este mapa deve indicar alguma coisa importante.

- Como sabe que é um mapa?

- Esquece-se Vekkardi? Posso ler mentes... Não precisei de uma leitura profunda para descobrir isto. Mas também não quero fazê-lo, algo assim seria desconfortável para você. Não vamos forçar a amizade, certo?

- Detesto esses seus modos Calisto.

Calisto riu-se e sua mão iniciou um fluxo de tremedeiras.

- Mas já que vamos trabalhar juntos, vou dizer do que se trata. É um mapa das torres dos antigos Vetmös. Um de nossos espiões descobriu que os cabeças do movimento necromante andaram visitando essas torres e coletando material dos antigos. Porém, uma destas torres possuía um guardião que impediu que entrassem e capturassem seus segredos.

- E vocês planejam assaltar essa torre?

- Sim, estamos reunindo voluntários.

- Me parece uma boa empreitada. Acho que consigo convencer alguns de meus aliados a ir até esta torre.

- Essa ajuda não vem em má hora, visto que somos poucos remanescentes. De quanto tempo precisa?

- Alguns dias. Derek e Ryan estão aqui em Fannel, mas o Barão Dagon está numa cripta nas proximidades da capital.

- Quando reunir os seus venha até as proximidades de Vaomont, um de nossos batedores irá ao seu encontro.

- E quanto ao destino das crianças do Eclipse? O que os seus descobriram.

- Bem, quanto a isso, temos algumas teorias. Uma bastante aceita sustenta que serão instrumentos dos necromantes para a realização de algum tipo de ritual. Esse ritual deverá ocorrer na oportunidade do alinhamento das luas, daqui a oito anos.

- Oito anos? Tanto tempo assim?

- Bem, é apenas uma teoria. Alguns pensam que estão marcados e serão preparados para um sacrifício coletivo. Você sabe, são mais de duzentas crianças nesta condição.

- Eu um adulto. Mas não se preocupe, antes disso iremos derrotá-los. Oito anos é tempo mais que suficiente para isto.

Vekkardi forçou um sorriso e concordou – Espero que sim.

CAPÍTULO 49

Derek estava tonto, mas longe do ponto em que cairia de tanto beber. A pilha de ossos da enorme ave assada, que teria alimentado quatro ou cinco pessoas, estava numa travessa de madeira sobre a mesa. Ele se sentava só e tinha as mãos e o queixo pingando gordura.

- Outra dessas! – pediu ao taberneiro. – E mais uma jarra de cerveja!

Seus cabelos loiros estavam desgrehados e sujos. Sua aparência não era nada digna se considerando que era um cavaleiro. Vestia roupas comuns remontando às suas origens de simples lenhador. Bebia para tentar apagar sua vergonha de tantas execuções e seu amor não correspondido. Sabia bem para que tipo de pessoa trabalhava, pervertidos, loucos, bruxos malévolos e clérigos corruptos. Já não era tão forte e vigoroso como outrora, havia ganhado algum peso, tornando-se mais corpulento e ameaçador.

Depois que a princesa Hana o descartou sobreveio uma depressão que já perdurava por meses. Ele ainda a amava, faria qualquer coisa por ela, mas ela não queria recebê-lo. Em função deste desânimo, pensou em abandonar o serviço. Buscou conselho com o cavaleiro Julius Fortrail. Este lhe concedeu uma generosa licença e Derek viajou para Vaomont, sua terra natal. Esteve com velhos conhecidos, viu alguns parentes, mas nada disso parecia levantar seu ânimo.

Quando viu a dupla que entrou na taberna reconheceu-os imediatamente. Ficou surpreso de vê-los, e apesar de tudo, reagiu esboçando um débil sorriso.

- Derek, que horror, que sujeira! – disse Calisto com desgosto nos lábios e completou – Você engordou como um porco!

- Cavaleiro Derek – cumprimentou-o Rayan.

Derek acenou para o ladrão e rebateu o insulto de Calisto – Desde quando minha aparência é algo importante, meu caro Barão Calisto.

- Não é a apresentação que espero de um cavaleiro.

- Não estou a serviço. E para retribuir sua gentileza, devo mencionar que sua aparência é horrível. Está mais parecendo um potro abortado.

- Por sorte sua, nunca vi um desses. Deveria puni-lo de algum modo por sua insolência.

Rayan observou a situação de Calisto e pensou "Esse aí tem colhões". O jovem Barão mancava, tinha os braços tortos e eventualmente apresentava algumas tremedeiras e tiques nervosos no rosto e no pescoço.

Derek bebeu de sua cerveja e expeliu um arroto sonoro. – Desculpe, meu lorde.

E então, em que posso servi-lo?

- Nada educado, mas direto ao ponto. Pegue suas coisas e vamos de uma vez. Temos um trabalho a fazer.

- Já estava morrendo de tédio e de tanto comer. Um pouco de exercício vai me fazer bem.

- Isto é bem verdade – comentou Rayan, irônico.

- Cala sua boca, viu, seu merdinha! – Derek pegou Rayan pela gola – Eu não estou com paciência para dois bufões me enchendo o saco.

- Você me chamou de bufão, cavaleiro? – indagou Calisto escondendo a mão que tremia demais.

- Com todo o respeito, meu lorde. – disse sorrindo e levantou-se, dando um tapinha nos ombros de Rayan – Vamos melhorar os humores, afinal vocês dois são o mais próximo que tenho de amigos nesses dias.

Rayan fez uma careta e limpou com um lenço um pouco da gordura que o cavaleiro deixou em sua camisa. – Para onde agora?

- Já estamos quase onde devemos estar. O Barão Dagon nos aguarda nos arredores da cidade. Então aguardaremos por um contato.

- Aquele fedorento? Já devia saber... – Derek lamentou-se – Vou pegar minhas coisas e nos encontramos na praça da fonte.

Rayan ponderou enquanto seguiam para a praça e antes que perguntasse, veio a resposta.

- Sim Rayan, esse trabalho há de ser bastante perigoso.

O meliante fez cara de quem quer dizer, odeio quando ele faz isso e abriu a boca para perguntar, entretanto veio outra resposta.

- Vamos enfrentar alguma coisa antiga e poderosa. Não que você sirva para alguma coisa neste sentido...

Rayan ergueu as sobrancelhas apenas esperando por mais.

- Talvez você seja útil em outros sentidos, estou certo de que haverá alguma oportunidade de colocar seus dons de subterfúgio em prática.

A face do rapaz iluminou-se.

- Exatamente! – retrucou Calisto – Vamos para um desses lugares. Sua perspicácia é quase elogiável, mas me desaponta que já não soubesse disso antes. E sim. Vá adiante. Obtenha os apetrechos necessários e nos encontre na praça, logo mais.

Calisto não gostava da voz de Rayan e se divertia, pouco é verdade, com como

ele se irritava com ter seus pensamentos lidos. Ele continuava a apresentar suas surpresas. Desenvolveu algum grau de ocultamento dos pensamentos. Como teria aprendido tal coisa? Poderia ser trabalho de Arávner? Teria este estabelecido alguma forma de espioná-lo? Talvez devesse deixar Rayan de lado, mas e quanto a Dagon? Não poderia ele facilmente reportar-se ao seu mestre, Príncipe Serin? Mesmo Derek poderia revelar algo a Fortrail, ou à Princesa Hana. A verdade é que Calisto não se sentia seguro. Não podia confiar em ninguém, nem mesmo em Vekkardi, ou Radishi. Thoudervon, Arávner, ou até mesmo o irmão Weiss poderiam castigá-lo por má conduta.

O rapaz chegou até a fonte e parou para beber água. Viu como as pessoas se afastavam dele com medo. Ouvia seus pensamentos temerosos e odientos. Já estava habituado. Se fosse tomar providências para todo pensamento torto que captava, não restaria tempo para fazer muita coisa.

Um homem de meia idade e vestido como um comerciante tomou o movimento contrário dos demais e se aproximou. – O senhor é Lorde Calisto, digo, Barão Calisto, não é mesmo?

O jovem acenou positivamente sentindo a agitação deste. Ele olhava diretamente em seus olhos, sem receio e com isso, Calisto sentiu-se pouco a vontade para sondar-lhe a mente.

-Perdoe meu atrevimento, meu senhor. Eu queria apenas dizer algumas palavras de agradecimento. Seu breve governo de Fannel foi abençoado! Muitos gostariam de tê-lo de volta. Os Fannel são uns sanguessugas! O pai era, e agora, o filho Adam, segue os mesmos passos. Estas são terras ricas e poderiam ser mais ainda...

-Cuidado com o que diz...

-Sei que não é nenhum amigo dos Fannel, Barão Calisto. Sei que ficou descontente quando o príncipe removeu seu título e o deu ao idiota do Adam, portanto...

O homem estava certo. Calisto detestava Adam Fannel.

-Certo. Afinal, o que deseja?

-Apenas lhe dizer que há muitos que o apoiam nestas bandas. Muitos que gostariam de vê-lo novamente como Barão de Fannel, ou duque, e quem sabe, rei?

Calisto sondou-lhe os pensamentos e viu que era sincero em suas crenças. – Querem me apoiar então? Fico agradecido. É comerciante? Qual seu negócio?

-Madeira senhor. Móveis, rodas, armas, o que precisar.

- Penso que podem começar procurando pelo senhor Jeero, da

tecelagem DeLars, em Liont. Diga-lhe que esteve comigo e que estudem maneiras de colaborar comercialmente.

-Obrigado, senhor. Farei isso.

Calisto sorriu. Talvez Vekkardi estivesse certo. Tinham oito anos para contrapor os planos dos necromantes para a Grande Eclosão. Muita coisa poderia ser feita neste tempo.

CAPÍTULO 50

O jovem parou para limpar o suor da testa e devaneou “Isto terá de valer a pena. Essa cripta é quente como os infernos!”. Yourdon tinha muitas saudades de Kamanesh, de seus tios, primos e mesmo de alguns colegas da ordem com que estudou na Alta Escola. O feiticeiro finalmente chegou ao fosso de chamas, fez careta e protegeu o rosto enquanto atravessava o salão rumo ao pentagrama esculpido no chão, a poucos passos da fornalha. Naquele pequeno círculo, sentiu-se aliviado, pois ali havia uma dúzia de feitiço ativos, entre estes um de resistência ao calor.

Aquele e muitos outros lugares eram inacessíveis a todos, exceto a ele, e a seu mestre, Thoudervon. Nem mesmo Calisto, anteriormente tutelado por Thoudervon, tomou conhecimento de tais lugares. Estava em uma das mais remotas localidades daquele complexo de túneis que se estendiam sob a Necrópole, principal base dos necromantes.

Thoudervon mantinha servos do demônio Necranxelfer trabalhando em suas catacumbas, mas gerenciá-los tendia a tomar muito tempo. Aos poucos, Yourdon assumia esta e outras tarefas deixando o poderoso bruxo com mais tempo livre para trabalhar em seus encantamentos de maior importância. Yourdon vinha se esforçando com grande dedicação para atender às expectativas de seu mestre. Trabalhava duro e sem folgas, como um escravo.

Enquanto estudante da Alta Escola, Chris Yourdon não imaginava que um dia fosse lidar com demônios. O conhecimento obtido na escola fora meramente teórico, sem nenhuma oportunidade de praticar. Mas isso mudou depois que o mestre Alexanus o selecionou para revelar sobre a colaboração entre a ordem dos magos e os necromantes.

Gradualmente, Yourdon teve contato com demônios. O primeiro deles, Therd Fermen, enfrentou ao lado de Calisto. Depois deste, teve contato com alguns outros, mas Necranxelfer era muito superior. Este, se desejasse, teria dúzias de demônios como Therd Fermen a seu comando. Ele, no entanto, havia abandonado sua antiga legião e seu título de Lorde para se tornar colaborador de Thoudervon.

-Hum – veio a voz profunda e lenta do demônio – O aprendiz está de volta, tão cedo? O que houve? Mais problemas com meus servos?

Yourdon engoliu seco enquanto via Necranxelfer tomar forma queimando em tons de chama verde e azul destacando-se de seu redor de chamas amarelas e alaranjadas da grande fornalha. Sendo feito de fogo, poderia assumir qualquer forma que desejasse. Frequentemente, este assumia a forma de um grande dragão que fazia

o aprendiz sentir-se pequeno e acuado.

O jovem hesitou coçando a garganta e disse – Oh, grande Necranxelfer, desculpe-me por interromper seu descanso – Yourdon era bom em se humilhar. Não repetia palavras apenas como um protocolo. Ele de fato sentia-se pequeno e se rebaixava na presença da criatura ancestral. Aquilo parecia agradar, mas o rapaz não tinha certeza.

A entidade encarou o rapaz olhando dentro de seus olhos castanhos – Sua atitude é verdadeira. Seria bom ter um servo como você, para variar – disse o demônio.

- Um bom servo não pode servir a dois mestres – Yourdon retrucou

- Sei bem disto...

- Eu queria fazer algumas perguntas.

- Cuidado aprendiz. Certamente já ouviu o ditado: A curiosidade matou o mago.

- Sim.

- Fui eu quem inventou.

- Verdade?

- Claro que não, seu tolo. Então, o que deseja saber?

- Bem, é sobre Thoudervon. O senhor o conhece há muito tempo, certo?

Necranxelfer concordou com um aceno e uma baforada de chamas azuis.

- O mestre é muito fechado. Já o senhor, sempre conversamos bastante...

- Entendo, o aprendiz quer se aproximar do mestre, não é mesmo?

- Isto!

- E o aprendiz já fez perguntas diretas sobre o que deseja saber ao mestre?

Yourdon parou para pensar no assunto e constatou que nunca havia formulado uma pergunta direta sobre os assuntos que queria saber. A verdade é que temia ser inconveniente.

O demônio leu a expressão corporal do rapaz e disse – Não o fez. Pergunte então. Thoudervon tornou-se extremamente solitário e já não possui muitas habilidades sociais. Isto faz parte de sua segunda vida. Vivo, ou morto, ele continua um ser muito obstinado trabalhando pacientemente em seus propósitos. Faça as perguntas, mas se isto falhar, eu poderia lhe dar uma dica, ou mesmo responder a algumas de suas perguntas.

-Faria isto?

- Ajudá-lo teria um custo... – os olhos do demônio brilharam maliciosamente.

-Ora, responder umas perguntas simples de um ser insignificante como eu não custaria nada. – argumentou Yourdon.

-Acha mesmo? Muito bem, uma apenas uma pergunta.

- Thoudervon não foi humano, elfo, ou Vetmös, isso eu já descobri. Mas o que ele era então?

Necranxelfer percebeu que estava diante de um rapaz realmente inteligente pelo que havia desvendado em tão pouco tempo. – A resposta não faria muito sentido, se eu respondesse sua pergunta diretamente. Digamos que praticamente não há outros como eles neste mundo.

-Sabia! – Chris deixou escapar. – Ele é mesmo único. Obrigado, grande Necranxelfer. Pode responder mais uma coisa?

-Por hora, é melhor deixar como está. Vá aprendiz, mas lembre-se...

-Já sei – retrucou – A curiosidade matou o mago.

Yourdon entrou no laboratório e viu que Thoudervon trabalhava em um conjunto de cristais de sargentium. – Com sua licença, Mestre.

O ser não se importou em responder.

-É uma hora ruim para falarmos?

O ser esquelético cobriu com um manto escuro os cristais que brilhavam com seu característico brilho amarelado. Virou-se para Yourdon e disse – Sobre o que?

-Tenho algumas perguntas.

-Sim, sei que tem. Já não era hora. Então aqui estão as respostas. – Ele caminhou pelo laboratório até o rapaz, mas passou diretamente. – Venha comigo.

Yourdon o seguiu sentindo um calafrio. Estava ansioso. Teria finalmente suas respostas?

Algum tempo depois, chegaram e uma das câmaras de magia do misterioso ser morto-vivo. – Sente-se ali – apontou retirando os dedos de dentro do manto vermelho, velho e poeirento.

Havia uma poltrona antiga e apodrecida. Thoudervon descobriu um grande espelho que ficava uns metros adiante e estalou os dedos fazendo com que luzes verdes e tênues preenchessem uma série de letras e símbolos estranhos, até mesmo

para um mago estudado como Yourdon. Imagens surgiram no espelho e Yourdon olhou-as com avidez, mas a despeito de seus esforços, pouco pode compreender.

-Infelizmente, meu aprendiz, sua mente ainda não é treinada o bastante para compreender tudo que eu tenho a lhe mostrar. Esteja avisado, terei de simplificar as coisas um pouco. Começemos falando do ciclo de enrijecimento das leis dos mundos. Como já sabe, este mundo em que pisamos não é o único. Vivemos num universo infinito, e cheio de infinitos mundos. Acontece que os mundos diferem muito entre si e de tantas maneiras, que é melhor esquecermos este fato, por hora. Aqui está seu mundo. Indicou a imagem dentro do espelho.

-É azul! – comentou Yourdon. – E esférico, como uma lua.

Thoudervon ignorou os comentários e prosseguiu – Cada mundo está sujeito a um coeficiente de plasticidade existencial.

-O que?

-É o que determina o quanto é crua, ou madura a energia do mundo. Em nosso caso, estamos num envelope extremamente cru, no qual múltiplas leis operam em concorrência, sem que uma seja mais forte e possa dominar as demais. É por isso, que aqui as possibilidades da magia são tão grandes.

-Desculpe-me, mas plasticidade?

-Pensemos na argila. Quando crua e molhada, é altamente plástica. Depois de secar e queimar, torna-se fixa e dura, temos então a cerâmica. Aqui, é um lugar tão cru, que poderíamos dizer que nem mesmo temos argila, mas sim, lama, ou água. No passado, a magia foi mais forte e menos controlável. Quando chegamos, a situação era tão complicada, que a crueza do envelope praticamente nos aprisionou.

-Nos aprisionou?

-Sim, a mim e meu irmão, Lárzarus. Éramos exploradores experientes e nunca havíamos estado num mundo tão cru. Ele ficou fascinado e com o tempo, perdeu o interesse de retornar ao nosso lar. Com o passar dos anos, nos separamos e seguimos caminhos diferentes. Nós viemos de mundos de plasticidade existencial bastante reduzida, mas nos quais ainda era possível lidar com magia, porém, esta é tão adversa, que alguém como você sequer conseguiria operá-la. Nós fomos testemunhas do princípio de

sua civilização. Vimos quando as divindades moldaram as oito antigas raças humanas até que duas destas ascenderam sobre as demais, os Holmös e os Vetmös. Entre estes, havia uma importante diferença. Os Vetmös tinham a mente mais aberta e maleável e foi entre estes que encontrei o caminho para realizar meus trabalhos. Já nesta época, eu havia dominado as artes mágicas primitivas deste mundo e podia viver entre eles, como se fosse um deles. Inspirei o conhecimento e projetos em vários magos daquela antiga geração. Foi assim que as torres de captação lunar foram construídas nas terras altas do primeiro continente. Graças a elas, a energia mágica do mundo pode ser canalizada, ordenada e amplificada.

Yourdon pode ver imagens das torres em questão e no céu, a lua Tchiunni, a mais brilhante de todas.

Thoudervon agitou os dentes batendo-os como um chocalho – Minha ambição teria se cumprido, não fosse aquela maldita invasão!

- Fala da invasão de demônios que levou à guerra de mil anos?

- Esta mesmo! Poder-se-ia dizer que a culpa da invasão foi minha, mas não foi algo que pretendia fazer diretamente. O problema é que ao estimular determinadas pessoas, fornecendo certos conhecimentos de meu povo, criei condições para que eles explorassem outros planos e assim, veio o contato com certas dimensões abissais. Estimulados pela divindade invejosa, o irmão do sementeiro, os Vetmös construíram um império que se expandiu rapidamente e que buscava cada vez mais conhecimento e poder. Eu ainda tentei adverti-los quanto ao caminho perigoso que trilhavam, mas sob tal ganância do conselho de líderes, pouco pude fazer. Infelizmente, a situação havia fugido do meu controle. Mas não pude ver isso claramente até que foi tarde demais. Durante a guerra, além de perder meu corpo, minha vida, perdi o trabalho que vinha fazendo há tantas gerações.

- Mestre, a grande eclosão... Será a formação de um novo elo entre a terra e os abismos? Haverá uma nova invasão?

- É provável que haja uma nova invasão. Mas não é nisto que estou interessado. A formação deste nexos, seja temporário, ou permanente, é o que trará de volta as condições energéticas do mundo a seu estado anterior. Somente assim, poderei prosseguir com meu trabalho. E desta vez, se eu

obtiver sucesso, pouco importará uma invasão de milhões de demônios.

-Maurícius e os necromantes partilham de seus planos?

-Ora, mas é claro que não. Nossa aliança é meramente de conveniência. Me interessa apenas que o nexo seja estabelecido. Maurícius é um tolo, assim como os Vetmös foram antes dele. Sua ambição por poder irá apenas levá-lo à destruição nas mãos dos demônios.

-Há sete membros do conselho superior, não é mesmo?

-Pois sim, entre estes, seu antigo mestre Alexanus, que não passa de um peão assustado. Há também Arávner.

-Arávner?

-Um dos poucos Vetmös remanescentes que conseguiu escapular da maldição que os assolou. Sua ambição de vingança é antiga. Remonta aos tempos antes da grande guerra quando houve um extenso conflito entre os Vetmös e os Elfos de Nelfária. Ele era um dos tolos membros do alto conselho dos Vetmös junto ao imperador Merrin. Fomos bons companheiros outrora, atualmente, nos toleramos.

-Por que está me contando isso tudo?

-Decidi que não vale desperdiçar seus talentos trabalhando para a causa fútil dos necromantes. São uns tolos, que me veem como uma espécie de aliado, apenas por que aparento ser uma criatura morta-viva como as que eles criam e manipulam. Escolhi essa aparência apenas, depois que meu corpo físico foi destruído. Mas poderia facilmente assumir outras formas. Esta forma morta-viva convém para esta aliança. Enquanto eles se preparam para fazer o trabalho braçal e reestabelecer o nexo, posso me concentrar nos meus trabalhos.

-Necranxelfer sabe sobre seu verdadeiro propósito?

-Sim, e foi por isso que ele abandonou as hordas abissais de que fazia parte. Com o tempo, meu rapaz, você receberá instruções suficientes para compreender meu propósito. Por hora, há muitas tarefas a fazer.

-Sim, tudo que mandar, mestre!

-Ótimo, tenho uma tarefa em especial que irá lhe proporcionar um pouco de descanso em relação aos trabalhos nos túneis. Ao que parece, meu afilhado, Calisto está perto de meter-se numa encrenca. Tenho planos para o rapaz e não gostaria que ele morresse de uma modo tolo.

- O que devo fazer?

- Para alcançá-lo, você deverá fazer uma breve viagem subdimensional.

- Subdimensional?

- Sim, pelo Plano Netéreo. É uma subdimensão adjacente ao plano físico, de maior plasticidade, mas não é uma região astral, ou etérea. É a região complementar do plano astral adjacente ao plano físico, o que alguns chama de mundo invisível, mas não é o plano onde vagam espectros e mentes treinadas dos viajantes do astral. É na verdade, o plano que nega o plano astral. Onde seu corpo será remodelado para se constituir da matéria netérica.

- Como chegarei lá? E depois, como encontrarei Calisto?

- Lembra-se do anel de contenção que você carregou para Calisto com fogo explosivo?

- Sim.

- É também um anel netérico. Tome este. – Thoudervon ofereceu outro anel. – Faz par com o de Calisto. Com ele poderá localizá-lo. Eu o uso, para espiar o que o rapaz anda fazendo. E fique sabendo que também poderei vê-lo, quando quiser, basta estabelecer um canal netérico.

- Mas eu nunca operei nada assim.

- Não se preocupe, com o tempo, acostumar-se-á. Mas saiba, depois de penetrar no Plano Netéreo, você poderá não ser mais o mesmo.

CAPÍTULO 51

Logo após o encontro com Vekkardi, partiram numa longa jornada. Além de Calisto e os seus, havia mais quatro rebeldes que acompanhavam Vekkardi. Entre estes, se destacavam o Silfo Roubert e o mago Ector. O primeiro agora usava barba comprida e trançada e quase nunca falava. Já o segundo, falava até demais e era um meninote que sonhava em ter uma barba farta de feiticeiro. Não foi fácil para Vekkardi convencer seus companheiros, em especial, Roubert a continuar no grupo depois que este se deparou com o Barão Dagon. Na prática, a expedição teve que se dividir em dois grupos que viajavam separados, mas um às vistas do outro. Apenas Vekkardi, Ector, Calisto e Derek transitavam entre os grupos.

Seguiram atravessando o Baronato de Whiteleaf e depois tomaram a antiga estrada norte do condado de MontGrey, rumo a Xilos. Evitando seguir até o final da estrada, continuariam para fora das fronteiras do reino e adentraram a região pantanosa e inóspita conhecida como Pântanos Cinzentos. A fim de evitar as áreas alagadas, ao sul, seguiram os contornos da Codilheira de Thai, no limite entre o território dos anões e as terras onde poderiam encontrar tribos de bestiais não domadas pelos necromantes.

A habilidade de Calisto para desprender-se de seu corpo e investigar as proximidades pelo mundo invisível conseguiu fazer com que o grupo evitasse uma série de perigos no caminho. Foi também uma oportunidade para praticar diariamente aquela habilidade que aprendera com Radishi. Quando isto falhou, foi o batedor, Roubert, que ajudou o grupo a desviar-se de problemas. Já em outros momentos a magia de Ector foi útil. No passado, Calisto recebera de Thoudervon um anel capaz de armazenar feitiços. O mago Chris Yourdon havia carregado nele alguns feitiços explosivos que lhe salvaram a pele num confronto contra os anões. Ector não era um mago tão competente quanto Yourdon, mas a pedido do barão, conseguiu dotar o anel com três cargas do feitiço que ele chamava de Jato de Nevasca. Por causa disso, Calisto decidiu ser tolerante com toda a falação do menino. De algum modo, Ector e Derek se deram bem e a conversa entre os dois era o que quebrava o silêncio do grupo, de tempos em tempos.

Durante suas incursões à biblioteca da Alta Escola de Magia, quando ainda era aluno, e quando fora colega de Yourdon e Kiorina, Ector conseguiu, por diversas vezes, pegar livros de acesso restrito aos alunos e alguns destes versavam sobre o antigo império dos Vetmös. Lendas apontavam para eles como sendo os feiticeiros mais hábeis da antiguidade, superando até mesmo os elfos. A possibilidade de encontrar uma das antigas torres deste povo deixavam-no excitado e falante.

- Sempre fui fascinado pelo grande poder do império dos Vetmös.

Roubert que pouco falava retrucou – Esse tipo de fascínio tolo pelo poder levou os povos no passado à ruína. E infelizmente, a história se repete, de novo e de novo.

Calisto viajava aquele trecho junto a Vekkardi e os demais. – Ora, ora, o silfo emitiu uma opinião sobre algo! – zombou Calisto. – Mas o que um batedor sabe sobre história?

- Sei fazer meu trabalho muito bem, mas em Shind, escutei muitas histórias dos anciãos de meu clã...

Ector se surpreendeu com a revelação – Mesmo? Por que nunca conversamos sobre isso antes?

- Falta de oportunidade, eu suponho. Mas talvez os livros pelos quais os magos estudam contivessem mais detalhes do que as histórias que ouvi. Por que não conta o que aprendeu e se houver algo que eu possa acrescentar, eu lhe digo?

- Muito bem – concordou o jovem mago. – Como sabem, Lacoresh, Homenase e os reinos próximos, ocupam apenas uma modesta fração deste continente. No passado, antes da Era Maldita, os Vetmös povoaram todo o continente. Construíram centenas de cidades. Foi o maior império que já houve. A maior parte dele aliou-se aos demônios invasores... Houve muita destruição durante a Era Maldita, centenas de cidades queimaram e junto com elas, suas bibliotecas.

- Eu li sobre a queima das cidades – Vekkardi interrompeu-o – Uma lenda sobre Quill, um elfo que enlouqueceu depois de perder a família, fez um pacto com um poderoso demônio e provocou destruição nos três continentes.

- Humpf! Há sempre alguma lenda querendo colocar a culpa em nossos ancestrais... – bufou Roubert. Olhou para Calisto avaliando se continuaria falando ou não. Não gostava do rapaz, mas confiava no que Vekkardi afirmara sobre ele ser a chave para a rebelião conseguir destruir os planos dos necromantes de dentro para fora. Roubert suspirou antes de falar – Há muitas versões para esta história, o que não vem ao caso. Mas não tenha dúvida, a invasão demoníaca que culminou com a destruição dos Antigos, ou Vetmös, foi obra deles próprios, e não dos elfos.

- Eu não consigo entender como uma raça tão populosa foi exterminada. – Calisto comentou.

- Aí está um engano comum. – Esclareceu Ector – O império dos

Vetmös foi vasto, mas eles constituíam uma fração mínima de sua população. Eram os governantes, magos e nobres. Todos os demais se dividiam em uma sucessão de castas conforme a elevação relativa de suas raças. Em sua grande maioria eram humanos. Todos nós, muito provavelmente, somos descendentes dos homens que constituíam o império dos Vetmös.

-Faz sentido.

Roubert indagou – A torre teria pertencido a um feiticeiro dos Vetmös, certo?

Vekkardi respondeu – É mais certo que sim. Sabemos que os necromantes já estiveram lá e recuaram por causa do guardião. Isto trouxe à tona uma dúvida. Esta poderia ser uma prisão?

- Como assim? – Calisto virou o pescoço bruscamente e sentiu-se traído pela desinformação – Prisão?

- Eu nunca ouvi falar em prisões construídas pelos Vetmös – disse Ector.

-Eu tão pouco – completou Roubert.

Vekkardi esclareceu – Houve, no entanto, prisões construídas pelos últimos Holmös. Aqueles conhecidos como a Ordem de Tarquis.

- Uma prisão de demônios, então? – disse Ector. Roubert e Vekkardi confirmaram com acenos. A lenda era conhecida. De que houve uma ordem de caçadores de demônios que atuou após o fim das guerras da Era Maldita.

- Incrível como todos esses antigos povos conseguiram ser exterminados. Vetmös, Holmös, Elfos...

-De fato. – concordou Vekkardi.

Calisto ponderou e disse – Se for mesmo uma prisão, o que pretendem fazer?

-Se for este o caso, tencionamos protegê-la.

-Mas com que recursos? A rebelião mal consegue sobreviver...

-Temos aliados de fora de Lacoresh que poderiam fazer isto.

-Tisamirenses? Dacsinianos? Anões?

-Melhor não entrarmos neste assunto. – Vekkardi parou por ali. Calisto sondou sua mente e concluiu: “pretendem usar os Anões...”

Naquela noite, Roubert estabelecia guarda para o grupo. Observava com

desconfiança, ao longe, o horrível morto-vivo, Dagon, que sempre guardava o sono do outro grupo. Era uma noite clara, com muitas luas no céu. Escutou um ruído atrás de si e virou-se apontado uma flecha.

- Ei, calma, sou eu, Ector. – o rapaz estava tremendo.

- Sem sono? – Roubert abaixou o arco.

- Sim, estamos próximos da torre. Posso sentir, há uma estranha flutuação no fluxo de magia. Especialmente à noite.

- O mapa também indica isto – concordou Roubert.

- Explorar esta torre poderá ser perigoso. Isso me faz pensar em pessoas que talvez nunca mais encontremos. Às vezes penso em Kiorina, que foi minha colega na Alta Escola. Agora ela está em algum outro lugar numa busca por respostas.

- Viaja com um antigo companheiro meu, Gorum. Você o conheceu, certo?

- Sim, ele me falou sobre você. Sabe, estranhei quando ele disse que conhecia um silfo chamado Roubert. Não é um nome comum para silfos, é?

- Não, muitos já me perguntaram isso. É quase uma rotina. Na verdade, este nome é de um humano. Um antigo rei de Lacoresh. Foi o rei que acolheu meus ancestrais.

- Como assim?

- Há muitas gerações, meu clã veio dos arquipélagos para cá. Na ocasião, havia uma guerra comercial entre os silfos do mar, Lacoresh e Dacs. Os detalhes não importam, mas no fim, os silfos venceram estabelecendo uma rota obrigatória pela qual os navios Lacoreshes, ou Dacsinianos, deveriam passar e prestar tributos. Havia um grupo muito insatisfeito com a política nos arquipélagos. Foram acolhidos pelo Rei Roubert que lhes concedeu habitar a floresta do planalto de Or. Local que meus ancestrais chamaram de Shind, ou paraíso.

- Não sabia disto.

- Poucos o sabem. Mas o que importa é que na ocasião, meu bisavô achou por bem homenagear o rei e nomeou de Roubert seu filho. E meu pai, deu-me o nome de meu avô, como é comum entre meu povo. Então eu sou um silfo com nome de homem.

-É por isso que se envolveu com nossos assuntos?

Roubert riu. – Talvez... Mas sob forte oposição de meu pai. Ele sempre dizia que os conflitos dos homens vem e vão e que não valia a pena se envolver. Ele disse que eu morreria em vão, lutando por uma causa perdida.

-E neste tempo todo, você não voltou para ver sua família, voltou a ver seu pai?

-Retornei a Shind, mas infelizmente, não encontrei ninguém. Acho que eles finalmente compreenderam que o este novo Lacoresh dominado pelas forças das trevas representa séria ameaça e abandonaram nossa vila. Certamente buscaram refúgio longe daqui, mas não consegui saber onde. Acho que isso ocorreu depois que Rodevarsh pereceu. Um novo líder certamente os levou para longe.

- E quanto aos outros anciãos? Lourish e Lalith? Radishi me falou deles, uma vez.

- Continuam dando apoio à rebelião, assim como eu. Estive com eles, há alguns meses. Sentem-se velhos demais para fazer grande diferença. E no fim, penso que mesmo nós, os jovens, não possamos fazer tanta diferença assim. Mas meu dever é continuar tentando.

Aquele era o local apontado pelo mapa. A primeira vista, foi difícil reconhecer algo parecido com uma construção. Restos do que seriam o muro externo estavam em meio a um bosque. Não fosse certo o padrão linear, seriam facilmente confundidos com pilhas de rochas. Na área interna vislumbraram uma massa coberta de vegetação que bem poderia ser uma grande rocha coberta com muito musgo, trepadeiras, arbustos e arvorezinhas saindo das laterais e do topo. O que denunciava aquele monólito como uma construção era seu formato perfeitamente cilíndrico com cerca de 40 metros de diâmetro. Parecia ter apenas cinco ou seis pavimentos.

Todos se puseram a arrancar galhos e cortar raízes no entorno da estrutura. Não foi difícil localizar a entrada. Um portão de três metros de largura escondido sob a vegetação intrincada. O velho portão de metal se esfarelava à medida que recebia golpes da ponta rombuda do machado de Derek. Este mesmo, foi o primeiro a entrar, seguido dos demais, exceto por Rayan que furtivamente se desviou do grupo e escalou a torre pelo lado de fora em direção a uma janela aberta.

A entrada evidenciava paredes robustas como as de uma fortaleza. Tinham cerca de um metro e meio de espessura. O interior era bastante escuro e úmido. O cheiro

de mofo era bastante forte, pois o chão estava coberto por fungos. Ector retirou um pequeno cetro de sua mochila e acionou um feitiço que fez a ponta brilhar com forte luz esbranquiçada.

- Há magia aqui – informou Ector – posso senti-la.

- Isso era de se esperar numa torre dum velho feiticeiro – debochou Derek para aliviar a tensão. Apertou o machado e disse – Vamos magrelo, este suspense está me matando.

Barão Dagon era outro desde que recebera o cristal de Thoudervon e que carregava dentro de si, mas sua voz horripilante dificilmente conseguia soar bem-humorada – Estar morto tem suas vantagens, Derek. Nenhuma ansiedade, ou qualquer outra coisa, vão te matar de novo.

Calisto sentia desconforto, mas forçou uma risada – Ora, vejam o Barão! Essa é nova! Senso de humor?

Roubert não ousou dizer, mas pensava consigo que o fedor do morto-vivo é que era de matar.

Calisto olhou-o com o rabo do olho ao escutar os evidentes pensamentos e deixou-se rir.

Encontraram uma escada que subia em espiral. A luz de Ector não iluminava todo o caminho e Roubert rapidamente acendeu uma tocha e iluminou a retaguarda do grupo. A escadaria era estreita e alguns degraus haviam ruído. Vekkardi vinha atrás em silêncio junto com os dois escoltas rebeldes que estavam tensos e com as armas em punho.

Ector tagarelava na dianteira do grupo – A magia está ficando mais forte, eu sinto.

Dizia algo a cada lance de escadas – Que segredos nos aguardam?

Ao final da subida, alguns demonstravam fadiga. Havia luz no alto que parecia ser solar.

Ector foi o primeiro a penetrar no salão do último pavimento através de um alçapão. Viu um amplo salão com pé direito de cerca de cinco metros. O teto era uma cúpula de pedra e parecia bastante sólido. A luz do sol penetrava principalmente por uma janela, seus raios fragmentados pela carapaça de vegetação que cercava a torre com profusão de folhas e galhos. A luz também penetrava por outras janelas, mas em pequena intensidade. O piso era composto de enormes placas de pedra cinzenta em padrão hexagonal, cheio de rachaduras e coberto por poeira e brotamentos de fungos. Ao redor do salão, perfeitamente circular, entre os espaços das doze janelas, um mesmo número de portais com moldura de pedra em formato ogival. As portas dariam para fora da torre, mas tinham em seu interior um material lustroso e escuro, como placas de ébano, ou obsidiana.

Ector viu que Rayan estava agachado ao lado de uma destas estranhas portas

examinando sua moldura de pedra, com intrincados relevos e inscrições. A visão de feiticeiro permitiu ao jovem mago perceber que a energia mágica do ambiente concentrava-se naquele mesmo portal e que crescia a cada instante.

- Rayan, sai já daí! – Gritou Ector, mas o aviso veio tarde demais. O ladrão estava hipnotizado pelo que via de perto. A moldura também era cravejada de pedras preciosas do tamanho de ovos e ele já havia removido uma destas. Sua ação teria ativado a magia adormecida no local e que rapidamente se acumulava. Ao tentar remover mais uma das pedras, foi surpreendido por um surto energético que fluiu de modo errático criando uma explosão que o arremessou para trás.

O portal agora estava ativo e sua magia podia ser agora vista aos olhos dos leigos, que subiam logo atrás de Ector. Rayan ainda ficou envolto pela descarga de energia mágica que aos poucos se dissipou. Ele tremia e agonizava. Um forte cheiro de carne queimada preencheu o salão. Rayan recobrou-se do choque e ao ver o que havia acontecido com sua mão soltou um lamento agoniado. A mão estava completamente carbonizada, seca até os ossos, assim como parte de seu antebraço. Rayan olhou para dentro do portal e isto fez que seus olhos se enchessem de loucura. Apoiou-se no chão para se levantar e por reflexo, tentou usar o braço inutilizado. O resultado foi que a mão se quebrou na altura do punho ficando no chão. Pouco importava, pois estava tomado de um medo irracional. Correu para a janela e se atirou lá do alto.

Dezenas de gemas cravejadas na moldura do portal brilhavam e faiscavam. O interior perdeu seu aspecto negro e assumiu uma consistência líquida e translúcida. Pulsava como a superfície de um lago atingido por pedrinhas.

Calisto ficou ao lado de Ector e este lhe disse – Seu amigo ativou um dos portais.

Este resmungou – Aquele idiota não era meu amigo.

Os demais terminaram de subir e observavam o portal apreensivos.

-E agora, Ector? – indagou Vekkardi.

O rapaz deu com os ombros, mas tinha um mau pressentimento. Concentrava-se reunindo dentro de si a energia para realizar feitiços.

- Alguma coisa está vindo – declarou Dagon, conseguindo percebê-la antes dos demais.

Derek disse – Vocês falaram em um guardião, certo? – e avançou empunhando seu machado. Dagon tomou a dianteira e desembainhou sua pesada espada montante, causando forte impressão no grupo. Simultaneamente, Vekkardi reuniu seu grupo que foi para a direita. Roubert e os dois outros rebeldes prepararam seus arcos e flechas.

Calisto mancava temeroso e tomou a retaguarda. Preparou-se para usar suas

capacidades.

Um silhueta disforme surgiu. Um pé, ou melhor, uma pata de uma criatura que não podiam identificar pisou do lado de fora. Um forte bramido fez o salão estremecer. Corações gelaram e pelos se eriçaram quando a coisa cruzou o portal revelando sua forma grotesca. Não era animal, tão pouco humana, mas caminhava ereta. Tinha olhos estreitos, malignos e azuis safira. Um focinho que se virava de um lado a outro como uma tromba de elefante atrofiada. A boca comprida de um predador, cheia de dentes, quando se abriu, deixou escapar labaredas de um fogo azulado e fumaça escura. O som que vinha da garganta era como o de uma fornalha crepitando. Tinha postura corcunda e o peito, costas e braços eram cobertos por uma carapaça escura e espinhosa. Possuía uma cauda grossa e musculosa como a de um crocodilo.

- Cacete! Um demônio. – Derek deixou escapar e congelou seus movimentos.

Dagon avançou correndo como se ignorasse o peso de sua armadura. Golpeou com violência com sua enorme espada. Foi um baque semelhante a metal atingindo pedra e que provocou vistosas faíscas. A lâmina penetrou um pouco e ficou no flanco do demônio que arquejou. Roubert e os rebeldes dispararam suas flechas certas, mas apenas as pontas penetraram, como se a carapaça fosse tão dura quanto madeira de lei.

A resposta do demônio foi uma baforada de chamas azuladas que envolveram Dagon por completo. O ente morto-vivo ao se ver queimar desesperou-se, largou sua espada cravada na criatura do demônio e fugiu. Calisto olhou nos olhos de Dagon e viu algo completamente novo: horror e desespero. Dagon passou por todos exalando calor e um cheiro podre e queimado. Atirou-se no alçapão da escada tendo uma queda horrível com rolamentos sucessivos.

Ector ergueu seu cetro e convocou um feitiço. Fez jorrar estacas de gelo contra o oponente. Calisto viu como oportunidade e liberou o poder de seu anel constituindo um duplo ataque de gelo. Uma fina camada de gelo foi crescendo em torno do demônio enquanto Ector e Calisto sustentavam os feitiços. O poder do anel de Calisto acabou primeiro, mas Ector sustentou seu ataque por mais alguns instantes até que se agachou exausto. O monstro fora selado num esquite de gelo.

- É agora que vamos fugir, né? – Ector disse de uma vez só olhando para Calisto. Este engoliu seco e concordou com um aceno.

Dentro do bloco de gelo um brilho azulado cresceu e do alto, muito vapor começou a se exalar. Crescia uma poça de água rapidamente em torno da criatura.

Derek disse – Vamos, isso não vai segurá-lo por muito tempo!

Recuaram descendo as escadas o mais rápido que podiam. Dagon estava um andar abaixo e o fogo nele estava extinto, e aparentemente, também a força

sobrenatural que o animava.

Derek parou um instante, ajoelhou-se e cutucou o antigo companheiro – Agora sim, parece morto. Descanse Barão. – O terrível bramido soou novamente vindo de cima e Derek voltou a movimentar-se para alcançar os demais.

Saíram pela base da torre exaustos e amedrontados. Ali fora, Vekkardi viu algo brilhar ao lado do corpo de Rayan e foi verificar. Era uma pedra preciosa e pulsava com energia mágica. Rayan havia removido do portal. Vekkardi pensou “Talvez, se a colocarmos de volta...”

- Olhem! – apontou um dos rebeldes.

A vegetação que cobria a janela foi envolvida pelas chamas azuis foi rapidamente consumida. O fogo sobrenatural que a criatura produzia se alastrou consumindo a vegetação verde, como se fosse palha seca, e logo, tomou a cúpula. Altas labaredas lambiam o céu fazendo a torre parecer um gigantesco archote.

- Vamos morrer! – desesperou-se o outro rebelde e correu.

O demônio colocou a cabeça para fora da janela, mas seu tronco largo não era capaz de passar pela abertura. Alguns tijolos cederam com o esforço, mas a janela resistiu.

- Acho que ele entalou – sugeriu Derek.

- Não vai durar muito. Vamos! – retrucou Calisto.

Vekkardi mostrou o cristal disse – Ector, Rayan tirou isto da moldura. Talvez se o colocarmos de volta...

Ector concordou com um aceno – O portal seria selado, mas quanto ao demônio...

- Pode me ajudar a subir? – pediu o discípulo de Modevarsh.

Ector fez que sim.

Calisto aproveitou-se da oportunidade e sondou a mente da criatura. Se fosse inteligente, poderia se comunicar e talvez fazer um acordo, assim como fizera com Therd Fermen. “Não há!” Calisto surpreendeu-se. “Não há uma mente... Essa coisa não está viva. A mente é mais simples do que a de um animal. Só há um único instinto”. Calisto recuou assustado e frustrado. Não conseguiria influenciar aquele tipo de mente.

- Pensam em voltar? Seus loucos! – concluiu o cavaleiro Derek vendo que Ector e Vekkardi retornavam à torre. Derek tocou o ombro de Calisto e disse – Vamos!

- Não Derek. Eles tem razão. Não temos chance de escapar da criatura. Sondei sua mente. Não é racional, mas percebi que vai perseguir cada um de nós e não descansará até que nos mate a todos. Foi construído para

isso. Talvez possamos atraí-lo de volta ao portal e depois fechá-lo.

Ector convocou um feitiço sobre Vekkardi tirando forças sabe-se de onde. – Isto deve tornar sua subida mais fácil.

Vekkardi agradeceu e contornou a torre sentindo o corpo e os passos mais leves. Quando começou a escalada, fora da visão da criatura, subiu rápido e quase sem esforço.

- Mantenham a criatura distraída – Ector pediu a Roubert. O silfo e o outro arqueiro começaram a disparar flechas contra a criatura enquanto Derek, Ector e Calisto retornaram à torre.

- Você pode conectar nossas mentes como Radishi fazia? – Indagou Ector.

“Sim” veio a resposta como um pensamento na mente do mago.

“Ótimo” pensou o jovem mago enquanto subiam. “Esse Calisto é assustador... Ah, desculpe por isso, preciso praticar... Foco Ector! Vou produzir uma imagem ilusória sua para atrair a criatura. Então, você faz seu truque de separar a mente do corpo e vai junto com a ilusão. Isso deve tornar a ilusão mais real, eu espero.”

Na subida, se depararam com Dagon e para a surpresa deles, estava de pé. Toda a carne havia sido queimada deixando apenas a forma de um esqueleto negro como carvão vestindo armadura e com pontos vermelhos brilhando dentro das órbitas vazias.

- Parece que é preciso mais que fogo para me eliminar – sua voz soou limpa e fantasmagórica, como se viesse do fundo de um poço d'água.

- Ora, Barão – Derek zombou – já não era hora de um banho! Parece muito melhor agora.

- Sim, agora posso ver claramente. Mas não voltaram por minha causa, certo?

Calisto respondeu – Não, voltamos com um plano para confrontar a criatura.

Passaram por Dagon que ficou um tempo parado e depois decidiu segui-los. Antes de atingirem o topo a criatura finalmente conseguiu romper a janela e desceu no encalço de Roubert e do arqueiro. O silfo correu e saltou com agilidade entrando para dentro da torre, mas o outro não foi tão ágil sendo esmagado por um safanão da criatura.

Logo a besta estava no encalço de Roubert. O silfo levava vantagem sobre a criatura que era grande demais e se esbarrava nas passagens, ficando retida por uns momentos até conseguir se espremer, ou derrubar os obstáculos. Ainda assim, foi

uma perseguição que deixou o silfo no sufoco, escapando das garras da criatura por várias vezes devido à sua agilidade superior. Finalmente, saltou para dentro do salão e a besta veio logo atrás. Ector escondeu os demais com uma parede ilusória. Roubert tinha duas alternativas, saltar pela janela, ou adentrar o portal. Escolheu a segunda e a besta o seguiu.

Ector suspirou aliviado “Ufa! Foi melhor que a encomenda.”

- Vekkardi, agora! – chamou Calisto.

O rebelde entrou por outra janela, todo sujo de cinzas e fuligem. Correu para o portal e encaixou o cristal no buraco.

Ector comemorou – Isso, isso!

Mas o portal continuava ativo. Algo estava vindo. O corpo de Roubert foi cuspidos para dentro do salão envolto nas terríveis chamas azuis e tombou inerte.

- Isso é mau! – Exclamou Ector – Fecha portal maldito!

- Faça alguma coisa mago! – ordenou Derek.

- Não tenho a menor ideia de como portais são operados.

- Tenta alguma coisa, já! – pediu Calisto estremecendo.

Ector tentou um feitiço que fecharia uma porta aberta, mas nada aconteceu. Tentou mais um feitiço e engasgou – Oh, não!

A pata da criatura pisou novamente no salão. Derek avançou com tudo e a decepcionou com um forte golpe de machado. O monstro urrou, fazendo os ouvidos de todos, exceto Dagon, zunirem. Entrou mancando e cuspidos fogo azul sobre Derek. Este se atirou no chão para escapar.

Ector ficou congelado enquanto a besta mancava em sua direção. – Deuses... morri!

Calisto sentiu o anel em seu dedo esquentar. Notou que emitia um estranho brilho, ou melhor, que uma espécie de penumbra emanava deste. O salão foi preenchido por uma bruma escura e de algum modo pegajosa.

No meio da bruma, uma silhueta cinzenta com os contornos esverdeados surgiu e disse – Calisto, por aqui!

Ector achou tudo aquilo esquisitíssimo – Então é assim que é morrer? Nunca pensei que ouviria a voz de Chris Yourdon no meu momento de morte.

- Ector, seu tolo, não está morrendo ainda. Rápido, venham todos por aqui.

Calisto e os demais reconheceram a voz do mago, mas sua presença ali não fazia o menor sentido. Sua aparência era a de um espectro cinza envolto num tênue brilho esverdeado. Atrás de Chris, surgiu uma porta triangular de onde uma neblina esbranquiçada escorria.

- Vamos, depressa! – ordenou Yourdon – Não posso manter a criatura

em suspenso por muito mais tempo.

Calisto correu, mas antes de entrar, questionou – O que é isso?

-Não importa! Foi Thoudervon quem me enviou! Entra aí logo!

Aquilo o convenceu. Entrou no portal e foi seguido pelos demais. Escaparam da besta do fogo azul, mas o que encontrariam adiante?

CAPÍTULO 52

Kyle, Kiorina e Gorum precisavam superar uma imensidão de terras ermas e perigosas. Muita história transcorreu naquela região. Civilizações que se ergueram e ruíram quase sem deixar rastros. Nos dias de hoje, eram extensas planícies verdejantes por onde passavam dúzias de rios e centenas de riachos, com regiões pantanosas aqui e ali. Uma terra de fauna abundante nas quais diversos povos viviam e cultivavam, cada qual à sua maneira, a cultura distante e perdida de seus antepassados. Em comum, havia um conjunto de mitos sobre a invasão de demônios e da guerra que devastou tantas cidades. Muitas afundaram, ou foram encobertas e se perderam. Era em uma dessas antigas ruínas que o trio buscou abrigo para passar a noite. Descansavam no alto de uma torre em ruínas e perigosamente inclinada.

Naquela época, ali fazia um calor infernal, mas no final da madrugada a temperatura caía ficando fresca e agradável, lembrando o clima de Lacoresh no outono. Kiorina foi a primeira a despertar sentindo uma terrível nostalgia. Primeiro certificou-se de que o feitiço de alarme que havia preparando continuava ativo. Olhou para o céu plenamente estrelado e viu os campos banhados pelo crescente da imensa Teona, a lua amarelada e rachada que os silfos chamavam de Ukenojoer, ou Rainha da Noite. Era também a lua associada ao primeiro dia da semana, Ukenizu, ou dia dos reis, regentes, ou governantes. Aprendera muito sobre as luas com os silfos assim como na Alta Escola. Com eles também aprendeu algo sobre a influência das luas na realização de magia, sutilezas ignoradas pelos magos lacoreses e que Kiorina ainda tentava observar.

Imaginou por um instante se haveria alguma relação com aquela ruína, ou com a lua, o fato de ter tido sonhos tão doces. Como feiticeira, treinou algumas habilidades relativas aos sonhos, uma delas, era reter a imagem destes por mais tempo, antes que se desfizessem. Recordou que em seu sonho, estava em Kamanesh. Muitas pessoas queridas estavam lá. Seus pais, Dora, Jeero e vários amigos da Alta Escola de Magia. Era um baile no castelo Duque e Kiorina era o par de Kyle, que estava muito elegante, num traje de gala dos cavaleiros ducais. Dançavam juntos, ou melhor, flutuavam juntos ao som da música. Ela estava feliz.

Agora, desperta e com aquelas imagens ainda vívidas, a tristeza cresceu. Engoliu o choro. Já havia chorado demais. Era melhor agradecer o fato de ter, ao menos, duas pessoas queridas consigo. Amava Kyle, agora mais do que nunca. Entretanto, desde seu encontro com o Oráculo as coisas ficaram estranhas. A cada contato que Kyle procurava reiterar com o Oráculo, Kiorina observava que a força vital dele diminuía. Se pudesse, o impediria de continuar com aquela loucura, mas no fim, tudo podia depender daquilo. Havia passado por muita coisa para chegar até

ali. Não era momento de recuar, mas sim, de avançar.

Kyle dormia pacificamente e Gorum emitia seus roncos graves e ritmados. Aquele seria um bom momento para praticar alguns feitiços. Durante meses ficaram na Ilha de Shind sob o acolhimento do pai de Mishtra, Melgosh. Na ocasião, o velho silfo Zoros demonstrou uma grande quantidade e variedade de feitiços. Kiorina concentrou seu aprendizado em magias elementais da água, mas também foi instruída sobre uma dezena de outros feitiços úteis. A jovem prendeu os cabelos num coque rápido e atirou-se da torre inclinada usando um feitiço de pequena levitação que evitou que se esborrachasse e quebrasse alguns ossos. Kiorina pensava nos povos perigosos que poderiam encontrar no caminho até o ponto de encontro na cidade de Tonuak. Foram advertidos contra os Racine e os Igoole. Os primeiros viviam ao norte e eram conhecidos como caçadores hábeis e como sendo muito intolerantes com intrusos em seu território.

Kiorina vinha praticando nestes últimos dias o olhar de feiticeira. Escutava as palavras de Zoros em sua mente, “É um olhar que pode tomar muitas formas. O importante é encontrarmos o veículo adequado e entrar em sintonia. Pedras, plantas, animais e até seres inteligentes podem tornar-se veículos para este fim”.

Ela havia experimentado diversos veículos, mas tinha obtido pouco sucesso com plantas ou animais. Procurou um local adequado e ajoelhou-se. Cavou o solo até sentir a terra úmida entre seus dedos. Tocou a testa no chão e iniciou o feitiço. O efeito começou como uma pulsação fraca e lenta. O ritmo era o mesmo, mas a intensidade das batidas crescia. Era a reflexão de toda a vida sobre o leito de terra. Quando Kiorina ergueu a cabeça assumindo uma postura felina, com as mãos enterradas no solo, seus olhos abriram-se envoltos num brilho amarelado e leitoso que escondia suas pupilas. Ela pode ver os contornos da ruína pesando incrivelmente sobre a terra compactada e esmagada que sustentava todo aquele peso. Abaixo da torre inclinada, atrás de si, sentia a pressão assumir uma linha mais dura, como os grilhões de ferro que lhe apertaram os pulsos e tornozelos quando esteve cativa de Shark, dos silfos do mar.

Mas não era nada daquilo que a jovem desejava vislumbrar. Do mesmo modo que foi capaz de localizar a presente ruína, alguns dias antes, queria enxergar além. Concentrou-se no caminho adiante de si, rumo ao sul. Havia um riacho não muito longe e depois dele, visualizou uma pequena manada. Os passos eram leves. Não fosse um grupo, teria passado despercebido. Seriam leões, ou um outro grupo de predadores? Os passos acariciavam o solo, mas de modo desigual. Então ela compreendeu que não eram animais, mas sim homens! Cerca de quinze e vinham em direção à ruína. Seria aquele um lugar sagrado para eles? Vinham averiguar, ou seria apenas uma coincidência? Chegariam ali em poucas horas, avaliou.

Kiorina suspendeu o feitiço e só então percebeu que seu corpo estava todo

suado. Aquilo demandava muito esforço. Levantou-se e caminhou lentamente de volta à torre. Convocou outro feitiço deslocando o peso para fora de seu corpo, e assim, escalou a torre com facilidade.

Ajoelhou-se ao lado de Kyle e acariciou seus cabelos para despertá-lo. Este se virou e ela notou algo sob sua camisa emitindo um brilho esmaecido. “O que será isto?” pensou intrigada enquanto, com cuidado afrouxou o encordoamento que unia as metades da camisa na altura do peito. Viu um cordão e um pingente parecido com uma semente. Naquele momento, Kyle despertou num sobressalto levando a mão ao peito e empurrando Kiorina para trás. Ela caiu sentada e o cavaleiro levou alguns instantes para compreender o que se passava.

- O que houve?

Kiorina sentiu um misto de vergonha e raiva e explodiu – O que é isso dentro de sua camisa?

- Do que você está falando? – Kyle sentiu a pulsação e calor em seu peito.

Kiorina ergueu-se sobre Kyle e apontou – Ora, isto!

- Isto? É apenas um amuleto. Nada demais...

- É? E por que andou escondendo este amuleto?

Kyle espreguiçou-se e retrucou calmamente – Tenha paciência, Kina, não estou escondendo nada. – deu alguns passos até a beirada da torre e disse – Com licença. – Começou a urinar lá embaixo.

Se houvesse bastante luz, o rosto de Kiorina estaria evidentemente vermelho. Ela mordeu os lábios e deixou aquela briga para depois. – Vamos Kyle, temos que acordar o Gorum e sair daqui o quanto antes. Há um grupo de homens vindo para cá. Acho que podem ser da tribo Racine, contra quem Azus nos advertiu.

Aquilo colocou o rapaz em estado de alerta – Onde estão?

- Não muito longe. Talvez cheguem aqui no alvorecer. Vamos!

Kyle tomou água do odre e jogou no rosto de Gorum. Era o jeito mais eficaz de acordá-lo rapidamente.

- Ora seu! – Gorum socou o ar – Mas o que? – e ficou sentado.

- Os Racine. – Kyle disse – Vamos sair já daqui.

- Onde?

- Os vi através de um feitiço – explicou Kiorina – Ainda temos uma hora.

- Quantos? – Gorum já reunia suas coisas.

- Uns doze, ou quinze.

- Estamos perdidos!

- Por que isso tudo? – Kyle estranhou a reação de Gorum.

- Não prestou atenção em nada que a lagartixa azul nos disse? Se forem mesmo os Racine, dificilmente escaparemos deles. São exímios caçadores e rastreadores.

- Não pode fazer algo sobre isto? – Kyle pediu a Kiorina.

- Ai não sei... Não entendo de rastreamento, não saberia o que fazer para despistá-los. Talvez consigamos fazer isso num curso d'água.

- Talvez funcione – ponderou Gorum. – Vamos!

Partiram numa marcha forçada afastando-se da ruína e depois, sob orientação de Kiorina chegaram até o riacho. A água fresca foi muito boa para combater o calor e descansar do passo acelerado. Caminharam na parte rasa deste por algumas horas na esperança de despistar os caçadores. Ficaram em silêncio, como já era costume, a maior parte do tempo.

Kyle sentia o amuleto pulsando. Na realidade, tratava-se da fada que se convertera em algo semelhante a um casulo. Depois que ela veio do nexo, no confronto contra o feiticeiro Lévor, recuperou suas energias e permanecia quase todo tempo invisível, mas sempre por perto de Kyle lhe oferecendo conselhos. Ela havia pedido para manter sua existência em segredo. Ele falou dela apenas para Archibald, depois da passagem deles em Dacs, uma terra estéril em magia. Lá ela regrediu para aquela forma. Depois de tanto tempo, Kyle acreditava que ela estava morta. Ele sabia que estava de algum modo ligado àquela fada, Lila. Noran havia revelado que alguém, de nome Lila o havia salvado de Rodevarsh em Lacoresh. E depois disso, no confronto com Lévor Kyle pediu socorro a ela. Apesar de perguntar diversas vezes a ela se sabia de algo, ela nunca soube dizer. Mas ele suspeitava que ela teria perdido suas memórias quando veio para esta dimensão através do nexo.

Agora, ele sentia que devia seguir certa direção.

- Sei o que estou dizendo – argumentou contra Kiorina. – O oráculo me mostrou. – mentiu – Devemos ir para lá. – Apontou novamente.

Kiorina irritadíssima pediu auxílio a Gorum – Explica para ele que estaríamos saindo totalmente do caminho que Azuz nos indicou.

- Se ele disse que o oráculo mostrou um novo caminho... – e deu com os ombros já indo na direção apontada. Kyle o seguiu e Kiorina ficou por uns instantes antes de segui-los contrariada e batendo os pés.

No final do dia, Kiorina voltou a convocar o olhar de feiticeira. Depois revelou.

– Eles acharam nosso rastro! Estão vindo.

-A que distância? – indagou Gorum.

-Não dá para saber ao certo... Mas devem estar a algumas horas de distância.

-O jeito é continuarmos sem dormir, concordam? – indagou Kyle.

O cansaço foi tomando parte do grupo. Depois de três dias em marcha forçada estavam exauridos. Os Racine eram persistentes e Kiorina temia que pudessem alcançá-los a qualquer momento. Só um milagre poderia salvá-los.

Kyle parou e disse – Escutem!

Aquela parada fez com que o dardo voasse por cima da cabeça deles, errando o alvo, Gorum, por muito pouco.

Olharam para trás e viram as silhuetas de uma dúzia dos caçadores surgir por entre a vegetação. Preparavam-se para lançar mais dardos.

-Corram! – gritou Gorum.

A perseguição não durou muito tempo e o milagre de que precisavam saltou para diante deles. Os três caíram numa vala, ou melhor, um barranco que não parecia estar ali no momento anterior. Rolaram no barranco de grama baixinha e aparada. Algo que não haviam encontrado até então. Quando pararam, uns bons vinte metros abaixo, puderam se levantar sem nenhum ferimento ou contusão aparente. Em desespero, olharam para trás, de onde esperavam surgir os caçadores a qualquer momento. Mas eles não apareceram.

Kiorian sentiu o corpo formigando e entrou num estado de profundo relaxamento.

-Está tudo bem. – ela disse – estamos a salvo.

-Como assim? – indagou Gorum.

-Não sei explicar. Mas acho que cruzamos algum tipo de portal. Esse lugar está saturado com energia mágica. Nunca senti algo assim...

Kyle olhou para o outro lado e seu queixo caiu em profunda admiração que a visão lhe causou. – Ela tem razão. Olhem! – apontou para a imensa árvore que estava diante deles cerca de um quilômetro adiante.

-Não tem como não termos visto isso antes. – Concordou Gorum – Só pode ser alguma magia.

Kiorina soube através de uma forte intuição que tomava conta de si – Eles não entrarão aqui. Estamos seguros. Ninguém com intenções agressivas pode entrar neste lugar.

-Como você sabe disso? – indagou Kyle desconfiado.

Gorum retrucou – Ela é uma feiticeira, seu tolo. Já devia ter se acostumado com

essas coisas...

Kyle deu com os ombros.

Kiorina admirou a visão e deixou escapar – Aquela árvore deve ser cem vezes mais alta do que a árvore mais alta que eu já vi.

-É... concordou Gorum. E olhe o tamanho da copa. É imensa...

-Vejam – Kyle apontou para baixo – Há uma espécie de cidade entre as raízes... Mas que lugar é esse afinal?

Kiorina deu com os ombros animada. Estava completamente descansada, como se os últimos três dias em marcha forçada nunca tivessem acontecido. – Vamos descobrir! – disse sorridente e saltitou em direção à árvore colossal.

Kyle e Gorum pararam por alguns instantes, ambos apoiando as mãos nos joelhos.

-Mas que preparo físico! – Kyle comentou.

- Garoto, sabe que não devia ficar fazendo essas observações maliciosas...

Kyle acertou-lhe um soco na barriga – Gorum! Não falava disso. – Mas corou imediatamente, pois começou a reparar nas formas de Kiorina. Era uma mulher completa e cheia de curvas.

Ela virou para trás e sorriu encarando Kyle – Ué? Vocês vão ficar aí parados?

Kyle sorriu de volta e tomou fôlego para prosseguir. As pernas latejavam, mas certamente poderia caminhar sem maiores problemas.

-Vai que estou te vendo, Garoto. Já alcanço vocês. – Gorum suspirou e sentou-se um pouco para descansar.

Kyle alcançou Kiorina hipnotizado por sua beleza e não deu atenção ao fato de que o amuleto em seu peito estava mais quente e pulsava. Kyle puxou a moça para si e deu-lhe um beijo demorado.

Gorum ficou assistindo e gostando do que via. Tanto o casal apaixonado, como a magnífica paisagem. Um lugar tão bonito que não se comparava a visão mais bela que já teve em sonhos. Por um instante pensou “Será que morremos?” E em seguida soube que não “Se estivesse morto não estaria com essa puta dor nas costas! Estou é velho, isso sim”.

CAPÍTULO 53

Nas profundezas da fortaleza oculta de Arávner as gargalhadas insanas de Kurzeki ecoavam, como sempre. Há tempos o servo já não alimentava carniçais. Conforme os planos de seu mestre progrediam, criaturas de natureza mais perigosas passaram a habitar aquelas catacumbas.

Há algum tempo prisioneiros trazidos de Lacoresh eram preparados por auxiliares necromantes para o processo de incorporações. Em alguns casos, comunicações com certos demônios traziam pistas sobre o paradeiro das prisões nas quais a Ordem de Tarquis trancafiava demônios errantes que permaneceram na terra após o fim da grande guerra.

Era praticamente impossível abrir uma passagem física para as dimensões abissais, onde provinha demônios, mas comunicações eram possíveis, assim como as canalizações que permitiam incorporações.

- Kurzeki, seu estúpido pedaço nojento de sujeira humana. Leve-me a Ren Uyk imeditatamente, ou cuidarei pessoalmente de seus tormentos quando sua alma finalmente descer aos abismos.

- Oh, um lorde, hehehehe... – Kurzeki não conseguia conter suas risadas longas e por vezes, irritantes.

- Não sou um lorde qualquer – respondeu o homem acorrentado de dentro da cela. – Sou o próprio Senhor dos Mundos.

- Lorde do submundo? – Kurzeki gargalhou – Não creio! Já ouvi essa antes.

- Não me force a gastar a limitada energia de que disponho para me libertar e lhe ensinar uma lição... – o homem com frieza e isto causou algum efeito no patético servo de Arávner.

Kurzeki riu, mas sem graça – O senhor parece mesmo alguém importante... Os outros babam e dizem que vão me mastigar e sugar minha alma.

- Chega de desperdiçar meu tempo! Vestir um corpo humano já é por si só desagradável. Ficar acorrentado discutindo com um imbecil está acabando com minha tolerância.

Kurzeki não estava inteiramente convencido de que o demônio falava a verdade, mas entrou na cela assim mesmo. Com as chaves, libertou-o dos grilhões das pernas e do pescoço. Recebeu um olhar fulminante e foi compelido a soltar as mãos, sustentando suas risadas.

O homem ergueu-se, seu porte não era maior que o de Kurzeki, parecia frágil, perto da falência devido ao longo período de aprisionamento, não obstante, segurou Kurzeki pelo pescoço e ergue-o do chão atirando-o para fora da cela. O servo rolou e ficou de joelhos, sem maiores ferimentos.

- Sinto-me um pouco melhor – declarou o possuído e ergueu a cabeça numa pose quase digna de majestade, mas que não combinava o corpo sujo e vestimentas em frangalhos.

Algum tempo depois, nos andares superiores achou, como que por instinto, o salão onde Arávner tinha sobre uma mesa, diversos livros e mapas. O salão era amplo, com uma dezena de janelas cobertas por pesadas cortinas quase negras. A luz penetrava no recinto por uma única janela aberta provocando um efeito de luz focalizada sobre a mesa. Arávner estava debruçado sobre a mesa e seus músculos se enrijeceram ao sentir a forte presença que acabava de ali chegar. Virou-se para encarar o prisioneiro, sem saber quem o possuía

- Ora Ren Üyk, velho aliado, faz mesmo muito tempo de que o vi com uns olhos de carne – Arávner sentiu um arrepio na base da nuca, pois há tempos ninguém o chamava por aquele nome antigo e esquecido.

- Grande Lorde? És mesmo tu? – Arávner ajoelhou-se, ficando naquela posição apenas um palmo mais baixo do que o rapaz. Vestia-se com roupas escuras que deixavam à vista apenas o rosto e mãos, de um branco pálido e doentio.

- Ora, de pé! – ordenou o rapaz magricela, piscando o olho esquerdo num contínuo tique nervoso. – Somos longe de ser iguais, mas estou farto dos bilhões que se curvam diante de mim.

- Tua visita é para mim de todo inesperada!

- Tenho estado ocupado. Tantos mundos a conquistar, tantos deuses desprezíveis a humilhar. Perdi uma longa e custosa batalha aqui na sua esfera, mas não sou conhecido por desistir facilmente. A vitória me escapou por entre os dedos, um mero contratempo. Parece que foi ainda ontem que os medíocres deuses desta esfera sacrificaram em vão sua própria liberdade para afastar daí meus exércitos.

- Infelizmente para mim, o tempo vem se arrastando dolorosamente. Pouco importa! Falta muito pouco para que possamos reatar o elo entre nossas dimensões, Meu Senhor.

- E desta vez, estaremos preparados e nem mesmo azarões como Quill

e Öfinnel poderão interferir. O portão de Brás-Niaira cairá e finalmente possuirei o intocado refúgio de meu Adversário.

-E cumprirás tua promessa. – não foi uma pergunta.

- Evidentemente. Exterminaremos os elfos desta esfera, até o último. Desta vez, os orgulhosos elfos não serão uma ameaça, porém, há duas forças que poderão ficar em nosso caminho. Ameaças antigas e sempre presentes.

- Duas? – Arávner percorria o rapaz com o olhar, notando uma tremedeira temporária que ia e vinha.

- Sim, Ren Üyk. O antigo corruptor que se recusa se submeter ao meu comando, Marlituk.

- O maldito? Não foi definitivamente banido?

- Não. Está aprisionado, mas sua prisão foi esquecida e suas barreiras se enfraquecem enquanto estamos aqui conversando. Mas não é quanto a Marlituk que devemos nos preocupar em maior grau, mas sim com o Deus da Assimetria, Vormostat.

- Pensei que o elfo Quill tivesse eliminado o Senhor dos Vermes quando libertou o Fogo Adormecido de Hostenoist.

- O maldito verme é uma praga praticamente impossível de erradicar. Mas sua ameaça não retornará até depois do alinhamento. Quando ele retornar, precisamos estar preparados.

- O que deseja que eu faça?

- Seus espiões já devem ter notícias de forças malignas que se ergueram no Vale Verde, estou certo?

- Sim, temos alguma informação, mas não foi possível verificar a causa.

- É Marlituk. Não está longe de conseguir libertar seu corpo selado na velha Ilm'Taak. Se isto ocorrer, reunirá um exército descomunal, e em poucos anos, poderá se tornar um entrave. Desavenças de ódio e vingança entre este rebelde e meus Duques são antigas. Um confronto seria coisa certa e perderíamos o foco da rápida conquista do portão de Brás-Niaira. Uma guerra entre Marlituk e meus Duques poderia não ter fim, ou mesmo, levar ao fim a existência de sua esfera.

- O que fazer?

- Devido a nosso presente isolamento, caberá a você e seus comparsas

viabilizar, ao menos, que a prevista libertação de Marlituk seja retardada. Assim, poderemos finalmente subjugá-lo antes que se fortaleça.

- Como quiseses, Meu Senhor. Cuidarei disto.

- Muito bem. Quanto a meu antigo servo, Necranxelfer... Descobriu o que ele e seu aliado, Thoudervon estão tramando?

- Ainda não, Meu Senhor. A Criatura é por demais misteriosa.

- Ainda assim, leve a eles a questão de Marlituk. Será preciso que colaborem para determinar uma solução.

- Perfeitamente, Meu Senhor.

- Progressos com minhas legiões aprisionadas aí?

- Sim, Meu Senhor. Localizamos uma dezena de prisões e muitos de seus servos já estão livres. Outros, menos disciplinados, ainda precisam ficar presos até que seja o momento certo de agir. Nosso exército está crescendo e logo mostrará seu valor. Boa parte dos reinos se curvarão perante o novo império. Eventualmente assumirei a posição. Bastará eliminar os peões que se julgam valorosos e dignos da glória de comandar. Assim, quando vier a Segunda Invasão, não haverá reino forte o suficiente para resistir.

- É o que parece – disse o rapaz, possuído pelo ser ancestral. Seus olhos piscavam furiosamente e lágrimas escorriam pelas laterais. Sua cabeça permanecia erguida e o corpo rijo numa postura militar.

- Que tal a tua passagem, Meu Senhor?

- O túnel dimensional funcionou bem o suficiente, mas o alinhamento ainda pode melhorar. Isto aponta para o reestabelecimento seguro do Nexo.

Esteve nas torres?

- Consegui distorcer o tempo durante o período suficiente para visitar apenas uma delas. Tenho minhas dúvidas se será possível tornar à operação todas as torres, mesmo depois do realinhamento.

- Arranjarei uma forma – retrucou o rapaz já apresentando tremedeiras – somente aquele que estabeleceu a maldição será capaz de removê-la. Sua estadia em meus domínios tem lhe dado tempo para rever suas motivações. O irmão mais velho já sucumbiu às suas fraquezas e atualmente lidera uma rebelião para tomar as Planícies Desoladas. Sua

atitude violenta apenas alimenta o fortalecimento deste domínio. O caos impera nos domínios de Marlak, assim como nos de Vetzla. Terei de nomear novos duques, a menos que consigam localizar suas prisões e libertá-los.

- Faremos o nosso melhor, Meu Senhor. Infelizmente, ainda não localizamos nenhum daqueles que foram presos pelo infame Midrakus, apenas aqueles detidos pela Ordem de Tarquis.

- Este opositor, Midrakus, se revelou mais difícil de lidar que os próprios deuses. Detenho-os todos, exceto pelos dois que escaparam pelos portões. Ainda farei a benevolente filha de meu adversário sentar-se sob meus pés como uma serva obediente. Quando assim for, você obterá seu desejo de ver exterminados os elfos e o poder para governar quantas esferas desejar.

- Trabalhem, pois, por estas conquistas, Meu Senhor.

A esta altura, o corpo do rapaz tremia mais e fios de sangue escorriam pelo nariz. O rapaz tossiu sangue e cambaleou, apoiando-se contra a parede do salão.

- Meu Senhor?

- Não se preocupe, Ren Üyk, é apenas o final do tempo que disponho. Esta dor é pequena demais para me incomodar. – apesar de dizer tais coisas, o rapaz deitou-se no chão em convulsões.

Arávner ajoelhou-se ao seu lado.

- Vor... mosta... – já não conseguia falar.

- O verme.

- Este.. esteja aten.. atento aos sinais. Seja... seja... – o rapaz se afogava no próprio sangue que jorrava dos pulmões cheios.

- Meu Senhor?

- Implacável – subiu o último murmúrio antes que o rapaz parasse de estrebuchar, virando o rosto para o lado com os olhos injetados de sangue para o vazio.

CAPÍTULO 54

Podia não parecer, mas o velho e frágil Rei Maurícus, tão torto, cheio de rugas e que sentia peso da velhice pressionar o confortável trono de Lacoresh, já fora outrora um rapaz jovem e vigoroso. A ambição e persistência sempre foram características marcantes no monarca. Sua ambição atual era estender sua vida por mais alguns anos até que pudesse realizar um ritual durante a Grande Eclosão que lhe traria a vida eterna.

Seus dois filhos problemáticos, Serin e Hana, ocupavam suas preocupações. Ambos teriam importantes papéis a cumprir no avanço do estratagema de Lacoresh para ampliar seu poderio. Viajariam para o Reino de Homenase para oficializar a anexação deste a Lacoresh. O regente, Alneir, irmão do deposto Lorde Nasbit, logo mais prestaria juramento de lealdade e submissão frente a sua corte.

O breve conflito serviu para mostrar que Lacoresh tinha superioridade militar. Estava previsto um desfile das tropas de Lacoresh pelas ruas da capital de Homenase. Este será guiado pelo primeiro cavaleiro, Julius Fortrail. Lacoresh então, prestará auxílio militar para combater uma horda de bestiais que invadiu Trelis, um pequeno reino aliado localizado ao norte de Homenase. Com a iminência de invasão de Homenase pelos bestiais, e possível destruição do reino, mesmo aqueles que não nutriam simpatia por Lacoresh, seriam obrigados a aceitar a aliança. Isto tudo, é claro, arranjado pelos Lacoreshes para anexar o reino vizinho e preparar-se para as guerras vindouras.

O velho rei aguardava o visitante com impaciência. Era também seu único amigo, Alexanus. Eles ajudaram-se mutuamente durante toda a vida. Memórias voaram longe eclipsando as preocupações com os filhos e a preparação do exército. Lembrou-se do período final do reinado de seu tio-avô, Corélius II. Maurícus era o jovem primogênito e herdeiro do primo do rei, Arquiduque Aídu Kaman Greysnow. Seguindo as tradições do reino, apesar do alto título, os arquidukes de Lacoresh não possuíam grandes terras. Viviam nas proximidades da capital, no castelo de Snowshore, no alto de uma falésia rochosa à beira-mar. Os arquidukes sempre foram designados pelos reis para cuidar dos assuntos de estado, administrando o tesouro e as forças militares do rei. Maurícus tinha uma difícil relação com o pai e após sua morte, abandonou o sobrenome Greysnow de que seu pai tanto se orgulhava e passou a ser chamado de Arquiduque Maurícus.

Quando criança, Maurícus visitou a Alta Escola de Magia e ficou deslumbrado. Anos depois, comunicou ao pai que desistiria de seu título de nobreza para tornar-se um feiticeiro. O pai abominou esta ideia e o proibiu de se envolver com qualquer coisa relacionada a magia. A antiga lei, que era seguida em Lacoresh e outros reinos,

proibia que lordes, ou governantes fossem feiticeiros.

Maurícius não desistiu de seu intuito e subornando as pessoas certas, conseguiu ingressar na escola em Lacoresh com uma identidade falsa. Durante dois anos, o plano funcionou, sendo um tempo de felicidades no qual fez amigos e aprendeu magia com avidez. Seu melhor amigo era o colega de classe Alexanus. Estavam sempre juntos e foi o único para quem o rapaz havia confiado seu segredo. Quando o pai descobriu e denunciou o esquema, Maurícius foi expulso e o conhecimento adquirido foi selado por um feitiço de um dos mestres da escola.

Mesmo depois disso, encontrava-se com Alexanus que passou a instruí-lo secretamente nos caminhos da magia. Entretanto, despistar o pai ficava cada vez mais difícil. Maurícius resolveu a situação, eliminando o pai e tornando-se Arquiduque mais cedo, aos vinte e dois anos. A partir daí, instalou seus laboratórios no Castelo Snowshore e iniciou sua pesquisa das perdidas e proibidas artes necromânticas. Maurícius sempre tinha sonhos que o impeliam a pesquisar mais fundo e aprender os antigos segredos. Patrocinou expedições para encontrar antigas ruínas dos Vetmös e conseguiu recuperar livros e artefatos.

Maurícius tirou licença de seus deveres junto ao reino para explorar uma cidadela dos Vetmös muitos anos depois da morte do pai. Lá encontrou Arávner e seu servo Kurzeki. Arávner passou a colaborar o Arquiduque e o treinou ainda mais nas antigas artes necromânticas do antigo império dos Vetmös. Uma nova sociedade secreta se formou em Lacoresh e seus experimentos, eventualmente, chamaram a atenção de outros, como o Silfo Rodevarsh e o misterioso Thoudervon.

Agora em seu novo palácio, nas proximidades de Lacoresh, Maurícius tinha duas alas subterrâneas dedicadas a seus laboratórios.

Alexanus chegou ao grande salão demonstrando certa fadiga.

- Arf – resmungou o Rei – Mas já não era hora!

- Desculpe-me pela demora majestade, houve um pequeno contratempo.

Maurícius tirou força de um dos anéis simplesmente para por-se de pé e o fez com uma espécie de leveza sobrenatural.

Alexanus lançou um olhar de reprovação e a isto o Rei respondeu – Bah! Não me venha com seus sermões, velho amigo. De que adianta ter conquistado tanto poder, se não para utilizá-lo?

- Mas seu corpo poderá resistir?

- Irá resistir o suficiente, garanto-lhe. Mas deixemos essa conversa de lado, exceto se tiver obtido algum progresso com o ritual de troca de corpos.

- É ainda um dos segredos perdidos das antigas artes. Ainda estou

convencido que Arávner possa estar guardando este segredo para si.

-Será mesmo? Ele já teria arranjado um corpo melhor, penso eu.

-E quem disse que aquele corpo é ruim? Até onde sei, é melhor que os nossos.

-Frígido, insensível, semimorto e desproporcional. Penso que a vida sem poder desfrutar os prazeres do corpo tornaria a existência algo um tanto quanto apática...

Os dois passaram para a antecâmara atrás do salão do trono e Maurícus acionou outro anel fazendo surgir uma porta antes invisível. Tomaram a passagem secreta que levava às catacumbas. O caminho era longo, escuro e sinuoso. O único ruído que se ouvia ali embaixo eram os passos arrastados do rei. Depois de um tempo, Alexanus tomou coragem para dizer – Estou apreensivo quanto ao que irá ocorrer doravante. Lacoresh é nosso, mas agora, essa campanha contra os Silfos do Mar, Dacs, Tchilla e sabe quem mais? Não há garantias...

-E você acha que eu, como rei deveria mudar estes rumos?

-Poderia, penso que poderia.

-Assumimos um compromisso com os demais, ou melhor, uma dívida. Não podemos mudar mais isto.

- O próxima reunião do conselho se aproxima, poderíamos argumentar...

-Contra Arávner e Thoudervon?

-Ou então explorar as diferenças entre eles.

-E colocar nossa aliança em risco?

- Aliança? Não vejo assim. Fico surpreso de ter durado tanto tempo sem sermos traídos de algum modo. Quanto tempo ainda temos?

-Espero que o suficiente. Lembre-se, estamos juntos nisto.

- Sua majestade chega a ser gozado às vezes com tais observações. Como se não fossemos amigos...

-Perdoe-me Alex, é a força do hábito. Enfim, aqui estamos.

Havia uma câmara grande, sem qualquer iluminação. Alexanus girou o dedo mínimo e luzes mágicas amareladas surgiram onde havia meia dúzia de archotes para fogo. Ali havia nove mesas feitas para acomodar corpos, mas apenas três estavam em uso. Dois destes corpos estavam inchados e em estado de putrefação inicial. O rei os ignorou chegando até o terceiro.

-Este está fresco – disse colocando as mãos sobre a cabeça do defunto

sentindo-o frio ao toque, mas não gelado – chegou esta madrugada.

Alexanus operava outro feitiço provocando a movimentação do ar e eliminação de odores. O velho mago resmungou com expressão de asco – Nunca vou me habituar a certos aspectos desta atividade.

- Isto já não me incomoda tanto, mas agradeço pela renovação de ares – retrucou o Rei examinando partes do corpo com as pontas dos dedos.

- Bastante jovem – comentou Alexanus.

- E linguarudo também. Blasfemava contra a Real Santa Igreja e a Família Real.

Alexanus trouxe uma série de apetrechos para junto da mesa. Retirou um longo cristal fixado num bastão metálico que tinha na outra extremidade um hexágono com um vidro escuro encaixado. Fechou um dos olhos e com o outro passou a inspecionar o cadáver através da entranha lente.

- Sim, o espírito não se desprendeu. Esta gritando e agonizando sem compreender o que se passa.

- Ótimo, ainda está seguro aqui conosco. O isolamento da câmara tem funcionado bem, não é mesmo?

Alexanus olhou para a porta e a lente revelou uma turba de espíritos escuros se batendo contra a barreira invisível. As energias liberadas por uma alma se desprendendo eram como um banquete para estes.

Enquanto isto, Maurícius usava tinta para escrever sobre a pele do rapaz ainda preso entre a vida e a morte. Não faz muito tempo que haviam desenvolvido a técnica para provocar a morte de uma pessoa sem danificar o corpo deixando-a num estado de semimorte por algumas horas. O coração ainda pulsava lentamente, uma ou duas vezes por minuto e a temperatura do corpo era mais baixa, mas não igual à do ambiente.

Alexanus aproximou-se e iniciaram o demorado ritual. O rei então despiu-se de seu manto real e depois da túnica, ficando apenas com as roupas de baixo. Revelou-se um corpo magro e curvado. A corcunda parecia mais pronunciada sem a cobertura do traje. Com alguma dificuldade subiu na mesa ao lado sentindo a pedra gelada morder sua pele. Deixou-se e fechou os olhos. Alexanus pintou símbolos no peito muxibento do monarca e afastou-se. Ficou observando a nova tentativa de Maurícius através de sua lente encantada.

O espírito de Maurícius ergueu-se de seu corpo. Não tinha a mesma forma. Era escuro e tinha dedos longos e finos como facas. Estes brilhavam com fios de luz ligando-se aos anéis que o rei usava em ambas as mãos.

Maurícius volitou até o corpo do rapaz, sobre o qual seu espírito se debatia agonizante.

- Isto é um pesadelo! Ó grande mãe! Salve-me piedosa Ecta. – gritava o rapaz – Ai! Quem é você? O que quer de mim? – Disse ao encarar a figura sombria e de olhar perverso que se aproximava. Os olhos do rei brilhavam numa tonalidade verde fantasmagórica.

- Sou seu rei – retrucou o espectro.

De algum modo o rapaz o reconheceu. Ele era um jovem escudeiro que havia perdido o pai durante a “Noite dos Mortos”, ocasião na qual a capital foi invadida por uma horda de zumbis e o Rei Corélius e outros tantos foram mortos.

- Me ajude alteza! Eu ouvi histórias... Acreditei nelas... Mas eu juro, eu, eu posso ser um súdito leal!

- Súditos leais não maldizem a realeza e tão pouco a Santa Igreja que a sustenta e legítima.

- Peço perdão, alteza! Foi um momento de fraqueza. Posso servi-lo bem, apenas me liberte deste pesadelo!

- Não é um pesadelo. Você não está dormindo rapaz. Olhe para lá – Maurícius tomou a cabeça do rapaz e virou-a para a porta onde uma dúzia de espíritos famintos se debatiam.

- Aquilo é o que está lhe aguardando – informou.

- Oh, não, por favor! Faço qualquer coisa! Afaste-os de mim. – O rapaz se recordou daquelas criaturas que o assediavam, seguravam-no e mordiam-no enquanto era trazido para ali.

- Vou lhe dizer o que fazer e prometo que não será entregue a eles.

- Sim, meu rei, qualquer coisa!

- Ótimo! Agora segure em minhas mãos. – O rei puxou-o com vigor, mas este não se afastou muito do corpo.

- Sinto dor! – ele reclamou.

Com os dedos afiados e que funcionavam como tesouras, Maurícius começou a cortar, um a um, os fios tênues que prendiam o espírito do rapaz ao corpo. Isto provocou choque nele levando-o a manifestar espasmos.

Alexanus observava e sentou-se de pernas cruzadas colocando-se em meditação. Convocou um feitiço que fez surgir em torno de si uma gosma semitransparente que começou a tomar forma. Demorou, mas uma espécie de vespa com o tamanho de um gato surgiu. No lugar da cabeça o inseto possuía uma pequena cabeça humana com as feições de Alexanus. Debaixo dela, pequenos ombros que se ligavam a bracinhos longos e finos terminando em pinças como as de uma lagosta. A vespa de ectoplasma, invisível a olhos normais, aproximou-se do rapaz batendo as asas.

Maurícius terminava de cortar os últimos fios que ficavam flutuando no ar como algas fariam lentamente sob o balanço do mar.

Maurícius levou o corpo espiritual do rapaz, agora entorpecido e em delírios até uma das mesas depositando-o. A mesa, fora do plano material era equipada com uma espécie de colchão feito de ectoplasma que acomodou o rapaz suavemente.

Maurícius voltou para o corpo físico do rapaz, mas fraquejou. Levou a mão direita ao peito. Concentrou-se fazendo seu corpo respirar fundo. Precisava ter forças para continuar. Retornou mais uma vez ao espírito do rapaz e cravou-lhe as unhas na garganta e no peito sugando dali a energia de que precisava. Este reagiu assumindo a posição fetal e em seguida convertendo-se numa espécie de ovóide.

O espectro do rei saltou para cima do corpo do rapaz e flutuou acima deste para combinar sua posição. Aproximou-se até ficar poucos centímetros acima.

A vespa de Alexanus começou seu trabalho. Com uma das pinças furava o corpo espiritual de Maurícius e puxava tendões e com a outra tomava os fios que flutuavam a partir do corpo do escudeiro conectando-os. Uma costura delicada de centenas de nervos espirituais que levou cerca de uma hora. Finalmente, Maurícius conseguiu despertar dentro daquele novo corpo. Com tremendo esforço conseguiu mexer debilmente os dedos das mãos e dos pés. Continuou exercitando-se até que conseguiu abrir os olhos voltando a ver a sala de teto baixo iluminada pelas luzes de Alexanus. Maurícius grunhiu ao tentar falar usando o corpo recém adquirido. A respiração tornou-se ofegante e o coração disparou. Os músculos estavam rijos e doloridos e Maurícius gritou sentindo dor. O grito se prolongou culminando com o corpo tomando impulso e se sentando sobre o tampo da mesa. O corpo suave e a face foi invadida por uma tonalidade rosada. Maurícius babava com a boca torta e disse – Shim! Ais ua ez essá uncionan...

Olhou para aquelas mãos jovens e vigorosas e fez os dedos abrirem e fecharem repetidas vezes. Limpou a baba que escorria no queixo com as costas da mão.

- A cada momento, eu sinto... – jogou os pés para fora da mesa e segurou firme nas bordas com ambas as mãos. Desceu lentamente sentindo os pés descalços tocando o chão frio. Depois de dar uns passos em falso apoiando-se na mesa, sentiu maior firmeza. Andou livremente e gargalhou alto.

-A cada tentativa o processo está se apurando, meu caro amigo! – disse o rei excitado ao ouvir a voz vigorosa do rapaz, diferente de sua própria voz rouca e débil.

Ele estava eufórico e deu pequenos saltos e correndo ao redor das mesas. Enquanto isso, Alexanus, preocupado, fez um rápido exame no corpo do velho rei.

-Veja isto! – Maurícius chamou. Agora estava andando sobre as mãos.

Excitado, começou a vislumbrar a possibilidade de uma nova vida naquele corpo jovem. Colocou-se a gargalhar – Finalmente, meu amigo! Obtivemos sucesso! Sucesso completo!

O outro tinha o cenho cerrado numa expressão de preocupação. Em seguida, o rei levou a mão no peito sentindo uma dor tão profunda que o derrubou no chão. Se velho corpo estava falindo e estremeceu sobre a mesa. A iminente falência do velho corpo do rei fez com que seus espírito se desprendesse do outro corpo em instantes. O velho arquejou de dor de volta em seu corpo.

Alexanus deu-lhe um elixir curativo cuja metade lhe escapou pelos lados da boca. A quantidade ingerida foi suficiente para estabilizar a crise. Maurícus tossiu se contorcendo.

-Maldição – disse com os dentes cerrados – Maldição!

O mago encarou perplexo a transformação de expressão de fúria que fazia o rosto do rei estremeecer dando lugar àquela velha máscara que, exceto pelo brilho nos olhos, escondia qualquer emoção.

-Estamos progredindo – controlou-se o rei – Sim, meu caro. Estamos progredindo!

CAPÍTULO 55

A reunião do conselho havia começado há pouco tempo. Reuniam-se Weiss, Arávner, Thoudervon, Alexanus, Maurícus e seu filho, Serin.

- O rapaz é desobediente demais para continuar como nosso aliado. Felizmente, parece que agora mostrou suas intenções e cavou a sua própria cova. – Afirmou o rei Maurícus com satisfação.

- Então – disse Arávner – se o jovem Calisto tiver mesmo alcançado a torre, teremos ajustes a fazer, não é mesmo?

Thoudervon tamborilou os dedos sobre o tampo da lustrosa mesa de madeira e comentou – Penso que é cedo para discutir esse assunto. Tomam como certa a morte do prematuro, mas não contaria com isso.

- Senhores, essa discussão é improfícua. – Alertou Alexanus – Estou certo que não foi para discutir o destino de uma das crianças do eclipse que convocou esta reunião, estou certo Arávner?

- Tens razão – retrucou o antigo Vetmös – O tempo de restabelecer o Elo se aproxima. Há poucos dias, consegui um contato direto com o próprio Senhor do Submundo. A torre de comunicações está funcionando cada vez melhor. Em poucos ciclos, conseguiremos comunicações com grande facilidade e precisão. Entretanto, nosso Senhor nos adverte contra duas ameaças emergentes contra as quais, precisaremos tomar ação.

- Mesmo? Que ameaças – quis saber Serin, um tanto apreensivo.

- O demônio Marlituk, o corruptor. Ao que parece, está mesmo reunindo poder e talvez consiga escapar de sua prisão nas terras do Vale Verde. E isto pode estar muito próximo de acontecer. Se ele se libertar ficará forte antes da grande eclosão e poderemos ter uma guerra. E isto poderá nos afastar da conquista de Nelfária.

- Vale Verde? Tão longe? – retrucou Maurícus – E o que poderíamos fazer para impedir que se liberte? É hora de iniciar a campanha de expansão. Será prudente retardá-la para lidar com isso?

- Não precisamos impedir que se liberte, rei de Lacoresh, precisamos apenas retardar o processo. E quanto a distância, pode ser encurtada se usarmos o meio correto. – disse Thoudervon.

- Por favor, explique melhor, poderoso Thoudervon – pediu Alexanus.

- Felizmente, para o bom andamento de nossos planos, já venho trabalhando na questão Do Corruptor há algum tempo. Tenho observado a situação lá e ao que parece, a prisão está se enfraquecendo o que possibilitou que alguns de seus espectros escapassem. Estes estão trabalhando para romper a prisão em Ilm'Taak. E isto deve acontecer muito em breve.

- Tu estás sempre à frente, não é mesmo meu caro? – Arávner estreitou os olhos para Thoudervon.

- Naturalmente, aliado. O principal espectro possuiu o monarca do reino de Saubics. Impedir a libertação Do Corruptor deve ser uma tarefa bastante trivial, sendo assim, já descartei a necessidade de ir pessoalmente fazê-lo. Preparei um instrumento para congelar o espectro.

- Congelar? – indagou Maurícius.

- Sim, congelar no tempo, é o que quis dizer.

- Tal tipo de magia é perigosa, sabes bem disto. – advertiu Arávner.

- Para quem não a compreende. – alfinetou Thoudervon.

- Parece que já pensou em tudo, não é mesmo? – veio a voz chiada de Weiss.

- Penso que esta será uma boa tarefa para o jovem Calisto.

- Mas ele provavelmente está morto. – disse Serin.

- Engana-se. Está vivo e a caminho daqui. Não devem demorar muito.

- Devem? – indagou Alexanus – E quem mais está com ele?

- Um deles é o meu novo aprendiz, Yourdon.

- Rapaz de sorte. – disse Serin sentido uma pontada de inveja.

- Não tem nada a ver com sorte – retrucou Thoudervon – De qualquer maneira, mandá-los resolver esse problema deixará todos vocês mais à vontade, penso eu. É hora de se concentrarem na campanha de expansão. É fato que Calisto tem um signo de caos sobre si. Seu envolvimento com os resistentes ao novo regime e com os Tisamirenses poderia atrapalhar nossos próximos passos. Então vai ser bom que fique longe daqui por uns tempos. Por mais que muitos de vocês não gostem do rapaz, será valioso para os planos, no futuro.

Maurícius torceu o nariz para aquilo tudo, pois preferia vê-lo morto.

- Então, Thoudervon, tu acreditas que tens tudo equacionado a respeito

Do Corruptor, certo? – Ponderou Arávner.

- O que nos leva à segunda ameaça? – indagou Weiss – Qual seria?

- Vormostat, os senhor dos vermes.

- Está certo disso, meu caro? – indagou Thoudervon.

- Foi o que o Senhor disse. Disse para ficarmos atentos...

- Investigarei esta questão – informou Thoudervon.

- Sobre a aliança de Rodevarsh – quis saber Serin – Há novidades?

- Tive contato recente com Alderic, dos Hiokar. – informou Weiss – Rodevarsh nos preparou o terreno bem o suficiente. A aliança com os silfos dos arquipélagos continua de pé. Logo nossos navios cairão sobre Nish. Uma segunda noite de mortos-vivos para eliminar o imperador e deixar o espaço livre para o clã Hiokar ascender. Depois disso, com os silfos do mar de nosso lado, finalmente termos forças para subjugar os dacsinianos. E assim que estes forem nossos, cairemos sobre Tchilla.

- E a questão da cadeira vazia? Sem Rodevarsh... – Serin foi interrompido por Thoudervon.

- Está bem assim.

Arávner completou – Verdade, este conselho se beneficiaria de mais cadeiras vazias. Teríamos reuniões mais breves e produtivas.

- De fato – acenou Weiss e zombou – A não ser que queiram dar o assento ao jovem Calisto.

Weiss gargalhou sozinho. Se divertia com aquilo tudo. Era uma loucura, mas, ao mesmo tempo, estava curioso para ver até que ponto a aliança se sustentaria. Até que ponto aqueles planos insanos se concretizariam? Era um pouco da graça de todo aquele teatro.

- Algo mais? – disse Thoudervon já querendo encerrar o encontro.

- Sim – disse Maurícus – Fernon retornou.

- O que perseguia os que estavam o discípulo de Kivion? – indagou Arávner.

- Sim. Trouxe notícias de que estes escaparam para Dacs e que depois disso foram para o antigo continente. Ainda persistem na busca pelo tal Oráculo e obtiveram informações junto aos Silfos do Mar.

- Tolice – retrucou Arávner – Mesmo que já tenham encontrado O Oráculo Esquecido, de que ver o futuro lhes adiantará? Estou certo que a única coisa que verão, será nosso triunfo. Ver o futuro apenas os deixará

deprimidos e sem esperanças. Nada poderá nos impedir de estabelecer o Novo Elo. A Grande Eclosão é inevitável, assim como a queda de Nelfária. E nós, meus caros aliados, seremos os mais poderosos. Teremos o poder, não apenas sobre este mundo, mas o poder de ir além, de conquistar cada vez mais.

- Interessante – disse Thoudervon – E se encontrarem mesmo o Oráculo, penso que serão atraídos para a ameaça mais eminente, Marlituk. Isso poderá nos dar oportunidade para lidar com estes. Encontrar o Oráculo, se for mesmo possível, poderia nos ajudar com a ameaça seguinte: Vormostat. Mande Fernon vir me visitar. Vou querer saber todos os detalhes sobre sua perseguição a estes e sobre suas capacidades.

CAPÍTULO 56

Havia sempre uma brisa fresca que vinha de direções variadas e tornava o clima do local agradável. Sentar-se ali e observar a rica vegetação e inúmeros canteiros de flores era muito relaxante. Uma dúzia de regatos de água rasa e cristalina cruzava todo o entorno da grande árvore. Os pomares com frutificações generosas cobriam uma imensa gama de cores e sabores. Morangos enormes, do tamanho de maçãs, eram os preferidos de Kyle, enquanto Lila adorava as peras suculentas e de corpo alongado que eram chamadas pelos nativos de Fruta Dourada. De fato, o brilho amarelado da fruta era algo incomparável.

Kiorina ficara excitadíssima com o local no primeiro dia. O lugar paradisíaco, protegido e saturado por uma energia mágica com que nunca tivera contato, a deixou deslumbrada. Entretanto, ela e Gorum haviam partido, deixando Kyle para trás. Apesar da irritação de Kiorina e Gorum, Kyle não chegou a alterar seu estado de espírito. Estava sempre calmo, melancólico e decidido a permanecer naquele santuário.

As mudanças vieram ainda na primeira noite que estiveram em Banzanac, antes de conhecerem o peculiar senhor daquele povoado. A pequena fada que Kyle julgou estar morta, ainda quando estavam nos arredores de Dacs, meses atrás, despertou de seu longo sono. Kyle acordou, sentido calor pulsando sobre seu peito vindo do amuleto que carregava. Saiu da cama que dividia com Gorum e desceu a escadaria enrugada de raízes torcidas até chegar ao chão. Insetos noturnos cantavam suavemente e Kyle, ao olhar para o alto, teve a impressão de que chovia, ou nevava. O fato é que partículas caíam aqui e ali, lentas como fuligem, mas não eram água. A substância translúcida de brilho azulado e pálido, ao ser tocada, se desfazia e desaparecia. Bem no alto, como uma imensa abóbada de catedral, a copa da árvore gigante se estendia em todas as direções ocultando estrelas e corpos celestes.

“Uma chuva fantasmagórica”. Pensou Kyle enquanto admirava o espetáculo.

Podia ver algumas luzes em poucas janelas do vilarejo. Nem todos dormiam. Tantos estímulos sensoriais o fizeram esquecer o motivo pelo qual chegou até ali. Kyle retirou o pingente e viu que Lila ainda estava em posição fetal, mas movia-se lentamente. Apesar da pouca luz, enxergava bem as formas da fada, pois pequeninas linhas luminosas puseram-se a circular pelo corpo dela. Aquilo nunca havia acontecido antes, nem mesmo quando Kyle esteve conversando com Lila à noite. Ele tomou-a nas mãos e observou. Os pequeninos braços se soltaram do abraço contra os joelhos e ela espreguiçou-se, provocando cócegas na palma da mão de

Blackwing. Ele sorriu, admirando a beleza daquele minúsculo ser. A luz própria da fada ficava mais forte e iluminou o rosto de Kyle de tons multicoloridos, principalmente azuis, púrpuras e vermelhos.

- Olá pequenina, sente-se bem?

Lila bocejou. A letargia ainda tomava conta de seu corpo. Murmurou algo que o rapaz não pode compreender. Aos poucos, suas asas se abriram, desdobrando-se como pétalas de flores. As asas tinham reflexos multicoloridos semelhantes ao de óleo iluminado sobre a superfície da água.

Ela sorriu e sem se dar conta agitou as asas flutuando para fora das mãos de Kyle.

- Voltei para casa? – falava consigo.

- Lila, tudo bem? – Kyle insistiu.

- Oh, senhor Kyle Humano? Que bom revê-lo! – voou alegremente e deu um beijo no nariz dele.

O aroma de ervas subiu forte pelo nariz de Kyle e teve que se conter para não espirrar. Ela se afastou e disse – Ora, me desculpe. Não pretendia...

Kyle coçou o nariz e balançou a cabeça como quem diz: sem problemas.

Ela olhou ao redor e exclamou – Uma árvore mãe! Não sabia que tinham destas por aqui!

- É – concordou – ela é mesmo incrível.

Lila voou como louca para cima e para baixo e fazendo espirais ao redor de Kyle, deixando atrás de si um rastro de pequenas luzes que esmaeciam.

- Chuviscos, Kyle! Estou tão feliz de poder voar novamente! Muito, muito obrigado por ter cuidado de mim e me trazido até aqui!

- Ah, não foi nada... – ele acompanhava os movimentos da pequenina com um olhar fixo, como se estivesse enfeitiçado. Sentiu seu coração bater forte e algo do fundo de sua memória parecia querer emergir. Imagens surgiram, poucas primeiro, depois centenas delas. Coisas que não conseguia sequer processar.

Havia um enorme palácio cercado por lindos jardins arranjados em cascata. Havia uma mulher belíssima. Seus cabelos negros e longos estavam presos por aros de metal prateado. Usava um gracioso vestido branco texturizado por bordados prateados de motivos florais. De algum modo soube que ela era sua esposa. As imagens eram tão reais quanto as visões que tinha com Öron. O corpo que ele possuía naquela visão, não era de um silfo.

As visões com Öron nunca ocorreram enquanto estava desperto. As imagens vinham à sua mente, mas, ao mesmo tempo, tinha consciência de ser Kyle e que

estava de pé naquele estranho local chamado de Banzanac.

A mulher sorria para ele, mas tinha os olhos cheios de lágrimas. Sua fisionomia lembrava-o das feições da pequena fada. Ele compreendeu por que ela chorava. Estavam se separando. A sensação que o tomou pesou em seu peito. Aquela separação seria para sempre. Neste ínterim, viu Lila voar para o alto até se tornar um ponto luminoso ao atingir a copa da árvore.

Kyle ficou olhando para o alto na expectativa de que retornasse. Não se movia, paralisado por um estado de transe e mais visões cruzavam sua cabeça. As cidades que viu, suas paredes brancas reluzentes, as pessoas, tão belas, tão plácidas. Não parecia ser algo do mundo que conhecia. Todos eram altos, esbeltos... Perfeitos! Era como outra raça semelhante aos humanos. “Por que estou vendo essas imagens? O que significam?” Pensava, tentando se mover. Sua garganta destravou e conseguiu murmurar – Para onde você foi, Lila? Onde está minha amada?

Estranhou aquelas palavras e levou a mão à boca numa autocensura. “O que estou dizendo? Isto só pode ser um sonho! Afinal, nada faz sentido... Vamos, acorde Kyle!” Levou o dedo mínimo à boca e mordeu-o, e sentiu dor.

- Au! Mas o que está havendo comigo? – indagou-se sentindo lágrimas rolarem por sua face. Seria aquilo um efeito colateral de seu contato com o Oráculo? As visões de Öron? Lembrou-se de Renè L'amien, o enigmático dacsiniano que fez algo com sua mente.

Seu coração disparou e a respiração tornou-se ofegante. Precisava saber, ou melhor, compreender. Mas como? Sentiu o toque de uma mão em seu ombro. Não era de carne e osso, mas sim uma mão imaterial.

- Noran? – Kyle assustou-se – O que está havendo? – perguntou desesperado.

O espírito surpreendeu-se por conseguir comunicar-se diretamente. “Acalme-se Kyle” a voz projetou-se na mente do cavaleiro. “Tentarei ajudá-lo.”

Kyle olhou para Noran, mas também via a paisagem noturna através dele.

“Seus pensamentos estão confusos. Há grande desordem. Respire fundo e procure se acalmar”.

Kyle obedeceu. Suava frio e tremia de pavor. Aquela experiência desordenou os pensamentos e emoções. O pavor deu lugar a uma terrível tristeza. Algo que dominou todo seu ser e parecia familiar. Sempre esteve lá. A tristeza de não ter conhecido o pai e a mãe. De ter se despedido de amigos como Archibald. De não ter conseguido amar de verdade. Nem Kiorina, tão pouco Claudine. A tristeza de ser diferente. De ter o peso do mundo nas costas. Uma missão que não desejava ter. A tristeza de ter sido escravizado nas minas de Xilos. A tristeza de saber que Öron perderia todos seus amigos. A tristeza de ter perdido sua esposa, seu único e

verdadeiro amor.

A voz de Noran soou alto em sua mente. “Escute Kyle, sua mente está se desintegrando. Ocorre-lhe algo muito grave. Não sei bem o que é”.

- Me ajude Noran! – Kyle disse chorando. Percebeu-se agora deitado na relva e agonizando.

- Acho que sei o que fazer, mas preciso de sua ajuda. Vou mergulhar.”

Viu Noran ao seu lado naquela estranha e perfeita cidade branca. Todo o resto havia desaparecido. A confusão se dissipou.

- Onde estamos Noran? – estava se acalmando – Mas que lugar é este?

- Não sei Kyle. Procure pela resposta em seu íntimo. Mas percebo agora, isto é uma memória. Algo que você não deveria poder acessar. Este foi um lugar onde você esteve, mas não como Kyle Blackwing. Você viveu aqui em uma vida passada.

- Vida passada? Não creio nisto! Você está louco!

- Pense Kyle, já conversamos sobre isto. Você mesmo já conversou sobre isto por diversas vezes com Archibald, pode se recordar?

- Sim, tem razão, mas, naquelas conversas, era tudo suposição, mera especulação... Papo furado.

- Pois saiba Kyle, que é da crença dos tismirenses a multiplicidade de vidas e mundos. A imortalidade da alma, e agora, você está vendo.

- Sim, estou vendo, mas não compreendo.

- Talvez não precise. Apenas aceite este fato. Aceite que teve um vislumbre de uma vida passada. Isso o ajudará a colocar sua mente em ordem. Percebo uma calma aqui neste recanto de sua mente, mas lá fora, ainda há uma tempestade. Procurei pelo lugar mais calmo para que pudéssemos conversar.

- Quer dizer que ainda não recuperei o controle?

- Não. Temo que isto seja uma tarefa ainda difícil. A mente é cheia de mistérios que nem mesmo todos estudiosos do Ermirak foram capazes de traçar. Mas consigo perceber que sua mente está se perdendo. O esforço que tem feito para se integrar ao Oráculo e ver o futuro estão fragilizando-a. É muito perigoso. Temo que se você não parar...

- Mas o que devo fazer? Desistir de tudo? Abandonar a missão?

- Não sei Kyle, talvez, por uns tempos.

- Olhe Noran, o que é aquilo? – Kyle indicou assustado.

- Parece uma nuvem negra, mas movendo-se de maneira peculiar...

- Não é nuvem alguma! São as hordas! Eu me lembro. As hordas que destruíram esta cidade. Sim, Umm sucumbiu. Nós caímos. Nosso rei caiu. Houve tempo para salvar as mulheres e crianças... O que eu vi... Agora me recordo. Lilástrata, minha esposa. Ela partiu com a caravana.

- Para onde foram?

- Não sei, acho que para um lugar seguro. Era para o sul, mas Noran, isto é loucura, veja!

Kyle e Noran assistiram com horror o progresso daquelas memórias. Uma imensa horda de demônios alados cobriu a cidade branca e em pouco tempo esta foi tomada pelas chamas. Kyle agora tinha uma espada em mãos e combatia as criaturas. O caos tomava o local e Noran escapuliu, procurando um novo recanto para tentar resgatar o amigo.

Kyle permanecia deitado e desacordado com a mente travada e sem perspectiva de despertar. Enquanto procurava um ponto mais calmo, Noran sentiu o solavanco. O espírito de Kyle desprendeuse de seu corpo e começou uma viagem a grandes velocidades. Noran agarrou-se ao amigo e pensou, “Ele morreu? Tão rápido?” E em seguida, tudo ficou muito calmo. O local não era mais Banzanac. Quando Noran olhou para Kyle, não pode reconhecê-lo. Em seu lugar, estava outro rapaz, ou melhor, um silfo.

CAPÍTULO 57

Örion parou por um instante olhando para os lados como se procurasse por alguma coisa. Sua cabeça doía um pouco e podia jurar que havia alguém o seguindo. Seus sonhos e visões com o rapaz humano estavam mais intensos. Algumas memórias das visões, agora persistiam. Em especial, a da grande árvore da vida cuja copa parecia cobrir todo o céu. Contrastando com essa visão paradisíaca, também se recordava da visão do terrível demônio que ordenava o sacrifício de centenas de crianças. Aquilo era real. Örion reconheceu aquele ambiente. Aquela configuração única de vegetação era certamente a floresta proibida. Örion sentia que aquele era um vislumbre do futuro, algo que talvez acontecesse muito em breve.

- O que houve amigo, algum problema? – indagou Rílkare Krenov.

Örion concentrou-se para dissipar as visões, sorriu para o amigo e disse – As visões... Tem sido mais intensas ultimamente.

- Entendo.

- Nossa terra está ameaçada, Rilks. Esta guerra e a destruição de Adrastinn são apenas os primeiros sinais. Estou com medo do que está por vir. Sinto que talvez não tenhamos forças...

Örion abaixou-se para encher o cantil no leito do rio. As montarias, Ferro-embrasa e Zithehidrel bebiam ali perto. Nas duas margens do rio, a natureza mostrava-se exuberante. Era um local de raras belezas. Mas além dali, exércitos se reuniam e batalhas estavam para acontecer. Saubics e Nevreth, aliados, já guerreavam contra os reinos de Tradarnak e Aldancara. O único assunto discutido em Saubics agora era a guerra. Os desaparecimentos das mulheres e crianças que Rílkare e seus companheiros ainda investigavam eram agora irrelevantes para o reino. Exceto para aqueles que perderam entes queridos, como o lenhador Poul. Quando a guerra estourou, Rílkare sabia que estava a um passo de solucionar a questão, mas foi convocado para a luta. Sua decisão não podia ser outra, rebelou-se para prosseguir a investigação.

O nobre deu com os ombros e disse receoso – A esta altura já deve haver um prêmio para a minha cabeça. Eu deveria estar à frente das tropas de Balish no lugar de meu pai...

Örion sentiu um arrepio e olhou bruscamente para trás. Algo estava os rodeando.

- Vamos – disse o silfo num sobressalto – precisamos chegar até os outros.

Noran virou-se frustrado. Sendo agora um espírito, perdera a maior parte de

suas capacidades psíquicas que permitiam interagir com o plano físico. Um simples contato com uma pessoa era extremamente difícil na maior parte dos casos. Tentava algum contato com Öron há dias, sem sucesso. O máximo que conseguia era provocar arrepios, de vez em quando.

Noran se esforçava para contatar a mente de Kyle que estava aprisionada em algum recanto da mente do jovem silfo e inacessível. Após muita observação, notou entre as diversas camadas energéticas da mente e do espírito do silfo uma tênue linha que se projetava para longe viajando até o corpo de Kyle. Os dois estavam conectados de um modo que Noran desconhecia e não compreendia. Noran ficou curioso e tentava deduzir a causa e propósito daquela ligação. Por hora, única coisa que podia fazer era segui-los em sua viagem.

Öron e Rílkare chegaram ao acampamento ao norte e na borda oriental da floresta proibida, na outra margem do Rio Viran. Ali estavam Poul, Con e Skallurè. Con viera junto com um grupo de soldados de Balish, fiéis ao capitão Timas, amigo de infância de Rílkare que servia na guarda da cidade. Eram apenas cerca de vinte homens, o dobro do número de mercenários recrutados por Skallurè com o ouro de Rílkare. Houve uma discussão e Con fora contra convocassem mercenários, especialmente escolhidos por Skallurè. Rílkare insistiu na questão. O simples fato de Skallurè aparecer com homens foi uma surpresa para Con, que imaginava que ele simplesmente desapareceria com o ouro a ele confiado por Krenov.

Com a chegada de Rílkare e Öron o grupo inteiro beirava quarenta integrantes.

- Meu senhor – Skallurè fez uma vênica zombeteira – Temia que não fosse retornar.

- Vejo que conseguiu reunir alguns homens – disse Rílkare de cima do cavalo e inspecionando suas novas espadas de aluguel. Entre os mercenários havia um homem enorme, maior que Poul, equipado com meia dúzia de armas à vista. Rílkare espantou-se ao reconhecê-lo. Era Danke Furioso. Um ex-cavaleiro do reino vizinho, Tradarnak, que abandonou seus deveres e que vivia em Balish há alguns anos. Liderava um grupo de mercenários conhecido como Bando Furioso.

- Jovem *Barrão* – Danke fez uma vênica.

- Danke Furioso?

- Pode me *chamarr* de *Sirr* Danke. A seu *serviço*! – o grandalhão respondeu com o sotaque acentuado, no qual se destacavam os erres fortes e dobrados. Seu rosto era largo, com uma cicatriz feia passando pelo nariz e bochechas. Os cabelos eram poucos, espetados e acobreados. Os olhos azuis eram frios. E entre as armas que portava o grande martelo de

guerra preso às costas chamava atenção.

- Não esperava... um grupo tão, ah...

- O *dinheiro* não *erra* tanto quanto *receberíamos* na campanha *militar*, mas aceitei *por* causa minha *garota*...

- Entendo – Rílkare compreendeu que, talvez, uma amante do mercenário compartilhasse do mesmo destino da esposa de Poul.

Rílkare desmontou e foi cumprimentar cada um dos homens que marchariam sob seu comando, soldados de Balish e o pequeno bando de mercenários.

- Ótimo recrutamento – Rílkare disse ao cumprimentar Skallurè.

- Ora, sempre a seu serviço. Lamento apenas que tenha ido tão longe apenas para buscar aquele inútil do Öron. Poderíamos seguir muito bem sem silfo algum.

- Preciso que deixe esse ranço de lado. Além do mais, ele trás informações que serão vitais para nosso assalto.

- Tanto faz... Já estou recebendo um adicional para aturar o tipinho. Quando partiremos?

- Façamos uma conferência com o capitão Timas. Mas pensei de sairmos na alta madrugada, assim, chegaremos à torre pela manhã.

- Não seria melhor um ataque noturno?

- Não. É pela manhã que descansam. A torre está sempre ativa durante as noites.

- Como ficou sabendo disso?

- Eu e Con descobrimos. Temos um espião lá.

- Espião? – o mercenário esgarçou no chão e fez careta desconfiada.

- Depois explico melhor... Vamos reunir os demais.

Já era tarde da noite, mas Öron não conseguia dormir. As visões o perturbavam novamente. O silfo fechou os olhos procurando se concentrar. Ele viu a imagem do rei de Saubics, Kel, vestindo um manto escuro. Os dentes já não eram humanos, pontiagudos e disformes e seus olhos vermelhos e malignos brilhavam como carvão em brasa na penumbra. Observava centenas de crianças amarradas que choravam e gritavam. Desta vez, Öron reconheceu o lugar. Era o templo em que haviam dormido nas ruínas de Ilm'taak. Onde descansava o esquife metálico submerso no lago de águas geladas.

Noran caminhava de um lado a outro pelo acampamento tentando identificar alguém que pudesse ajudá-lo a comunicar-se com Öron. Pelo que havia visto, ele e Rílkare corriam sério perigo. Energias malignas dominavam o local e, até mesmo,

membros daquela tropa estavam comprometidos. O tisamirense queria dissuadi-los de seguir adiante, mas não conseguia se comunicar. Também não conseguia avanços em seu intento de contatar a mente de Kyle, agora atrelada à de Öron.

O silfo suava muito e era perturbado por visões. Levantou-se e foi até o rio para lavar o rosto. Noran o seguiu. No caminho viu que havia outra pessoa desperta, vigiando naquele turno da guarda. Era um homem grandalhão e Noran decidiu investir neste.

- Vamos rapaz! Me escute! – Noran disse com firmeza ao pé do ouvido de Poul. – Vá até lá! Pergunte se Öron está bem. Vá, vejo que se preocupa com ele...

Poul olhava para as estrelas ignorando a presença do espírito. Estava ansioso para que a noite acabasse para que pudessem seguir. Sua busca finalmente chegaria a um fim. Invadiriam a Torre Negra e libertariam sua esposa, Adria. Poul virou-se e viu que alguém havia descido até a margem do rio e foi verificar.

- Ah, seu Olen, sem sono? – indagou com sua voz que como sempre soava sonolenta.

- Oi Poul – respondeu com o rosto salpicado de água.

- Não está gelada?

- Está sim...

- Tá tudo bem, seu Olen?

- Não Poul, estou um pouco aflito, mas nessa situação, quem não ficaria?

- Olha, seu Olen, o Skallurè é um idiota, mas neste caso concordo com ele.

- Do que está falando, caro Poul?

- Esta batalha de amanhã... Não é lugar para alguém como você. Podemos morrer, mas todos aqui são guerreiros.

- Posso não ser um combatente, mas sei que também posso ajudar. – Öron disse com firmeza.

- Desculpa, seu Olen, não quis ofender.

- Agradeço sua preocupação Poul, mas é tarde demais para recuar. Temos que ao menos tentar.

A pequena companhia de Rílkare Krenov suspendeu o acampamento na alta madrugada e marchou para o oeste. Chegaram às bordas da Floresta Proibida ao alvorecer. Era uma massa densa que se erguia abruptamente a partir das campinas que a cercavam. O limite era como uma muralha de árvores altas e antigas. O chão

era escuro e úmido e os poucos cavalos da companhia ficaram inquietos. Talvez debandassem não fosse pela liderança exercida por Zitheridel, o corcel de Öron, que avançava confiante atraindo os demais. A conversa que se fazia entre os mercenários e soldados minguou na medida em que penetravam naquele ambiente sombrio.

Con, após ser enfeitiçado por Cretàh, tornou-se circunspecto. Não falava e respondia às perguntas que lhe eram dirigidas de forma breve. Öron aproximou-se dele. Viu que os olhos de Con estavam baços e miravam o vazio. Öron sentiu tristeza ao vê-lo assim.

- Como está se sentindo, Con?
- Um tolo – falou para dentro.
- Por que diz isso?
- Deixei aquele diabinho me enganar...
- O que pensa em fazer?
- Nada em especial. Ajudar Rílkare e Poul é tudo em que posso pensar.
- Fico feliz que ainda mantenha bons propósitos.
- Graças ao senhor Krenov. Havia me perdido por completo. Minha vontade, meus pensamentos se esvaíam. A única coisa que importava era obedecer a meu mestre, Cretàh.

- Seu mestre?
- Sim, é o meu dever. Se ele ordenar, deverei obedecer.
- E o que ele lhe ordenou?
- Depois que Rílkare tomou seu precioso amuleto, nada. Disse-me para atender à vontade de Krenov e por isto estou aqui.

- Não sei Con, penso que caminhamos para uma armadilha. Como pode Rílkare confiar numa criatura das trevas como Cretàh?

- Meu mestre está deveras descontente com Kel. Não obstante, você poderá avaliar por si só, logo mais. Temos um encontro marcado.

Öron sentiu-se pequeno. Era triste ver o estado do rapaz. Já não era a mesma pessoa, não passava de um arremedo do rapaz vívido que conhecera.

Cerca de uma hora mais tarde, chegaram a uma pequena clareira nas proximidades de um riacho, local de terreno acidentado e rochoso no qual as árvores não cresciam tanto.

- Faremos uma pausa para os preparativos finais – Anunciou Rílkare e desmontou de Ferro-em-brasa.

As águas frias e cristalinas do riacho eram boas para se refrescar. Öron assentou-se numa rocha arredondada na margem do rio e tirou o livro de Aznevondor

da bolsa. Estabeleceu contato conforme o procedimento ensinado por seu avô. Suas memórias se voltaram para o último confronto antes de chegaram a Ilm'Taak. Queria saber mais sobre a criatura com uma boca enorme que mastigava de tudo, de árvore ao aço. Concentrou-se em sua imagem e abriu o livro.

A palavra Pug'a'wee surgiu no topo da página formada pelos antigos símbolos da escrita élfica. Um extenso texto formou-se e Öron leu atentamente buscando alguma informação útil. Aprendeu que tais criaturas já foram comuns em tempos remotos quando mais criaturas mágicas, conhecidas como povo feérico, habitavam a terra. Com o passar de milênios, tornaram-se cada vez mais raras e pouco conhecidas. Öron fechou o livro e desceu até um ponto onde havia uma pequena campina florida. Ajoelhou-se ali e começou a coletar certo tipo de flor.

De longe, Skallure zombou – Nos preparamos para uma batalha e o silfo vai colher flores. Ao menos teremos algo para decorar seu túmulo! – isto levou o grupo de mercenários às gargalhadas.

Öron ignorou-os, guardou tudo numa pequena bolsa e seguiu até onde estavam Rílkare, Poul e Con. Foi tomado de surpresa ao ver que estava entre eles o pequeno pirilampo das trevas, Cretàh.

- Tinha mesmo que ir buscar esse seboso aí, barãozinho? – indagou Cretàh lançando olhar de desprezo para Öron.

Rílkare ignorou-o e Cretàh voltou a perguntar – E o do cabelinho com o seboso, quem é?

- De quem está falando? – retrucou Rílkare olhando além de Öron para onde estavam os demais. – Por acaso se refere ao Furioso? O homem é quase careca!

Noran foi o único a perceber que a criaturinha podia vê-lo sem diferenciá-lo de uma pessoa viva. Isto fez o tisamirense pensar “Sim, posso sentir que dele emana um fluxo de Jii”. Ele percebeu que este fluía da criatura para um objeto guardado por Rílkare. “Nunca vi um objeto capaz de canalizar o Jii. O que seria isto?”

- Deixa pra lá – Cretàh desconversou – Vamos ao que nos interessa. Nossa estratégia de ataque.

- Desculpe-me interromper – disse Öron – mas antes, poderia me explicar por que nos ajuda? Vou ser sincero. Não confio nada em você. Como saber se não nos leva para uma armadilha?

O pirilampo agitou as asas e lamentou-se perdendo altitude – Ah, tudo de novo? Ninguém explicou meu caso pro seboso não? Ô Conzão, você bem que podia ter sido um servo mais prestativo... Que decepção!

- Ele não acreditaria em mim, mestre.

Cretàh tagarelou – Tá certo... Veja seboso, isso tudo começou com uma simples humilhação. Com mil demônios! Já não os ajudei um tanto de vezes? Né não? Ou pelo menos, tentei... Se bem me lembro, da última vez eu avisei! Disse para não irem para Ilm'taak, mas vocês, teimosos, caíram direto na arapuca de Ardívilla, aquela estúpida sebosa! E o que vocês ganharam? Perderam seu amigo seboso, o tal de Keledrel. Enfim, este não é o ponto. – a voz do pequenino cresceu e deixou transparecer bastante raiva. – Ah, não é não!

Com a raiva, a tom de pele do monstinho se alterava, saindo de um cinza médio e atingindo um negrume de piche – Eu fui o mais valoroso e fiel dos servos. Cumpri meu papel, fui paciente e trabalhei pelo mestre por centenas e centenas de anos. E quando o momento da grande ascensão chega, como é que me agradeceram? Ah, ora, ora! Dando o comando nas mãos de uma vadia humana! Uma humana! Ora, ora! Nada podia ser mais humilhante, não é Conzão? Quando reivindiquei minha verdadeira posição como comandante da coisa toda, o que eu ouvi? Que sou uma pulga! UMA PULGA! Excremento de pulga! Pensam que ganhei o posto de segundo comandante? Ora, ora! Mas não. Isto ele deu àquela maldita sebosa! Ardívilla! Só por que ela pode convocar zumbis ou encantar ogros? Pensam que isto a torna melhor que eu? Ora, ora, mas é evidente que não! E o que sobrou pra mim? Nem sequer um agradecimento! Pois fui eu que fiz tudo. Eu me queimei. Eu que ardi. Eu que me sacrifiquei para rachar o selo. Anos e anos buscando uma brecha. E o que eu ganhei?

Sua voz mudou e fez uma imitação perfeita do príncipe Kel – Ora, deixe-me em paz! Pare de choramingar... Suma daqui, seu excremento de pulga antes que eu o devore.

Cretàh voltou à sua voz implodindo raiva e rancor – Excremento de pulga! Pois ele vai ver! Aquela maldita bruxa vai ver também. Foi ela que colocou o mestre contra mim! Foi sim. Quero ver como o mestre vai ficar depois que seus novos queridinhos se provarem incompetentes! É como eu já disse! Ora, ora! Era para seu eu, e se não for eu, que ele fique em sua maldita prisão por mais alguns milênios. Ah, isso sim vai lhe ensinar uma lição!

-Então Öron, o que acha? – perguntou Rílkare.

-Não estou certo que entendi tudo, mas não consegui ler mentiras aí. Ele falou com o coração, ainda que possua um coração endurecido...

- Ah, corta essa de coraçãozinho, seboso! Bom! Só não perdi meu humor, por que hoje é o grande dia. Vejo que reuniram uma boa tropa. Isso deve ser suficiente para dar cabo de Zeah e dos demais. Os desgraçados passam a noite em furiosa orgia, como sempre nas luas altas, e estão todos dormindo agora. Há poucos sentinelas e dei um jeito em

Nergon. Está longe procurando por prata que escondi. Há dois ogros preguiçosos, mas trinta humanos devem prestar ao menos para dar conta disso. Já os fedorentos de Ardívilla são fáceis de matar desde que não sejam estúpidos de atacar o corpo e braços. Basta furar o crânio, ou cortar a cabeça para desmontar os mortos-vivos. Tenho certeza de que até mesmo estúpidos soldados humanos poderão seguir essa diretriz. E teremos Alzaad, este sim poderá ser um problema. Mas vou trabalhar nisto...

- O Pug'a'wee? – indagou Öron.

- É... O maldito come-come pode ser bem perigoso!

- Deixem-no comigo – retrucou o silfo.

- Ah, cá-cá-cá-cá-rá! Que ótima piada, hein Conzão? – Cretàh se contorcia de tanto rir, sua pele clareando até um tom cinza pálido. – Essa vou querer mesmo ver! Um seboso trucidado pelo come-come!

Con acompanhava a conversa circunspecto.

- Escuta mocinho – Poul chamou o pirilampo sombrio – Minha esposa, Adria, ainda vive?

- Já não te disse, miolo de tábua? Ela está viva. Estão todas vivas. Ele precisa delas.

- Para que? – Poul quis saber.

- Olhe Poul – Rílkare se intrometeu – Não temos tempo para discutir. Precisamos agir. Ela está viva e é isto que importa. Rílkare queria poupar Poul, pois já sabia o que era feito com as mulheres capturadas. Era melhor que ele não soubesse ainda.

- Falou bem, barãozinho. Já te disse que gosto de você antes?

Rílkare deu com os ombros.

- É heroizinho... Você se mostrou muito ardiloso, ora, ora, isto sim! E no final de tudo, vai me devolver, não é? Como combinamos, ou então vai ter minha maldição que será repassada até a sua centésima geração.

- Não se preocupe Cretàh, nunca falto com minha palavra. Não vai ser hoje que isto vai mudar.

- Sim, barãozinho, meu herói. Hoje é o dia de erguer sua espada da verdade e destruir vilões, ah sim, malditos, malditos, vilões, ora, ora!

CAPÍTULO 58

Era bem cedo um dos aldeões encontrou Kyle desacordado, todo molhado, coberto pelo orvalho da manhã. Tentou despertá-lo sem sucesso e foi chamar o senhor e protetor daquela pequena comunidade. Pouco depois, chegou ao local um senhor muito alto e de idade avançada. Tinha uma rebelde e rala cabeleira branca que mal cobria a careca vermelha e lustrosa. Ele ajoelhou-se ao lado de Kyle e pinçou seu nariz enfiando os dedos nas narinas. Puxou até erguer a cabeça do rapaz do chão e com a outra mão abriu sua boca aproximou-se para olhar lá dentro.

- É – comentou com a meia dúzia de curiosos que o rodeavam – Não vai acordar. Vamos rapazes, uma ajudinha aqui.

Estes, muito prestativos, carregaram Kyle até a casa do protetor no entroncamento adjacente.

Kiorina despertou muito bem-humorada. Saiu de seu quarto e encontrou uma mesa posta para o desjejum que fazia inveja à nobreza de Lacoresh. Havia uma grande variedade de frutas, pães, bolos, uma jarra de suco vermelho e cheiroso, leite, mel, etc. Provou algumas daquelas iguarias agradecendo poder comer algo assim, após tanto tempo. Não comia bem assim desde o período em que esteve na casa de Melgosh, na ilha de Shind.

Gorum chegou com uma cara amassada de antes de ontem, mas disse bem humorado: – Dormir em uma cama! Nunca pensei que sentiria tanta falta... Ah, e bom dia, Kiorina.

Ela engoliu o pão e respondeu animada – Bom dia!

- Mas cadê o Kyle? – indagou o gigante ajeitando a barba despenteada.

- Não vi...

- Então o garoto madrugou... – Gorum sentou-se à mesa tentando se ajeitar no banco, baixo demais para sua altura. Comeu em silêncio deixando a mente flutuar entre diversos pensamentos.

- Contrastes... – murmurou.

- O que disse, Gorum?

- Ah, só pensei alto.

- Sobre?

- Contrastes. Dormir ao relento, ou em uma cama confortável. Não ter o que comer e ter uma mesa como esta. Gentileza e crueldade. Guerra e paz...

- O mestre Heirich dizia que as diferenças são o que definem as coisas. Não perceberíamos o frio sem o calor. É como se para que existisse a bondade, também seja preciso existir a maldade. Ele dizia que apenas o todo podia contrapor a dualidade.

- É? Mas e o nada? Não é o oposto de todo?

Kiorina riu. – Eu mesma fiz essa pergunta a ele.

- E o que ele disse?

- Que não há o nada. Que o bem e o mal são expressões do todo que é a manifestação da inteligência. O quente e o frio seriam apenas estados transitórios de uma substância, como a água.

- Bah, não aguento esse tipo de conversa. Para mim, isso só serve para dar nó na cabeça e perder tempo. No lugar disto, prefiro uma boa anedota. Ao menos além de se perder tempo, damos umas boas risadas.

- Bom, foi você quem começou...

- É, estou mesmo me tornando um velho resmungão – Gorum chacoalhou a cabeça e estremeceu.

- Que foi isso? – Kiorina estranhou aquela atitude.

- Nada. Só pensei que estou começando a ficar como meu pai.

- É? Você nunca me falou sobre ele...

- De certo. Sabe como é difícil falar dos pais... Digo, depois que já se foram.

Kiorina engoliu as lágrimas que pensar em seus pais provocavam. – Sim, eu sei.

- Bem, meu pai era ferreiro. E apenas ferreiro. Foi com ele que aprendi o ofício, desde a infância. Eu era o quarto filho, mas o primeiro homem. E meu pai, naturalmente, pensava que eu deveria seguir com o ofício da família. Brigamos feio quando resolvi seguir o pai de Kyle e entrar para o exército. Ficamos sem nos falar por anos até que ele adoeceu. Minha irmã teve praticamente que me levar à força. Em seus últimos dias, a única coisa de que o velho falava era sobre a oficina da família. Sobre a forja, as ferramentas, sobre a bigorna que tinha como apelido o nome de meu bisavô. Ele me disse que um dia eu me cansaria de ser guerreiro e que voltaria para a oficina. Que o fogo queimaria novamente. Eu fiquei quieto. Não pensava assim na ocasião, mas depois de alguns anos vi que ele estava certo. E mesmo nunca tendo voltado a atuar como ferreiro em

tempo integral, coloquei a oficina novamente para funcionar.

Kiorina enxugou as lágrimas – Que história triste.

- Você achou? Não vejo isso com tristeza. Ele sempre foi muito dedicado e inflexível como ferro. Ultimamente tenho pensado se teremos a chance de voltar ao nosso lar. Se a paz irá retornar ao reino e se poderei acender a fogueira mais uma vez. Se ainda terei tempo de arranjar um aprendiz... Temo que não, pois estamos longe demais e nosso lar já não é como antes.

- Talvez, um dia, possamos encontrar um novo lar... Talvez eu e Kyle... Se nos casássemos... Talvez tenhamos filhos... Você seria um ótimo avô.

Gorum deu uma de suas fortes gargalhadas – É, quem sabe? É uma boa aspiração para o futuro...

- E quanto a suas irmãs, ainda vivem em Kamanesh? Eu não as conheci.

- Não as vejo há muito tempo. Casaram-se. Todas as três. Havia um velho mercador do Baronato de Lersh que se hospedava ao lado da oficina de meu pai. Ele sempre trocava alguma mercadoria por serviços na oficina. Reparo das ferraduras dos cavalos e as rodas das carroças. Este velho tinha uma família grande. Seus filhos e netos vinham em viagens e uma a uma, minhas irmãs foram fisgadas e levadas de Kamanesh para Lersh. A última delas conheceu você, mas você era muito pequena para se lembrar. Foi ela que cuidou de Kyle até uns cinco ou seis anos de idade.

O que uma boa mesa de café não fazia? Aquela conversa poderia se estender por horas, mas a senhora que os hospedava chegou de fora com uma expressão aflita.

- O que houve, Sra. Phyllis? – indagou Kiorina.

- O rapaz que veio com vocês. Parece estar muito doente. Foi levado à casa do Mestre Whick – explicou a gentil senhora de meia idade. Ela usava um vestido estampado com cores vivas e um lenço branco cobrindo os cabelos.

Kiorina sentiu um aperto no peito e levantou-se – Doente? O que ele tem?

- Desculpe mocinha, mas não sei. Não cheguei a vê-lo. Soube há pouco que o encontraram desacordado lá fora após o alvorecer. Primeiro pensaram que estava dormindo, mas ele não acordava. Mestre Whick veio vê-lo e levou-o para sua casa. Venham, por favor, os levarei até lá.

A caminhada até o entroncamento seguinte levou cerca de vinte minutos. Sempre havia muitos olhares curiosos sobre a dupla de forasteiros. Kiorina orava para que Leivisa protegesse e iluminasse o caminho de Kyle. Temia que ele pudesse ter tentado ter contato com o Oráculo sozinho. Temia que ele se perdesse para sempre.

Chegaram à residência de Wbick. Subiram degraus delineados na gigantesca raiz até a entrada da casa construída para moldar-se ao relevo da árvore. Não havia uma porta como na casa de Phyllis, apenas uma abertura com um cortinado feito de panos coloridos, miçangas e outros penduricalhos como pequenos pássaros de papel dobrado ou bonecos e animais de pano com enchimento. Um tipo de decoração muito estranha para olhos lacoreses. As centenas de pedaços de madeira, vidro e outras pedras se chocaram produzindo um ruído peculiar na medida em que cada um dos três entrava na casa.

Havia um vestíbulo com uma estante repleta de sapatos. Kiorina reconheceu entre estes as botas de Kyle. Phyllis tirou suas sapatilhas e pediu aos dois que fizessem o mesmo. – Mestre Wbick é cheio de rituais... Por favor, não reparem.

Adiante havia outra passagem com uma cortina de centenas de pedaços de vidro colorido e polido que tintilava constantemente e ainda mais, quando os três por ali passaram. O chão da sala de espera era coberto por tapetes de pelos muito macios, brancos e cinzentos.

– Por favor, esperem aqui. – Phyllis indicou almofadas grandes e firmes que serviriam como assento. Gorum sentou-se e recostou-se, mas Kiorina ficou caminhando de lado ao outro roendo as unhas.

Phyllis retornou com uma travessa de madeira cheia de morangos-maça. – Sei que acabaram de tomar o desjejum, mas peço que aceitem alguns dos morangos de Mestre Wbick. É... mais um de seus rituais.

Kiorina sentia-se cheia, mas aceitou um e mordiscou. Era delicioso! A fruta a mais doce que já provara. Gorum aceitou um e olhou para Phyllis que riu e disse – Por favor, coma à vontade.

O cavaleiro apanhou mais alguns e os saboreou com os olhos fechados.

Kiorina indagou – Ele vem logo?

– Sim, mocinha, por favor, aguarde um pouco mais, ele disse que não vai demorar.

E feiticeira deu-se por vencida e sentou-se. Ainda assim, o tempo não parecia passar.

– Coragem mocinha, seu amigo não poderia estar em melhores mãos. Mestre Wbick é muito sábio e muitíssimo habilidoso. Não há nada que ele não possa resolver. Se alguém pode ajudá-lo é o nosso protetor.

– Obrigada – fungou Kiorina.

Um pouco depois ele chegou. Era um senhor idoso, muito alto e magro e de expressão simpática. – Bom dia, ou melhor, gostaria que fosse bom mesmo – o ancião mordeu os lábios – O que quero dizer é que seria melhor conhecê-los em melhores circunstâncias.

- Como ele está? – ela perguntou ansiosa.

- Muito quieto.

- Está mesmo doente? – perguntou Gorum.

- Bem, não. Seu corpo está muito saudável, eu diria. O problema está na mente. Como posso explicar? Está vazia.

- Como?

- É uma condição rara. Não vejo algo assim desde... Desde... Quando mesmo? Puxa, me desculpem, mal posso me lembrar. É a idade sabem? A memória me prega algumas peças. Bem, isto não importa! O fato é que a mente de seu amigo, digamos, parece ter ido passear e ainda não voltou.

- A mente foi passear? – Gorum coçou a barba. – Pensamentos vagueando tudo bem, mas isso?

Kiorina informou – Senhor Wbick, Kyle teve contato recente com o Oráculo de Shimitsu. Sabe o que é?

- O Oráculo? Ora, mas há muito tempo ninguém pode contatá-lo. Que curioso... Mas não. Não penso que isso seja por causa do Oráculo. Digame, seu amigo já manifestou o poder de visões?

- Sim. Não sabemos muito a respeito, mas isto começou a pouco menos de um ano.

- É como imaginei... Ele tem sorte. Se algo assim acontecesse no meio de uma viagem poderia lhe trazer problemas. Mas, felizmente aqui, podemos cuidar bem de seu corpo até que a mente retorne de seu passeio.

- Acha que ele vai retornar?

- Mas sim! Está muito longe, mas a ligação com o corpo ainda é robusta. Vamos aguardar.

- Quanto? – ela indagou ansiosa.

- Aqui, coma mais um morango. Vai acalmá-la.

Kiorina aceitou dando com os ombros. – Podemos vê-lo?

- Sim, mas depois. Por que não me acompanham para um passeio por Banzanac? É um lugar muito bonito. Conhecê-lo vai ajudar a passar o tempo até que seu amigo retorne.

Kiorina e Gorum concordaram e o seguiram para fora. Ele, apesar da idade, movimentava-se de modo jovial. Demonstrava ter muita energia e disposição. Depois de uma sonora e longa inspiração e expiração disse animado – Está um dia lindo, não?

Os visitantes não puderam discordar. Aquele lugar tinha mesmo uma beleza paradisíaca. Wbick mostrou-lhes os arredores da grande árvore e o passeio foi longo e agradável. Havia nove raízes de enormes proporções que definiam pequenos vales que os nativos chamavam de entroncamentos. Em cada um deles havia alguma maravilha em particular. Quando estiveram nos pomares, algumas horas depois de saírem, Kiorina e Gorum já se sentiam bastante à vontade com Wbick. Por onde passavam os moradores recebiam o velho mestre com misto de alegria e reverência.

Em dado momento ele indagou – Então, vocês vieram de Lacoresh... Há problemas por lá, não é mesmo? – Bastou isto para que Kiorina e Gorum contassem tudo pelo que tinham passado. E depois de muito escutar ele disse – Quer dizer que agora vocês decidiram ir ao Vale Verde?

- Sim, ao menos é isto que Kyle pensa ser melhor fazer de acordo com suas visões mais recentes.

- Eu gostaria de ver algo de sua terra natal, mas a com a Visão das Raízes, posso enxergar apenas nos Nove Vales deste continente, e nada no além-mar. – O velho ruminou coçando a orelha e prosseguiu – Suponho que seu amigo esteja certo. Há um mal antigo ressurgindo na floresta obscura do Vale Verde. Algo que não se vê há muitos milênios...

- O senhor fala como se realmente soubesse de coisas assim, tão antigas.

- Temo saber... Não sobre tudo, mas sei de muita coisa...

- O senhor deve ter uma biblioteca e tanto aqui em Banzanac. Posso visitá-la?

- Biblioteca? Oh, não. Tenho alguns livros, sim. Mas nada como uma biblioteca. Ah sim, agora entendo sua dúvida. Eu vivi a história... Acho que sou como um museu vivo, um dos poucos que ainda restaram da linhagem dos Primeiros Homens. Nasci muitos milênios antes da Grande Guerra que aniquilou meu povo. Não há mais que um punhado de sobreviventes. Eu tive sorte de ser escolhido para cuidar do santuário de Banzanac. Por outro lado, este lugar se tornou uma prisão para mim. Se eu sáísse, morreria, assim como os demais.

O queixo de Kiorina caiu. Não podia crer naquela revelação. Examinou o velho

imaginando como seria viver por tantos milênios.

- Viver tanto assim pode parecer algo extraordinário. Não vou reclamar, mas depois de tanto tempo, tantas memórias... tudo começa a ficar embaralhado. Chego a duvidar de algumas lembranças sem saber se são legítimas ou apenas pura confusão.

- Senhor Wbick, por favor nos ajude! Se vamos mesmo enfrentar este inimigo antigo, poderia nos falar um pouco sobre ele?

- Sim, um pouco... Creio que sim. Mas não confie demais em meus relatos. Adquiri a tendência de apagar de minha memória pensamentos e fatos terríveis. Mesmo sob esforço, muitos detalhes me escapam. Vamos descansar um pouco.

Wbick sentou-se em uma das raízes capilares da árvore e indicou que fizessem o mesmo.

- Penso que um povo só conseguirá realmente valorizar a paz depois de conhecer os horrores das guerras. E no passado, antes da grande guerra contra as hordas de demônios que invadiram nosso mundo, pode-se dizer que muitos povos ainda não conheciam esses horrores. Naquele tempo, os deuses caminhavam entre nós e ocasionalmente interferiam nos conflitos dos homens. A vinda do demônio Marlituk, muitos mil anos antes das hordas e da grande guerra foi algo meu povo, inicialmente, não tomou conhecimento. Muito depois vieram os efeitos.

Marlituk, assim como outros demônios, não detêm grandes poderes em si mesmos, mas à medida que arrebanham pessoas para seus propósitos malignos, seu poder cresce. Ele ficou conhecido como Corruptor e durante muito tempo sua existência neste mundo foi ignorada. Ele agia através de seus espectros. E estes, encontravam pessoas propensas à corrupção, estimulando nestas a cobiça, egoísmo e outros tantos vícios. Foi assim que sutilmente causou a guerra entre o Império dos Vetmös e o antigo Império Élfico. Meu povo, os Hölmos, não se envolveu neste conflito até que Marlituk se revelou. Seus principais e mais leais servos foram convertidos em criaturas inumanas dotadas de poderes sobrenaturais. A corrupção do demônio que começa sempre pelas emoções, aos poucos se revertia à forma física. Houve relatos de intervenção divina, principalmente do deus guerreiro Arnemon.

- Arnemon? – indagou Kiorina.

- Sim, creio que seu povo se refira a este como Aianaron. Houve uma terrível batalha em que Arnemon liderou os exércitos de meu antigo reino,

Vellistrë, dos elfos e dos Vetmös contra Marlituk. Ele foi subjugado e aprisionado sob o templo da grande Ilm'Taak e lá permanece até os dias de hoje. Como naquele ditado: ele é o tipo de mal que deve ser extirpado cortando pela raiz.

- O que mais sabe sobre ele?

- Era um monstro horrendo. Seu corpo crescia e se deformava na medida em que consumia almas. Foi dito que muitos dos que participaram do confronto direto com este, enlouqueceram. Tal criatura é algo que os homens deveriam evitar conhecer. Uma criatura que teria escapado dos planos abissais contra a vontade de outros demônios e criaturas que lá habitam.

- Ele tem algum ponto fraco? Como o derrotaram?

- Infelizmente não sei nada sobre isto. Nunca fui um guerreiro e me desculpem, mas já falei demais sobre coisas tão ruins. Não devemos nos estender sobre assuntos assim. Vamos adiante, sim? – disse sorridente, deixando para trás a sombra que se estabeleceu em sua face ao falar daquilo.

Já era tardinha quando chegaram ao entroncamento onde estavam hospedados. Puderam ver ao longe um agrupamento de pessoas na encosta do tronco. O imenso tronco subia, primeiro de forma suave, e depois, abrupta. Neste pequeno intervalo formava-se uma ladeira. As pessoas pareciam curiosas e estavam reunidas abaixo de um ponto, a meia altura da subida.

- Mestre Wbick, veja! O que é aquilo? – indagou-lhe um rapaz vigoroso que usava uma das típicas roupas de algodão cru, tecido que viram sendo produzido em um dos vilarejos. Ele era vigoroso e possuía longos cabelos castanhos.

Wbick aproximou-se, tendo que se curvar para escalar por entre as reentrâncias do tronco até chegar ao local. Foi seguido por Kiorina, mas Gorum não se animou com o aclave decidindo ficar lá embaixo.

O estranho objeto que todos observavam era bastante incomum. Kiorina logo percebeu que havia uma forte irradiação de magia além dos sutis efeitos de luz. Era uma forma oval com cerca de um metro de altura. Tinha o aspecto translúcido como de certas frutas após serem descascadas. Era orgânico, pois havia muco e muitos veios pelos quais circulavam lentamente um líquido luminoso de multicores.

- Seria algum tipo de fruto da árvore? – sugeriu a feiticeira.

- Não, minha cara. Mas é algo que está se beneficiando da energia da

árvore para crescer.

- Como um cogumelo mágico?

- A comparação não é de todo imprópria.

Kiorina soube que aquilo era novidade para os habitantes de Banzanac. Esperavam por algum esclarecimento do sábio. Era mesmo uma coisa fascinante e bonita de se ver. Um mistura de arco íris e flor. Os locais, ansiosos, perguntavam a Wbick simultaneamente.

- O que é, mestre Wbick? – disse uma mulher.

- A árvore está doente? – quis saber um menino.

- Isto é obra dos forasteiros? – indagou um homem.

Wbick ergueu a mão esquerda e logo todos silenciaram.

- Isto é um casulo. Há um ser em seu interior que está passando por grandes transformações. Peço que não o toquem e que deixem a natureza seguir seu curso. Terão de aguardar para vermos o que virá para termos a curiosidade saciada, combinado?

- Que ser é este? – perguntou o homem de cabelos longos.

- Pode ser perigoso? – indagou a mulher.

- Por hora já chega... Vão! Desçam. Voltem a seus afazeres. – disse com firmeza. – Eu ficarei para investigar um pouco mais e preciso de silêncio para tal. Não se preocupem, cuidarei disto.

Todos desceram, exceto uma menina que indagou – posso ficar, vovô Wbick?

- Sim, se prometer ficar quieta. – respondeu num tom afável tocando a bochecha dela.

A menina sorriu e sentou-se de cócoras mantendo os olhos vidrados no casulo luminoso.

- Há quanto tempo não vejo algo assim? – ele pensou alto.

Kiorina aproximou-se para vê-lo mais de perto e tomou um susto quanto algo se moveu dentro deste. Pensou ter visto a forma de uma mão que avançou contra a superfície e depois recuou. Ela já vira insetos saírem de casulos, mas que tipo de inseto teria uma mão de forma humana?

CAPÍTULO 59

Dali podiam avistar a torre negra. A clareira ficava numa região rochosa cheia de vegetação rasteira com algumas poucas árvores irregularmente distribuídas. Estas projetavam sombras que quebravam a claridade intensa do local. A torre erguida com blocos de rocha escura, quase negra, se destacava contra o céu iluminado. O telhado também era escuro e pontiagudo. Na lateral havia uma janela circular usada para observar astros. A torre era a parte mais alta de um pequeno forte cercado por muralhas de rocha cinzenta que pareciam pertencer a uma construção mais recente. Um fio de fumaça escura subia do interior da muralha proveniente de uma chaminé que não podia ser vista dali.

Não havia nenhum vigia à vista. Cretàh havia informado que a segurança da torre da bruxa era negligente. Ele disse com prazer nos lábios – Só perceberão o ataque assim que estivermos sobre eles.

As tropas se dividiram. Danke levou seus homens e Skallurè para o flanco direito da fortaleza, enquanto o Capitão Timas conduzia os homens de Balish para o flanco esquerdo. Assim que os dois grupos chegaram até uma posição avançada, Rílkare e os demais seguiram direto para o portão. Vestiam capas que escondiam as armas e tinham grilhões falsos nos pescoços e braços. Vinham sendo conduzidos por Con e Cretàh.

-Abram em nome da mestra – silvou o pequeno pirilampo fazendo sua voz aguda soar amplificada. – Trago prisioneiros.

-Abra! – veio uma voz embriagada e rude que soava como um latido – É Sir Mosquito, trazendo prisioneiros.

As correntes se arrastaram e o portão foi suspenso lentamente até travar.

- Andem, seus molengas! – comandou Cretàh, mas Rílkare, Poul e Öron caminharam lentamente para dar tempo aos soldados e mercenários de se aproximarem.

Noran estava apreensivo e acompanhava o grupo, mas chegou ao limite do quanto conseguia avançar. O ambiente do mundo invisível perto da fortaleza era pesado. Isso fazia se sentir como se pesasse duzentos quilos. Centenas de espectros malignos volitavam no local e ao redor da torre negra. Era uma visão perturbadora. Noran ainda tentou avisar a Öron e a Poul – Não entrem! Por favor, voltem enquanto há tempo.

Poul estava obstinado e acreditava no plano. Em sua mente apenas cabia um pensamento: salvar sua esposa. Noran tentou prosseguir, mas a pesada energia bloqueou seus movimentos. O ar era cada vez mais denso, escuro e viscoso como

piche grudento. Fez a única coisa que lhe restava. Ficou observando e rezando pelo sucesso da empreitada. Os quatro finalmente cruzaram o portão e revelaram-se aos guardas do interior.

- O que temos aí, hã, Sir Mosquito? – indagou o brutamonte inumano da raça bestial que naquelas bandas era conhecida como Wertha. Era esguio, musculoso e alto. O padrão da pelagem era cinzento rajado de negro. No lugar de um nariz, o focinho preto de onde escorria um pouco de muco e as fileiras de dentes incisivos eram avantajadas e serrilhadas. Ria-se com uma explosão de escárnio.

- Mas o que?! – O bestial espantou-se ao ver Rílkare desembainhando sua espada. As correntes ilusórias dos prisioneiros se dissolveram. Antes que Rílkare avançasse contra a criatura, Con disparou uma seta certa que perfurou seu crânio fazendo-o tombar.

- Adiante homens! – bradou Rílkare com sua espada erguida.

Os soldados comandados por Timas correram para dentro da fortaleza com as armas em punho. O pátio interno era amplo e sujo. Fedia a estrume, ou coisa pior. Sobre o piso de pedras irregulares e desgastadas havia poças de lama. Dois ogros enormes surgiram adiante atraindo a atenção da tropa. Vestiam placas de metal amarradas precariamente a seus corpos volumosos e sobre as cabeças vestiam algo como grandes baldes de metal. Armaduras toscas e improvisadas, mas que cumpriam o papel de desviar a maior parte da saraivada de flechas atiradas pelos homens de Balish. Umas poucas setas que atingiram o alvo não causaram ferimentos sérios, entretanto despertaram a fúria das criaturas para a batalha eminente.

Con se arrependeu de ter disparado contra o Bestial, pois agora tinha que recarregar sua besta. Tinha confiança que poderia ter acertado a fenda dos enormes elmos. Se preparava para isto quando veio uma segunda saraivada de flechas traidoras vindo da retaguarda. Os homens de Balish foram atingidos pelas costas pelo grupo de mercenários de Danke Furioso e de Skallurè.

- Traição! – gritou um dos soldados atingido no ombro. Sete homens tombaram e agora, os demais, viam-se cercados.

Adiante surgiu uma tropa de mortos-vivos que caminhavam obedientes ao som uma agitada melodia de uma pequena harpa. Saltando a partir do parapeito de uma estrebaria a criatura estranha e peluda com o porte de um leão caiu rugindo de satisfação e salivando. Era o Pug'a'wee que haviam encontrado nas proximidades de Ilm'taak.

Örion sentiu seu coração gelar, o medo lhe arrebatou a alma e em seguida seu coração disparou. Sempre soube que não podiam ter confiado em Skallurè.

Rílkare deu as costas para os inimigos da torre negra e correu para Skallurè gritando – Maldito traidor! Confiei em você!

- O mercenário cuspiu escárnio – Viu Danke, eu não disse que ele cairiam pela história da sua garota? Há! Venha Krenov, vou te mostrar o gosto que o aço tem! – E avançou erguendo a espada sobre a cabeça. O mercenário observou o avanço raivoso e descontrolado de Rílkare e o aguardou com seu ódio temperado e sob controle. As espadas se chocaram, uma e duas vezes, juntando-se aos sons da batalha ao redor.

Danke Furioso matava os soldados de Balish girando seu pesado martelo de combate como se fosse um brinquedo. Os demais mercenários se batiam contra os soldados em condição numérica equivalente.

Con advertiu – Poul, o portão!

O grandalhão virou-se e viu que dois bestiais estavam a poucos passos da roda que controlava o portão. De onde estava, arremessou seu machado que cravou-se certo nas costas de uma das criaturas. Sacou sua segunda arma, uma espada curta, e correu. O bestial destravou o mecanismo fazendo o portão descer lentamente. Antes que tocasse o solo, Poul conseguiu travar o mecanismo com sua espada. Ficou desarmado para confrontar o bestial.

No lado oposto, o Pug'a'wee abriu sua bocarra e seu rugido sobrepujou os sons da batalha. – Vou comer aço e carne! – E saltou para cima de Con, que para escapar atirou-se no chão escapando por pouco. Öron sacou um punhado de pó de sua sacola a tira colo e convocou um jato de ar para enviá-lo contra o focinho do Pug'a'wee. A criatura reagiu com uma tosse intensa, engasgos e pigarros que tinham sons grotescos. Isto a deixou incapaz de atacar por alguns instantes.

Cretàh, ciente de que sua traição estava evidente, fez a única coisa que lhe cabia, fugir, voando para o alto. Um intenso raio de energia de verde veio de uma das janelas da torre e o atingiu em cheio. Cretàh soltou um grito e caiu rodopiando como um mosquito tonto.

Um dos ogros finalmente chegou até a fronteira do combate e baixou sua clava contra Öron. Este correu para o lado e deu a mão para ajudar Con a ficar de pé. A clava atingiu o piso fazendo soar um forte baque.

- Ogro estúpido – veio da janela da torre uma voz feminina potente – Não entendeu minhas ordens? Eu disse, matar os soldados e capturar os demais e não o contrário.

Perto do portão, a luta virava a favor dos soldados de Balish quando alguns mercenários de Danke recuraram e resolveram fugir enquanto era possível. Estes nunca haviam visto ogros e tão pouco mortos-vivos. Danke agora enfrentava três soldados e recuava lutando na defensiva.

Poul combatia o bestial de pelagem marrom no mano a mano. Depois de tomar uma mordida no antebraço, o lenhador segurou o inumano pelo pescoço e pressionou-o contra o muro. Este se debatia, arranhava e rasgava os braços de Poul com suas garras afiadas. Poul deixou o bestial asfíxiado cair de lado e foi imediatamente buscar seu machado.

O embate entre Rílkare e Skallurè caminhava para seu desfecho. O nobre havia recebido dois golpes, um no braço esquerdo e outro na coxa que faziam correr sangue, mas sem deixá-lo fora de combate. O mercenário estava confiante em sua vitória, pois Rílkare recuava cada vez mais para perto da linha de inimigos que estava às suas costas.

Örion e Con recuraram um pouco se beneficiando dos momentos que o ogro levou para reavaliar suas ordens. O silfo convocou um feitiço sobre o solo movendo a lama e depois fazendo-a endurecer ao redor dos pés de um grupo de zumbis já perigosamente próximos. Em seguida, projetou lama contra os olhos do outro ogro que se aproximava dos demais soldados. Devido à visão limitada que este tinha através de seu elmo improvisado, não chegou a desviar a cabeça recebendo a lama direto nos olhos. Con dava cobertura a Örion, para o caso de algum outro inimigo se aproximar. Com o calor da batalha aquecendo o sangue do jovem silfo, veio-lhe um instinto para luta que aflorou das profundezas de sua mente. Örion sentiu-se calmo e abaixou-se para tomar a espada de um soldado caído. Com ela em mãos, pôs-se a lutar com habilidade singular. Eram as habilidades em combate de Kyle que sobrevinham na medida em que suas mentes se fundiam. Ele saltou para cima do ogro que retirava o elmo para esfregar os olhos. Tomou impulso pisando num zumbi que derrubou e depois nas próprias pernas do ogro. A espada entrou certa pela garganta, abaixo do queixo e seguiu até atingir o cérebro. O ogro estremeceu e tombou. O inesperado surgimento da mente guerreira de Kyle foi perceptível a Noran que passou a observar o fato com interesse. Esforçou-se para enviar um grito psíquico – Kyle! Pode me ouvir?

Porém, não houve sinal algum de resposta. Con olhou para Örion incrédulo e atirou setas fulminantes contra as cabeças dos zumbis que se aproximavam em grandes números. Ao mesmo tempo, Örion avançava com passos calculados contra estes oponentes decepando-lhes as cabeças como se fosse algo trivial.

Com a continuação do conflito, a mente de Kyle se erguia sobrepondo aos poucos a do silfo. “O que está havendo?” chegou a pensar, mas seus pensamentos recuavam ante a necessidade de defender-se e contra-atacar. “Não importa!” Concentrou-se na batalha. Finalmente, pode escutar a voz de Noran.

-Kyle, aqui!

Ele olhou através da confusão da batalha e viu a figura tênue de Noran. Seus olhares se cruzaram por um instante, mas logo voltou-se para o combate. Noran

soube que agora era ouvido, concentrou-se para materializar um gancho psíquico e o lançou. – Kyle, segure isto! Você precisa sair daí enquanto há tempo!

O gancho imaterial zuniu atravessando o portão e as pessoas ignorando sua constituição material e densa. Kyle agarrou-o e seu corpo espiritual surgiu saindo de Öron. Noran trouxe-o para si com um forte impulso. Kyle indagou atordoadado – O que está havendo?

Antes que Noran pudesse responder, ambos foram puxados por uma incrível força de volta ao corpo de Kyle que descansava inerte há centenas de quilômetros dali. A viagem durou apenas alguns instantes e Noran, agarrado ao cavaleiro, abandonou Öron e os demais para confrontar seus destinos. Öron sacudiu a cabeça, confuso e sem entender o que havia se passado. De um momento para outro, sua coragem e capacidade de lutar se esvaíram. Foi quando olhou adiante e viu uma figura que avançou célere pelo pátio com graça felina. Seus olhos se iluminaram e ele murmurou – Keledrel! Está vindo nos salvar...

Mas o encanto se quebrou quando o silfo saltou para dentro do combate derrubando os soldados que ainda resistiam contra os mercenários e mortos-vivos. O silfo girava com leveza derrubando um soldado a cada golpe de sua espada esguia e afiada.

Poul veio imediatamente ao socorro de Rílkare – Senhor Krenov!

Skallurè castigava lentamente o nobre com sua habilidade superior de espadachim. O rosto de Rílkare estava coberto de sangue que escorria de um ferimento na testa. Mal conseguia se defender.

Skallurè virou-se para confrontar Poul na última hora. Sua defesa não bloqueou de todo o machado que zuniu contra ele. A lâmina mordeu o braço do mercenário e esmagou o osso. A dor lancinante fez Skallurè tontear e cair sentado. Poul pensou em dar mais um golpe para acabar com o traidor, mas faltou-lhe coragem. Foi ao auxílio de Krenov. – Venha senhor! – Puxou-o em direção ao portão.

Öron e Con vinham logo atrás e curvaram-se, preparando-se para passar pela abertura que restava do portão. Mas há apenas dois passos deste, o portão voltou a se mover e fechou abruptamente. Olharam para trás e já não havia soldados de pé. Keledrel tinha em mãos a espada que Poul havia usado para travar o mecanismo. Deixou-a de lado e encarou o antigo companheiro. Öron estremeceu ao ver o olhar frio e maligno em seus olhos. Era um olhar vívido que contrastava com o semblante sem expressão que apresentava. De certo estava sob um feitiço semelhante ao que Cretàh havia aplicado em Con. Ele disse – Rendam-se, ou serei forçado a feri-los.

Öron sentiu que ainda restava alguma compaixão em Keledrel.

Rílkare reconheceu a derrota e atirou no chão sua espada. Poul seguiu o exemplo, mas Con hesitou, pois tinha o silfo adversário na mira de sua besta. Baixou-a, mas antes de soltá-la mudou de ideia dando um tiro rápido que seria certo e letal. Con

era exímio atirador, entretanto, contando com reflexos supra humanos e anormais, até mesmo para um silfo, Keledrel conseguiu desviar-se apenas o suficiente para salvar seu olho esquerdo. A seta rasgou-lhe a bochecha e depois partiu sua orelha. O silfo deu um gemido contido e avançou contra Con. Sua lâmina zuniu decepando-o impiedosamente.

Örion gritou horrorizado – Não! Não!

Caiu de joelhos em prantos sentindo-se profundamente culpado. Havia desobedecido ao seu avô e ao conselho de anciãos. Agora estava cativo das forças malignas. Seu dever era apenas deixar o Vale Verde e viajar até a antiga Nelfária em busca de ajuda. “Eles estavam certos sobre mim. Não sou nada além de problemas”. E o pior, os inimigos colocariam as mãos no Livro de Aznevendur. Finalmente, deixou seu corpo amolecer afundando a testa contra o chão lamacento.

Rílkare encarou Skallurè que ficava de pé com a ajuda de Danke Furioso. Apenas outros dois mercenários haviam sobrevivido, mas na lógica deles, isto significava apenas um prêmio maior.

Uma figura chamou a atenção de Rílkare e Poul emergindo do meio do bando de zumbis, parados como estátuas. Keledrel curvou-se diante de sua presença, assim como outros. A mulher de pele muito branca, vestida em calças e um casaco de couro negro e fosco, tinha cabelos acobreados e presos acima da cabeça num farto coque. Seu rosto era cheio e firme, as sobrancelhas grossas conferiam-lhe um aspecto masculinizado, mas ainda assim, era uma mulher atraente a seu próprio modo. A mulher tinha o caminhar leve e gracioso como o de um silfo. Usava botas altas, acima dos joelhos. Caminhou até Örion e curvou-se, tomando o rosto do rapaz e envolvendo as bochechas com as mãos. As mãos não sinalizavam a mesma idade que seu rosto. Eram muito manchadas e tinham veias azuis protuberantes. Tinha unhas longas e pintadas de preto.

- Ora, não chore assim, meu bravo rapaz. – disse a mulher com uma voz suave e rouca lembrando notas graves de uma flauta de madeira. – Zeah vai cuidar de você.

Örion olhou-a sentindo suas entranhas se contorcendo.

- Venha, senhor Poul, logo lhe devolverei sua esposa, Adria.

- Verdade senhora? – Poul emocionou-se.

- Sim. E vocês três, meu bravos, servirão a mim e ao meu senhor. Venham, meus caros, e sejam bem-vindos!

CAPÍTULO 60

Alguns dias se passaram e o entroncamento em que Kiorina e Gorum se hospedavam tornou-se bastante movimentado. Moradores de outros vilarejos vinha para ver o misterioso e belo casulo. Coincidência, ou não, na mesma noite em que Kyle despertou de seu longo sono, o casulo se rompeu, sem ninguém por perto para ver o que saiu.

O rapaz abriu os olhos, mas não era capaz de mover o corpo. Estava escuro e a única sensação que tinha era de estar deitado numa cama confortável. A memória do confronto na fortaleza da torre negra ainda persistia, causando confusão. Outros pensamentos e memórias galopavam pela mente de Kyle causando-lhe aflição. Sua respiração ficou acelerada e seu corpo transpirava. Em seguida, começaram as convulsões, e com o barulho Wbick veio até o local. O ancião tocou Kyle e disse – Pode me escutar, rapaz?

Quando não houve resposta, Wbick saiu apressado para retornar logo em seguida. Kyle se contorcia e dizia coisas sem sentido. O velho forçou-o a tomar uma bebida amarga feita da seiva da grande árvore. Tratava-se de um forte calmamente que logo dissipou as convulsões. Wbick tentou comunicar-se mais uma vez e obteve a resposta em sílfico – Meu nome é Öron, onde estão Rilks e Con? Por que Keledrel nos traiu?

-Vamos, Kyle de Lacoresh, volte a si! Sua mente está confusa.

O que Kyle fez em seguida deixou Wbick ainda mais surpreso. Sentou-se encarou-o nos olhos e falou na língua morta do povo de Wbick, já extinto – Weinerbik Pristimos? A Cidade Branca sucumbiu! Nosso rei foi capturado. Eu não pude protegê-lo! O que será de nosso povo?

O ancião se arrepiou todo e tossiu. Concentrou-se e disse – Nosso povo encontrou o fim de um ciclo, assim como todas as coisas da criação.

Apenas por poucos momentos, outras mentes contidas no profundo inconsciente de Kyle vieram a tona, cada qual, falando sua língua peculiar. Ele voltou a falar lacorês – Archibald, meu amigo, eu vi o futuro. Você estava certo. Não podemos lutar contra o destino.

Kyle virou-se bruscamente e disse – Noran, é você? – olhava para um ponto vazio e Wbick acompanhou o olhar, pois sentia vindo dali uma forte presença. Kyle voltou-se para o velho sentado ao seu lado e disse – Quem é o senhor? Onde estou?

-Sou Wbick e está em minha casa. Consegue se levantar?

Kyle se esforçou. Sentia as pernas fracas, mas conseguiu ficar sentado e levou as mãos à testa – Ai, que dor de cabeça.

Wbick ajudou-o a ficar de pé – Vamos dar uma volta. Caminhar vai lhe fazer bem.

Kyle foi conduzido pelo ancião para fora da casa. A cabeça doía e as ideias se embaralhavam. Reconheceu aquele ambiente, mesmo sendo noite. As partículas translúcidas caíam do alto. Aquilo ativou sua memória.

- Eu estava com a pequenina... E, apaguei. Para onde ela foi? Onde estão Kiorina e Gorum?

- Seus amigos estão bem, mas não sei desta pequenina...

- É uma fada.

- Fada? Ora, mas que curioso. Não vejo uma há séculos.

Kyle franziu o cenho e concluiu que o velho falava em sentido figurado. Caminharam em silêncio aproveitando os ares noturnos. O efeito visual do chuvisco luminoso que emanava as folhas da árvore relaxavam o rapaz. Wbick o conduzia para o local onde estavam hospedados os demais. Aos poucos, a dor de cabeça se dissipou e a confusão mental recuou dando lugar a uma forte angústia. Isto, comparado ao estado mental anterior, era um alívio. Viram ao longe as luzes da vila em que estavam Kiorina e Gorum. Imagens e experiências vividas pelo rapaz foram aos poucos se ajustando em sua mente.

- Senhor Wbick?

- Sim, meu jovem, pode me chamar apenas de Wbick.

- A morte não é o fim, não é mesmo? Aprendi isto já na minha formação quando frequentava a igreja de minha terra natal.

- Sim, é nisto que muitos acreditam. Embora não haja consenso quanto ao que acontece depois.

- Verdade. Em Lacoresh, as pessoas acreditavam que depois da morte seguimos por dois possíveis caminhos: ir para a Morada dos Deuses, ou cair no Abismo dos Tormentos. Depois, aprendi sobre a crença dos tisamirenses. Eles acreditam no Ciclo do Eterno Retorno. Que morremos e depois renascemos, nos esquecendo das vidas anteriores. O que vivi recentemente me faz crer nisto, cada vez mais. Aqui vocês possuem crença semelhante?

- Sim. São as Jornadas dos Múltiplo Sonhos. Oportunamente, poderei instruí-lo a este respeito. Mas antes, poderia me falar sobre as experiências que vivenciou? Pelo que notei, você acabou de retornar de uma viagem onírica.

Kyle parou procurando organizar os pensamentos, mas não conseguiu dizer nada

por um longo tempo. Wbick ficou de cócoras e furou o solo com os dedos. Uma planta brotou e cresceu velozmente. O galho converteu-se num tronco grosso em poucos minutos moldado pelo toque do ancião. Cresceu na diagonal com galhos e mais galhos surgindo até formar uma árvore de pequeno porte, mas com um grosso tronco rasteiro. O velho subiu e recostou-se no tronco, como se fosse um assento. – Sente-se ali – indicou uma posição para Kyle. – Coma um fruto e conversemos com calma.

Ele ficou impressionado com aquilo. Subiu e encontrou um local confortável para assentar-se. Veio mais um longo silêncio até que Kyle encontrou as palavras e fez um longo relato de suas experiências como Öron. Falou sobre as visões de futuros que o Oráculo lhe revelou e até mesmo um pouco sobre as memórias que emergiram sobre a cidade branca e da terrível invasão que sofreu por hordas demoníacas. A conversa seguiu por muitas horas madrugada adentro. Aos poucos, a mente de Kyle absorveu boas energias daquele santuário dissipando a confusão. Ele pode compreender melhor as visões e experiências extra-sensoriais que vivenciou.

Não fosse pela interrupção, a conversa poderia ter se estendido até o raiar do dia. Kyle percebeu que alguém se aproximava. Só puderam ver que era uma mulher quando estava bem perto. Wbick convocou uma luz branda que emanou das folhas da pequena árvore onde estavam sentados. Revelou-se uma mulher jovem, belíssima e completamente nua. Tinha a pele muito clara, longos cabelos negros que desciam encobrendo os seios e alcançando a altura da cintura. O coração de Kyle disparou quando pode reconhecer suas feições. Era quase idêntica à imagem de sua esposa em um vida passada. Recordou-se de seu nome: Lilástrata. Porém, possuía linhas delicadas ao redor dos olhos por onde corria tênue luz de multicores e orelhas ligeiramente pontudas com as de um silfo diferenciando-a da Lilástrata original. Ela sorriu inclinando a face revelando uma expressão idêntica. As grossas sobrancelhas se arquearam do mesmo modo.

-Lilástrata? É você? Estou sonhando ou tendo uma visão?

-Sim, sou eu quem um dia foi Lilástrata, sua esposa, mas que, assim como você, mudou tanto, ao viver outras vidas.

Kyle sentiu uma forte emoção, pois era um reencontro que ocorria pela primeira vez em milhares de anos. O laço entre os dois fora tão forte que nunca se rompeu. E talvez, por isso, estivessem ali, reunidos, uma vez mais. Ele saltou da árvore e envolveu-a num longo e apertado abraço. Ambos estavam chorando. As feições de Kyle não eram as mesmas de outrora, mas algo ainda estava presente em seu olhar.

Wbick desceu da árvore e ofereceu à moça o manto que vestia por sobre calças e camisa simples. – Vista isto para aquecê-la.

Lila aceitou e franziu o cenho procurando reconhecer aquele rosto que lhe parecia familiar.

- Já é tarde e vou me recolher – disse o ancião – vocês dois terão muito sobre o que conversar.

Depois que ele se foi, recaiu sobre o casal uma sensação de estranhamento, pois possuíam apenas memórias rudimentares daquela outra existência, fortes sentimentos, mas talvez, pouco assunto para conversar.

Kyle disse – Quando o ataque veio sobre a cidade, lutei, mas acho que acabei morrendo. E você? Lembra-se do que aconteceu?

- Não muito. Não tinha memórias de nada disto até despertar aqui. Sabia apenas de minha existência em meu lar, um lugar bonito e cheio de paz, do qual já havia lhe falado quando navegávamos. Quando despertei do longo sono, energias me invadiram e com estas, visões. Eu fiquei confusa e quando me dei por conta do que me acontecia, estava mudando. Como é natural para as criaturas de minha raça, teci um casulo para mudar de corpo, e despertei neste. Depois, minhas ideias começaram a se acomodar. Entendi que tive outras vidas antes desta e que em uma delas, fui sua esposa. Nossa terra era bonita e pacífica, mas não existe mais. Lembro de viajar com muitos refugiados de nossa cidade até chegarmos numa cidadela, ou templo em terras geladas ao sul. Havia proteção entre as torres de cristal e depois... Ah sim! A luz misericordiosa nos acolheu. Nos perdoou. Nos deu uma nova chance longe desta terra, longe destas belas luas. Eu poderia ter ficado, mas a luz... Era tão calorosa, tão pacífica. Me desculpe, estou falando e falando, mas vejo que nada disso faz muito sentido.

- Sim, as coisas mudaram. Os deuses nos deram uma nova chance.

- Sinto-me tão confusa! Não sei o que pensar. Não sei como agir.

Kyle tomou-a pelos braços e trouxe-a para perto de si.

- Não se preocupe. Nos encontramos num santuário... Haverá tempo...

Uma forte atração recaiu sobre o casal que se beijou. Estavam juntos, mais uma vez, e por hora, era tudo o que importava.

Ficaram juntos até o alvorecer. Nesta hora, Lila ficou eufórica. Escalou o tronco nodoso da grande árvore. Seu corpo era mais leve e ágil que de um humano. Já não podia voar como em sua forma de fada, mas escalava com facilidade e rapidez. Tinha o desejo intenso de ver o sol nascer do topo da árvore. Kyle achou a ideia absurda e riu. Em resposta, ela subiu com determinação.

Kyle lembrou-se de Gorum e Kiorina e decidiu ir procurá-los. Voltaria a ver Lila mais tarde. Seguiu para o vilarejo indicado por Wbick. Olhava para trás, de vez em

quando, para ver Lila como um pequeno ponto, subindo mais e mais no imenso tronco.

A sensação fabulosa que sentiu naquela madrugada dava lugar a um peso nos ombros na medida em que se aproximava da vila. Havia um aperto na garganta. Incerteza. Vontade de sumir.

Procurou informações com os locais e rapidamente foi direcionado para a casa da senhora Phyllis, onde encontrou Kiorina e Gorum sentados ao redor de uma farta mesa de café da manhã.

Kiorina saltou e quando ele se deu conta já estava pendurada em seu pescoço. – Kyle! Você acordou!

O rapaz recebeu-a com certa rigidez e Gorum pode ler por sua expressão corporal que algo estava errado. O gigante se aproximou e deu um tapinha no ombro – E então, garoto? Você está bem?

Kyle sentou-se e ficou calado. O silêncio durou.

- Vamos Kyle, diga algo! Estou ficando preocupada!

- Não se preocupe. Eu apenas não sei por onde começar... O que aconteceu comigo... Ainda é demais para minha cabeça...

Os dois ficaram sérios ao perceber sua postura tensa e modo de falar lacônico.

- Sei que poderão considerar isto desonroso, mas desisti.

- Desistiu? De que? – quis saber Kiorina.

- Não quero voltar a Lacoresh. Nem mesmo ira de encontro ao monstro que mencionei. Não quero mais lutar contra o mal. Vou ficar aqui em Banzanac pelo resto de meus dias.

Aquilo foi um golpe duro em Kiorina. De algum modo, tudo que havia suportado se baseava na ideia de que aquela jornada tinha algum significado. Que conseguiriam salvar Lacoresh, derrotar os necromantes, fazer justiça.

- É brincadeira, né Kyle? – ela retrucou sem acreditar no que ele havia afirmado.

- Não, Kiorina. Simplesmente descobri que não vale o sacrifício. Retornar a Lacoresh seria suicídio. Confrontar aquele demônio no Vale Verde, algo pior que isto! Simplesmente não temos forças nem recursos para contrapor o mal que recaiu sobre nosso mundo. É como querer ir até a praia e construir uma barreira de areia para impedir que a maré se eleve. Eu vi o futuro, ou melhor, muitos futuros, e em todos eles, nos vi sofrer e sucumbir ao tentar fazer alguma coisa.

Kiorina e Gorum ficaram mudos. O silêncio perdurou até que ela voltou a falar – Suicídio? Mas por que o silfo Modevarsh nos enviou para encontrar o oráculo? Ele

era muito sábio! Talvez... – foi abruptamente interrompida.

- Ele não viu o que eu vi! – exasperou-se Kyle.

- Garoto – disse Gorum – eu confesso que toda essa conversa de visões me deixa confuso. Mas você mesmo já disse que viu futuros diferentes. Se um é diferente do outro, quer dizer que para um estar certo, outros tem que estar errados. Como sabe então que esses futuros ruins, não estão todos errados?

- Vocês não entendem! Este é o único lugar em que temos uma chance de sobreviver.

- Mas quando você falou de sacrifício... Será que há chances de que possamos reverter o mal, mesmo que para tal, precisemos nos sacrificar?

- Não vi nenhum final feliz! No máximo, poderíamos minimizar tragédias. É como se houvessem centenas de criancinhas prontas a serem atiradas, cada qual numa fornalha. Se todos eles fossem seus filhos e pudessem escolher salvar apenas um deles, qual escolheriam? Eu vi demais. Não posso suportar tal escolha!

- Então é isso? Vamos deixar todas morrerem. Prefere ficar aqui e omitir-se. É isso?

Kyle pegou um pão, levantou-se e disse secamente – Vocês não entendem... – e saiu.

Kiorina levantou-se para seguí-lo, mas Gorum segurou-a pelo braço. – Dê um tempo para ele. Pouco sabemos sobre o que aconteceu nestes dias em que esteve desacordado.

- Até parece que você não conhece o Kyle, né Gorum? Quando ele coloca uma coisa na cabeça... E se ele desistir mesmo? – Os olhos dela ficaram marejados – Significa que a esperança acabou, que não voltaremos mais ao nosso lar?

Gorum abraçou a ruivinha – Vamos, minha garota, uma coisa de cada vez. Não adianta ficar pensando nessas coisas por agora. Vamos terminar o desjejum e depois falamos com ele, ou melhor, talvez o Sr. Whick possa conversar com Kyle.

- Tem razão, Gorum, obrigado. – Disse se acalmando, mas a ansiedade permanecia enquanto comia mais e mais daquelas guloseimas.

CAPÍTULO 61

Andar naquele lugar era uma experiência desconcertante. Os passos não produziam som, nem mesmo batendo os pés contra o solo com força. Não havia sol, mas não era noite. O céu era escuro, mas não continha estrelas. O peso do corpo parecia alterado, como se estivessem na água, porém mantinham-se secos. A luz não vinha de nenhum lugar, mas todas as formas possuíam contornos visíveis como se possuíssem luz própria. As cores pareciam fugir, quase por completo. Tons cinzentos predominavam pareciam inadequados, em especial no grupo que ali caminhava. Os olhos das pessoas tornaram-se cinzentos e turvos, exceto os de Calisto que pareciam normais, pela primeira vez. Havia o branco dos olhos e a íris exibia uma bonita tonalidade verde esmeralda.

Estavam todos entorpecidos. Andavam ali como se estivessem num sonho. Ao cruzar o portal apagaram-se todas as memórias da torre e da besta. Caminhavam a esmo atraídos por um odor que os atraía de modo irresistível. E naquela dimensão, podiam enxergar os cheiros. Yourdon liderava o grupo e estava consciente de tudo, pois já se acostumara às bizarras experiências sensoriais dali. Carregava uma lanterna sem luzes da qual emanava a névoa esbranquiçada de odores que atraía os demais.

Calisto foi o primeiro a despertar do choque da travessia. – Mas que lugar é este? – balbuciou olhando para o lado. Lá estava uma pessoa enorme que não pode reconhecer. Não achou que fosse um humano à primeira vista, mas observando-o com atenção pode reconhecê-lo.

- Derek? É você? – Calisto teve a impressão de que sua mão levou muito tempo até que se deslocasse para segurar o grandalhão pelo braço. Ao tocá-lo, não havia sensação de tato e um gosto horrível invadiu a sua boca. Derek ignorou-o e seguiu adiante como se fosse um zumbi.

Deixe-o – instruiu Yourdon – despertará cedo ou tarde.

Calisto virou-se estranhando que seus movimentos e percepções tão lerdas como as de uma lesma. O jovem mago surgiu inesperadamente tomando forma à medida em que se aproximava. Primeiro aparentava ser uma mancha cinzenta, mas aos poucos seus contornos assumiram nitidez.

- Yourdon? – Calisto estava confuso. – Ah sim! Agora me lembro, você disse que foi enviado por Thoudervon.

Ele observava as vestes do mago que pareciam ter certa transparência, ficando evidente os contornos do corpo magricela numa tonalidade cinza mais escura. Nos olhos, percebeu apenas buracos escuros e os cabelos outrora castanhos, estavam

muito brancos e pareciam dançar como se estivessem dentro d'água. Por fim, surpreendeu-se ao ver o coração dele pulsar dentro do peito.

- Sim, Barão Calisto. O senhor tem sorte de ter um patrono tão poderoso. Não fosse minha chegada em tempo, estariam todos mortos.

- Fico lhe devendo... Mas afinal, que lugar é este?

- Uma dimensão adjacente à nossa própria. O mestre a chama de Plano Netéreo.

- O astral?

- Não, um lugar desconhecido para a maioria de nós. Ele mencionou para mim a existência de múltiplas dimensões... Imagino que segredos elas guardam.

- E agora? – indagou Calisto sem se acostumar ao ritmo desacelerado.

- Voltaremos à Necrópole. Porém, poderá não ser fácil irmos em grupo. Talvez, seja melhor abandoná-los à própria sorte.

- Por que diz isto?

- Há muitos perigos nesta dimensão. Felizmente, com a ajuda deste anel – Yourdon mostrou-lhe um parecido com o de Calisto – pude ajustar minha magia para funcionar aqui. Não sei se teria os alcançado sem isto. Temo não ter poder suficiente para conduzir a todos de volta.

- Também tenho um anel, talvez... – Calisto olhou para Derek tentou penetrar em sua mente sem sucesso. “Não funcionou” ponderou. “Um grito psíquico dever resolver isto...”

- Derek, acorde!

O grito soou como uma explosão fazendo Chris Yourdon reagir tapando as orelhas. O grito foi eficaz, despertando Derek e os demais. Confusos com o que viam e sentiam, murmuravam coisas sem sentido enquanto observavam os arredores.

- Maldição, Barão! Não repita algo assim!

- Ora, funcionou!

- Sim, mas olhe – apontou Yourdon.

Uma coisa enorme surgiu e se aproximava com grande velocidade e fúria. A criatura poderia ser descrita como uma lagarta gigante. Os globos oculares do tamanho de escudos eram compostos por centenas de pequenos olhos vermelhos com pupilas amarelas. De sua boca em formato de estrela pingavam fios de muco esverdeado, translúcido e pegajoso. O corpo era delgado com uma centena de pernas e seu dorso tinha padrões rajados de cores intensas e luminosas, variando entre

amarelo, laranja, púrpura e azul. Não era nenhum padrão de cores antes visto por Calisto em qualquer animal ou criatura. Contrastava intensamente com os tons cinzentos e pasteis da paisagem exótica.

O ataque da criatura hedionda era eminente e os que acabavam de despertar mal conseguiam fazer sentido do que viam. Só restava defender-se ou fugir.

Calisto sentia que suas habilidades psíquicas estavam descalibradas, mas acreditava que pudesse fazer algo. A sondagem mental da criatura revelou algum traço de inteligência, mas acima de tudo, raiva e fome.

Derek e Dagon sacaram suas armas, machado e espada. Vekkardi notou que seus braços se inflamaram com chamas esverdeadas assim que entrou em concentração para a postura defensiva do Kishar, estilo de luta que convocava energias do invisível ensinada pelo Silfo Alunil. Seus efeitos na terra, dificilmente podiam ser vistos a olho nu, mas ali, as chamas eram fortes e evidentes.

Ector tentava evocar um feitiço mas nada acontecia. Sentiu-se vazio e inútil. – Ai que merda! Morri de novo... – choramingou o jovem e alto mago ao se ver sob ataque da criatura que saltou para abocanhá-lo. Ector foi salvo no último instante por um empurrão produzido por um feitiço de Yourdon.

Derek saltou sobre o monstrengo cravando o machado em seu longo pescoço. A lagarta ergueu a cabeça cinco metros acima do solo levando o cavaleiro junto para o alto. Balançou a cabeça furiosamente e emitindo um bramido horripilante. Derek foi atirado para longe, mas mesmo vestindo armadura, caiu lentamente e ao tocar o chão, sentiu como pousasse sobre neve fofa. Se fosse na terra teria quebrado alguns ossos.

A Lagarta Netérea voltou à carga e Dagon avançou para um embate. Dagon imprimiu um corte profundo entre os olhos do bicho e este cuspiu uma gosma verde e translúcida no cavaleiro morto-vivo. Sua armadura chiou e dissolveu-se, desprendendo-se de seu corpo em poucos instantes. Isto revelou o dorso de Dagon, agora apenas um esqueleto negro que continha na caixa torácica uma gema oval presenteada por Thoudervon. Esta pulsava com brilho azulado que atraiu o apetite voraz da criatura. A boca em forma de estrela abriu-se e abocanhou Dagon da cintura para cima.

Vekkardi sentia a energia fluir através de si. Seu instinto levou-o a tentar a manobra do Golpe Distante, técnica que Alunil era capaz de realizar, mas que Vekkardi nunca chegou a dominar. A sequência de socos dados no ar projetou bolas de chama esverdeada contra a criatura. O efeito foi devastador. O fogo de Vekkardi atravessou a lagarta deixando um túnel aberto na carne perfurada. O guerreiro avançou pisando firme no chão e em cada passo que dava, como numa coreografia, ele sugava energias do chão, queimava-as no peito, transferindo-as para o braço e finalmente projetava-as através dos punhos cerrados. Uma sequência de dezenas de

Golpes Distantes pôs a criatura abaixo. Dagon ficou na boca com apenas as pernas de fora.

Yourdon cochichou para Calisto – Talvez estivesse errado sobre deixá-los...

Ajudem aqui – pediu Ector sendo seu esforço insuficiente para puxar o esqueleto para fora. Derek chegou e após algum esforço, retirou Dagon do interior do monstro. A saliva ácida havia dissolvido por completo toda armadura e indumentária de Dagon. Era um esqueleto negro usando apenas botas que jazia inerte. Ao ver o brilho da gema se apagar Derek disse – Parece bem morto desta vez.

- Deixe-me ver – Calisto aproximou-se para uma sondagem mental. Assustou-se com a visão que emergiu. Sobre a carcaça de Dagon delinearam-se os contornos de um homem. Era forte, barbudo e portador de uma fisionomia familiar. O prematuro pensou “Sim, são os traços da família do Rei Maurícius, Príncipes Serin e Lanark. Seus olhos se abriram, negros como eram os de Calisto na terra. Calisto arrepiou-se. “Onde já o vi?” e a resposta surgiu de seu inconsciente. “É Werick Dagon Greysnow, filho Weerner Dagon, conquistador de Griis. Sim já sabia disto, mas eu o conheci? Como será possível?”

Enquanto Calisto divagava, o brilho azulado retornou ao peito de Dagon. O mesma tonalidade emergiu iluminando o fundo das órbitas vazias do crânio.

- Continuo a habitar o que resta deste velho corpo... – veio sua voz fantasmagórica. Levantou-se e encarou Yourdon – Vamos, mago. Leve-nos a Thoudervon, pois há coisas que precisamos fazer.

Yourdon apontou o caminho. Antes de deixarem o local, Derek escalou a carcaça para reaver seu machado. Tirou-o de lá e viu que a lâmina irradiava uma curiosa luz bruxuleante. Tentou limpar o que pensava ser o sangue da criatura, mas não era. Mesmo seco continuava a cintilar.

- Vamos Derek – chamou Calisto – ou vai ficar aí lustrando seu machado?

CAPÍTULO 62

Weiss claudicava e subia com dificuldade a extensa escadaria que circundava a muralha oval do Forte Nevado maior construção do complexo de Snowshore. Foi o lar dos Greysnow por algumas gerações até que Maurícius, ao assumir o título de arquiduque, abandonou o sobrenome Greysnow em favor de Kaman, remontando sua linhagem que ascendia até Norvandel Kaman, irmão de Forbald Kaman, fundador de Kamanesh, ambos primos de um antepassado do rei Corélius IV.

O segundo lance de escadas alcançava altura suficiente para dar vista para o mar e dali, o vento marítimo fez o capuz de Weiss soltar-se revelando a face queimada e grotesca, quase inumana. O monge usou a mão para proteger do vento um dos olhos, sem pálpebras. A escadaria sobre andaimes rangia, mas era um atalho conveniente para chegar na área de habitações do forte.

A escada terminava na larga sacada de pedra branca. Ali fora, algumas mesas e cadeiras de metal enferrujadas pela maresia pareciam que iam se desmanchar. O forte estava praticamente abandonado desde que Maurícius se mudou para Lacoresh, mas há alguns meses voltou a ser ocupado por um dos membros da família, a princesa Hana. O conjunto de uma dezena de portas de metal e vidro estavam em melhor estado e haviam sido pintadas recentemente de branco. Weiss encontrou uma das portas abertas e entrou num amplo salão finamente decorado e voltou a cobrir-se com seu capuz. O local estava limpo e na parede o retrato do pai de Maurícius, Arquiduque Greysnow IV ocupava lugar de destaque ao lado de outros retratos de família. O retrato não estava ali anteriormente quando esteve no mesmo salão, anos atrás para um breve encontro com Maurícius. Weiss sabia que Maurícius odiava o pai e este sucumbira vítima de uma estranha doença há mais de trinta anos. Antes de prosseguir, Weiss olhou com atenção cada um dos antepassados retratados ali. Ao lado do pai de Maurícius estava sua mãe, a princesa Anestra Ildi Lacorirshen Greysnow, filha do Rei Corélius Edwain. Na outra parede pode ver o retrato do Barão Dagon Greysnow que teve o túmulo violado pelo príncipe Serin para trazê-lo do mundo dos mortos.

Próximo deste retrato estava o portal duplo em vidro e metal. Weiss seguiu seu caminho lenta e ruidosamente. O longo e obscurecido corredor que virava à direita o levou à sala de leitura. Havia diversas estantes repletas de livros e pergaminhos, uma escrivaninha e poltronas. Uma criada trabalhava no local e apontou para a sacada. A princesa estava lá fora e trajava um vestido escuro, de corte simples com uma saia rodada na altura dos joelhos que esvoaçava ao sabor do vento mar, assim como seus cabelos longos e negros. Ela virou-se para o velho monge acolhendo-o com um sorriso. Tinha aparência jovial que não combinava com seus quase

cinquenta anos de idade. Se aquilo era natural, ou resultado de bruxaria, Weiss não tinha certeza.

Apesar de não integrar o Conselho dos Sete, Hana tinha proximidade suficiente para conhecer alguns de seus membros e seus segredos. – Irmão Weiss, que bom que pode atender ao meu chamado!

Weiss fez a reverência por pura formalidade e disse com sua voz falha e chiada – A mensagem de vossa alteza me deixou intrigado.

A princesa estendeu a mão para que o monge a beijasse. Para fazê-lo teve que revelar as mãos deformadas assim como parte do rosto. Hana não demonstrou nenhuma repulsa.

- O Conselho dos Sete perdeu um de seus membros... – Ela afirmou.

- Uma infelicidade. Entre todos, era aquele com quem eu podia contar para obter apoio.

- O silfo, correto?

Weiss suspirou num longo chiado – Sim, mas não foi para falarmos dele que vim até aqui.

- Não. O caso é que não confio em meu pai, ou meu irmão e os demais são inacessíveis para mim. Sabe se consideram o Barão Calisto para a vaga em aberto?

- Não penso que não haverá substituição. O número sete é de fato interessante, mas seis também atenderá perfeitamente.

- Compreendo.

- Conforme sua mensagem, Vossa Alteza convocou-me para discutir visões envolvendo o Barão Calisto – lembrou Weiss.

- Se formos direto ao assunto, não penso que compreenderá o que se passa. Portanto é melhor nos sentarmos. Tenho uma longa história para relatar. – A princesa assentou-se primeiro e chamou a criada – Menina! Traga-nos chá e algumas quitandas.

- Sim, senhora – a criada murmurou e retirou-se.

A respiração ritmada e chiada de Weiss pareceu mais forte depois que se sentou. Ele encarou a princesa enquanto ela parecia reunir forças para contar alguma confidência enterrada.

- Na verdade, tudo isto começou em minha infância. Eu tinha onze anos quando meu avô faleceu. Foi quando as visões começaram. Eu sabia sobre sua morte. Eu vi meses antes. Fiquei assustada e me convenci de que aquilo era apenas um sonho tolo. Cheguei a esquecer, mas tudo voltou

quando o fato ocorreu. Sua morte foi uma grande perda para mim. Ele tinha um afeto comigo que nunca tive de meu próprio pai. Tive muita raiva de meu pai naqueles dias, mas não sabia bem por quê. Só muito depois consegui compreender que meu pai havia matado vovô para assumir sua posição. Passei a detestar ainda mais meu pai. As visões iam e vinham. Aprendi a acreditar no que via.

Não tive dificuldade de descobrir todas as passagens escondidas deste castelo e ter acesso aos laboratórios de magia com suas bibliotecas secretas. Até meus dezoito anos, penso que meu pai ainda estudava apenas magia limpa. Todo o segredo era por causa da antiga lei de segregação. Em seus esconderijos, consegui aprender um pouco de magia por conta própria. Tinha facilidade com feitiços sobre a vontade das pessoas e divinações. Nas feiras em Lacoresh eu escapulia e visitava barracas de divinações. Gostava de testar as capacidades daquelas pessoas. A maior parte simulava, mas encontrei uns poucos com poder genuíno, mas tênue.

Isto mudou quando eu conheci uma jovem que possuía capacidades extraordinárias. Seu nome era Giordana e eu a visitava com frequência. Ela gostava de minhas visitas e do meu dinheiro. Em certa ocasião, me contou sobre sua terra natal, Tisamir, a cidade oculta. Ela abandonou o local devido a uma desilusão amorosa, mas disse que via Tisamir em meu futuro e que algo terrível me aconteceria caso eu para lá fosse.

Algum tempo depois, meu pai e o Duque de Kamanesh me comunicaram a respeito de meu casamento com o filho do Duque, Sir. Clyde Kaman. Seria um casamento adequado para a filha do Arquiduque. Quando o prometido veio até aqui, eu já tinha dezenove anos e ele ainda era um fedelho de quinze. Ficamos noivos e nos casaríamos assim que ele completasse dezoito. A perspectiva de casar-me com alguém que não amava e sair do meu lar me assombrava. Detestava meu pai, mas era muito ligada a meu irmão, Lanark, e minha avó.

Escutando aqui e ali e usando uma magia ou duas, descobri muita coisa sobre as atividades irregulares de meu pai. Vovó também me ajudava muito. Ela foi a primogênita do Rei Corélius Edwain e nunca aceitou que ela própria não pudesse tornar-se rainha. Seu irmão mais novo, Corélius Esselvio foi coroado. Desde que me lembro, ela era obcecada com seu desejo de que meu pai um dia assumisse o trono. Pouco sabem, mas ela é a verdadeira responsável pela extinção da linhagem dos Lacorishen. “Já houve Corélius demais!” sempre escutava isso de vovó.

-Curioso, eu mesmo não sabia disto. – comentou Weiss.

-Mas voltando ao assunto do casamento... Com sua proximidade eu passei a ter crises nervosas. Aproveitei uma viagem de meu pai para Fannel e pedi para acompanhar a comitiva. Em Liont, não tive dificuldades

em fugir, pois meus conhecimentos em magia eram desconhecidos para minha família. Tudo que eu representava era a figura de alguém que iria se casar. Percorri toda a fronteira norte de Fannel procurando por pistas ou algum contato que pudesse me levar a Tisamir. Chegar àquele local era minha única esperança de escapar em definitivo daquele casamento. Fosse sorte ou destino, conheci o senhor Kyu em Audilha. Ele estava acompanhado de tisamirenses que vieram até ali buscar estátuas encomendadas a um escultor de renome que lá vivia.

- Sim – interrompeu o monge – Mestre Carulvo.

- Ele mesmo! Não preciso dizer que os tisamirenses eram estranhos, mas o senhor Kyu era o mais estranho de todos. Era muito alto e corpulento, talvez a pessoa mais alta que já tenha visto. Fui a seu encontro e contei-lhe toda a verdade. Disse quem eu era que desejava fugir para Tisamir. Ele disse que poderia me levar até lá, mas que não residia lá. Fazia apenas serviços ocasionais para os tisamirenses. Disse que se eu desejasse morar lá, teria de aprender a purificar minha mente. Falou-me sobre coisas que nunca ouvira falar, os fluxos de Jii. Afirmou poder me ajudar através daquela espécie de magia que eu mal compreendia. Disse que eu teria que confiar nele e abrir minha mente para que ele pudesse purificá-la. Na ocasião, aquilo não fazia muito sentido e eu aceitei. Durante a vigem ele visitou minha mente muitas vezes para trabalhar na purificação.

Quando cheguei em Tisamir fiquei deslumbrada. Era o lugar mais bonito que já tinha visto. Pedi para ficar e fui aceita. Depois, conheci um homem por quem me apaixonei. Ele sabia que eu era estrangeira, mas nunca lhe contei sobre minha identidade. Tinha medo que ele me rejeitasse caso descobrisse sobre as sombras de meu passado. Nos casamos e fiquei grávida. Foi quando as coisas se complicaram. Passei a ter terríveis visões, mas nada revelava a meu marido. Eu via nosso filho lutando contra o pai e o matando. Nas visões, era um rapaz perverso, mas nunca pude ver seu rosto. Estava muito perturbada e acabei contando sobre as visões nos meados da gravidez. Ele me pressionou a contar mais e eu o fiz. Ficou decepcionado por eu ter mentido e disse que não sabia se conseguiria seguir me amando. Em meu desespero, busquei uma solução fácil. Tentei usar magia para que ele se esquecesse do episódio, mas foi um erro. Ele resistiu e sentiu-se traído.

Procurei pelo senhor Kyu, que estava em Tisamir a negócios. Ele me acolheu. Convenceu-me a ir com ele e ficar em sua casa, fora de Tisamir. Parti da cidade sem ter coragem de confrontar meu marido.

Kyu morava longe, nas proximidades de Xilos no antigo Condado de MontGrey. A viagem foi tortuosa e passei muito mal. Quando chegamos, faltava pouco tempo para o nascimento. O parto foi horrível e demorado. Ele trouxe uma parteira de Xilos, mas por algum motivo, a criança não nascia. Demorou um dia e meio. No fim, fiquei fraca, a beira da morte. O bebê saiu morto. – Hana contou com lágrimas nos olhos. – O acontecimento terrível previsto por Giordana se concretizou. Chorei por dias depois da perda. Chorei até minhas últimas forças. Achei que nunca mais iria parar até que um monge de sua ordem que visitava o senhor Kyu, veio me consolar. Ele se compadeceu do meu sofrimento e trouxe palavras de esperança. Perguntou sobre a minha família e eu lhe contei quem eu realmente era. Ele foi compreensivo e sugeriu que eu retornasse ao meu lar. Deu-me esperanças de que seria acolhida de volta e poderia recomeçar minha vida.

- Que história triste, vossa alteza. Mas fiquei pensando... Qual a relação desta com o motivo de me chamar aqui. Disse que queria falar sobre o Barão Calisto.

- Sim, vamos a isto. Quando conheci Lorde Calisto no banquete em sua homenagem, achei-o atraente e de algum modo, familiar. Minha primeira visão veio ainda naquela mesma noite. Vi que estaríamos destinados a governar lado a lado. Vi que ele ascenderia ao trono após a morte de meu pai. Tão logo vi isto, pensei em seduzi-lo, colocá-lo ao meu lado, controlá-lo. Como minha avó, sou primogênita e herdeira por direito. Eu seria a rainha e ele meu rei. Mais depois vieram mais visões. Vi não apenas o reino de Lacoreh, mas um império. Outros povos se submeteriam a Lacoresh. Estávamos entre os Silfos do Mar em uma enorme cidade. Ele todos se curvavam diante de nós.

- Certo, mas por que me chamou afinal?

- Porque ele foi seu aluno. Sei que o conhece bem. Chamei-o para partilhar essa visão, para que meu auxilie a me aproximar dele. Se formos bem-sucedidos, haverá uma grande recompensa para você. Qualquer coisa que desejar neste novo império que está para surgir.

- Compreendo. – veio o chiado suave. – Posso ter a solução para o problema proposto, mas talvez, não esteja preparada para ela.

- Como assim?

- Há mais em sua história do que você me revelou...

- Como assim, há mais? Certamente resumi os fatos, mas não omiti

nada relevante.

- Está certa de que deseja saber?

- Ora, mas sim! Agora mais que nunca!

- Muito bem, mas não me diga que não a preveni. Seu marido em Tisamir se chamava Shaik Kain, não é mesmo?

- Como sabe disto? Lê mentes?

Weiss tirou um amuleto de seu hábito. Hana se arrepiou ao ver o objeto.

- Mas como? – Dei isto para o irmão DeReifos... – Você o conhece?

- Sim, mas não como Vossa Alteza imagina. Fui eu quem estive na casa de Kyu dezessete anos atrás.

Hana levantou-se e chorando tomou a mão de Weiss – Era o senhor? Irmão DeReifos?

- Sim, este era o nome que usava naquela época. Mas isto não é tudo. A pessoa que você conheceu, na verdade, é um dos outros membros do Conselho dos Sete, ou Seis. Naqueles dias, já planejavam a conquista de Lacoresh, e muito mais.

- Estou confusa. O que pretende me dizer?

- Sente-se, por favor, Alteza.

Ela obedeceu enxugando as lágrimas, mas respirando curto. A ansiedade tomava conta de si.

- O que tenho a dizer é sobre seu bebê. Ele não nasceu morto. Em verdade, ele ainda vive.

- Mas eu o vi! Eu o vi!

- Quem viu foi outro bebê morto.

- Para Kyu, ou melhor, Arávner, foi fácil manipular suas percepções, afinal, você lhe concedeu livre acesso à sua mente para *purificá-la*. Ele planejou tudo. O encontro de vocês, em Audilha, não foi obra do acaso. Nem sua viagem até Liont. Ele circulava nos bastidores. O Conselho dos Sete já vinha se estabelecendo. Seu pai, Arávner e Thoudervon já trabalhavam juntos. A primeira guerra contra os Bestiais foi obra deles. Assim como a vinda do prematuro. Este precisava ser especial, ter acesso aos Fluxos do Jii. Ele precisava ser filho de um tisamirense.

- Não! Não pode ser! – Hana deu um grito agudo e desesperou-se.

- Sim Alteza, Calisto é seu filho.

A princesa chorou amargurada. Seu rosto se contorceu. Estava atordoada.

Weiss tomou sua mão e disse – Escute Alteza, sei que é terrível saber disto. Mas pense. Agora sua visão faz sentido pleno. Vocês juntos, não como marido e mulher, mas como mãe e filho.

Hana engoliu o choro e olhou-o com desconfiança.

-E quanto a você, *DeReifos*? O que fazia lá? Por que veio me consolar? O que você tinha a lucrar com isto?

-A consolei por que me compadeci de seu sofrimento. Fiz isso sem o consentimento de Arávner. Mas estava lá, justamente para transportar o bebê para seu futuro tutor, Thoudervon.

-Kyu, digo, Arávner, ainda mora no mesmo local? – ela indagou com fúria nos olhos.

-Vamos, não pensemos em vingança, ao menos não tão cedo.

-Não me diga em que devo ou não pensar! – explodiu Hana.

- Digo apenas para não ir confrontá-lo. Seria inútil. Devemos sim, pensar melhor no assunto, pois tenho certeza de que não está nos planos do conselho ter Calisto como regente de Lacoresh, ou de qualquer império. Muito pelo contrário.

-O que vai fazer? Denunciar-me a meu pai? A Arávner?

- Apesar de ser membro do conselho, sei que Arávner, Thoudervon e seu pai têm por mim pouquíssima consideração. Conquistei a cadeira quando trouxe para o grupo o Silfo Rodevarsh e por que seria útil ter alguém infiltrado na ordem dos Naomir e na Real Santa Igreja. Enfim, o que quero dizer é que pessoalmente tenho minhas dúvidas sobre os rumos que os planos do conselho estão tomando. Sinto que este possa estar próximo de seu fim. Alexanus e seu pai, já estão com suas próprias conspirações, Arávner e Thoudervon parecem possuir planos ocultos e seu irmão, está tramando contra seu pai para tomar-lhe o trono. E quanto a mim? Por hora eu tenho condições de substituir o papel de Rodevarsh junto aos Silfos do Mar. Mas isto é apenas o que eu lhes disse.

-Estaria disposto a me apoiar e meu fi... Calisto?

-Gosto de Calisto. O rapaz tem muito potencial. Resta saber se reunirá poder suficiente para confrontar Arávner e Thoudervon.

-O que tem em mente?

-Há muitas opções em termos de inimigos que poderiam ser nossos

aliados. A rebelião, alguns renegados de Tisamir, os Silfos do Mar, dacsiniamos e talvez meu sobrinho, Archibald DeReifos, um monge renegado muito poderoso que está na cidade bárbara de Tchilla.

CAPÍTULO 63

Hana sentia-se desconfortável na companhia de seus irmãos. Serin tinha sempre um sorrisinho cínico estampado e algo perverso em seus pensamentos íntimos. Hana observava-o em seus belos trajes de gala e imaginava se ele sabia de seu parentesco com Calisto. Já Lanark, também sorridente, só tinha futilidades em mente. A boa relação deles se rompeu depois que Hana fugiu de Snowshore para Tisamir. Ela não reconhecia mais o irmão dos tempos de infância. Tão egocêntrico que mal conseguia representar seu papel de príncipe herdeiro de Lacoresh. O pai usou a saúde frágil como desculpa para não viajar a Homenase, mas ela sabia que estaria em seus laboratórios conduzindo suas experiências, ou planejando suas futuras guerras.

A parada militar nas ruas era de encher os olhos. A capital estava cheia e o clima agora era animado. Até poucas semanas, os habitantes do reino vizinho estavam apreensivos. A reunião massiva de tropas de Lacoresh indicava que haveria uma guerra. Boatos foram espalhados neste sentido, e os homaneseanos também ergueram suas forças bélicas. Entretanto o conflito eminente foi revertido após o conveniente ataque de bestiais ao Reino de Trelis, ao norte de Homenase. Consequentemente, Homenase ficou sob ameaça direta de uma invasão dos bestiais. Agora o numeroso exército Lacorês marchava através da capital ovacionado pelo povo. O regente, Alneir governava no lugar de seu sobrinho, o jovem herdeiro ao trono, filho do falecido Rei Nasbit. Este foi dado como morto, pois seu corpo nunca foi encontrado. Ele visitava o Rei Corélius na ocasião do ataque que Lacoresh sofreu de uma horda de mortos-vivos. Tudo fora parte do golpe que levou os necromantes ao poder em Lacoresh. Na época, Alneir, junto com os necromantes ofereceram a Nasbit o exílio em Dacs, ou Keldor. Ameaçavam a vida de seu filho e filha. Nasbit fingiu aceitar, mas desembarcou na última hora e sob disfarce ficou em Lacoresh tornando-se um dos membros chave da rebelião contra o Rei Maurícus.

Agora, a Princesa Priska, filha de Nasbit se casaria com o príncipe herdeiro de Lacoresh, Lanark. A aliança entre os reinos seria tão forte, que Alneir havia convencido o conselho de protetores do reino a submeter a soberania de Homenase às coroa Lacoresa. Era esperado que o velho rei falecesse em breve, e então, Lanark e Priska comandariam os reinos vizinhos de modo unificado.

Um arauto homeneseano anunciou a presença do General, Cavaleiro Julius Fortrail, comandante do exército Lacorês. O Cavaleiro Carmim liderava a tropa de cerca de dois mil cavaleiros de Lacoresh. Sua armadura prateada reluzia e o imenso manto vermelho cerimonial cobria suas costas e descendo até próximo do chão cobrindo também sua montaria.

Hana olhou-o com amargura do alto da varanda do Palácio Dourado, sede do

poder do reino vizinho. Lembrou-se da época em que ele partilhou seu leito. Ele havia se aproveitado de sua fragilidade nos anos que se seguiram ao seu retorno traumático a Snowshore. Depois, não quis levar o romance adiante. Ela chegou a amá-lo, mas ficou magoada e agora nutria profundo desprezo por ele.

- Veja irmã – atçou Serin sorrindo – o galante Cavaleiro Carmin. Está um pouco velho, mas é solteiro, talvez constituísse um casamento adequado para você, caso nossas propostas para Trelis, Lairen ou Yrquônia sejam recusadas.

Hana olhou-o queimando a bile no estômago e sorriu – Sim, irmão, e você poderia se casar com a égua dele para mantermos a família bem unida.

Serin gargalhou suavemente. – Sempre tão gentil. É mesmo a filha de nosso pai.

Lanark cutucou Serin – por falar em casamento, viu só como me dei bem? Olha essa princesa Priska! É o não é uma tentação?

- Estou contente por você irmão, pela primeira vez em toda sua vida está prestando um serviço a seu reino.

- Acha mesmo? – retrucou Lanark animado, sem perceber a ironia do irmão.

Serin rolou os olhos e comentou com a irmã. – Se não fosse tão parecido com papai, diria que esse aí é filho do ferreiro.

- Quem? – indagou Lanark sem entender.

Serin estremeceu, mal-humorado. – Ninguém, Lanark. Ninguém!

Hana mudou de assunto – Vejo aqui todos os barões de Lacoresh. E quanto ao Barão Calisto? Não foi convidado para a cerimônia?

Serin respondeu – O pequeno barão parece estar no meio de uma longa viagem. Ouvi dizer que talvez nem volte.

Hana alisou os cabelos que escorriam como uma cascata em seu flanco direito – Papai iria adorar isso. Ele não esconde o quanto detesta o rapaz, ficou a imaginar o porquê disto.

- Mas eu acredito que ele retorne em breve.

- Quem te contou isso irmão? Alguma de suas sombras?

- Sim, a mesma que descobriu o quanto você está interessada nele. Acha então que o ex-plebeu seria um melhor partido que os príncipes e duques para os quais estamos fazendo propostas?

- Não, definitivamente não o vejo mais como um possível partido. – Hana respondeu secamente e Serin pode ler a verdade em suas palavras.

- Mas o que a fez mudar de ideia, irmã? Podia jurar que você estava

muito interessada nele não faz muito tempo.

- Acho que você entendeu tudo errado. Meu interesse nele era por simples curiosidade.

- Ah, quer dizer que já matou essa curiosidade? – Serin voltou a sorrir.
– Então me diga? Que tal o desempenho do rapaz?

O pensamento de que poderia ter se envolvido com seu próprio filho fez Hana perder um pouco o controle – Seu idiota! – disse mais alto, chamando a atenção dos nobres lacoreses e também de alguns homenaseanos. Hana corou com os olhares sobre si, levantou-se, e segurando a barra do volumoso vestido verde-escuro, entrou de volta no amplo salão de recepções do terceiro andar do palácio.

Serin levantou-se e disse a todos – Peço desculpas, fiz uma brincadeira de mau gosto com minha irmã. Coisa de irmãos, entendem? – Depois de dadas explicações, foi atrás da irmã.

O príncipe Lanark completou – Esses dois estão sempre brigando, mas, no fundo, se amam muito.

CAPÍTULO 64

Kyle não mudaria de ideia, foi o que Whick lhes disse. Então, Gorum e Kiorina decidiram seguir para Tonuak e encontrar An Leopard, conforme combinado. Foram necessários cerca de trinta homens para levar a pequena embarcação de uma das vilas de Banzanac até o rio. Há muitos anos os habitantes de Banzanac haviam abandonado o hábito da navegação. Para seguir com o comércio, eram visitados, ocasionalmente, por tonuakianos no pequeno cais ainda ativo nas proximidades da grande árvore. Embarcaram no velho barco, três senhores de idade que quando jovens eram navegadores.

- Este barco foi de meu pai – disse o velho Gangi emocionado ao vê-lo novamente flutuando. Ele tinha mais de setenta anos, mas como os demais moradores de Banzanac, possuía uma saúde invejável. O jovem senhor de cabelos brancos e pele morena já havia demonstrado possuir mais fôlego do que Gorum, cerca de vinte anos mais moço.

- Nossa família – Gangi disse a seu neto que iria navegar pela primeira vez – sempre esteve nos rios. Meu tio foi um dos que morreu quando o rio foi tomado pelos invasores. Muitos barcos foram afundados e o Sr. Whick ordenou que abandonássemos os restavam. Mas agora, quem sabe, nossa família poderá voltar a navegar, como nos velhos tempos.

O rapaz que ainda não tinha vinte anos estava excitado. – Ah, nós vamos sim, vovô! Vai me ensinar tudo o que sabe, não é?

- Sim, mas é claro – disse Gangi deixando lágrimas correrem dos olhos.

Ver aquela cena deixou Kiorina emocionada. Somando-se a isto, mal podia acreditar que estava se separando de Kyle. As memórias do último encontro ainda martelavam em sua cabeça. Aquilo era tão injusto! Tão errado!

Ela havia saído para procurar Kyle naquela noite. O que viu deixou-a perplexa. Ele estava aos beijos com aquela mulher, Lila.

- Entendi tudo! É por causa dela que decidiu ficar, não é mesmo? – Ela precisou se conter para não gritar. – Quem é ela?

Kyle corou e disse – Kiorina, esta é Lila.

Kiorina reparou que uma forte energia mágica emanava dela. Seus olhos brilhavam sutilmente durante a noite.

Lila disse – É uma pena não termos nos conhecido em melhor ocasião. Vou deixá-los, penso que há muito para conversarem.

Kiorina segurou-se para não saltar no pescoço da mulher e esganá-la. Era alta,

forte e muito bonita. Até mais bela que Claudine. Chegou a sentir os dedos rijos com uma magia pronta para ser lançada. Poderia queimá-la em instantes. Ou melhor, queimar os dois. Mas não, essa ideia dispersou-se e, em seguida, conseguiu se conter.

Lila os deixou e Kiorina disse – Kyle, eu acho que ela o enfeitiçou.

- Enfeitiçou coisa nenhuma! Ora Kiorina, não torne as coisas mais difíceis que já estão.

- Quem é ela afinal? Não a vi aqui em Banzanac antes, aliás, ela nem se parece com os locais.

- É uma história complicada e difícil de acreditar. – Kyle balançou a cabeça demonstrando nervosismo – Nem eu mesmo consegui acreditar bem. Ela era uma fada que encontrei em Nish saída de um nexo dimensional.

- Fada saindo de um nexo? Mas que maluquice é essa?

- E isso não é tudo. Eu e ela, já fomos casados numa outra vida, há tempo atrás.

Kiorina corou e sibilou – Outra vida, é? Casados? Humpf!

- Eu disse que é difícil de acreditar, mas acredite, é a verdade.

Lágrimas rolaram nos olhos de Kiorina. – Não acredito que depois de tudo que passamos você esteja abandonando seu reino. Não falo dessa mulher... Você ter sentimentos súbitos por alguém e até acreditar numa fantasia destas, ainda vai... Mas decidir abandonar nossa missão! Como pode abandonar o compromisso que assumiu com Alunil? E nisto que não acredito!

- Vou explicar de novo, mas você não quer entender. O contato que tive com o Oráculo...

Kiorina interrompeu-o gritando – Eu já entendi! – A ruiva procurou se conter e prosseguiu num tom de decepção – Isso destruiu você. Transformou-o numa outra pessoa. Eu nem te conheço mais. Falei com Wbick hoje à tarde. Ele me disse que você não mudaria de ideia. Mas depois do que vi, entendo melhor. Seja feliz aqui Kyle, você e sua esposa perdida. Eu e Gorum retornaremos a Lacoresh para tentar ajudar. Enquanto isso, divirta-se aqui, seu egoísta! – Kiorina voltou a explodir e deu um tapa no rosto de Kyle. Ele apenas aceitou o golpe. – Fique aqui, seu covarde! Eu não quero ver você nunca mais!

Kiorina deu as costas e correu dali em prantos. Lágrimas rolaram no rosto de Kyle e ele chegou a erguer o braço em direção a ela, mas não foi capaz de dizer nenhuma palavra.

Gorum observou as lágrimas de Kiorina, mas não disse nada. Ambos podiam

entender o que Gangi dizia por causa do presente recebido de Wbick. Um fruto da árvore no qual foram imbuídos conhecimentos que seriam úteis na jornada deles. Sabiam agora falar a língua de Banzanac, e por extensão, a língua de Tonuak, pois eram semelhantes entre si.

Gorum estava triste e abalado, mas como o de costume, contava piadas à tripulação para afastar sua tristeza. Kiorina já o compreendia neste aspecto. Uma vez, Kyle contou a ela sobre a tragédia no passado de seu tutor. Contou sobre a perda da esposa e da filha e depois sobre a ocasião em que viu-se forçado a tirar a vida de seu próprio irmão, Tarne, o traidor que assassinou o pai de Kyle.

Em seu íntimo, Gorum ainda esperava que Kyle fosse mudar de ideia. Quando o barco se moveu rio abaixo, ainda ficou mirando o horizonte na esperança de ver o rapaz vindo atrás deles correndo, mas isto não ocorreu.

Gorum se recordou do que haviam conversado naquela manhã.

-Então é isso, garoto. Nos despedimos aqui.

Kyle abraçou-o e disse chorando – desculpe Gorum, simplesmente não posso ir. Não posso!

- Tudo bem garoto, acho que suas visões lhe mostraram algo muito assustador. Deve ser um terrível fardo. Converse mais com Wbick. Ele é muito sábio e talvez possa lhe ajudar a compreender o que deve fazer.

- Sim, meu pai, farei isto.

Gorum chorou também, pois Kyle nunca o chamara de pai antes.

- Eu o amo, Kyle. Espero que possa ser feliz aqui.

- Também te amo Gorum! E me faça um favor...

- Sim?

- Cuide de Kiorina. Eu não pude... – soluçou.

- Essa é difícil de engolir, mas você é como um filho para mim. Foi uma coisa terrível o que você fez, penso que poderei perdoá-lo, mas acho que talvez ela nunca te perdoe.

- Eu sei, pai, eu sei.

E abraçados, choraram juntos por um longo tempo. Até que Gorum forçou-se a ir embora. Era a hora da despedida.

Kyle estava muito quieto e Lila não conseguia animá-lo.

- Foi um dia difícil para você, meu amor. Vou deixá-lo. Com o tempo se sentirá melhor.

- Sim. – concordou Kyle. – Boa noite!

Lila se retirou e ele ficou pensando em Kiorina e Gorum. Mais que isso, em suas visões. A chuva de partículas luminosas desceu da copa da árvore e Kyle ficou a observá-la. Sua mente foi se limpando e entrou em estado meditativo. Pensar muito não o ajudava em nada. Mergulhou numa meditação profunda o que permitiu que aos poucos pudesse enxergar os contornos luminosos de um homem diante de si. Ele focalizou a visão e o reconheceu.

- Noran? – o cavaleiro balbuciou.

- Olá Kyle, fico contente que possamos nos comunicar, uma vez mais.

- Você esteve por perto? Viu tudo?

- Sim, meu amigo, vi sim.

- Você acha que eu conseguiria viajar mais uma vez? Digo, ir de encontro ao Oráculo? Acredita que conseguirei retornar?

- Sim, é possível. Penso que devido às boas energias de Banzanac você consiga evitar o pior.

- Tive uma visão sobre minha separação. Digo de Kiorina e Gorum. Mas nunca vi nada sobre Lilástrata.

- O que significa que suas visões não são totalmente assertivas, certo?

- Isto foi a única coisa que falhou. Poderia este fato novo mudar as coisas? Digo, em relação às visões prévias. Será que se eu mergulhar novamente haverá uma visão alternativa? Um novo destino?

- Talvez...

- Eu não consigo entender. Se os Deuses possuíam tais capacidades, por que eles permitiram as guerras? Por que estão permitindo o retorno dos demônios? Eu vi três grandes demônios retornando a este mundo. E talvez, não haja como impedir que nenhum deles retorne. Como alguém com tanto poder pode permitir tais atrocidades?

- Veja Kyle, depois que meu espírito se libertou de meu corpo, passei a ver muitas coisas sob nova perspectiva. Acho que pensar nisto desta maneira é um equívoco. Você está tentando fazer a mente de um Deus caber na mente de um homem, mas isto é impossível. Estou certo que na perspectiva deles, tudo isso tem um motivo e que de algum modo, o porvir trará benefícios a todos.

- Não entendo... Porque os deuses não destruíram, ou baniram os demônios de uma vez por todas?

- Pode não ser o objetivo deles. Talvez estejam tentando ensinar algo a eles. Talvez estejam tentando convertê-los para o bem. Se nós homens somos tão teimosos e apegados, o que não dizer dos demônios?

- Pode ser... Talvez eu deva buscar ver algo diferente. Sempre que rastreio os futuros estou à busca de uma solução para destruir o mal. Algo que possa salvar todos meus amigos e povos de boa índole. – Kyle olhou para o alto pensativo e disse – Acho que agora sei o que procurar.

- O que?

- Esta árvore me fez pensar muito. Eu acho que compreendi isto após o encontro com Lila e a separação de Kiorina e Gorum. Eu precisava plantar uma semente. A solução não está comigo, nunca esteve. Está além de mim e de meu tempo. Assim que a semente estiver plantada estarei livre para seguir meu caminho e fazer o melhor por aqueles que precisam de nosso auxílio. O destino já me trouxe até aqui. Sou um instrumento dos Deuses. Vamos ver o que eles tem a me dizer. Preciso saber o que farei. A próxima lua se aproxima. Logo saberei.

- Sim, Kyle, estarei contigo. Vou apoiá-lo no que for necessário.

- Obrigado Noran.

- Conte comigo!

CAPÍTULO 65

Tonuak era uma cidade muito diferente do que o capitão Gangi se recordava. Há cinquenta anos aquele local não tinha nem a metade do tamanho atual. Agora, muitas pontes de madeira cruzavam o Grande Rio e os portos estavam cheios de navios de todos os tamanhos. Havia uma nova construção, um palácio com três torres de madeira que podiam ser vistas ao longe.

A breve viagem, durou dois dias seguindo curso favorável do rio. Mas era possível reconhecer a Tonuak de outrora através do estilo de construção. Casas e mais casas de madeira amontoadas umas sobre as outras, de dois ou três pavimentos e numerosas escadarias e pontezinhas estreitas ligando as construções aqui e ali acima do nível das ruas.

Gorum desceu do barco e comentou bem humorado – O cheiro é horrível! Quase me sinto de volta a Lacoresh.

Kiorina, com um lenço pressionado contra o nariz, retrucou nasalada – vou demorar a me habituar. – Sentia saudades dos ares perfumados de Banzanac.

A tripulação desceu e Gangi resmungou – Não fedia tanto assim nos velhos tempos.

Gorum abraçou-o com afeto – Adeus Gangi, espero que consiga voltar a prosperar na navegação e no comércio.

- Obrigado, Gorum! Obrigado srta. Kiorina por esta oportunidade. Ficaremos honrados em recebê-los em Banzanac caso decidam retornar algum dia.

- Nós é que agradecemos – Kiorina convocou ventos nos arredores para aliviar o mau-cheiro. – Agradeça ao Mestre Wbick mais uma vez por nós!

-Farei isto!

Despediram-se dos demais e seguiram cidade adentro com as mochilas bem carregadas de suprimentos e mais alguns presentes de Wbick. Visavam localizar o Estrela do Crepúsculo. As ruas da cidade eram movimentadas e as pessoas se vestiam de modo que lembrava Homenase, reino vizinho de Lacoresh. Homens usavam calças negras ou marrons, camisas brancas, cinzentas e ocasionalmente vermelhas. As mulheres, vestidos leves, cinzentos ou marrons, com detalhes bordados em branco. Tinham lenços sobre as cabeças e, reservadas, desviavam seus olhares. Já os homens encaravam com desconfiança a dupla de estrangeiros.

Perguntaram em algumas tabernas e seguiram para o ouro lado da cidade até um local chamado Baixo dos Peixes. Apesar do forte cheiro de peixes, ali não era tão fedido quanto a região de que vieram. Havia sim, uma enorme quantidade de gatos,

cães e tupins que pareciam conviver pacificamente à espreita de restos de comida que eram abundantes naquelas paragens. Kiorina abaixou-se para examinar uma daquelas curiosas criaturinhas que ocasionalmente ficavam sobre as duas patas. Eram cinzentos e rajados de preto com grandes bigodes brancos e corpo esguio. Os focinhos eram compridos. Tinham pequenos olhos vermelhos e grandes orelhas desproporcionais, parecidas com as de cachorros, ficando ora abaixadas e ora meio suspensas, girando para lá e para cá. Andavam em pequenos bandos e logo mostravam a língua estreita, larga garganta e pequenos dentes serrilhados em toda extensão da boca.

- Como são engraçados – Kiorina sorriu pela primeira vez desde que saíram de Banzanac.

Gorum aproveitou a deixa – Se parecem com aquele seu amigo, o Ector.

Kiorina caiu na gargalhada e passou a imaginar se um dia voltaria a vê-lo.

Uma voz familiar veio de trás deles – Não acredito no que estou vendo!

Ambos se viraram para ver aquele baixinho magricela de cabelos encaracolados ruivos e um largo sorriso no rosto.

- Kleon! – os lacoreses exclamaram em uníssono.

O chiris saltou para cima de Kiorina abraçando-a e, em seguida, fez o mesmo com Gorum.

- Puxa! An Leopard e a tripulação ficarão felizes em vê-los.

- Estão todos bem? – indagou a ruiva.

O baixinho torceu o rosto – Todos vivos, mas as circunstâncias podiam ser melhores.

- O que houve?

- É uma longa história, mas em resumo: perdemos o Estrela do Crepúsculo.

- Como assim? – Kiorina retrucou sentindo um calafrio.

- A longa história... Mas antes, não posso deixar de perguntar. Onde está Kyle?

Gorum arremedou o chiris – Está vivo, mas as circunstâncias podiam ser melhores.

Kleon retornou um olhar inquisidor.

- Nos separamos. Ele decidiu ficar num local chamado Banzanac. Não seguirá viagem conosco.

- Sério?

- Outra longa história... – Gorum chutou pedras no chão, chateado.

- Muito bem, vamos! Foi sorte encontrar vocês. Eu o vi cruzando a

ponte, lá de longe – apontou o local – Não tive certeza, mas vim correndo. Afinal, há poucas pessoas com seu porte e seu modo de andar.

Seguiram Kleon até as proximidades de uma taverna. Na porta, uma placa com o desenho de um polvo tinha os dizeres pintados em branco. – Estalagem do Polvo Assustado? – a moça torceu os lábios.

-Ué, você sabe ler TONUAKIANO?

-Aprendi há pouco...

-Estão todos aqui? – perguntou Gorum.

-Só o Lepard. Os demais estão trabalhando. Ele... bom, vocês verão.

Entraram no Polvo Assustado após subir alguns degraus sujos e gastos. Como a maior parte das construções, a estalagem ficava um metro e meio acima do nível da rua. Algumas vezes por ano um fenômeno de inversão de marés provocava cheias em TONUAK. Lá dentro havia muita fumaça. Muitos fumavam cachimbos. Perceberam pelas ruas que os cachimbos eram populares na cidade. Era final de tarde e muitos trabalhadores que largavam o serviço mais cedo tinham por costume lotar as centenas de tabernas e estalagens de TONUAK. Um homenzarrão mau-humorado pediu as armas de Gorum e depois os deixou entrar. “Melhor assim”, o gigante pensou, “Bebida e armas não são uma boa combinação”.

Logo viram An Lepard. Tinha uma aparência horrível, barbudo, de cabelos desgrenhados e olheiras profundas.

Kleon explicou – Ele ficou descontrolado com perda do navio. A tripulação está trabalhando, tentando juntar dinheiro, mas temo que possa levar anos até que possamos reunir o suficiente para comprá-lo de volta.

Lepard estava bêbado, mas como sempre foi muito boêmio, nunca ficava tão embriagado que não pudesse conversar. Ficou de pé se apoiando na mesa e seu rosto mudou iluminando-se por um genuíno sorriso. O nariz e as maçãs do rosto estavam muito vermelhos, assim como os olhos injetados.

-Kiorina, Gorum! Que grande felicidade!

Kiorina correu e abraçou-o com força. Depois Gorum deu um de seus fortes apertos de mão.

-Sentem-se, sentem-se! – O marujo segurou uma garrafa de vinho na mesa e segurou-a vacilante – Vinho Baltimore! Dá para acreditar que servem isto aqui?

Os lacoreses se juntaram a Kleon e An Lepard em torno da mesa.

-Kleon já deve ter lhes contado que perdemos meu maldito navio, mas isto é passado! Contem-me tudo! Nem acredito que vieram mesmo! Faz quanto tempo? Uns seis meses?

- Quatro – disse Kleon.

- Pareceu mais – deu com os ombros sorridente. Sua embriaguês trazia mais alegria que depressão e talvez por isso, bebia quase sempre, sem parar.

Kleon comentou – Kyle não virá.

- O que houve com ele, morreu?

- Não – Kiorina estava amarga – mas bem que podia...

- A coisa foi séria, hã? Há, há, há! Não vou dizer que sentirei falta dele. Quero saber tudo. Pela cara de vocês, vejo que ele aprontou alguma.

- Ora, se aprontou! Aquele covarde... – Kiorina cuspiu as palavras.

- Covarde? Essa é boa! – retrucou An Leopard animado.

Gorum fechou a cara e deixou que Kiorina contasse tudo. Discordava de algo, aqui e ali, mas ficou em silêncio absoluto. Sentiu-se magoado ao ver o quanto Kiorina fora afetada pela decisão de Kyle.

- E ainda arrumou uma mulher? Mas que calhorda!

- O senhor não é o melhor para falar da calhordice de outrem – Kleon observou com acidez. Gorum surpreendeu-se com a atitude, pois Kleon sempre fora muito respeitoso com todos.

Leopard fez uma careta, mas depois sorriu e deu uns tapas no ombro do chiris – Você está certo, meu caro! Sempre certo! Possivelmente sou duas vezes mais calhorda que ele, mas, em verdade, me sinto melhor em saber que ele também tem esse lado. Ah, nós homens... Não temos jeito!

- Não me inclua nisto – resmungou Kleon.

- Ora, meu caro, você é tão certinho que deveria ter ficado em Tchilla para virar padre junto com o Archibald.

Leopard ficou tão envolvido pelo relato de Kiorina que deixou de beber. O álcool começou a ceder depois que a peixada chegou e todos jantaram. No final, o capitão disse, quase sóbrio – Então vocês, mesmo sabendo que vai ser encrenca, querem ir até o Vale Verde?

- Sim, é o que sabemos. Lacoresh ainda está fora de maior perigo por muitos anos, mas no Vale, o mal está para surgir. Um mal tão terrível, que se não for impedido, poderá até mesmo recair sobre Lacoresh, Dacs e talvez, todo o mundo.

- Putz! Vocês são mesmo uns loucos! Sempre achei isso... Achar que podiam salvar o reino de vocês já era demais, mas talvez não impossível.

Mas agora esta de salvar o mundo... Há, há, há! – Lepard gargalhou ficando vermelho e quase perdeu o fôlego – Me desculpem. É a bebida. Eu sei que não deveria rir assim, mas, há, há, há... Não consigo.

Kiorina chutou a canela de Lepard – talvez isso ajude!

-Ai! Não precisava disto! Está nervosa, eu compreendo. Então eu lhes digo o seguinte: se me ajudarem a reaver o Estrela, levo vocês até o fim do mundo, se preciso.

Kiorina arriscou-se – Vamos fazer isto sim, mas não pretendo comprá-lo. Pensarei numa alternativa, mas em último caso, poderemos roubá-lo.

- Puxa ruivinha, se continuar falando assim, vou acabar me apaixonando por você de novo!

CAPÍTULO 66

Kyle procurava aproveitar seu tempo com Lila da melhor forma possível. O sentimento de reunião com seu amor perdido era forte, mas do lado da razão era cada vez mais difícil sustentar o abismo que havia entre os dois, neste tempo presente. Uma distância causada pelas muitas vidas que viveram separados um do outro. Mas não eram necessárias tantas vidas assim, afinal, suas memórias de sua vida atual eram dominantes em relação as poucas memórias desconexas vislumbradas de suas vidas na cidade branca, quando foram casados. Tinha uma noção de que houveram muitas outras vidas após esta, mas nada havia captado destas existências.

Ele a queria bem, a amava, gostava de partilhar de sua intimidade, mas afora disto, pairava uma sensação de que eram estranhos um para o outro. Uma de suas atividades favoritas juntos era sentar lado a lado para contemplar as belezas dos muitos jardins de Banzanac, como faziam agora.

- Estive me lembrando dos tempos de Lacoresh. Houve uma ocasião em que quase morri na neve. Quando minha vida parecia que ia me escapar, pensei ter escutado sua voz. Penso que a voz viera para me conduzir para o pós-vida. Ela parecia-se com a sua, conversava com um terceiro e tive a sensação de que este era um agressor. Eu voltei a mim e gritei seu nome, mesmo sem saber o significado. Havia nas proximidades um estranho lobo negro de olhos rutilantes. Na ocasião imaginei que tudo aquilo não passasse de um sonho sem sentido, mas agora, não sei... O que você acha?

- Não, meu amado, não foi um sonho. Ao menos não para você.

- Não para mim?

- O fato é que nossos elos do passado nos mantiveram ligados, mesmo eu tendo migrado para um outro mundo. Eu vivia numa terra maravilhosa. Muitas fadas e outros seres do meu mundo tinham ligações com este. No meu caso, antes de minha essência migrar e ser acolhida pela Grande Mãe, eu vivi sob estas Nove Luas. Mas sei que a terra em que vivia era outra, pois lá há apenas uma lua no céu. Muitos de nós que viemos desta terra, ainda mantemos ligações que chamamos de Elos de Coração. Eles se ativam quando dormimos e sonhamos. Nos era permitido viajar pelos mundo dos sonhos e visitar a Terra das Nove Luas. Em muitas de

minhas visitas eu vinha lhe ver. Mas quando despertava, não retinha todas as memórias com clareza. A maior parte das vezes, o que víamos em sonho se perdia. Entretanto, me lembro bem desta ocasião. Você já estava se desprendendo de seu corpo. Eu vim para acolhê-lo e conduzi-lo ao local de passagem, mas fomos atacados por uma sombra. Esta sombra o levou de volta. Acordei transtornada. Conteí sobre este sonho ao Conselho Eterno e eles, bondosos e sábios como sempre, me disseram para ficar tranquila, pois um dia estaríamos novamente reunidos. Só não imaginava que isto viesse a acontecer desta maneira...

- Acho que compreendo... – Kyle olhou para baixo e mordeu os lábios. Lila pode ver que ele permanecia perturbado.

- Vamos, meu amado, sei que há algo que quer me dizer. Não se preocupe, pode me falar qualquer coisa.

Ele hesitou antes de dizer – Eu visitarei os domínios do Oráculo no próximo ápice das luas.

- Mesmo sabendo do perigo?

- Sim, somente agora, depois destas semanas pude refletir e compreender todas essas novas experiências. Modevarsh, o silfo que me salvou, disse que a chave estava junto ao Oráculo e no meu dom. Agora compreendo. Este dom, o Toque de Asimi, é o poder concedido pelo deus aos homens de outrora para combater as forças abissais. Era por isto que fui um militar naquela vida. Suspeito também ter sido em outras tantas. As memórias da invasão e do combate contra as hordas que invadiram Umm retornaram com força. Pude ver o quanto ainda preciso desenvolver-me para fazer pleno uso do Toque de Asimi. Sei que terei de usá-lo para confrontar o mal.

Uma lágrima brotou no rosto de Lila – Você irá partir. – ela concluiu.

- Talvez – Kyle abraçou-a – depende do que eu descobrir junto ao Oráculo.

Lila chorou sabendo que talvez tivesse que abrir mão de seu amado. Sua abnegação superava em muito seu egoísmo. Ela sabia que o mundo precisava dos guerreiros de Asimi. Ela mesmo o acompanharia se não fosse sua atual condição. Guardava para si o fato de estar esperando um filho de Kyle. Tivera certeza apenas naquela manhã. Mas agora, sabia que precisava esperar um pouco mais antes de revelar. Se houvesse um destino para ele cumprir, não queria ficar no caminho.

Outro destino já germinava naquele momento dentro dela.

CAPÍTULO 67

Aquela estranha dimensão fizera que perdessem a noção do tempo por completo. Não havia dia, ou noite. Era sempre claro, mas de algum modo, tudo parecia coberto por uma estranha penumbra.

- Há quanto tempo estamos andando? Dias, semanas? – Ector falou para escapar do tédio.

- Quietos fedelhos! – retrucou Yourdon com rispidez – já disse! Sem conversinha.

- Admita Yourdon – Calisto tinha um sorriso debochado – Estamos perdidos.

- Não, muito pelo contrário, vejam! – O mago indicou um brilho mais intenso atrás da colina para a qual se dirigiam.

- Ah sim – retrucou Calisto – mais uma maldita colina!

- O brilho púrpura, não veem?

Calisto e os demais não viam brilho algum, mas Ector sim – O que é Chris?

- A saída... Um portal para nossa dimensão. Atravessá-lo, talvez, seja um problema.

- Como assim? – indagou Vekkardi.

- Entrar neste lugar é realmente fácil, mas para sair, precisaremos derramar sangue.

- Sangue? – Ector pigarreou receoso – Nosso sangue?

- Não fedelho, precisaremos enfrentar o Golem Netéreo criado por Thoudervon para guardar o portal.

Derek gargalhou – Eu pensei que aquela besta da torre tinha sido a coisa mais louca...

- E o querido Sr. ossada não lhe deu nenhuma chave para abrir este cadeado? – Calisto encarou Yourdon.

- Eu pedi algo assim quando ele me enviou. Ele disse que havia um jeito trivial de contornar seu golem, mas que confrontá-lo seria um bom teste para você, Calisto, pois ele planeja enviá-lo numa nova missão neste plano, em breve.

- Se é assim, vou confrontá-lo sozinho.

Derek riu-se – Isso vou querer ver.

Calisto devolveu um olhar fulminante para o cavaleiro.

Ector suspirou aliviado. A última coisa que queria era se meter numa nova luta contra alguma coisa daquela dimensão.

Caminharam morro acima e puderam avistar o portal. Era uma passagem oval cravada num paredão rochoso. Num degrau, acima da porta cujo brilho púrpura apenas os magos podiam ver, estava uma besta adormecida. Era um lagarto de pele alva e lustrosa, parecia uma escultura de mármore polido. Tinha o corpo musculoso e o porte de um touro, apenas duas vezes maior.

Calisto engoliu seco e pensou “Thoudervon só pode estar de brincadeira”. Seguiu adiante e viu que os demais ficaram para trás.

- Devemos mesmo deixá-lo confrontar aquela coisa sozinho? – ponderou Vekkardi.

- Talvez – retrucou Yourdon – mas em qualquer caso, fiquemos preparados para atuar, afinal, precisamos sair deste lugar de qualquer maneira.

Calisto aproximou-se do portal, e com isso, os olhos da criatura se abriram. Possuía olhos de brilho azul, semelhante aos de Calisto naquela dimensão. Isto fez Yourdon divagar sobre algumas de suas teorias sobre as crianças de olhos negros de Lacoresh. Haveria alguma ligação delas com o Plano Netéreo? Qual seria o verdadeiro papel destas? Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de Calisto.

- Em nome do poderoso Thoudervon, lhe ordeno: deixe-nos passar!

O monstro saltou na direção de Calisto com ferocidade. O rapaz sondou a mente da criatura e esta não emitia sinais ser um ente vivo. Ele deu um passo para trás e forçou um ataque mental sobre o golem. Não só ele, como os demais, puderam ver que o ataque partiu de seus olhos na forma de dois feixes de energia azulada. Ao atingir o monstro, este guinchou, mas isto não impediu seu avanço.

O contra ataque do monstro veio com violência. Instintivamente, Calisto concentrou-se numa maneira de se defender. Ergueu um escudo psíquico que, naquela dimensão, podia ser visto a olho nu. Placas hexagonais de energia azulada se ergueram e se uniram à esquerda de Calisto fazendo o ataque da besta refrear. Ele suspirou aliviado e, usando força semelhante, projetou uma barreira de hexágonos justapostos contra o oponente repelindo-o uns poucos metros para trás. O contragolpe veio rápido pegando Calisto desprevenido. A besta girou seu corpo usando a cauda grossa e espinhosa como um chicote que atingiu as suas pernas com violência, fazendo-o girar e cair.

Tonto e de costas no chão, Calisto perdeu a concentração e suas defesas se dissiparam. O golem saltou sobre ele para cravar suas garras no peito. Um cordão de

energia vindo de Yourdon lançou um dos braços de Calisto puxando-o para trás. Evadiu do ataque no último instante. Vekkardi avançou com o Jii fluindo visivelmente em torno de seu corpo. Ali, podia disparar golpes distantes com certa facilidade. Uma série de sons guturais que denotavam esforço acompanhavam cada disparo que partia dos punhos fechados de Vekkardi e zuniam contra o corpo do lagarto de mármore. Porém, o efeito esperado por ele não ocorreu. Esperava que a criatura sofresse severamente, do mesmo modo que a lagarta que derrotaram fora atingida. O golem parecia absorver os disparos como se fossem apenas fortes jatos d'água que imprimiam força contrária a seu avanço, porém sem causar danos. Dagon e Derek partiram lado a lado contra o oponente. O machado de Derek emanava um brilho esverdeado e a espada de Dagon assumiu o tom negro de seus ossos. Cada um dos golpes soaram como fortes pancadas de metal contra rocha faiscando e mordendo a pele na forma de pequenas rachaduras. A besta cobriu-os de safanões projetando-os no ar a muitos metros de distância. A estranha gravidade daquele plano fez com que a aterrissagem não fosse traumática. Ao mesmo tempo, Ector e Yourdon ajudaram Calisto a ficar de pé.

Yourdon deu instruções a Ector – Fedelho, para fazer a magia funcionar aqui é preciso reverter o fluxo energético, por exemplo, para produzir fogo, pense em gelo, para atrair, pense em repelir.

Ector concentrou-se para lançar um feitiço de levitação contra a criatura. O efeito foi o esperado. Os passos do monstro ficaram pesados, deixando seu avanço mais lento. Isto deu tempo para Calisto pensar numa nova estratégia. O escudo psíquico havia funcionado, então... Placas de energia psíquicas manipuladas por ele surgiram e se uniram umas às outras. Ele as juntava e compactava, fazendo o brilho mais intenso à medida que acumulava forças. Uma espada de lâmina larga, maior que a de Dagon formou-se nas mãos de Calisto. O rapaz avançou e brandiu esta contra a cabeça somando força física à projeção psíquica. A batida teve efeito mais forte que os golpes dados por Dagon e Derek. O contragolpe poderia ter-lhe custado a cabeça, mas Calisto agachou-se para escapar. Rolou no chão e atacou novamente. Ele havia absorvido tais habilidades ao penetrar na mente de vários espadachins no passado. Sua perícia era comparável à dos profissionais. Um golpe atingiu a perna esquerda precisamente na fenda deixada pelo golpe de Derek. Pedacos de pedra voaram e rachaduras se espalharam como raízes provocando a separação do membro do resto do corpo.

Ela perdeu o equilíbrio e antes que voltasse a combater, recebeu repetidos golpes de Calisto que atacava com um misto de fúria e extrema concentração. As rachaduras se espalharam em fortes estalos fazendo-o ruir e converter-se num monte de escombros.

-Uhu! – Saltou Ector – Conseguimos derrotar o guardião!

- Não fique aí todo feliz, fedelho! Seus próximos passos o levarão ao covil de meu mestre, na Necrópole. Quero vê-lo sorrir quando nos encontrarmos com Thoudervon.

Aquilo cortou o barato do rapaz e fez Vekkardi se lembrar de sua visita àquele lugar sombrio em tempos passados.

Derek se aproximou e disse – Lutou bem, Calisto.

O rapaz respondeu com um aceno. Derek ainda achava estranho olhar para ele e vê-lo com olhos normais, azuis claros.

- Isto eleva para dois – riu Yourdon.

- O que? – Derek perguntou.

- O número de vezes que salvei a pele de Calisto.

- Ao inferno com sua maldita contabilidade! – Voltemos ao nosso mundo.

Yourdon fez pouco caso da irritação de Calisto e retrucou – Tecnicamente, ainda estamos em nosso mundo.

- Certo, certo – Calisto avançou para o portal. Foi o primeiro a atravessar e foi seguido pelos demais.

CAPÍTULO 68

Tonuak era uma cidade singular e, como outras tantas daquela região, possuía um governo independente. O comércio por navegação era uma das principais atividades e o governo se dava por um conselho presidido pelos patriarcas da Casa Comercial Muntau, a mais poderosa da cidade. Há muito tempo foram abolidas da cidade os conceitos de nobreza e direito de nascimento.

O jovem Marino Muntau havia assumido a liderança de sua casa após um naufrágio que levou a vida de seu pai e seu tio. Era uma pessoa reservada e difícil de ser vista. Kiorina, após muito custo, havia conseguido ser recebida na sede da casa comercial, uma impressionante construção em madeira que tomava o espaço de um quarteirão no centro da cidade, nas proximidades da região portuária. O lugar tinha algo que fazia a moça se recordar das instalações da Alta Escola de Magia em Kamanesh.

A ruiva penetrou na sala de reuniões dos Muntau e ficou impressionada pela iluminação e decoração. Havia uma enorme mesa oval com cerca de trinta assentos e na cabeceira estava o jovem líder da casa comercial. Um criado servia chá. Possuía pele morena e feições características do povo de Ô-makô. Vestia uma roupa simples tingida de amarelo usada pelos servos em Tonuak. De acordo com as tradições locais, os servos eram bem pagos, bem tratados e honrados pelo tipo de serviço que prestavam. O velho código de Tonuak exaltava o valor de se prestar serviço.

Outro servo que acompanhou Kiorina até ali anunciou-a – Srta. Kiorina DeLars de Lacoresh.

Marino ergueu os olhos e sobrancelhas para observar a jovem. Havia malícia em seu olhar. Tinha aparência jovial e seus cabelos castanhos cacheados reluziam, pois usava óleo para se pentear. Suas vestes eram sóbrias e requintadas, o que fez Kiorina lembrar-se das roupas que seu pai fazia para a nobreza de Lacoresh.

- Aproxime-se Srta. – disse em lacorês com sotaque forte e estranho – Sou Marino Muntau, em que posso servi-la?

O criado indicou um assento para ela. As cadeiras eram feitas de madeira, mas os assentos e encostos eram de fibras trançadas. Algo bastante exótico para a lacoresa.

- Vim para requisitar o navio dacsiniano conhecido como Estrela do Crepúsculo.

- Requisitar? Quer dizer, fretá-lo para uma viagem? Uma viagem a Lacoresh?

- Sim, precisamos do navio, mas não para ir a Lacoresh. O destino é Saubics, no Vale Verde.

- Ah, Saubics... Sabia que há uma guerra em curso na região?

- Ouvi dizer – mentiu Kiorina.

- Ir para uma zona de conflito custou muito mais.

- Por falar em custo, quanto custa a sua vida e de todos os habitantes de TONUAK?

Marino deixou escapar uma gargalhada suave – Mas o que é isto? Uma ameaça?

- Não, nada assim.

- Meu pai me falava muito sobre a estranha maneira dos lacoreses de fazer negócios, e eu não dei a devida atenção. Se não vai me matar, mate minha curiosidade.

- O fato é que o mal está crescendo. Ele já tomou Lacoresh e algo pior está para emergir no Vale Verde. Trata-se de um antigo demônio. Se não for impedido, será uma questão de tempo, pouco tempo, para que sua TONUAK venha sofrer as consequências.

Ele escutou, mas antes de responder, não conseguiu se conter e caiu na gargalhada. Tentou elaborar uma resposta por diversas vezes, mas não conseguiu falar devido ao ataque de risos. Já vermelho e vertendo lágrimas, conseguiu se acalmar.

- Me desculpe Srta. Kiorina, mas esta foi a proposta comercial mais estranha que já recebi. Você e seu pessoal não tem dinheiro de verdade, certo?

- Temos algum dinheiro.

- Certo, mas falemos sobre seu grupo. Por acaso, pretende comprar passagens para você, seu companheiro lacorês e mais alguém?

- Bem, sim.

- Deixe-me adivinhar. Quer transporte para a antiga tripulação do tal Leopard Baltimore? E mais, vão querer viajar no Estrela do Crepúsculo, estou certo?

- Sim.

- Pois vou deixar claro: não vendo passagem alguma para aquele grupo. Não confio neles. Se quiser um navio é melhor juntar dinheiro para comprar um.

- Mas o que eu disse é verdade! Precisamos impedir o retorno de

Marlituk!

- Ora, srta. Não me venha com essa história de demônios e do fim dos tempos. Isso é tudo coisa do passado. Há milhares de anos que não se vê demônios em lugar algum. Foram todos destruídos ou expulsos na época da Guerra Milenar. Danko, por favor, mostre a saída a srta. DeLars.

- Mas o Sr. precisa acreditar! É verdade! Estão todos em perigo.

- É uma pena, não é, Ximbul? – Ele dirigiu-se ao criado de tez morena – Uma moça tão bonita ser completamente lunática...

Ximbul riu discretamente.

- Por favor, srta. – pediu Danko – venha comigo.

- Sim, já vou! – disse Kiorina irritada – Escute aqui, seu almofadinha arrogante, espero que tenham um indigestão ao engolir seu próprio fel.

Marino gargalhou – Papai estava certo! Há há há! Lacoresses são mesmo gente muito estranha...

Kiorina saiu se contendo para não atear fogo em todo aquele quarto. A madeira queimaria velozmente, ela pensava. Sentiu-se derrotada. Sua ideia de conseguir o navio através de um acordo havia falhado. Restava agora aderir ao plano de Lepard e os demais: tomar o navio à força.

Marino riu um pouco mais até que parou.

- Ximbul, vá buscar Zorena. Estes aí vão aprontar alguma. É melhor agirmos preventivamente.

CAPÍTULO 69

Graças ao ambiente singular de Banzanac, Kyle conseguia agora atingir um estágio superior em suas meditações. Estava aprendendo a usar uma capacidade latente que possuía além do simples Kishar físico. Assim como Mishtra, agora podia ver o mundo invisível. Era como se portas estivessem se abrindo em sua mente. Fazia sua meditação matinal na arvorezinha erguida por Wbick na noite em que despertou do longo transe. Era um de seus locais favoritos naquele santuário.

Com os olhos da mente percebeu a presença de Noran. Além de vê-lo, podia também ouvi-lo.

- Estou impressionado com a sua recuperação – disse-lhe o espírito que se recostava na mesma árvore. Kyle podia vê-lo perfeitamente, apesar de sua transparência.

- Acho que devo isto a este lugar.

- Nesta noite, as luas voltam a se reunir. Irá de encontro ao Oráculo mais uma vez?

- Sim. Preciso confirmar minhas hipóteses. Acho que estive procurando a resposta para as questões erradas. Eu buscava uma solução completa, perfeita, mas temo que isto fosse um engano.

- O que o fez perceber isto?

- Isso tudo que me ocorreu. Perceber como funciona o ciclo da vida. Que morremos e renascemos sem cessar. Comecei a pensar que não precisamos resolver todos os problemas em uma só vida.

- Entendo. Vejo isto quando olho as coisas do alto. Tudo fica tão pequeno quando mudamos a perspectiva...

- Até mesmo os sacrifícios diminuem se pensarmos assim. Acho que agora estou pronto, até mesmo para sacrifícios, caso seja necessário. O problema de explorar muitos futuros e possibilidades é ficar paralisado, sem definir ações práticas. Agora vejo isto claramente. Meu pensamento está fluindo como nunca antes.

- Kyle, deixar o corpo é um pouco assim, mas agora percebo o quanto podia ter vivido minha vida com maior intensidade. Refletindo, vejo quanto tempo passei em rotinas repetitivas e sem significado. Arrependo-me. Devia ter sido mais ousado. Devia ter deixado Tisamir antes e buscado

Giordana. Talvez conseguisse obter seu perdão.

- A vidente?

- Sim, nunca lhe contei, mas ela foi minha esposa. E eu traí sua confiança.

- Entendo... Fico pensando se voltarei a ver Kiorina e se ela me perdoará...

Houve silêncio entre os dois e Kyle indagou – Noran, você consegue viajar até Lacoresh? Conseguiria obter notícias para me contar?

- Tive vontade de fazer isso, mas temia me perder de vocês. Ainda não estou acostumado a esta dimensão. É difícil explicar a interação entre suas múltiplas camadas, mas tenho me mantido por perto através de uma espécie de âncora que estabeleci com você. Conversemos mais em outra ocasião, pois sua companheira chegou.

Kyle abriu os olhos rompendo seu transe. Lila se aproximava com um cesto de frutos frescos.

- Trouxe para você – ela estava sorridente e linda.

Kyle agradeceu e comeu uma das deliciosas peras douradas.

- Nosso encontro foi uma grande benção – Kyle disse – Hoje à noite descobrirei que destino me aguarda. Temo ter que sair de Banzanac para confrontar o mal que cresce fora daqui, mas...

- Sim, compreendo. Não vamos pensar nisto agora. Venha, que lhe mostrar uma coisa – Lila puxou-o pela mão em direção à vila onde morava Wbick.

- A casa do senhor que faleceu na semana passada ficou vazia. Wbick e os nativos prepararam-na para nos receber. Podemos descansar nela hoje, sem maiores preocupações.

Depois de passar um dia tranquilo junto a sua amada, Kyle saiu para se preparar para a jornada. Cruzaria a ponte do destino, uma vez mais, para ir até o espaço sem tempo onde o Oráculo lhe proporcionava a exploração de cenários futuros.

Deitou-se na grama nos arredores do vilarejo e ficou a observar a chuva de partículas luminosas que desciam da copa da imensa árvore. Entrou em meditação profunda e flutuou para fora de seu corpo. Noran veio a seu encontro. A energia que emanava das luas deixava toda aquela região do astral mais iluminada. Kyle se sentia mais confiante para empreender a jornada do que das últimas vezes. Assim, foi até a ponte e volitou com determinação para cruzá-la. Noran não podia segui-lo, pois não possuía autorização do Oráculo.

Kyle avançou muitos anos no futuro, para depois do tempo em que estava prevista a vitória dos necromantes. Neste futuro, a Grande Eclosão, evento último planejado pelos necromantes fora bem sucedida. O mundo fora tomado pelo caos. As horas demoníacas, outrora banidas, dominavam o cenário.

Viu emergir de profundas cavernas o povo exilado. Anões amaldiçoados, albinos e disformes, lutavam contra seu extermínio enquanto as hordas demoníacas avançavam com voracidade.

Viu heróis desconhecidos que empunhavam três objetos de poder esquecidos desde a Guerra Milenar. Com eles, quebravam as barreiras físicas e penetravam em outras dimensões. Kyle compreendeu que competia àqueles desconhecidos acessar algo que traria paz e equilíbrio de volta ao mundo. Que apenas doravante as coisas iriam melhorar.

Retornou, impressionado com o viu. Quis agora ver o que aconteceria se ficasse firme no propósito de permanecer em Banzanac. Viu que ele e Lila teriam filhos, e que Banzanac permaneceria intacta, indetectável aos demônios. Seria um oásis num mundo devastado pelo avanço do demônio Marlituk. Neste futuro, viu as terras de Lacoresh desoladas. A floresta de Shind queimada e estéril. Como legado do povo lacorês, vagavam esqueletos e zumbis. Um futuro em que os necromantes foram derrotados pelas hordas de Marlituk.

Kyle se viu velho, amargurado e impotente. Chorava, pois não conseguia sair de Banzanac, enquanto seus filhos deixavam o santuário, sensíveis às necessidades do mundo, para dar a vida num combate inútil contra o demônio e seus exércitos.

Kyle forçava os limites de sua capacidade e retornou e avançou, dúzias de vezes, indo muito além do que havia experimentado anteriormente. A noite correu e o sol do alvorecer queria surgir. A ponte iria se desfazer. O espírito de Kyle ficaria preso e os laços com seu corpo se romperiam, ou seja, estaria morto.

Noran resolveu agir. Tocou o fio que ligava Kyle a seu corpo e através dele conectou-se à sua mente. Antes de estabelecer comunicação, sua mente foi invadida por dezenas de visões. A mais forte mostrava Kyle acompanhado de Kiorina nas ruas de uma cidade grande, com arquitetura antiga, nunca antes vista por Noran. Estavam envelhecidos e pareciam felizes juntos, rindo enquanto caminhavam.

-Kyle! – Noran emitiu um grito psíquico. – Venha agora! O alvorecer!

Sob o chamado de Noran, Kyle rompeu o impulso de continuar vendo mais e mais futuros.

Acordou tossindo violentamente. A concentração se dissipou e uma forte e aguda dor de cabeça o tomou. Soube que fora salvo pelo amigo espiritual e agradeceu em pensamento “Obrigado, Noran. Obrigado por me salvar!”.

Desabafou em voz alta, na esperança de seu ouvido – Esta foi a última vez. Cheguei ao meu limite. A ponte está fechada para sempre.

Kyle esforçou-se para ficar de pé e sentia a cabeça latejar. Cada uma de suas visões, mais de cento e cinquenta vislumbres de futuros, revelou coisas diferentes. Em nenhuma delas havia desfechos perfeitos e já esperava por isso. Compreendeu que seu destino e dos povos do mundo ainda era passar por duras e dolorosas provas. Ao mesmo tempo, pode perceber que quanto maior fosse sua indiferença, maior seria o preço a pagar pessoalmente. Precisava agir e dar o melhor de si. O futuro próximo podia ser previsto com certa precisão, mas com o avanço dos anos, as consequências variavam mais. Entendeu bem as limitações associadas à previsão do futuro.

Foi para a casa de Wbick. Entrou, passando pelos cortinados barulhentos, cheios de miçangas, e foi encontrar-se com o ancião no terceiro cômodo.

- Desculpe-me entrar assim...

- A casa é sua, meu filho. E então? Tomou sua decisão? – O velho estava sentado, com sua expressão plácida parecia já saber a resposta.

- Sim. Eu descobri nas minhas visões que o senhor guarda aqui um antigo portal que pertenceu aos Vetmös.

- Imagino o que mais o Oráculo lhe revelou...

- Muita coisa, na verdade. Preciso ir a Tonuak rapidamente. Poderia operar o portal para facilitar minha jornada?

- Confesso que não gosto nada de utilizar aquela coisa, mas como sei que é por uma boa causa...

- Obrigado, Senhor Wbick! Um dia, gostaria de poder retribuir tudo o que fez por mim e meus amigos.

- Não se preocupe, meu filho, foi um prazer poder servi-los. Quando pretende ir?

- O quanto antes.

- Então vá. Aproveite seu tempo aqui. Vá despedir-se da abençoada Lila. Volte esta noite. Penso que terei tudo preparado até lá.

CAPÍTULO 70

Depois de muito estudar as rotinas da região portuária pertencente à Casa Muntau, a tripulação de Leopard se preparava para retomar o Estrela do Crepúsculo e deixar Tonuak. Por alguns dias, Kiorina praticou a convocação dos elementais da água, lembrando-se das lições do Silfo Zoros, dos Maki. Assim que lidassem com os guardas do cais e subissem a bordo, teriam apenas desatar o navio para que os elementais atuassem. Teriam velocidade suficiente para escapar antes de enfrentar um bloqueio.

Zorena, uma das mais eficientes espãs de Marino Muntau, tinha acompanhado os movimentos dos estrangeiros podia prever suas intenções. O navio era a isca e arapuca preparada para capturá-los em sua tentativa de roubo. Seria levados a julgamento e Marino pretendia convertê-los em servos de sua casa comercial, ou então, aprisioná-los, caso não estivessem dispostos a cooperar.

Eliminar os guardas foi trivial. Kiorina colocou-os para dormir com um feitiço.

Zorena e seus homens estavam habilmente camuflados no interior da nau dacsiniana. A líder tinha a tarefa de eliminar Kiorina, considerada como a principal ameaça daquele grupo. Seu disparo seria o primeiro e serviria como sinal para sua equipe entrar em ação. O dardo embebido na seiva paralisante atingiu o pescoço de Kiorina fazendo-a soltar um gritinho, tropeçar e cair no chão.

Leopard gritou – Emboscada!

Uma segunda leva dardos disparados derrubou metade dos homens de Leopard. Gorum foi atingido no braço e não chegou a cair. Sentiu tonteiras, mas partiu para cima de um dos espões forçando-o a recuar. Tombou por cima da amurada e caiu no rio.

Zorena saltou de sua posição empunhando duas espadas curtas e curvas. Eram armas raramente vistas naquela região e com elas abateu um dos marujos de Leopard antes que ele pudesse reagir. A situação era desfavorável, metade dos homens havia caído e os oponentes estavam em maior número. A luta na penumbra favorecia os espões, muito bem treinados para confrontos noturnos. Porém uma inesperada luminosidade de natureza mágica tomou o convés surpreendendo a todos. Um zumbido forte foi acompanhado pelo surgimento de uma nuvem de fagulhas azuladas que logo se dissipou. Ali, surgiu uma pessoa e no escuro apenas sua silhueta podia ser vista. Era um homem musculoso e desarmado. Na realidade, estava nu. Um dos homens de Zorena avançou contra aquela aparição golpeando-a com sua espada de ponta curva. O golpe parecia que o atingiria, mas no último instante o homem desviou-se. A lâmina errou-o apenas por um dedo. O atacante teve seus braços agarrados e em seguida tomou uma forte joelhada contra o peitoral que tirou seu

fôlego e o derrubou. Mais dois vieram contra o homem. Com agilidade este desviou-se dos golpes de espada, girou e atingiu um deles com o calcanhar contra o rosto. O homem de Zorena teve a mandíbula deslocada e desmaiou sentindo dores intensas. Quase ao mesmo tempo, o guerreiro misterioso aproveitou a força do golpe do outro oponente e empurrou-o contra a amurada. Este rolou por cima e caiu ruidosamente sobre a água.

Os três foram eliminados rapidamente. Ao partir para o ataque, o guerreiro parecia agir de maneira suicida. Era loucura uma pessoa nua e desarmada avançar contra oponentes com espadas. Um inesperado e veloz rolamento colocou-o quase abaixo de um de seus oponentes. Desferiu um chute duplo contra o tórax fazendo que este tombasse como uma tora.

Zorena gritou indignada – Maldito! – Ela deu golpes velozes contra um dos marujos de Leopard e saltou por sobre o corpo caído para aproximar-se do guerreiro nu. Estudou-o por alguns instantes e percebeu que ele lutava com os olhos fechados. Avançou com suas lâminas girando em ângulos que o forçaram a recuar realizando esquivas sucessivas. Zorena fazia jus à sua posição de líder daquele especializado grupo de espiões. Sua roupa escura e justa conferia-lhe total liberdade de movimentos.

Gorum, mesmo grogue, eliminava mais um dos oponentes ao brandir sua espada com sua força estupenda. Teve tempo de reparar no recém-chegado e balbuciou – Kyle? Mas como?

De fato, o guerreiro nu que confrontava Zorena era Kyle Blackwing. Lutava de uma maneira mais controlada que fez com que Gorum se lembrasse de uma luta de Armand, pai de Kyle, contra uma dúzia de bestiais que o cercavam. Na ocasião, Armand havia abandonado sua espada e escudo e venceu os doze bestiais com as mãos limpas. Mas tarde, Gorum interpelou-o sobre aquele incrível feito e este respondeu – Não havia alternativa senão usar meu Dom da Morte.

Kyle agora estava encurralado e não havia alternativa contra o golpe duplo de Zorena, senão, desviar-se de uma das espadas e deixar que a outra o atingisse fora de um ponto vital. O corte no braço direito de Kyle foi profundo, mas ignorando a dor, desferiu uma sequência de três chutes que atingiram a canela, coxa e rins. Zorena arquejou, mas não tombou, sem crer, ou mesmo, entender no que havia acontecido. Seus pulsos foram atingidos por socos que provocaram choques musculares e com isso, involuntariamente, ela deixou cair ambas as espadas. Kyle segurou-a com firmeza no pescoço e disse – Ordene que se retirem.

Zorena compreendia lacorês o suficiente e emitiu um assobio triplo. Seus homens mudaram para a defensiva e em seguida saltaram do navio na primeira oportunidade.

-O que ser você? – indagou Zorena com um sotaque acentuado.

-Sou quem pode alterar o destino, e você, Zorena, virá conosco.
-Como... como saber meu nome? Ser bruxo?
-Bruxo? – Kyle achou graça naquilo – Sim, penso que sou uma espécie de bruxo. Pode me chamar de Blackwing.

-Kyle? – indagou Kleon se aproximando – É mesmo você?
-É bom lhe ver, meu caro, mas precisamos tirar este navio daqui já.
Kleon concordou com um aceno e passou a coordenar os trabalhos dos marujos que ainda restavam.

No chão, paralisados, Kiorina, An Leopard, Claudine e outros haviam escutado a voz de Blackwing, mas mal podiam acreditar que ele estivesse mesmo ali.

-Amarrem-na – Kyle ordenou a dois marujos.
Gorum cambaleou e foi amparado por Kyle.
-Garoto – disse com lágrimas nos olhos e voz embolada – que bom vê-lo! Eu pensei...

Kyle abraçou-o abrindo os olhos. Seus sentidos normais retornaram e suspirou aliviado.

-Foi difícil deixar Lila e Banzanac para trás, mas estou de volta.
-De algum modo, sabia que voltaria. Aquilo tinha que ser temporário.

CAPÍTULO 71

Estar de volta ao plano físico, após uma passagem pelo plano netéreo, tinha suas consequências. Calisto ponderava sobre o aprendizado que a experiência havia proporcionado. Teve o vislumbre de uma faceta de seus poderes que até então desconhecia.

Thoudervon havia observado com interesse toda a jornada daquele grupo pela dimensão que lhe era familiar. O ente estava no local para recepcioná-los. Seu manto vermelho cobria os ossos e usava sobre o crânio o elmo cravejado de gemas com os longos chifres subindo pelas laterais. Assim que colocaram os pés na câmara dos portais, Ector e Vekkardi foram capturados por tentáculos escuros controlados pelo morto-vivo que os imobilizou. Ele ainda não sabia ao certo o que faria com a dupla. A câmara era ampla e dotada de quinze portais semelhantes ao que haviam cruzado. Apesar de diferentes, Calisto percebeu semelhanças com os que viram no último andar da torre Vëtmos que visitaram.

- Poderoso Thoudervon – Calisto fez uma reverência.

- Prematuro. Yourdon. – dirigiu-se aos dois mais ignorou Derek e Dagon.

- Mestre – O mago ajoelhou-se – aqui está Lorde Calisto, conforme ordenado.

- Muito bem, jovem, foi um trabalho satisfatório. Tranque estes nas catacumbas. – indicou Ector e Vekkardi – Quanto a você, Calisto, venha comigo, conversaremos.

Dagon sentiu-se estranho. Não sentia o impulso que lhe era natural para servir seu criador, o Príncipe Serin. Estaria agora livre? Sem pensar em receber instruções de Thoudervon, seguiu Yourdon. Indagou a este se nas catacumbas haveria prisioneiros dispensáveis para usar como alimento.

- E por falar em comida – veio Derek – Pode me mostrar onde fica a cozinha, mago?

- Claro, depois que trancafiar estes vamos juntos. Também estou faminto.

Já seguindo caminhos separados, Calisto percebeu que voltava a claudicar no plano físico e disse – Obrigado por ter me socorrido.

- Continua sendo difícil para você se comportar, não é mesmo criança? Sua tendência a fazer jogo duplo poderá bem ser sua ruína.

- Peço desculpas, poderoso Thoudervon. Reconheço que ainda tenho muito que aprender.

- É verdade. Venha. É hora de aprender um pouco sobre a história deste mundo. Sou, talvez, aquele que mais conheça sobre este assunto, pois testemunhei o surgimento das primeiras civilizações.

- Porra... – Calisto deixou escapar chocado pelo que ouvira. Sua mão tremia e ele esboçava uma risadinha excitada.

O rapaz tinha noção que Thoudervon era um ser antigo, mas nunca antes ele revelara algo que explicitasse o quão velho era. – Já exerci papel semelhante a o de deuses, em outros tempos. Foi com pesar que testemunhei a queda das antigas civilizações. É curioso como esta esfera atrai para si demônios como uma lamparina atrai insetos na noite.

Calisto pensou “Ele fala com mais abertura...” e viu oportunidade para externar suas indagações.

- Maurícius e Arávner, seus aliados, cada qual tem suas pretensões. O senhor as compartilha? Por que aliou-se a eles? Minha função será servir de vaso carnal para algum demônio?

- Ah, criança. Tantas perguntas... Façamos o seguinte: se for realmente competente em realizar uma importante tarefa para mim, responderei a tudo que desejar.

Calisto resistiu ao impulso de resmungar. – É claro...

O esqueleto o conduziu pelo labirinto subterrâneo até chegarem à câmara especial, um lugar de aparência antiga, mas que Calisto nunca havia visitado. Esta se tornou iluminada pela simples presença dos dois. Era um grande salão circular e tinha centenas de padrões escritos em baixo relevo no solo. Era como um círculo cortado por uma centena de curvas e retas formando um intrincado mosaico ininteligível para Calisto. Nenhum símbolo parecia familiar. Ele estava curioso – Isto é obra dos antigos Vetmös?

- Não criança, isto é obra minha. Coincidência, ou não, eu já habitava este lugar desde muito antes que seu povo viesse para cá e fundasse o reino de Lacoresh. Infelizmente, minha antiga cidadela foi devastada por uma força que não pude deter.

- Algo mais poderoso que o senhor?

- Não devo ser tomado como referência de extremo poder, Calisto. Meu conhecimento é profundo e vasto, mas ainda assim, não pode tudo.

- Compreendo.

- A história dos humanos é mesmo cheia de lendas. Algumas verdadeiras, outras, pura fantasia. Mas falávamos de criaturas de extremo poder, vou lhe contar sobre o demônio conhecido como Marlituk.

Thoudervon fez um movimento amplo com as mãos e um zumbido soou. Em seguida, linhas luminosas surgiram no grande círculo. Ambas tangenciavam a borda e Calisto viu surgir em pleno ar fagulhas de luz que foram se agitando até formar imagens.

As imagens eram vistas do alto, como se vistas pelos olhos de uma ave. Calisto demorou a compreender. Ocorria uma batalha entre exércitos de números que pareciam infinitos. Aos poucos as imagens foram se ampliando fixando-se numa região mais próxima da batalha. As proporções do confronto faziam as guerras travadas entre Lacoresh e os Bestiais parecer brincadeira de criança. À frente do exército composto por homens deformados havia uma figura colossal. Um bruto de olhos amarelos que faiscavam com ódio. Era mais alto que dez homens e seu corpo era escuro e espinhoso. Centenas de flechas disparadas contra ele eram defletidas por seu couro grosso e umas poucas se cravavam superficialmente. Parecia invencível.

Um oponente surgiu. Um homenzarrão que brandia uma espada enorme abrindo caminho entre os homens comandados pelo demônio. Outros seres que se assemelhavam a humanos, mas que emitiam luzes e faíscas se juntou para combater a criatura. O choque entre estes gerou uma explosão e estilhaços voaram longe. Um fragmento voou contra o portador daquela visão e a imagem se desfez de súbito.

- Quem eram aqueles feiticeiros que enfrentava o demônio?

- Não eram feiticeiros. Mas sim, seres superiores que povo denominou como deuses.

- E o que aconteceu?

- O demônio foi derrotado e aprisionado.

- Por que não o mataram?

- Teriam feito isso, se fosse possível. Entretanto, Marlituk é um demônio imaterial que se apossa e corrompe outros corpos para manifestar sua vontade. Muitos anos depois deste confronto ele escapou e provocou uma terrível e longa guerra. O desfecho foi uma nova derrota e subsequente aprisionamento. Seu cárcere, desde então, tem sido sob a antiga e gloriosa cidade de Ilm'Taak. Esta e seus habitantes foram devastados pela mesma força que destruiu minha cidadela durante a Guerra Milenar.

- Por que me mostrou isto?

- Pois é importante conhecer seu oponente. Sua tarefa será deter este demônio.

- Eu? Deter aquela coisa?

- Sim. A verdade é que um confronto de forças não é uma boa estratégia contra ele. O que faremos é algo mais sutil. Precisamos ganhar tempo e para isto, usaremos o próprio tempo como arma.

- Podemos convencê-lo a escutar a história de sua vida. O senhor é tão velho que vai levar anos até que ele possa fazer alguma coisa.

- Sua tentativa de fazer humor é lastimável – Thoudervon caminhou sobre o mosaico no chão e acionou o dispositivo novamente. Desta vez, houve um suave tremor e partes do chão se deslocaram. Surgiu uma pequena plataforma da qual o esqueleto retirou um objeto. Um recipiente transparente semelhante a uma garrafa ricamente ornamentada. Em seu interior havia um líquido cremoso que pulsava entre o amarelo e o vermelho.

- O que é isto? – Calisto olhava o líquido com fascinação.

- Este Amalgama contém tempo comprimido.

- Tempo?

- Não espero que compreenda isto. Espero apenas que seja capaz de aplicá-lo seguindo minhas instruções precisamente.

- Sim, eu o farei.

- Mas advirto, há muito poder nisto e em caso de mau uso pode haver problemas.

- Que tipo de problemas?

- Melhor não saber. Basta saber que se a aplicação não for correta, sua vida e de todos que estiverem próximos poderá chegar ao fim.

- Desculpe-me ser insistente, mas a aliança de que o senhor faz parte não procurou estabelecer aliança com outros demônios para atingir objetivos superiores? Por que não procurar uma aliança com Marlituk?

- Pactos com demônios é negócio de perdedores. Isto é, se for mais fraco que estes, perdas são a única certeza. O fato é que o demônio com quem meus aliados estabeleceram pacto é um antigo rival de Marlituk. Portanto, neste caso, por extensão, Marlituk é inimigo desta aliança.

- O senhor não soa muito fiel a esta aliança.

- Eles precisam mais de mim do que eu deles, no entanto, suas atividades me serão úteis. Digamos que nossas preocupações estejam circulando em torno de esferas distintas.

Calisto ficou em silêncio observando Thoudervon trabalhar e ponderava sobre o que havia visto. Estava consciente do jogo que ele fazia consigo. Usava sua curiosidade para impeli-lo a realizar suas tarefas. Não seria o próprio Thoudervon um tipo de demônio? Ao trabalhar para ele não estaria se condenando a sair sempre perdendo? Como enfrentá-lo se sabia tão pouco a seu respeito?

Apesar de sua criação ter sido junto àquele ser, percebia agora o quanto inumano ele era. O quanto era para ele apenas um instrumento a ser usado em seu elaborado jogo de conquista. No fundo, ainda guardava forte ressentimento pelo assassinato de sua amada, a Rainha Alena. Será que um dia reuniria forças para combater e derrotar Thoudervon?

CAPÍTULO 72

O convés do Estrela do Crepúsculo estava quase vazio naquela manhã. Por mais que Leopard detestasse aquele fato, não podia negar que obteve sua nau de volta graças à atuação de Kyle. Navegaram pelo mar nas proximidades da costa sul do grande vale que abrigava as cidades estado de Tchilla e TONUAK e diversos povos tribais tais como os Ô-makô e os Racine.

O navio possuía suprimentos apenas para chegar até Tchilla. Leopard se recuperou primeiro dos efeitos da seiva paralisante. Muitos estavam feridos, outros dormindo. Conversava com Kyle e este havia tomado emprestadas algumas roupas do dacsiniano, pois tinham porte físico semelhante.

- Não que eu esteja feliz com seu retorno, mas devo lhe agradecer pela ajuda. Tenho meu navio de volta graças a você. Obrigado.

Kyle sentia-se desconfortável em trajes dacsinianos. Aquela túnica azul de botões prateados não combinavam nada consigo, tão pouco a blusa cheia de babados na gola e nos pulsos.

- E eu agradeço pelas roupas... – coçou o pescoço e indagou – Conhece a rota para o reino de Saubics?

- Sim. Depois de tomarmos suprimentos em Tchilla, é apenas navegar seguindo a costa por entre um ou dois meses.

- Não temos todo este tempo. Precisamos que chegar em menos de um mês. Precisaremos de um atalho.

Leopard riu-se. – Atalho? Não sei o que está pensando, mas não há atalhos para percorrer tais distâncias.

- Sei bem disto, mas é aí que ela entra – Kyle apontou a mulher amarrada em um dos mastros, Zorena, a assassina dos Muntau.

- Entendi. Soltamos ela para ela nos matar... Então, nossos fantasmas conseguem voar até lá a tempo. – zombou o marujo.

- Não, ela vai nos conduzir até a Ilha da Torre Vermelha.

- Isso não passa de uma lenda. E mesmo que exista, por que iríamos querer ir até um lugar amaldiçoado?

- Confie em mim. Estou certo que encontraremos o local e que lá arranharemos meios para fazer essa viagem num passo acelerado.

- Eu? Confiar em você? Afinal, Kiorina era mais que sua amiga e você a traiu.

Kyle coçou os pulsos irritados pelos babados da blusa e ficou cabisbaixo – Foi o que ela disse? Que eu a traí?

-E por acaso isto não é verdade?

O lacorês assentiu e deixou escapar um suspiro – É verdade.

- Isto é um consolo para mim. Saber que você é humano e tão falível quanto eu. Que ambos temos um lado calhorda, em especial quando surgem mulheres interessantes.

Kyle queria retrucar de algum modo, mas não conseguia. Sabia que havia ferido os sentimentos de Kiorina. – Não é como você pensa, mas não vou negar que...

-Admita! Você é um calhorda! Assim como eu.

-Posso ter agido assim, mas estou arrependido.

-Sei como é, já me arrependi de ter feito muitas besteiras, mas isso não significa que consegui me tornar um bom sujeito.

-Cada um é cada um...

-Enfim, Blackwing, a ruivinha e o grandalhão vão ficar felizes em saber que voltou a ser o louco de antes, que acredita que vai salvar o mundo de um desastre. Saiba que não estou disposto a me suicidar. Vou deixá-los em Saubics e fim da história.

-Está bem. Você não faz mesmo o tipo altruísta.

-Estúpido, você quer dizer.

-Que seja! É hora de persuadir a mulher a colaborar.

Kyle sacudiu a espiã para que despertasse. Ela reagiu debatendo-se como um cão raivoso até que se deu conta de onde estava e se acalmou.

-O que querer, bruxo?

-Você nos conduzirá até a Ilha da Torre Vermelha.

Ela encarou-o com seus expressivos olhos cor de mel – Bruxo saber muito mais que nome de Zorena. Eu capaz levar vocês em ilha. Vocês querer morrer ser problema em vocês.

- Não vamos morrer, pois estou preparado para confrontar a bruxa. Vamos derrotá-la e obter a fonte de seu poder.

-Eu querer ver em acreditar.

-Pode soltá-la, capitão – disse Kyle – ela não vai causar problemas.

-Como sabe?

-Eu a derrotei, não nenhuma chance de retornar a seu mestre, exceto nos conduzir até a ilha e torcer para sermos derrotados pela bruxa que lá

habita.

A mulher se levantou e alisou os pulsos que estavam vermelhos e irritados pela pressão das amarras. Agora, com a luz do dia, podia ser vista em detalhes. Ainda vestia a roupa justa contra o corpo magro. Era um traje de tecido mesclado com remendos de couro dotado de algumas tiras, fivelas e bolsos. Uma minuciosa revista extraiu do traje algumas pequenas lâminas, cordas e frascos. Sua pele era muito bronzeada, tinha sobancelhas grossas, lábios carnudos e olhos âmbar que faiscavam ao encarar Kyle. Sentia um misto de ódio e admiração.

Zorena desprende os cabelos desmanchando o coque e estes escorreram lisos para além de seus ombros. Ela pegou o braço de Kyle e colocou a pequena lâmina que prendia o coque em sua mão.

-Esquecer desta.

-Obrigado – Kyle disse e devolveu – pode ficar e tome isto também – desprende o par de espadas curtas curvadas de seu cinturão.

-Mas Kyle... – An Lepard dizia, mas foi interrompido.

-Não se preocupe. Ela vai precisar de suas armas para se proteger das criaturas da bruxa. Será mais útil assim.

- Criaturas da bruxa? Não seria melhor apenas navegar para Saubics num ritmo forçado?

-Não se preocupe Lepard. Logo você estará de volta a Dacs para voltar a capitanear seu navio e exercer o comércio mundano.

Lepard riu, bem humorado – Você sempre me pareceu meio biruta, Blackwing, mas desta vez, está se superando.

Kyle ignorou o comentário. Foi até a proa do navio subiu e sentou-se para apreciar a vista. A brisa forte era agradável e seu braço ainda latejava pelo ferimento sofrido.

Zorena disse ao pé do ouvido de Lepard, em dacsiniano – Capitão, o senhor possui mapas?

Lepard saltou sem ter percebido o movimento sorrateiro da mulher. – Sim! – Coçou as cicatrizes de seu rosto. Fazia isto quando estava nervoso.

-Ótimo, mostrar-lhe-ei a localização da ilha que seu amigo tanto deseja encontrar.

- Por acaso é dacsiniana? – Lepard achou que ela falava como um nativa.

- Não, mas vivi alguns anos lá antes de trabalhar para o pai do Sr. Muntau.

- Sim, claro, os Muntau estabeleceram uma aliança com a Casa Alekzandra...

- Foi uma parceria lucrativa nos anos de disputa entre Tchilla e Dacs.

- Imagino que tenha sido. Mas afinal, você esteve mesmo na tal ilha?

- Sim, mas nunca pensei que voltaria depois... – ela se deteve.

- Depois?

- Que o Sr. Muntau faleceu.

A espiã ponderou que talvez a bruxa pudesse confirmar suas suspeitas. Se o que pensava estivesse correto, teria contas a acertar com Marino Muntau.

Três dias se passaram. Seguiram para sudoeste se afastando do continente. O mar os cercava. Zorena e Lepard conversavam muito e Claudine, sempre por perto, tentava não demonstrar ciúmes. Ela estava feliz com a cura repentina de Lepard. Já não se embriagava e aos poucos voltava a ser o velho e orgulhoso capitão do Estrela do Crepúsculo.

Kyle e Kiorina se evitavam e Gorum não gostava daquele clima. Nas conversas que teve com Kyle, o percebeu muito mudado. Estava determinado, assertivo e inspirava confiança. Os dois conversavam próximos da proa.

- Amanhã chegaremos à ilha e confrontaremos adversários perigosos.

- E como será? Venceremos?

- Tudo indica que sim. No meu último encontro com o oráculo, aprendi mais que todas as outras vezes juntas. Mas também sei que não é possível antever o futuro com precisão. Tentei cercar o futuro próximo o máximo que pude. Vi com clareza o que precisamos fazer para deter o demônio Marlituk. No passado, foi detido pelos Deuses, mas eles já não habitam nossa terra. Se seu poder crescer, não poderá mais ser detido.

- Entendi, vamos eliminar o mal pela raiz.

- Isso, Gorum.

- E quanto a Lacoresh?

Kyle suspirou – Não sei se poderemos alterar o destino de nosso reino. Eu vi guerras. Lacoresh irá crescer. Homenase, Griss e outros reinos vizinhos serão conquistados, e isto, será apenas o começo.

- Então os necromantes pretendem expandir os domínios? É este seu objetivo?

- Sim e não, pois nem todos entre eles possuem os mesmos objetivos. Isto é uma fraqueza a se explorar. Há coisas que não pude ver, mas compreendi que em sua busca pelo poder ele estão se aliando, ou melhor,

se vendendo às criaturas do abismo. Há um evento que chamam de Grande Eclosão. E os demônios, se libertos, cobrarão um preço caro, não só dos lacoreses, mas de todos os povos do mundo.

- Os mesmos demônios da nossa religião? Sempre pensei neles como exageros da igreja para colocar os fiéis na linha. Mas depois do que já vimos...

- Sim, os demônios que foram expulsos no passado com a ajuda dos deuses.

Gorum coçou a barba – A história se repete. Você viu como impedir esta tal eclosão?

- É um futuro muito distante. Ainda faltam muitos anos até que os astros se alinhem. Se isto ocorrer de fato, uma nova guerra mundial virá. Mas não importa, por agora, precisamos nos concentrar em Marlituk e no rapaz de olhos negros que precisamos encontrar.

- Rapaz? Outra visão?

- Sim, já havia aparecido em visões anteriores, mas desta vez, vi nossos destinos se cruzando. Ele também precisa ser detido, ou surgirão graves consequências.

- Acho que nem quero saber...

Houve silêncio e Kyle voltou a falar – Estive pensando em Modevarsh. Ele faleceu.

- Mesmo?

- Sim, mas nos deixou um legado. Ele possuía o dom das visões. Eu comecei a desenvolver o meu, mesmo antes do oráculo, após nosso encontro com aquele rapaz dacsiniano, Renè L'aminan. O velho silfo me disse que eu possuía um chama especial, e que, após meu encontro com o oráculo, terminaria de desenvolver meu dom. Ele estava certo. Agora entendo.

- Uma daquelas histórias complicadas que me dão nó na cabeça?

Kyle riu – É sim. Há muitos milênios, quando nosso mundo foi invadido pelas hordas de demônios, o Deus Asimi, ou Shimitsu, concedeu uma benção a um grupo de guerreiros do antigo reino de Vellistrë. Eram dons hereditários que se esvaíram até os dias de hoje. Lhe darei duas opções e você acredita na que quiser. Primeira, sou descendente destes antigos e assim tive a chance de manifestar este poder. Segunda, fui um dos guerreiros originais e morri e renasci muitas vezes carregando comigo

este dom.

-Então você tem a mesma coisa que seu pai... E aquele silfo que você via nas primeiras visões, antes do oráculo, seria uma de suas vidas passadas?

-Não. Seu nome é Öron Erendon. Vivia entre Saubics e Nevreth numa pequena comunidade de silfos semelhante aos de Shind, em Lacoresh. Tive curiosidade a seu respeito e com a concentração que ganhei em Banzanac, pude ver o futuro e o passado. Descobri que Öron Erendon é na verdade meu meio-irmão.

-Mas hein?

-Está lembrado que meu pai viajou com o Sr. Atir antes da primeira guerra dos bestiais?

-Sim.

-Certa vez, pararam em Nevreth. Levavam uma encomenda dos silfos de Shind para os de Adrastinn. Ele e meu pai foram hóspedes entre o silfos. Ele vivenciou um romance com a filha de um ancião, Iot Evos Erendon. Quando isto veio a tona, Atir e meu pai foram expulsos. Ele nunca soube que deixou sua sementes entre os silfos de Adrastinn. Öron, possui o mesmo dom de visões, mas o desconhece. Renè viu que eu possuía e destrancou-o, ao menos em parte. Isto levou minha mente a entrar em sintonia com a de Öron. Suspeito que nossos laços superem apenas os sanguíneos, mas optei por deixar de explorar este assunto em favor de outros tantos.

-Garoto, eu me esforço, mas essas coisas não entram na minha cabeça.

Kyle suspirou – De qualquer maneira, estou aliviado.

-Por que?

-Antes, as visões me angustiavam, pois não sabia como lidar com elas. Agora, por exemplo, é um momento de repouso. Nessas viagens entre os pontos críticos, posso fazer qualquer coisa. Conversar, pensar, relaxar... Minha concentração precisa estar à pico nos confrontos apenas. É neles que preciso agir com precisão a fim de garantir que penetremos no futuro correto.

-Correto?

-Ao menos, o futuro que selecionei.

-Que é?

Kyle olhou para baixo – Certamente não havia opções perfeitas para selecionar. Por hora, nos concentremos em encontrar um meio de chegar em Saubics para confrontar o avatar de Marlituk e o Lacorês de Olhos Negros.

-O que é um avatar?

-É um homem, como eu e você, mas que canaliza em si o poder do demônio. Ele está no corpo do herdeiro de Saubics, Rei Kel. Precisamos impedir que ele liberte o corpo de Marlituk, aprisionado sob o tempo da luz, nas ruínas de Ilm'Taak.

CAPÍTULO 73

O navio de An Leopard havia lançado âncoras numa enseada de águas calmas da lendária ilha. Era rochosa com espigas angulosas cobertas de branco e cinza devido às fezes da imensa quantidade de pássaros que viviam ali. O pequeno bote carregava dois marujos de Leopard, que o remavam, Kyle, Gorum e Zorena. Kiorina observava este se distanciar à partir do convés sentindo amargura em seu íntimo. As recordações das discussões que teve com Kyle, horas antes, martelavam em sua cabeça.

Quando ela se aproximou ele sussurrava sozinho. Explicou que falava com Noran.

- Kiorina – ele hesitou – eu... logo mais partirei para uma jornada perigosa e... Bem, eu... Mesmo confiante, não há garantias. O futuro escorrega por entre os dedos como areia fina.

A ruiva tinha os braços cruzados e um a expressão fechada. Nada dizia, apenas o observava. Sentia-se traída. Desde a visita à terra dos Inikutz, eles haviam se aproximado. Nunca conversaram sobre compromissos, mas ela sentia que tinham um futuro juntos. Então ele abandonou tudo. O compromisso com ela e com Lacoresh para ficar com uma mulher que havia surgido do nada. Escutava suas palavras, mas apenas se segurava para não explodir. Para não explodi-lo, na verdade. Tentava afastar os pensamentos de envolvê-lo em chamas enquanto ele continuava falando.

- Sei que fui um... um...

- Traidor? Idiota? Calhorda? – disse contendo a ira.

- Sim, isso tudo. Eu peço desculpas. Não, peço perdão. Eu fui egoísta. Não pensei em seus sentimentos... Eu apenas estava muito confuso. Mas agora, eu...

- Já disse o que queria, Kyle Blackwing? – Uma lágrima escorreu – Sai já da minha frente! Nunca vou te perdoar!

Mas quem saiu foi Kiorina, que correu para uma das cabines do navio. Kyle aceitou a reação dela, mas não desistiria de seu propósito.

Desceram numa praia cheia de pequenas pedras. Kyle procurava afastar Kiorina de seus pensamentos. Respirou fundo e procurou concentrar-se. Olhou para a parte alta da ilha e viu a fortaleza em ruínas. Era construída com rochas avermelhadas e sua alta torre subia como um palito contra o céu cinzento. Do navio, os demais também podiam ver a torre. Ventos gelados que anunciavam uma tempestade causavam temor.

Kyle disse aos marujos – Se não voltarmos até o anoitecer retornem ao navio. O capitão saberá o que fazer.

Um deles acenou e disse com seu sotaque carregado – Boa *sort*, Blequeuin. Boa *sort*, Gorrum.

Kyle seguiu. Não carregava nenhuma arma. Gorum usava meia armadura de escamas e sua pesada espada montante. Zorena vinha atrás com seus espadins, um na bainha e outro preso às costas. O som das centenas de aves cinzentas era alto e estas alçavam voo na medida em que os três avançavam.

A tempestade foi se configurando, com ventos fortes, raios e som dos trovões. Estava estranhamente posicionada apenas sobre o terreno da ilha. As nuvens escuras se convulsionavam e o céu se fechou como uma cortina de chumbo. A chuva gelada os tocou e Gorum estremeceu – Se vamos enfrentar uma bruxa e suas criaturas, não devíamos ter trazido Kiorina?

- Não. Ela está muito abalada. Poderia colocar tudo a perder. – respondeu Kyle tendo que falar alto para ser ouvido acima dos sons da ventania.

Do navio, já não podiam mais vê-los e a fortaleza também sumiu engolida pelos efeitos da tempestade.

Zorena disse – Ela dormir. Tempestade apenas recurso em afastar os medrosos. Preparar. Perigo em fortaleza.

Chegaram ao portão da fortaleza. Parecia uma caverna escura. Há muitos anos o portal de metal e madeira havia ruído e não restava deste, nem pó.

A água estava empoçada sob a sombra do portal que atravessava o espesso muro, como um túnel. Kyle percebeu o ataque, quase tarde demais. Atirou-se no chão para evitar o safanão dado pela criatura camuflada que se desprende das paredes rochosas. Zorena afastou-se e Gorum observou atônito o construto de pedra avançar rangendo em sua direção. Desembainhou sua espada para se defender. Podia ver apenas seus contornos. Tinha cerca de três metros, tronco largo, pernas grossas em torno dos pés e finas acima disto. Os braços tinham forma semelhantes, eram largos blocos perto das mãos que lembravam marretas ligados ao torso por estrutura relativamente fina. A cabeça era pequena e enterrada no tronco, sem pescoço e algo reluzia a partir desta.

Gorum recebeu uma marretada que o arremessou para fora do portal. Ele rolou e parou na beira do penhasco que descia íngreme em direção à praia por cerca de cinquenta metros. Zorena recuou mais e a criatura seguiu-a para fora. Andava a passos largos, porém, lentos. Kyle se esgueirava pelos cantos tentando não atrair atenção.

Zorena sacou uma pequena adaga e lançou contra o olho da criatura. Era uma pedra polida e negra do tamanho de uma bolacha. A adaga fincou-se ao lado, numa

reentrança cheia de musgo e pequenas plantas. Sob a luz do dia, puderam ver um gigante de pedra coberto de musgo em plantinhas crescendo de suas frestas e rachaduras.

Zorena gritou – Bruxo! O olho ser chance!

Kyle saltou sobre as costas da criatura e escalou com grande agilidade. O bloco enorme no lugar da mão veio sobre ele, mas Kyle escapou saltando sobre a cabeça. Segurou-se numa arvorezinha que crescia no ombro fazendo-a dobrar e lascar. Ficou pendurado contra a porção frontal. Zorena notou que Kyle lutava de olhos fechados. Um novo golpe veio e Kyle desviou-se no último instante levando o bico de sua bota contra o olho da criatura. Atingiu-a com precisão estilhaçando a esfera de vidro negro cravada no rosto do construto. Este estremeceu e caiu levando Kyle consigo. Ele rolou ganhando algumas escoriações até parar perto de Zorena. Ela lhe estendeu a mão e ajudou-o a levantar-se. Ele tinha um corte no rosto. Sangue e lama misturados escorriam lavados pela chuva forte.

Gorum sentia dores fortes, mas conseguiu erguer-se e passou a resmungar.

- Isto ser começo – a mulher avisou.

- Eu sei – Kyle ainda tinha o coração acelerado. Uma grande diferença entre as visões e a realidade era a dor e o cansaço – Vamos!

Atravessaram o portal e chegaram no pátio da fortaleza. Um escadaria semi arruinada conduzia até um plataforma a base da torre. Vista dali, parecia bem mais alta que antes. Mas Kyle não tomou a direção da torre.

- Onde bruxo ir? – Zorena tomou-o pelo braço – Grisma em torre.

- Não vim aqui para ver a bruxa imortal, mas um de seus prisioneiros.

- Prisioneiros? – Indagou Gorum com uma careta de dor.

- Sim. Esta é uma prisão sem muros.

- Mas hein?

- Apenas venham, depressa.

Seguiram-no e Zorena estava perplexa. Ela viveu ali alguns anos, mas nunca soube que o local era uma prisão. O que mais Kyle saberia sobre aquele local e sobre Grisma que ela ignorava?

Kyle os conduziu a um outro portão, menor, e que levava a uma escadaria descendente. Zorena tirou um frasco de óleo de um dos bolsos de seu traje e improvisou uma tocha. Aquelas passagens subterrâneas pareciam não ver gente há muito tempo.

Gorum e Zorena sentiam-se perdidos, mas Kyle parecia saber onde queria chegar. Como antes, seguia de olhos fechados, mas sem sofrer um tropeção sequer.

Além dos pássaros pescadores, insetos e pequenas plantas, não parecia haver nada vivo naquela ilha. Havia uma cela com uma porta de metal que se desfez em

pó assim que Kyle a tocou. Em seu interior havia um esqueleto preso a correntes de metal sem ferrugem. O esqueleto estava todo unido, exceto pelas pernas e bacia que não puderam localizar.

O esqueleto ergueu a cabeça e falou numa língua incompreensível. Gorum e Zorena estremeceram. Kyle pode compreendê-lo e retrucou na mesma língua.

O esqueleto gargalhou.

Kyle pediu a Gorum – Me ajude aqui – Ambos pegaram as correntes e deram fortes puxões até que o local onde estavam presas à parede cedeu. O esqueleto veio ao chão. Seus pulsos estavam presos à corrente por uma espécie de boca espinhosa.

O crânio era proeminente e os braços bem compridos. Kyle e Gorum ergueram-no. Ele estava todo desengonçado e xingava manifestando sua insatisfação sobre o modo como estava sendo manipulado.

- Agora sim – anunciou Kyle – Estamos em condições de confrontar Grisma – Gorum, leve-o, por favor, eu mostrarei o caminho.

Quando chegaram lá fora, a tempestade já havia acabado. Gorum sentiu-se estranho carregando aquela coisa. Sob a luz do dia, puderam ver a tonalidade amarelada dos ossos. Ele falava ocasionalmente, mas Gorum não compreendia.

- Ele pediu para virá-lo em direção ao sol – traduziu Kyle.

A criatura passou a entoar um cântico numa tonalidade grave e sombria.

- Aí está! Sim, mais uma vez, posso evocar poderes ao meu favor – Gorum pode compreendê-lo como se falasse lacorês. Zorena, por sua vez, compreendeu como se falasse sua língua natal.

Kyle disse – Teris, estes são Gorum e Zorena.

O esqueleto curvou-se para Zorena e disse – Teris'Ful Garth, encantado por sua rara beleza.

A espiã recuou e disse – É o primeiro meio-esqueleto falante que conheci, mas pelo menos é educado.

A caveira deu uma boa gargalhada – Já não me resta muita coisa mesmo. Há há há rê rei! E obrigado ao cavaleiro por me fazer o papel das pernas que me faltam – disse girando o crânio para falar face a face com o gigante.

- Por nada.

- E então, meu salvador, em que posso servi-lo? – indagou girando a cabeça e voltando-se para Kyle.

- Nos vamos subir – indicou a torre, agora mais escura depois de absorver a água da chuva. Subiram a escadaria até chegar na entrada. A torre era oca e a subida foi longa e cansativa. No ponto mais alto encontraram um beco sem saída. No alto, viram a alça de um alçapão a

mais de dez metros acima.

-Você esteve aqui antes, não é, Zorena?

-Sim. Havia uma escada vertical que descia, mas esteve sempre aberta.

-Teris, poderia fazer algo? – pediu Kyle.

-Vejam os – o esqueleto estalou os dedos e iniciou um cântico. Devido à magia de tradução, todos puderam entender o sentido.

“Vento carregue meu sussurro.

Para além da pedra, acima deste muro.

Nossa subida não foi em vão,
destravemos os alçapão”

Escutaram um estalo e a porta desceu rangendo suavemente. Teris gesticulava com os dedos esqueléticos para o alto, como se estivesse tocando uma harpa, ou coisa semelhante. A escada de metal deslizou pouco a pouco para baixo.

-Não foi nada, nada mesmo! Nem precisam agradecer.

Kyle assumiu a dianteira.

Gorum instruiu – Segure-se em mim – e tocou a escada, mas antes de subir, Teris objetou.

-Mas, ora, primeiro as damas – gesticulou para Zorena.

A mulher seguiu e Teris foi veloz em cutucar Gorum apontando para o traseiro dela. Ainda que desprovido de expressão facial, o queixo totalmente caído do esqueleto passou o recado. O gigante sussurrou sorrindo – Depravado... – e observou com interesse as formas da moça evidenciadas pelas calças de couro.

Teris sussurrou de volta – Agora sim, estou apaixonado. Pena que não tenha mais um corpo para aproveitar as coisas boas da vida. Se eu pudesse, abdicaria de minha imortalidade para isso.

Gorum riu-se – Mais uma coisa para riscar da minha lista de desejos: imortalidade.

Gorum e Teris subiam a rir ruidosamente e Kyle, lá de cima, chiou pedindo silêncio.

No alto, havia um extenso jardim de proporções que só podiam ser explicadas por efeito de magia. O local era belíssimo com arbustos repletos de flores brancas, pequenas árvores frutíferas, canteiros com flores variadas, caminhos de pedra e pontes que passavam por uma rede de riachos de águas límpidas e cheios de cardumes de peixes. Alguns monólitos e outras estranhas estátuas de pedra cinzenta podiam ser vistos aqui e ali. Adiante, após uma espécie de avenida, havia uma construção metálica e de vidro semelhante a uma estufa, mas de grandes proporções. Seu interior era habitado por aves coloridas e outras espécies de plantas exóticas. Era um lugar paradisíaco que rivalizava em beleza até mesmo com Banzanac.

Zorena sentiu emoção ao pisar novamente naquele local. Tinha apenas memórias remotas de sua presença ali, pois haviam sido eclipsadas inexplicavelmente.

Kyle seguiu pela avenida de cascalho fino e esbranquiçado que ralhava suavemente a cada passo.

Zorena o seguiu, mas quase sem produzir ruído e Gorum, produzindo o alto rache-rache com seus pés pesados.

À frente do palacete de vidro havia uma pracinha circular com cinco estátuas de pedra de desenho similar ao guardião do portão. As estátuas estavam limpas e perfeitamente polidas. Havia símbolos desenhados e uma sugestão de mãos, pés e rosto desenhados em relevo sobre os blocos rochosos. Gorum ficou apreensivo e Kyle seguiu ignorando-as.

Duas se precipitaram sobre Kyle com agilidade maior que o construto anterior. Kyle saltou para escapar do primeiro e rolou escapando de uma forte pancada do segundo.

Teris indicou e ordenou – vire-se para lá!

Gorum obedeceu e escutou um breve cântico em que palavras pareciam se sobrepor. “Vento-girou-faísca-cresceu-relâmpago-saiu!”

As mãos dos esqueleto foram envolvidas por eletricidade que circulava em arcos que produziam zumbido característico. Recitou a canção até que no final um raio voou certo contra a cabeça de uma das estátuas. O olho de vidro negro se estilhaçou e a estátua mais próxima da dupla ruiu.

Zorena sacou uma adaga e atirou-a contra o olho do construto que vinha veloz. Foi um tiro certo e ela precisou de uma acrobacia para escapar da massa de pedras que tombou em sua direção.

- Para lá – Ordenou Teris – Gorum teve a sensação que empunhava uma poderosa balista. “ZAZZ! ZAPT”. Mais raios elétricos zuniram das mãos do imortal contra as estátuas.

Kyle recebia uma marretada que afundou a terra ao seu lado. Agarrou-se ao braço frio da criatura, tomou um impulso e ficou de ponta cabeça. Pousou com ambos calcanhares sobre o olho de vidro que se quebrou. Seu movimento continuou. Girou no ar e caiu no chão como um gato. Seus olhos fechados ignoravam as imagens ao seu redor, mas o sentido da terceira visão que aprendera a manipular, permitia que visse a realidade de uma nova maneira. Mesmo estando de costas, percebeu que as portas do palácio se abriram e que alguém saiu.

Gorum e Teris ficaram atordoados pela visão da mulher lindíssima que surgiu. Tinha o rosto maquiado, olhos contornados por tinta azulada, lábios bem vermelhos e cabelos prateados penteados como uma cascata ascendente erguendo-se por uns dois palmos acima da testa. Usava véus brancos com muita transparência que revelavam os contornos sensuais de seu corpo nu. Ambos ficaram boquiabertos numa espécie

de transe de pura admiração.

Kyle virou-se para a bruxa, mas não foi afetado, pois de olhos fechados, enxergava-a de outro modo.

- Grisma, guardiã desta terra, não desejo combatê-la. Escute minha proposta e façamos as pazes.

- E quem és tu para invadires meu lar com quaisquer proposições?

- Sou Kyle Blackwing e sou um dos abençoados por Asimi.

- O que tu desejas, abençoado.

- Dê-nos uma das Gemas de Tarquis e nos deixe partir.

Grisma gargalhou – Tu achas mesmo que darei uma das relíquias que jurei guardar?

- Será usada para uma boa causa. O mundo poderá se perder nas trevas, mais uma vez. Marlituk, o corruptor, está prestes a ser liberto.

- Ladrão mentiroso! Vens até mim para proferir absurdos e profanar meu jardim sagrado. Não te perdoarei!

Ela ergueu uma das mãos e Gorum largou Teris no chão. O gigante sacou sua espada e avançou contra Kyle que desviou-se do ataque com facilidade.

- Zoe, me debes a tua vida. Abate este profanador.

Zorena sacou seu par de espadas e veio confrontar Kyle.

Kyle ampliou sua concentração para prever o próximo ataque de Gorum. Esquivou-se e avançou simultaneamente para aplicar um possante golpe contra o peito de Gorum que tirou seu fôlego.

Zorena atacou Kyle, mas hesitava. Não tinha a mesma convicção de seu primeiro confronto. Kyle encontrou uma brecha e golpeou-a num ponto vital fazendo-a tombar a ponto de desmaiar.

Enquanto isso, Grisma tentou comandar Teris, mas falhou. Desistindo desta tática, atirou-se contra Kyle numa velocidade incrível. Suas unhas se revelaram como garras afiadas que cortaram o tecido da roupa em três rasgos em paralelo dos ombros até o peitoral. A velocidade sobre-humana de Grisma superava a capacidade de Kyle de antever os movimentos, mas não o impedia de contra-atacar. Seu chute atingiu-a na lateral, fazendo-a arquejar. Ela estava confiante demais e não esperava por isso. Mesmo sendo um ferimento leve, doeu e prejudicou sua respiração. Assustada, ela correu de volta para seu esconderijo.

Kyle sentiu seu ferimento latejando, mas ignorou-o colocando-se em perseguição. No interior da estufa teve que parar para defender-se de um ataque de um bando de aves. Nenhuma tinha porte para apresentar real perigo, mas arrancaram de Kyle alguns arranhões antes que ele as derrubasse. Depois disso, percebeu que não sabia

para onde a bruxa havia ido.

Observou que no interior havia cadeiras, poltronas, espelhos, mesas repletas de belos objetos, finamente decorados, mas a terceira visão de Kyle não era capaz de captar sua verdadeira beleza artística. Via em todas as direções, mas não podia enxergar certos detalhes e tão pouco, as cores.

Na sala seguinte, havia um esquite de vidro. Em seu interior jazia uma pessoa. Uma forte energia emanava dali. Seria Grisma?

-Por favor – veio uma voz, mas Kyle não conseguiu perceber de qual direção – estava errada sobre ti. Vejo que tens um bom coração e nobre propósito.

Kyle seguiu até o esquite. Um arbusto próximo, transformou-se na bruxa que avançou contra Kyle veloz como um bote de serpente. Tinha uma adaga nas mãos e cravou-a nas costas dele. Ele girou agarrando o braço dela puxando-o com toda força e deslocando-o. A mulher gritou de dor e foi atirada no chão. Kyle caiu sobre ela e envolveu as mãos em seu pescoço apertando com toda força. Ela se debateu e finalmente morreu asfixiada.

Kyle teve dificuldade para erguer-se. Para sua surpresa, o esquite se abriu e dele ergueu-se uma figura sinistra que gritou com uma voz assombrosa.

-Maldito sejas! Mataste meu precioso e belo corpo! – Uma explosão de vento partiu de seus braços atirando Kyle através de uma das paredes de vidro. A criatura volitou para além do caixão seguindo-o.

Kyle perdeu sua concentração, abriu os olhos e viu tudo girando. Viu-se no primeiro cômodo e tinha deslizado sobre a mesa que continha dúzias de pequenos objetos, frascos e instrumentos de jardinagem.

A bruxa voou por sobre a mesa para alcançar Kyle, que estava caído de lado cheio de ferimentos por corte. Ele viu com horror a aproximação da bruxa que tinha o corpo seco e escuro como um tronco de árvore morta. Os olhos eram alaranjados, brilhantes, a boca enorme, cheia de dentes pequenos e afiados, as feições eram horripilantes e seus longos cabelos brancos esvoaçavam.

-Maldito! Maldito! – sua voz era irritante e aguda.

Seria o fim de Kyle se não fosse a chegada de Teris’Ful Garth, que entrou ali se arrastando. Disparou de imediato um possante relâmpago que incendiou as vestes antigas e rotas da bruxa. Seus gritos apavorados eram quase ensurdecedores.

Teris gargalhava e disparava repetidos relâmpagos contra ela cujo efeito acumulado culminou com a explosão de seu corpo em pleno ar. Gorum entrou seguido de Zorena. Foram até Kyle auxiliá-lo.

- Ei, vocês dois! Olha o preconceito... Eu também preciso de ajuda para me levantar. – resmungou o esqueleto.

Zorena foi acodir Teris enquanto Gorum perguntava – Garoto, você está bem?

- Não imaginava que... ai! Me machucaria tanto... Mas ao menos estava certo, vencemos.

Gorum conduziu Kyle que mancava e sangrava muito. Olhou para o rosto da bruxa queimado no chão e disse – Que coisa feia dos infernos!

- Há – zombou o esqueleto – mas você ficou caidinho por ela!

Retornaram para a câmara do esquife e dentro dele encontraram um colchão roto. Teris levitou-o para longe com um de seus cânticos rimados. Abaixo dele havia uma caixa de madeira finamente esculpida com detalhes em metal e pedras preciosas. Teris se atirou dos braços de Zorena, apoiou-se no esquife e abriu a caixa com avidez. Um brilho azulado emanou de seu interior. Teris deu uma gargalhada triunfal. Havia nove pedras ovais descansando em espaços esculpidos no interior da caixa.

- Nove pedras de almas! Nove! Há há há!

- Não soou como se você fosse fazer algo de bom com elas – disse Gorum.

- Usarei uma destas para satisfazer seu desejo, Blackwing. Depois disso, seguiremos nossos caminhos. O que me diz?

Kyle estendeu a mão ensanguentada para selar o acordo com um aperto de mãos.

- De volta ao navio, a noite se aproxima. – disse Kyle.

CAPÍTULO 74

Calisto, Derek e Dagon, companheiros costumeiros de diversas jornadas, estavam reunidos na sala de portais do complexo subterrâneo de Thoudervon aguardando sua chegada. Estiveram por alguns dias na necrópole se preparando para a jornada. A visita ao plano netéreo teve efeito adverso, especialmente sobre Derek. Os olhos do cavaleiro, quando na escuridão, emitiam um sutil brilho esverdeado, da mesma maneira que a lâmina de seu machado. Sob análise dos magos necromantes ficou constatado que ambos haviam absorvido um tipo desconhecido de energia. Dagon, além de romper os laços de subordinação com seu criador, Príncipe Serin, obteve a armadura de metal avermelhado que pertencera ao Cavaleiro Vermelho e esta foi adaptada para seu corpo esquelético. Para assentar as peças de metal sobre o corpo magro várias peças de roupa, couro, cintos e fivelas foram atadas à ossada negra.

Derek comentou ao vê-lo – Barão Dagon, você está quase bonito nestas vestes.

O morto-vivo encarou-o. Era visível apenas a parte frontal de seu rosto, pois a viseira do elmo estava suspensa. Respondeu com sua voz fantasmagórica – Obrigado, espero que isso possa lhe dar uma nova perspectiva sobre seu futuro.

- Meu futuro? Não entendi...

- Ora, lutando ao lado de necromantes é possível que seus ossos continuem em ação após sua morte. Estar desmorto não é de todo ruim.

Calisto observou como Dagon havia se tornado conversador. Achava curioso ver algo vinha mudando nele. Calisto vestia couro negro da cabeça aos pés. Várias cintas e fivelas permitiam que o traje ficasse justo. Sobre este, um corselete metálico de tonalidade plúmbea, semelhante ao elmo que deixava à vista apenas os olhos e a boca. Carregava também uma nova espada e escudo.

Thoudervon chegou ao salão acompanhado de um rapaz alto vestindo um manto escuro com capuz abaixado. Calisto reconheceu-o, era o jovem mago Ector.

- Seremos apenas nós quatro? – queixou-se Calisto. – E quanto a Vekkardi? Suas capacidades foram úteis no Plano Netéreo...

- Precisarei de mais tempo com este para que esteja pronto para colaborar.

- E quanto a Yourdon? Ao menos ele fez algo útil...

- Chega de choramingar, Calisto! O rapaz aqui recebeu treinamento para atuar como guia e terá mais motivação do que Yourdon para apoiá-los do outro lado.

-Motivação?

-O instinto de sobrevivência, não é rapaz?

-Sim, sim senhor, mestre – falou de uma só vez.

-Isto! O medo pode ser um ótimo aliado. Uma lição que você falha em aprender, criança. – Thoudervon encarou Calisto de perto – Arriscou sua vida desnecessariamente por vezes demais. Já basta disto! Agora irá arriscar a vida por algo importante, ao menos. Espero que preste o serviço e não me force a sair de meu afazeres para ir até lá corrigir suas falhas.

Calisto estava ficando farto dos sermões do esqueleto. Queria usar o aparato que carregava contra ele, mas se falhasse? Mais uma afronta lhe custaria a vida. Como confrontá-lo? Quais seriam suas fraquezas? Haveria alguma?

Yourdon chegou ao salão e cumprimentou-os – Olá Calisto, Derek, Dagon e... fedelho.

-Está atrasado... – ralhou Thoudervon.

-Perdoe-me, mestre, mas estive trabalhando em algo para potencializar o sucesso da missão – o mago atirou um pequeno objeto que Calisto apanhou no ar.

-Meu anel? Mas como? – Calisto fora surpreendido.

-Até você dorme, não é mesmo?

-Seu ladrão!

- Ora, deviam me agradecer, como sempre. Coloquei aí uma carga especial que poderá salvar sua pele. Nada que precise se preocupar em usar de perto. – O mago fez uma alusão às bolas de fogo que havia depositado no anel, em outra ocasião.

-Três cargas, como o de costume?

-Sim.

Thoudervon impacientou-se – Agora vamos com isso! Yourdon, para o posto de controle. Mostrarei como operar o portal.

-Poderoso Thoudervon, como acharemos o caminho para Saubics?

- Isto não será necessário, criança. O portal netéreo os conduzirá diretamente a Ilm'Taak. Será uma viagem breve, Ector atuará como bússola de vocês no túnel netéreo. – o ente virou-se para o jovem mago – Chegou a hora, rapaz. Concentre-se no sinal que vou lhe mostrar e o siga. Manter a concentração é essencial, mesmo se encontrar turbulências. Se perdê-lo, estarão todos acabados.

O esqueleto fez uma série de gestos amplos para acionar o portal. Luzes tênues correram pelas linhas e símbolos do salão. Uma das portas ovais pareceu trepidar e encheu-se de luz. Yourdon gesticulou selecionando o ponto de chegada e um feixe de luz intensa saiu do painel e atravessou o portal, mas apenas os usuários de magia eram capazes de vê-lo. Ector compreendeu que era aquele o sinal que precisava seguir e adentrou o portal. Os demais o seguiram.

De volta ao plano netéreo houve o choque de ver sua estranha iluminação e ausência geral de cores. Desta vez, não andavam sobre o solo, mas pareciam flutuar bem acima deste. Ector ensaiou passos seguindo o feixe de luz adiante curvando-se num arco até desaparecer além do horizonte. Seguiam a passos de gigante vendo a terra mover-se abaixo em grande velocidade, como num borrão. Em poucos instantes, atravessaram florestas, montanhas e uma longa extensão de mar. Ector viu que em determinado ponto a linha de luz se cruzava com outras. Aquilo era uma espécie de estrada, concluiu. Finalmente chegaram até o topo de uma torre onde ventava muito.

-E agora, mago? – indagou Calisto.

Ector analisou a energia e arriscou – Acho que devemos pular.

O interior da torre era um buraco escuro, oco e profundo. O rapaz saltou e caiu. Quando deu por si, estava num salão semelhante ao que havia na necrópole.

Com a passagem dos demais, as luzes que iluminavam o local se esvaíram deixando-os no breu.

A viagem foi muito mais fácil que Ector esperava. Suspirou aliviado por ter se afastado daquele esqueleto que lhe causava horror. Conseguiria uma chance de escapar daquele pesadelo?

Estavam todos ligeiramente atordoados e Ector convocou uma luz para iluminar o local. Ele perguntou – Estão todos bem?

Calisto ficou de pé com certa dificuldade e cambaleou até Ector. O aparelho que carregava numa pequena bolsa a tiracolo estava tão quente que fez o tecido desta soltar fumaça. Às pressas, ele colocou-a sobre o chão. – Mas que diabos está havendo? – Sua voz ecoou, pois o teto da câmara era bem alto. O tecido da bolsa finalmente ficou em brasa e foi tomado pelas chamas. O estranho bastão metálico, no qual Thoudervon afixara o recipiente que continha o gel translúcido exibia tonalidade rubra de metal super aquecido.

-A magia parece instável... – Observou Ector.

-Faça alguma coisa!

-Mas não tenho a menor ideia!

Derek aproximou-se com seu machado em mãos. Calisto advertiu – Pare Derek! Não se aproxime!

Este o ignorou, seus olhos brilhavam com intenso brilho verde assim como a

lâmina do machado. Calisto tentou detê-lo com seus poderes psíquicos, mas seu ataque foi inútil. Isto foi uma surpresa. Pensou. “Como Derek pode resistir?”

O cavaleiro tocou o bastão com a lâmina de seu machado fazendo surgir um fluxo de energia e de calor fluir para a lâmina. Logo o machado aqueceu-se e ficou incandescente. O bastão estabilizou. A energia dissipou-se do machado, aos poucos.

-O que foi isto, Derek? – indagou Calisto.

-Não sei... Foi instintivo. Eu simplesmente soube o que devia fazer, e fiz.

O rosto de Ector se iluminou – Venha até aqui, Cavaleiro Derek.

Ector e Derek, lado a lado, tinham quase a mesma altura, mas o cavaleiro era ao menos duas vezes mais largo e encorpado que o rapaz franzino. Ector levou a luz mágica que convocou até o machado e antes mesmo de tocá-lo ela fluiu para este e se apagou.

Na escuridão total, era visível o tênue brilho nos olhos de Derek e de seu machado assim como um fraco brilho vindo das órbitas vazias de Dagon.

A voz de Ector veio excitada e veloz – Derek e seu machado são como um ralo que faz escoar a magia. Incrível, nunca havia visto algo assim! De certo foi algo que aconteceu no plano netéreo. Mas por que ele foi afetado e os outros não? Acho que... aí!

Ector saltou ao sentir o toque gelado dos dedos esqueléticos do Barão Dagon em seu braço – Desculpe interrompê-lo, mas não temos negócios urgentes para tratar?

A voz de Calisto anuiu – O Barão está correto. Temos que ir. – Calisto pensou “Parece que Derek está resistente, ou mesmo imune aos efeitos de psiquismo também. Isso pode torná-lo muito útil, mas também, muito perigoso.” E sorriu “Talvez, perigoso o suficiente para deter Thoudervon...”

CAPÍTULO 75

Era noite e o clima no navio de An Leopard era tenso. Havia muita discussão no convés. A tripulação desaprovava a presença de Teris a bordo, em especial, aqueles que haviam confrontado necromantes há alguns meses na costa de Dacs.

Na cabine do Estrela, Teris deu uma risada dirigindo-se ao capitão – Ora, mas a solução para este impasse é muito simples. Se sua tripulação não quer colocar o navio para navegar, que fiquem todos de folga, pois isto não será necessário.

- Como assim?

- Vou fazer este favor a vocês. Para Saubics, com tudo pago! Por conta do nosso amigo Blackwing.

Kyle estava acamado, mas conseguiu reunir forças para dizer – Teris, deixe de cena e vamos logo com isso...

- Me desculpe, meu salvador, mas depois de tanto tempo preso não consigo evitar. Enfim, todos ganharão. Chegamos logo ao destino e seus homens se verão livres de mim.

Teris caminhava sobre duas pernas de pau articuladas que montou com partes da amurada do navio. Usava um manto que cobria os ombros e as costas, mas deixava parte das costelas no peito à vista, assim como seus braços esqueléticos.

Foi até a mesa grande onde estavam as cartas de navegação e a caixa de madeira que continha as pedras ovais – Ao abrir esta, Kiorina se aproximou para vê-las com interesse.

- São nexos? – ela indagou.

- Nexos? Não, bela senhorita! Algo muito melhor! São Pedras de Almas. Nexos aperfeiçoados. Em cada um, temos a energia de múltiplos seres. Se usadas corretamente, fornecem imensa energia mágica ao portador. – Teris explicou apreciando uma delas entre seus dedos.

- Que tipo de seres?

- Neste caso, demônios. Mas não se preocupe, se toda energia for usada, o demônio e sua constelação irão se dissipar.

- Constelação?

- O conjunto de almas que o demônio corrompeu e engoliu para aumentar seus poderes. Note que aqui – indicou a caixa – Não estão aprisionados simples e fracos demônios, mas capitães, generais e talvez, até um de seus lordes.

- Você parece conhecer muito sobre demônios...

- Oh sim, trabalhei numa ordem de caçadores de demônios no passado. Caçávamos estes, mesmo após o fim da guerra.

- Incrível! – Kiorina mal acreditava que falava com alguém que havia sido testemunha da grande guerra milenar.

- A história se perdeu, há muitos relatos contraditórios... Poderia me contar como a guerra realmente acabou?

- Aqueles tempos eram muito confusos. Havia mais gente preocupada com a sobrevivência do que com registros históricos. Mas foi certamente devido a atuação e sacrifício do nosso Rei, Öfinnel Prístimos, que a guerra pode chegar a seu fim. Eu o conheci, pois trabalhava junto com seu neto, Tarquis Prístimos. Ajudei a forjar a espada que Tarquis passou a usar após a morte do avô, no final da guerra. Foi feita com lascas da Banidora, a espada de Öfinnel. Tarquis foi o último rei dos Hölmos.

Kyle falou mais uma vez, esforçando-se para sentar-se – Toda essa história é fascinante, mas precisamos prosseguir imediatamente.

Kiorina ficou frustrada, pois queria fazer outras mil perguntas ao ser ancestral.

- Muito bem – Concordou Teris – Vamos logo! Levou a Pedra para o convés e foi seguido por An Leopard e Kiorina. Sua presença afastou os marujos. Gorum estava com eles e tentava convencê-los de que o esqueleto não era tão mau.

Teris entoou um cântico com sua voz grave e fantasmagórica. Em dados momentos soava como três ou quatro pessoas cantando ao mesmo tempo. Ergueu a pedra que emanava forte brilho a partir de suas ranhuras. O mar ao redor do Estrela do Crepúsculo se agitou, mas o navio permaneceu estável. Águas subiram e envolveram o navio formando uma bolha. Mas poucos compreendiam o que estava acontecendo. O fato é que o navio estava submerso. Todos se alarmaram ao sentir os corpos sendo empurrados para trás e precisaram se segurar em alguma coisa. O navio acelerava, acelerava e acelerava. Passaram-se horas até que o dia chegou, e com ele, puderam finalmente ver o que ocorria. Estavam viajando sob a superfície numa velocidade impensável. O azul escuro do oceano os rodeava por todos os lados. Ocasionalmente cardumes passavam pelo navio em alta velocidade. Teris mantinha sua concentração e a Pedra de Almas brilhava e sofria rachaduras. Kiorina ficou abismada. Nunca pensou ser possível realizar um feitiço tão poderoso e tão longo. Viajavam há mais de dez horas. Kyle saiu da cabine pela manhã e reconheceu o que viu como parte de suas visões.

Kiorina aproximou-se e disse – É incrível. Você anteviu isto, não é mesmo?

Kyle fez que sim – Escute Kiorina, não espero que me perdoe, mas espero que confie em mim. Quando chegarmos, preciso que sigam minhas instruções. No caminho que escolhi, temos chances de sobreviver, temos chances de impedir que um grande mal assale o mundo e talvez, depois de tudo, viver.

-Depois do que vi, quero dizer, como enfrentou Zorena e encontrou a ilha... Como convenceu o velho Teris a nos ajudar... Não me restam dúvidas sobre as suas visões. – Ela pensou em perguntar sobre o futuro, mas achou melhor não. Teve medo do que poderia ser revelado.

-Só quero que você saiba que você é importante para mim e que farei o meu melhor para protegê-la.

Kiorina acenou e disse – Obrigada – e saiu dali para ir descansar.

-Já estamos chegando? – indagou a Teris.

-Viajamos rápido, mas não tão rápido assim. Pode ir esperar dormindo. Eu posso seguir facilmente, pois não tenho músculos para fatigar.

Kyle encarou o morto-vivo e refletiu sobre como teve que liberar um malefício no mundo para poder deter outro pior. O que um ser com tais poderes poderia fazer no mundo? Não sabia ao certo, pois não explorou visões neste sentido. Havia três outras ameaças maiores para se preocupar e lidaria com duas delas, muito em breve.

CAPÍTULO 76

Depois de algum tempo percorrendo corredores e câmaras escuras, Calisto, Ector, Derek e Dagon chegaram a um lugar iluminado. Era um grande salão de uma construção em ruínas. Musgo e pequenas plantas cresciam nas regiões próximas às janelas. Lá fora o céu estava alaranjado, seria o alvorecer ou crepúsculo? O local onde parecia ser um portal de saída estava coberto por uma pilha de blocos de rocha.

- Teremos que sair por uma janela – sugeriu Ector.

- Aquela – apontou Derek – e subiu uma pilha de escombros coberta por relva e pequenos arbustos. Ele alcançou o beiral da janela e escalou com facilidade.

- É um pouco alto do outro lado – o cavaleiro comentou.

- Vamos ver – Ector disse e subiu. Sua reação foi mais intensa que a de Derek ao ver além da janela.

- Pela Alta Magia! Esse lugar é enorme! Podia ver dali ruínas tomadas parcialmente por vegetação até perder de vista. – Então essa é a grande Ilm'Taak!

- Deixe-me ver – Calisto fez força para subir e depois de uma boa olhada disse – São ares muito diferentes de Lacoresh.

Ector convocou um feitiço sobre Calisto e instruiu – Pode pular, eu retirei seu peso por uns instantes.

Calisto olhou nos olhos do rapaz que não inspirou desconfiança. Caiu devagar à princípio, mas preocupou-se com a aceleração. Quando caiu no chão teve que rolar para não se ferir.

O mago fez o mesmo com Derek, mas o feitiço dissipou-se rapidamente. – Não funcionou!

- Vá com Calisto – ordenou Derek, vou descer e procurar outra saída com Dagon.

Ector obedeceu, saltou e pousou suavemente.

Calisto resmungou, ainda limpando sujeira e folhas de seu traje – Será que não podia ter feito um serviço decente?

Ector mentiu – O feitiço não funciona tão bem em outros.

Antes que uma discussão surgisse ouviram um barulho vindo de dentro da construção.

Derek havia sacado seu machado e acertou-o com violência contra um bloco de

rocha que bloqueava a saída. Esta partiu-se em duas e rolou para baixo da pilha.

-Dagon, me ajude aqui – disse e atingiu outro bloco de rocha que partir após soltar fagulhas. A barulheira das pancadas de Derek seguia constante, interrompida por períodos em que a dupla rolava blocos para fora do caminho.

Os sons do quebra-quebra iam longe e preocupavam Calisto. A última coisa que queria era chamar atenção.

Derek sentia-se cada vez mais confiante. O machado mágico fazia-o sentir-se poderoso. Acertava as pedras com um sorriso estampado no rosto.

Fora, Calisto e Ector aguardavam ansiosos. Seu tique do rosto e dos olhos surgiu com intensidade. A cada batida a tensão crescia. Calisto tinha a impressão de que alguém, ou alguma coisa, se aproximava. Tinha razão. Viu ao longe vultos escuros deslocando-se com agilidade e saltando de um ponto a outro das construções.

-Você viu também? – indagou Ector

Calisto confirmou com um gesto. Tentou sondar as mentes dos seres que davam saltos sobre-humanos entre os edifícios. Não havia pensamentos humanos. Se aproximavam rapidamente e estavam em grande número. Calisto sacou sua espada e tirou o escudo das costas. Podia ver o sol se pondo e o céu escurecendo aos poucos, agora rubro.

Derek abriu uma brecha pequena para o lado de fora. Tão logo o fez, Calisto disse – Rápido! Há criaturas que logo estarão sobre nós!

Os seres grandes e corpulentos se aproximavam. Tinham braços grossos e longos se comparados às pernas. Os troncos largos mostravam pelos marrons escuros. O modo de se mover lembrava o de macacos, mas as expressões e formato do rosto não. Tinham grandes orelhas de abano um pouco acima da cabeça, olhos escuros e pequenos, queixos largos e o rosto sem pelos, cinzento e de pele enrugada. Tinham expressões zangadas, grunhiam e gritavam. Eram mais que dez.

Calisto tentou um ataque mental, mas isto apenas pareceu irritá-los. Ector convocou uma barreira de fogo e fumaça, mas eles avançaram. Subiram em árvores e se atiraram por cima da linha de fogo que queimava rente ao chão.

O primeiro avançou num estranho galope contra Calisto. O rapaz saltou de lado e rasgou o braço do opoente com sua lâmina. Segurando-a com firmeza ele conseguia anular as tremedeiras movido pelo calor da batalha. Outro atacou em seguida e teve o golpe bloqueado pelo escudo. A pancada ressoou e o braço de Calisto doeu e ficou dormente. Ele revidou com uma careta, suportando a dor, e deu uma estocada certa na garganta do bruto que recuou e tombou.

Ector repeliu um deles com um jato de chamas, mas foi atingido no peito por um

pedregulho atirado por outro monstrengo. O mago caiu sem fôlego e atordoado. Calisto viu-se só e rodeado por cinco das criaturas. Suas mentes pareciam blindadas. Ao vê-las agir de maneira coordenada, ele concluiu que não eram meros animais, mas criaturas inteligentes. Notou que conseguia ler suas intenções e conseguiu desviar-se e defender-se de algumas investidas, mas seu fraco preparo físico o trairia a qualquer momento. Suava muito e sentia o corpo mais pesado a cada esquivas.

Dagon entrou na batalha cravando sua enorme espada no ombro de um dos oponentes. Derek o seguiu e partiu uma das criaturas em dois com seu machado. Calisto foi atingido por um safanão que o atirou girando para o chão. Perdeu a espada quando sua cabeça bateu-se contra um pedregulho que fez seu elmo metálico estalar e ressoar.

Derek e Dagon se posicionaram ao lado dele e seguiram dando combate. Dagon alertou – São muitos! Veja!

Derek abateu mais um e girou seu machado que brilhava intensamente ao ser usado como instrumento de morte. Mais criaturas se aproximavam, talvez centenas delas.

Calisto levantou-se e pegou a espada de volta. Sentia sangue escorrer por seu rosto. Lembrou-se do anel encantado por Yourdon e disparou contra as criaturas. Um relâmpago cegou a todos com sua luz intensa. O raio elétrico espalhou-se num leque atingindo um grupo de seis inimigos que estrebucharam e caíram envoltos em fumaça.

-Diabos! Isto não será suficiente!

Em meio à confusão e gritos das criaturas ouviram o som de cavalos galopando. O sol estava prestes a se por.

Calisto disparou outra carga de seu anel e fulminou mais quatro criaturas. E em seguida teve que usar sua última carga para evitar que fossem cercados. Mais e mais chegavam sem cessar. Um clarão veio de onde chegava o som dos cavalos. Um pássaro de fogo surgiu e sobrevoou as criaturas para finalmente formar uma muralha de fogo cinco vezes maior que a erguida por Ector. Este percebeu que não era magia simples, mas sim um elemental do fogo.

Entre os que se aproximavam Calisto captou uma forte aura semelhante à do tisamirense Vekkardi. Os cavalos surgiram a dois quarteirões de distância. Eram cinco, mas apenas três deles carregavam pessoas. Eram dois homens e uma mulher. O elemental protegia Calisto e os demais do avanço das criaturas.

Uma voz soou nas cabeças de Calisto, Ector e Dagon – Rápido! Por aqui!

O grupo correu na direção dos cavalos. Um homem que conhecia a todos pelos nomes ordenou – Dagon, Derek, tomem estes cavalos. Ector, vá com ela e você, Calisto, venha comigo.

- Ector? É você mesmo? – disse a ruiva.

- Kiorina De Lars? – o jovem mago estava atônito, mas abriu um largo sorriso e convocou um feitiço para saltar para a garupa do cavalo.

Kyle estendeu a mão para Calisto subir em seu cavalo enquanto Derek e Dagon tomavam os dois cavalos livres.

- Soldado Derek? – indagou Gorum.

- Cavaleiro Gorum! – ele o reconheceu. Haviam lutado juntos na guerra contra os bestiais, anos atrás.

- Vamos todos! Para o templo! – Kyle ordenou com firmeza.

- Mas quem são vocês? – Calisto queria saber.

- Assim que estivermos seguros darei explicações.

Kyle liderou a cavalgada pelas ruas cobertas de relva. Chegaram a uma larga avenida e seguiram até uma praça aberta, tomada por mato e algumas árvores. Além destas, havia uma pirâmide, uma das maiores construções da cidade. Perto dela, o templo que ainda preservava seus enormes portões de metal.

- Vamos entrem! Estaremos seguros no templo.

Lá desmontaram e não puderam se examinar, pois o resto de luz do dia que penetrava pelas janelas era insuficiente. Kiorina ateou fogo nas duas piras metálicas localizadas próximas ao altar.

- Notei que são lacoreses, mas afinal, quem são vocês?

- Sou Kyle Blacking, esta é Kiorina e ele, Gorum. Somos de Kamanesh e estamos aqui por uma causa em comum, confrontar o demônio Marlituk.

Quando Kyle pronunciou aquele nome, um vento soprou no interior do templo e uma espécie de relva negra e gelatinosa invadiu o local, mas não conseguiu se aproximar do altar e acomodou-se numa meia-lua a um dez passos em torno deste. O piche vivo se agitava com suas centenas de tentáculos raivosos se esforçando para avançar mais. Era uma coisa assustadora.

Calisto ignorou a criatura e continuou seu inquérito – Como nos encontrou? Como sabia nossos nomes?

- Através de visões. Vi o futuro e o passado. Aquelas criaturas que confrontamos, por exemplo, são os últimos habitantes desta cidade presos a uma maldição que os converteu em bestas, há milênios. Morrer para eles não é uma opção. Os que perecem durante o dia, retornam durante a noite.

- Então você vê o futuro? – Calisto estava desconfiado.

- Sim.

- E o que ele me reserva?

- Um confronto com terríveis forças que virão a este lugar, logo mais. Eles vem para realizar um ritual a fim de libertar o restante da essência do demônio assim como seu último corpo que está selado no subterrâneo deste templo.

- Restante da essência?

- Sim, uma parte desta já se libertou e habita e corrompe o corpo de várias pessoas que vivem nesta região, entre elas, o Rei de Saubics, Kel.

Aquilo atiçou a curiosidade de Calisto que quis descobrir mais sobre as visões daquele estranho. Tentou sondar a mente de Kyle, mas foi repelido. Uma voz diferente da de Kyle, calma, mas ameaçadora soou na mente do rapaz. “Fique longe se não quiser se ferir.”

Calisto cambaleou e encarou Kyle com ódio. Irritou-se em perceber que ele era de algum modo mais forte e poderoso.

Noran transmitiu a Kyle “Nossa fusão está funcionando bem!”. Kyle sorriu.

Kiorina disse baixinho – Veja Kyle, ele tem os mesmos olhos negros que o filho de Jeero.

- Jeero, você disse? Armand, seu filho, é meu afilhado. – Calisto encarou Kiorina, mas ela sentia desconforto em olhar para olhos tão estranhos.

- Afilhado? – Kiorina desviou o olhar – Que história é essa?

- Sim, o dono da tecelagem DeFruss-Lars pediu-me pessoalmente para apadrinhar seu filho.

- Então eles estão bem?

- Bem? Muito bem e muito ricos. Ele também é o mestre da moeda de meu domínio.

- E o menino, como está?

- Armand é um bom menino. Pretendo que ele herde minhas terras, um dia.

- Você é um dos necromantes?

- Não, longe disso. Já trabalhei para alguns deles, mas no fundo não gosto nada deles. Se tiver uma oportunidade me livrarei dos malditos. Posso ver que os odeia tanto quanto eu, quem sabe nos aliemos em outra causa após deter Marlituk?

Um sussurro sinistro misturado com vento soou ali – Não podem me deter, insetos...

-É o que veremos! – desafiou Calisto.
-Há há há.... – soou uma gargalhada fantasmagórica.
-Uma coisa é certa. Não temos o elemento surpresa. – Calisto disse aos demais.

-É melhor ficarmos quietos – sugeriu Kyle – Vamos comer e repousar.
-O que vocês tem aí para comer? – Perguntou Derek.
-Trouxemos alguns mantimentos de Nevreth – Gorum pegou uma sacola presa à sela de sua montaria. Neste momento, Gorum notou que o rosto do outro cavaleiro era estranho e que permanecia longe do altar mexendo os pés naquela gosma pegajosa.

-Ei, você, não vem comer?

-Não, obrigado. Não tenho fome.

Gorum achou a voz estranha, mas deu com os ombros e foi até os demais.

Assaram algumas carnes nas piras e conversaram um pouco durante o jantar. Kiorina e Ector conversaram longamente noite adentro. Lá fora chovia. Ela contou sobre suas viagens, sobre os Silfos do Mar, Tchilla, a terra dos Inikutz e Banzanac. Ector contou sobre Lacoresh e como esteve colaborando com a rebelião até pouco tempo, quando partiu numa missão com Vekkardi e Calisto que culminou na captura de ambos por Thoudervon e com a morte do silfo Roubert.

Roubert também foi tema de uma longa conversa entre Gorum e Derek. Falaram também sobre Julius Fortrail e Gorum ficou chocado ao saber da anexação de Homenase a Lacoresh.

Ector também falou sobre o estranho plano netéreo e Kiorina achou aquilo fascinante. Kiorina evitou falar sobre o oráculo, pois recebera instruções de Kyle para não mencioná-lo. Apesar de saberem da presença maligna do demônio nos arredores, sentiam-se seguros próximos ao altar do templo. Era uma região muito abençoada na qual perdurava um antigo o potente feitiço protetor. Ambos os magos podiam sentir as fortes energias do feitiço. Kiorina também contou sobre Teris, o esqueleto de um antigo feiticeiro e sobre a incrível magia que trouxe o navio até as proximidades de um porto do reino de Nevreth.

Kyle ficou quieto, assim como Calisto. Apenas escutavam as conversas dos demais. Mais tarde, o cansaço os venceu e adormeceram, com exceção Dagon e Calisto.

Era madrugada, Dagon olhava para o altar fixamente. Calisto estranhou quando o viu retirar todas as peças da armadura ficando apenas em osso. Notou que a gema que ele carregava no peito parecia brilhar mais intensamente. Dagon tomou-a nas mãos e segurou diante de si. Esforçou-se para caminhar para dentro do círculo de

proteção.

- O que está fazendo? – sussurrou Calisto.

- Agora sim, eu vejo.

- O quê?

- A luz! O meu destino... – Sua voz soava trêmula. Seus pés tremiam ao tocar no solo. A cada passo, seu corpo tremia mais e mais. Um de seus pés se destacou da perna e ficou para trás. Dagon seguiu mancando para o altar.

- O que pretende? Se matar? – Exaltou-se Calisto.

- Já estou morto... Eu pretendo... Me libertar...

Arrastou-se um pouco mais, seu ossos iam ficando pelo caminho formando uma trilha.

- Ajude-me... Por favor, Calisto, ajude-me a chegar ao altar.

Calisto tomou o restante da ossada de Dagon nos braços e levou-o até o altar. Quando o depositou no lugar sagrado a gema brilhou e se quebrou. Os ossos se partiram e começaram a se decompor até virar pó. Calisto testemunhou a imagem de Dagon se formar a partir da luz que escapava da gema.

Kyle havia acordado com a comoção. Seu coração disparou. Havia algo errado. Aquilo nunca fizera parte de suas visões. Foi assolado pela dúvida. Estariam mesmo no caminho certo?

Calisto encarou a imagem de um homem, não mais de um esqueleto, diante de si.

- Obrigado, meu filho! Você me ajudou! Eu estou livre! Sim! Livre! – sua voz continha júbilo e gratidão.

- Filho? Que papo é esse de filho, Dagon?

- Sim Calisto, nos estivemos juntos na mesma família, por muitas gerações. Você é um Greysnow, assim como eu fui. Agora devo ir para a luz...

A imagem de Dagon se esmaeceu e sumiu.

Calisto ficou olhando para o pó dos ossos incrédulo. Como ele poderia ser um Greysnow? Como poderia ser da mesma família de Maurícus e Serin? Seu pai era o tisamirense Shaik Kain, mas quem era sua mãe? Ele nunca soube. Seria possível que fosse alguém da família de Maurícus?

CAPÍTULO 77

Depois da viagem a Homenase, Hana estava de volta ao palácio real. Um requintado jantar era servido no salão reservado para convidados especiais. Era a primeira vez que Hana participava de uma conferência para discutir assuntos da aliança dos necromantes. Weiss havia convencido Maurícius a recebê-la e isto havia deixado seu irmão, Serin, com péssimo humor. Ali também estava Alexanus, mas faltavam Arávner e Thoudervon para completar o conselho.

O rei estava de muito bom humor e comia com animação.

- Por que tanta excitação, meu pai? – indagou Hana.

- Ora, não sabe das novidades? Fiquei muito feliz, pois chegaram duas ótimas notícias hoje.

O mago Alexanus comentou – Uma certamente é a respeito da conquista de Griss.

- Ah sim, isto! – confirmou o velho e enrugado monarca.

- Heis a outra – Maurícius colocou sobre a mesa uma garrafa de vidro. Em seu interior, havia um boneco de madeira, partido em dois.

- Mas o que é isto? – perguntou a filha.

- Este boneco, quando intacto, representava a profecia. Esta se quebrou!

- Que profecia?

- O demônio Mitzlorg me mostrou a ocasião em que o jovem Barão Calisto nos trairia e tomaria minha vida. Mas talvez isso pudesse ser evitado. Ele me ajudou a fazer o feitiço para monitorar o progresso da profecia.

- O que aconteceu? Calisto morreu? – indagou Serin.

- Talvez, não sei – confessou Maurícius – Recebi uma comunicação de Thoudervon informando que ele foi enviado para confrontar o demônio Marlituk. Penso que ele não esteja morto... ainda! – e gargalhou com satisfação.

Hana cerrou os punhos e fechou a cara.

- O que houve irmã? Teme pelo jovem Barão?

- Peço licença, mas não me sinto muito bem – levantou-se e saiu.

Weiss seguiu-a, mancando – Espere princesa!

No salão adjacente ela parou e esperou por Weiss. Tinha lágrimas nos olhos.

- Você acha que ele...

- Thoudervon o aprecia demais para simplesmente enviá-lo para morrer. Não penso que sua missão o leve à morte. A quebra da profecia, talvez, apenas signifique que ele passe por experiências que o farão mudar de ideia. Talvez, se ele descobrir que é parte da família...

- Não sei se isso faria diferença. Aliás – Hana sussurrou com ódio – talvez a profecia tenha apenas se quebrado por que outra pessoa tenha assumido o papel que seria desempenhado por Calisto.

- Cuidado com o que diz, ou melhor, com o que pensa, cara princesa.

Enquanto Weiss e Hana conversavam ali perto, Serin e os demais seguiam o colóquio.

- Fico pensando o que mais Mitzlorg lhe revelou sobre o futuro, pai.

- Muita coisa, filho. Ele me disse que se a profecia se quebrasse eu teria que redobrar meus cuidados com relação a traições vindas de meus filhos.

- Eu nunca o trairia, pai. Sabe que não tenho nenhum interesse por colocar uma coroa sobre a cabeça.

- É o que você sempre diz...

- Mas é verdade!

- Majestades! – elevou a voz Alexanus – Já basta disto! Penso que seria uma discussão mais produtiva se pudéssemos retornar ao assunto anterior. Falávamos da fragilidade de nossa aliança com Thoudervon e Arávner. Meu antigo aluno, Yourdon, mesmo sem querer tem nos revelado muito sobre os segredos de Thoudervon, não é mesmo?

- Sim – concordou Serin – Por que será que esconde de nós seu pacto com o demônio Necranxelfer? – O esqueleto cresce sua confiança no aprendiz a cada dia. Penso que não tardará até que possamos ter mais informações valiosas.

- E então – sorriu o rei maliciosamente – poderemos usar esses segredos de Thoudervon para colocar Arávner contra ele. Nosso dois aliados mais poderosos e perigosos eliminando um ao outro, nos deixariam um caminho livre para conquistas. Além de nos livrar da preocupação de sermos simplesmente descartados em algum momento.

- Verdade – disse Alexanus – sabem que não confio em nenhum dos dois.

- Pois confie em mim, meu amigo, nós iremos triunfar. Nossas conquistas estão apenas começando.

Serin ergueu um taça de vinho e brindou – Às nossas conquistas!

Os três responderam ao gesto com otimismo.

CAPÍTULO 78

Derek acordou e viu Calisto reunindo os pedaços da armadura de Dagon. – O que houve com Dagon?

Calisto não respondeu. Tinha muito em mente. Pensava sobre o que o espírito de Dagon havia dito. Que ele era um Greysnow, assim como Maurícus e Serin. Derek se aproximou e cutucou-o com a ponta do pé e repetiu a pergunta. Calisto virou-se tremendo e disse – Ele se foi.

-Se foi?

-É... Para o além. Tome isto. – Calisto ofereceu com as mãos trêmulas as peças da armadura. – Parece ser melhor que a sua.

Derek avaliou as partes e concordou. Havia visto antes a armadura usada pelo rebelde conhecido como Cavaleiro Vermelho. Era feita de um metal cinzento, mas sutilmente avermelhado. – Vou ver se cabe... Quer dizer então que Dagon morreu?

-Não estúpido! Ele já estava morto, lembra? Apenas se desfez em pó. Ao menos ele agora está livre de ser um títere nas mãos de Serin.

-Quanto a nós – resmungou o grandalhão – continuamos a ser peões nas mãos de Thoudervon e dos demais.

-Tem razão, Derek.

-Me ajude aqui, Calisto. Não queremos ser apanhados desprevenidos.

Calisto, a contra gosto, foi ajudar Derek a vestir a nova armadura.

A luz da manhã preencheu o templo e todos os demais acordaram. Durante o desjejum o assunto foi o sumiço de Dagon. Não foi fácil para os demais entenderem. Mas a explicação de Calisto foi aceita – Ele era um morto vivo, uma criatura das trevas. Não resistiu passar uma noite neste templo. Ao menos isso prova que eu não estou do lado dos maus, certo?

Kyle aproveitou que estavam todos reunidos e mentiu – Escutem, tive uma nova visão. Vi que Kel vem para cá com forças muito maiores do que previ. Temos que fugir, senão seremos trucidados.

A voz sinistra que vinha com o vento soou – Há, há! Não há para onde fugir. Fugam para ganhar mais uns dias de vida, insetos miseráveis!

-Como assim, Blackwing? – contrapôs Calisto – Não devemos fugir! Viemos aqui para confrontá-lo. Recebi uma missão e não posso falhar.

- Se quiser se suicidar, tudo bem, fique. Nós vamos sair, talvez, eu consiga enxergar um outro jeito de confrontá-los depois. Mas tenho certeza, se ficarmos, farão picadinho de nós.

A voz de Noran soou na mente de Calisto “Isso faz parte do plano para ludibriar o demônio”.

- Se você diz que é assim, vamos.

- Há, há, há! Seus insetos covardes! Vou cuidar de persegui-los pessoalmente. Vocês serão meus! Serão meus! – A voz do demônio veio acompanhado de uma forte ventania.

Todos montaram e saíram do templo em disparada. Kiorina tinha o coração acelerado, a voz daquele demônio causava-lhe horror.

Kyle pensou “Ótimo, tudo está correndo conforme o previsto”.

- Para o norte – gritou Kyle – vamos arranjar um navio e partir deste lugar.

Seguiram o caminho até que Noran comunicou-se com Kyle “Ele não tem mais a atenção sobre nós. Está ansioso pela chegada de Kel e da comitiva. Esperou por tempo demais o momento de sua libertação. Está confiante que será liberto ainda hoje”.

Kyle puxou as rédeas do cavalo e ergueu a mão – Vamos dar a volta. Iremos fazer um assalto sobre a comitiva na floresta, antes que cheguem às ruínas. Nosso ataque precisa ser cirúrgico. São forças muito grandes, como disse, mas além do elemento surpresa temos outro trunfo. Öron, meu meio irmão, viaja junto da comitiva. Tenho meios de usá-lo. Ele irá prover a distração de que precisamos.

- Meio irmão? Que história é essa? – Kiorina franziu o cenho.

- Não tenho tempo de explicar. Temos que atacar já. Nosso objetivo é abrir espaço para Calisto disparar seu cajado contra Kel.

Calisto sorriu – Entendi! Seu plano é genial.

- Vamos! – Kyle liderou a cavalgada para o leste. Seguiram-no apreensivos. Tudo acontecia muito rápido. Kiorina sentiu um aperto no peito. Desde que conversara com Kyle, no navio de Leopard, esteve fechada e nunca o perdoou. Agora temia que pudessem morrer naquela ação. Isso a angustiava.

Kyle sentia o peso do mundo nas costas. Tinha uma boa ideia do que iria acontecer, mas sabia que o futuro era difícil de cercar que algo poderia sair errado. As memórias do espírito de Dagon o assombravam. Não havia previsto aquilo. Teria a linha de futuro sido quebrada? A incerteza crescia, e seu coração se comprimia. Noran, bem de perto, estimulava-o com eflúvios de força e coragem.

Gorum seguia para mais uma batalha se recordando das tantas que havia enfrentado. Tudo havia começado com a perda da esposa e da filha. Sentia-se em paz, pronto para dar sua vida, em especial se fosse por Kyle ou Kiorina.

Ector tremia de medo. O temor que teve de Thoudervon parecia pequeno se comparado à sensação que tinha agora. Não havia como fugir. Para confrontar seus medos lembrou-se do Mestre Fangos. Ele havia o ajudado a tornar-se um membro ativo na rebelião e participar de diversas ações arriscadas. Pensava nele e em sua própria família para ganhar forças para o que estava por vir.

Derek por outro lado, não tinha nenhuma gota de medo. Tinha plena confiança em seu machado para arrasar qualquer inimigo.

Kyle comunicou-se com Noran “Agora é com você!” e concentrou-se para abandonar seu corpo. A tênue linha que o ligava a seu meio-irmão ficou visível e o corpo espiritual de Kyle a seguiu.

Örion cavalgava ao lado da bruxa Zeah, de Rílkare, Poul, Keledrel e outros. Várias carroças carregadas com centenas de crianças raptadas do reino de Aldancara compunham o cortejo. A energia a ser liberada pela execução de centenas de inocentes iria quebrar as defesas finais do encanto que protegia o templo. Este era o dia esperado por Zeah e todos seguidores de Marlituk. O jovem meio-silfo, assim como os outros, vinham sendo corrompidos pelas forças malignas dos espectros de Marlituk. A corrupção de Örion, Poul e Rílkare ainda não era tão profunda quanto a de outros. Eles haviam testemunhado coisas indizíveis na fortaleza da torre negra. Poul vira sua esposa Adria e outras tantas mulheres, darem a luz terríveis criaturas, demônios, filhos de Marlituk, gestados para incorporar seus espectros.

O monstro que saiu de Adria, chamado Ayon, cresceu em poucos dias para se tornar um demônio magro e de aparência horripilante. Este seguia o cortejo ao lado do rei. Kel, já não exibia aparência totalmente humana. Sua boca havia crescido e os dentes deformados eram pontiagudos e numerosos. O rosto assumira um aspecto escamoso, mas usava a coroa sobre a cabeça e seus cabelos longos, agora mais ralos, escorriam até a cintura. Os olhos tornaram-se amarelos e fendidos como os de um lagarto e as mãos escamosas apresentavam garras. Era meio-humano, meio-besta. Seguiam também o cortejo, bestiais, ogros, tardos e mortos-vivos. Era uma larga e longa coluna com cerca de trezentos membros.

Kyle chegou até Örion e mergulhou em sua mente. Sentiu-se imediatamente mal, pois o corpo de Örion começava a ceder aos efeitos da corrupção de Marlituk. Diferente de seu meio-irmão, a mente de Kyle era mais dura, focalizada e treinada. Conseguiu deixar as influências malignas à margem e saiu da formação avançando para encontrar-se com o rei.

- Majestade – chamou Örion.
- O que é, meu servo?
- Vim adverti-lo a respeito de uma visão.
- Visão? Que assunto é este?

-Eu vi, no templo... Estrangeiros. Eles representam uma ameaça.

-Ah, isto? Eu já sabia deles. Não são mais um problema. Fugiram com o rabo entre as pernas. Mas obrigado por avisar. Logo mais, enviarei você e seus companheiros para persegui-los. Irão se divertir.

- Obrigado, majestade, mas penso que será mais divertido ver você estrebuchar e morrer!

-Há?

Örion convocou um feitiço fazendo lama voar contra os olhos das montaria de Kel e de diversos outros cavalos. Houve comoção e alguns cavalos correram, outros derrubaram quem os montava.

Kiorina dissipou o feitiço de silêncio que havia aprendido com Zoros. Os cinco cavalos voltaram a fazer barulho ao sair da mata e dirigir-se para o local onde estava o rei. O cortejo atravessava uma trilha em meio a densa floresta.

-Esboscada! – alguém gritou.

Kyle abandonou o corpo de Örion deixando-o confuso, sem entender o que havia acontecido. A presença de Kyle havia pressionado para fora a presença maligna de um fragmento espectral de Marlituk. Ele pode pensar com clareza pela primeira vez em semanas. Lembrou-se dos acontecimentos do período recente e sentiu-se enjoado e culpado. Estava disposto a lutar para obter vingança.

Kyle retornou a seu corpo que foi conduzido por Noran durante sua breve ausência. Kyle e Calisto cavalgavam lado a lado em meio a confusão. O cavalo do rei ainda empinava descontrolado.

Kiorina convocou um elemental de fogo na forma de um pássaro que dava proteção a ela e Ector. Gorum e Derek se adiantaram travando combate contra bestiais. O demônio, Ayon, veio proteger seu pai e mestre. O rei visitava a torre negra para plantar sua semente corrompida nas mulheres que Zeah capturava para este fim.

Ayon saltou sobre a montaria de Calisto provocando uma queda feia. Se ele se machucasse o plano poderia ruir. Ector lançou um rápido feitiço para amparar Calisto fazendo-o pousar suavemente. Usou sua espada e escudo para defender-se de mortos-vivos que o cercaram. Kyle já lutava de olhos fechados usando sua terceira visão. Saltou do cavalo e fez uma acrobacia para cair no chão correndo. Saltou sobre Ayon atingindo-o com os dois pés no rosto. A energia do Kishar fluía e o chute o atirou para trás fazendo-o perder os sentidos.

O elemental de Kiorina se fez útil protegendo-a de um ataque do tardo Nergon. Um ogro enorme atacou Derek, mas teve o braço decepado pelo machado encantado.

Poul veio confrontar Örion gritando – Traidor!

Örion recuou sem coragem de confrontar o velho amigo.

Kel atirou-se do cavalo e rolou no chão. Kyle avançou até o rei, mas deparou-se com o silfo Keledrel. Teve que recuar e esquivar-se de repetidos golpes de espada. Era ágil demais para Kyle antever seus movimentos. Kiorina lançou uma bola de fogo que atingiu Keledrel em cheio, envolvendo-o em chamas. Calisto se defendia dos mortos-vivos e conseguiu abater um deles. Kel já estava de pé e com uma lâmina envolta em energia negra avançou e atacou Calisto.

Ele se defendeu com o escudo, mas o golpe atravessou-o provocando uma dor congelante e paralisando seu lado esquerdo. Calisto largou a espada e pegou o bastão dado por Thoudervon. Haveria apenas uma chance de acertá-lo.

Um ogro veio por trás de Ector e Kiorina e chutou a montaria que compartilhavam, derrubando-os. Gorum foi cercado por bestiais viu a morte se aproximar e vociferou – Que ironia! Logo bestiais!

Rílkare avançou contra Öron e derrubou-o do cavalo com um golpe.

Derek foi atingido por uma flecha certa disparada pela silfa Ardívilla. Kyle tinha passagem livre para chegar em Kel, mas Zeah lançou um feitiço sobre ele. Era tudo ou nada. Kyle saltou desviando-se da magia atirada por Zeah e concentrou todas suas forças para lançar um golpe distante. O alvo era o bastão de Calisto, mais precisamente, o local onde estava acoplado o jarro que continha o cintilante amalgama de tempo comprimido. O golpe distante de Kyle zuniu como uma flecha invisível e estilhaçou o jarro. O líquido amarelo expandiu-se formando uma bolha, mas voltou a contrair-se. Expandiu-se novamente e contraiu-se. Seguiu fazendo assim, porém a cada movimento, a expansão ia mais longe. Tudo começou a ficar muito devagar. Kiorina rolava no chão, mas conseguia pensar em muitas coisa antes de dar uma nova volta em torno de si mesma. O rei erguia a espada negra para desferir o golpe fatal contra Calisto, mas o golpe não avançava, o tempo estava se paralisando. O congelamento temporal que deveria ser aplicado por Calisto, apenas em Kel, foi progressivamente se aplicado a todos presentes. Noran viu tudo ficar extremamente lento e se sentiu congelado. Derek viu tudo de um modo diferente. Todos tinham parado, apenas ele se movia. Achou que estava delirando. Pessoas que giravam em pleno ar estavam paradas como estátuas. Seus próprios movimentos foram ficando mais lentos, e mais lentos. A flecha no peito não o impediu de correr para tentar escapar daquele efeito que se expandia. Ao longe, viu que as árvores estavam parando de agitar os galhos. Pássaros parados no céu. Tudo congelava.

Derek corria, mas a sensação é que fazia uma lenta caminhada. Noran observou Derek se mover enquanto dos demais estavam congelados. O espírito sentia os próprios pensamentos lerdos. Viu Derek dar alguns passos, o sol se mover no céu, mas o pé de seu corpo espiritual, não se movia mais que alguns milímetros. Tudo ficou muito quieto e Noran conseguiu formular um pensamento “Deu certo! O plano de Kyle funcionou! Preciso seguir suas instruções. Devo sair daqui e buscar ajuda.

Devo ir até Tchilla buscar por Archibald”. Quando este pensamento se concluiu, notou que o sol já havia se posto.

CAPÍTULO 79 Archibald usava um longa barba como era comum entre os tchillianos. Tornara-se um alto sacerdote do templo de Ometan. Vestia os elaborados trajes vermelhos e brancos que homenageavam este deus. Longos anos se passaram desde que se separou de seus amigos Kyle, Kiorina e Gorum e nunca mais ouviu falar deles. Tchilla se preparava para a guerra, mais uma vez. O Império Lacorês havia declarado guerra ao mundo. Keldorianos, tradicionais inimigos de Tchilla buscavam abrigo na grande cidade-estado, pois seu território havia sido invadido por hordas de mortos-vivos provenientes de Lacoresh. A guerra civil entre os Silfos do Mar, sob o comando do Imperador Hiokar, principal aliado dos lacoreses havia terminado. Lacoreses e Silfos juntos ameaçavam invadir Dacs e Tchilla. Os sacerdotes de Ometan convocavam forças divinas para os exércitos da cidade no confronto iminente. Ometan enviaria, mais uma vez, seus avatares para dirigir os exércitos de Tchilla. Oito Nanuartuks, generais da cidade, estavam presentes para a cerimônia no Octogono Sagrado. O imperador Abenani Baru estava no topo da construção piramidal, tão alta como uma montanha, a fim de canalizar as bênçãos dos deuses.

Archibald, ou como passou a ser conhecido em Tchilla, Akibaru, estava em profundo transe, pronto para receber o avatar e estabelecê-lo sobre o corpo do Nanuartuk Gerelk. A letra A, sagrada para os tchillianos podia ser usada para nomear aqueles capazes de receber e personificar os nobre espíritos guardiães.

O espírito de fogo desceu do céu sendo apenas visível aos olhos sensíveis dos alto sacerdotes. Archibald tinha em mãos uma adaga ritual e com ela perfurou o corpo de Gerelk em vários pontos. Na testa, no pescoço, peito e abdome. Os pontos energéticos do general foram ativados tornando-o apto para receber o espírito de fogo. Archibald observou o espírito penetrar no corpo e os cortes cicatrizaram por cauterização espontânea.

Gerelk e os outros sete Nanuartuks agora tinham dentro de si espíritos de fogo enviados por Ometan, o deus guerreiro. Isso ira conferir invencibilidade aos exércitos tchillianos, assim como sempre ocorreu nos mais de dois mil anos de história da poderosa cidade.

- Obrigado, Alto Sacerdote Akibaru! – Gerelk curvou-se diante de Archibald. Sentia seu corpo arder em êxtase, cheio de energias.

Archibald, ainda em transe, surpreendeu-se ao ver outro espírito se aproximando.

Reconheceu-o e pensou “Noran?”

“Há quanto tempo, Archibald. Não sabe o esforço que tive que empreender para alcançá-lo! Cheguei a pensar que nunca conseguiria.”

“Mas por que retorna da terra dos mortos?”

“Eu nunca fiz essa jornada. Passei todo este tempo acompanhando Kyle.”

“Kyle? Ele está vivo? Está bem?”

“Sim, está vivo, mas está preso. Ele, Kiorina e Gorum. Ele me enviou para obter sua ajuda.”

“Mas onde eles estão presos?”

“Em Saubics, mas não é um prisão comum. Estão presos por uma feitiço e não tenho certeza de que possam mesmo sair.”

“Como posso ajudar?”

“Kyle acha que você poderá descobrir uma maneira, se for até Lacoresh. O criador deste feitiço está lá, mas é uma criatura perigosa. Aquele que chamam de Thoudervon.”

“Ir a Lacoresh? Depois de tanto tempo? A guerra... Não sei se posso.”

“Se não fizer nada, ficarão presos para sempre.”

A conversa telepática decorria em ritmo acelerado, mas foi suficiente para quebrar o protocolo da cerimônia.

Gerelk insistia pela terceira vez – Obrigado, Alto Sacerdote Akibaru!

“Preciso deixar o transe... Depois conversamos!”

“Ometan está contigo. Seja abençoado. Seja invencível!”

Dacs e Tchilla haviam forjado uma aliança circunstancial. A cidade estado e a república de Dacs tinham um histórico de conflitos mal resolvidos. A relação entre estes era, em geral, ruim. O lacorês, Atir, era perito em se aproveitar de circunstâncias. Alguns anos antes última guerra naval explodir, havia conseguido estabelecer parcerias com as principais casas de Dacs tendo participação em negócios de linhas comerciais bem sucedidas. As bandeiras lacoresas, outrora neutras, tinham melhor penetração em Tchilla do que as dacsinianas. Com isso, tornou-se rival das casas comerciais de Tonuak, que antes da chegada de Atir, dominavam esta rota.

Archibald conseguiu passagem em um dos navios de Atir e partiu para Dacs. Os negócios de Atir, já haviam rompido com suas raízes lacoresas. Sua base era em

Dacs e nenhum de seus navios era associado aos odiados lacoreses comandados pelo Imperador Maurícius, o velho.

Archibald viajava num navio de três mastros de porte maior que o Estrela do Crepúsculo e também, mais veloz. Assim a viagem até Duir, a cidade dacsiniana mais próxima, durou apenas duas semanas. O capitão do navio era dacsiniano e conhecia o Sr. Atir pessoalmente. Prometeu indicar onde poderia encontrar seu chefe assim que chegassem. Archibald indagou ao capitão a respeito de An Lepard Baltimore e soube apenas que seu irmão, An Lepaul, cuidava dos negócios atualmente. Um dos marujos contou a Archibald uma história diferente. Disse que houve uma desavença entre os irmãos e que depois disso, An Lepard nunca mais navegou. Não descobriu nada além disso.

Archibald gostava de tomar sol no alto tombadilho da nau e pensar em seu passado. Havia se desligado dele e muitas memórias pareciam perdidas. Era assustador pensar em voltar a Lacoresh, ou reencontrar Mishtra e talvez conhecer seu filho.

Certa manhã, avistou a costa dacsiniana e todos aqueles pensamentos acumulados desceram para dar-lhe um nó na garganta. Sentia as mãos e a testa pulsarem. O espírito guerreiro com o qual se associou em Tchilla estava inquieto. Em sua formação como sacerdote de Ometan, anos antes, ele conseguiu compreender o que Weiss havia feito com ele. Tratava-se da aplicação do ritual de conexão divina. Muitos sacerdotes e guerreiros antepassados do povo tchilliano, ao morrerem, não viajavam para a terra dos mortos. Seguiam junto aos templários, ajudando-os a cuidar de seu povo e de sua descendência. Alguns destes conseguiam se conectar aos vivos e um ritual fora desenvolvido para permitir uma conexão mais duradoura e profunda. Archibald, segundo constatarem os sacerdotes, já possuía os pontos energéticos desenvolvidos. Weiss havia feito isto com ele. O espírito, ou demônio, ligado a Archibald em Lacoresh, não estava mais com ele há muitos anos. Ao ser ordenado alto sacerdote, ele teve seu corpo conectado a Sen, um dos antigos guardiões de Tchilla. Archibald percebia sua agitação e forçou um transe para comunicar-se.

“O que há, Sen?”

“Aquela terra é amaldiçoada, Akibaru. Serei forçado a ficar longe. Você não deve demorar neste território, ou nossa ligação será rompida”.

“Compreendo”.

Agora Archibald teve certeza, o elo com o ser imposto por Weiss, havia se rompido definitivamente após sua passagem por dacs.

O tempo de reflexões acabou quando o navio atracou no cais do porto de Duir. A tripulação e carga passaram por minuciosa inspeção por parte das autoridades portuárias. Espiões lacoreses eram sempre esperados e Archibald foi levado ao

posto de oficiais para ser interrogado. Mesmo tendo vivido tantos anos em Tchilla, não conseguia se passar por um deles. O tipo físico dos lacoreses e tchillianos era bastante diverso. O fato de aparecer um lacorês agindo como tchilliano elevou as suspeitas sobre Archibald.

Apesar de seus protestos e indignação, foi colocado numa cela. Como sairia dali? Se ficasse muito tempo, perderia sua ligação com Sen. Entre os pertences de Archibald, foi localizado o cajado que Atir lhe dera de presente, há muitos anos. O item mágico foi confiscado e colaborou para a tese dele ser um espião lacorês. A cela era pequena, mas ao menos era limpa e havia um colchão de palha. Havia uma pequena janela com grades no alto. Se fosse em Lacoresh, certamente estaria em algum calabouço imundo e sem conforto.

Dois dias se passaram. Archibald estava rezando de olhos fechado e não percebeu que um homem se aproximou com passos leves e parou do lado de fora a observá-lo.

- Archibald DeReifos, é você? – veio a voz sem muita convicção.

Ele se levantou num sobressalto abraçando os joelhos. – Sim! Alonzo? – Archibald mal o reconheceu. Estava mais velho e vestido à moda dos dacsinianos com um grande chapéu azul com plumas brancas. Mas sua magreza e olheiras profundas eram muito marcantes para serem esquecidas.

- Nunca achei que nos veríamos novamente!

- Estou feliz em vê-lo, pois vim justamente para procurá-los.

Alonzo sorriu e chamou – Guarda, abra a cela, este é quem eu procurava.

O carcereiro obedeceu e Archibald achou aquilo curioso.

- Vamos Archibald, pegaremos suas coisas e sairemos. Felizmente os dacsinianos são muito apegados a suas leis e regulamentos. É quase fácil resolver questões assim. Tudo muito diferente de Lacoresh. Lá ou eram espadas, ou subornos, aqui, juristas. Empregamos mais juristas em nossa casa do que estivadores. Por isso demorei tanto para livrá-lo. Em Lacoresh, seria uma questão de horas.

Ao saírem do corredor de celas passaram pelo salão dos oficiais onde dois homens de Alonzo repassavam a papelada com os responsáveis. Os pertences foram liberados e Archibald disse – Muito obrigado Alonzo. Ainda não acredito que puderam me localizar tão rápido.

- Ora Archibald, isto não foi nada que fuja à nossa rotina. A verdade é que temos pessoas o tempo todo nos meios oficiais e o nosso procedimento padrão é checar todas as pessoas que são presas. É fato que temos tido muitos problemas com clientes nossos sendo detidos por este

decreto paranoico do imperador.

-Hum. E quanto ao Sr. Atir?

-Se não me engano, está em Porto Baltimore. Vamos para a sede agora.

Chegaram a um pequeno palacete numa área elevada próxima aos portos. Ali ficavam uma dezena de casas comerciais menores, todas sujeitadas às taxas de exportação e importação praticadas e reguladas entre as cinco grandes casas de Dacs. Favorecidas por antigas leis, as cinco casas praticavam negócios de duas espécies: os muito lucrativos e os muitíssimo lucrativos. Já as casa menores viviam sempre em competição ferrenha trabalhando com margens apertadas. A casa Atir havia crescido muito, em especial, após o início da guerra. Detinha rotas de alto risco, mas que apresentavam altos lucros. O pessoal de Atir tinha sorte, ou talento especial, para avaliar riscos.

As sede da casa comercial era um lugar movimentado e surpreendeu Archibald.

- Vocês parecem estar muito bem!

- Os negócios não vão mal, mas muitos temem que toda a economia entre em colapso com o avanço da campanha militar dos silfos e lacoreses.

Alonzo levou-o para seu escritório, uma sala espaçosa e de fina decoração, no terceiro andar. Ficaram sós.

- Você leva a vida de um nobre!

- Muitos em dacs vivem boas vidas, mas temo que isto possa estar chegando ao fim. Dacs tem se preservado devido às suas defesas naturais contra magia e seres como os silfos. Foram poucas incursões que causaram algum dano além de atingir cidades litorâneas. Muitas foram incendiadas, mas nenhuma verdadeiramente conquistada. Eles possuem uma grande base nas Ilhas Xadunia, mas afora isto, tivemos apenas algumas cidades danificadas nas casa Baltimore e Eril.

- Nunca imaginei que Lacoresh poderia estar envolvida numa campanha militar para conquistar outros reinos.

-Homenase, Griss, Áxia e Trélis seguem sob domínio lacorês e tivemos notícias que Keldor está tendo dificuldades para resistir e poderia sucumbir em breve. Se isto acontecer, temo que Tchilla, Dacs, Kâtor e outros tantos não tenham forças para impedir o avanço dos silfos e lacoreses. Em Keldor, hordas de mortos-vivos comandadas por necromantes e um número crescente de demônios tem feito grandes estragos.

- Sim, o primeiro ataque sobre Tchilla ocorreu há pouco menos que um ano, mas foi plenamente repelido. Foi uma horda gigantesca, mas os necromantes subestimaram o poder dos antigos guardiões.

- Ouvi relatos. Uma loucura!

- O motivo de minha viagem pode parecer uma loucura ainda maior...

Alonzo serviu-se de vinho e recostou-se em sua confortável poltrona aguardando que ele prosseguisse.

- Vim para encontrar uma embarcação que me leve a Lacoresh.

Alonzo deu uma gargalhada. – Eu esperava por algo assim. Temo que nem mesmo o Sr. Atir toparia uma empreitada destas.

- Lembra-se de Kyle Blackwing?

- Como não?

- Ele está preso e, talvez com ele, a chave para encerrar este conflito.

Alonzo voltou a gargalhar levemente embriagado – Você fala sobre uma chance de derrotar o Velho? Não era isso que sua expedição buscava anos atrás? O que houve afinal?

Archibald relatou o que sabia, incluindo algumas novidades que aprendeu com Noran.

- Então Blackwing teve sucesso em localizar o tal oráculo, mas ficou preso depois disso.

- Sim.

- E a senhorita DeLars? Ainda vive?

- Está presa com ele.

Alonzo ponderou enquanto brincava com o líquido rubro em sua taça. – Talvez tenha uma solução.

- Mesmo?

- Sim. Eu e o Sr. Atir temos muitos contratos. Um deles é com um velho conhecido seu, An Lepard Baltimore.

- Tem notícias de seu paradeiro?

- Como não? Temos muitos negócios com sua família. Há poucos meses estive com ele para uma bebida. O homem ainda está consumido pela culpa. Presume que a Srta. DeLars morreu por falta de coragem sua para auxiliá-la. Chegou a empreender duas viagens a Saubics após o fim da guerra, mas nunca teve notícias dela. Toda questão da traição por sua tripulação e torturas que passou nas mãos dos silfos o deixaram muito

abalado. Há alguns anos não navega, mas é como dizem, uma vez navegante, o mar o insistirá em carregá-lo.

- Não vou dizer que gosto do sujeito, mas não vou reclamar se ele concordar em me levar.

- Pois bem, providenciarei sua viagem. Porto Baltimore é uma das poucas cidades litorâneas intactas devido à proteção geográfica. Eu não poderei acompanhá-lo, um de nós, precisa sempre estar aqui para manter os negócios.

CAPÍTULO 80

A navegação seguia por semanas sem nenhum incidente. Era um tempo muito solitário para Archibald. O velho navio de An Lepard estava caindo aos pedaços, assim como seu dono. Lepard passava dias trancado em sua cabine. Não havia mais nenhum marujo da antiga tripulação para conversar com o ex-monge.

Archibald lembrava-se de como o havia convencido a empreender a viagem. Encontrou-o onde Alonzo indicou, o bordel de seu irmão, An Lepaul. Quando o viu, não conseguiu reconhecê-lo.

- Porcuro por An Lepard – indagou num fraco dacsiniano ao balconista gordo com cabelos desgrenhados e ensebados.

- É? E o que quer comigo, maldito tchilliano? – veio de volta a voz rasgada e embriagada.

- An Lepard?

Ele encarou-o mostrando a face cortada por cicatrizes que remontavam as torturas de Shark. Seus olhos pareciam enevoados e esforçou-se para reconhecer Archibald, sem sucesso.

- Não se lembra de mim? Archinald DeReifos, de Lacoresh.

- Hã? Mas que diabos! Sua cara está toda pintada como um maldito sacerdote tchilliano! – Apontou as marcas vermelhas na testa dele. – E toda essa barba...

- Então?

- Sim, me lembro agora. Você ficou naquele antro de devotos beijadores de bundas divinas. Se apaixonou por aqueles deuses escrotos e abandonou seus companheiros para morrer num destino cruel. Agora me lembro que você sempre foi mesmo um maldito covarde!

Ele não quis retrucar. Na verdade condeu-se ao ver Lepard naquele estado. Ele havia sido uma pessoa bonita e orgulhosa.

- Vim por que Alonzo pensa que você pode me ajudar.

- Há! Os ladrões lacoreshes de merda o enviaram, não é? O que quer de mim que seus malditos conterrâneos se recusam a fazer, hã, maldito devoto?

- Quero que me ajude a salvar Kiorina.

- Kiorina? – O marujo se transfigurou deixando a memória voar longe. O álcool pareceu evaporar de uma vez.

- Ela vive, mas encontra-se cativa.
- Presa? A pequena ruiva? Onde?
- Em Saubics.
- Eu revirei aquele maldito reino, até mesmo os malditos reinos vizinhos e nada! Ela não está lá, devoto, isso eu garanto!
- Procurou na floresta proibida?
- Ninguém quis me levar no maldito lugar, mas garantiram que é um lugar onde ninguém vai, ou já foi.
- Exceto Kiorina, seguindo os passos de Kyle. Mas há um problema.
- Naturalmente. O que é? É guardada por um dragão?
- Nada assim. A chave da prisão encontra-se em Lacoresh.
- Isso não faz sentido, devoto. Por que alguém guardaria uma chave de prisão tão longe?
- É uma prisão mágica e a chave é um feiticeiro que vive em Lacoresh.
- Hum. Ir até Saubics seria difícil, mas Lacoresh, há há há! Somente um louco iria para lá partindo de Dacs.

- Verdade.
- Ótimo! Há há há! Você encontrou este louco. Vamos seu devoto beijador de bundas celestes, há anos que não achava um motivo para voltar ao mar. Temos que preparar o navio e montar uma tripulação.

Ele se levantou animado e saiu de trás do balcão apoiando-se numa bengala de fino acabamento.

- Vai ficar aí parado com essa cara de bunda? – Leopard estava gordo e deformado – Vamos até o ninho de ratos!

- Ninho de ratos?
- Sim, a sede da casa comercial Atir, naturalmente. Tenho certeza que conseguiremos arranjar uma tripulação de grissineses ou axianos para o Estrela. Afinal, não podemos navegar para o norte com uma tripulação dacsiniana, seria suicídio.

Uma conversa animada entre os marujos axianos interrompeu o fluxo de memórias de Archibald. A língua de Áxia era semelhante ao lacorês, com muitos termos, expressões e radicais semelhantes, mas o modo de falar veloz e ritmado tornava a compreensão praticamente impossível. Archibald já havia tentado conversar com alguns deles sem muito sucesso. Mas compreendia que muitos deles estavam ansiosos pela oportunidade de retornar à sua terra natal após anos de exílio

entre os dacsinianos. Na ocasião da invasão de Áxia, muitos fugiram e tornaram-se exilados. Apesar da estabilização que se seguiu após a instauração do governo lacorês, muitos nunca tiveram coragem de retornar.

Archibald distraiu-se da conversação e tentou contato com Sen, o espírito guardião. Nada! No lugar disto, aproximou-se Noran.

“Noran?”

“Archibald, acho que compreendi! Vejo agora com clareza o canal para nossa comunicação. Penso que Sen retornou para Tchilla.”

“Isto pode ser um problema. E se eu for tomado por algum espírito maligno em Lacoresh?”

“Sim... Talvez eu possa assumir a ligação. Você conseguiria operar a si mesmo?”

“Operei muitas pessoas... Talvez, se eu puder usar a energia do cajado que ganhei de Atir... Amanhã, talvez...”

“Vou deixá-lo, pois você tem companhia...”

An Leopard chegou por trás de Archibald e disse – Bela noite, não é, devoto?

- Certamente. – Ele balançou a cabeça para dispersar o transe.

- O piloto me diz que chegaremos a Áxia, amanhã.

- Não se preocupa com uma traição por parte deles?

- Isto não. Muitos estão estabelecidos, com mulher e filhos em Dacs. Estão nesta viagem por curiosidade de rever sua terra natal após a usurpação lacoresa.

- Entendo.

- Além do mais, depois retornarão a Porto Baltimore e nós poderemos seguir viagem.

- Nós?

- Vou até o fim para salvar Kiorina! Então, você terá que me aturar.

- Certo, mas terá de fazer como eu disser.

- Que seja. Estive pensando, você retornou à terra dos silfos para rever sua mulher e seu filho mestiço?

Archibald tornou-se pesaroso e disse – Não. Estive para fazer isso, várias vezes, mas me envolvi demais com o sacerdócio. Cheguei a pensar sobre isto nesta viagem, mas acho que seria muito arriscado. Além do mais, não quero envolvê-los em mais problemas. Talvez, depois de tudo, irei procurá-los.

Houve um longo silêncio e Archibald perguntou – Já esteve em Áxia?

- Sim, uma vez, antes da guerra. Paramos para obter suprimentos na minha última viagem a Saubics. Era um reino pequeno e muito fechado aos estrangeiros e costumes externos. Não é a toa que resistiram aos lacoreses até suas últimas forças. Agora tornou-se província lacoresa com a tal Santa Igreja controlando tudo e todos.

- Áxia não me preocupa. Penso que não será difícil arranjar um transporte para Lacoresh. O problema será encontrar quem saiba como quebrar a prisão.

- Não sabe nem por onde começar?

- Tenho algumas ideias. Há um cavaleiro chamado Derek que escapou da prisão, segundo soube. Localizá-lo é uma das possibilidades.

- Há outras?

- Encontrar velhos conhecidos, não sei... Melhor descansarmos. Amanhã haverá muito o que fazer.

Ficaram em Áxia apenas por dois dias. Conseguiram uma passagem num navio cargueiro que seguia para Lacoresh. Lepard despediu-se do Estrela do Crepúsculo imaginando se um dia voltaria a vê-lo.

Dias depois, chegaram em Lacoresh e Archibald ficou boquiaberto. A cidade parecia três vezes maior. O porto foi a primeira diferença. Um quebra mar com quilômetros de extensão fora construído criando uma espécie de lagoa na qual trafegava um intenso fluxo de navios. No navio em que vieram, havia alguns lacoreses com quem Archibald conversou. Soube por eles, algumas histórias do famoso cavaleiro do rei, Sir Derek, também conhecido como Machado de Sangue.

Receava que ele e Lepard pudessem ser questionados de algum modo pelas autoridades locais, mas todos pareciam ocupados demais. Havia movimentação intensa. Lacoresh estava segura com as frentes de batalha muito longe dali. Visitavam a capital orgulhosa de um império em franca expansão e as autoridades ignoraram a presença de Archibald e Lepard.

- Para onde vamos? – indagou Lepard ajeitando o mochilão nas costas.

- Há uma taverna, logo ali – Archibald mostrou uma rua mais estreita e que subia fazendo uma curva. – Talvez encontremos informação ou apoio por lá.

A taverna tinha mudado completamente. A fachada estava pintada de vermelho escuro e havia uma placa de madeira, com o desenho de um monge gordo com uma caneca de cerveja na mão. Embaixo, os dizeres: “Banquete do Monge”.

Archibald usava uma faixa cinzenta e surrada que cobria sua testa. Suas roupas

comuns também estavam amarrotadas. An Lepard não passaria por lacorês, mas pelo que já haviam constatado, havia muitos estrangeiros circulando na cidade.

Tinham dinheiro de sobra. Entraram no lugar e pediram bons pratos e vinho para acompanhar. Havia muito movimento e barulho. Da última vez que estiveram ali, ele, Kyle e os outros se encontraram com Klereon Nasbit e o Cavaleiro Kandel. A chance de encontrá-los no mesmo lugar após tantos anos era remota, mas ainda assim, o suficiente para um começo.

Depois de alguns copos de vinho, Lepard contou a Archibald sobre o desfecho de seu relacionamento com Claudine. Tudo começou com a discussão que tiveram. Ela desejava acompanhar Kyle e os demais, mas An Lepard não. Depois, ele próprio se arrependera e ficou obcecado em descobrir o paradeiro de Kiorina.

-O fato é que eu tentei reatar com Claudine, mas era como tentar colar as partes de um vaso partido. Depois de meses juntos em Dacs, percebemos que não tinha como voltar a ser como antes. Brigávamos constantemente. Com a cabeça quente, deixei-a para trás para a primeira expedição de volta a Saubics. Quando voltei, soube que ela havia retornado para o sul, na casa Rasaad, onde vivem seus avós.

Archibald escutava tudo imaginando o que o teria feito ficar tão tagarela assim. Talvez, agora percebesse que havia deixado tudo para trás. Foi quando viu, ou ouviu algo que o fez levantar-se num sobressalto – Espere Lepard...

Foi até a porta no fundo da taverna que dava para a cozinha. Uma forte gargalhada viera de lá e chegou a soar acima da barulheira do ambiente.

-Onde vai? – Lepard o chamou.

Archibald o ignorou e entrou na cozinha. Um dos serventes com uma bandeja repleta de peixes fritos o abordou – Ô forasteiro, clientes não podem entrar aqui!

-Meinard trabalha aqui?

-Ele é o dono. Mas se for reclamação, pode falar comigo mesmo.

-Não, é que somos amigos. Posso vê-lo? Não nos vemos há anos!

-Leco, entrega esses peixes aqui na mesa oito. Esse cara aqui quer falar com o chefe...

Archibald seguiu o rapaz para além da cozinha, muito movimentada e cheia de utensílios, ingredientes e panelas. Fora, havia um amplo quintal com árvores frondosas e chão de terra batida. Na sombra de um cipestre enorme, de troncos largos, havia uma mesa. Ali estava seu velho companheiro vestindo um manto surrado dos Naomir e de pés descalços. Chamou-o seguindo o velho costume – Irmão Meinard!

O gorducho olhou-o de cima abaixo sem reconhecê-lo de pronto. – Irmão

DeReifos? É mesmo você?

Archibald fez que sim e aproximou-se. Meinard levantou-se, mais gordo do que nunca, e deu-lhe um caloroso abraço – Ora, sente-se, meu caro!

Archibald examinou um homem que fazia companhia para Meinard. Sua fisionomia não lhe era estranha, mas Archibald não o reconheceu.

- Lembra-se de Felear?

- Cavaleiro Felear? – Archibald achou-o magro e envelhecido. Seus cabelos longos e grisalhos estavam presos num rabo de cavalo e ainda vestia um colete de couro sobre a roupa, um vestígio de seu passado como militar.

- Deixei a posição há muitos anos. Depois do confronto com Blackwing e de aprender certas verdades, perdi meu ímpeto de servir o reino.

- Entendo.

- Ora, não vai se sentar? – Indagou Meinard.

- É que meu companheiro de viagem, An Leopard, ficou lá dentro.

- Delei, traga o amigo dele, certo?

- Quem senhor? – perguntou o rapaz.

- O gorducho loiro e com cicatrizes – explicou Archibald.

- Vou buscá-lo, senhor.

An Leopard se juntou a eles e Archibald levou horas contado a Meinard e Felear o que aconteceu a Kyle e os demais. Explicou também o que os trazia de volta a Lacoresh.

- Acreditamos que o tal Sir Derek, Machado de Sangue, poderá nos ajudar.

- Não ouvi coisas boas deste aí... – avisou Meinard.

Felar complementou – Pelo que sei, ele está envolvido com figuras da cúpula do governo, ou seja, deveria ser evitado por aqueles como nós que tentam passar despercebidos.

- Talvez o velho Nasbit possa ajudá-los. – Meinard deu com os ombros.

- Lembro-me dele, o antigo senhor de Homenase. Onde podemos encontrá-lo?

- Já estão hospedados em algum lugar?

- Não.

- Então fiquem aqui, temos uns poucos quartos. Vou enviar uma mensagem e esperamos.

Felear torceu o rosto para a ideia e deixou escapar – Tomem cuidado com Klereon Nasbit. Ele é um homem de interesses e está sempre atrás de uma compensação. Encontrarão confusão se aproximando dele.

An Lepard ficou curioso. – Por que?

-Ele está entre os poucos que ainda fazem oposição à coroa.

-Fala da rebelião? – indagou Archibald.

Felear riu-se – Nada disso, esse termo caiu em desuso. Segundo a coroa, todos os rebeldes foram capturados e mortos há mais de seis anos. Já não se fala nisto há muito tempo aqui, ou nos territórios anexados. Mas a rebelião acabou deixando um legado. Surgiu a Irmandade do Dragão Negro.

-Dragão Negro? Por que este nome?

-Nem me pergunte – retrucou o ex-cavaleiro – Pergunte a um membro.

Meinard revelou – Eu e Nasbit somos velhos amigos, mas decidi deixar essas brigas de lado há tempos. Algo que aprendi com um ilustre cliente do Banquete, o Cavaleiro Carmesim, Julius Fortrail. Os poderosos estão sempre corrompendo, de um jeito ou de outro. Você luta contra o vilão até que acaba se tornando um vilão, você mesmo.

- Não deixo de concordar – Felear bebericou o vinho – não sei onde essa campanha de guerras e conquista vai levar Lacoresh, sei apenas que quero ficar fora disto. Já fui enganado e tomei nojo desse governo, sua cavalaria, seus bruxos e clero corrompido.

Archibald escutava aquilo e não concordava. Não disse nada, não queria discutir, mas sabia que o mal precisava ser combatido.

CAPÍTULO 81

Duas noites depois Archibald e Lepard foram visitados por Nasbit. Ele veio ao Banquete do Monge na companhia de duas figuras encapuzadas e que não diziam uma palavra sequer. Nasbit usava sua barba grisalha curta, mas cheia. Suas roupas eram escuras e folgadas cobrindo todo o corpo, até mesmos as mãos com grossas luvas.

- Antes de seguirmos, preciso saber se poderão nos pagar.

- Pagar? Por que? – retrucou Archibald.

- Querem ver Sir Derek, não é mesmo?

- Sim.

- Posso arranjar um encontro entre vocês, mas vai custar.

- Quanto? – indagou Lepard.

- Cinquenta coroas Lacoreshas.

- Isso é praticamente tudo que temos! – Lepard indignou-se.

- Nossa organização precisa de recursos. Em Lacoresh, o dinheiro dita muitas regras.

Archibald concordou – Tudo bem, dinheiro não faz muito sentido.

- Para você pode não fazer... – resmungou o dacsiniano.

Nasbit pigarreou e prosseguiu – Sir Derek estará no grande baile imperial. Ele é muito ligado à princesa Hana. O sujeito é um tanto louco, pois já não se separa de sua arma por nada. Cortou inúmeras cabeças por desavenças triviais. Talvez, o banquete seja a única oportunidade de encontrá-lo, visto que, seu paradeiro quase nunca é conhecido. Sabemos que ele serve ao misterioso ser que comanda a necrópole. Um bruxo lendário que chamam de Thoudervon

- O que possui a chave da prisão! – Archibald deixou escapar.

- Prisão? – Nasbit quis saber.

- A prisão mágica onde estão Kyle, Gorum e Kiorina, nas proximidades de Saubics.

- Saubics? Curioso...

- O que?

- Pelo que ouvi dizer é o próximo alvo da conquista lacoresha. Preparam uma campanha contra os quatro reinos do Vale Verde.

Houve uma pausa e An Lepard indagou – Necrópole? O que é isso?

Nasbit explicou – A cidade em que os bruxos necromantes preparam seus

exércitos de mortos-vivos usados nas guerras. É a verdadeira capital de Lacoresh, mas é tida pelo povo como uma mera crendice. Faz anos que não se avistam mortos-vivos, espectros ou coisas do gênero em Lacoresh.

Archibald estava inquieto. Tinha uma sensação ruim. Talvez não deveriam confiar em Nasbit, afinal.

- Se dinheiro é tão importante para vocês, o que nos garante que não nos venderá aos necromantes?

Nasbit deu uma risadinha – Sabe mesmo muito pouco a nosso respeito. Faríamos muita coisa em troca de dinheiro, exceto favorecer esses bruxos malditos.

- Ainda assim...

Nasbit interrompeu a objeção de Archibald. – Veja Sr. DeReifos, vocês não estão em posição de fazer objeções. O dinheiro vai cobrir custos para colocá-los dentro do palácio na ocasião do baile, mas só isto. Depois de obter as informações que deseja junto a Sir Derek, há algo que estamos planejando contra a família real, e, uma pessoa com suas capacidades poderia ser útil.

- Quer me transformar em seu instrumento de vingança?

- E você próprio, tem algum amor por esta família real corrupta e maligna? Não desejaria vê-los pagar por seus crimes?

Archibald ficou confuso. Ali perto, Noran tentava intuí-lo a não se envolver no plano de Nasbit. Percebia claramente que ele o estava manipulando. Havia algo nele, que Noran procurava identificar, sem sucesso. Não era sua mente. Um objeto, talvez?

- Se colaborar conosco, tenho uma outra informação que tenho certeza que me pagaria qualquer preço para obter.

Archibald sentia sua curiosidade sendo atizada além do normal.

- O que?

- Vou apenas lhe dar uma pista. É sobre alguém que você desejaria vingança, mas talvez não saiba que está vivo.

- De quem está falando?

- Ora, nossa irmandade sabe muito sobre nossos inimigos. E este, é um dos seus membros da cúpula necromante. Alguém que o conhece desde tempos remotos e que fez a você coisas terríveis.

A imagem de Weiss veio à mente de Archibald, mas ele se recusava a acreditar que ele pudesse estar vivo. Tinha morrido no incêndio da biblioteca no mosteiro dos Naomir.

- Vejo em seus olhos que sabe de quem estou falando. O prior da ordem dos Naomir, irmão Weiss.

- Weiss? Não pode ser. Ele está morto! Ele não pode ter sobrevivido!

- O velhaco tem poderes que você não imagina, Archibald. Certa vez, no tempo da rebelião, fizemos uma emboscada para ele e para a princesa Hana quando retornavam de Homenase. Três de nossos melhores, incluindo um hábil mago da Alta Escola sucumbiram contra o maldito.

- Onde ele está?

- Ah, chegamos ao ponto. Sei que irá se interessar por seu paradeiro, como sobre seus planos iminentes. Mas isto, meu caro, só poderei lhe contar, caso nos preste um serviço no baile.

CAPÍTULO 82

Archibald nunca havia visto uma festa tão grandiosa e luxuosa. Ele próprio vestia um traje feito sob medida na Alfaiataria DeFruss, parte da casa comercial DeFruss-Lars. O próprio Jeero DeFruss e seu filho, Armand, estavam na festa. Archibald e Lepard estavam infiltrados como representantes da casa comercial Senerval. Ambos usavam chapéus volumosos, roupas de fino corte em tons escuros, azulados e alguma maquiagem.

Passou perto deles o Conde Aaron Whiteleaf, que recebeu o título após liderar a campanha militar que conquistou Áxia. Sua roupa de gala era uma armadura dourada e prateada finamente ornamentada com motivos de sua família.

A dupla circulava pela festa à procura de Sir Derek, sem sucesso. Seguiam com cautela e sempre que Archibald reconhecia alguém, procurava se afastar.

Nos imensos salões conjugados sob a cúpula de metal e vidro podia-se ver as duas imponentes torres do palácio tingidas de luz vermelha naquela noite. No céu, algumas das luas podiam ser vistas.

Archibald temia um encontro com Weiss. Seu coração gelou por duas vezes ao confundir velhos Monges Naomir com seu tio.

Lepard o seguia para lá e para cá, sempre com alguma comida e bebida em mãos. Nem mesmo em Dacs havia visto um banquete tão farto. Os músicos tocavam sem parar enquanto damas e nobres dançavam na pista central. Procuravam, mas não havia sinal de Sir Derek.

Não o acharam por que ele ainda não havia chegado ao baile. Em uma das torres, no mesmo local Lorde Calisto ficara hospedado, muitos anos atrás, Derek fazia companhia para a princesa Hana. O homenzarrão estava nu e tinha o corpo salpicado de suor. Seus cabelos agora tinham um corte militar, com apenas meio dedo de altura. Dali, podiam ouvir, ao longe, a música do baile.

Derek enxugou-se com uma toalha enquanto observava sua amante deitada na cama gozando de um relaxamento pós-coito.

-Vamos princesa, o baile nos espera.

Hana observou Derek ali, sob a fraca iluminação das velas. Seu corpo estava perfeitamente esculpido como uma estátua entalhada pelo Mestre Carulvo de Audilha. Seu físico era perfeito nos dias atuais. Se tornara obcecado por manter-se em perfeita forma física. Dedicava muita horas todos os dias a seus exercícios marciais.

-Ah, meu querido. Deixemos essa tolice de lado. Papai promove tantos bailes, estou certa que poderemos ir ao próximo.

Ela saltou sobre o cavaleiro como uma gata – Venha, será mais divertido ficar aqui – disse sedutora.

Derek olhou-a de relance e a princesa viu aquele leve brilho esverdeado como o dos olhos de um gato.

Derek se afastou – Não princesa, tenho ordens de Fortrail para estar presente.

Hana deixou escapar um grunhido de frustração. Sentia saudades do tempo em que podia controlar o cavaleiro com seus feitiços. Agora, nada disso funcionava, pois ele era praticamente imune à magia.

- Está bem – ela disse à contragosto – parece mesmo que meu pai prepara algo especial para esta noite. Tentei descobrir, mas ele consegue manter bem seus segredos.

Hana levantou-se e vestiu-se de uma só vez. – Ajude-me com os botões – Ela ofereceu as costas e Derek abotoou o vestido vermelho e bem decotado. Começou os feitiços de sua especialidade para maquiá-lo e melhorar sua aparência. Após tais preparativos, parecia ao menos quinze anos mais jovem. Pegou um belo colar com um rubi enorme e colocou-o sobre o colo.

Derek vestiu as roupas de baixo cinzentas, um corselete de aço sobre estas e o restante das peças da roupa de gala. Usava tons escuros com detalhes bordados em vermelho escuro e amarelo vibrante. O cinturão grosso, cruzado no peito, sustentava seu precioso machado nas costas.

- Ali – Lepard indicou discretamente para Archibald. O homenzarrão se destacava na multidão com seu machado preso às costas.

- Ele é enorme! – comentou Archibald.

- Vou deixar isto com você, estarei ali, comendo e bebendo.

Archibald notou que o cavaleiro procurava por alguém no salão.

- Com sua licença, Sir Derek – Archibald abordou-o.

Derek olhou para baixo com sua expressão severa de dar medo. – O que quer?

- Venho em nome de Kyle Blackwing.

- Quem? Nunca ouvi falar...

Aquilo desarmou Archibald. Noran havia dito que ele e Kyle haviam se conhecido.

- O senhor conheceu Kyle em Saubics.

- Não conheci Blackwing algum e nunca estive em Saubics – Ele empurrou Archibald de lado – licença, estou com pressa.

Archibald viu Derek seguir e parou por uns instantes para se concentrar. Precisava contatar Noran. Talvez ele pudesse ajudá-lo. Do lado de fora do palácio, Noran pode sentir o chamado, mas não conseguia entrar ali. Havia uma forte

barreira. Projetou seus pensamentos com grande foco: “Archibald! Saia daí! Há algo de errado! Sombras terríveis estão sobre este lugar!”

Mas lá dentro, Archibald não pode captar nada. Sentia-se mal e, repentinamente, um forte enjoo tomou conta de si. Ele não fazia ideia que Noran ficara barrado do lado de fora. Quando se concentrou para buscar Noran chamou a atenção de espectros escuros que estava por ali. Estes passaram a rodeá-lo, buscando estabelecer conexão com seus canais energéticos há muito abertos por Weiss.

Lepard observava a tudo atentamente bebericando vinho lacorês. Viu que havia algo errado com Archibald e seguiu para acudi-lo. Lepard dizia às pessoas próximas – Ele bebeu demais.

- Lepard – balbuciou Archibald – tem alguma coisa errada... E não consegui a atenção do grandalhão.

- Vou pensar em alguma coisa – Lepard ajudava-o a caminhar até uma cadeira. – Sente-se aqui.

Enquanto Archibald tentava se recuperar do mal estar, algo fez a música cessar. Trombetas soaram anunciando a chegada do Imperador Maurícius. Este chegou seguido de seus dois filhos, Rei Lanark, regente de Homenase e Rei Serin, regente de Griss. Atrás vinha Hana, com sua beleza marcante.

O Imperador vestia-se todo de dourado, coberto em joias e mantos sobrepostos. Seu rosto estava oculto por um véu de tecido grosso com pequenos furinhos. A coroa era alta com uma dúzia de espigões dourados bem polidos.

Algumas pessoas cochichavam. – O que é aquilo que está usando? Uma máscara?

Serin tinha aparência sóbria. Vestia um traje negro com o colarinho de um vermelho sanguíneo e sobre a cabeça uma coroa muito discreta se comparada com a do pai. Lanark parecia fantasiado para um festival. Sua roupa era vermelha e azul com detalhes prateados. Seus cabelos longos eram bem penteados, parecendo os de uma mulher.

A família real subiu uma pequena escadaria até a parte alta do salão onde ficava o trono. Poltronas confortáveis colocadas um degrau abaixo abrigaram os três filhos. As atenções se voltaram para Maurícius. Ele falou, usando magia para ampliar sua voz baixa de velho.

- Meus súditos. Os reuni aqui hoje para anunciar uma nova era para o Império Lacorês. Faltam poucos meses para o festival das luas. Nesta ocasião, receberemos as bênçãos dos Deuses que transformarão Lacoresh no império mais poderoso do mundo.

Houve aplausos, elogios expressões admiradas em todo o salão.

- Sendo assim, decidi que é hora de revelar certas verdades sobre nosso

império.

Um silêncio súbito tomou o local. Muitos temiam o que estava por vir. Serin olhou para o pai deixando escapar o ódio. Estaria o velho enlouquecendo?

- Muitos já ouviram falar dos bruxos das trevas... Necromantes, necrópole e coisas do gênero.

- Pai, o que pretende? – levantou-se Serin, mas poucos puderam escutar suas palavras sem a amplificação.

- Quietos! – Maurícius ergueu a mão projetando em Serin um feitiço que o fez sentar-se contra sua vontade.

Hana se assustou com aquilo. Há tempos vinha tendo um pesadelo sobre um confronto sangrento entre seu pai e seu irmão. Nos últimos tempos, suas visões e premonições estavam estranhas. Ela pensava que talvez estivesse perdendo tal capacidade.

- O fato, meus súditos, é que todas essas lendas são a pura verdade! Minha família vendeu a alma a demônios em troca de poder.

Aquilo fez o sangue de Serin ferver. Faltavam mesmo poucos meses para o ritual da Grande Eclosão. Mas todo planejamento do conselho apontava para manter as aparências e fazer tudo acontecer sem conhecimento da população. O que seu pai estava pensando? Estava louco! Traía publicamente Thoudervon, Arávner e a ele próprio. Serin convocou a força de seus espectros e saltou com velocidade sobrenatural para tomar a frente de seu pai.

- Chega! – Gritou Serin – Isso não passa de uma piada de mal gosto, posso lhes garantir.

Um murmurejar aliviado percorreu o salão.

- Piada? – a voz do monarca continha ódio – A única piada é o quanto você é fraco, meu filho – Maurícius sacou um espadim de seus volumosos mantos e com um golpe veloz, cortou a garganta do filho fazendo o sangue espirrar.

Alguns observaram a cena paralisados, outros começaram a gritar, horrorizados.

Serin levou as mãos à garganta que foram tingidas de sangue. – Como pode? – Olhava para o pai com expressão incrédula. Cambaleou até o pai e segurou no véu. Caiu de joelhos e puxou véu e a coroa desproporcional.

Gritos de espanto tomaram o local. Não era o rosto do velho Maurícius, mas a imagem de um esqueleto coberto por músculos em carne viva.

- Imortalidade filho! Reinaremos sobre este mundo como entes imortais!

Todas as atenções estavam voltadas para o confronto teatral e grotesco entre pai

e filho, bruxo contra monstro. Todos portões laterais se abriram e entraram centenas de cavaleiros mortos-vivos liderados pelos Oito Barões, os cavaleiros da morte criados por Serin. Os convidados indefesos foram atacados pelo aço brutal e mordidas ferozes das criaturas desmortas. Maurícius chutou Serin de lado e gargalhou ao erguer um objeto que fez uma sombra recair sobre o salão.

-Mitzlorg! Mestre! Eu o convoco! Heis o banquete que lhe prometi! Há há há há!

O caos estava estabelecido nos salões. Cavaleiros mortos-vivos avançavam massacrando. Muitos magos e necromantes buscavam se defender. Tentavam se aproximar do pequeno contingente de guardas presente no salão. Um bando de espectros invisíveis atacavam as pessoas com suas garras provocando dor e sugando suas energias vitais.

Empunhando seu machado, Derek podia ver claramente os espectros e destruí-los com um único golpe. O feitiço que Maurícius e Alexanus estabeleceram para ocultar os espectros e bloquear a entrada e saída de energias do palácio foi desfeito. Noran conseguiu entrar e localizou Archibald rapidamente. O rapaz estava possuído por um espectro e, desarmado, atacava Leopard com golpes velozes e violentos. Leopard recuava e defendia-se da melhor forma possível. Noran chegou enfrentando o espectro e expulsou-o com facilidade. Archibald recobrou sua consciência.

-Desculpe Leopard.

O dacsiniano tinha sido atingido duas vezes, mas aproveitou a trégua para pegar a espada de um guarda caído. Ao mesmo tempo, Archibald convocou os sagrados ofícios entoando – Quebradis spiritu!

O morto vivo que o atacava se desfez e caiu no chão inerte. O ex-monge repetiu a operação mais duas vezes antes de sentir-se cansado com as evocações. Viu adiante o enorme Derek brandindo seu machado contra cerca de vinte mortos vivos que o cercavam. Derek tinha um olho nos oponentes e outro em Hana. Ela descia as escadas perseguida por seu pai. O velho tinha o espadim ensanguentado em mãos e gargalhava.

-Hana! – Derek gritou em uníssono com Lanark.

O irmão dela, avançou para socorrê-la e acertou o pai no peito com uma adaga. Maurícius encarou o cabo cravado no peito e rosnou em desprezo. O filho tremia e encarou o pai com horror nos olhos. O velho atravessou o espadim lentamente no pescoço de Lanark que sucumbiu em seguida.

-Venha filha, faça como eu! Abrace a morte e obtenha a imortalidade! – disse o necromante enlouquecido. Atrás dele, o nexo expelia forte fumaça escura e desta emergiram tentáculos do sinistro demônio Mitzlorg.

Archibald saltou na direção de Derek entoando um cântico de banimento ainda

mais poderoso – Celesti Lumina Oném Fragna Spiritu!

Boa parte dos mortos vivos que cercavam Derek estremeceram e recuaram. Outros tombaram e outros mantinham-se no combate, entretanto, seus movimentos pareciam confusos e descoordenados.

Derek aproveitou a oportunidade, derrubou três e correu para perto de Hana. Maurícius atirou dois raios elétricos contra Derek que teriam fulminado qualquer pessoa, mas estes apenas o atingiram sem causar danos.

- Maldito! – Derek ergueu o machado para atingi-lo, mas Maurícius recuou num salto altíssimo e girou no ar para cair no chão atrás do trono, próximo ao nexo. Com outro salto, ele agarrou-se a uma das grossas colunas do salão e escalou-a gargalhando com a agilidade de uma aranha.

Hana estava em prantos e atirou-se nos braços de Derek. Archibald e Leopard vinham logo atrás. Maurícius disparou neles projéteis de energia púrpura. Guiado pelos sentidos aguçados conferidos por sua união com Noran, Archibald atirou-se no chão e rolou para escapar dos disparos, mas An Leopard não teve a mesma sorte. Foi atingido e a energia púrpura percorreu seu corpo deixando-o murcho e desidratado. Caiu fulminado.

Archibald ergueu-se e lamentou ver Leopard fumegando atrás de si.

Hana encarou Archibald, sentiu um calafrio apontou para seu rosto. – É você!

- Eu? – ele nunca havia visto a princesa antes.

- Blackwing – disse Derek – Agora me lembro!

- Só agora?

Antes que a breve conversa pudesse prosseguir um tentáculo veio e enroscou-se em Hana erguendo-a no ar. Derek foi rápido e avançou para cortá-lo. Ela caiu e rolou alguns degraus. Um segundo tentáculo atingiu Derek como um chicote atirando-o para baixo, além de onde estava Archibald.

Archibald olhou para cima e seu sangue gelou ao ver o demônio horrendo que se erguia à partir da nuvem de gases negros. Um monstro com muitas cabeças, dezenas de olhos, espinhos e bocas. Tinha enormes patas de caranguejo e um grupo de tentáculos que saía de seu abdome.

Hana recobrou os sentidos e percebeu que era hora de agir. Acionou o poder de seu rubi fazendo um forte vento preencher o local impulsionando-a para o alto.

Archibald olhava a criatura nos olhos, petrificado pela visão horrenda. Seria devorado por esta se Hana não o tomasse pelo braço levando-o junto consigo até a cúpula de vidro. Ele ficou desorientado e não viu quando a bruxa estilhaçou um dos vidros.

- Segure-se aí – colocou-o na estrutura metálica. Archibald sentiu vertigem ao constatar que estava a mais de trinta metros do chão.

Derek, lá embaixo, defendia-se dos ataques do demônio, mas não resistiria por muito tempo. O demônio espalhou seus tentáculos agarrando pessoas pelos salões e trazendo-as para serem devoradas por suas bocas famintas. Uma destas vítimas era o garoto de olhos de eclipse, conhecido de Derek.

- Socorro, Derek! – gritou Armand DeFruss, menino que fora apadrinhado por Lorde Calisto.

Derek nada pode fazer, senão defender-se dos tentáculos com golpes certos de seu machado. As partes decepadas murchavam ao cair no chão e Derek observava espantado a velocidade incrível com a qual os mesmos se regeneravam.

Armand não foi devorado como as outras pessoas. No lugar disso, foi envolvido por tentáculos e colocado sobre a carcaça do demônio. O choro da criança cessou e em seu lugar surgiu uma voz perturbadora – Não adianta resistir, Sir Derek! Irei devorá-lo, mais cedo ou mais tarde! Finalmente estou ancorado! Mwa hua hua hua!

O monstro se regozijou com a absorção do menino e deu trégua a Derek por uns instantes. Foi quando Hana desceu num voo rasante e pegou Derek levando-o consigo.

O demônio tinha uma gargalhada gutural e falava através do corpo do menino, uma voz aguda e outra grave e rouca se sobrepunham – Vocês podem fugir, mas não poderão escapar. Nesta noite, ocorreu o prenúncio da Grande Eclosão. Nós os devoraremos! Mwa hua hua! Devoraremos! Mwa hua hua!

Hana usou toda energia restante para levar Archibald e Derek do palácio até a cidade. Após o pouso, os três ficaram sentados por instantes, ainda com os corações disparados e com as mentes cheias de horror.

- E então, tisamirense, diga logo o que sabe sobre Calisto. – exigiu Hana.

- Tisamirense? Por acaso está falando com Noran? – retrucou Archibald.

- Noran? você se chama Noran?

- Não, me chamo Archibald, nasci perto de Kamanesh.

- Pensei que fosse de Tisamir.

- Eu já estive lá....

- Então é isso. Agora posso me lembrar, sim! – disse a princesa com a vista enevoada – As visões estão retornando. Entendo. Isso deveria ser parte da bruxaria de meu pai... Eu nos vi, em Tisamir. É para lá que devemos ir.

- Tisamir? Como assim, princesa?

Derek entrou na conversa – Você disse que veio em nome de Blackwing, não é?

- Sim.

- Agora me lembro, era o enteado do Cavaleiro Gorum que se juntou a nós naquele lugar infernal!

- Isto! – exclamou Archibald.

- Seu amigo era um louco, isto eu digo, que achava que podia ver o futuro. Mas ele se deu mau, eu te digo. Eu fui o único a escapar daquela terrível maldição.

- Como assim, Derek? Que história é essa agora? Isto é sobre Calisto, não é mesmo? Ele não está mesmo morto, está?

Derek olhou para baixo – Isso não era assunto de se falar. Fui proibido por Thoudervon. Todos aqui tinham que acreditar que Calisto havia morrido ao confrontar o tal demônio, em Saubics.

- Mas o que aconteceu então? – Demandou Hana, ansiosa por notícias de seu filho.

- Houve uma batalha, mas ninguém venceu. Estão todos presos. Ficaram todos duros como pedras.

- Petrificados?

- Não exatamente... Não sei explicar. Só sei que era uma coisa mágica e que ela não me afetou como deveria.

- Muito bem, Archibald, se formos seguir minha visão, devemos ir a Tisamir.

- O que a faz pensar que poderemos entrar lá?

- Minha visão, naturalmente.

- E o que viu exatamente?

- Vi que procurávamos uma resposta. Havia uma enorme biblioteca. Acho que sei o que poder ter acontecido com Calisto e seu amigo. Havia uma magia dos antigos que foi perdida. Talvez, em Tisamir, encontremos a resposta.

- Vamos – disse Derek – não acho que vai demorar para a confusão que começou no palácio chegar até aqui. Vamos até o posto da ordem. Vou arranjar uns cavalos para darmos o fora, o quanto antes.

CAPÍTULO 83

As notícias ruins viajavam rapidamente. O disparate do Imperador Maurícius teve como efeito o fechamento dos portões de cidades como Kamanesh e outras fortalezas entre a capital e o Baronato de Fannel. Ainda assim, não foi difícil obter suprimentos em vilas menores sem tal proteção.

Após três dias de viagem repousaram nas províncias montanhosas de Fannel, terra natal do cavaleiro Derek. Puderam ver tropas sendo convocadas e conduzidas para o sul, provavelmente para confrontar a crise na capital.

Archibald se mantinha muito desconfiado em relação a Hana e Derek e pouco conversavam. Sentia permanente pesar pela morte de An Leopard. Seguia o caminho apontado pelas visões de Hana, mas não conseguia tirar da cabeça o que Nasbit havia dito sobre Weiss. Onde ele estaria? A que planos o homenaseano se referia? Como e quando poderia encontrá-lo? A noite passou, mas Archibald mal viu o tempo passar pensando também em como sua terra natal havia se modificado naqueles anos.

Ele se assustou com o toque gelado da mão de Hana sobre seu ombro. Os olhos da mulher tinham um ar etéreo. Ela sussurrou – Eu tive um sonho... Vi uma perseguição. Você abandonará seu amigo Kyle, pois seu desejo de vingança contra seu tio é forte...

- Weiss? O que viu? Onde ele está?

- Eu vi navios, silfos, uma torre, uma criança...

- Onde? – a voz dele acordou Derek.

Hana piscou e tossiu com vigor. O transe estava se desfazendo.

- Onde ele está? Como poderei encontrá-lo? – Archibald segurou forte nos braços dela.

Hana recobrou a consciência e deu um tapa no rosto dele – Ora, não me toque assim!

- O que houve? – Derek aproximou-se.

- Não foi nada – Ela atirou-se nos braços dele ainda processando a visão. – Apenas descobri que o Prior Weiss é um velho conhecido deste homem.

- Ele está mesmo vivo, então?

- Sim, claro. Imagino o que ele irá fazer quando descobrir sobre a loucura que meu pai aprontou em Lacoresh.

- Você mencionou silfos e uma criança. Quem eram? Onde estavam?

- Não sei. Não reconheci ninguém além de vocês dois. Espere, havia outro homem. Sua fisionomia não me era estranha.

Derek olhou-os com seus olhos faiscantes sob a penumbra e disse – É hora de seguir nosso caminho. Sabe mesmo como chegar em Tisamir?

- Sim – respondeu Archibald.

- Não se preocupe, Sir Derek. Também conheço o caminho. Vivi alguns anos no local.

- Não sabia.

- Há muito que não sabe sobre mim, cavaleiro.

No final do dia chegaram até a base da montanha íngreme sobre a qual a antiga cidadela se situava. Os elevadores estavam na base e destruídos.

- Como subiremos? – Derek avaliou que uma escalada seria quase impossível.

- Do mesmo jeito que escapamos do palácio, mas vou precisar do seu cajado – Archibald entregou-o e ela convocou seu feitiço. Primeiro ela carregou Derek consigo. Dali podiam ver o vale no qual se situava o Baronato de Fannel e além dele, o planalto de Or. Ventava muito e Hana teve alguma dificuldade para conduzi-lo com segurança até Tisamir.

A velha Tisamir que Hana conhecera agora era uma ruína com vegetação e árvores cobrindo todos os imensos degraus que desciam até a região central. Derek, excitado pela visão, empunhou seu machado e disse – Vou explorar enquanto você busca o monge.

Hana assentiu e mergulhou no precipício sentindo um vazio dentro do peito. O lugar onde conhecera Shaik Kain estava abandonado. De certa forma, ela já sabia. Suas visões nunca mostraram um reencontro com seu ex-marido.

Ao ver a cidade, Archibald surpreendeu-se – Parece abandonada há anos! Sabe o que aconteceu aqui? Foi um ataque de Lacoresh?

- Nunca fiquei sabendo de algo assim.

- Derek! – Ela chamou e ouviu sua voz ecoar de volta.

- Onde ele foi?

- Explorar... – Hana rolou os olhos.

Desceram procurando por ele e observando pequenos animais e pássaros se movendo daqui para ali na medida em que avançavam. Escutaram ruídos de garrafas se quebrando e seguiram na direção dos sons. Derek possuía um faro especial para localizar bares e restaurantes. Entraram em uma construção e viram o machado dele despontando por detrás de um balcão. O cavaleiro revirava garrafas que estavam do

outro lado.

- Os vinhos vinagraram, mas achei boas garrafas de aguardente que vão ser boas para nos aquecer. – informou o gigante com entusiasmo.

- Que bom que está bem – retrucou Hana.

- Sem problemas princesa. Esta cidade está definitivamente abandonada. – Derek bebeu um gole duplo da garrafa empoeirada cheia de um forte licor amarelado.

- Vamos DeReifos, pelo visto, este aí não vai deixar este bar até que tenha revirado a última das garrafas. Estaremos na área central, Sir Derek, nos encontre lá, se ainda for capaz.

- Não se preocupe, princesa, posso beber como um touro.

Hana virou os olhos e saiu.

Desceram até a parte baixa e atravessaram o bosque. Archibald se recordou do velho anão que tinha uma oficina no local. Ele ainda carregava consigo o cajado mágico feito por ele.

- Lá – indicou Archibald – O Ermirak.

- Conheço muito bem este local, monge.

Seguiram até o pátio que ficava na parte central do complexo de edifícios da escola tisamirense.

- Mas o que é isto? – deixou escapar Hana ao ver uma espécie de montanha de entulho aglomerado ali.

Archibald se aproximou e pode ver centenas e centenas de grandes pacotes de tecido grosso e poeirento. Pegou um deles e suas suspeitas se confirmaram. Era uma ossada. Aquilo era um gigantesco túmulo coletivo.

- Deve haver milhares de corpos aqui – ele comentou.

- Certamente os necromantes não sabem sobre este lugar... Seria um prato cheio. Um pequeno exército, já reunido, só esperando para ser reanimado.

- Mas o que será que houve aqui? Um massacre?

- Não... – ponderou Hana – a crença dos tisamirenses na vida após a morte era muito forte, talvez, todos tenham decidido abandonar este local. Um suicídio coletivo.

- Hã? Isso é uma loucura! Não posso crer.

- Por que não pergunta a seu amigo?

- Amigo?

- Sim, ele – Hana indicou um lugar vazio ao lado de Archibald.

- Noran? Você está aqui? – Archibald percebeu que após a passagem por Lacoresh esteve agitado demais. Seus pensamentos estavam confusos. O ódio havia surgido novamente. Pensava muito em Weiss. Perdera totalmente sua sintonia com Noran. Ele iniciou uma forte respiração para induzir o estado meditativo. Levou mais tempo que o normal para estabelecer contato. Hana compreendeu o que ele fazia e saiu para explorar os prédios da velha escola.

Salvo o espírito de Noran, não havia outros espíritos em Tisamir. Hana vinha se aprofundando em conhecimentos ocultos sob a tutela de Weiss e outros necromantes da organização de seu pai. Podia se comunicar com espíritos, ocasionalmente, e havia aprendido a repeli-los e até comandar aqueles de vontade mais fraca. Seguia sua intuição para localizar aquele que traria a chave para ela finalmente reencontrar seu filho, há tanto desaparecido. Agora, mais que nunca, sabia que precisava deles como aliados para contrapor seu pai. O Império Lacorês já era uma realidade, agora faltava apenas encontrar Calisto para que pudessem governar juntos, mãe e filho. Era uma de suas antigas visões que a perseguia. Será que assumir o trono de Lacoresh iria implicar num confronto com Arávner e Thoudervon? Hana sentiu um calafrio ao considerar a possibilidade.

CAPÍTULO 84

Yourdon estava seminu em sua confortável poltrona numa das altíssimas torres erguidas na necrópole pela incansável força de trabalho composta por milhares de criaturas mortas vivas. Lá fora, podia-se ver que a cidade do necromantes crescera muito e possuía a agitação intensa como a de uma imensa colmeia escura e macabra.

Ao redor do feiticeiro havia delicados aparelhos místicos que recebeu como presentes do antigo e poderoso Thoudervon. O corpo de Yourdon descansava, quase deitado, e sobre seu peito e testa estavam encaixados dois cinturões de metal com pedras preciosas embevecidas em pura energia mágica. Este aparelho ajudava a projetar sua consciência a lugares distantes e inimagináveis.

A fascinante exploração de outras dimensões era uma obsessão para o mago que aplicava em tais empreitadas, todo seu tempo livre. Ele conseguia fazer viagens astrais através dos antigos portais que um dia ligaram fisicamente a Terra das Nove Luas a diversos planos, tais como Ástrades, a terra natal dos anões, ou Fellhoria, lar do povo felino que lutou contra os demônios na guerra milenar.

Seu conhecimento sobre magia crescia e sua curiosidade cresciam cada vez mais, mas ele esbarrava nos frustrantes limites de suas habilidade e própria capacidade intelectual. Assim, as guerras e conflitos que ocorriam no Império Lacorês eram como coisas fúteis e indignas de atenção. Thoudervon o prezava como aluno, mas justamente por causa de sua utilidade ficava preso a uma cansativa e longa rotina de trabalhos que prestava como assistente.

Sua jornada de consciência terminaria mais cedo naquela noite. Thoudervon, que raramente vinha visitar seus aposentos, entrou e anulou o feitiço de viagem astral, trazendo-o de volta ao corpo abruptamente.

O mago levantou-se assustando levando as mãos aos olhos que doíam muito. Sentou-se e olhou para o ser esquelético que o aguardava em uma de suas poses inumanas.

- O que houve, mestre?

- Temos um problema na capital.

- Problema? – indagou o aprendiz passando as mãos em sua careca. Os pelos curtos espetaram a palma indicando que era hora de raspá-la novamente. Depois de um acidente em que teve parte do cabelo incendiado, o mago adquiriu o hábito de raspá-lo.

- Sim. O imperador morreu, mas tornou-se um morto-vivo, e assim como eu, goza de plena intelectualidade e mantém seus poderes

nigromânticos.

- Certo, mas qual é o problema?

- Já estava chegando nisto, pupilo. No processo ele perdeu a razão e fez algumas coisas que fogem ao nosso acordo.

- O estratagema está ameaçado? – indagou alarmado.

- Não pude avaliar os impactos disso, mas foi uma possibilidade que eu previ.

- Se havia previsto, posso saber por que não impediu que acontecesse?

- Vou deixar que você pense um pouco nisto enquanto resolve o problema.

- O que deseja, mestre?

- Eu iria pessoalmente, mas sabe bem que detesto interromper meu trabalho... Quero que vá a Lacoresh e coloque a situação novamente sob controle.

- Defina sob controle.

- Não. Já ensinei a você o suficiente para não precisarmos discutir pormenores. Apenas vá e resolva o problema.

Yourdon curvou-se – Sim, mestre, como desejar.

Thoudervon bateu os dentes e deixou os aposentos dele. Sem suas roupas, o mago tinha uma aparência de magreza doentia. Foi até seu cabideiro para vestir-se. Chris vestiu o manto cinzento e sobre este o vermelho, de gola alta e adornada de prateado. Olhou-se no espelho sem conseguir aprovar sua própria imagem e resmungou – Trabalho, trabalho, trabalho...

Yourdon procurou outros necromantes para descobrir mais sobre o que aconteceu em Lacoresh. Depois, desceu até as profundezas da necrópole até a fornalha. Lá contatou o demônio.

- Oh, grande Necranxelfer, este pequeno mortal vem para solicitar teu auxílio.

A voz profunda e lenta do demônio emergiu do crepitar das chamas – O que o aprendiz deseja desta vez?

- Poderia vir comigo até Lacoresh?

- Não é hora para isto...

- O problema é que Maurícius libertou Lorde Mitzlorg antes do tempo devido.

- Já entendi. E quanto ao instrumento?

- Está preparado, nas catacumbas.
- Ele é forte o bastante para me levar até lá?
- Sim, a circulação de Jii nele é excepcional. Guardava-o para uma ocasião como esta.

- Ótimo! Sair daqui será uma experiência refrescante... literalmente.

Yourdon curvou os lábios para um sorriso contido.

Toda uma ala de catacumbas foi esvaziada para tornar-se o lar de Vekkardi. Apesar de preso ali há muitos anos, ele mantinha excelente forma física. O pior período havia sido no início quando foi objeto das experiências de Thoudervon. Yourdon acompanhou tudo condoendo-se, pois se sentia endividado com Vekkardi por causa da ajuda que recebeu durante sua primeira visita ao plano netéreo. Anda havia algum senso de humanidade no aprendiz, naqueles primeiros anos.

Certa vez Thoudervon lhe disse – Pode tomar este aí para matar, ou fazer o que quiser. O esforço para dobrá-lo não tem surtido efeito. Tenho mais o que fazer.

A força de vontade de Vekkardi era mesmo grande e Yourdon, intrigado pela desistência de Thoudervon, decidiu tomá-lo como objeto de estudo particular. Reformou parte das catacumbas para submeter Vekkardi a jogos de sobrevivência.

Em certa ocasião, o discípulo de Modevarsh perdeu o olho direito. Yourdon achou que isto seria o início do declínio do guerreiro, mas estava enganado. O sentido da vida dele havia se alterado. Em sua mente, queria provar a seu mestre que era um discípulo digno, por isso precisava superar todos obstáculos que surgissem.

Vekkardi havia derrotado centenas de esqueletos, zumbis, carniçais, espectros, cavaleiros da morte e até mesmo demônios. Sua técnica de Kishar tornou-se perfeita através da simples e obstinada luta pela sobrevivência.

- Olá Vekkardi – disse Yourdon orgulhoso em seu traje imponente.

Ele fazia flexões dentro de sua cela usando apenas um dos braços musculosos. Seu corpo estava todo suado e refletia a luz bruxelante dos archotes.

- Há quanto tempo, Lambe-ossos. Algum desafio novo para mim?

- Digamos que sim. Vamos sair hoje.

- Sair? Se pensa que vou fazer algum serviço sujo para você, está enganado, Bruxo-brocha.

- Está enganado. Quero ver essa sua cara debochada quando seu corpo for violado, fibra após fibra, por Necranxelfer.

- Necran-chuchu? É este que irei confrontar desta vez? – retrucou o prisioneiro zombeteiro.

Ele não é um demoniozinho qualquer. Venha, vai gostar de conhecê-lo. – A cela

de Vekkardi abriu-se com um gesto do mago.

- E nem se dê ao trabalho de me atacar. Esta é apenas uma imagem projetada. Siga-me.

Vekkardi seguiu a imagem do bruxo pelas catacumbas até uma sala de onde emanava vapor. Nela, sob pouca iluminação via-se uma pequena piscina com água quente.

- Banhe-se! – ordenou Yourdon – E depois, vista aquelas roupas. Não vou suportar viajar com você se estiver imundo e fedendo.

Depois de tantas privações ele não recusou a oportunidade de refrescar-se. Despiu-se dos trapos que usava mostrando o corpo todo desenhado por dúzias de cicatrizes.

- Ali estão os utensílios de banho, incluindo uma navalha, caso queira se barbear.

Vekkardi tirou a barba longa e embaraçada e fez um corte de cabelo curto, na altura do pescoço. Aos poucos sua velha aparência veio à tona. Seu olhar, estava mais severo e envelhecido e ao mesmo tempo difícil de encarar, pois no lugar do olho perdido estava uma carne branca desagradável de se olhar. As olheiras profundas e a palidez poderiam fazer com que fosse confundido com um necromante qualquer. A roupa negra e justa era de um tecido leve que cobriu todo o corpo. Estava pronto para confrontar o demônio.

CAPÍTULO 85

Arávner estava deitado seminu em seu esquife localizado em seu refúgio secreto. Um local que nem mesmo seu fiel servo, Kurzeki, conhecia. Uma sala onde colecionava relíquias da antiga civilização dos Vetmös, há muito extinta. Na cabeça usava uma tiara dourada de tiras metálicas finas, de curvas rebuscadas cravejada cristais amarelados que brilhavam com tons multicoloridos, como se fossem um prisma atravessado pela luz. Projetava multicores sobre o ambiente de modo errático.

Era um instrumento feminino e pequeno que Arávner usava esticado, gerando pressão em sua testa e têmporas. Aquele instrumento permitia ao bruxo retornar ao passado e vivenciar experiências da época em que fora feliz.

No alto do antigo continente, sobre o Planalto da Tranquilidade, os Vetmös e seus primos, Hölmos, construíram a maior obra destas civilizações: as Nove Torres Lunares. No centro de cada torre haviam nove pilares de cristal que absorviam ciclicamente a energia cósmica que era canalizada através da lua Nam-Luir. Arávner, então, era chamado de Ren Uyk. Ele fora um dos discípulos de Lárzarus, um dos três arquimagos que idealizaram as torres. Com a energia mágica praticamente ilimitada que era reunida pelas torres, os antigos construíram belas cidades e começaram a explorar os universos e suas muitas dimensões.

No epicentro das nove torres ficava a cidade celestial, Trinidacs, a jóia das antigas civilizações e local no qual a velha humanidade estabeleceu os primeiros contatos com seres de outras dimensões. Divergências éticas e filosóficas em relação a exploração de outras dimensões levaram a um cisma. O líder dos Vetmös, Merrin, partiu para colonizar o novo continente e construir dezenas de novas cidades. Criou também, uma nova ordem de magos dedicados ao estudo da alta magia e exploração dos mistérios do universo.

Ren Uyk fora convocado pelo Imperador Merrin para construir um novo conjunto de torres no novo continente com as quais pudessem continuar a exploração de outros planos de existência sem a interferência dos Holmös. Para seguir com tal projeto, Ren deixou para trás sua família em Trinidacs, pois considerava que seria um grande sacrifício exigir que estes abandonassem um local confortável para seguir para uma região erma e sem estrutura.

Utilizando a tiara, Arávner podia sempre que desejasse, reviver momentos junto à sua família. Esta agora estava aprisionada no velho planalto desde o desastre que ele próprio e o Alto Conselho dos Magos Vetmös causaram ao ativar as torres lunares copiadas e construídas no novo continente.

A tiara era um presente para sua esposa, Tisse, e na ocasião, permitia que se

comunicassem, mesmo à distância. Nos dias de hoje a tiara facultava à mente de Arávner viagens até Trinidacs para ver sua esposa. Há milênios ela estava no mesmo lugar, na mesma pose, sob a mesma iluminação. A luz do sol que penetrava pela janela iluminava o vestido alvo conferindo a este um tom amarelado. Era uma bela mulher de expressão madura, com longos cabelos loiros e lisos. Virados de lado, estes eram penteados por uma escova com cabo de cristal. O olhar dela contemplava a si mesma através do espelho, ela parecia olhar para um ponto além, no infinito. A mas perfeita das estátuas. Inalcançável a Arávner. Fora do tempo, selada num poderoso feitiço que duraria por toda eternidade. Um feitiço que ele nunca teria poder para desfazer. Algo que apenas os arquimagos reunidos poderiam anular, ou, alguma entidade mais poderosa, como um Deus, ou o próprio Lorde do Submundo, Senhor dos Abismos Infinitos.

Arávner observava sua esposa destilando ódio, sem conseguir resignar-se do fato de tê-la perdido, talvez, para sempre. No fundo de sua mente, uma voz desprezível soava.

“Mestre! Mestre querido! Onde está você?”

Arávner despertou do transe e enviou pensamentos para a mente do servo: “Cala-te, Kurzeki!”

“Mas mestre, há problemas na capital!”

Arávner leu a mente do servo para extrair rapidamente as informações de que precisava e pensou “Maurícus! O que tu pretendes com isto? Não importa! Isto é um sinal. É chegada a hora de assumir o comando”.

“Kurzeki, prepara minha carruagem. Partiremos para a necrópole”.

CAPÍTULO 86

Archibald precisou meditar por horas até que estivesse em condições de contatar Noran novamente. Neste tempo, Hana explorou os prédios da Ermirak em busca da outra pessoa que aparecia em suas visões. Foi no Palácio Majsir, o prédio onde funcionava a biblioteca, que Hana encontrou a figura solitária. Ele estava debruçado sobre uma dezena de livros abertos sobre o tampo de uma mesa de pedra, próximo às janelas do salão anexo à biblioteca.

- Olá – cumprimentou a princesa.

O homem possuía longas barbas castanhas e olhos azuis, nos tons cristalinos característicos dos tisamireneses. Na testa, uma tatuagem vermelha e circular. O treinamento mental dele permitia que se lembrasse de qualquer rosto. Ele a reconheceu.

- Não a vejo aqui há mais de vinte e cinco anos.

Hana não o reconheceu, era um típico tisamirense, como outros tantos que havia conhecido quando morou ali.

- Vejo que não se recorda de mim. Meu nome é Radishi, o que a trás de volta após tanto tempo? Se veio à procura de Shaik Kain, chegou tarde demais. Ele se foi.

- Não foi por isso que vim, mas por causa dos livros.

- Neste caso, fique à vontade. Há mais deles do que se pode ler em uma vida...

- Sabe mesmo quem sou? – Hana estava desconfiada. – Não vai tentar me deter?

- Sei que é uma lacoresa e que é praticante de magia, mas não sinto a corrupção dos necromantes na senhora.

- Mas se eu for uma colaboradora?

- Sei que não é, não de verdade.

- Como sabe disso?

- Aprendi muito nos meus longos anos de combate à causa necromante. – Ele olhou pela janela – Há outros com a senhora, não é?

- Sim, acredito que talvez conheça um deles.

- E por que supões isto?

- Eu vejo o futuro.

- Conheci alguém que podia ver o futuro. É um fardo terrível, em

especial, quando se vê aquele evento inevitável.

- A morte?

- Sim – ele levantou-se – Vamos, quero conhecer os demais. Preciso mesmo de um descanso de meus estudos.

Por aqui – ela indicou – E o que tanto estuda?

- Estou buscando uma solução para evitar a destruição do mundo.

- Hã?

- Os necromantes estão presos a uma busca cega pelo poder. Mas o mundo caminha para a ruína total e completa.

- Como assim?

- Os sinais estão em toda parte e apontam para uma segunda invasão de demônios. Acredito que mais devastadora que a primeira. Chego a duvidar que isto poderá ser evitado. Mas, descobri escritos que previam esta segunda invasão. Antigas profecias. Todas elas falam sobre o despertar da luz em meio à escuridão.

Enquanto Hana descia as escadarias do palácio Majsir na companhia de Radishi, Archibald atingiu o ápice de sua concentração e contatou Noran.

«Archibald, finalmente pode me ouvir!»

«Há muita paz neste lugar».

Noran estava ansioso: «Vi coisas terríveis! Temo que possa ser tarde demais para fazermos alguma coisa».

«Não desanime. Temos que descobrir um meio de libertar Kyle. Ele trará as respostas do Oráculo».

«Não, mesmo aqui corremos perigo. Sombras nos seguiram até a fronteira de Tisamir. A fonte de Jii às manteve afastadas, mas está enfraquecendo rapidamente».

«Como assim?»

«Em semanas, ou mesmo, em dias, a barreira que resta em Tisamir irá ruir».

CAPÍTULO 87

Vekkardi gritava de dor enquanto Yourdon assistia rindo e batendo palmas. A voz lenta e penetrante de Necranxelfer preencheu toda a catacumba – Acha mesmo que pode resistir a mim, mortal?

O demônio fez nova investida contra o discípulo de Modevarsh e finalmente venceu sua resistência. A fumaça escura e ardente penetrou no corpo de Vekkardi fazendo-o tremer e gritar até que seu olho mudou de cor, tornando-se negro como os de Calisto e demais crianças do eclipse.

A voz de Necranxelfer através do aparelho vocal de Vekkardi soou rouca e sinistra – Muito bem, mortal, vou deixá-lo aí no fundo da mente como testemunha... Será divertido usar seu corpo! Oh sim! Vejo que este corpo é fabuloso. É pura arte!

O possuído sorriu para Yourdon e disse – Excelente trabalho com este aqui, aprendiz! Veja isto.

O corpo de Vekkardi iniciou uma série de cambalhotas e rodopios de pé e mãos. Os pés e mãos brilharam com energia incandescente emitindo fumaça. Os golpes de Vekkardi atingiram a rocha das paredes estilhaçando-as como se fossem vidro.

- Excelente! Excelente! Há há há! – O demônio se divertiu avaliando o potencial do corpo possuído.

- Mal posso esperar aprendiz, para esmagar uma legião de mortos-vivos!

- Então venha poderoso Necranxelfer. Usaremos uma ponte netérea. Siga-me.

Yourdon levou o demônio até a câmara de portais e acionou a passagem que levava a Lacoresh. Em poucos minutos saíram do outro lado. O local tinha uma luz que brilhava intensamente. Estavam no farol de Lacoresh, uma das torres do extinto império dos Vetmös e que compunha uma rede de estradas netéreas. Do alto do farol puderam ver a cidade em chamas. O caos havia tomado conta. Tropas reunidas às pressas falhavam em conter a legião de mortos-vivos comandada por Maurícus.

- Vamos, aprendiz! Chegou a hora da diversão! – o demônio disse e atirou-se do alto da torre. O corpo de Vekkardi caiu no pavimento fazendo soar um forte baque. A energia de Necranxelfer fluía através dele conferindo-lhe dureza superior à do aço.

Tropas comandadas por Július Fortail, o primeiro cavaleiro de Lacoresh, estavam encurraladas na antiga fortaleza que fora sede do governo no reinado de Corélius.

Na parte externa da cidade, as demais tropas de dispersavam e batiam em retirada. A horda avançava. Aqueles que eram abatidos pelos novos carnicais criados por Alexanus e Maurícus ressurgiam após algumas horas fazendo o número de mortos-vivos crescer de forma assustadora.

Necranxelfer estabeleceu combate mano a mano com uma turba de carnicais e destruía dois ou três deles a cada instante. – Venha Yourdon! Desça aqui e lute! Deixe de ser um covarde! – atçou o demônio envolvido num frenesi de combate.

Yourdon usou um feitiço para sobrevoar a área e pousou na muralha da fortaleza. Passou a atirar bolas de fogo sobre aglomerações de mortos-vivos que se batiam contra os portões da fortaleza.

Um morto-vivo que segurava um cajado anulou o fogo de Yourdon e atirou um raio congelante sobre o portão. Cavaleiros da morte cavalgaram através do portão, destruindo-o.

O feiticeiro morto-vivo olhou para o alto e deu uma gargalhada horrenda. Ele saltou para cima da muralha com a naturalidade de alguém que sobe numa calçada. Sua voz de velho gritou estridente – He he he! Vou lhe ensinar a lição derradeira, meu aluno!

Yourdon olhou para o feiticeiro e finalmente o reconheceu – Alexanus!

-*Mestre Alexanus, não é mesmo, Yourdon?*

O velho mago tinha no lugar dos olhos um vazio e ali duas chamas azuladas brilhavam. Seus lábios estavam carcomidos e revelavam sua dentição num horripilante sorriso de caveira. A cabeleira branca estava escorrida e despenteada e as mãos negras e esqueléticas seguravam o cajado com vigor.

Yourdon projetou duas bolas de fogo contra ele. O mestre as dispersou com facilidade.

-Terá que fazer melhor que isso, meu aluno!

O ataque de Yourdon foi quase infantil, exceto pelo fato que era uma mera distração. Mãos enormes de pedra emergiram da muralha e esmagaram o corpo de Alexanus como um inseto. Gelo tomou conta das mãos de pedra até que as quebrou. A gargalhada horrenda de Alexanus soou – Ótimo truque, meu jovem! Agora morra!

Yourdon viu-se cercado por meia dúzia de espectros que avançaram com garras afiadas contra seu corpo. O corte gelado das garras arrancou sangue de seu braço esquerdo, mas a magia armazenada no anel dado por Thoudervon o salvou. Seu corpo foi envolvido por relâmpagos que afastaram os espectros.

Alexanus teve o corpo todo esmagado e inutilizado, mas sua cabeça, agora flutuava em meio ao fogo azulado que fluía para fora dos restos de seu corpo. Yourdon compreendeu que o velho mestre estava usando um corpo, mas na verdade, tornara-se um morto-vivo imaterial.

-Não pode me deter – Alexanus dizia enlouquecido.

Yourdon atirou um objeto na direção do oponente e saltou muro adentro. A pequena garrafa atingiu o crânio de Alexanus e depois caiu no chão rodopiando, cada vez mais rápido. Este olhou para baixo, intrigado e gritou – Um nexo? Não! Não!

A sua força vital, resto de seu corpo, pedras e objetos foram sugados para dentro do nexo.

Yourdon produziu um colchão de ar e aterrissou próximo de onde cerca de duzentos homens de Fortrail resistiam. Os mortos-vivos entravam pelo portão como água escapando de uma represa rompida. Na linha de frente, vinham quatro cavaleiros da morte e a visão fez Yourdon se recordar do Barão Dagon. O ferimento em seu braço latejava e seu precioso sangue escorria muito. Não era uma ferida qualquer, mas um Toque de Morte Certa. Yourdon sabia que só havia um jeito de sobreviver. Ele atraiu a lâmina de um soldado caído e deixou-a flutuando diante de si. Aqueceu-a com fogo até deixá-la incandescente e então, projetou-a contra si mesmo. O golpe decepou seu braço logo acima do ferimento. O mago caiu sentado com a dor e esforçou-se para não perder os sentidos.

Fortrail avançou contra os cavaleiros da morte. Ele portava uma antiga lâmina sífica obtida com os aliados e que teria sido forjada num lendário vulcão, lugar onde outras lâminas célebres como a Maré Vermelha e a Espada Flamejante de Quill foram forjadas. Július a chamava de Rajada. O fio da lâmina era perfeito. A espada parecia dançar ao ser manejada pelo velho cavaleiro. Com um golpe certeiro decepou o primeiro dos cavaleiros da morte. Mais mortos-vivos vinham de todas as direções e sucumbiam com facilidade contra a Rajada, mas aos poucos, os homens de Fortrail eram abatidos. Até que restaram menos que cinquenta deles.

Yourdon usava um feitiço para manter-se consciente e auxiliava o grupo a resistir aplicando feitiços defensivos nos soldados. A fadiga o dominava e cada pequena magia vinha sob grande custo. Mesmo tonto, o mago reconheceu a gargalhada ritmada de Necranxelfer. Ele penetrou na fortaleza distribuindo pancadas nos de mortos-vivos. Com a efetividade de quinze homens, o endemoniado mais parecia um pequeno ciclone de fumaça e fogo atacava sem cessar.

Com a chegada deste, a batalha virou a favor dos homens de Fortrail que passaram a repelir o avanço dos mortos-vivos.

-Para a muralha interna homens! – ordenou o líder.

Todos recuaram e baixaram o portão de ferro que guardava o núcleo da fortaleza. Comemoraram a vitória momentânea que se deu graças à ajuda de Vekkardi, que foi apelidado por eles de Dragão de Fogo.

-Estou esgotado, mago. Onde está o nexo?

Yourdon estava todo suado e sujo. Fez uma careta e disse – Tive que usá-lo.

O corpo de Vekkardi tinha uma aparência péssima. Estava todo esfolado e

queimado. As roupas em frangalhos e tinha boa parte do corpo em carne viva.

- Ótimo, aprendiz! – Necranxelfer cuspiu uma bolota de sangue – Sabe o que isto significa?

Yourdon fez que não.

A fumaça negra e pulsante como uma pequena tempestade abandonou o corpo de Vekkardi que caiu como se fosse feito de borracha. A voz potente e lenta de Necranxelfer preencheu o ar – Significa que se eu não localizar uma âncora, eu voltarei aqui para te devorar!

Yourdon engoliu seco e disse – A catedral. Se ainda estiver intacta... É provável que haja crianças do eclipse por lá.

- É melhor estar certo, aprendiz... – saiu voando para o alto e em seguida rumo à catedral de Lacoresh, que ficava do outro lado da Praça das Rainhas, em frente à fortaleza.

Július Fortrail desmontou e veio falar com Yourdon.

- Ei, mago! Você trabalha para um dos graúdos, não é mesmo?

Chris estava grogue e acenou positivamente.

- Afinal, que merda é essa?

- Merda? – a visão dele já se embaçava. – É como dizem: Merda acontece... – e desmaiou.

CAPÍTULO 88

A Catedral de Lacoresh era um dos pontos que ainda resistia às hordas. Mesmo com toda corrupção do governo Lacorês e no Alto Clero, ainda restavam sacerdotes bem intencionados nas bases da Real Santa Igreja.

Um grupo destes, apoiado por alguns monges da ordem dos Naomir, conseguiu abrigar na catedral centenas de pessoas, e, entre estas, algumas poucas crianças do eclipse. Uma dúzia de sacerdotes mantinha uma corrente de oração que afastava os mortos-vivos de baixa feitura, porém, um cavaleiro da morte rompeu esta barreira imaterial.

Em meio à confusão, o ex-monge Naomir, Meinard, e seu capataz, Felear, ajudavam a conduzir algumas pessoas para dentro da construção. Meinard tinha fé muito pura e ainda podia convocar os Sagrados Ofícios.

- Diamantilia Carvus Oném – a bênção concedida envolveu a velha armadura de Felear com um leve brilho coruscante.

- Flama icti Flamare! – a segunda bênção ateou chamas esverdeadas em torno da espada de Felear.

O ex-cavaleiro defendeu-se dos ataques do morto-vivo couraçado, um dos Oito Barões de Serin.

- Comerei sua carne, humano! – disse a horrenda criatura.

Felear deu uma leve estocada no abdome do oponente.

- Há, isto faz cócegas... – Zombou o Barão e contra atacou atingindo a armadura abençoada. Felear arquejou, mas aproveitou a proximidade e deu uma nova estocada atingindo a base da garganta. No mesmo instante, Meinard convocou os Sagrados Ofícios – Flamare Oném!

Com isto a chama da espada migrou para criatura e acumulou-se gerando um estampido. A cabeça do morto-vivo voou para o alto, seguida de um rastro de fumaça e o corpo tombou.

Meinard gargalhou e comemorou – Há tempos que não acertamos uma destas, hã, Felear?

Apesar da situação desesperadora, Felear abriu um sorriso, mas logo o desfez para perguntar – O que é aquilo? – indicou com a ponta de sua espada.

A nuvem escura e faiscante passou veloz por cima da dupla e zuniu pela nave principal da catedral até o altar. Ali estavam agrupadas algumas crianças do eclipse. A possessão foi rápida e indolor. Os sacerdotes que presenciaram o fato não sabiam se aquilo que viram era uma bênção ou uma maldição.

A menina de cabelos loiros, tranças e vestido bege olhou ao redor e disse numa voz masculinizada – Não se preocupem, irei lidar com essa horda de mortos-vivos.

Com passos decididos cruzou a catedral até a saída. O povo começou a dizer coisas como – É um milagre! Nossas preces foram atendidas. É uma bênção dos deuses.

Necranxelfer achou aquilo divertido e soltou uma sinistra gargalhada que provocou silêncio imediato. O corpo da menina era inadequado para lutar se comparado ao de Vekkardi, mas ainda assim prosseguiu.

Do lado de fora, surgiu uma figura sinistra acompanhada de dois cavaleiros da morte. Vestia um manto negro decotado que mostrava parte do peito pálido e a garganta, grosseiramente costurada com um cordão negro. A expressão no rosto ainda era quase humana, exceto pelos olhos esbugalhados que pareciam bexigas inchadas de puro sangue. O trio montava cavalos zumbis como o que o Barão Dagon possuía. Sacerdotes o reconheceram dizendo com horror – É o Rei Serin! Olhem, o Rei Serin.

Os cavalos subiram a escadaria e os clérigos que faziam a corrente de orações, de mãos dadas, deixaram as montarias inquietas. Um dos cavaleiros foi derrubado e rolou alguns degraus escada abaixo.

Serin, irritado, gritou numa voz estridente – Já basta desta ladainha! – apontou a mão pálida na direção dos sacerdotes disparou um raio negro que passou de um para o outro fazendo-os gritar de agonia. Caíram todos no chão até que a energia obscura retornou a seu mestre. Ele inspirou fundo e deixou escapar um gemido de prazer – Isto! Isto!

Uma dúzia dos sacerdotes, agora escuros e murchos, tombaram sem vida. A ação de Serin causou pânico no interior da catedral. Em meio à multidão desesperada uma menina de olhos negros, com cerca de dez anos, caminhava calmamente até surgir no portal da catedral.

Ela disse – Você irá comandar seus mortos-vivos para fora desta cidade e dizer ao insurgente, Maurícus Greysnow, para se render.

Serin respondeu com uma gargalhada – Com se eu apenas pudesse obedecer... Mas não tenho escolha. Saia do meu caminho, demônio, ou sofra as consequências!

Serin agora via-se preso ao mesmo tipo de feitiço com o qual comandava o Barão Dagon e tantos outros dotados de alguma consciência. Sua racionalidade era convicta da ação tola de seu pai. Na verdade, odiava seu pai mais que nunca, entretanto, não conseguia desobedecê-lo.

Serin comandou um de seus lacaios – Destrua-a, Barão Lynn!

O cavaleiro avançou sedento pelo sangue e erguendo sua espada. Antes de alancar o alvo, a montaria e o Barão foram envoltos por chamas intensas. O Barão agonizou ao ver seu corpo sendo consumido pelo fogo.

A menina incinerou o oponente em poucos instantes, sem mesmo mover um dedo. Serin, tomado de surpresa indagou – Que tipo de demônio é você?

Necranxelfer retrucou jocoso – O tipo poderoso que pode eliminá-lo facilmente. Retires suas hordas!

- Não posso, tenho que obedecer meu mestre.

- Onde está o insurgente?

- Fora de Lacoresh.

- Qual seu paradeiro?

- Eu mesmo não sei, ele está obcecado pela reunião da família. Partiu para o norte para capturar minha irmã...

- Mais uma vez, retire as hordas!

Serin queria obedecer, era a coisa lógica a fazer, mas não sabia como lidar com o elo de obediência estabelecido durante sua ressurreição.

- Mas que merda! Maldição! – convocou um feitiço. O raio veloz atingiria qualquer pessoa, mesmo se possuísse excelentes reflexos. Mas o reflexos sobrenaturais do demônio salvaram sua pele, ou melhor, do a pele do corpo que possuía. A menina rolou e uma pessoa que estava atrás de si foi atingida e fulminada.

Necranxelfer contra atacou fazendo o oponente arder em chamas de dentro para fora. Os últimos pensamentos de Serin foram de ódio para com seu pai. Antes de ser consumido, percebeu que morreria como muitos de seus servos. Era mesmo um final irônico. Antes de sucumbir ouviu em sua mente “Ainda não chegou sua hora... Sua alma agora é minha! Irá ser um valioso servo em minhas hostes”.

A menina caminhou até o monte de cinzas e deste retirou um pequeno ovo negro que soltava fumaça cinzenta.

“Para o norte?” ponderou o demônio. “E quanto a Mitzlorg, estaria aqui?”

Necranxelfer tinha dificuldades para prever ações de Demônios Zimbronianos. Eram criaturas de puro caos que somente o Senhor dos Abismos conseguia, de algum modo, comandar.

A menina levou o ovo até a boca fazendo suas mandíbulas se deslocarem desproporcionalmente, como as de uma cobra para engoli-lo por inteiro.

“Ah, Serin Greysnow! Sua alma é deliciosa!” Voltou a gargalhar alto, assuntando todos ao seu redor.

CAPÍTULO 89

Kuzerki sentia-se orgulhoso em ver seu mestre todo vestido com roupas nobres. Vestia uma antiga armadura de metal esverdeado lustroso com padrões intrincados em alto relevo que foi forjada pelos Vetmös. Uma imponente capa aveludada com negro na parte externa e púrpura na interna descia até a altura dos joelhos. Usava um largo cinturão dourado e botas negras de couro que Kurzeki lustrou até ficarem espelhadas. No interior do cinturão ele carregava seu objeto mais precioso: O Orbe do Progresso.

O servo acompanhava-o pelos corredores do palácio sombrio erguido na necrópole e que servia de habitação para Thoudervon e demais necromantes. O esqueleto recebeu-o num salão de reuniões vestido com sua capa vermelha e surrada, mas matinha seu elmo sobre a mesa, diante de si.

- Afinal, Thoudervon, o que está havendo: O que tu pretendes fazer?

- Ora Ren, por acaso está com medo? – A criatura tomou a liberdade de chamá-lo por seu antigo nome do período dos Vetmös.

- Claro que não!

- O conselho ruiu finalmente. Restamos apenas nós dois para levar o plano a seu termo. Duvida que consigamos?

- Nem um pouco. – Arávner mentiu mantendo sua expressão impassível. – Mas o que irás fazer com Maurícius?

- Nada. Estou apenas curioso quanto a profecia de Lorde Mitzlorg.

- Como?

- A obsessão de Maurícius sobre qual membro de sua família o destruiria... É um fato curioso a ser verificado. Será que a filha irá destruí-lo? Ele próprio, ao suicidar-se cumpriu a profecia? Ou será que o neto será aquele que irá cumpri-la?

- Calisto? Sabemos que ele sucumbiu confrontando Marlituk.

- Mas será mesmo? – o esqueleto cruzou os dedos – De qualquer maneira, urge que limpemos a sujeira de Maurícius. Indicaremos um sucessor ao trono? Ou você assumirá este papel?

- Agir na linha de frente será bom, para variar.

- Leve os necromantes consigo. Darão conta de controlar e capturar os mortos-vivos que Maurícius deixou em Lacoresh.

- Farei conforme a tua sugestão.

- Ótimo. Tive notícias de que lá ainda há muitos mortos-vivos à solta e os os carnicais de Maurícius estão se multiplicando muito rápido. Alexanus e Serin já foram eliminados. Resta saber se Weiss sucumbiu, ou se ainda vive. Apure isto, aliado.

- Sim, assim o farei.

- A Grande Eclosão está próxima. Cuidarei disto enquanto você estabelece a ordem novamente no império.

- Ótimo! Nosso triunfo se aproxima.

- Era inevitável, aliado.

- Bem, chega desta conversa reúna os necromantes e reorganize Lacoresh.

- Assim será feito.

Kurzeki observava toda a conversa, seus olhos brilhando ao admirar seu senhor. Em seu íntimo pensava “Meu mestre será imperador! Finalmente!” Ele deixou escapar uma de suas típicas risadinhas enquanto seu pensamento seguia – Hehehehe... Hehehehe...

CAPÍTULO 90

Todos estavam instalados em quartos confortáveis no palácio Majsir. Hana, Radishi e Archibald passavam a maior parte do tempo na biblioteca lendo antigas escrituras enquanto Derek patrulhava a cidade em busca de problemas.

- Mas se as Torres Lunares de Merrin foram destruídas e as Torres do Planalto Proibido estão inacessíveis, como poderão os necromantes reestabelecer o elo entre a Terra e as dimensões abissais? – Indagou Archibald ainda tentando assimilar o que aprendera com Hana e Radishi.

- Não penso que isto será possível – disse Hana – Ao menos não diretamente. Imagino que consigam energia suficiente durante o alinhamento das luas para abrir uma pequena janela temporária. A chave para reestabelecer o elo deve estar com os demônios. Um grupo deles virá por esta janela. Penso que o plano será ancorá-los à Terra usando as crianças do eclipse. Acho que a partir daí terão chances de acessar as Torres Lunares originais.

- Sim – concordou Radishi – Sua teoria parece boa.

- Talvez, então, se eliminarmos todas as crianças, poderíamos evitar o pior – sugeriu Hana.

- Matar crianças inocentes? – Archibald retrucou com repúdio e recebeu o apoio de Radishi.

- É por isso que estão fadados ao fracasso! – Hana irritou-se – Se não estiverem dispostos a confrontá-los num mesmo nível, não haverá esperanças.

- Tem que haver outro meio... – Radishi ainda estava esperançoso.

- Ah sim – ela respondeu sarcástica – vá até a necrópole e implore a Thoudervon que seja misericordioso. Tenho certeza que isto irá amolecer seu coração... Não, pensando bem, me esqueci! Ele não tem coração.

- Talvez eu possa conseguir apoio com os tchillianos...

- Não há tempo, Archibald. Teremos que agir rápido. Todo poderio do império e a grande campanha militar em curso não darão chance alguma deles chegarem a Lacoresh.

- Mesmo se considerarmos a queda da capital? – arriscou Archibald.

- Não apostaria numa queda de Lacoresh – palpitou a princesa – A loucura de meu pai não deve ir longe. É bem possível que suas ações tenham sido contidas e que ele tenha sido destruído a esta altura. Os verdadeiros comandantes de toda essa guerra, Thoudervon e Arávner são poderosos demais para deixar que o desvario de papai cause algum incômodo a seus planos.

- Parece que estamos em um beco sem saída – concluiu Radishi.

- Não mesmo, o que temos que fazer é nos concentrar em encontrar uma maneira de libertar Kyle da prisão temporal – lembrou Archibald.

- Continuamos sem ideias...

Radishi arriscou – Talvez possamos obter o Orbe do Progresso.

Hana franziu o cenho – Hã, o que é isso?

- Um poderoso artefato que está nas mãos de Arávner – explicou o tisamirense.

- O maldito... – resmungou Hana entre dentes.

- Sim, me lembro – disse Archibald – era um objeto que pertencia ao Silfo Rodevarsh.

- Um item capaz de cancelar qualquer magia. Até mesmo qualquer efeito do Jii – explicou Radishi – Mas Arávner é poderoso demais... Já o confrontei, fui derrotado e tornei-me seu servo. Não há como detê-lo, nem mesmo como enganá-lo. Ele lê mentes e mestre no Rashaik telecinético. Sequer conseguiríamos tocá-lo.

Há algum livro na biblioteca que fale sobre tal objeto?

- Sim, já li durante minhas pesquisas.

- Talvez haja alguma pista ou indicativo. Alguma fraqueza ou limitação deste.

- Na verdade... – Radishi olhou para o alto pensando – Sim! É isto!

- O que ? – os dois disseram em uníssono.

- Mas não adianta... Será impossível! Não há, em parte alguma, uma grande quantidade de cristais de sargentium. Vejam, há um relato sobre como anular os poderes do orbe. Se este receber uma grande quantidade de energia de uma só vez, ficará sobrecarregado e inoperante. Isto ocorreu quando este foi levado até uma das Torres Lunares.

- Como assim? O que isso tem que ver com os cristais?

Radishi disse em tom professoral – No interior das torres havia uma longa haste composta de milhares de cristais alinhados. Eram estes que canalizavam as energias do cosmo para disponibilizá-las para uso dos antigos. O Orbe do Progresso, e objetos semelhantes a ele eram justamente as peças que faziam com que as torres funcionassem. Posicionados na base direcionavam o fluxo energético como uma mangueira de sucção.

- Não entendi nada – Archibald queixou-se – mas o que está dizendo é que se dispuséssemos de uma grande quantidade de cristais, poderíamos anular o orbe, certo?

- Sim, é isto.

- Ótimo, agora temos um caminho a seguir.

- Mas Archibald – disse Hana – esses cristais são raríssimos! Levaríamos anos buscando-os.

- Não se encontrarmos o túmulo de Gulfar.

- Gulfar – riu-se Hana – isso não passa de uma lenda.

- Talvez não – retrucou Archibald – eu conheci seu descendente direto.

- Não fala sério? – disse Radishi.

- Sim, bem aqui, em Tisamir. E não duvidaria se ainda estivesse por aqui.

- Se esquece que estou aqui há anos? Eu certamente o teria visto.

- E você se esquece que os anões podem se entocar debaixo da terra por anos a fio?

- Mas onde?

- Há antigos túneis dos anões sob Tisamir, ou vai dizer que não sabia disto?

- Ouvi rumores, mas na verdade, nunca vi um destes, ou mesmo soube de alguém que tivesse confirmado a sua existência.

Archibald esfregou as mãos – Está aqui alguém que sabe. Vamos! – disse excitado – Não custa tentar!

Hana ficou entretida com a leitura de alguns textos, enquanto Archibald e Radishi foram até o bosque central verificar se o velho anão ainda estaria em Tisamir. Foi um pouco difícil localizar a casa deste, pois havia crescido muito mato em toda parte. A casinha do anão estava coberta por musgo e trepadeiras e quase não podia ser distinguida.

Radishi foi até a portinha, mas Archibald informou – Há outra entrada.

Teve que arrancar montes de mato e plantas até deixar visível o alçapão sobre o

solo. Havia uma saliência e sob esta, uma alavanca escondida que Archibald vira o velho anão acionar. Colocou a mão no buraco e tateou para encontrar o mecanismo. Puxou e houve um clique audível. A tampa do alçapão cedeu e foi erguida.

Archibald olhou para o túnel escuro abaixo, acendeu uma tocha e disse – Eu vou primeiro.

Radishi o seguiu e após algum tempo vagando pelos túneis baixos, poeirentos, com ocasionais insetos e teias de aranha. Ele disse – Isto aqui parece um labirinto.

- De fato. Acho que nos perdemos... Talvez você possa usar suas capacidades para sondar o local em busca de alguma presença.

- Não será necessário – disse o espectro de Noran que surgiu materializado diante da dupla.

Radishi e Archibald saltaram de susto com a repentina aparição.

- Me desculpem, não quis alarmá-los...

- Noran! Que bom lhe ver! – Radishi sorriu.

- Achei quem estamos procurando, sigam-me.

- Às vezes me esqueço que você está nos acompanhando aí do outro lado – confessou Archibald.

Desceram dois lances de escadarias até chegar em túneis amplos, pelos quais circulava ar com mais vigor. A chama da tocha chegou a ficar escassa em alguns momentos. Archibald pegou uma outra, acendeu e entregou a Radishi – Para garantir...

O túnel levou até uma enorme caverna na qual descansavam construções de uma antiga cidade dos anões. Poucos contornos eram visíveis sob a iluminação pobre das tochas.

- Ouviram isto? – indagou Radishi.

- Sim – confirmou o ex-monge. Havia um fraco som de batidas à distância.

- Venham – disse Noran, e volitou em direção aos sons.

Atravessaram uma ponte de pedra sobre uma rachadura profunda e escura no solo e também surgiram sons de água.

- Será que há um rio lá embaixo? – Archibald estava curioso.

- Nunca estudei os detalhes, mas é sabido que há fontes de água sob Tisamir. Toda água de nossos reservatórios vem do subterrâneo, mas nunca supus que pudesse haver outra cidade aqui enterrada.

Archibald admirava detalhes de inscrições nas rochas e esculturas que encontravam no caminho.

- Esse lugar é enorme! – Radishi deixou escapar com admiração.

Os sons ficavam cada vez mais próximos. Havia uma cascata de escadarias que descia para zonas mais profundas.

- Está explicado por que os anões somem sob as montanhas. Eles constroem essas coisas gigantescas!

- Vai ver que é para compensar a baixa estatura – zombou Archibald.

Radishi e Noran riram. Um pequeno momento de descontração em meio a tanta pressão e da impressão de que uma destruição iminente recairia sobre o mundo.

- De que adianta construir, se não dá para ver nada direito? – comentou Archibald.

- Os anões não enxergam como nós, humanos, especialmente sob a terra.

- Imagino que não possamos captar a verdadeira beleza de suas obras.

- Verdade.

Desceram mais e mais por um longo tempo mantendo silêncio e apreciando a grandeza do lugar.

- Noran – Já não posso ver através de você – Archibald indicou.

- É verdade – confirmou Radishi.

Noran tentou tocar nos amigos.

- Posso senti-lo – arrepiou-se Archibald – o toque é gelado, mas sólido o bastante.

Radishi olhou ao redor com atenção – Há muito Jii e Mana fluindo aqui. Nunca vi nada igual.

- Talvez seja por isso que tantas pessoas em Tisamir desenvolvem capacidades relacionadas ao Jii, não acha?

- É um fato, Tisamir é mais saturada de Jii que qualquer outro lugar em que já estive em Lacoresh, mas isto aqui é assombroso!

- Parece ser uma fonte de Jii... E Mana.

Ainda havia muito o que descer e Radishi queixou-se – Preciso descansar – suas pernas doíam e faltava fôlego.

Archibald sentia o exercício, mas estava longe de precisar de um descanso. – Imagine só quando formos voltar escada acima...

Radishi gemeu com a perspectiva – Fiquei tempo demais lendo livros naquela biblioteca. Estou magro e fraco.

- Não se preocupe, poderemos retornar com calma.

Depois do descanso prosseguiram longamente até chegar ao fundo. No local

corria um rio com eventuais e pequenas quedas d'água. Um caminho pavimentado seguia o seu curso. Ao longe, pela primeira vez, puderam ver uma fonte de luz.

- Será que é uma saída? – indagou Radishi.

- Não – disse Noran – Ele está logo ali adiante. – Indicou uma pequena construção esculpida nas rochas. Quando chegaram ao local indicado, Noran disse – Bem, estava aqui quando o vi.

A luz vinha de um ponto adiante, assim como os sons de bate-bate agora bem mais intensos.

Deixaram a pequena habitação para trás e chegaram a uma imensa câmara plenamente iluminada por luzes amareladas. Nela havia centenas de estátuas dispostas em círculo. No centro uma piscina de onde emanava o forte brilho amarelado, como o de um sol encarcerado. Totalmente concentrado em seu trabalho, um anão de cabelos brancos desarrumados faziam uma escultura à partir de um grande bloco de rocha.

Todas as estátuas representavam anões com perfeição tal que deixariam o Mestre Carulvo admirado.

- Com licença – disse Archibald. Sua voz ecoou na câmara de teto alto e que tinha excelente acústica.

O anão achou que ouvia coisas. Deu com os ombros e continuou esculpindo sem olhar para trás.

- Senhor Brum, com licença – insistiu Archibald elevando o tom de VOZ.

- Hã? Urlet Necan? – o pequenino desceu do andaime com as ferramentas em mãos. Encarou-os com uma expressão mal-humorada. Estava coberto de pó da cabeça aos pés e na frente dos olhos tinha um par de óculos amarrados no rosto por tiras de couro. As barbas eram longas e despenteadas como seus cabelos e o narigão protuberante cobria os lábios.

- Humanos? – disse sem acreditar – H-U-M-A-N-O-S!

- Desculpe-nos, não queríamos interromper seu trabalho.

- Ora seus *maledictos* invasores! *Profanadoores* de túmulo! Mas como? – e o anão passou seu olhar sobre Archibald.

- Você?

- Eu? – ele engoliu seco.

- V-O-C-Ê! É aquele *garocto* de *recaados* do *maledicto* Atir, não é de facto?!

- Sim, só me permita dizer uma coisa.

- Desembuche, *racto*!

- Seu trabalho é magnífico! O senhor deve ser o mais habilidoso escultor vivo!

- Mesmo? – O anão sentiu-se lisonjeado, mas isto durou apenas um instante – Me toma por *toolo*!

- Falo sério. Eu viajei pelo mundo e sua técnica é mesmo inigualável! O jeito que representou sua família, seus ancestrais!

- Como sabe disto?

- Ora, o senhor mesmo me contou a respeito, não se lembra? Falou-me do projeto que idealizava de construir uma homenagem à história de seus ancestrais.

- Sim, me lembro – mentiu o anão. Como é mesmo seu nome?

- Archibald DeReifos.

O anão reparou na ponta do cajado preso às costas de Archibald. Avançou sobre ele e tomou-o. – Dá isso aqui! Há! Mas fui eu que fiz esse *cajeado*.

- Foi uma encomenda para Atir. – Archibald o lembrou.

- Sim, sim. Aquele muquirana! Veja isto! Está *arranhaado*! Ora! – Brum deu com os ombros, resmungou e devolveu o cajado para Archibald.

Archibald disse – Este é Radishi e este é Noran.

Radishi elogiou – Magnífica obra! Sinto-me honrado por ter tido a chance de ver tal maravilha.

- *Afinaal*, que diabos vocês estão a fazer aqui? Pelo que sei, *toctos* os tisamirenses se foram de uma vez por *tocdas*!

- Poucos ficaram – explicou Radishi – apenas aqueles que desejam contrapor o avanço dos necromantes e a destruição que trarão sobre o mundo. Viemos em busca de ajuda.

- O que querem? Não vou *deixaire* meu *traballo*, isto não!

- Precisamos de cristais de sargentium para confrontar os necromantes.

- É? Estes são muitíssimos valiosos...

- Sabe onde podemos encontrar alguns?

- Por acaso são cegos?

Archibald olhou para a piscina e percebeu que o conteúdo não era água, mas sim cristais. Havia milhares de peças.

- O senhor poderia nos emprestar alguns?

-Emprestar? Isto é o legado de minha *faamília*!

-Não temos nada a oferece em troca – disse Radishi.

-Bem, se pretendem usá-los contra os *maledictos* necromantes, já me parece uma troca *razoável*. Alguns primos que *vieeram* nos visitar foram mortos pelos *maledictos*. Sem falar no pessoal de Thodur Balink que foi *escraavizado* pelos *maledictos*.

-Nós o conhecemos – revelou Radishi – agimos em conjunto com o Silfo Modevarsh na libertação dos escravos das minas de Xilos, há muitos anos.

-Está bem. Podem *leear* o quanto conseguirem *carregaire*. Não se faz uso destes como se fazia em tempos antigos. O *coonhecimento* sobre como *processaire* os cristais se perdeu. Vamos, xô! Vão de uma vez! Já perdi tempo *demaise* com vocês.

-Obrigado, senhor Brum, estamos em débito para com o senhor!

-Apenas peguem os *maledictos* cristais e saiam logo!

- Sim, claro – Archibald e Radishi esvaziaram suas sacolas e preencheram-nas com cristais.

-Espero que a quantidade seja suficiente – cochichou Archibald.

- Eu espero que nenhum fantasma venha nos perseguir – fez uma alusão ao ancestral de Brum, Gulfar.

-Ora, já temos um fanstasma nos perseguindo...

Radishi riu. Não poderiam estar num melhor humor. Com os cristais, talvez pudessem bolar uma estratégia para confrontar Arávner e obter o Orbe do Progresso.

CAPÍTULO 91

- Eles estão aqui, em algum lugar, mestre – sussurrou a sombra nos ouvidos de Maurícius.

O antigo monarca de Lacoresh volitava sobre as ruas da Cidade Oculta, agora coberta por vegetação e musgo. Maurícius procurava por seres vivos com seu anel localizador. Derek, escondido nas sombras, observava o avanço do medonho ser. Sua imunidade à magia o protegia do feitiço localizador.

- Não há ninguém aqui, seus tolos! – Maurícius estava furioso.

- Mas mestre, nos vigiamos todo o derredor da cidade, eles não saíram, posso garantir.

- Então, minha filha deve ter feito algum feitiço protetor. Sim, ela seria bem capaz disto. Onde estarão?

- Talvez lá, mestre – Uma outra sombra apontou para a praça dos palácios da Ermirak.

Maurícius concordou e flutuou naquela direção.

- Ora, mas o que é isto? Um presente! – Maurícius disse ao se aproximar do túmulo coletivo. Havia uma enorme pilha de corpos. Acionando o poder seu seus anéis convocou – Ergam-se! Ergam-se!

Aos poucos, os corpos, há muito inertes, começaram a esboçar movimentos. A convocação seguiu por cerca de uma hora. Com milhares de zumbis esqueléticos a seu dispor, ele ordenou – Encontrem-na! Procurem por todos os cantos desta cidade! Revirem todas as pedras.

Mais tarde naquele dia, Radishi, Archibald e Noran retornaram à superfície trazendo os raros cristais. Radishi estava exausto e só pensava em retornar ao palácio para dormir. Assim que emergiram no bosque Radishi disse – Esperem. Há alguma coisa estranha...

- O que? – indagou Archibald.

- Sinto presenças malignas. Fique atento!

A dupla seguiu com cautela em meio ao bosque enquanto o espectro de Noran perdeu-se de vista. Um brado de guerra cortou o silêncio.

- Sir Derek! – constatou Archibald – Por ali!

Radishi recorreu à força de vontade para seguir adiante. Logo se depararam com mortos-vivos aqui e ali.

Archibald pegou um punhado de cristais de sua sacola e com sua energia repelia

as criaturas de modo trivial. Avistaram Derek cercado por centenas de mortos-vivos, seu machado faiscava e derrubava-os, mas onde um caía, surgiam três. No alto viram a figura sinistra de Maurícius envolta num manto esvoaçante. Ele se divertia assistindo o cavaleiro sendo subjugado aos poucos.

Radishi fez contato mental com o cavaleiro. Isto fez com que Derek se recordasse de Calisto.

“Derek, nesta direção!”

Archibald elevou suas preces evocando a magia sacerdotal e avançou sobre a turba de mortos-vivos fazendo-os se afastar como a água repele o óleo.

Maurícius vociferou – Onde está a princesa? Digam e eu lhes darei uma morte rápida.

Derek abriu o caminho derrubando mais uma dezena de criaturas até chegar ao local protegido pelas emanções de Archibald.

- Estou aqui, papai! – a princesa saltou de uma das torres do palácio Majsir e deu um mergulho como o de uma ave de rapina. Em instantes atingiu o pai com o golpe levando-o para o chão.

- Derek, ataque! – ela gritou antes de tocar o solo. Ambos rolaram, mas a princesa estava protegida por uma barreira mágica que faiscou contra o chão. Não foi forte o bastante para que escapasse ilesa, mas salvou-a de ferimentos graves.

Derek avançou com sua típica fúria e determinação e atacou Maurícius, indefeso. O morto-vivo desviou-se como pode, evitando o golpe que o eliminaria. O machado decepou o braço e ele sentiu horror ao ter seus preciosos anéis afastados de si. Derek atacou novamente, mas Maurícius escapou saltando para trás e em seguida alçando voo.

- Malditos sejam! – era hora de recuar. Voou para longe segurando o coto de seu braço e proferindo maldições.

Radishi auxiliou a princesa e ela ficou de pé. Archibald mantinha os mortos-vivos afastados, mas não poderia sustentar isto por muito mais tempo.

- O que faremos? – Hana estava desesperada, pois sabia que não tardaria até que fossem derrotados.

- Acho que podemos procurar – Radishi parou para tomar fôlego – uma saída pelas vias subterrâneas.

- Tem certeza de que não ficaremos encurralados?

- Não. Agora que vi o local – parou para respirar e prosseguiu – sei que há outra saída de Tisamir. Li textos que mencionavam uma entrada

subterrânea, apenas nunca dei crédito a eles.

- Certo – concordou Archibald, em último caso, recorreremos ao velho Brum.

- Quem? – indagou Derek.

- Vamos! – disse Radishi ofegante – explicaremos no caminho.

CAPÍTULO 92

A ordem na capital de Lacoresh foi reestabelecida em poucos dias, porém toda política foi abalada pela ocorrência. A nobreza, em especial, a dos baronatos e outros territórios do antigo reino havia respondido ao convite do imperador. A maioria destes morreram, incluindo Maurícius e sua descendência. A sucessão ao trono, dos baronatos e territórios geraram diversos conflitos.

Arávner e a ordem de bruxos que o acompanhava se beneficiava de prestígio junto aos sobreviventes dos dias de terror desencadeados por Maurícius, do mesmo modo que este gozou da imagem de salvador após uma semelhante invasão no passado.

A verdade é que o trabalho de Arávner e dos necromantes da necrópole fora facilitado pela atuação do demônio Necranxelfer. Ele deixou um rastro de destruição por onde passou e arrebanhou para si algumas centenas de almas que lhe apeteçiam.

Mitzlorg, o demônio que Maurícius libertou, agiu de modo semelhante: arrematou almas e deixou a capital.

Arávner convocou magos, membros do clero e os nobres remanescentes para construir o apoio à sua investidura de poder como novo imperador de Lacoresh. Entretanto, testemunhas, que incluíam o general Fortrail, apontaram que a princesa Hana teria escapado com vida. Sendo ela a legítima herdeira, ele foi forçado a aceitar a posição de regente até que sua morte fosse provada, ou que o clero apontasse um outro nome na linha de sucessão entre os demais nobres de Lacoresh.

No seu primeiro dia como regente, ele convocou para uma reunião os mais importantes de Lacoresh. Arávner estava sentado no trono do imperador vestindo uma roupa preta com pequenos detalhes vermelhos na gola e ombros. O cinturão chamava atenção, pois possuía no lugar da fivela uma enorme pedra preciosa cujo interior azulado movia-se lentamente como nuvens escuras de uma tempestade.

-Eu vos saúdo. Este é um momento singular na história deste império. Estejais atentos e preparados, pois é este o momento de conhecer certas verdades.

Arávner levantou-se do trono e sorriu abrindo os braços. Todos presentes, cerca de cinquenta das figuras mais importantes de Lacoresh olhavam-no com assombro e expectativa. A maioria deles estavam colocando os olhos nele pela primeira vez. O bruxo de altíssima estatura e porte físico avantajado não parecia humano e isto causava estranhamento em muitos.

As cadeiras estavam dispostas bem espaçadas formando uma meia lua. Sua bota negra com solado de madeira fazia os passos ressoarem sob a boa acústica do salão

enquanto ele circulava encarando um a um com seu olhar enigmático. Era simpático, ou ameaçador? Irado ou ensandecido? Cada qual formava uma ideia diferente sobre aquela estranha, mas imponente figura.

- Antes de entrarmos em importantes assuntos de estado, penso que é conveniente que eu fale a vós um pouco sobre minha pessoa. Que tal? Decididamente estais curiosos, correto? Afinal, quem é este que surgiu, como que do nada, para resgatar vossa cidade do caos e reestabelecer ordem ao império?

As cabeças se moveram em concordância.

- Não sou nenhum inumano, mas sim um primo distante de vós, lacoreses. Em verdade, vós todos sois descendentes dos antigos membros do glorioso império que existiu em todo este continente e que se originou a partir das terras que vós curiosamente chamais de Reinos Bárbaros. Nós, antigos Vetmös e vossos ancestrais, construímos, em conjunto, o maior e mais glorioso império já visto neste mundo.

Arávner parou diante de todos e abaixou a cabeça fechou os olhos e fez um pausa – Sim, sou um dos poucos remanescentes daqueles tempos. Um imortal. Trago comigo segredos e a semente para construirmos um novo império. Muito bem! – Ele se movimentou seguindo adiante. – Agora, vejamos outro assunto: a obediência. Sim, pois sei que podeis estar pensando. Por que confiaríeis em minhas palavras? O que me impediria de ser apenas um louco? Pois bem, tu, cavaleiro. Levanta-te, desembainha tua espada e ataca-me.

O cavaleiro levantou-se e com a espada em mãos hesitou.

- Não temas tu e faz apenas como ordeno.

O homem girou a espada para golpear o gigante, mas o golpe parou no ar, como se atingisse uma redoma invisível.

- Novamente ataca-me!

Ele tentou golpeá-lo em vão. Arávner não ergueu nem um dedo para se defender.

- Está bem, obrigado. Senta-te, por favor. Tu – apontou o regente para um dos magos da Alta Escola.

- Convoca teu feitiço mais letal sobre mim.

O mago suava frio, mas obedeceu. Convocou o feitiço, mas o efeito foi revertido contra ele. Caiu tremendo até que ficou imóvel, de olhos vidrados. Estava morto. Aquilo causou comoção entre os presentes. – Rinan está morto! – disse um rico comerciante.

- Quietos! – todos silenciaram, alguns se encolheram, tensos. – Peço a

todos vós aqui presentes, que agradeçais ao mago por seu nobre sacrifício. Pois agora sabeis que não posso ser atingido por magia alguma e que esta se voltará contra o agressor. Agora sabeis que é inútil ir contra minha vontade. Sabeis que tenho poder absoluto. Sabeis que mo devem obediência.

O primeiro cavaleiro de Lacoresh, Julius Fortrail, levantou, curvou-se e disse – E o que deseja que façamos, Lorde Arávner?

Ele deu uma risada que expressava deleite e bateu as mãos – Ótimo, já compreendeste! Por favor, senta-te. Falar-vos-ei sobre o futuro. É chegada a hora de restaurar o antigo império. Devemos nos preparar para apoiar a campanha militar contra Nelfária.

-Nelfária? Isto é sério? – indagou um dos membros do Alto Clero.

-Evidente que sim! Pois pensais vós que apenas por que os elfos não são mais vistos há milênios que seu país deixou de existir? Não apenas existe, mas guarda em seu coração a precioso prêmio pelo qual almeja nosso aliado.

-E que aliado seria este? – indagou um nobre.

-Arcanael, o Senhor do Submundo.

-Um demônio? – indagou o bispo Kalefap, da Real Santa Igreja – acha que trabalharemos em favor de um demônio?

Arávner gargalhou suavemente – Ora, Sua Santidade, sinceramente! Há poucos dias trabalháveis para Maurícius e seu bando de necromantes. Por acaso não sabíeis que desde sempre os necromantes agiam como servos de demônios? Que buscavam neles segredos para a expansão de seus poderes? Não foi o demônio Mitzlorg a criatura que o próprio Maurícius libertou sobre esta cidade quando enlouqueceu?

-Mas como iremos justificar isto junto aos fiéis? E quanto a era de glória prometida pelas crianças do eclipse?

-Ela ainda virá, pois meu pacto com Arcanael será cumprido. O problema dele é com os malditos elfos, e não conosco. Teremos o poder das Torres Lunares restaurado e com isso poderemos reconstruir nosso império.

-Mas que loucura é esta?

-Isto, Santidade, é apenas a verdade que trago ao vosso conhecimento. Pois este é meu papel, revelar ao mundo uma nova era de verdades. Nada pelo que estáveis trabalhando em Lacoresh nos últimos anos muda com

minha chegada.

Um dos magos mais velhos e conhecedor de história antiga indagou – Expliquen-nos, Lorde Arávner, como poderão ser restauradas as Torres Lunares, se estas foram destruídas pelo Cataclismo de Fogo?

- Tu te referes às Torres Lunares de Merrin, mas as torres de que falo não são outras senão as Torres dos Arquimagos, as que ficam no centro do continente primevo.

- Mas não foram também destruídas?

- Não. Foram apenas seladas. São inacessíveis, mas continuam intactas.

A curiosidade dos presentes vinha sendo aguçada e três fizeram perguntas simultâneas.

- Responderei a todas as perguntas, mas antes, cuidemos do sepultamento de Rinan, aquele que apontou o caminho da verdade. – Arávner olhou para o corpo caído e este se ergueu passando a flutuar no ar. Uma toalha branca de uma mesa na lateral do salão flutuou e embalou o corpo em pleno ar. Este foi conduzido e depositado sobre a mesa.

O velho mago que questionava-o há pouco deixou escapar – Não é magia... Como está fazendo isto?

- Tens razão! Não sou mais mero praticante de magia, pois descobri a força fundamental que está além do Mana manipulado pelos feiticeiros, necromantes e até mesmo as convocações dos sagrados ofícios pelo clericato. Falo do Jii, a energia fundamental que tece a matéria e conecta as dimensões.

- A bruxaria secreta dos tisamirenses...

- Correto. Mas não é bruxaria... É o verdadeiro poder dos elementos do mundo. Mas saibais que também possuo o conhecimento da magia dos antigos, pois eu próprio, fui um dos discípulos dos arquimagos na antiga e esquecida cidade de Trinidacs.

- Trinidacs? Isso não passa de uma fábula – retrucou o velho mago.

- Fábula? – gargalhou Arávner – Pois abrais vossas mentes e vejais com seus próprios olhos. Uma cortina de luzes surgiu atrás dele e nela aos poucos se formaram imagens de um lugar belíssimo, repleto de prédios cujo estilo arquitetônico era desconhecido para os lacoreses. Arávner voltou a falar para a assembleia com os olhos vidrados que expressavam fé absoluta.

-Contempleis, meus caros, pois é esta a terra prometida. Será a nova capital de nosso império. Local onde iremos adquirir pleno acesso aos poderes das Nove Torres Lunares dos Arquimagos. E o que nos separa desta conquista é uma guerra. Uma dura guerra, vos digo a verdade. Pois quando Arcanael conquistar seu prêmio no coração de Nelfária, nos deixará e levará consigo de volta aos abismos todas as expressões do mal que caminham sobre este mundo. Teremos, uma vez mais, um mundo puro e livre da maldita herança trazia a nós pelos elfos. Sim, meus caros, pois foi com a vinda deles para cá, que toda a glória de nossa antiga civilização começou a ruir, até que nada mais restou. Não sabíeis vós da história dos Três Elfos Viciosos? Os antigos imperadores de Nelfária que conspiraram para destruir os deuses deste mundo por causa de sua tremenda inveja? Não sabíeis que estão presos no Vale Profano? Sim, vejo que há muito que vós não sabíeis. Mas não temais. Irei vos contar tudo. A verdade, eu vos digo. Ela nos libertará. Ela nos conduzirá.

E naquele dia, a elite lacoresa ali reunida passou a acreditar em Arávner e a obedecê-lo, não apenas como regente, mas se prontificaram, caso a princesa não fosse encontrada brevemente, a legitimá-lo como imperador e líder de duas das suas principais instituições, a Alta Escola dos Magos e a Real Santa Igreja.

CAPÍTULO 93

A voz inumana projetou-se levemente abafada para fora do espelho – Então, imperador da verdade, tem para mim alguma novidade?

Sentado em frente ao espelho, Arávner usava apenas um calção cinzento, sua roupa de dormir.

- Sem novidades quanto aos foragidos...

- Encontrá-los é nossa prioridade. – disse a voz de Thoudervon.

- Sei bem disto. Descobri que na véspera de minha chegada um navio sílfico partiu do porto. É possível que Mitzlorg, ou Necranxelfer tenham tomado esta nau.

- Sim, de fato.

- Tentei localizar Weiss e parece que ele próprio possa ter embarcado neste navio. O velhote tem estado muito envolvido na política dos sílfos. – Arávner brincava com o Orbe do Progresso passando-o de uma mão para outra.

Thoudervon mudou de assunto – Recebi notícias de mortes em Kamanesh. Pode verificar?

- Sim, parece uma boa pista. Apostaria que é coisa do teu demônio, pois os mortos eram pessoas especialmente viciosas...

- Sim, imperador da verdade.

- Já chega disto, está bem?

- Por acaso vai se incomodar com o título que forjou para si mesmo?

- Sei o que queres implicar.

- Ao menos você conta aos humanos meias verdades. Isso já conta, não é? – Thoudervon bateu os dentes como um chocalho, se divertindo com a provocação que fazia ao aliado.

- Que seja... Mais uma coisa, talvez tenha localizado teu aprendiz.

- Mesmo? Ainda vivo?

- A descrição combina. Um mago que atende pelo nome Gálius, mas que tem as mesmas características físicas do rapaz, Yourdon. Exceto pelo braço.

- Braço?

- Sim, este tem apenas um braço. O outro perdeu recentemente.

- Qual braço, esquerdo ou direito?

- Ora Thoudervon, como vou saber destes detalhes? De qualquer forma, irei checá-lo amanhã – respondeu olhando fixamente para o brilho azulado do orbe.

- Mais uma coisa, aliado. Vejo que continua apegado ao seu objeto. Cuide-se para que a dependência de objetos não se torne uma fraqueza...

- Vais tu cuidar de teus problemas! – desligou o canal de comunicação – Maldita caveira... Se acha o dono da verdade. Só que a verdade absoluta não existe... A percepção leva ao erro e pode ser manipulada. Meias verdades! Bah!

CAPÍTULO 94

Semanas se passaram desde que o caos assolou Lacoresh. No pátio interno do velho castelo, os jovens acólitos da Real Santa Igreja cuidavam de centenas de feridos alojados em barracas que cobriam toda aquela área.

Por vários dias, o mago esteve apenas semi consciente e sofrendo de febres altas e dores pujantes. Acidentalmente, convocou uma magia que danificou a barraca onde estava e feriu um acólito. Por isto, foi tido como perigoso e transferido para a cela, na fortaleza.

Aos poucos recobrou a consciência, mas suas memórias estavam confusas. Sentia que havia cometido algo de imperdoável e disse aos acólitos que se chamava Gálius. Aqueles nomes, Gálius DeLars e Kiorina DeLars giravam em sua cabeça.

Precisava se esconder. Já haviam lhe cortado o braço e se o encontrassem, estaria morto. Em seus sonhos era assombrado por um demônio que prometia vir para devorar sua alma. Temia que a qualquer momento alguém pudesse chegar para buscá-lo. Seria morto. Fora um incompetente. Falhou em realizar sua tarefa, e como pena, obteria a morte. As memórias continuavam confusas e vagas. Os rostos que via, tinha dificuldade de nomear. Sabia que se chamava Chris, e não Gálius. O cabelo raspado seria um disfarce? Tinha esperança de recobrar suas forças e sair dali antes que fosse identificado.

Naquela noite, teve pesadelos. Vagueava por catacumbas repletas de seres mortos-vivos. Um deles, um esqueleto que vestia um manto vermelho e elmo com cifres ameaçava-o com facas nas mãos ossudas. Foi ele! Sim, foi ele que decepou o braço! Yourdon acordou confuso, mas convicto daquele fato.

O acólito que cuidava de Yourdon, um jovem ainda com rosto de menino, mas magro e alto, chegou no horário de costume e estava acompanhado de outro homem. Alguém vestido num manto cinzento com um capuz sobre a face. Chris gelou. Não podia ver o rosto, seria o esqueleto?

-E então? – perguntou o acólito – É ele?

-Sim! Primo Gálius! Estávamos preocupados!

- Primo? Não me lembro de ter nenhum primo... Por favor, irmão Russ, leve-o daqui. Não sei que é esta pessoa.

O homem havia baixado seu capuz. Tinha um rosto magro e longas barbas e cabelos ondulados. Seus olhos era azuis claros e usava uma faixa cinzenta sobre a testa.

-Escute-me primo. Vamos conversar um pouco. Isto poderá ajudá-lo. O irmão Russ me explicou que você está confuso. Depois de tudo que

aconteceu é apenas natural...

Quem seria aquele óbvio mentiroso? Chris imaginava quando foi surpreendido por uma voz que falou em sua mente “Acalme-se, Chris Yourdon, não vim aqui para prejudicá-lo, mas sim, como um amigo. Diga a Russ que está se lembrando e peça a ele para nos deixar conversar um pouco.”

-Primo... Acho que agora me lembro... Irmão Russ, acho que estou recobrando minhas memórias. Posso conversar a sós com ele?

-Mas naturalmente... – disse o acólito e se retirou.

-Quem é você e o que quer comigo?

-Sou Radishi de Tisamir. Permita-me ajudá-lo. Vejo que sua mente está perturbada. Tenho meios para retorná-la ao seu equilíbrio.

-Radishi? Esse nome não me é estranho...

-Por favor, relaxe e deixe-me ajudá-lo. – ele chegou perto e tocou a testa de Yourdon. O mago estava fraco demais para resistir.

Radishi logo compreendeu o que se passava. O mago estava rejeitando suas próprias ações. Havia feito tudo para alcançar poder e mais poder, mas ao ter que se mutilar e confrontar a morte de perto, começou a se arrepender. Voltou a ter contato com sua mente de rapaz ainda não corrompida. Radishi não condoeu-se... Recapitulou as memórias do mago e mostrou-lhe todos seus terríveis atos com frieza. Yourdon se assombrou com tudo o que viu. Era como assistir a vida de outra pessoa. Agora que estava livre do anel, sua consciência rejeitava muitas de suas ações. Em especial, suas atitudes mais recentes. Tais como o modo que havia imposto torturas sobre Vekkardi e outros tantos.

-Eu fiz tudo isso? – perguntou incrédulo a Radishi.

-Sim, mas ao que parece, sua queda foi favorecida por algum feitiço, ou maldição, presente no anel que usava. Não sei dizer ao certo.

- O plano netéreo... Thoudervon disse que ele me mudaria. – Compreendeu Yourdon. – Estou perdido! Thoudervon vai me virar ao avesso antes de me matar e depois, vai me transformar num morto-vivo, ou coisa pior.

-Talvez, não. Pois você vai nos ajudar.

-Você não entende, tisamirense, não é possível confrontá-lo.

-Sim, é. Contanto que obtenhamos o Orbe do Progresso.

-Ah, é? E como fazer tal façanha?

-Já temos tudo planejado. Para falar a verdade, o orbe está vindo até nós, neste momento.

- Como assim?

- Não posso explicar os detalhes. O fato é que eu e a princesa Hana descobrimos uma maneira mais eficiente de utilizar os dons de visão do futuro que ela possui. Foi assim que chegamos até você e da mesma maneira, pretendemos obter o orbe.

- E com o orbe, pretendem enfrentar Thoudervon? São loucos!

- Não é isso, precisaremos de sua ajuda para operar o portal até Saubics. O orbe é a chave para libertar nossos aliados.

Radishi tirou das costas uma mochila que parecia cheia e pesada. Quando a abriu, sua face e a de Chris foram iluminadas por um brilho amarelado.

- Não é possível! – espantou-se o mago.

- São cristais de sargentium.

- Sei bem o que são, tisamirense. Onde os conseguiu?

- Isto pouco interessa... O importante agora são os preparativos.

CAPÍTULO 95

Abaixo, no pátio, Archibald e Hana, ambos vestindo mantos e capuzes, seguiam procurando por uma pessoa entre os feridos. Noran indicava a Archibald onde devia procurar. Muitos dos que visitavam seus parentes e conhecidos circulavam entre as barracas. Aquela barraca, em particular, tinha muitos pacientes em estado grave. Ao entrar e sentir aquele cheiro de doença e infecções a memória de Archibald foi de volta ao passado por longos anos até a época em que trabalhou cuidando dos feridos na guerra contras os bestiais. Refletiu que, depois de tanto, as coisas ainda continuavam as mesmas em Lacoresh. A sensação de dúvida e de falta de fé que Archibald abandonou após tornar-se sacerdote em Tchilla retornaram ali, com todas as forças. Diante de seus olhos estavam seus conterrâneos feridos e em estado grave. A violência nunca abandonava o meio, e ele sabia que não era uma condição local. Era assim em todo o mundo. As péssimas condições de tudo que os cercava era reflexo direto da dureza dos corações dos homens. Lembrou-se de imediato das palavras do iluminado irmão Naomir, fundador da ordem a qual um dia pertenceu e depois abandonou. “Não é nos deuses que os homens devem procurar a salvação. É dentro de si mesmos. É na consciência e na boa vontade que residem a chave da salvação do indivíduo, e do mundo”.

Archibald deu um sorriso amargo cobrindo o nariz enquanto se aproximava do leito onde estava a pessoa que procurava. Ele pensou “Os monges Naomir, se perderam dos propósitos nobres preconizados por seu fundador, da mesma forma que a Real Santa Igreja”. Archibald viu um jovem acólito que tratava dos ferimentos de uma mulher se retirar. Pensou “Enquanto houver pessoas como este rapaz, há esperanças para Lacoresh”.

O ex-monge se ajoelhou ao lado do homem todo enfaixado que parecia adormecido. Tocou levemente sua mão e este imediatamente abriu os olhos, um deles desfigurado, mas ainda assim, reconheceu seu olhar. Era mesmo Vekkardi.

- Vekkardi, pode me ouvir?

A voz do homem rouca e fraca produziu um quase inaudível – Sim.

Archibald olhou a seu redor para certificar-se de que não havia acólitos da Real Santa Igreja por perto. Tirou um cordão de seu manto com um cristal de sargentiu preso à ponta. Os cristais, enquanto sozinhos, não emitiam brilho que pudesse ser visto à luz do dia.

- Segure isto – ele colocou o cristal na mão do discípulo de Modevarsh.

- Você voltou – reconheceu-o a despeito do longo tempo que não se viam.

- Sim, e partirei, logo mais. Preciso de sua ajuda.

- Eu não... – Vekkardi tossiu – não tenho... – as palavras custavam a sair.

- Acalme-se, haverá tempo... Apenas procure relaxar e abra sua mente. É importante que verifiquemos que a comunicação possa se estabelecer.

- Comuni... cação?

- Segure o cristal e respire fundo, junto comigo. Inspire... Expire... Inspire...

“Vekkardi, pode me ouvir?”

“Uma comunicação mental?” ele pensou.

“Sim, que ótimo! Sou eu, Noran de Tisamir”.

“Mas o que está havendo? Não compreendo”.

“Calma agora. Ficarei a seu lado. Trabalharemos juntos, assim que estiver recuperado, não tema. Teremos muito tempo para conversar”.

O espírito falou diretamente com Archibald “Funcionou, como esperávamos. O cristal é um perfeito canalizador para nossa comunicação”.

“Ótimo. Agora é hora de seguir com o planejado” Archibald retrucou para Noran.

Ele disse em voz alta – Hana, é hora de irmos.

A princesa concordou com um aceno. Não via a hora de sair daquela horrível e fedorenta barraca.

- Adeus, Vekkardi! – disse Archibald – Deseje-nos boa sorte!

- Obrigado...

CAPÍTULO 96

Arávner vestia sua armadura completa e sobre esta um manto negro levemente azulado. No cinturão descansava, encaixado, o seu precioso orbe. Seus passos ressoavam fortemente no solo dos corredores da fortaleza. Ao seu lado, o irmão Russ o guiava.

- Disseste que o mago Gálius recebeu a visita de um primo hoje cedo.

- Sim, excelência! Ele saiu há pouco.

- Este o reconheceu e apresentou uma melhora.

- Exato, excelência!

Arávner pressionou os olhos e pensou “Veremos se é mesmo o pupilo desaparecido de Thoudervon”.

- É aqui

Russ abriu a porta e antes que entrasse Arávner disse – Tu ficas, rapaz. Falarei com o mago sozinho.

O acólito fez uma vênia e concordou – como desejar, excelência.

Ao entrar no quarto, Arávner sentiu uma forte presença mágica que o surpreendeu. Viu o homem e reconheceu sua fisionomia.

- Ora, Yourdon, que história é essa de Gálius? É ao acaso uma maneira tola de evitar ser localizado por Thoudervon?

- Senhor Arávner! Isto é inesperado...

- Disso estás certo, mago.

- Senti uma presença, mas – Arávner examinou a sala e fixou o olhar no canto próximo da janela.

Uma mulher que estava invisível suspendeu a magia para ali aparecer.

- Princesa Hana? Isto sim é que é inesperado!

- Senhor Arávner – Hana fez uma vênia.

- Foi dada como morta, sabia? Não sabe que o trono aguarda o retorno de alguém de sua família?

- E haveria alguma chance para que eu ocupasse tal posição?

- Não haveria oposição de minha parte. O trono é todo teu, se assim desejares. Poderás esquentá-lo com teu traseiro, desde que não resolvas fazer nenhuma loucura, como fez teu velho pai.

Hana cuspiu no chão – Eu desprezo sua falta de oposição! Eu vou me sentar no trono sim, mas não para receber ordens suas e nem de ninguém!

Arávner deu uma gargalhada alta – Falaste bem, princesa! Assim, quase tenho vontade de levá-la de volta e desposar-te para ter legitimado o título de imperador.

- Não me casaria com você nem morta, seu maldito conspirador e destruidor de reinos!

- Vejamos se essa tua atitude prevalecerá quando eu... Mas o que está havendo? Isto é impossível, ninguém jamais resistiu à minha telecinese.

Hana gargalhou – Isto, tolinho, é por que você nunca tentou mover uma ilusão imaterial com sua mente.

- Ilusão? Impossível! O orbe anularia...

- Sente falta de algo? – disse a imagem de Hana, zombeteira.

Arávner levou a mão ao orbe e sentiu um calafrio quando tocou o espaço vazio. Não estava mais lá. Sentiu a ira subir. – Maldita! Maldita ladra! Onde está? Devolvas já e considerarei poupar-te.

- Você devia ver sua cara, há há há! Adeus, tolinho! – e a imagem de Hana se desfez.

- Você, mago! Diga logo o que sabe!

Yourdon gargalhou e repetiu – Adeus, tolinho. – e também desapareceu.

Arávner urrou seu rosto tornou-se rubro quente – Não é possível! Não tem lógica!

CAPÍTULO 97

Hana, Archibald e Radishi conduziram Yourdon pelas ruas em passos apertados. Seguiam diretamente para o farol de Lacoresh. Hana disse em estado jubiloso – Vocês deviam ter visto a cara do maldito.

- Quanto tempo será que ele levará para descobrir como foi enganado? – riu Archibald.

- Espero que o suficiente para que possamos dar o fora de Lacoresh – retrucou Radishi, muito sério.

- Simplesmente genial! – disse Yourdon – vocês me ganharam com essa jogada.

Hana tinha o objeto em mãos e disse – continua inativo. Temos que ser rápidos, ou o orbe impedirá a operação do portal.

Logo chegaram à base do farol.

- Aqui nos despedimos – disse Archibald e Radishi o encarou com expressão de espanto.

- Como assim, Archibald?

- Desculpe, não houve tempo para falar nisto e nem haverá. Desejo a vocês boa sorte!

- Não vou deixá-lo aqui sem uma explicação razoável – decidiu-se Radishi.

- É Weiss. Devo ir atrás dele. Penso que está atrás de minha esposa e de meu filho.

Hana concordou – Sim, conforme minha visão.

- Você sabia? – indagou Radishi.

Hana assentiu e Archibald prosseguiu – Nasbit me disse que ele embarcou há poucos dias numa nau sílfica. Eu já arranjei uma passagem. Negocieei com alguns dos cristais.

- Bem, compreendo – disse o tisamirense colocando a mão sobre o ombro de Archibald.

- Por favor, diga a Kyle e Kiorina que desejo-lhes sucesso. E que Noran estará aqui os aguardando.

- Muito bem, então é adeus.

- Cuide-se Archibald – disse Hana.

- Você também, princesa. E diga adeus ao Sir Derek por mim.

- Está certo.

Archibald partiu para a região portuária enquanto os outros três seguiram para a entrada do farol. Como esperado, ao se aproximarem a porta se abriu.

Hana correu e atirou-se nos braços de Derek – Deu certo! Conseguimos! – e deu-lhe um longo beijo.

- Comemorações para depois – interrompeu Radishi – Vamos!

- Derek? – indagou Yourdon.

- Chris, há quanto tempo! O que houve com seus cabelos?

- Estou sem um braço e você vem me pergunta sobre meus cabelos?

- Braço? É mesmo... Bem, o que foi isso afinal, um barbeiro ruim?

- Há há... Muito engraçado...

Derek estendeu a mão direita para um cumprimento e sorriu amarelo quando viu que era a mão errada. Trocou pela esquerda e disse – Hã, desculpe-me por isso.

- Quase me esqueci que vocês dois passaram por muitas coisas com Calisto no passado – constatou Hana enquanto iniciavam a subida dos longos lances de escada.

- Com sorte – disse Derek – iremos rever Calisto, em breve.

- Mas ele está vivo?

- Ao que parece, sim. Preso, mas vivo. – retrucou o cavaleiro.

O mago mal podia andar. Hana renovou o feitiço de levitação que havia operado sobre Yourdon. – Vamos, temos pressa. Carregue-o. – ordenou ao cavaleiro – se ele não conseguir nos tirar daqui, Arávner irá nos fritar vivos.

Quando chegaram ao topo escutaram o som de um chocalho. O sangue de Yourdon gelou. O esqueleto ancestral se revelou e disse – Excelente! Cheguei a duvidar que pudessem extrair o orbe de Arávner.

- Finalmente nos encontramos – murmurou Hana.

- Ouviu boas coisas a meu respeito, princesa?

Hana não sabia o que dizer.

- Poderoso Thoudervon – Derek ajoelhou-se.

Yourdon balbulciou – Mestre, eu, eu...

- Ora, recomponha-se Yourdon! Estou surpreso que esteja vivo... Julguei que levaria os necromantes para conter a rebelião de Maurícus, mas no lugar disto, você me resolve trazer Necranxelfer... Engenhoso, mas isto me trouxe problemas.

- Eu não queria... Eu apenas...

-Ora, cale-se! Não quero escutar nem mais uma palavra. Apenas entre no portal e guie este bando até Ilm'taak. Seja um bom aprendiz e trate de trazer-me Calisto de volta e inteiro, sim?

Yourdon concordou com um aceno. Esperava pelo pior, mas ficou satisfeito ao perceber que ainda possuía alguma serventia para o ser ancestral.

-Andem! – ordenou Thoudervon – O orbe começa a esboçar sinais de retorno.

Sem questionar, Yourdon conduziu Hana, Derek e Radishi pelo portal para o plano netéreo.

CAPÍTULO 98

O restaurante O Banquete do Monge tornou-se um lugar poeirento. Anda havia manchas de sangue aqui e ali e uma grande massa de entulhos espalhados pelo antigo salão. A capital ainda se esforçava para se reerguer, assim como muitos de seus habitantes.

Archibald aguardava sentado à uma mesa em profunda concentração. O local estava sob penumbra sendo iluminado por uma vela solitária. Após sua separação de Noran, ele precisava manter-se concentrado, com a mente limpa de maus pensamentos para evitar ser alvejado por espíritos malignos que vagavam de forma abundante em Lacoresh.

Era uma tarefa árdua, pois a imagem de Weiss o assombrava. “Não posso pensar nele!” dizia para si mesmo “Não posso!” a batalha interna em sua mente foi interrompida quando a figura portando um pequeno castiçal e vela entrou no salão. Usava a luz para desviar-se da bagunça espalhada. Sentou-se à frente de Archibald e ofereceu-lhe uma bebida em uma pequena garrafa metálica.

Archibald cheirou a bebia e indagou – O que é isto, fovasco?

- É sim. – confirmou Klereon Nasbit – essa merda sílfica é o melhor que pude arranjar esses dias.

-E quanto ao navio?

- Partirá pela manhã, mas será melhor se você embarcar antes do alvorecer.

Archibald concordou com um aceno.

Nasbit indagou – O plano de vocês foi exitoso?

Archibald sorriu – Sim, mal posso acreditar. Para falar a verdade, fiquei surpreso com o que Radishi e a bruxa vidente puderam fazer ao combinar suas faculdades.

-A dupla podia bem fazer uma fortuna com previsões sobre o futuro.

- Verdade. Pelo que soube, meu velho companheiro, Kyle Blackwing teria desenvolvido semelhante capacidade.

-É? Como ele ganhou isso? Anos numa prisão, você me disse...

-Não sei... A coisa toda está para ser vista.

-Não vai beber?

Archibald devolveu a garrafa – Até que gostaria, mas não. Preciso estar lúcido para o que vem adiante.

-Muito bem – Nasbit deu um bom gole, sentiu-a queimar sua garganta

e seus olhos lacrimejaram – Brindo à queda dos malditos! Ao fim de Maurícus e que um dia Lacoresh e Homenase possam se desvencilhar da maldição necromante.

Houve um longo silêncio até que Nasbit voltou a falar – E Meinard?

- Já foi dormir...

- Sim, mas o que ele lhe disse.

- Que está na dúvida se vai reabrir o restaurante. Voltou a pensar na velha causa, após esta catástrofe.

- Ótimo!

- Vekkardi... – Archibald hesitou – Está mesmo vivo.

- O gatuno? O sombra azul?

- Sim, ele teve muitas alcunhas.

- Mas onde ele esteve, todos estes anos?

- Preso na necrópole. Por acaso ouviu falar no Dragão de Fogo?

- Fala do homem que derrotou centenas de mortos-vivos no auge da invasão?

- Sim, era o próprio...

- Vekkardi é o Dragão de Fogo? Testemunhas disseram que ele era inumano...

Archibald estava ansioso e arranhou o tampo da mesa com as unhas – Providencie para que sua organização o acolha o quanto antes.

- Farei isto – tomou outro trago do fovasco e pigarreou.

Archibald ficou quieto e o velho homenaseano inquiriu – Afinal, como conseguiram se livrar de Maurícus? Derek me falou um pouco a respeito, mas não se entendi, ou melhor, se acredito na história.

- Acho que tivemos sorte. No subterrâneo de Tisamir, havia uma antiga cidade dos anões. O fato é que há túneis que ligam tais cidades, uma às outras, neste caso, tomamos um túnel inacabado que vinha na direção de Lacoresh. Soubemos que havia uma cidade dos anões em algum lugar de Lacoresh, há muito abandonada. O túnel nos levou até o norte de Fannel. Derek nos levou até sua cidade natal e conseguimos cavalos para vir até aqui. Ou Maurícus perdeu o rumo, ou decidiu-se por não nos seguir. O fato é que ainda está em algum lugar tramando.

Nasbit escutava bebendo até acabou com a bebida e disse. – De fato, há sempre alguém tramando alguma coisa...

CAPÍTULO 99

Marr tinha o porte físico e aparência de um silfo, mas era muito mais alto que qualquer criança de sua idade. Seus cabelos eram loiros escuros sem um corte definido, escorrendo mais para um lado do que para outro. Era muito inquieto e curioso e ao contrário da mãe, de humor melancólico, ele era alegre e brincalhão. Constituía a única alegria na vida da mãe, a silenciosa Mishtra.

Mãe e filho possuíam um forte elo mental que surgiu à partir da gestação. Devido às capacidades de Mishtra para canalizar e utilizar os fluxos do Jii, Marr passou a manifestar estranhos poderes.

Certa manhã, o menino dormiu além da conta e ao acordar foi correndo procurar pela mãe. Ela estava na praia, nas proximidades da modesta casa que habitavam. Viviam quase isolados numa remota ilha próxima a Shind, reduto dos silfos do clã Orb. Imagens fortes ainda pulsavam na mente da criança que se controlava para não cair em prantos.

“Mãe, tive um sonho!” projetou seu pensamento “acho que meu pai não está morto como você pensa”.

“Que história é essa agora, meu filho?” retrucou Mishtra. Sua aparência havia mudado muito pouco. Usava um vestido curto e surrado e seus cabelos loiros e lisos estavam arranjados numa elaborada trança de rabo de peixe, deixando-o bem curto. Ela tirou da água cristalina uma estrela do mar que se contorcia entre seus dedos.

“Sonhei que ele navegava para cá em um navio vindo de uma cidade de humanos”.

“E como soube que a pessoa que viu seria seu pai?”

“Eu já vi sua imagem em suas memórias. Ele está mais velho e barbudo...”

“Archibald, barbudo? Ora esta é boa!”

Marr projetou seus pensamentos e a imagem “Pode vê-lo?”

Mishtra reconheceu-o e empalideceu. Sentimentos conflitantes surgiram: saudades e rancor.

O menino agora saiu da areia e entrou nas águas rasas da praia para chegar perto da mãe.

“Mãe, eu também vi outra coisa. Uma sombra... Alguém muito malvado. Acho que estou com um pouco de medo”. mentiu Marr, que na

verdade, estava apavorado com a experiência de seu sonho.

Mishtra atirou a estrela do mar de lado. Mãe e filho se encontraram num forte abraço. Ele disse – Por que meu pai nunca veio antes? Por que está vindo agora?

Mistra olhou para o menino. Tinha os mesmos olhos do pai.

“Acho que para nos proteger, filho, só pode ser isto”.

CAPÍTULO 100

O Vale Verde era situado entre o Vale das Selvas de Krös e o Vale da Desolação de Drenzult, também conhecido como Vale da Morte. Chovia muito naquele largo vale que abrigava quatro reinos humanos. No passado, haviam florestas em abundância, mas foram derrubadas para suportar o crescimento das dezenas cidades e centenas de vilas. Tornou-se um território cheio de extensas plantações no qual os quatro reinos vizinhos, Saubics, Nevreth, Tradarnak e Aldancara conviviam com relativa paz. Entre estes, Saubics era o mais conhecido fora do vale devido à sua maior propensão para atividades comerciais.

A guerra entre os reinos desencadeada antes do desaparecimento do Rei Kel não chegou a um termo. Além disso, uma horda de inumanos, composta por bestiais, ogros e tardos, surgiu após o sumiço de Kel e espalhou-se pela região causando ainda mais conflitos, destruição e um horror antes desconhecido por aqueles povos.

Plantações e cidades foram queimadas e o Vale Verde tornou-se um lugar lúgubre com extensas porções de terras cinzentas e mortas. Criaturas das trevas conduziam ações dos inumanos no sentido de capturar e escravizar homens daqueles reinos.

O pequeno clã de silfos da Floresta de Adrastinn foi liquidado e apenas uns poucos conseguiram fugir. Alguns tomaram carona em navios que abandonaram Nevreth e outros buscaram refúgio nas montanhas a leste. Algumas cidades como Balish, em Saubics, a capital de Aldancara e poucas mais resistiram tornando-se fortificadas e lutavam ano após ano para sobreviver.

Derek foi o primeiro a sair do túnel netéreo e logo reconheceu o local. Estava no subterrâneo daquele antigo templo abandonado. O cavaleiro pensou “De volta aos túneis escuros... Como o mago magrelo chamou este lugar?”

- Ilm'Tenak – disse Derek ao se recordar.

Youdon segurava o toco do braço que latejava de dor. – É Ilm'Taak, cabeçudo...

Hana e Radishi caíram de joelhos no chão sentindo fortes náuseas. Era a primeira passagem deles pelo plano netéreo, algo que não podia se chamar de uma experiência agradável. Hana se recuperou e foi auxiliada por Derek, mas Radishi teve as náuseas potencializadas pela atmosfera psíquica que o envolveu e oprimiu. Depois de vomitar tudo o que podia conseguiu ficar de pé e dizer – Este lugar... É ainda... Ainda mais terrível que Lacoresh!

- Vamos tisamirense – a saída é por aqui – os olhos de Derek brilhavam esverdeados naquele local escuro. Com eles podia enxergar na escuridão,

mas para os demais seguirem, Yourdon convocou uma pequena luz.

- Eu devia ter vindo com vocês, anos atrás, Derek. E não aquele incompetente do Ector.

- É mesmo – retrucou o gigante – ao menos ainda teria seu braço...

- Não foi o que queria dizer. Eu sei que em seu lugar poderia ter feito as coisas funcionarem e talvez, Calisto tivesse retornado. A missão teria sido um sucesso.

- Bah, mago... Não me venha com pensamentos inúteis.

O grupo viu uma luz ao longe, mas não esperavam por isto, havia também barulho, muito barulho.

Derek sussurrou – Da última vez que estive aqui, isto aqui estava quase abandonado.

- Quase? – Yourdon ergueu a sobrancelha.

- Encontramos uns brutos esquisitos do lado de fora, mas o interior do templo estava vazio. Pensando bem, é mesmo! Abrimos uma passagem para fora...

- Brutos? – indagou Hana.

- Uma criaturas grandes, peludas e bem feiasas.

- Ótimo – disse Hana – Saindo do fogo para a frigideira.

Seguiram adiante até que um terrível fedor os envolveu. – Esse cheiro – disse Derek – É merda de bestiais.

- Verdade – Yourdon concordou.

Derek empunhou seu machado e sorriu sadicamente – há muito tempo eu não fatio bestiais. – E correu para subir o último lance de escadas até o salão interno do templo.

- Ele é louco – observou Radishi.

- Melhor irmos ajudá-lo – disse Hana seguindo-o.

O grito de bestiais a morrer ecoou no interior do velho templo. Derek havia tomado-os desprevenidos, na verdade, era uma toca de bestiais cheia de fêmeas e crias. A maioria fugiu e uns poucos se dispuseram a confrontar o cavaleiro enfurecido. Quando Hana e os demais chegaram, não havia muito o que fazer. Radishi sentiu-se enjoado, e se pudesse, vomitaria ainda mais.

Derek tinha o rosto e o corpo cobertos por sangue escuro de bestiais e sorria com um brilho insano nos olhos. – Dei um jeito neles!

Do lado de fora do templo Derek não reconheceu aquelas ruínas, agora habitadas e de algum modo, recuperadas. A gritaria dos bestiais que fugiam atraíu

inumanos daqui e dali. A velha Ilm'taak era novamente uma cidade habitada. Os quatro se viram cercados por uma centena de inumanos. O número cresceu para milhares deles e o sorriso de Derek se dissipou quando viu cerca de vinte ogros feiosos abrindo espaço entre os bestiais. Já era para terem sido trucidados, mas por alguma razão, todos aqueles oponentes mantinham a distância. Olhavam todos para Derek com assombro. Não demorou até que aquela multidão comesse a se ajoelhar diante deles colocando as mãos no chão em sinal de devoção.

- Ne kto zir. Ne kto zir. – eles diziam e isso passou a soar como um cântico – Ne kto zir!

- O que estão dizendo? – indagou Radishi.

- Não faço ideia – disse Yourdon – não se parece com a língua bestial. – Mas vejam! – indicou o machado de Derek que brilhava com luz verde e intensa e esta fluía numa espécie de cordão até chegar em Hana. Só então viram que o Orbe do Progresso, carregado na sacola da princesa também brilhava. Ela pegou-o nas mãos e ergueu-o. O cântico dos inumanos aumentou em seu fervor – Ne kto zir! Ne kto zir!

Hana sentiu um comichão no peito. Seu braço se aqueceu e sentiu fluir dentro de si imensa energia mágica.

Radishi avistou uma coisa voando e disse para Yourdon – Aquilo é um pássaro?

- Acha que se parece com um? – O mago retornou irônico.

- Ele voa... – Radishi deu com os ombros.

- Insetos voam, demônios voam...

- Sabe o que é?

- Não.

O pequeno pirilampo negro foi a única criatura que ousou chegar perto do quarteto.

- Ora, ora! Então a profecia se concretiza! – disse na língua de Saubibs, que pôde ser ligeiramente compreendida, devido às raízes comuns entre a língua lacoresa e os dialetos do Vale Verde.

- Profecia? – indagou Hana – Mas quem é você?

- O pirilampo das trevas compreendeu que falavam lacorês e ajustou sua fala – Meu nome é Cretàh, a seu dispor, senhora, senhores...

- E o que diz esta profecia? – indagou Yourdon curioso.

- Diz, Zé Maneta, que vocês virão comigo e farão como eu disser. Como eu disser, cá-cá-cá-cá!

-É mesmo? – retrucou Yourdon desafiador.

- Ou então... Eu posso dizer a eles que a vinda de vocês foi um falso sinal e serão trucidados em dois tempos. O tom da pele de Cretàh mudou de cinza pálido para cinza escuro.

-Acho melhor irmos com ele, mago – disse Derek.

-Falou e disse, ô do machado.

-Vamos então – concordou Hana – o que quer que façamos?

-Na verdade, é muito simples... Tudo que terão a fazer é ir até o altar do detestável templo iluminado. Lá o olho irá anular a luz e o machado irá quebrar a pedra.

-Não sei se entendi – disse a princesa.

-Não precisa entender não, velhota. Basta seguir minhas instruções.

Hana fechou a cara para o monstinho. Yourdon sentiu a malícia no olhar da criaturinha e sabia que se fizessem o jogo dele, seriam mortos, ou algo pior, assim que cumprissem o papel esperado. O mago indagou – Isto é sobre libertarmos seu mestre, Marlituk, não é mesmo, Cretàh?

-É sim! Muito bem, Zé Maneta! Tomei-os todos por ignorantes...

-Ele ficará grato a você, não é mesmo? – perguntou Radishi que se posicionou à frente de Hana. O tisamirense livrou-se do bloqueio causado pelo Orbe, mas não conseguiu ler os pensamentos de Cretàh. Entretanto, percebeu muito rancor nele.

Yourdon adiantou-se e recebeu pensamentos de Radishi “Percebi o que pensa. Temos que encontrar uma maneira de ganhar tempo”.

“Ele está ansioso” Yourdon pensou para o outro captar.

- Libertá-lo é algo que espera há muito tempo, não é verdade? – Yourdon voltou à carga.

- É sim. Eu terei sucesso onde outros falharam. Inclusive aquela maldita, maldita prostituta! É sim. Se eu pudesse esfregar a falha miserável dela em sua cara suja! Eu bem ia querer ver a cara aquela puta humilhada... Ah sim! Eu gostaria!

-E por que não fazê-lo? – indagou Radishi.

- Não vai dar... Esta está na bolha. Ninguém entra e ninguém sai da bolha.

-A bolha de tempo paralisado, não é mesmo? – disse Yourdon.

-Sim Zé Maneta! E é melhor que fiquem lá, todos eles lá!

- Mas ia ser bom se pudesse tirá-la de lá, só para ver sua cara quando for você que finalmente venha a libertar o grande Marlituk, não é?

- Ah – os olhinhos do miserável se derretiam com a perspectiva prazerosa – isso seria bom, sim, mas é impossível.

- Impossível? Ora não! Um pouco difícil, mas... – provocou Yourdon.

- Como assim?

- Temos o Orbe do Progresso conosco. Com ele, podemos entrar na bolha e tirar de lá quem bem entendermos.

- É verdade isso, Zé Maneta? – Cretàh voou para encarar o mago careca de perto – Não está tentando me enganar, não é?

- Sim, quero dizer, apenas um pouco.

- Um pouco? Explique-se!

- Pensei que poderíamos nos ajudar. O fato é que viemos de longe para libertar um amigo nosso que está na bolha. Então, se pudéssemos ir até lá libertá-lo, poderíamos trazer também sua inimiga. Então você poderia obter sua vingança, o que me diz?

Cretàh parou para pensar no assunto e teve uma ideia – Poderiam vocês retirar outros também?

- Sim, mas é claro!

- Então isso seria perfeito! Ora, ora, Zé Maneta! Eu poderia fazer um serviço perfeito. Levar o próprio vaso escolhido pelo Mestre para sua ascensão. Oh sim, Kel já estava preparado para receber o Mestre. Ele ficará agradecido! Ora sim!

- Façamos um trato então. Nós libertamos esse tal Kel e quem mais você desejar. Depois vamos ao templo para quebrar a tal pedra e libertar seu mestre. Finalmente, você nos deixa retornar de onde viemos com nosso amigo. O que me diz?

Cretàh deu boas gargalhadas. Cumpriria o acordo até onde fosse conveniente... Talvez até pudesse libertar Rílkare para obter de volta seu precioso objeto roubado.

- Ótimo, combinado! Esta maldita profecia está me saindo melhor que eu esperava, ora, ora!

“Ele vai nos trair” Radishi enviou pensamentos a Yourdon.

“Eu sei. É simples, precisamos apenas traí-lo antes”.

CAPÍTULO 101

Depois de alguns anos vivendo em Tchilla, Archibald jamais pensou que retornaria ao arquipélago dos silfos. O navio que tomou chegou no porto de Aurin alguns dias depois de deixar Lacoresh. Suas opções eram um pouco limitadas para conseguir uma embarcação para Shind, a ilha dos Orb.

A guerra civil que ocorreu há muitos anos levou à derrota dos Mikril e dos Orb e os vitoriosos, Hiokar e Farmin agora governavam o império marítimo à partir da capital em Thayfon. Porém, os mais influentes entre os Farmin residiam em Aurin. A aliança entre Lacoresh e os silfos resultou no surgimento de novas classes sociais. Os humanos de origem dos reinos do império Lacorês e os Libertos, ex-escravos de origem lacoresha que continuavam vivendo entre os silfos.

O navio que trouxe Archibald foi o segundo a vir de Lacoresh após a morte de Maurícius, mas o primeiro a trazer novidades sobre sucessão em Lacoresh. O fato de comentar nas tabernas que tinha vindo de Lacoresh atraiu a atenção de todo tipo de estranhos ávidos por novidades a respeito da queda do Velho. Archibald foi cercado por um pequeno grupo de curiosos com uma série de questões. Ele respondeu às perguntas da melhor forma que pode e despertou interesse de outros tantos quando revelou ser testemunha do início da revolta dentro do castelo imperial. Falou sobre os dias de caos que se sucederam baseando-se em depoimentos do irmão Meinard e de Nasbit.

- Diga-nos, Sr. DeReifos, o que podemos esperar do novo imperador? – indagou um dos silfos do balcão da taberna.

- Arávner não é ainda imperador, apenas o regente. Mas tenho algo a dizer sobre ele que poucos sabem. O velho era apenas um fantoche. O tempo todo, tudo que ocorreu em Lacoresh, desde a queda do Rei Corélius é obra de Arávner, que esteve sempre nos bastidores.

- Verdade – concordou um velho silfo – aqui nos arquipélagos sempre se soube que há um grupo de bruxos por detrás das ações políticas. Este Arávner era o cabeça?

Archibald confirmou com um aceno.

- Bem, meus caros, já lhes contei bastante novidades. Agora tenho que ir, pois estou numa importante missão.

Os silfos agradeceram a conversa e foram se dispersando. Um deles ficou. Era velho, baixo, magro e tinha as costas sempre curvadas. Longos cabelos cor de prata ficavam presos e enrolados numa espécie de touca e suas roupas eram simples e

discretas. Possuía olhos esbranquiçados e agitados. Mexia os lábios de maneira constante, mesmo quando não estava falando.

- Bem, Sr. DeReifos, talvez eu possa ajudá-lo com sua missão... Afinal, que negócios o trazem a Aurin?

- Poderia saber qual seu clã, Sr. Nemediir?

- Sou Nemediir dos Maki, a seus serviços.

- Então é um mago?

- Sei alguma coisa de magia, mas nunca fui muito longe, digo, para viver profissionalmente de magia.

- Há duas coisas que busco. Uma delas é saber o paradeiro de meu superior em minha ordem religiosa. Segundo, vim para encontrar com uma pessoa do clã Orb, que possivelmente está em Shind.

- O seu superior tem nome?

- Sim, Prior Weiss;

- Oh, o embaixador.

Archibald não fazia ideia de que Weiss pudesse ser um embaixador entre os silfos, mas ocultou qualquer sinal de surpresa – Sim, o próprio.

- Ele esteve em Aurin há cerca de uma semana.

- Sabe para onde foi?

- Não teria certeza, mas aposto que foi para Nish. Afinal, é onde fica sua residência.

- Sim, claro.

Archibald ponderou e resolveu abrir o jogo – Na verdade, Sr. Nemediir, não venho aqui há muitos anos. Talvez o senhor pudesse me ajudar a localizar alguns velhos conhecidos.

O velho deu com os ombros.

- Saberia onde posso encontrar o capitão Ramon ou Zoroastehf?

- Silfos como eles poderiam estar em qualquer lugar, mas não seria impossível encontrá-los aqui em Aurin.

- Quem sabe estou com sorte?

- E se eu não puder achá-los?

- Talvez possa localizar Lorde Guiss.

- Guiss? Agora entendo o quanto significa seu muitos anos. Guiss está morto, ou preso. É bem sabido que era um dos principais abolicionistas.

Archibald detectou uma pontada de malícia no olhar do velho silfo. Sentiu que

estava sendo descuidado. Não poderia confiar assim num desconhecido.

- Bem, Sr. Nemediir, foi um prazer conversarmos, mas tenho um compromisso. Talvez possamos nos ver novamente, aqui mesmo? Posso pagar por boas informações.

- Oh, sim, mas é claro. Cuide-se, Sr. DeReifos.

Archibald saiu olhando para todos os lados com desconfiança. Haveria alguém o seguindo? Se Noran ou Sen estivessem com ele, poderiam ajudá-lo a obter informações e a avaliar o caráter de seus interlocutores. Estava só e vulnerável. Mencionar o nome de Lorde Guiss havia sido um erro. Foi direto para o porto procurar por navios que zarpassem para Shind ou Nish. Não faltavam embarcações rumo a Nish, e para Shind não encontrou nenhuma. Era muito caro contratar uma viagem exclusiva.

Perguntando aqui e ali descobriu que com um pouco de dinheiro talvez conseguisse alguma informação no escritório de registros. Descobriu que Weiss havia partido para Nish e decidiu ir para lá. Partiu no mesmo dia.

Assim, por hora, ele conseguiu evitar problemas com o Sr. Nemediir. O velho silfo e alguns de seus associados tomaram um navio para Nish no dia seguinte seguindo Archibald. Se o palpite do velho estivesse correto, estaria perto de ganhar uma gorda recompensa das mãos da poderosa Madame Lefreishtra.

CAPÍTULO 102

Weiss estava encoberto pelos vapores que emanavam da banheira quente do pequeno salão de banhos de sua luxuosa residência na capital dos silfos, Nish. Era uma antiga residência de um nobre do clã Orb. Todas as propriedades que pertenceram este clã haviam sido confiscadas pelo imperador Hiokar.

O silêncio do local era quebrado pelos sons chiados e ritmados da respiração de Weiss. Em sua mente ele recapitulava alguns dos acontecimentos recentes e decidia sobre seus próximos passos. Naquela noite, ele, o necromante Clefto e o demônio Mitzlorg visitariam a antiga escola de magia de Nish com o propósito de liberar sobre a capital os demônios aprisionados no poço.

A mente de Weiss se voltou para sua última noite em Lacoresh. Ele foi um dos únicos que conseguiu antecipar as ações de Maurícius que levariam à dissolução do conselho dos seis. Assistiu de uma das torres do palácio a eclosão do caos que tomou a capital. Soube que seria cada um por si dali para frente. Ele teria ficado lá na torre até o alvorecer, mas viu, mesmo de longe, alguém muitíssimo parecido com seu sobrinho Archibald. Havia se indagado: O que ele estaria fazendo ali? Por que teria fugido junto com a princesa Hana e Derek Machado de Sangue?

Weiss desceu da torre o mais rápido que pode, seus movimentos limitados pela perna mutilada e agora também pela velhice que avançava tomando para si seu vigor, pouco a pouco. Seguiu-os, mas não chegou a alcançá-los. No fim, raciocinou que era improvável que Archibald estivesse mesmo lá, ainda mais tendo fugido junto com Hana. Seria alguém muito parecido apenas.

Os instintos do velho monge o direcionaram para a sede da Alta Escola de Magia. Ali esperava localizar alguém para apoiá-lo em seus planos. Tarde da noite, em um dos laboratórios, Weiss encontrou alguém trabalhando. O professor Clefto havia desobedecido a ordem do Mestre Alexanus para comparecer ao baile. Para Clefto, aquilo não seria nada além de perda de tempo. Sua obsessão pelo trabalho lhe salvara a pele, pois mesmo magos ou necromantes acabaram por sucumbir sob o assalto de Maurícius e do demônio Mitzlorg.

- Clefto – veio a voz chiada de Weiss em meio à sua respiração acelerada e difícil.

O mago necromante rompeu sua concentração e o pequeno demônio que mantinha preso se libertou.

- Bosta! – vociferou Clefto.

O demônio de natureza aracnídea com longa cauda articulada correu para um canto escuro.

- Desculpe-me por isso, mas esse demonete é o menor de nossos problemas.

- Prior Weiss? O que o traz aqui? Não deveria estar no tal baile imperial? – retrucou Clefto e limpou o suor do rosto. Ele tinha mais rugas que outrora e seus cabelos haviam assumido um forte tom grisalho.

- O que me traz aqui é o fato de Lorde Mitzlorg estar solto e ancorado.

- Como isto se deu?

- Digamos que tudo que Maurícus precisava era de um pequeno empurrão para enlouquecer de vez.

- Afinal, o que está havendo?

- O fato, meu caro, é que vou precisar de sua ajuda para transportar o demônio.

- Como é?

- Nexos? Vocês tem dessas coisas aqui, certo?

- Sim, mas...

- Ele virá conosco por vontade própria, portanto não se preocupe com a subjugação.

- Ainda não compreendo.

- Estive conversando com Lorde Mitzlorg. Conteí a ele sobre algo que descobri na terra dos silfos do mar. Algo que o deixou interessado.

- Certo, mas falava sobre o imperador Maurícus.

- Temo que haverá um conflito entre Maurícus, Arávner e Thoudervon, portanto o melhor a fazer é estar longe daqui quando isto acontecer.

- Longe?

- Entre os silfos. Não me acompanha?

- Levar o demônio para a terra dos silfos? Parece uma loucura!

- Que seja. Está pronto? Podemos ir?

- E o demonete?

- Deixe-o. Mais um demônio solto na cidade não fará diferença alguma.

Weiss deixou aquelas memórias de lado e ergueu-se da banheira. Enxugou seu corpo disforme cheio de grotescas cicatrizes de queimaduras e mancou para sair pelo portão de madeira cuja pintura azul estava descascada. A propriedade tinha um mau estado de conservação. Na antessala do salão de banhos vestiu suas roupas de baixo e sobre estas um manto alaranjado longo, uma shaita branca mais curta e faixas de couro com grandes fivelas bem polidas com motivos marinhos gravados.

Era um traje tipicamente usado por nobressílficos. Escolheu uma entre muitas das máscaras penduradas em ganchos na parede. A madrepérula polida e cuidadosamente moldada em camadas formava uma bela face sílfica de expressão plácida. Era preciso poupar o mundo de sua feiura. Foram longos anos de convivência até que os silfos se habituassem a um estrangeiro como ele.

No jardim, do lado de fora, encontrou Clefto sentado no muro que dava para um barranco íngreme com algumas árvores e outras plantas que cresciam por entre as rochas. Dali tinha-se uma boa vista panorâmica da capital dos silfos, uma cidade imponente e de bela arquitetura que o necromante não parava de admirar. Acima da residência de Weiss havia apenas mais algumas outras e depois disso o palácio imperial e a antiga torre Terisoveb Vurja.

Clefto virou-se para ver o traje de Weiss e disse – Temos mesmo que vestir essas roupas ridículas?

- Ora, Clefto, não me venha com picuinhas... – disse Weiss se divertindo ao ver os trajes do outro. Uma espécie de saia esverdeada com padrão floral e duas túnicas sobrepostas, sendo uma laranja e vermelha e a outra, amarela, terminava numa shaita que cobria a cabeça do necromante deixando expostos seu rosto e as orelhas.

- Vamos, já nos esperam.

- Conseguiu, afinal?

- Sim. Foi um pouco mais difícil do que imaginava. Os Maki são restritivos com quem pode entrar em sua escola. Foi necessário recorrer ao imperador para obtermos a liberação.

- Mas o que disse a ele? Que queríamos fazer uma visita?

- Não, disse que você foi o eleito para reorganizar a ordem dos magos do império Iacorês. Pedi como um favor em consideração à cooperação entre nossos estados. Faremos um reconhecimento na torre para depois pensarmos em um modo de cumprir nossa missão.

- Não sei... O reduto dos mais importantes feiticeiros sílficos...

- Não se preocupe, Clefto. É só fazer perguntas. Demonstrar interesse em aprender. Uma coisa que esses malditos possuem é orgulho e vaidade. Devemos usar isto a nosso favor.

- Compreendo.

- Vamos então, Mestre Clefto.

CAPÍTULO 103

O encontro se deu nas ruas da cidade sob a sombra da antiga torre dos silfos. Archibald encarou Weiss e disse – Você não vai escapar com vida desta vez, maldito!

Weiss deu uma longa gargalhada sinistra e transformou-se num demônio horrendo. O ex-monge não estava preparado para confrontar tal criatura e foi envolvido por inúmeros tentáculos e depois devorado por uma imensa boca circular.

Marr acordou suando. Já era o terceiro pesadelo que teve envolvendo a figura de seu pai. Foi até a cama da mãe.

“O que foi filho?” indagou Mishtra sonolenta.

A tênue luz das luas penetrava pela janela do quarto permitindo ver os contornos dos móveis e objetos.

- Outro pesadelo – queixou-se e tocou a testa da mãe – Veja.

Após captar as imagens Mishtra transmitiu “Reconheço este local... É na capital, Nish”.

- Acha que meu pai foi para lá?

“Não sei, mas aquele homem... Acho que o reconheço. O vi muitos anos atrás, em Lacoresh. Era um dos aliados do horrível Arávner, mestre de Noran. Vi-o algumas vezes no tempo em que fui prisioneira na fortaleza do necromante.”

- Mãe, acho que devemos ir até Nish para avisar meu pai. Desviá-lo de se encontrar com o tal *necromame*.

“Necromante, filho. São perigosos bruxos das trevas”.

- Isso, necromante. E então, o que acha?

“Não filho, sair daqui é muito arriscado”.

- É assim que vamos viver? Escondidos para sempre?

“Não diga bobagens. Agora durma...”

- Não consigo dormir. Não quero voltar a ter pesadelos.

“Vamos orar, filho, pela proteção da Deusa. Que ela proteja seu sono”.

O jovem Marr rezou com todas as suas forças, mas os pesadelos não o abandonariam tão facilmente. Mishtra observava o filho virar-se na cama e murmurar palavras de desespero. Aquilo cortava seu coração.

CAPÍTULO 104

A distância entre Ilm'taak e a fronteira da bolha temporal não era grande. O pirilampo Cretàh farejava algum ardil por parte dos forasteiros. A escolta de cerca de vinte bestiais e dois imensos ogros feiosos seria suficiente para esmagá-los no caso de uma traição. À medida em que se aproximavam do local a tensão crescia entre os lacoreses. Não sabiam ao certo qual efeito o orbe causaria no local da prisão. Os ruídos da floresta foram diminuindo até que só podiam ouvi-los vindo de trás. Adiante havia silêncio absoluto. Yourdon olhou adiante e viu um pássaro no ar, congelado em pleno voo.

- Você! – ordenou Cretàh dirigindo-se ao ogro de queixo volumoso, gordo e cheio de varizes. – pegue um dos peludos.

O ogro levou um tempo para registrar a ordem e ergueu um dos bestiais conforme a vontade do duendezinho negro.

-Jogue-o lá!

O ogro deu um passo para frente e arremessou o bestial que rodopiou no ar gritando até que seu movimento ficou progressivamente lento e parou, ainda no ar, a poucos palmos do chão.

Cretàh disparou a gargalhar – Cá-cá-cá-rá! Viram só? Cá-cá-cá! Olhem a cara dele!

Os bestiais e ogros caíram na gargalhada acompanhando o pequenino.

- Ora, ora! Vocês! – ele apontou para os estrangeiros – Com mil demônios! Riam, riam!

A risada de Derek veio fácil, mas os demais forçaram-se a rir para agradar o ser sádico.

-E agora? – indagou Yourdon.

-Você, velhota! Vá adiante com o olho em mãos e busque-o para mim!

Hana hesitou e Yourdon disse – Não, espere! Não temos certeza dos efeitos do orbe sobre esta zona. Se o artefato se sobrecarregar corremos o risco dela ficar presa e não ser possível libertar aqueles que realmente importam.

-Deixe de ser cagão, Zé Maneta!

-Escute Cretàh – propôs Yourdon – Façamos um teste.

O pequenino espremeu os olhos e alargou os lábios deixando-os finos, formando um arco descontente.

-Derek, vá até o bestial e traga-o até nós.

-Iditota, ele vai... – Cretàh calou-se ao ver o cavaleiro alcançar o bestial

sem ser paralisado. Derek arrastou-o no ar usando força para movê-lo para fora da zona. Colocou-o no chão, mas a criatura ainda estava travada.

-Hana – pediu Yourdon – use o orbe.

A feiticeira ajoelhou-se ao lado do bestial e segurou o orbe levando-o para perto da besta. A criatura girou e debateu-se de modo nada natural, mas logo ergueu-se atordoado e correu apavorado.

-Não é que funcionou? – veio Cretàh – Como fez isto?

Radishi disparou seu ataque psíquico contra o pirilampo deixando-o atordoado por um instante. Ao mesmo tempo, falou na mente de Derek e Yourdon “Agora!”

Derek girou seu machado atingindo o pirilampo com a parte chata e arremessou-o longe, como um bastão isolando uma pedra.

Os bestiais e ogros esboçaram uma reação, mas tiveram a visão ofuscada por um brilho intenso convocado por Yourdon. Em seguida, Radishi, Yourdon e Derek se aproximaram de Hana e o quarteto correu em direção à zona paralisada. O orbe anulava os efeitos num pequeno raio de três metros ao redor da feiticeira. Os bestiais e ogros iniciaram uma perseguição, mas foram capturados na borda da bolha como moscas no melaço.

-Deu certo! – comemorou Radishi.

-Mas é claro que deu certo, era meu plano, afinal! – gabou-se Yourdon.

- Não contemos vitória antes da hora – Hana mostrou que o orbe brilhava e vibrava de um modo peculiar e nunca antes observado por eles.

-Vamos rápido – disse o discípulo de Thoudervon – o artefato parece instável.

No interior estava silencioso. Podiam escutar os próprios passos e suas respirações ofegantes. Logo puderam ver a trilha na qual centenas de inumanos do cortejo de Kel estavam aprisionados.

Hana avistou Calisto com o escudo baixo e um bastão na mão esquerda. Cacos de cristal formavam uma bolha no ar e daí emanava uma forte energia de cor amarelada. Um homem forte, de aparência demoníaca, tinha a espada negra descendo sobre Calisto apenas a um palmo de atingi-lo.

-Ali está Calisto – Hana apontou e Derek foi buscá-lo.

Derek arrasou Calisto, duro com uma estátua, para longe do Rei Kel desviando-se de mortos-vivos e bestiais, aqui e ali.

Enquanto isso, Radishi reconheceu velhos companheiros e murmurou – Kyle, Gorum, Kiorina...

Hana viu a expressão de horror estampada no rosto de seu filho e sentiu seu estômago revirar. O que diria ele? Como ele reagiria ao saber que ela era sua mãe?

Aquela perspectiva a deixou apavorada. Ela disse – Deixe-o aí!

Derek franziu o cenho sem entender.

Hana gaguejou – Pri-primeiro va-vamos re... reunir os demais.

- Veja Derek – apontou Radishi – É Gorum. Está cercado pelos bestiais.

Derek buscou o grandalhão e logo Radishi disse – Precisaremos de Kyle, Kiorina e Ector.

- Exatamente para quê? – indagou Yourdon. – Até onde sei, precisamos apenas de Calisto, conforme Thoudervon instruiu.

- Verdade – Hana disse encarando o tisamirense com expressão inquisidora.

- Eles são meus amigos, eu concordei em ajudá-los, então...

- Sério? Isto não me convenceu.

- Pensem, não é óbvio? Acham que teremos alguma chance de retornar a Lacoresh sem tomar o túnel em Ilm'taak? A cidade está repleta de criaturas e o monstinho não estará nada satisfeito... Então, precisaremos de toda ajuda possível para entrar em Ilm'taak e alcançar o portal.

- Faz sentido – concordou Hana – Derek, traga-os também.

- Aquele ali também – Radishi apontou para Öron.

- Quem é este silfo? – quis saber Yourdon.

- Noran me falou sobre ele. É um nativo e poderá nos ajudar.

- Alguém mais? – indagou o mago.

- Aqueles dois – Radishi apontou para Rílkare e Poul.

- Mas eles parecem estar atacando o silfo – observou Hana.

- Estão sob a influência de Marlituk, mas assim como Kyle rompeu o controle em Öron, penso que poderei libertá-los.

Enquanto Derek reunia todos aqueles, o orbe absorvia cada vez mais energia.

- Olhem, mas que merda! – Yourdon apontou para o Rei Kel. Sua espada havia descido lentamente até tocar o solo.

Olharam à volta e viram que todos passaram a dar pequenos sinais de movimento.

Princesa Hana, rápido! – pediu Yourdon.

Ela hesitou, mas direcionou a energia do orbe para seu filho, Calisto. Ele tremeu de modo semelhante ao bestial, encolheu-se e gritou – Não!

O choque de se ver no chão e longe de Kel, com Derek e Hana próximos de si deixou-o confuso.

- Hana, afaste-se – pediu Radishi.

Radishi esforçou-se para estabelecer elo mental com Calisto. O orbe atrapalhava, mas suas mentes já se conheciam. Radishi havia treinado Calisto quando ele era barão das terras de Fannel.

“Professor? Mas que diabos está havendo?”

“Vou esclarecer tudo... Abra sua mente...”

Ao mesmo tempo, Youdon disse – Princesa, os demais, rápido!

Hana despertou Gorum depois que Derek retirou a espada de sua mão. Durante o despertar ficavam agitados e potencialmente perigosos.

Derek disse – Cavaleiro Gorum, acalme-se! Estamos bem, veja!

Gorum levou uns instantes para perceber o que se passava. Enquanto isso foi a vez de Kyle despertar. Tremeu um pouco, abriu os olhos, observou ao seu redor e, muito calmo, sorriu.

Hana disse – Ao menos alguém não voltou enlouquecido. Kyle se levantou o avaliou a situação. Ajoelhou-se ao lado de Kiorina e envolveu-a num abraço. Levou-a até Hana. A princesa compreendeu o olhar de Kyle e direcionou a energia do orbe para a ruiva. Ela tremeu e gritou desesperada ao despertar. Kyle segurou-a e suspirou em seu ouvido – Acalme-se Kina, está tudo bem...

De olhos fechados, Ector tagarelava sem parar – Morri, morri, morri...

Yourdon chutou-lhe o traseiro – Ora, seu fedelho, pare de uma vez com essa choradeira!

Kyle pediu que Öron fosse despertado. O meio-silfo olhou à sua volta atordoado. Ainda sentia no peito o toque gelado do espectro de Marlituk. Lágrimas rolaram por sua face. – Você... – ele apontou para Kiorina – Eu já vi você... – surpreendentemente, ele se viu falando em lacorês com ela.

Kiorina estranhou, pois era a primeira vez que examinava aquela fisionomia. Öron olhou ao redor e disse – São as pessoas das minhas visões! Mas o que está havendo?

-Escute-me, Öron – disse Kyle – Não há tempo para explicações.

Kiorina observou Yourdon e apertou os olhos sob vago reconhecimento. Estava tão diferente que realmente não o reconheceu. – Não o conheço de algum lugar?

O mago simplesmente negou com um aceno e olhou para baixo, encabulado.

Kyle pediu – Ajudem-me a segurar Poul.

Ele, Öron, Derek e Gorum seguraram os braços e pernas do imenso lenhador. Hana ativou o orbe e Poul se debateu violentamente.

Radishi e Calisto comunicavam-se em alta velocidade. Uma conversa que equivaleu a cerca de meia hora deixou Calisto atualizado sobre a situação.

Ambos direcionaram um ataque psíquico em conjunto sobre a mente e o corpo do lenhador. Tiveram êxito em expulsar o espectro maligno que contaminava a mente do homem.

Em seguida, fizeram o mesmo com Rílkare.

- Não podemos salvar meu primo, Keledrel? – pediu Öron.

Kel já os olhava com ódio e em seu redor começou a crescer uma aura de energia negra.

- Não vai dar Öron. Vamos! – chamou Kyle – Todos!

Saíram todos dali, alguns ainda confusos.

- Logo os demais estarão todos livre – advertiu Kyle – pode ser em minutos, ou horas.

Viram ao longe os bestiais e ogros, alguns presos e outros circundando a área.

- Vamos dar a volta – sugeriu Calisto. Tentava assimilar as revelações de Radishi. A libertação de Marlituk fora adiada. Ficaram presos ali por oito anos. Lacoresh havia se tornado um império. Thoudervon queria-o de volta. Não conseguia pensar direito. O que fazer? Talvez, se possuísse o orbe, ou até mesmo, se trabalhasse em conjunto com a princesa, teriam alguma chance contra Thoudervon. Seria possível vingar-se dele?

- Vejam – indicou Ector.

O Rei Kel corria na direção deles, mas apesar dos movimento de corrida, sua velocidade efetiva era de uma caminhada lenta. Um raio negro projetou-se na direção deles, algo que seria rápido demais para se desviar. Veio lento e todos puderam se desviar facilmente.

- Cuidarei dele – declarou Derek.

- Sem chance! Ele é meu! – disse Poul enfurecido. Na medida em que Poul se afastou do grupo e do orbe seus movimentos foram ficando mais lentos. Derek tomou sua frente e gargalhou ao deixá-lo para trás. Era o único capaz de circular normalmente fora do alcance do orbe.

Derek colocou a língua para fora e ergueu seu machado. Partiria o Rei Kel em dois, mas antes que pudesse perceber, o Rei atravessou-o com sua espada de energia negra condensada.

- Cacete-Ele-Ficou-Rápido! – disse Ector tudo de uma vez.

Hana gritou – não!

Calisto disse com pesar – Derek, seu tolo!

Derek largou o machado que girou no ar lentamente. Levou as mãos ao peito ao cair no chão, de joelhos. O sangue escorria e o cavaleiro não pode acreditar ao ver a morte se aproximando.

Preparem-se! – disse Kyle.

Calisto e Radishi dispararam um ataque psíquico contra Kel, mas ao tocarem a mente da criatura ambos forma violentamente repelidos e caíram no chão.

Örion constatou – Ele se fortaleceu...

Kyle não pode avançar para salvar Poul. O lenhador, ainda movendo-se lentamente, foi alvo fácil para o golpe de Kel que decepou-lhe a cabeça.

Kyle aguardava encarando o homem-demônio nos olhos. Controlando a respiração centrou o Jii em seu peito fazendo-o fluir para as mãos. O golpe invisível zuniu para Kel como uma flecha atingindo-o na testa. O demônio tropeçou e rolou ficando a poucos metros do grupo.

-Princesa – disse Kyle – use o objeto para potencializar um feitiço de exorcismo.

Hana não era uma necromante muito experiente e estendeu o orbe para Youdon pegá-lo. – Faça Yourdon.

Kiorina arregalou os olhos ao ouvir o nome sendo pronunciado. Como num estalo, reconheceu-o. Sentiu-se atordoada. Ela julgava que ele fosse responsável pela morte de seus pais. Antes que ele colocasse as mãos no objeto Kiorina avançou e tomou-o de Hana. Ao tocá-lo sentiu uma imensa energia mágica fluindo dentro de si. Seus olhos se acenderam com chamas intensas e encarou Youdon com ódio.

-Kiorina, o demônio! – avisou Kyle.

Ela apontou um braço para Youdon e outro para Kel. Yourdon tentou convocar um feitiço de barreira, mas a magia se esvaiu e fluuiu para dentro do orbe. Jatos de chamas intensas saíram de Kiorina nas duas direções atingindo Yourdon e Kel. Tal era a potência da magia que em instantes a carne se queimou deixando apenas esqueletos carbonizados no lugar. Um espectro negro projetou-se para fora do corpo de Kel e avançou contra o grupo, porém foi repelido ao confrontar-se com o Orbe do Progresso.

Calisto levantou-se indignado – Você matou Youdon? Como pode?

Chamas emergiram ao redor da feiticeira – Cale-se se não quiser queimar!

O espectro que concentrava uma grande porção da essência de Marlituk recuou e penetrou no corpo de sua serva, a bruxa Zeah. Aos poucos, ela se libertou.

Kyle a repreendeu – Droga, Kiorina! ele precisava ser exorcizado, não queimado! Ele vai voltar e voltar... Temos que sair.

- Cale-se! Você não entende! O poder... Eu posso... – o orbe havia absorvido uma quantidade imensa de energia e estava a ponto de falhar.

-Não Kiorina! – advertiu Kyle.

Zeah olhou para Kiorina com ódio e lançou um feitiço sobre os bestiais, mortos-vivos e tardos. Seus movimentos começaram a se recuperar. Kiorina passou a queimar todos os que avançavam na direção deles.

- Kiorina, escute, isto é uma distração! – Kyle viu Zeah correr velozmente na direção de Ilm'taak.

- Cale-se! – Kiorina esbofeteou Kyle fazendo-o voar uns metros para trás e rolar sobre o solo.

- Kyle! – gritou Gorum preocupado. Kyle estava ferido e perdera a consciência. O gigante correu para Kyle erguendo-o no colo. Kiorina olhou para o rosto de Kyle, ferido e sangrando e sentiu remorso.

- O que eu fiz? – lágrimas correram por sua face e ela largou o orbe no chão.

- Não! – gritou Hana. Um grande fluxo de energia fluiu descontrolado para o Orbe. Ector atirou-se na direção do artefato e envolveu-o com as mãos contendo os efeitos que aceleravam a libertação dos demais inumanos do derredor.

Kiorina foi até Gorum e disse chorando – Ele não está...

Kyle piscou os olhos e sorriu para Kiorina. Neste meio tempo, recobravam os movimentos os bestiais, mortos-vivos, ogros e alguns dos agentes do Rei Kel, como os silfos Keledrel e Ardívila, o mercenário Skallurè, etc. Estavam ligeiramente atordoados, sem entender o que se passava.

Ector ponderou sobre o que Kyle havia dito. Tudo se resumia a uma corrida contra o tempo.

Sentia o orbe faiscar em suas mãos e disse – É hora de fazer algo em que sou bom: retiradas! – convocou um feitiço de levitação sobre ele e todos os companheiros. Assim que flutuaram, ele convocou ventos que vieram bem mais fortes que esperava. Foram soprados para o alto de modo desordenado. Giravam sem peso na altura das copas das árvores que envolviam a clareira. Abaixo, os oponentes atiravam flechas e pedras.

Hana ativou um feitiço de voo e buscou Calisto para conduzi-lo pelo ar. Olhando para baixo ela deteve o olhar sobre o corpo de Derek. Seus olhos se encheram de lágrimas e o impulso de vingar-se do demônio cresceu dentro de si.

- Vamos mago – Hana apontou na direção das torres longínquas de Ilm'taak. Concentre-se e traga os demais. Um pedregulho atirado por um ogro zuniu ao lado de Ector e ele forçou-se a concentrar-se no que precisava ser feito. Produziu cordas que atirou aos demais. Rebocou-os, num voo desajeitado, seguindo Hana e Calisto na direção de Ilm'taak.

CAPÍTULO 105

Os músculos do corpo da bruxa Zeah eram levados a seu limite comandados pela vontade do mais forte entre os espectros de Marlituk. O demônio chegara àquela terra há muitos milênios desejando conquistá-la, mas fora detido e aprisionado. Sua libertação estava próxima, mas entendendo os limites do corpo de Zeah, foi forçado a diminuir o ritmo da corrida para um trote. Ela suava e ofegava copiosamente despreparada para tal atividade física.

Kyle e os demais eram conduzidos por Ector num voo desajeitado. O objetivo era localizar a bruxa. Por entre as frondosas copas das árvores da floresta proibida viam-se as muitas torres da antiga Ilm'taak cobertas de vegetação. Procurar o alvo no solo não era uma tarefa fácil.

- Lá, acho que a vi! – indicou Kyle. Ector ia adiante e olhou para trás para ver para onde ele apontava.

- Vi também – disse Ector.

- Aproxime-se! – ordenou Kyle.

Voar controlando a força dos ventos não era fácil, ainda mais levando a reboque seis outras pessoas. Ector ziguezagueava no ar tentando se aproximar da bruxa sem muito sucesso – Pelos deuses, Ector! Para lá! – gritou Kiorina.

Hana voava em separado e carregava Calisto. Ela reduziu a velocidade, pois era preciso manobrar para desviar-se de galhos aqui e ali. Ainda assim, conseguiu pousar entre a bruxa e o caminho para a cidade. Calisto disse mentalmente “Manteremos um elo mental daqui por diante”.

Hana surpreendeu-se com a voz que falou em sua mente e sussurrou – Sim.

As pernas de Hana fraquejavam, pois voar conduzindo Calisto por tanto tempo minou suas forças. Mal podia ficar de pé e apoiou-se no tronco de uma árvore de menor porte.

Calisto sacou sua espada e estudou a oponente que se aproximava. Um ataque mental direto não havia funcionado, mas talvez uma leitura superficial de pensamentos e intenções pudesse favorecê-lo.

“Não se arrisque, Calisto” alertou Hana “precisamos apenas distraí-la até que os demais cheguem”.

Calisto pode captar que a bruxa não estava para brincadeiras. Convocou um raio de energia esverdeada que o teria atingido não fosse sua capacidade de antecipar aquela ação. Ele rolou para o lado em meio ao terreno acidentado e buscou cobertura. Hana também escondeu-se atrás de um tronco e Zeah teve que se aproximar para tentar avistar um dos dois. A respiração ofegante de Hana

denunciava sua posição e Zeah avançou em sua direção, mas antes que a atacasse sons de galhos quebrando acima dela desviaram sua atenção.

O pouso de Ector e dos demais não foi nada elegante. O mago rolou alguns metros segurando-se firmemente ao orbe enquanto os demais se bateram contra galhos, antes de atingir o solo. Ao cair, Kiorina torceu o tornozelo e gritou de dor e foi tomada pela ira novamente. Gorum ficou preso a um galho maior a mais de cinco metros do chão, enquanto Öron e Kyle aterraram relativamente bem. Rílkare teve a queda mais azarada e teve severas contusões após bater-se contra vários galhos e de cair de costas no chão. Radishi agarrou-se a um galho de outra árvore bem no alto, sem sofrer nada além de arranhões.

Hana aproveitou-se da ruidosa distração para se afastar de Zeah de novo. O espectro de Marlituk teve a atenção depositada em Kiorina, pois sua volatilidade de emoções favorecia sua atuação. Por pouco não obtivera êxito em assumir o corpo da feiticeira quando ela esteve com o Orbe do Progresso em mãos, mas agora...

Zeah saltou de maneira impossível para um humano e caiu perto de Kiorina. Kyle interpôs-se entre os dois assumindo sua postura de luta já totalmente focalizado para o confronto. Zeah, mesmo após vivenciar pouco tempo de possessão, já mostrava sinais da corrupção física que o demônio lhe impunha. Os olhos brilhavam vermelhos como brasas e o rosto estava deformado e alongado. A mandíbula havia se alargado e o sorriso enorme mostrou um arcada de dentes pontiagudos e tortos. Suas unhas estavam crescidas como pequenos punhais. Ela alargou as narinas numa sonora cheirada e disse – Vou devorá-lo cavaleiro e sua garota será minha sobremesa. – então saltou sobre Kyle como faria um predador faminto.

Kyle atirou-se no chão e ergueu as pernas colocando-as na barriga de Zeah. Usando força do impulso da oponente empurrou-a para trás para se chocar contra um grosso tronco de árvore. A bruxa estrebuchou no chão e Öron advertiu – O espectro está deixando o corpo!

Antes que pudessem se dar conta viram Kiorina se levantar com o mesmo brilho maligno nos olhos.

Kyle murmurou – Não... Ela não...

A ruiva encarou Kyle com o riso maligno nos lábios.

- Mudei de ideia – a voz dela soou pesada e carregada – primeiro a sobremesa, agora o jantar. Mwaháhá!

Ector aproximou-se com orbe em mãos disposto ajudar sua amiga imaginando algum modo de expulsar o espectro.

Kiorina, com uma força sobre-humana, arrancou um pedregulho do meio das raízes da árvore e arremessou-o contra Ector numa velocidade incrível. Este atingiu o rapaz em cheio. Um som de estalo partiu do peito do rapaz. Ele girou no ar e caiu

no chão emitindo um fraco gemido. O orbe escapou de seus dedos e rolou para o lado para baixo de um monte de folhas secas.

-Idiota! O orbe não pode protegê-lo disto, Mwahhahá!

Calisto observou a cena escondido atrás de uma rocha e transmitiu pensamentos “Hana, o orbe, ali!”

A princesa captou a mensagem e iniciou uma aproximação cautelosa. Enquanto isso, Ôrion lançou um feitiço sobre Kiorina. Animou alguns cipós da árvore que se enroscaram no corpo dela. Como resposta, ela convocou fogo em torno de si e libertou-se em poucos instantes. Em seguida, projetou uma forte bola de fogo contra o silfo que mal escapou de ser diretamente atingido. O projétil explodiu em contato com o solo atrás dele atirando-o para diante. Kyle teve que proteger os olhos de estilhaços e sentiu a forte onda de calor da explosão.

O cavaleiro concentrou o Jii nos braços e no peito e desferiu um golpe distante. Kiorina foi atingida no ombro e a dor aguda fez com que perdesse a concentração para o próximo feitiço que já evocava contra Kyle.

Kyle percebeu a aproximação de Hana e correu para o outro lado na esperança de atrair a atenção do espectro. Isto funcionou, pois ele sentia um prazer especial em escutar Kiorina se manifestando desesperada no pano de fundo de sua mente. Ela via o que seu corpo estava fazendo, mas não conseguira fazer nada além de gritar em seus pensamentos “Saia de mim! Seu maldito! Saia! Se fizer mal ao Kyle vou queimá-lo até que vire cinzas!”

A possuída atirou bolas de fogo contra Kyle que saltava e rolava com agilidade para escapar. A última não o atingiu, mas a explosão projetou-o no chão rolando.

Calisto transmitiu a Hana “O exorcismo! É o único jeito.”

Hana pegou o orbe e disse – vou tentar.

Kiorina virou-se para encarar a herdeira do império lacorês. Hana começou a pronunciar as palavras sagradas na língua morta dos Holmös. Escutar aquela ladainha causou profunda irritação no espectro que convocou sua lâmina negra e golpeou o tronco de uma árvore. Um enorme estalo soou e com um laço de energia negra o espectro puxou o tronco na direção de Hana. Suas pernas bambearam e ela ficou paralisada vendo o tronco crescer em sua direção. Calisto correu e conseguiu salvar a mãe no último instante. Rolaram no chão escapando por um triz.

Hana levantou-se e retomou o ritual. Do alto de uma árvore próxima o tisamirense, Radishi, tentava encontrar uma maneira de ajudar seus companheiros lá embaixo. O espectro bem sabia das capacidades do orbe, mas Radishi conseguiu implantar uma sugestão sutil em sua mente. “O orbe está perdendo seu poder defensivo. Alguns ataques com magia serão suficientes...”

O espectro seguiu a sugestão e atacou Hana com uma bola de fogo, mas esta foi absorvida pelo objeto. Tentou seu chicote de energia negra, mas também foi

repelido.

- Argh! Perda de tempo – gritou furioso.

Abaixou-se para pegar outro pedregulho, mas quando ia lançá-lo contra Hana, foi atingido por outro golpe distante de Kyle que fez com que o pedregulho caísse de lado. A voz de Hana aumentou e soava cada vez mais confiante e potente. Agonizando, o espectro resistia ao exorcismo, pois não queria abandonar aquele corpo. Cravou as unhas nas maçãs do próprio rosto rasgando a pele de Kiorina. Lágrimas rolaram nos olhos da feiticeira que após fortes convulsões caiu sentada livre do espectro demoníaco. Fortes dores e cansaço extremo a dominaram. Desmaiou.

O espectro abandonou-a na forma de um grande ovo negro que se debatia em pleno ar. Uma voz horripilante e sussurrada que veio junto com o vento que se espelhava em todas as direções, disse – Malditos! Malditos sejam! Eu os devorarei!

Hana avançou com o orbe sobre a bolha de energia negra em convulsão e um zumbido seguido de forte flash de luz azul fez com que a criatura desaparecesse dali

Örion se levantou. Estava chamuscado e ardido, mas não seriamente ferido e indagou – O que fez com ele?

- Enviei-o para longe. Bem longe, assim espero.

Kyle foi até Kiorina e constatou que apesar de ferida, ainda respirava. Pegou-a no colo e foi para perto dos demais. Via todos, exceto Gorum. Calisto foi até Ector examinou-o e comentou em voz alta – Outra baixa... Se continuar assim estaremos todos mortos antes do fim do dia.

- Onde está a bruxa? – indagou Hana.

- Escapuliu – retrucou Kyle.

Não muito longe dali, Örion verificou que Rílkare estava inconsciente e parecia ter o braço quebrado.

- Ei silfo – Gorum chamou com sua voz possante em sílfico – Aqui, aqui em cima!

Örion viu Gorum na copa da árvore cujo tronco alto e perpendicular era difícil de escalar.

Kyle alegrou-se ao ver que Gorum estava bem – saiu-se por cima nesta batalha, hã Gorum?

- Engraçadinho...

- Bah – Calisto rosnou tremendo as bochechas – você são retardados, ou o que?

Kyle examinava escoriações em suas mãos e braços e disse – Relaxe, ao menos sobrevivemos.

- É? Por quanto tempo, cavaleiro Blackwing? Me diga como

retornaremos a Lacoresh agora que os dois magos que sabiam operar o portal sob as ruínas estão mortos?

Kyle ficou sério e encarou-o dizendo – daremos um jeito.

A mobilidade do grupo era bastante limitada devido aos ferimentos de Rílkare e de Kiorina. Procuraram se afastar o máximo possível de Ilm'taak. A noite se aproximava e Rílkare deu a ideia de buscarem refúgio na velha cabana de Poul, não muito longe, a sudeste. A cabana estava abandonada e seu derredor tomado pela vegetação, mas ainda assim, era um lugar razoável para passarem a noite. Abaixo podia-se ver a vila de Pinnus, também abandonada.

Estava tudo empoeirado, mas ao menos Kiorina conseguiu estabelecer um fogo na lareira de pedras. O poço não estava seco e conseguiram colher algumas raízes nas imediações para preparar uma sopa. A princesa engoliu seu orgulho de nobreza e também comeu da única tigela que compartilharam. Amargava a perda de Derek e não estava para conversas.

Calisto estava ávido para saber notícias de Lacoresh e a única pessoa disposta a informá-lo era Radishi. Conversaram um pouco sobre isto durante a refeição.

Depois de comer, Kiorina adormeceu. Estava cansada e uma terrível culpa relativa às mortes de Yourdon e Ector a dominou. Teria terríveis pesadelos naquela noite e em muitas mais ainda.

Rílkare também remoiava a respeito do período que esteve sob influência dos espectros de Marlituk e de todas as coisas terríveis que fez e viu na torre negra de Zeah.

Gorum comeu e foi dormir logo. O dia fora exaustivo, afinal.

Kyle anunciou – ficarei de guarda no primeiro turno – e deixou a casa.

Örion observou-o e resolveu segui-lo. Aos poucos reconheceu as figuras de Kiorina e Gorum das visões que tinha enquanto dormia. Era óbvio para ele que estava ligado a Kyle, mas de que modo?

Os dois reconheceram a presença um do outro mas nada disseram. Örion sentou-se na escadaria da cabana e ao lembrar-se de Poul, chorou.

Kyle puxou assunto – Por que chora?

-Poul... Ele era uma pessoa de bom coração. Só queria salvar a esposa. E no final... – Örion soluçou – morreu sem conseguir fazer isto.

-Talvez em sua próxima vida possa unir-se a ela novamente.

-Próxima vida? – Örion riu-se – A vida e o pós vida estão sendo todos consumidos pelas forças das trevas... Está tudo sendo destruído, Sr. cavaleiro.

- Pode me chamar de Kyle, mas diga-me, Örion Erendon, sabe algo sobre nossa ligação?

-Ligação?
-Sim, foi por isso que veio aqui fora, não é?
-Sim, mas não compreendo...
-É estranho dizer assim, mas vamos lá... Somos irmãos!
-Irmãos? – Örion riu para dentro como era o seu costume – Eu sou um silfo, você é humano. É impossível sermos irmãos.
-Será mesmo? O que sabe sobre seu pai?
-Ele era um viajante. Nunca o conheci.
-Nunca foi tratado de modo diferente pelas pessoas do seu povo?
-Na verdade, sim.
-Isto acontece por que você não é um silfo de puro sangue. É um mestiço, meio homem, meio silfo.

Örion queria e estava pronto para rejeitar tal ideia, mas aquilo fez sentido. Tornara-se adulto muito mais rápido que os demais membros de seu clã. Os anciãos, sempre estavam contra ele de algum modo, exceto por seu avô.

-E daí? O mundo está cheio de famílias com irmãos... Isto não faz com que eles troquem de lugar uns com os outros em sonho.

-É verdade – reconheceu Kyle. – Em minhas visões concedidas pelo Oráculo, nunca consegui saber com certeza por que passei a ter visões de sua vida. Sei apenas que isto começou depois de ser tocado por um garoto, um místico dacsiniano, chamado Renê L'amien.

Örion deu com os ombros – isso também não me diz nada... Talvez o livro de Aznevondor tivesse uma resposta para esta questão... Mas temo que nunca mais possa localizá-lo.

-Onde estava tal livro?
-Na fortaleza da torre negra, mas duvido que após tantos anos ainda esteja lá.

-Entendo.
-Este oráculo seu, o que lhe revelou?
Kyle gargalhou – Ah, coisa demais. Futuros e mais futuros.
-Mesmo?
-Sabe então o que vai nos acontecer?
-Nem tudo. Mas algumas coisas parecem inevitáveis.
-Como o que?
-Um período de trevas e a ascensão de forças do mal em todo o

mundo.

- Se isto é tão certo, então por que lutar? Por que resistir?

- Penso que haja meios para tornar isto um período passageiro. O que mais temo é que as trevas vençam em definitivo e tomem este mundo, e os seus, para sempre.

- Que diferença sempre faz? Estaremos todos mortos, cedo ou tarde.

- O problema é que estamos presos a este mundo. Morremos hoje e renascemos amanhã para herdar o mesmo mundo e seus problemas.

Örion balançou a cabeça – Não sei... Já ouvi ideias assim, uma vez, mas não creio em nada disso.

- Não crê na vida após a morte?

- Há o pós vida, mas para meu povo, isto é simplesmente voltar a integrar-se à natureza, não como pessoas, mas como árvores e animais.

- Se podem retornar como bichos, o que os impediria de voltar como homens, ou silfos?

- Não faz sentido. E o que acontece com as lembranças? Se elas se perdem, sua identidade se perderia. Nunca conheci ninguém que disse ser um antepassado renascido.

Kyle deu com os ombros – Olha Örion, isso tudo pareceria meio maluco para mim até que há pouco tempo, tive experiências que me provaram o contrário.

- Como o que?

- Lembrei-me de vidas passadas. Apenas isto.

- E como sabe que isto não foi apenas um sonho? Alguma confusão mental?

- Como você sabe que você é você mesmo?

Örion riu-se – a última coisa que pensava de você é que fosse ligado à metafísica.

Kyle sorriu. – Me surpreendo com isso também. Se eu pudesse falar disso tudo com o Archibald...

- Quem é este?

- Um velho amigo, que não vejo há um bom tempo. Pensei que viria para libertar-nos, mas estava enganado.

- Parece que o futuro está constantemente nos enganando.

Kyle colocou a mão sobre o ombro de Örion – É verdade, meu irmão. É verdade.

Örion sorriu sentindo-se melhor.

Eram estranhos, mas tinham, afinal, uma afinidade real. Talvez tivessem sido irmãos em outras vidas.

CAPÍTULO 106

Archibald contou o dinheiro que ainda tinha. Não era muito. Pensou que daria para alguns dias, mas os preços na capital eram mais altos que os de Aurin. A cidade era enorme, mas depois de ter vivido em Tchilla, nenhuma cidade parecia ser verdadeiramente grande. Nish era uma cidade de ladeiras, dividida em duas partes: a alta e a baixa. Num confuso e apinhado mercado na cidade baixa tratou de comprar algumas roupas baratas para vestir-se como um silfo. As mais baratas eram roupas escuras, pois eram muito quentes. Depois de subir tantas ladeiras naquele dia de céu limpo e tempo ensolarado Archibald sentia-se suado e desconfortável.

Não foi difícil localizar a embaixada lacoresa. Era o lugar na cidade alta para onde muitos lacoreses e homens dos reinos anexados se dirigiam. Viver entre os silfos ainda era uma coisa complicada para homens. Muitos levavam queixas ao local. Era uma casa bonita com um jardim muito bem cuidado. Dezenas de bancos de madeira ficavam na varanda que circundava a casa. Ali, homens e mulheres aguardavam para serem ouvidos. Archibald pegou uma senha se sentou-se junto aos demais.

Ele puxou assunto – É minha primeira vez aqui. Demora muito para se atendido?

Um homem bigodudo de expressão sofrida respondeu – Oh, sim, o dia todo! – tinha um sotaque carregado e Archibald deduziu que fosse homenaseano.

Archibald deu com os ombros – Ouvi dizer que o embaixador está na cidade.

- É mesmo? – retrucou o bigodudo – E daí?

- Acha que eu conseguiria falar com ele pessoalmente?

- Duvido muito... O velhaco mascarado deve bem estar em sua mansão, ou no palácio do imperador. É elevado demais para dar atenção à ralé, como nós.

- Sei. A mansão dele, sabe onde fica?

- Sim, acho que dá para ver dali da frente.

- Poderia me mostrar?

- Hoje não...

- Hoje não? Como assim?

- Faria isto a troco de que?

Archibald tirou uma moeda da sacola e o outro ergueu as sobrancelhas.

- Muito bem – ele levou-o pelos jardins até a saída – ali – apontou para o alto – aquela casa branca de telhas manchadas com uma pequena torre, logo acima do rochedo.

-Obrigado e boa sorte – Archibald seguiu rua acima.

A casa indicada pelo homem parecia abandonada se comparada a outras mansões próximas. Não havia movimento em seu interior ou gente entrando e saindo. Archibald perambulou pelas redondezas o máximo que pode tentando não atrair a atenção das patrulhas da guarda imperial.

Depois, retornou à baixa Nish e foi repousar no hotel barato onde havia alugado um quarto. Precisava aguardar a noite, ou melhor, a madrugada. Sozinho, meditava tentando estabelecer contato com Sen ou Noran, mas sem resultados. No processo percebeu que Nish era um local em que o astral era limpo. Nunca tinha visto um lugar assim. Seria isto obra dos feiticeiros sílficos? Ou alguma outra coisa?

Archibald acordou com batidas na porta de seu quarto. Antes que pudesse entender o que estava acontecendo sentiu a lâmina de um guarda imperial tocando seu pescoço. Foi levado para um posto da guarda e trancado numa cela.

Não fazia ideia do que estava acontecendo até que viu o velho Nemediir entrar no corredor, olhar para ele e dizer ao oficial – Sim, é ele.

-Nemediir? – Archibald o chamou – O que está havendo? Garanto que isto não passa de um mal entendido.

- Sinto muito, Sr. DeReifos, não é na da pessoal. Ao menos não comigo. – o velho deu uma risadinha sarcástica e virou-se.

-Ora seu! Volte aqui! – Archibald explodiu.

O silfo saiu e antes que o oficial que o acompanhava fechasse a porta Archibald disse – Exijo meus direitos! Não posso ser preso sem saber o motivo. Exijo ver o embaixador.

O oficial retrucou – Ah sim, mas é claro. Quero mesmo ver quando o embaixador lacorês pedir desculpas à Duquesa Lefreishtra quanto a seus crimes.

Ele ponderou “Lefreishtra? A mãe de Mishtra agora era uma duquesa? Estarei perdido se cair em suas mãos”. Sem uma segunda reflexão disse ao oficial – Diga ao embaixador, Prior Himil DeReifos Weiss que quem está aqui preso é seu sobrinho, Archibald DeReifos.

O oficial franziu o cenho e Nemediir disse – Não vai acreditar numa mentira dessas, não é, senhor?

O oficial fechou a porta sem responder. – Não acredito nele, senhor Nemediir, mas devo seguir os malditos protocolos diplomáticos. O imperador é bastante intolerante com o descumprimento dos mesmos.

Nemediir sorriu amarelo.

-Não se preocupe, senhor, conheço esse tipo de rato lacorês. Inventam qualquer estória para tentar se safar.

-E minha recompensa? – indagou o velho.

- Assim que alguém da parte da duquesa confirme a identidade do criminoso, nós o notificaremos.

CAPÍTULO 107

Örion tentou dormir, mas era assombrado por terríveis pesadelos. Detestava o cheiro pesado daquele ambiente. Fumaça misturada ao mofo e fedor daqueles que ali estavam, muitos deles sem um banho há um bom tempo. Um misto de angustia e quase asfixia projetaram o mestiço para fora da cabana. Era alta madrugada e o frio intenso fez o papel de despertá-lo. Naquela clareira era possível ver as luas todas no céu quase formando uma linha reta entre si. Um raro alinhamento dos astros estava por vir. Quanto tempo faltava? Uma semana? Um mês?

Örion respirou aliviado o ar gelado repleto de odores frescos de flores noturnas que a esposa de Poul costumava cultivar. Olhava para as luas recordando-se de seu lar e de seu avô. Boas recordações deram lugar às memórias das coisas terríveis que viu na fortaleza da torre negra. Seus olhos se encheram de lágrimas que escorreram. Lembrou-se de seus primeiros dias, quando a bruxa Zeah, senhora daquele antro, o convocou para ser seu assistente num parto. Havia dezenas de mulheres grávidas e Örion mal podia imaginar que delas fossem emergir criaturas horrendas.

A mulher já estava em trabalho de parto e gritava devido às dores lancinantes. Muito sangue escorria por entre as pernas.

- Faça força! Empurre! – a bruxa com sua voz rouca e impositiva gritava ao pé do ouvido da pobre moça.

Örion recebera instruções para pegar o bebê assim que este saísse. Algo estava vindo e tinha uma cabeça pontuda e escura. Era simplesmente grande demais.

- Puxe! Puxe! – ordenou-lhe a bruxa, seus olhos faiscavam de modo sinistro.

Örion tocou a cabeça do bebê que era cascuda e escura. Ele puxou com força e ouviu a mulher dar seus gritos e suspiros finais. Ele tomou a criatura coberta de sangue e muco nos braços e seu coração gelou quando o choro inumano, horrível e alto, preencheu o quarto. Os grandes olhos vermelhos, como os de uma mosca, giravam sem piscar. Zeah tomou o recém nascido para si e ergueu-o e disse eufórica – Mais um dos filhos do mestre chegou! Há há há!

Örion caiu de joelhos e vomitou. Foi a primeira entre muitas criaturas que a bruxa obrigou-o a trazer ao mundo. Mais mulheres chegavam àquele lugar maldito e eram estupradas por Kel e outros tantos que já tinham dentro de si porção significativa da essência de Marlituk, o corruptor. Os corpos dos hospedeiros eram deformados assim como suas sementes que produziam nas mulheres e até em outras bestas, criaturas das trevas.

Cretàh e outros inumanos eram frutos da antiga corrupção provocada pelo

demônio antes de ser derrotado e aprisionado. As memórias e reflexões de Öron foram interrompidas pelo pirilampo que saiu do nada e disse baixinho fazendo-o saltar de susto – Ora seu maldito seboso chorão...

- Cretàh? – ele virou-se de um lado para o outro sem conseguir ver nada além de sombras.

- Claro que sou eu, seboso! Esperava por quem? A fada madrinha?

- O que quer?

- Ajudá-los, é claro. Caso contrário, vocês estariam cercados e mortos, oh sim, mortinhos e trucidados.

- É? Por que?

- Porque? Você pergunta? Há! Apenas duas coisas... Primeiro, quero o amuleto que seu amigo, Sir. Ladrãozinho, tirou de mim.

- Rílkare?

- Quem mais? Seu seboso estúpido!

- E a segunda coisa?

- Zeah – Cretàh cuspiu cheio de bile – quero a maldita bruxa morta!

- Onde ela está?

- A vadia, a bisca! Ela retornou à cidade sombria e tomou o comando das minhas mãos, pode acreditar?

Öron deu com os ombros.

- Vamos, seboso, acorde seus amigos e vamos! Não há tempo a perder. Precisamos matá-la antes que ela liberte o mestre.

- Está louco? Como acha que vamos conseguir entrar lá e confrontá-la?

- Eu conheço um atalho. E além disso, encontrei uma coisa. Com ela, um de seus amiguinhos poderá acabar com aquela vadia de uma vez por todas!

- Que coisa?

- A Espada de Tarquis.

- Tarquis?

- Ai ai ai! Não sabe quem foi Tarquis, seboso inculto? Foi um maldito heroizinho dos extintos Hölmos, os antigos da velha Vellistrë. A espada de Tarquis foi forjada com um fragmento da Lâmina do Rei dos Hölmos, Öfinnel Prístimos. Com ela, Tarquis derrotou uma centena de demônios do abismo após o fim da guerra e também combateu o feiticeiro das trevas,

Teris Ful'Garth.

-Foram os Hölmos que construíram Ilm'taak?

- Não estúpido! Os malditos Vetmö's! Ora, por que estou perdendo tempo explicando isso tudo a um tolo cabeça oca como você?

Örion pôs-se a pensar no livro de Aznevondor e todo conhecimento que havia nele. O mestiço olhou para o pirilampo mau humorado diante de si e ponderou que este poderia ser bem mais antigo que supunha. O que ele saberia? Como poderiam derrotar Marlituk? Seria possível?

-Vamos, seboso! Vai ficar aí com essa cara de bosta me olhando?

Örion sacudiu a cabeça espantando suas indagações e foi até a cabana chamar os demais. Àquela hora, o dia já estava prestes a raiar.

Rílkare aceitou a barganha e saiu com o raiar do sol em busca do amuleto de Cretàh. Os demais, estavam todos reunidos para o jejum na companhia do curioso pirilampo. Comiam um punhado de frutas silvestres colhidas por Örion, enquanto Cretàh falava aos demais sobre seus planos.

-Fale-me mais desta espada, pequenino – Kyle pediu.

-Pequenino é o teu priapo, ora seu!

-A espada, Cretàh, qual sua aparência. – Kyle insistiu ignorando o mau humor do ser corrompido.

-Deixa eu me lembrar – ele sentou-se sobre a mesa cruzando as pernas e sossegando as asas que deixaram de vibrar e zumbir. – Era fina... Não era muito longa, algo entre uma espada e um espadim. Mas o metal mágico a tornava inquebrável.

-Este metal, de que cor era?

- Era cinzento como o aço, mas sob o sol, refletia um brilho esverdeado.

-Sim – Kyle teve certeza – É a arma que vi em uma de minhas visões.

-Tá, e daí? – disse Kiorina.

-Precisamos dela.

-E?

-Apenas isto.

Kiorina resmungou – Kyle e mais uma de suas visões misteriosas!

-É melhor não explicar demais. – Kyle fechou os olhos evocando a visão de si mesmo, muitos anos no futuro, numa estranha cidade portando a espada embrulhada num pano e amarrada com faixas de couro. Ele

desatava os nós e por fim, revelava a antiga relíquia aos viajantes que o procuravam. Ter a espada era parte que o levaria ao futuro que havia selecionado. O único que interessava.

- Só para confirmar, hein, gente louca – disse Calisto sarcástico – Então, vocês vão acreditar na lorota dessa fada preta que nós *traímos ontem*. Vamos segui-la de volta ao covil habitado por um exército de bestiais, ogros e sei lá mais o que, para enfrentar aquela bruxa infernal e impedir a convocação do demônio maior. E depois o que? Ah sim, a morte certa, né? Ou melhor, muitas torturas seguidas da morte certa, é isto?

- Já enfrentamos situações piores – disse Kiorina.

- Ah sim, com toda certeza... – zombou Calisto encarando a mão trêmula.

- Ninguém está lhe obrigando a vir conosco – disse Kyle.

- Ainda bem, né? O que diz, professor? – perguntou a Radishi.

- Eu vou com eles.

Calisto balançou a cabeça. – Princesa Hana?

- Precisamos retornar a Lacoresh a tempo.

- A tempo de que?

- De confrontá-los e evitar a Grande Eclosão.

- Vamos até o litoral e arranjaremos um navio, quão difícil isto lhes parece, hã?

- Não chegaremos a tempo meu f... digo, Lorde Calisto. O alinhamento está próximo. Se formos de navio, tudo estará perdido.

- Está dizendo que o único jeito de ir é através do portal?

- Sim.

- É? E quem vai conseguir operá-lo? Vossa alteza?

- Talvez eu consiga – disse Kiorina.

- Tem experiência nisto?

- Não, mas se Ector conseguiu, também posso.

- É, mas o Ector, teve como professor o próprio Thoudervon!

- Eu terei o velho Wbick para nos ajudar.

- Quem?

- Não importa, eu darei um jeito. – garantiu Kiorina.

- Então é isso? Só eu que acho que isso será suicídio puro e simples? –

disse Calisto inconformado.

- Confie em mim – disse Kyle – nós conseguiremos.

- Morrer, isto sim!

- Ao menos você vai morrer junto do seu filho – Gorum disse. E Hana gelou sem saber se ele estava falando para ela.

- Veja – Gorum indicou Calisto e Cretàh – Tal pai, tal filho. Mau humorados e com esses olhos de piche, bons para assustar criancinhas.

Todos riram, exceto Calisto, Cretàh e Hana.

Calisto olhou para Gorum torcendo os lábios, mas o gigante nem ligou para seu olhar zangado. Não fosse a proximidade de todos com o Orbe do Progresso, Calisto teria lançado um ataque mental contra Gorum para ensinar-lhe uma lição.

CAPÍTULO 108

Os guardas que levaram Archibald até a mansão de Weiss amarraram o rapaz conforme instruções dadas pelo respeitado e temido embaixador Iacorês e deixaram o local. A voz chiada de Weiss causou arrepios em Archibald – Clefto, deixe-nos também.

Weiss aproximou-se mancando com sua característica perna arrastada. Encarou o sobrinho por trás da máscara ornamentada. Archibald reconheceu-o quando viu seus olhos azuis. Weiss retirou a máscara e Archibald não pode evitar a careta de asco.

- Estou bem bonito, não é, querido sobrinho?

Archibald engoliu seco.

- Perdeu a língua igual a sua mulher silfa?

- Não.

- Esta foi uma grande surpresa! A maior que tive em anos! – disse Weiss animado – Não sabe como estou feliz de tê-lo novamente.

- O que quer de mim?

- Há... Pensa mesmo que vou lhe contar isso?

- Não precisa me forçar. Eu colaborarei com você, tio.

- Ah é? E por que isto agora?

- Farei o que quiser. Apenas deixe Mishtra e a criança em paz.

- Eu bem que gostaria de por minha mãos no seu filho... Acha mesmo que já não os teria, se pudesse encontrá-los?

Archibald ficou quieto e teve uma terrível revelação. Weiss nunca acharia Mishtra e a criança. Mas agora que ele estava ali, talvez, fosse usado para localizá-los. Ele veio pensando em livrá-los de Weiss, mas agora percebia que ele mesmo os conduziria até eles.

Weiss compreendeu o que se passava na mente do sobrinho e deu uma gargalhada prazerosa. – Oh, mas não seria irônico...

- Seria? – Disse ele com uma pontada de esperança.

- Felizmente para sua mulher e criança, eu já tenho você... O que os torna, num curto prazo, uma distração inútil...

Archibald respirou aliviado.

- Ora, meu sobrinho, temos negócios inacabados, eu e você. Mas antes, há um outro negócio que preciso concretizar. Afinal, devo muito a meu

patrono. Temos um difícil trabalho a realizar, nós quatro.

-Nós quatro?

-Sim, eu, você, Clefto e é claro, Mitzlorg.

Weiss tomou a garrafa contendo o nexo em mãos e sussurrou uma ladainha incompreensível.

-Há há! – disse o velho com os olhos brilhando como brasas – Está vazio! Não poderia ser melhor... Será mais fácil realizar a fusão assim.

Weiss destampou a garrafa e dela emergiu uma fumaça magra e vermelha. Ela flutuou na direção de Archibald e penetrou por suas narinas.

-Levante-se – Weiss ordenou ao sobrinho.

Archibald partiu as grossas cordas que o amarravam como se fossem tiras de papel. O ex-monge estava tomado por um daqueles antigos transes, porém, desta vez, seu corpo havia se fundido plenamente com a energia da essência demoníaca. Aos poucos seus olhos foram tomados pelo negro mais profundo.

-Um vaso perfeito – veio a voz gutural do homem possuído.

-Vamos, Lorde Plar-Goshu, temos uns malditos silfos para trucidar e uma horda para libertar.

CAPÍTULO 109

Ao ter seu estimado amuleto de volta, o monstrinho, Cretàh, chorou como uma criança.

-Meu querido! Oh, querido! – o pirilampo voava em círculos e espirais no ar, seu coração tão leve que sua cor esmaeceu de cinza médio para uma quase palidez leitosa. Nada ao seu redor parecia importar.

-Mas o que há com ele? – Calisto indagou a Rílkare.

Rílkare retrucou. Seu semblante estava mudado. Estava mais duro, sua barba estava mal cuidada e havia olheiras escuras sob seus olhos. – Devolvi o amuleto que eu usava para chantageá-lo.

-Amuleto?

-Não sei bem da história toda, o fato é que contrái certa amizade com um tardo chamado Nergon. Ele e Cretàh se conhecem de longa data. Em troca de alguns favores ao tardo, consegui informações sobre a toca do diabrete e subtraí de lá o amuleto.

-E o que ele faz? – Calisto indagou com o olhar fixo no monstrinho que continuava seu voo jubiloso.

-Não faço ideia. – Rílkare deu com os ombros.

Calisto torceu a face e tremeu as mãos. Não gostava nada daquilo. Não confiava nada naquela criaturinha, era difícil ler sua mente, mas ainda assim, tinha certeza que ela os trairia.

-Cá-cá-cá! Nunca mais! Nunca mais! – Cretàh falava euforicamente consigo mesmo, depois de superar a fase das lágrimas.

-Ô, Cretàh! – Calisto chamou-o irritado – temos o que fazer!

-Oh, sim! Ora, ora, se temos! – este voou ao redor de Calisto que desejava ter um mata moscas em mãos para abater o inconveniente pirilampo.

-Diga-me, ladrãozinho! Onde estava?

-Se eu lhe disser – retrucou Krenov com um sorriso afetado nos lábios – servirá apenas para deixá-lo irritado, não acha?

Cretàh ponderou, deu com os ombros minúsculos e gargalhou – Tem razão! O que importa é que o tenho mais uma vez.

Radishi chamou Calisto mentalmente “Sinto um estranho fluxo de Jii crescer em torno da criatura”.

Calisto prestou atenção e anuiu. Suas habilidades de percepção do Jii eram débeis se comparadas às do tisamirense, mas o fluxo era tão forte que após o aviso pode percebê-lo. “O que acha que é?”

“Não tenho certeza, existem artefatos potencializadores do Jii, tal qual o Orbe do Progresso. São objetos raros. Poucos teriam sido criados. Em Tisamir, havia apenas um objeto assim. Ele pertencia a nosso líder, Al’ne’ir”.

“É melhor ficarmos de olho no mosquito”. transmitiu Calisto.

“De acordo”.

Hana aproximou-se do grupo trazendo o orbe. Em instantes o elo mental entre Radishi e Calisto foi rompido.

- Todos prontos? – ela perguntou.

- Sim! – respondeu Cretàh – A vadia deve ter patrulhas de bestiais circulando por toda região. Eu vou atuar como batedor. Farei reconhecimentos e voltarei até vocês, de tempos em tempos.

Kyle e Gorum apareceram já equipados para o combate. Kiorina mantinha distância e da porta da cabana disse – Eu prefiro ficar longe do orbe. Prefiro ter minhas energias à mão caso precisemos agir.

- Vou acompanhá-la – disse Örion elevando a voz.

Radishi concluiu – Será melhor formarmos dois grupos então. Gorum, Kyle e Rílkare podem escoltar a princesa e os demais, seguem adiante mantendo a distância necessária.

- De acordo – anuiu Gorum com seu vozeirão.

A estratégia de Cretàh conseguiu fazer com que evitassem o confronto direto com dois grupos de patrulheiros, mas não pode evitar que fossem rastreados. Um outro confronto foi evitado pela atuação de Radishi e Calisto criando ilusões e sugestões mentais num grupo de bestiais e ogros. Após algumas horas de avanço tenso, chegaram aos arredores da grande Ilm’taak. Cretàh os conduziu ao subterrâneo e neste contexto todos tiveram que ficar perto do orbe.

Kiorina afastou-se para produzir fogo e acendeu dois pares de tocha que foram distribuídas pelo grupo. Seguiam pelos túneis há algum tempo e Cretàh comentou – Essa maldita cidade tem mais túneis que ruas.

- Já estamos nesse lugar há quanto tempo? Horas? – resmungou Calisto arrastando um dos pés – Afinal, para onde estamos indo?

- Estamos quase lá, Olhos de Piche – Cretàh usou o apelido criado por Gorum, pois percebia que isso irritava o rapaz.

Em seguida, tomaram um caminho com escadarias descendentes. No final

encontraram um salão de pé direito alto. Andando ali começaram a produzir sons de coisas quebrando.

- Que monte de lixo é esse? – a voz de Rílkare ecoou contra a abóbada do salão.

- São ossos – explicou Cretàh.

Kyle abaixou-se e examinou algumas peças, a maior parte dos fragmentos eram escuros e delgados. – isso são ossos de que?

Gorum achou um crânio com longas mandíbulas como as de um jacaré e pequenos chifres – Dragões?

- Não – respondeu Cretàh – demônios. – o pirilampo voou rápido atravessando o salão e sumindo no breu. Gritou do fundo do enorme salão – Venham logo, suas lesmas!

Seguiram, os pés esmagando ossos e produzindo craques e creques à medida que o grupo avançava. Quando as tochas iluminaram viram uma passagem para outro salão, ainda maior. A quantidade de ossos aumentava.

Gorum comentou – É a primeira montanha de ossos que escalo na vida.

Hana lembrou-se de seu irmão e de seu pai: necromantes. Eles ergueriam um exército à partir daquela montanha.

Gorum disse – Agora, aquilo é um esqueleto de dragão, certo?

A enorme ossada tinha cor negra e mesmo deitada era mais alta que dois homens.

- Errou de novo, Sir Vovô. Este é o esqueleto de um dos Duques Infernais.

Örion apontou para a gigantesca mandíbula – O que é aquilo na boca?

Cretàh voou para perto da mandíbula e disse impaciente – Vamos logo, Sir Fraldinha, ilumine aqui!

Kyle escalou os ossos e ficou de pé ao lado do imenso crânio. A luz de sua tocha revelou o que a visão aguçada de Örion havia captado sob a penumbra.

- Este é o heroizinho de quem falei. O último rei dos Holmö: Tarquis Prístimos.

As peças da armadura completa de placas e escamas mantiveram a forma aproximada de uma pessoa, mas já não havia ossos em seu interior. Acima dele, via-se ossos trincados entre os quais uma espada estava cravada.

- Kyle, não toque na espada – advertiu Calisto – é um truque. Este deve ser o corpo do mestre dele, se a espada sair ele retornará.

Cretàh caiu na gargalhada – Acha mesmo, seu Olhos de Piche Treme-Treme, seu Cérebro de Algodão Molhado, que se fosse assim tão fácil, já não teria libertado o

mestre há muito tempo? Como vocês devem ter visto, o mestre está preso sob o grande templo da maldita Deusa Purpurinada, e não aqui!

Kyle retirou a espada e Cretàh se afastou, apenas por precaução.

- Cuidado com essa porra, viu, Sir. Fraldinha? Isso tem o maldito fedor dos antigos deuses... Melhor guardá-la. Ali! A bainha.

Kyle pegou a bainha feita de pedra trabalhada e coberta de poeira. Ao guardar a espada veio um irritante som de faca sendo amolada.

Gorum se aproximou – Deixa eu ver essa armadura. Pelo Duque! Esse cara era grande... Acho que isso... e isso...

Gorum pegou as peças da armadura e colocou sobre seu corpo para ver se caberia. – Me ajude Kyle.

Gorum foi despindo-se de sua armadura para tentar colocar a nova.

- Isso não é metal, é? – Kyle observou ao pegar algumas peças da velha armadura.

- Parece pedra – comentou Gorum.

- Ela é feita de ossos Vetzlianos – explicou Cretàh.

- O que?

- Ossos dos demônios... Mais fortes que aço.

- É seguro usar isso? – Gorum parou por um momento.

- Se o heroizinho usou, por que um vovô como você não poderia usar?

- Ei, deixa eu ver isto – havia outra peça que não combinava nada com a armadura. Era um grosso cinturão dourado. Öron percebeu e disse – É um objeto encantado.

- Amigos repartem os espólios, certo? – disse Rílkare atando o cinturão em torno de si. – Ficou meio folgado.

- Experimente usá-lo com um faixa – sugeriu Radishi.

- Opa! Achei algo na manopla. – anunciou Gorum – É um anel.

- Também é encantado – disse Öron.

- Deixe-me ver – pediu Kiorina.

Hana observava-os a certa distância; Era melhor que qualquer efeito inconveniente dos artefatos mágicos surgisse logo, e não mais tarde. Afinal, a proximidade com o orbe poderia anular seus efeitos.

- Tome aqui, Kyle – Kiorina entregou o anel.

- O que é?

- Acho que aumenta a agilidade. Mais útil com um guerreiro que com um feiticeiro.

Enquanto estavam distraídos com os objetos encontrados, Calisto percebeu que Cretàh estava se portando de maneira suspeita.

-Hana, o pirilampo!

Ela se lançou para perto da criatura.

Cretàh riu – Ora, ora, vocês! Tão cheios de paranoia, né não? Eita, eita! Vocês me cansam, sabia?

- Todo cuidado é pouco, não acha? – Calisto encarou o pequenino.

Cretàh colocou a língua lilás para fora e zombou – Olhos de Piche! Cérebro de Algodão! Está se mijando de medo de mim, cá-cá-ca-cá-cá!

Calisto desembainhou sua espada e partiu para cima dele, mas este apenas voou para fora de seu alcance e seguiu com as provocações.

- Calisto! – Hana exclamou – Por Lacoresh, mantenha o controle!

Ele engoliu seco e temperou a ira que deixou escapar, mas sem conseguir controlar os tiques faciais.

Hana disse em tom de sermão – Onde já se viu? Perder a paciência por causa de um pequenino fanfarão?

- Tá princesa, tá bom... – Calisto guardou a espada e deu-se por convencido.

O monstrinho prosseguiu com sua peculiar voz irritante – Ora, ora, pessoal! Não sobrou nenhum docinho para o Olhinhos de Piche? Acho que o Tremelique ficou com inveja de vocês... Quem sabe você não cavouca essa pilha de ossos e acha um brinquedinho, hã, seu pichentinho bravo!

Gorum gargalhou alto puxando a risada dos demais. Se não estivesse bem ao lado de Hana, Calisto era bem capaz de emitir um grito mental que colocaria a todos de joelhos.

«Malditos!» Pensava consigo mesmo. “Esperem só para ver...”

- Uh, uh, há! Já entendi! Ele tem um problema de chaminé entupida. É por isso que os olhos dele são de piche! A fumaça retida que devia sair da cabeça quando fica nervosinho não sai... Cá-cá-cá!

- Já basta, Cretàh! – disse Radhisi com firmeza – Por acaso está se esquecendo de nosso propósito aqui? Viemos ou não para confrontar Zeah?

Cretàh escureceu de uma vez – Oh, sim, Radashashuíche. Bem lembrado! Chega de palhaçadas... – ficou seriíssimo – É hora de trucidarmos a maldita, maldita vadia!

CAPÍTULO 110

Túneis e mais túneis depois, chegaram ao subterrâneo do templo numa pequena passagem que dava para o lago. Öron havia visitado o mesmo lugar no passado na companhia de Con e Irscha. Na ocasião, o lago tinha águas geladas e submersa neste havia um enorme esquife de metal preso por correntes de calibre colossal. O ambiente agora estava quente, e contrastava com o frio intenso que fazia ali outrora. Havia vapor no ar que vinha da água borbulhante. O nível do lago havia baixado e dava para ver o esquife, ainda submerso, mas a poucos metros da superfície.

Estavam todos juntos num bloco compacto, em redor da princesa Hana. Usavam o orbe como camuflagem e seguiam para a subida sem fazer maiores ruídos. Hana respirava ofegante. Visões terríveis vieram à sua mente, mesmo sob estado de lucidez. Era a primeira vez que visões se formaram sem que estivesse em transe. Havia muita energia circulando no ambiente e o orbe parecia prestes a falhar, assim como quando absorveu muita energia de uma só vez provida pelos cristais de sargentium. As visões não eram claras, mas sim, fragmentadas. Morte e sangue esperavam a todos no alto daquela escadaria.

Radishi sentiu sua cabeça pesar. Precisou entrar na defensiva para evitar maiores danos.

- É só comigo, ou o ar aqui está muito pesado? – manifestou-se Öron.

- Ele está chegando! – concluiu Cretàh – rápido, precisamos impedir que Zeah realize o ritual de sangue. Vamos!

Todos apressaram o passo, mas Hana ficou estacionada e quando Calisto passou, ela tomou-o pela mão. – Espere um pouco – ela disse.

- O que foi, princesa?

- Lágrimas escorreram por seus olhos – Sei que não é o momento, mas pode não haver outro...

- Do que está falando? Por que isso agora?

- Calisto, eu sou... você é...

- O que? Fale de uma vez!

- Sou sua mãe.

Calisto fez uma careta e lembrou-se das ocasiões em que ela tentou seduzi-lo. Se não tivesse resistido, teria se deitado com sua própria mãe!

- Me desculpe, filho. Eu não sabia... Os malditos... Quando você nasceu... Arávner tirou-o de mim e entregou-o a Thoudervon. Deram-me, no seu lugar, um bebê morto.

Calisto estava atordoado. – Quer dizer então, que sou o herdeiro ao trono de Lacoresh?

- Sim, meu filho. Tentei me aproximar de você, pois tive visões de nós dois, governando juntos... Eu não sabia, mas agora, tudo faz sentido.

- Faz sentido. Vamos, princesa, ou ficaremos para trás.

- Você não me odeia?

- Não, nem um pouco. Só não ache que vou começar a chamá-la de mamãe.

Hana chorou de felicidade, pois temia que o filho a rejeitasse de modo violento. Pensava em como ele era belo e forte, mas ainda imaturo, indisciplinado. Sim, se conseguirem retornar a Lacoresh, ela poderia educá-lo, mesmo que de modo tardio. Recuperar o tempo perdido.

A entrada de Cretàh e dos lacoreshes no salão do tempo foi algo inesperado. Nem mesmo o poderoso Marlituk através de seus muito espectros libertos pode antecipar aquele movimento. Estavam todos empenhados e concentrados na realização do ritual de sangue. A energia escura preenchia todo salão, exceto um pequeno perímetro em torno do altar.

Cerca de trezentos meninos e meninas estavam postos diante do altar. O local ainda resistia ao avanço das forças das trevas. Para realizar o sacrifício, estava reunido o mais alto escalão dos servos corrompidos pelos espectros. Entre estes estavam a bruxa Zeah, os silfos Ardívila e Keledrel, o mercenários Skallurè e Danke Furioso, o tardo Nergon, Alzaad, o Pug'a'wee e outros mais.

A prole demoníaca de Marlituk se fazia representar pelo esguio e feioso demônio Ayon. Ao ver Kyle e os demais surgirem pelo acesso na parte posterior do altar, o demônio disse – Criaturas ousadas! Atrevem-se a interromper a cerimônia derradeira em prol do Pai?

Kyle avançou com agilidade superior conferida pelo antigo Anel de Tarquis. Quem veio confrontá-lo foi o silfo Keledrel, contra o qual Kyle mal sustentou combate na ocasião pregressa. O silfo avançou confiante e mal acreditou quando teve o tórax trespassado pela lâmina de Kyle. Tombou de olhos arregalados sem conceber de modo fora atingido.

Rílkare, ainda ferido, avançou pela esquerda, logo atrás de Kyle e atraiu o grito odioso por parte de Skallurè que veio à carga. – Krenov!

Pelo lado direito de Kyle, Gorum avançou trajando a armadura de aparência sinistra que pertenceu ao herói lendário. Danke Furioso avançou com um machado na mão esquerda e espada na destra.

Kiorina convocou uma linha de chamas que se expandiu para diante e aos poucos ergueu-se na forma de um paredão de fogo que isolou boa parte dos inimigos

que estavam para além do altar. No lado interno da barreira ainda restavam Zeah, Nergon e Alzaad. Este último, emitiu um bramido aterrador e deu um longo salto para atacar Kyle com sua boca capaz de comer e partir até o aço.

Alzaad e Kyle, Rílkare e Skallurè e Gorum e Danke confrontaram-se simultaneamente. O monstro mítico, também conhecido como, Aquele Que Tudo Devora, abocanhou a lâmina de Tarquis e para sua surpresa, achou-a deveras indigesta. Ao invés de parti-la e degluti-la, esta quebrou seus dentes e depois rasgou sua boca e focinho cortando carne e ossos até atingir o cérebro. Uma espécie de ganido foi o último som que a criatura emitiu antes de tombar. Kyle teve que saltar sobre o monstro completando uma meia cambalhota para não ser derrubado pelo corpo que tombou em sua direção.

Skallurè disse – Krenov! Desta vez o boçal do Poul não poderá mais salvá-lo!

O primeiro ataque do mercenário foi defendido fazendo as espadas faiscarem, mas o segundo golpe veio certo. Teria atingido o pescoço sendo letal, mas, no último instante, o cinturão dourado atraiu a espada que resvalou neste produzindo um som de arranhão metálico e faíscas.

Rílkare estava branco, pois viu a morte passar perto e contra atacou com um golpe de escudo que atingiu o oponente no queixo e o deixou atordoado. Confiante na proteção oferecida pelo cinturão, Krenov atacou de forma temerária expondo-se. O golpe forte atravessou a armadura de escamas do mercenário e tirou sangue.

Ao mesmo tempo, Danke, mais veloz que Gorum, girou suas armas sobre o oponente atingindo-o, porém, sem penetrar a forte armadura de ossos de demônio. Gorum sentiu o choque e dor provocada pelos golpes e contra atacou ferindo a coxa desprotegida de Danke. O corte foi fundo, até o osso e incapacitou o mercenário, que desequilibrou-se e caiu.

Nergon era a criatura mais alta presente. O tardo musculoso tinha cerca de três metros de altura e vestia uma armadura completa. Avançou sobre Kyle atraindo o golpe da Espada de Tarquis. O corte partiu uma peça da armadura que protegia o antebraço e afundou até atingir o osso. O contragolpe dele, um chute poderoso, atingiu Kyle no peito e atirou-o para trás girando, deixando para trás a espada que ficou cravada no antebraço do tardo.

Cretàh surgiu diante do monstro e encarou-o nos olhos – Me servirá, velho amigo! – o pequenino liberou a energia de seu amuleto provocando um forte ataque mental que anulou a vontade de Nergon. O tardo olhou para a espada presa em seu braço e retirou-a com a outra mão. Parecia uma faca em suas mãos enormes.

Gorum estava prestes a despachar Danke quando foi atingido por um raio de energia esverdeado lançado por Zeah. A energia o envolveu causando estremecimento. O gigante caiu de joelhos e depois tombou para frente.

Rílkare surpreendeu-se ao ver que Skallurè resistiu ao golpe com um sorriso no

rosto, neste instante, pode ver que os dentes do mercenário estavam distorcidos e pontiagudos. A energia espectral de Marlituk conferia-lhe um vigor sobre-humano. Deixando sua espada de lado, o mercenário avançou sobre Krenov agarrando o cinturão com ambas as mãos – Vou arrancar esse brinquedo e comer seu fígado, maldito!

Kiorina viu os companheiros sendo abatidos quase ao mesmo tempo e murmurou horrorizada – Kyle, Gorum...

Örion avançou para auxiliar seu velho amigo. Tirou um punhado de pó de pimenta de sua bolsa e direcionou-o com sua magia para os olhos de Skallurè. Este gritou levando as mãos nos olhos e deixando de lado o cinturão de Krenov. Rílkare aproveitou a oportunidade e com uma estocada precisa atravessou o pescoço de Skallurè. Com vigor demoníaco, ou não, o mercenário possuído tombou derrotado.

No final das escadarias, Hana aguardava pelo chamado de Calisto ou Radishi. A dupla observava o combate a partir da retaguarda. Estava evidente para eles o poder do amuleto de Cretàh. Sabiam o que poderiam esperar dele. Nergon, atacou Zeah, ela desviou-se mas perdeu o equilíbrio e caiu. Calisto viu o demônio Ayon saltar através das chamas da muralha de fogo. Este veio em socorro de sua madrinha, Zeah. Nergon estava a um palmo de ceifar a vida dela, mas um chute aéreo inesperado do demônio, ainda envolto em chamas, atirou o tardo para trás fazendo-o cair sentado.

O demônio sacudiu-se fazendo as chamas se extinguírem, sua pele azulada, agora chamuscada de negro emitia uma fumaça fedorenta, semelhante a frutos do mar podres e queimados.

- Não! Seu desgraçado! Intrometido! – Cretàh gritou decepcionado ao ver que Zeah havia sobrevivido.

Kiorina correu para socorrer Kyle caído e, enquanto isso, Radishi e Calisto, que mantinham um elo mental, realizaram um ataque combinado contra Ayon. Este soltou um grito estridente e pressionou as mãos contra os ouvidos. Gotas de sangue brotaram de seus olhos e narinas.

Rílkare viu a oportunidade e partiu em carga contra este e cravou sua espada em seu abdome. Em sua defesa Ayon golpeou o herdeiro de Balish no rosto com as costas da mão fazendo-o girar e depois cair atordoado. A espada de Rílkare ficou cravada em Ayon.

Zeah convocou outro raio fulminante para disparar contra Radishi, ou Calisto. Antes que ela o disparasse, Cretàh avançou enfurecido com um espadim, não maior que uma faquinha de patê, e atingiu-a no olho esquerdo. – Cá-cá-cá! Te peguei vadia! – zombou o pirilampo em êxtase.

Com a mão ainda carregada de energias mortíferas, Zeah tentou tocar em Cretàh e teria conseguido, se não fosse pela ajuda de Örion que repeliu-o com sua magia

telecinética.

-Maldito seboso! resmungo Cretáh.

-Salvei sua vida, seu pestinha! – Örion retrucou.

A vergonha tomou conta de Cretàh fazendo sua pele ficar roxa.

Nergon deixou a Espada de Tarquis de lado e ficou novamente de pé. Levou as duas mãos contra a cabeça de Ayon e com sua força descomunal quebrou-a como uma noz.

Zeah recuou e gritou ao atravessar a barreira de fogo. Sua roupa de couro se incendiou e ela correu desesperada com uma das mãos sobre o olho cego.

Cretàh voou por cima da muralha para persegui-la. – Nergon! Nergon! – ele chamou.

A silfa Ardívila socorreu a bruxa incendiada envolvendo-a em sua capa escarlate. O pavor de Nergon pelo fogo impediu-o de avançar, mesmo sob comando direto de seu mestre.

Enquanto Cretàh chamava o tardo, Ardívila, que tinha mira admirável atirou uma pequena lâmina em Cretàh que errou seu corpo por milímetros, mas danificou uma das asas. Ele girou e caiu no chão proferindo maldições.

Calisto chamou por Hana e ela avançou em voo veloz passando por ele, Radishi, Kyle e Kiorina, por sobre o altar, Nergon e finalmente ao atingir a muralha de fogo absorveu-a. Localizou Cretàh e foi socorrê-lo. Precisariam dele como guia para chegar à câmara dos portais. O vermezinho jurou que só os levaria lá depois que Zeah estivesse morta.

-Mate-a! Mate-a! – Ordenou Cretàh.

-Não sei como, não conheço magias ofensivas...

-Você não conseguiria ser mais inútil? – ele retrucou irado.

Zeah tinha as duas mãos crepitando com a energia verde e mortífera. Seu olhar estava fixo sobre o pirilampo. Ardívila atirou uma lâmina certa contra Hana atingindo-a no pescoço. Hana perdeu a concentração e caiu sentindo dores.

Kiorina viu que Kyle estava apenas sem fôlego, mas bem. Ela se lembrou do primeiro ser que matou, um bestial que envolveu em chamas. Podia fazer melhor que isso agora. Concentrando o olhar sobre Zeah, fez com que suas roupas e o manto dado por Ardívila pegassem fogo. Kiorina intensificou sua magia ao ponto de exaurir suas energias. Zeah foi envolvida numa pira de chamas e gritou agonizante enquanto era queimada viva.

Cretàh comemorou – Sim! Viva! Finalmente! Morra sua vadia!

Ardívila, temendo destino semelhante, fugiu para a saída do templo.

Hana levou a mão ao pescoço e esta se tingiu de sangue. O ferimento ardia e ela recuou com expressão de dor no rosto. Calisto correu para ampará-la.

Ardívila gritou por socorro próximo da saída do templo. Bestiais e outros inumanos que estava do lado de fora atendiam ao seu chamado.

Ao mesmo tempo, Öron e Rílkare chamavam as crianças, apavoradas, para se reunirem no fundo do templo. Radishi avançou até o local onde Nergon estava. Tinha a intenção de pegar a Espada de Tarquis. Gorum despertou com uma tremenda dor de cabeça, dores musculares e nos ossos. Sua armadura, além de possuir defesa física incrível, tinha alguma dose de proteção contra magia. Sem ela, teria sido fulminado pelo raio mortal de Zeah. Seus ouvidos zumbiam.

-Rápido, por aqui! – Gorum mal escutou o que Radishi e Öron diziam às crianças.

Próximo a Gorum, Danke Furioso ficou caído de olhos fechado, mas não morto. O espectro de Marlituk que o habitava viu Radishi passando. Abandonou o corpo de Danke e foi com tudo para cima do tisamirense. Radishi defendeu-se, mas logo, toda energia escura que pairava próxima ao solo do templo, exceto em redor do altar, começou a convergir sobre ele. Isto alimentou o espectro a até que este tornou-se mais forte que aquele que habitava o Rei Kel.

Os olhos de Radishi tornaram-se negros e seu corpo começou a sofrer deformações. Calisto atacou-o, mas Radishi apenas sorriu de volta e esticando as mãos, gerou um forte ataque telecinético. Calisto foi projetado para longe até atingir uma das paredes do templo.

-Nergon! – ordenou Cretàh – esmague-a! – indicou a princesa Hana. O pirilampo mudava de lado novamente. Com Zeah morta, seu novo objetivo era agir em favor da libertação de seu mestre.

Hana ficou horrorizada com o avanço do tardo em sua direção, mas quando este chegou a poucos passos dela, parou por uns instantes, confuso. O feitiço de Cretàh dissolveu-se e foi absorvido pelo orbe. Com a mente embaralhada, e sem saber o que havia acontecido, o tardo ficou indeciso quanto ao que fazer, ainda tentando compreender o que havia acontecido.

-Maldito orbe! – gritou a criaturinha num tom estridente.

Rílkare avançou contra Radishi e golpeou o braço dele com a espada na esperança de expulsar o demônio. Este revidou com um soco que amassou a placa da armadura e projetou o nobre para trás fazendo-o cair e rolar no chão.

A pele de Radishi se tornou escura e cheia de veias, seu rosto transfigurado exibia um semblante demoníaco. O espectro avaliou seus inimigos e constatou que nada poderia detê-lo. A voz de Radishi soou inumana – Não poderão me deter. Nunca puderam, são fracos... São tolos...

Kyle ficou de pé e entrou em estado de concentração. Os fluxos de Jii passaram através dele revelando as ondas do futuro próximo. Sua única chance seria alcançar

o altar. Correu, como se fosse confrontar Radishi e preparou uma finta. O demônio aguardava a proximidade física, pois queria partir Kyle em pedacinhos. Por culpa deste, sua libertação fora adiada por oito anos. Era hora de dar o troco.

No último instante, Kyle saltou tomando um impulso sobre-humano graças ao anel encantado, e conseguiu passar por cima do Radishi Espectral. Num movimento perfeitamente coordenado, rolou sobre o chão, apanhou a espada de Tarquis e continuou avançando até o altar.

Örion estava do outro lado do altar e compreendeu que ali seria o lugar mais seguro. O espectro de Marlituk voltou sua atenção para Hana. Com sua vontade, direcionou um fragmento de pedra da construção contra ela. O baque contra o seu peito foi forte, fez com que perdesse os sentidos e caísse no chão. O orbe rolou de sua mão. Uma magia direta sobre o orbe não funcionaria. Então, o espectro fez algo semelhante ao jogo de bolas contra bolas e direcionou outra pedra contra o orbe de modo que este rolou em sua direção. Kiorina foi rápida. Ainda tinha um pouco de energia e entrou no jogo. Fez uma pedra atingir o orbe o que voltou a afastá-lo do demônio. Enquanto isso, Kyle e Örion se encontraram no altar e sentiram um incrível fluxo de energias aflorar.

Vida incontáveis passaram diante de seus olhos. Souberam que já haviam sido irmãos em outras vidas. E como irmãos, estiveram naquele mesmo tempo, diante do mesmo altar, milhares de anos antes. Fora durante uma longa vida na pele dos extintos Holmö. Uma vida de quase imortalidade, pois os Hölmos não envelheciam, dificilmente adoeciam e nem morriam de causas naturais. Um acidente, ou uma guerra, poderiam acabar com a vida de um Holmö, mas nunca a velhice.

E muitos entre os Hölmos e Vetmö. haviam morrido na grande batalha contra o demônio Marlituk. Hölmos, Vetmö e os próprios deuses se reuniram no templo de Levisse, a deusa da luz, conhecida pelos lacoreses como Leivisa. Ali fizeram o feitiço que aprisionaria o corpo do demônio para todo sempre. Naquele altar, a deusa depositou suas lágrimas por todos que pereceram para derrotar o terrível demônio invasor. Alguns dos mais devotados espíritos concordaram em permanecer no templo em eterna vigilância para evitar o retorno do demônio, porém, com o passar das eras e após a destruição de Ilm'taak durante a guerra milenar, a proteção foi perdendo forças até que o esquife prisão, localizado no subterrâneo, diretamente sob o altar, começou a emanar os eflúvios malignos dos espectros de Marlituk.

Apenas um dos guardiões originais restou. E foi este que travou diálogo com os irmãos.

- Infelizmente, ele não poderá ser detido sem o poder da Espada Celeste.

- Espada Celeste? – indagou Kyle ao espírito de luz.

- Tu seguras em tuas mãos um fragmento da mesma. Talvez, todos

possam ser novamente reunidos para o retorno da Celeste.

- O que devemos fazer? – indagou Öron.

- Escapar! Levar o fragmento para um local seguro!

- Como?

- Ajudá-los-ei – respondeu a voz prateada que ecoava – Vossos espíritos são antigos e afins. Uma união temporária os favorecerá.

Quando Kyle e Öron deram por si, estavam novamente no templo, as memórias do vislumbre do passado se esvaíram como as imagens de um sonho após o despertar. O corpo de ambos agora era como um. Quatro braços e pernas e duas cabeças. Eles empunhavam a Espada de Tarquis e o corpo fundido emitia um forte brilho de luz branca que cegou o demônio que possuía Radishi.

- Que diabos! – urrou o espectro cobrindo os olhos.

- Sentimos muito, Radishi.

A espada penetrou no peito do tisamirense e absorveu toda a energia escura de Marlituk. Ele caiu. O amalgama Öron-Kyle olhou para baixo. Observaram a vida de Radishi se esvaír. O espírito guardião que os mantinha unidos disse – venha a mim, Radishi de Tisamir. Preciso de seu auxílio para retardar um pouco mais a libertação do grande mal.

O espírito de Radishi desprende-se de seu corpo com facilidade, pois já estava habituado a fazê-lo para viagens no astral. Tomou a forma de um globo de luz e foi para o altar. Estava enfraquecido e reduziu-se numa forma ovoide. Dentro do altar de pedra, havia uma bacia de líquido luminoso na qual ele foi se banhar. A paz e êxtase invadiram sua mente. Seu passado se abriu. Ele e os tisamirenses haviam vivido entre os primeiros Vetmös. Mesmo antes de seu povo se submeter aos ideais de seu auto proclamado imperador. Foram os fundadores e construtores de Ilm'taak, a mais esplendorosa cidade da antiguidade.

Com a progressiva extinção de sua raça, muitos aceitaram retornar em corpos humanos. Outros não. A maldição que veio quando os deuses deixaram a terra transformou a raça Vetmös, outrora perfeita e orgulhosa em doente e definhante.

Öron-Kyle observou os arredores. A energia negra voltava a marejar pelo chão e pelas paredes. Era a energia de Marlituk que escapava sem cessar do esquite. O brilho intenso emitido pelo amalgama forçava todos a desviar o olhar. Finalmente, o estranho ser de oitos membros voltou ao altar onde se separou.

Nergon caminhou para o altar disposto a destruir Kyle e Öron, ambos estavam prostrados e atordoados após a estranha experiência. Um forte jato de chamas envolveu o tardo que correu para longe desesperado. Kiorina tinha posse do orbe e expandiu as chamas fazendo crescer uma muralha de fogo três vezes mais forte na parte central do templo. Com isso, o avanço da turba de inumanos liderada por

Ardívila foi contida. Kiorina moveu as chamas na direção dos oponentes provocando uma fuga em massa. Com um dedo, apontou para Cretàh e levitou-o trazendo-o para junto de si.

- Se não quiser morrer como seu amigo tardo, leve-nos à sala dos portais.

- Sim, claro, senhora, farei tudo que ordenar.

Os feridos foram reunidos e todos se juntaram em torno de Kiorina. Öron, com a ajuda de Kiorina cauterizou o ferimento de Hana. Depois, tirou de sua sacola uma essência curativa que fez com que a princesa despertasse. Para andar, teve que se apoiar em Calisto. Os ferimentos mais sérios foram tratados apressadamente e depois desceram as escadarias seguidos das crianças que seria sacrificadas. Kiorina tomou o pirilampo nas mãos e fez o amuleto que usava como um cinturão desprender-se e flutuar para Rílkare.

- Leve isto até que estejamos fora de perigo. – ela disse.

- Não, não! – resmungou Cretàh, mas foi interrompido.

- Cale-se ou arrancarei suas asas!

Cretàh assumiu um tom negro vivenciando ódio profundo. Ainda assim, guiou-os pelo subterrâneo até o salão dos portais. Os lacoreses foram na dianteira e Öron e Rílkare vieram atrás para acalmar e organizar o avanço das crianças.

Quando chegarão ao salão, Kiorina colocou Cretàh para dormir com um feitiço. Öron e Rílkare instruíram as crianças para esperar do lado de fora. Kiorina olhou para um dos portais e disse – Posso ver que a passagem é operada por magia. Sendo assim, o orbe não poderá atravessar em seu atual estado.

Hana estava pálida e sem forças, mas conseguiu dizer – Quando viemos ele estava inoperante. Agora...

Öron disse – teremos que nos separar. Sei que vocês precisam retornar à sua terra natal, mas nosso lugar é aqui. – Estendeu as mãos para pegar o orbe das mãos da ruiva.

Ela entregou o objeto e sentiu um grande alívio ao fazê-lo. Colocou Cretàh sobre o chão. Öron manipulou as pedras moldando-as em torno do pequenino até formar uma espécie de jaula. Rílkare ergueu-a achando-a um pouco pesada.

- O que pretendem fazer? – indagou Kyle

Rílkare respondeu – Vamos tentar chegar em Balish. O monstrinho disse que a cidade ainda resiste.

- Levarão as crianças – disse Calisto.

- Sério? – retrucou Rílkare.

- O plano netéreo não é lugar para crianças... Terão melhores chances

seguindo vocês.

Hana disse – Ele tem razão... E não temos alguém treinado para nos conduzir...

Calisto disse – talvez essa discussão toda seja inútil, até que alguém consiga ativar o portal.

- Tem razão – concordou Kyle – Kiorina?

A moça avançou em direção ao portal, mas não tinha noção do que fazer. Ao longe, nos túneis, já se ouvia sinal de bestiais e outros inumanos procurando por eles.

Kiorina falhou e voltou cabisbaixa.

- Se você não tivesse assassinado Yourdon, já estaríamos longe daqui! – acusou Calisto.

Kiorina sentiu a culpa voltar pesada sobre seus ombros, mas também muita raiva. – Ora seu! – acendeu uma chama nas mãos pronta para atacar Calisto.

Gorum segurou seu braço – Acalme-se garota! Não ganharemos nada brigando agora.

Kyle encarou Calisto pensando que não demoraria até um confronto inevitável surgisse entre eles.

- Princesa? – chamou Kyle.

Ela estava muito mal, mas mesmo assim tentou suas evocações sem nenhum efeito.

- Sabia – ralhou Calisto – Maldito plano suicida! Estamos condenados!

Naquele momento, Calisto sentiu sua mão queimando e curvou-se emitindo um grito de dor.

Hana e Kiorina puderam ver que o anel que ele usava estava pulsando fortes ondas de energia mágica. Sentindo dores agudas na mão e subindo pelo braço, Calisto disse entre dentes – Ele nos chama...

Gorum questionou – Ele quem?

- Thoudervon...

No fundo do salão soou um zumbido e uma tênue luz de multicores revelou que o portal tornou-se ativo.

- Vamos depressa – chamou Calisto.

Os lacoreses tinham que ir, e não havia tempo para longas despedidas. Kyle e Öron se abraçaram brevemente o primeiro dizendo – Adeus irmão! Que haja luz na sua jornada.

- Adeus Kyle, viagem bem!

Rílkare e Öron viram os lacoreses desaparecer ao cruzar a superfície luminosa do portal que parecia um poço de águas turbulentas. Rílkare chacoalhou a jaula e disse – Acorde! Acorde porcariazinha!

Cretàh acordou furioso ao se ver preso daquela forma.

-Indique-nos uma saída segura – disse Örion.

Rílkare ameaçou – E se sonhar em nos enganar, juro que esmago seu precioso amuleto e em seguida sua garganta.

CAPÍTULO 111

Archibald estava preso dentro de seu próprio corpo sem nenhum controle sobre este. Apenas podia observar o que ocorria ao seu redor enquanto o demônio liberado por Weiss comandava seus movimentos e até sua fala. Sua voz soava pesada e gutural.

- Mal posso esperar para estripar esses malditos elfos.

- Quer dizer, silfos – observou Clefto.

- Não necromante, elfos degenerados, mas ainda, malditos elfos.

Weiss observou – Você deveria saber sobre a maldição, Clefto.

O necromante deu com os ombros. O trio observava o contorno negro da torre contra o céu estrelado.

- Volto a expressar que sigo nesta tarefa sob protesto. Não é nada sensato para nós três enfrentarmos, talvez, meia dúzia de bruxos mestres e dezenas de outros em treinamento.

- Temos Plar-Goshu conosco, e além disso, talvez não precisemos ter um confronto sequer.

- Não se preocupe, necromante sensato, deixe-os todos para mim – retrucou o demônio.

- A sensatez tem mantido minha cabeça sobre meu pescoço. – disse o necromante incomodado pelo fato de estar lidando com um demônio novamente. Desde a ocasião em que quase perdeu a vida enfrentando o demônio Therd Fermen, tornou-se um pesquisador das criaturas visando descobrir meios de controlá-las.

O demônio no corpo de Archibald, cansado de tomar precauções tomou a frente seguindo para a entrada da torre. Era um enorme edifício que erguia-se de modo circular e espiralado. Era a terceira maior construção de Nish, ficando apenas atrás do palácio imperial e da grande arena.

Plar-Goshu atirou-se contra as paredes de pedra agarrando-se nas juntas largas e iniciando uma escalada quase impossível e com agilidade felina. Em pouco tempo, chegou às varandas do terceiro pavimento. Retirou da mochila uma corda, amarrou em uma das colunas externas e atirou-a para baixo.

- Suba – ordenou Weiss.

- Sério?

O velho monge encarou-o e Clefto pode apenas captar o brilho sarcástico em

seus olhos sob a penumbra. O necromante iniciou a subida e na metade do percurso tinha as mãos ardendo e doídas, os braços latejavam e pediam socorro.

-Vamos, seu molenga!

-Não consigo! Sou um mago, não um ladrão.

-Então voe, levite!

-Plar... – chamou Weiss.

O demônio emitia um pequeno ronco de desprezo e içou o necromante como se erguesse uma criancinha. Pegou-o pela roupa e depositou-o no chão sem muita gentileza. Clefto girou para ficar de costas. Ofegava e estava todo suado.

-Fracote! – o demônio chutou-o nas costelas.

Weiss era velho e mancava devido à perna mutilada, mas teve durante toda a vida o exigente treinamento dos monges. Sem mesmo usar as pernas escalou pela corda numa velocidade invejável.

-Vamos Clefto – disse Weiss chiando forte – de pé!

No passado, a torre tivera defesas mais robustas, mas com milhares de anos de relativa paz, recebeu reformas como as varandas espiraladas e portas de vidro e madeira ao longo de seu perímetro. Outra modificação foi redirecionamento das energias que convertiam para o olho da torre, situado no topo. Era uma poderosa arma que manteve Nish livre de ser conquistada por demônios no passado. Tal energia era usada agora para fins utilitários, como para alimentar os elevadores internos da torre e as câmaras de teleportação.

-Dá para cheirar a magia deste lugar... – observou Clefto ao penetrar no corredor externo que era debilmente iluminado pela luz lunar. Esta penetrava pelos portais de madeira trançada e vidro que ladeavam o extenso corredor.

- O corredor é reto, mas não faz sentido – observou o demônio respondendo à voz interna de Archibald que se manifestava como pano de fundo na mente.

-Uma ilusão – esclareceu Clefto.

-Para onde agora? – indagou o demônio.

-Para baixo – informou Weiss – Esta torre é tão profunda quanto alta.

A torre estava vazia e Clefto, cada vez mais, se sentia sem lugar ali. O que estavam prestes a fazer seria mais um terrível crime. Se houvesse uma rebelião para se juntar agora, talvez o faria. Levou tempo, mas percebia agora que sua busca por poder era sem sentido. Olhou para a estátua que homenageava o grande construtor daquela torre, Vurja Sanir Maki, que também nomeava a torre, Tesisoverb Vurja, ou os doze olhos de Vurja. Era uma estátua em mármore rajada de fios de tom vermelho

terroso. Esta tinha as palmas das mãos abertas e voltadas para a frente, enquanto a cabeça e o olhar estavam direcionadas ao alto, para onde estaria o ponto culminante da torre, muitos pavimentos acima.

Isto fez que se recordasse se sua passagem ali há alguns dias quando foi recebido pelo Grão-Mestre Ayllew Maki, descendente direto do construtor e também patriarca do pequeno clã Maki, que perdurava até os dias atuais.

Ayllew dissera – O venerável Vurja Sanir estudou na antiga Trinidacs e esteve pessoalmente com os Arquimagos da antiga aliança.

Weiss sabia disto, mas Clefto não. Ele estava impressionado com as rugas profundas em tramas enxadrezadas que cobriam o rosto do Grão-Mestre. Seus bigodes de um branco prateado desciam até o peito e contrastavam com os mantos sobrepostos de tonalidade verde escura que vestia. Ele indicou uma das colunas da torre que pulsava levemente, viva com energia mágica que fluía ali.

- A torre foi construída seguindo a mesma arte, hoje perdida, com a qual foram construídas as Nove Torres Lunares.

- Por que mais torres como estas não foram construídas?

- Mas foram, Sr. Clefto. Sabemos que os humanos perderam suas bibliotecas no grande incêndio global que ocorreu durante a Era Maldita.

- O titã de fogo...

- Hostemura'edur, supremo ser dos planos ígneos. O ser que foi liberto pelo enlouquecido general Quill, o exterminador de demônios.

- Sua lenda transcende a história escrita, isto é verdade.

- Não é verdade que sua espada, Baleni, foi encontrada e dada como prêmio a um grupo de lacoreses.

- Bimu Balcateimi, assim era conhecida sua espada. E sim, infelizmente foi cedida aos lacoreses, há alguns anos, no governo do último imperador.

- Sabem sobre seu paradeiro?

- Não muito, sabemos que foi vista na cidade do grande octógono.

- Tchilla – chiou Weiss percebendo que Clefto não havia captado a alusão.

- Mas voltando a sua questão concernente às torres, Merrin, o traidor, ergueu dez torres que copiavam o projeto dos arquimagos. Foi através destas que seus ancestrais estabeleceram o elo maligno e abriram o portão para as dimensões abissais.

- Sim, a lenda das dez torres do Deus sombrio.

- O culto a Triox-lon, foi isto que separou os povos que antecederam a

humanidade, Vetmös e Hölmós.

- Tragédias do passado que nunca mais devem ser repetidas... – anuiu Weiss – o futuro está na integração de todas as nações desta terra, e no governo que recairá certamente sob as mãos dos mais sábios e poderosos, os silfos.

Clefo lançou um olhar de estranhamento para Weiss.

- Sim, embaixador, no tempo certo, será estabelecida a duradoura paz e nossos impérios estarão unificados sob a liderança do imperador Hiokar.

Clefo não fazia ideia de que conversa era aquela, mas logo concluiu que seria uma estratégia de traição de Weiss. Só precisava saber quem seria traído, o império sílfico ou o lacorês. Ele disse – O embaixador comentou comigo que há velhas prisões de demônios aqui nos arquipélagos.

- Sim, é verdade. Durante a guerra, descobriu-se que demônios, depois de mortos, retornavam aos abismos e lá recuperavam suas forças para retornar à nossa terra e espalhar novos tormentos. Muitas prisões foram construídas para evitar este processo.

- Por exemplo, há uma destas nesta torre – revelou Weiss.

O Grão-Mestre Ayllew demonstrou incômodo ao perceber que o embaixador possuía tal conhecimento.

- É verdade – o velho silfo olhou para baixo – suponho que escutou esta história do próprio Lévoró, antes de sua morte.

Weiss confirmou. Era sabido que o Duque Hiokar e seu conselheiro, o bruxo Lévoró, tiveram apoio lacorês em sua tomada do poder. Ayllew pensava que tais laços era potencialmente perigosos. Ele perguntou a Clefo – Ouvi dizer que demônios foram vistos em Lacoresh. Pode me dizer qual o postura da ordem dos magos em relação às vis criaturas?

- Os demônios ainda circulam em nosso mundo. Eu, pessoalmente, tenho me dedicado há anos a estudar os meios de controle dessas criaturas.

- Verdade? Não espere sair-se melhor que seus ancestrais, pois eles eram mais longevos e poderosos. Ainda assim, foram enganados e perderam o controle, meramente ilusório. Se aceita meu conselho, de líder para líder, concentre os esforços de sua ordem estudar maneiras de destruí-los ou aprisioná-los. Não se barganha com demônios para ganhar algo, se não, sempre para perder.

As memórias ficaram de lado agora que descia as escadarias na companhia de

um demônio. Mas aquelas palavras de Ayllew ecoavam em sua mente “Sempre para perder”.

Archibald, ou melhor, seu corpo, fungou ruidosamente cheirando o ar. – Sinto cheiro de medo em você necromante. Não tema, seremos bem sucedidos. Se algum elfo aparecer será trucidado.

- Sim, é claro, poderoso Plar-Goshu – disse Clefto, mas em seu íntimo não temia os silfos, mas sim o demônio e os outros que pretendiam libertar.

Depois de descerem cinco níveis da torre sem encontrar resistência alguma, Clefto declarou – Algo não está certo. Nenhum guarda? Certamente é uma armadilha. Não haveria como não saberem sobre nossa presença, depois de tanto. É melhor desistir e voltar.

A resposta do demônio não veio em palavras, mas Clefto viu-se erguido com sua garganta sendo esmagada pelas mãos incrivelmente fortes de Archibald. Ele olhou-o nos olhos e disse destilando ódio – É morrer agora, ou continuar tentando. Qual sua opção?

Clefto conseguiu emitir um débil – continuar...

Plar-Goshu soltou-o no chão e disse – Então vamos, já estamos perto, posso sentir as vibrações de meus aliados. – O faro sobrenatural do demônio os guiou até o local. – Atrás dessa porta – ele disse. Era um portão ogival largo e alto com imagens de batalhas contra demônios esculpidas em alto relevo.

Plar-Goshu empurrou o pesado portão que cedeu à sua força se abrindo lentamente. Lá dentro havia a mais completa escuridão que foi quebrada pela linha de luz que penetrava pelo portão entreaberto. Quando os três entraram no salão, Clefto convocou uma luz simples sobre seu pequeno cetro. Não foi suficiente para iluminar todo o local, mas puderam ver que não estava vazio. Clefto estava certo, era uma armadilha e eram alvos fácies. Uma chuva de feitiços veio na direção do trio.

Weiss atirou-se para a esquerda e rolou sobre o chão para escapar. O demônio, que imbuía o corpo de Archibald com agilidade e força sobre-humanas saltou como um gafanhoto por sobre os raios e pousou no centro do salão, sobre a enorme porta metálica. O portão da prisão era circular e cheio de símbolos e escritos. Tinha cerca de dois metros de diâmetro. Ali debaixo, Plar pode sentir centenas de essências demoníacas sedentas por libertação e vingança.

Clefto tentou proteger-se com um feitiço, mas conseguiu defender apenas dois dos três ataques dirigidos sobre ele. Um raio esverdeado e sinuoso atingiu-o no ombro provocando uma dolorosa queimadura que penetrou em seu corpo ressoando pelos ossos. Ele girou e caiu no chão gritando, mas sem perder a consciência.

Cerca de dezesseis bruxo sílficos estavam posicionados sob os arcos de alcovas

que circundavam todo o salão de modo equidistante. Uma segunda leva de feitiços ofensivos foram lançados contra os dois invasores remanescentes.

Usando os sagrados ofícios, Weiss moveu-se veloz como uma aranha dando um bote contra um desses feiticeiros. No ar, proferiu as palavras de poder – Carvus, Carvus, Carvus!

O soco potente atingiu o silfo em cheio no rosto quebrando seus dentes. O mesmo tombou atordoado à beira de perder a consciência.

Archibald atirou o recipiente para frente e convocou seu companheiro com um urro medonho – MITZLORG!

O nexo se abriu causando uma breve ventania no salão que forçou os bruxos a protegerem os olhos. Ao mesmo tempo, Archibald deu outro salto e agarrou-se com precisão nos rejuntos das pedras que compunham a abóbada de suave inclinação sobre o salão.

Os raios elétricos e duas bolas de fogo explodiram no centro do salão sem atingí-lo. Em instantes, emergiu do nexo o horripilante demônio conhecido como Lorde Mitzlorg, membro das disformes e grotescas hordas Zimbronianas. Em seu torso superior estava o corpo deformado de uma crinaça, o filho de Jeero, Armand DeFruss. O corpo do demônio era um misto de caranguejo, com patas finas, cascudas e peludas que sustentavam um enorme abdome que se arrastava e do qual emergiam dezenas de tentáculos terminados em bocas circulares com dentes dispostos de forma radial.

Os magos sílficos foram tomados por um horror esmagador. Muito haviam lido sobre demônios e criaturas abissais, mas nunca haviam confrontado uma criatura tão horrenda como aquela. Os mais próximos dele hesitaram e foram abocanhados. Gritaram agonizando enquanto os demais, bombardearam a criatura com seus feitiços, ferindo-a apenas de modo superficial. Aproveitando-se da distração causada por Mitzlorg, Plar-Goshu desceu sorrateiramente agarrado ao teto como uma lagartixa até o local onde Weiss se escondia. Supreendeu-o ao sussurrar atrás dele – Esperemos o desenrolar, pois de certo nos será favorável.

O velho Ayllew surgiu de uma das alcovas e convocou um domo de proteção que se mostrou efetivo contra as investidas de Mitzlorg. Atrás do silfo era possível ver um pequeno grupo e entre estes, havia uma criança. Ali atrás, o silfo Molgras, irmão de Melgosh estava apreensivo e sob a penumbra e disse para seu sobrinho neto – Você tinha razão Marr, mas antes estivesse enganado...

- Obrigado por acreditar em mim, tio Mol, mas e agora? Não consigo ver para onde foi meu pai.

Adiante, Ayllew combinava com um de seus discípulos, o jovem Irgmat, o momento de baixar o domo. O aprendiz havia sido membro da guarda imperial antes de ingressar na escola de magia. Em suas mãos, uma das relíquias forjadas no Monte

Hostenoist, durante a Era Maldita, o Dardo de Forlagon. Era uma pequena lança de arremesso imbuída de poderosa magia temporal capaz de tornar um inimigo lento, por algum tempo.

-Agora! – avisou Irgmat ao lançar seu dardo contra o demônio. Ayllew desfez o domo e o dardo voou certo para afundar-se na carne gosmenta do abdome de Mitzlorg. O efeito veio como esperado.

Ayllew cedeu suas energias a Irgmat e este absorveu-as ampliando sua força e agilidade.

-A âncora deve ser removida – o velho indicou a metade desfigurada de Armand que brotava do corpo grotesco do demônio. O guerreiro correu até a criatura e desviou-se de um ataque de uma tentáculo com certa facilidade. Uma das pinças couraçadas atacou em seguida e ele saltou para cima desta tomando impulso para escalar no dorso da criatura. A espada do silfo, Snarda Lian, era estreita e curta. Forjada em Nelfária, era imbuída de magia sutil que mantinha o fio de corte e conferia flexibilidade tornando-a quase inquebrável. O golpe foi preciso contra o pescoço exposto do menino.

Mitzlorg urrou usando sua bocarra situada acima do abdome – Malditos!

Os mestres da escola iniciaram imediatamente o rito de exorcismo. O corpo de Mitzlorg estremeceu e agora eles tinham pouco tempo para capturá-lo. Plar-Goshu esperava que os silfos fossem facilitar seu trabalho. Para aprisionar Mitzlorg precisariam remover o selo místico do portão. O demônio e Weiss observavam quietos e escondidos enquanto o processo se desenrolava. Ambos não perceberam a movimentação do menino saindo da alcova em busca de seu pai. Marr circulou pelas laterais ficando fora da vista de Weiss e Plar. O menino suava frio, mas seguia firme em seu propósito. Há alguns dias, após mais sonhos e visões, havia procurado por seu tio para convencê-lo a levá-lo a Nish. Foi difícil dobrar o tio para que traisse a confiança de sua sobrinha, Mishtra. Entretanto, o garoto estava certo, se ela fosse consultada, nunca concordaria em deixar o menino abandonar o esconderijo e se expor a perigos em Nish. A descrição precisa da torre de Vurja, seu interior e da prisão de demônios foram detalhes que ajudaram a convencer o velho tio da veracidade de suas visões e das implicações de não ir até Nish avisá-los a respeito da uma possível libertação da horda de demônios. Era necessário agir para prevenir tal tragédia, e se possível, salvar o pai do garoto.

Marr e Molgras haviam chegado a Nish naquela manhã e só depois de muito insistir, conseguiram uma audiência com o Grão Mestre Ayllew. O mago investigou a mente do garoto e buscou algumas imagens de suas visões, e assim, convenceu-se

do perigo iminente. Apesar de não dominar o Jii e seus fluxos, o Grão Mestre possuía conhecimentos teóricos sobre as disciplinas mentais do Jii. Havia no cofre de relíquias da torre um raro amuleto que fora acoplado a uma tiara. Era um potencializador de Jii. Não haveria tempo para o menino aprender como usá-lo propriamente, mas o Grão Mestre instruiu-o para que confiasse em seus instintos.

Quando Plar-Goshu e Weiss perceberam a aproximação do menino ele já estava a poucos passos deles. Weiss olhou-o com desconfiança percebendo uma estranha familiaridade em sua fisionomia e isto preveniu que ele tomasse uma ação ofensiva imediata.

- Mas o que temos aqui? – deixou escapar Plar-Goshu surpreso.

Marr olhou nos olhos de seu pai, mas viu a face de uma demônio. O mesmo que o perseguia em seus pesadelos. Escutar sua voz o fez estremecer. O demônio sorriu sentindo prazer ao sentir o cheiro de medo que veio do menino. Também, ficou intrigado. O que um garoto apavorado estaria fazendo ali? Tentando fugir? Sim, parecia ser este o caso, presumiu Plar.

- Você não vai escapar! Ninguém vai escapar... – Plar deu um passo adiante e seus olhos faiscaram para intimidar o menino.

Marr engoliu seco e projetou suas emoções sobre o oponente. Um misto de medo e raiva atingiram o demônio que tentou, sem sucesso, erguer barreiras mentais para defender-se. Plar-Goshu levou as mãos sobre a cabeça e gritou agonizando. Marr, agora confiante, ampliou seu grito psíquico. “Saia do meu pai! Sai dele, seu maldito!”

Weiss captou os pensamentos de Marr, atingido colateralmente pelo ataque psíquico. “Pai?” pensou o velho monge. “Sim, seu rosto. É como ver Archibald quando criança...”. Era o filho de Archibald e Mishtra, por quem havia procurado por tanto tempo. Ainda atordoado pela revelação Weiss hesitou sem tomar ações para auxiliar Plar-Goshu.

O ataque de Marr se intensificou e Archibald caiu no chão tremendo. Uma estranha forma gasosa e avermelhada emergiu à partir de seu corpo. Weiss avançou contra Marr atingindo-o com um forte tapa – Ora seu moleque! – chiou Weiss.

Era tarde demais. O menino havia expulsado o demônio. Plar ficou desorientado. Naquele instante o selo da prisão foi removido e uma força passou atraí-lo para dentro.

- Não! Não! – o demônio gritou afastando-se de Archibald. – Preciso de uma âncora! – desesperou-se sendo tragado para o portão entreaberto. Sugava o ar e energias do local como uma banheira sendo esvaziada após o tampão do ralo ser removido.

Plar-Goshu cravou suas unhas em Weiss e expulsou o espírito guerreiro que se

agarrava ao velho proporcionando-lhe capacidades sobrenaturais. Weiss chiou desesperado – Não! Saia de mim, maldito! Saia...

Plar-Goshu, possuindo Weiss, olhou com ódio para o menino mestiço caído diante de si – Você vai me pagar...

Mas antes que pudesse completar seu ataque foi atingido por uma teia negra e pegajosa.

- Fuja menino! – ordenou Clefto que venceu seus temores e veio confrontar o demônio.

- Seu necromante traíra! – Plar-Goshu rasgou a teia em dois tempos e o menino aproveitou para correr até seu pai para ampará-lo.

O corpo de Mitzlorg de desfazia em fumaças púrpuras e fedorentas sendo sugado para dentro da prisão.

Plar, incorporado em Weiss, saltou sobre Clefto, mas foi atingido por um raio elétrico emitido por um dos mestres sílficos. Sua carne queimou uma vez mais e o demônio caiu. Clefto recuou enquanto outros sílfos, entre este, Irgmat, se aproximaram para dar combate ao demônio.

- Menino! – a voz de Ayllew soou ao pé de seu ouvido – expulse o demônio do corpo do embaixador. Não podemos manter o portão aberto por muito tempo!

Archibald recobrava a consciência, mas estava tonto sem saber onde estava e o que se passava. Marr voltou-se contra Weiss e lançou novo ataque mental. Desta vez, estava mais determinado e focalizou o ataque com maior precisão. De uma só vez o demônio foi repellido do corpo. Protestou e amaldiçoou enquanto era tragado pelo portão. O menino caiu de joelhos sem fôlego e com dores de cabeça. Weiss, mesmo ferido, levantou-se motivado por uma raiva extrema que queimava em seu estômago. Seu esquema havia falhado. Estava derrotado. Ainda assim, convocou seus poderes para ignorar as dores. Avançou contra o menino, mas foi detido por Clefto. – Não via machucar um menino.

Weiss respondeu com um forte safanão que atirou o necromante de lado. Seguiu mancando para o menino. Archibald segurou-o pegando em seu ombro.

- Deixe este verme comigo! – disse Archibald.

- Nos confrontamos uma vez mais, sobrinho – chiou Weiss.

- Desta vez me certificarei que é nosso último confronto – ele convocou os sagrados ofícios – Carvus Maste Oném!

O soco de Archibald atingiu o tronco do oponente fazendo Weiss soltar todo ar e cuspir sangue. Ainda ignorando as dores, ele revidou agarrando o braço de Archibald e levando outra mão ao seu pescoço. O rosto dele ficou vermelho, mas

desvencilhou-se com um forte chute. Weiss tirou um punhal do manto triplo e tentou uma estocada.

Archibald desviou-se e contra atacou com um chute contra a perna ruim de Weiss. O velho caiu no chão e perdeu o punhal que quicou pelo chão ruidosamente. O sobrinho caiu sobre o tio e socou-o repetidas vezes no rosto.

- Maldito! – dizia enfurecido – Vai me pagar!

Weiss não conseguia se defender, mas sorria cheio de sangue na boca a cada golpe recebido.

- Pai – chamou Marr – Por favor, não o mate.

Archibald parou por um instante, contendo sua ira.

- Ele é um tolo, mas ainda assim, seu tio.

- Você não entende filho.

- Você é que não entende pai. Matar um inimigo indefeso não é certo. Ou melhor, matar, é contra a lei divina.

- Lei divina? O que você sabe sobre leis divinas?

- Acho que mais que você. Mamãe sempre disse que você era um devoto dos deuses.

- Pois saiba que há muitos deuses que se saciam com sacrifícios de sangue.

- Apenas falsos deuses seriam assim.

- É? Então o que devemos fazer com ele? Deixá-lo ir?

- Ele cometeu crimes, deve ser preso.

Archibald gargalhou – Não sei que tipo de fantasia sua mãe ensinou a você sobre o mundo, mas para pegar tantos criminosos, precisamos construir uma prisão do tamanho de um continente!

- Isso não tem nada a ver com mamãe. Mas sim com aprender a falar com a Deusa. Ectarlissè ainda fala àqueles que estão abertos para ouvi-la.

- Ora menino, não me venha dar lições de moral! – voltou-se para Weiss a fim de exterminá-lo. Ele estava desacordado e respirando debilmente. Seu ímpeto recuou e não encontrou coragem. – Muito bem – disse ele ao se levantar – Farei como me pede.

Marr avançou e saltou sobre Archibald envolvendo-o num abraço apertado. Archibald sentiu-se culpado por nunca ter retornado para Mishtra e para ele. Mas o afeto livre de mágoas daquele garoto logo fez com que sua culpa cedesse lugar a outras emoções. Sentiu-se agradecido e em instantes tinha lágrimas rolando de seus olhos. Sentiu orgulho de seu filho e sua incrível coragem e sabedoria. Seu filho

havia vindo em seu socorro, não para salvar seu corpo, sua vida, mas para salvar sua alma.

CAPÍTULO 112

O palácio imperial lacorês ainda estava sendo reparado. Em uma de suas torres o regente andava de um lado para o outro, impaciente. Esperava o seu interlocutor. A imagem de Thoudervon finalmente surgiu no espelho.

- Ora, mas estás muito atrasado! – Arávner queixou-se.

- Estava ocupado, mas vamos logo com isto. Os navios estão preparados?

- Sim, quase.

- Então a resposta correta é não.

- O que quis dizer é que estarão prontos para amanhã.

- Muito bem.

- Chegou o momento de irmos, afinal.

- Eu irei – Thoudervon fez uma pausa – Mas você precisa ficar aqui.

- Ora, de jeito nenhum!

- Por acaso acha mesmo que está em posição de me questionar?

- Para falar a verdade, sim. Tu precisas de mim, quanto eu de ti.

- Você presume que seus milênios de vida e parco conhecimento sobre a antiguidade e seus poderes perdidos são muito grandes, não é? Mas saiba que em nada se comparam aos meus.

- Não vou mais me contentar com tuas bravatas. Em todos estes anos, nunca vi evidências de que tu sejas algo mais que um velho feiticeiro habitando um velho esqueleto.

- É mesmo um tolo por me tomar por um feiticeiro qualquer. Não importa! Não vou discutir com você. Nem mesmo gastarei meu tempo e energia confrontando-o. Estou apenas lhe comunicando que a sua tarefa é ficar aqui, encontrar e dar cabo de Maurícius, enquanto eu viajo para operar a Grande Eclosão. Sabe bem que precisaremos do império lacorês para avançar contra Nelfária e para recuperar as torres. Sem a força do império, o caos se espalhará e todos nossos esforços serão perdidos.

- Não sou teu servo e não obedecerei às tuas ordens.

- Ótimo, faça como quiser. O império me servirá de qualquer modo. Se decidir não fazê-lo, a princesa Hana e Calisto virão para governar em seu

lugar. Recomendo que fique atento para não ser destruído por eles. Servirão tão bem como você, caso esteja disposto a levar adiante essa sua repentina rebeldia infantil.

Arávner gargalhou – Hana e aquele moleque? – mas algo passou em sua mente e engoliu seco – Eles estão com o orbe?

- Para sua sorte, não. Ainda assim, sugiro que seja cauteloso. As coisas funcionarão conforme meus planos, de um jeito ou de outro. Considere meu aviso um agradecimento em relação à nossa cooperação nestas últimas décadas.

- Thoudervon, espere. Eu... – o canal de comunicação havia sido rompido.

- Maldito! Maldito! – Arávner atirou objetos e empurrou móveis de seu quarto tomado por um acesso de raiva.

Hana conseguiu conduzir o grupo através do plano netéreo, pois todos, exceto Gorum, despertaram do transe extra-dimensional com relativa rapidez. Ao saírem do portal, Hana reconheceu a sala localizada no alto do Farol de Lacoresh.

A passagem pela estranha dimensão dotou Hana e Kiorina de energias que atuaram em seus corpos recuperando-os parcialmente dos ferimentos sofridos em Saubics.

Calisto manifestava seu tique nervoso, pois imaginava que se reencontraria com Thoudervon de imediato, mas depois de alguns minutos, teve certeza de que o lugar estava vazio.

- Tem mesmo certeza que foi Thoudervon que acionou o portal? – indagou Hana.

- Sim, senti seu chamado. – Respondeu ainda com a mão e o rosto tremendo.

- Ao que parece, ele pôde fazê-lo sem estar aqui – constatou Kiorina.

Gorum saiu do portal, mas acorcorou-se enjoado demais para ficar de pé. Kyle estava um pouco tonto, mas melhor que seu tutor.

Calisto sentiu seu anel coçando. Chamou Hana e deixou Kyle e os demais auxiliarem Gorum, que vomitava. A imagem de Thoudervon surgiu a partir do anel de Calisto.

- Escutem bem, serei breve. – disse baixinho.

- Poderoso Thoudervon! – Calisto retrucou acompanhando o tom.

- Bajulador idiota! Estou disposto a perdoá-lo por sua falha miserável, prematuro, se cumprir duas simples tarefas.

- Diga e eu farei.

- Vocês devem seguir o quanto antes para o palácio e confrontar Arávner. Devem derrotá-lo. Hana é a herdeira legal, assim como você, se ela abdicar em seu favor.

- E a segunda tarefa? – indagou o rapaz de olhos negros sedento para ascender ao poder.

- Vocês devem encontrar Maurícius e destruí-lo. Preciso que a ordem seja reestabelecida em Lacoresh, em especial, nos baronatos atacados por ele.

- O que houve? – indagou Hana, curiosa.

- Os baronatos do norte foram tomados pelas crescentes hordas de mortos-vivos comandadas por seu pai.

- Por que você não resolve isto pessoalmente, poderoso Thoudervon? – indagou Calisto.

- Infelizmente não há tempo. Tenho uma atividade fora daqui para realizar. Deixarei o destino de Lacoresh em suas mãos até meu retorno.

- E quanto a eles? – Calisto indicou Kyle e os demais, do outro lado da sala.

- Eles vieram para salvar Lacoresh. O tempo de retorno não poderia ser mais perfeito. Estou certo que poderá convencê-los a colaborar.

Hana compreendeu tudo e começou a bolar um plano. Disse a Calisto – Confie em mim, filho, vou convencê-los a nos apoiar.

Calisto deu uma guinada no pescoço sentindo-se desconfortável ao ser chamado de filho. Sua mãe sabia sobre como as coisas haviam evoluído em Lacoresh. Ele estivera fora por muitos anos, seria fácil tomar caminho errados por simples desconhecimento da situação. Ele a escutaria.

- Escutem – disse Hana – Não temos tempo a perder. A situação de Lacoresh é grave, mas se puderem me ajudar, me comprometo a consertar os crimes cometidos por meu pai e pelos necromantes.

Kyle não confiava nada nela, mas disse – O que pretende?

- Meu pai enlouqueceu de vez e tornou-se um morto-vivo. Ele tomou os baronatos do norte e ameaça destruir todo o reino. Precisamos detê-lo.

Calisto deu com os ombros e disse – Estou dentro, sempre odiei aquele velho.

- E tem mais – prosseguiu a princesa – Arávner usurpou o trono que por direito me pertence. Ele é o líder dos necromantes, mas agora eles

estão divididos, lutando entre si. Após derrotarmos aquele que já foi meu pai, teremos que confrontar Arávner para trazer o trono para mim.

Calisto discordou daquilo e enviou pensamentos a Hana “Thoudervon disse para atacarmos Arávner e depois Maurícus”.

A princesa se assustou com a comunicação e Kiorina indagou – O que houve?

- Ah, não foi nada. É que me lembrei de algo. Ainda bem que foi a tempo. Alguns dos antigos rebeldes nos apoiaram em nossa recente fuga. Nasbit, Meinard, Vekkardi e outros.

-Sério? – Kyle estava surpreso.

- Sim, eles nos ajudarão novamente. Mas eu, mais que qualquer um e vocês, estou sendo procurada pelos homens de Arávner. Ele deseja se livrar de mim para legitimar sua posição no trono. Teremos de agir com extrema cautela.

Kyle ponderou e disse – Temos inimigos em comum e lutaremos juntos.

Mas ainda sentia-se desconfortável, pois tinha a sensação de que seriam traídos pelo rapaz de olhos negros antes de tudo terminar.

CAPÍTULO 113

Arávner havia redobrado a guarda do palácio e triplicado as patrulhas nas ruas. Do alto de sua torre observava a pequena frota de navios partir do porto. Cerca de trezentas crianças de olhos negros viajavam com a comitiva de feiticeiros liderada por Thoudervon.

O servo aproximou-se sentindo que seu mestre estava aflito. Nunca o vira assim antes. Por isso, segurava-se para não rir em hipótese alguma.

- Mestre... – disse Kurzeki baixinho.

- Kurzeki, o que queres?

- Sua guarda está pronta para a viagem. E, desculpe falar mestre, mas não seria mais seguro ficarmos aqui?

- Este palácio é bonito e grande, mas inútil em termos de defesa. Já a fortaleza nas montanhas, nos servirá melhor.

- E quanto ao caminho até lá?

- Iremos pela velha estrada litorânea até Grey e de lá, direto para Xilos.

- Você se desentendeu com o caveiroso Thoudervon, não é mestre? Ele já zarpou... Então, o que ainda o preocupa?

- O prematuro de Thoudervon está de volta.

- O rapaz, Calisto, não estava morto?

- Aparentemente não, Kurzeki.

O servo sentiu-se emocionado. Nunca antes seu mestre havia o tratado com educação.

- Eu nunca o agradeci, mestre. Por ter meu salvado da loucura.

- Tu me serviste bem. Mas agora, talvez precisemos reintegrar tua mente. Precisarei do teu apoio contra nossos oponentes.

Kurzeki sentiu medo e seu estômago começou a revirar – Não estou pronto mestre. Se tiver meus poderes de volta eu não sei...

- Quando chegarmos à fortaleza, Kurzeki, trabalharei para restaurar tua mente. Aprendi algumas coisas com meus servos, Noran e Radishi. Mas saibas tu, que sou grato por teres me despertado.

- Não sei se quero voltar a ser como antes, mestre.

- Já não temos como recuar, meu caro. Thoudervon se engana ao pensar que eu não tenho recursos para contrapor sua jogada.

- O que fará, mestre?

- É simples, a assembleia já foi reunida?

- Os membros ainda estão chegando... O que vai dizer?

- Vou renunciar à posição de regente. Direi a eles que a princesa Hana, legítima herdeira, foi vista em Lacoresh e que deve ser convocada para assumir o trono. Eu terei cumprido meu papel aqui e não haverá razão para ser confrontado por ela, ou por seu filho. Ao menos não por algum tempo, afinal, estarão ocupados lidando com Maurícus.

- Bem pensado mestre!

- É claro que sim... E então estaremos livres para partir. Preciso voltar a falar com o senhor do submundo antes da eclosão. Preciso saber mais sobre Thoudervon. Se ele for mesmo que eu suspeito, talvez haja uma maneira de derrotá-lo.

CAPÍTULO 114

Gorum roncava ruidosamente na outra sala. Kiorina acordou cedo com a luz do sol penetrando as janelas do farol. Ela viu Kyle de pé ao lado de uma das janelas que davam para o mar. Ela levou as mãos, tocando a maçã do rosto com os dedos. Os arranhões feitos com as próprias unhas quando fora possuída pelo espectro já tinham formado fina casca que começava a sair deixando á vista linhas de pele nova branca e avermelhada.

Kyle disse – A princesa desceu para buscar provisões e alguns mantos.

-Humpf... – resmungou Kiorina. Os dois não se falavam muito desde que Kyle resolveu ficar em Banzanac com Lilástrata. Kiorina puxou a janela e deu uma olhada para fora.

-Cuidado! – Kyle puxou-a pelo ombro – Você vai ser vista assim!

Kiorina desvencilhoun-se e rosnou, mau humorada – Não numa hora destas e deste lado... – e voltou a colocar sua cabeça para fora.

A torre era muito alta e Kyle não colocaria a cabeça para fora, pois sentia certa vertigem. O jeito que Kiorina se debruçou em seguida fez com que ele se lembrasse da ocasião em que visitaram aquele mesmo local quando eram crianças. Gorum tremia e a repreendia toda vez que Kiorina se debruçava daquela maneira.

-Lembra-se de quando viemos aqui?

Ela voltou a tocar os pés no chão e olhou para Kyle. O rosto dele estava parcialmente iluminado pela luz alaranjada do alvorecer. Tinha uma expressão cansada, talvez, um pouco envelhecida. Os cabelos curtos e barba por fazer faziam-no parecer mais velho.

-Sim, e de muitas outras coisas – Kiorina desviou o olhar ainda cheia de ressentimento.

Kyle sabia sobre o que ela estava falando. – Olha Kiorina, estamos de volta ao nosso lar, mas, ainda há coisas que precisamos fazer.

-Estou ciente disto – disse encarando o vai e vem do mar.

-O que eu quero dizer é que...

-Me poupe dos seus rodeios Kyle. É melhor deixar essa conversa para uma outra hora. Eu tenho muita coisa para pensar.

Kyle deu com os ombros e saiu. Estaria mesmo no caminho certo? Até onde poderia confiar nas revelações feitas pelo oráculo?

Voltar a Lacoresh deixou Kiorina com a mente fervilhando e com pensamentos pesados. Pensava em todos aqueles que haviam perdido suas vidas. Ector, Radishi,

Noran... Mas um entre todos deixou nela uma marca profunda e terrível: Chris Yourdon. Começou com o surto de raiva que tomou conta de si quando tocou o Orbe do Progresso pela primeira vez. Em um átimo, a explosão veio e já não havia mais volta. Estava feito. A voz cheia de ressentimento de Calisto ecoava em sua mente “Você matou Yourdon? Como pode?”. Kiorina olhava para suas mãos franzindo o cenho e pensava “Como pude? Como pude mudar tanto? Quem sou eu agora, depois disso tudo?” Lembrou-se de Chris na época da escola e como ele implicava com ela. Aquele mesmo homem magro e careca que queimou em instantes havia sido apenas um aprendiz, como ela. E sabe-se lá como, tornou-se um monstro insensível. Era aquilo também que estava acontecendo com ela? Um eco de uma voz maligna agora lhe falava como uma segunda consciência. “Está tudo perdido. Não há como salvar o mundo. Kyle também é um traidor. Ele traiu você uma vez. Trairá novamente. Não pode confiar em ninguém. No fim, todos só querem saber de seus interesses”. Aquilo se misturava de forma quase indistinta com seus próprios pensamentos. “Para que arriscar a vida tentando ajudar alguém, se ninguém está me ajudando?”

Era um dia ensolarado em que a forte brisa marítima varria o mau cheiro da cidade. Hana desceu do farol deixando os demais para trás. Usou sobre si um encantamento de ilusão para tornar sua aparência pouco suspeita. Tomou o disfarce de uma mulher de mercador e foi direto ao mercado gastar algumas moedas de ouro lacorês que trazia consigo.

Comprou dois vestidos simples, um para si e outro para Kiorina. Para Calisto adquiriu uma blusa e calça cinzentas e para Kyle um par marrom. A verdade é que todos precisariam de roupas. Também comprou mantos e capuzes para todos.

Um rapaz da loja ajudou Hana a levar as roupas até as proximidades do farol. Era baixo e magro. Vestia roupas batidas e sorria para a princesa mostrando que faltavam alguns dentes na boca. Hana pressionou os lábios forçando um sorriso. Não era o tipo de pessoa com quem lidaria em sua vida na corte. Ela indagou – Diga-me rapaz, o que é esta movimentação no porto hoje?

-A senhora num ouviu dizê não?

-Como disse? – ela não conseguiu entender seu modo de falar.

-São us menino dos zói de eclips... Dizem que tods’elis e tumbém us magu da iscola, vão tudo djunto.

-Para onde?

-Num sei não senhora... Mas deve di sê pra algum lugá importante, né?

Hana concordou com um aceno. Depois de avançar um pouco mais disse – Pode deixar o pacote aqui.

-Aqui senhora? – indagou o rapaz surpreso. – Disculpa preguntá mais a

sinhora mora aqui?

-Não...

-Mais vais ficá aqui suzinha assim? Esse lugá é pirigussissimu! – Era de fato um conjunto de casa rotas naquele canto deserto sob a torre do farol. De certo, um lugar próprio para mendigos ou mesmo ladrões.

-Tome aqui – Hana deu-lhe uma moeda de ouro – Vá logo e não me importune mais.

O rapaz arregalou os olhos e deu um largo sorriso banguelo, pois acabava de ganhar mais do que seu salário de um mês. – Obrigado! Obrigado! Se precisá, tamu sempe às ordi!

O rapaz sumiu de vista e Hana aplicou um feitiço de levitação sobre o pacote tornando-o leve como uma pluma. Ela contornou a torre do farol até o lado mais próximo do mar. Ficando bem próxima da parede voou rapidamente até penetrar uma das janelas bem no alto.

Hana entrou e encontrou-se com Kyle.

-Olá, cavaleiro.

-Princesa. – Kyle fez uma vênia.

-Ajude-me com isto. – ela entregou o volumoso pacote para o rapaz.

Kyle removeu os nós do pano da trouxa colocando-a sobre o chão poeirento.

Hana pegou as peças de roupa e um dos mantos e disse – Isto é para você. E isto – pegou um manto – é para o grandalhão.

Kyle experimentou o seu manto e levou o restante nos braços.

Hana viu Kiorina numa pose tensa, agarrada ao beiral da janela como se fosse esmagá-lo – Ruiva, venha ver o vestido que lhe trouxe.

Kiorina ignorou o chamado. Ela insistiu – Kiorina! Por acaso está surda?

Calisto surgiu silenciosamente do meio das sombras e disse – Para que a gritaria, princesa?

-O que há com ela?

Calisto sondou-lhe a mente e percebeu um padrão de pensamentos pujantes na forma de uma barreira. Usando suas faculdades, direcionou o Jii que ao tocar a barreira fez com que se desfizesse como uma bolha de sabão tocada por uma agulha.

Kiorina disse meio zonha – Hã, o que foi?

-O vestido – disse Hana mostrando a peça de tecido verde – Combina com seus olhos.

Kiorina sorriu e veio inspecionar o vestido. Acostumada a usar roupas de fino acabamento e bom gosto feitas no negócio de seu pai, achou-o um tanto grosseiro – Dá para usar, obrigada.

Olhou para o outro vestido adquirido por Hana e comentou – O seu é mais bonito.

- Naturalmente, sou uma princesa e legítima herdeira ao trono.

- Os legítimos herdeiros ao trono de Lacoresh foram mortos por seu pai – Kiorina rebateu com acidez.

- Verdade, isto apenas torna minha herança ainda mais legítima. Se estivessem vivos, ou exilados, seria diferente. Não seja inocente, Kiorina, durante a história de Lacoresh, e mesmo de outros reinos, sempre houve guerras, embates e disputas pelo poder.

- Pois então lhe digo, princesa. Se as coisas lhe forem favoráveis e de fato ascender ao trono, cuide-se, pois há sempre alguém na espreita e disposto a trair para obter o poder.

- Obrigado pelo conselho. Vamos reunir os demais. Tenho novidades...

- Muito bem – Kiorina virou-se.

- E leve isto também – Hana entregou um manto.

- E isto aqui, filho, é para você.

Os olhos de Calisto tremiam, pois achava aquilo irritante – Será que dá para me chamar de filho?

- Vai se acostumar...

Ele estremeceu – Duvido!

- Agora, experimente a roupa!

- Certo.

- Agora! O que está esperando?

Calisto olhou-a quase indignado.

- Ora, você é meu filho e ademais, já o vi sem roupas antes.

Calisto suspirou e pensou “Nem me lembre!” Deixou a sala batendo os pés para vestir-se com privacidade, longe dela.

Quando Hana viu Gorum entrar com seu manto mal cobrindo sua volumosa armadura resmungou – Ah, teremos problemas.

- Problemas, princesa? – indagou Gorum.

- Você não vai poder ir conosco, vai chamar muita atenção.

- E o que devo fazer? Ficar aqui mofando?

- Não sei, talvez pela noite... Vamos ver. Por hora é prudente que fique aqui.

- Mas então por que me acordaram? – Gorum saiu. Depois, pensou

melhor e resmungou para si mesmo – Melhor assim. Ainda estou um caco. Preciso mesmo descansar muito, muito mais.

Hana trocou-se rapidamente. Estava impaciente e seguiu ansiosa para a outra sala. Parou na entrada e sorriu ao observar uma cena que a tomou de surpresa. Kyle estava se trocando, apenas com as roupas de baixo. Hana ainda sentia a perda de Derek, mas ver um jovem musculoso e belo como Kyle a balançou. Em sua vida na corte, foi uma mulher de muitos amantes. Ela pensava que o rapaz, Blackwing, poderia vir a ser um bom parceiro. Tinha desenvolvido uma queda pelos homens de armas.

Kyle notou a presença da princesa e vestiu-se rapidamente.

- Vamos, cavaleiro Blackwing – Hana veio buscá-lo puxando-o pelo braço – o tempo vai passando.

Kyle surpreendeu-se ao ver Kiorina novamente num vestido, há tempos ela usava apenas calças e blusas. Ela havia se tornado uma mulher madura e atraente. Hana invejou sua jovialidade e beleza natural, mas principalmente, a forma como Kyle olhava para ela. Kiorina não deixou de sentir uma pontada de ciúmes ao ver a princesa de braços dados com Kyle. A partir daquele momento, intensificou-se uma inimizade velada entre as duas mulheres.

Calisto chegou por último. Seu traje lhe conferia certa elegância. Ele percebeu o clima entre as duas e lamentou-se dizendo para si mesmo “Eu mereço!”

- Acho que estamos em condições de partir – disse a nobre.

- E o Gorum? – indagou Kiorina.

- Ele fica, por enquanto.

- Quem disse?

- Eu! Algum problema?

- Ora sim! – retrucou Kiorina apertando os lábios.

- Já basta, vocês duas! – Kyle elevou o tom de voz – Gorum é muito grande e um tanto famoso. A princesa está certa, nos arriscaremos se ele vier.

Hana apenas olhou para Kiorina com um sorriso vitorioso e sarcástico. A ruiva virou a cara, sentindo as orelhas quentes.

- A cidade parece muito agitada – observou Calisto.

- Soube que uma centenas de filhos do eclipse zarparam do porto ainda há pouco.

- Verdade? – Calisto surpreendeu-se – O que podemos pensar disto? Blackwing, alguma pista de suas visões?

- Sim. Estão sendo levados para um local distante, a leste.

- Devemos segui-los? – indagou Kiorina.

- Temo que já não possamos fazer nada por estas pobres crianças. Há uma ameaça maior ao futuro com a qual precisaremos lidar aqui mesmo, em Lacoresh: o bruxo Arávner.

- Sim, mas não devemos nos esquecer que a loucura de meu falecido pai e suas hordas de mortos-vivos constituem uma ameaça iminente.

Calisto tremia quando apreensivo – Sério, visões à parte, como esperam que nós cinco possamos ter alguma chance contra qualquer um destes oponentes? Se tivéssemos o orbe... Mas assim? De mãos vazias? Ainda me parece uma loucura.

- Deixe de ser um bebê chorão, filho! – Hana foi ríspida – Temos a Espada de Tarquis. Vimos bem o que ela fez às criaturas malignas.

Calisto torceu o nariz – Ora princesa! Não pensa direito! Estamos falando de hordas de mortos-vivos. Nós precisaremos é de necromantes do nosso lado.

- Ou de monges! – disse Kiorina – Você mencionou o irmão Meinard, não é verdade? Talvez ele possa localizar outras pessoas para nos ajudar.

- Não era este o plano, começar pelos contatos? – retrucou Hana.

Kyle concluiu – Então vamos, estou certo de que com mais informações teremos melhores condições para elaborar um plano.

Hana passou a mão na cicatriz na garganta e disse – O amigo de vocês, Archibald, contou-me sobre um homem chamado Klereon Nasbit.

- Sim, me lembro dele – assentiu Kyle.

- Ele foi um dos líderes que atuou contra o governo de meu pai. Archibald contou que depois que a rebelião foi desmantelada, ele envolveu-se com uma espécie de guilda, ou organização, chamada de Irmandade do Dragão Negro.

- Que nome dramático! – comentou Calisto.

- O fato é que Archibald disse que o tal Nasbit teria feito um contrato para que assassinasse meu pai, mas ele já havia se tornado um desmorto na ocasião. Nasbit pode ter meios e interesse para nos ajudar a dar cabo de meu pai.

- Sabe onde encontrá-lo?

- Tenho o nome de um lugar: O Banquete do Monge.

CAPÍTULO 115

A situação do império Iacorês era conturbada. Com conflitos atingindo o seu centro, não tardou para que chegassem notícias de rebeliões nos reinos anexados. A morte de Serin deixou Gris sem monarca e a moral das tropas que combatiam em Keldor e Tchilla também foi abalada.

Na capital estava em vigor a lei marcial. As ruas estavam apinhadas de guardas para manutenção da ordem. Não teriam chegado ao Banquete do Monge sem serem questionados, se não fosse pela atuação de Calisto que por duas vezes ludibriou os guardas com sugestões psíquicas.

A taberna ainda estava fora de funcionamento. Foram recebidos pelo sócio de Meinard, Felear. Houve um misto de celebração e estranhamento no reencontro de Felear, Kyle e Kiorina. O ex-cavaleiro havia servido de escolta para Kiorina na ocasião em que ela fora feita prisioneira do governo necromante. Felear não desconfiava que os bruxos necromantes, assassinos do rei Corélius, estavam no poder.

- Kyle Blackwing? Mas não é possível, você não mudou nada! – exclamou Felear ao reconhecê-lo no salão vazio da taverna.

- Cavaleiro Felear? – ele o reconheceu, mas sua aparência havia mudado, estava mais maduro.

- Há muitos anos não sirvo a coroa, pode me chamar apenas de Felear. Kiorina retirou o capuz, mas ele não a reconheceu.

- Lembra-se de Kiorina?

Felear espantou-se ao perceber que aquela mulher era a menina magrela que conheceu um dia – Senhorita – ele inclinou-se para uma exagerada vênica.

- Este lugar pertencia a Nasbit – observou Kiorina.

- Verdade. – Kyle recebeu instruções em sua mente para apresentar Calisto e Hana. – E estes são, err, Mitch e Isma, companheiros de viagem.

- Prazer em conhecê-los – Felear os cumprimentou, mas Calisto não olhou-o nos olhos.

Kiorina franziu o cenho para Kyle. Que história era aquela de Mitch e Isma?

Felear prosseguiu – Vamos até os fundos, Meinard vai gostar de vê-los.

No quintal, encontraram o gorducho tirando uma soneca deitado sobre uma esteira na sombra da grande árvore.

- Ô, Meinard! – ele o sacudiu – temos visitas!

- Hã? Mas quem? – Ele levantou-se coçando os olhos e tinha marcas da

fibra da esteira estampadas na metade do rosto.

- Cavaleiro Blackwing? Jurava que nunca mais o veria... Mas estive errado quanto a Archibald também.

Kyle cumprimentou-o.

- Como é mesmo seu nome? – indagou Meinard.

- Kiorina.

- Ah, sim, me desculpe, Kiorina DeLars, agora me lembro. Estes dois?

- Cal... ah, hã, hã. Mitch e Isma – disse Kyle. – Procuramos por Nasbit, sabe como achá-lo?

Meinard fez uma careta. – Ora... Aquele... Felear, peça ao menino para trazer vinho e algo para comermos. Vamos, minha gente. Sejam bem vindos ao meu, hã, quintal. Sentem-se, por favor. Havia mesa e cadeiras ali perto.

Hana sorriu para Meinard, achou-o bastante simpático. O menino chegou trazendo um garrafão de vinho e canecos. Meinard pediu que Felear saísse à procura de Nasbit.

- Bom, Archibald me contou muita coisa. Já soube de muitas de suas aventuras até chegarem na cidade de Tchilla, fico imaginando o que aconteceu depois que vocês se separaram.

Kiorina e Kyle contaram um pouco do ocorrido omitindo muitos detalhes, pois não estavam à vontade em compartilhar informações com a princesa e Calisto.

O relato sobre Banzanac deixou Meinard curioso e impressionado. Fez à dupla muitas perguntas a respeito. Ele fez muitas perguntas a Calisto e Hana, mas arrancou muito pouco destes dois. A conversa foi longe até a noite cair.

Meinard os convidou para entrar. Arrumou uma mesa no salão da taverna e acenderam velas em vários candelabros.

- Será que Nasbit vem? – indagou Kiorina.

Meinard deu com os ombros – Talvez...

Com toda a conversa, ficaram mais atualizados a respeito dos acontecimentos em Lacoresh. A porta da taverna se abriu e seis pessoas entraram: Felear, Nasbit, Gorum e outros três desconhecidos.

- Me deixariam de fora disto, não é? – Gorum resmungou jocoso.

- Mas como? – Kyle não compreendia.

Nasbit retirou o manto escuro revelando sua face, barba farta e grisalha cortada abaixo do queixo. Ficaram, mais atrás, três figuras vestidas de negro encapuzadas.

- Kyle Blackwing e Kiorina DeLars, chegaram bem na hora – anunciou Nasbit.

- Hora de que? – indagou Meinard.

- Para assistirem a cerimônia de coroação. Agora isto, princesa Hana – Nasbit dirigiu-se a ela – Não é uma tremenda coincidência?

- Princesa? – Meinard cerrou as sobrancelhas.

- Entendo que não queira chamar atenção majestade, mas aqui estamos entre amigos.

Calisto ficou tenso e moveu o pescoço involuntariamente. Pôs-se a sondar os pensamentos de Nasbit e seus capangas. Surpreendeu-se ao perceber que nada emanava deles.

- Como achou Gorum? – Kyle demandou.

- Vamos lá, Blackwing, relaxe – retrucou Nasbit descontraído – A explicação é muito simples. A irmandade está sempre atenta a tudo que acontece nesta cidade. Nossa pista veio de um rapaz falador que fez questão de gastar uma rara moeda de ouro em um lugar onde estamos presentes. O que nos levou às imediações do farol. Houveram movimentações ali desde que a princesa, Radishi e outros utilizaram-no para escapar da fúria do regente. Quando encontramos Gorum, já tínhamos recebido notícias de Felear quanto a presença de vocês aqui. Enfim, não há nada a temer.

- De que coroação falava há pouco? – indagou Hana.

- A sua, é claro. Aí que está... O regente, não dá ponto sem nó. Ele certamente sabia de sua chegada. Há um alvoroço na cidade, estão todos na expectativa de sua aparição.

- Isto só pode ser uma armadilha! – disse Calisto.

- Mas certamente, Barão Calisto.

- Eu o conheço?

- Não, mas eu conheço todos vocês, muito bem.

Kiorina estava confusa – Pode explicar isso tudo melhor?

- Mas é claro, Srta. DeLars, tudo está acontecendo agora que o alinhamento dos astros está tão próximo. O líder dos necromantes zarpou de Lacoresh levando as crianças do eclipse. Arávner anuncia que a princesa Hana foi encontrada em que irá assumir o trono lacorês. Venho até aqui e quem encontro? A própria princesa e até o falecido Barão Calisto. Com quem estão? Kyle, Kiorina e Gorum, os últimos enviados do venerável silfo Modevarsh para buscar a salvação de Lacoresh. Ora meus

caros, obviamente, nada disso é coincidência. Eu diria até que é o resultado de algum plano bem elaborado.

-Thoudervon... – quase sussurrou Calisto.

-Isto mesmo, Barão!

Calisto estranhou. Ninguém normal o teria ouvido.

-Isto mesmo o que? – indagou Kyle.

-Thoudervon, foi o que o Barão sussurrou, não é mesmo?

Calisto concordou com um aceno, agora mais desconfiado ainda em relação a Nasbit.

-Ainda acho que isto seja uma armadilha de Arávner – insistiu Calisto.

- Talvez sim, mas ele e uma pequena comitiva de cavaleiros deixou Lacoresh, no início desta tarde.

-Para onde foram?

-Tomaram a antiga estrada ocidental.

-Para Grey? – indagou Felear.

-Talvez – voltou Nasbit – O fato é que dada a gravidade da situação de Lacoresh, qualquer um que assuma o trono pode ficar em situação delicada, ou melhor, perigosa, possivelmente letal.

-Está me dizendo que não devo assumir?

-Não disse isto... Mas penso que se o fizer, será algo semelhante a penetrar num ninho de víboras.

-Entendo.

-O veneno virá de todos os lados, mas o que vossa majestade precisa, princesa, é de nossos serviços.

-Serviços?

-Tenho convicção de que podemos prover informações e segurança necessárias para que possa assumir o trono, e... Como é mesmo que foi sua promessa? Que vai consertar os crimes cometidos por seu pai e pelos necromantes. Não foi isso que disse?

-Como sabe disto?

-Ora, nada demais. Apenas tive a chance de conversar bastante com Gorum, não é?

Gorum deu com os ombros, pois bebia um gole de vinho.

-Agora Blackwing, enquanto a princesa estiver ocupada assumindo sua

legítima posição, algo que precisa ser feito quanto ao velho louco.

- Velho louco?

- Maurícius e sua horda...

- O que sabe sobre isto?

- Ele está reunindo forças para um ataque derradeiro sobre a capital.

Suspeito que isto venha a ocorrer dentro de poucas semanas, quando as luas e o sol estiverem alinhados.

- Ouvi dizer que são muitos...

- Então é hora de reunir as tropas de Lacoresh e Kamanesh e partir para o confronto.

- Como espera que eu faça isto?

- Bem, ao seu lado está a futura imperatriz de Lacoresh. O primeiro cavaleiro, General Fortrail partiu na escolta do regente. Não custará muito para a imperatriz nomear o filho do grande herói Armand Blackwing como o primeiro cavaleiro de Lacoresh.

Hana começava a sonhar com as coisas que poderia fazer quando assumisse o poder – Se pensa que com isso possamos deter meu pai...

- Sim princesa, mas não apenas isto. As tropas poderão levá-lo ao território do inimigo para um confronto, mas ainda precisarão de um aliado poderoso para derrotá-lo. Eu já testemunhei a destruição de que ele é capaz. Apenas a força de alguém como o Dragão de Fogo poderá balancear as coisas.

- Dragão de Fogo? – indagou Kyle.

Um dos homens que acompanhavam Nasbit deu um passo à frente e baixou o capuz. A visão de suas horríveis cicatrizes em todo rosto e na careca e de seu olho mutilado, causaram revulsão nos presentes.

- É como me chamaram na recente batalha contra os mortos-vivos de Maurícius.

- Vekkardi? – Kyle reconheceu a voz e o olhar do discípulo de Modevarsh. – O que houve com você?

- Fui atormentado por dois monstros: Yourdon e Necranxelfer.

- Yourdon está morto – Calisto jogou um olhar acusador para Kiorina – Mas quem é este Necranxelfer?

- Um demônio... Um maldito demônio que precisaremos cooptar antes de confrontar Maurícius.

- Chris Yourdon morreu? – indagou Nasbit.

Calisto estremeceu e torceu os lábios para falar – Foi incinerado pela Kiorina aqui... Já deixo meu aviso para não importunar esta aí... É capaz de matar um aliado de uma hora para outra.

- Seu moleque! Está querendo ter o mesmo destino? – provocou Kiorina irritada.

- Viram o que eu disse?

- Mas afinal – cortou Hana – Onde está o tal Necran... O tal demônio?

Nasbit falou – acreditamos que esteja escondido em Kamanesh.

- Escondido, como assim?

Nasbit prosseguiu – Thoudervon andou enviando seus bruxos em sua procura. Ele falhou, mas nós que vemos tudo que ocorre, aqui e ali, temos notícia de seu esconderijo.

Calisto riu olhando para sua mão, que tremia fora de controle. – O que espera que façamos? Que cheguemos para um demônio e simplesmente peçamos para ele nos ajudar?

- Não, retrucou Vekkardi. Eu partilhei sua mente. Agora sei como ele pensa, sei o que ele quer. Há boas chances de que consigamos estabelecer uma barganha com ele.

CAPÍTULO 116

Hana foi conduzida por Nasbit e alguns membros da Irmandade do Dragão Negro para o palácio imperial, ainda naquela noite. Os oficiais de justiça e membros do clero foram convocados para reconhecê-la. Na manhã seguinte, era anunciada a coroação da nova imperatriz a ser realizada no dia seguinte.

Tudo fluiu sem maiores problemas e o seu primeiro ato como nova governante do império foi pedir desculpas ao povo do império e declarar as ações de seu pai e seus comparsas como criminosas. Para fazer o pai pagar pelos crimes, mesmo após a morte, enviou mensagens para que todos colaborassem para combater as hordas que haviam tomado o norte. Sua segunda ação foi proclamar o Duque Dwain Kaman, como Arquiduque de Kamanesh. Elevando-o ao segundo em comando na hierarquia da nobreza. Ela adotou o velho nome da família sendo coroada como Imperatriz Hana dos Greysnow. Revelou também sua relação de maternidade com Calisto que foi coroado Príncipe Calisto Greysnow.

Gorum foi elevado a cavaleiro de primeira ordem e apontado para a guarda do príncipe. Kiorina foi reintegrada à Alta Escola e nomeada Conselheira Imperial para trabalhar diretamente sob as ordens da imperatriz. Kyle foi consagrado Primeiro Cavaleiro de Lacoresh e recebeu a incumbência de atuar como general do exército a ser reunido para confrontar as hordas. Arávner foi declarado como cúmplice dos crimes realizados por Maurícius e um prêmio foi posto sobre sua cabeça.

Entre os membros do conselho imperial, foi apontado o antigo regente do reino de Homenase, Klereon Nasbit que também teve seu título de Rei de Homenase restaurado. Homenase foi elevada à condição de Reino Amigo de Lacoresh e não mais, território anexado. Nasbit enviou mensagem a seu reino para que seu exército fosse reunido e marchasse imediatamente para Lacoresh para prestar auxílio no combate às hordas de Maurícius.

Calisto estava muito desconfiado de Nasbit e suspeitava que ele estivesse, de modo indeterminado, controlando todas as ações de sua mãe. Partiu de Lacoresh à contra gosto sem poder ignorar uma ordem direta de sua mãe e imperatriz. Tudo havia acontecido de modo tão rápido e perfeito, num certo sentido, que Calisto chegou a desconfiar se não estaria ele próprio, sob efeito de algum feitiço ou domínio mental. Todos aqueles acontecimentos lhe pareciam absurdos. Não seriam algum tipo de ilusão? Por mais que tentasse extrair informações e pensamentos de qualquer um dos membros da irmandade de Nasbit, nada conseguia.

Kyle, Gorum, Kiorina e Calisto partiram para reunir-se às tropas lacoresas que se organizavam em torno de Kamanesh. Vekkardi também viajava com eles, vestido em roupas escuras e folgadas e com uma máscara de cerâmica branca escondendo o

rosto desfigurado.

Kiorina aproveitou sua reintegração à Alta Escola para subtrair da biblioteca dois volumes de astrologia que continham descrição dos ciclos lunares. O alinhamento que estava para acontecer era raro, pois englobava o sol, luas e os planetas. Havia relatos que em alinhamentos lunares, a energia da lua Tchiunni era canalizada para a terra e que durante este período a magia e os objetos de magia tinham seus efeitos alterados e potencializados.

O exército havia levantado acampamento entre Lacoresh e Kamanesh nas proximidades de Situr, uma vila que pertenceu aos antigos domínios de Calisto. Kyle circulava e dava ordens em todos os cantos até que, mais tarde, entrou em uma das tendas de oficiais na qual Kiorina estudava.

Ela vestia o traje alaranjado com cinturão dourado, típico dos magos da Alta Escola. Sobre uma pequena mesa iluminada por velas em candelabros tinha os livros abertos. Estava sentada em duas grandes almofadas empilhadas. Kyle entrou e sua armadura bem polida refletiu sutilmente as chamas. Sobre a cabeça usava um elmo com um penacho azul, sua capa combinava com a mesma tonalidade. No passado, seu pai e seus companheiros também usaram capas coloridas. A de Fortrail era escarlate, de Tarne, irmão de Gorum, era verde, a do irmão cinzenta e a do pai azul. Gorum falava sobre isto quando Kyle foi escolher seu uniforme há alguns dias. O primeiro cavaleiro tirou o elmo. Tinha o rosto limpo, pois agora se barbeava diariamente e o corte de cabelo estava ainda mais baixo.

Kiorina olhou-o e não pode evitar de achá-lo elegante, mas logo voltou seus olhos para os livros.

- Alguma coisa interessante aí?
- Sim, mas nada que valha a pena lhe explicar.
- Ah é, por que?
- Coisas de feitiçaria Kyle, não de cavalaria.
- Você devia vir comer alguma coisa. Amanhã partiremos bem cedo, antes do alvorecer.

-Estou muito ocupada. Será que não pode me deixar em paz? Preciso me concentrar.

Kiorina virou algumas páginas do livro, mas não era um volume sobre astrologia, era uma cópia do tomo dos mil demônios. Ler este assunto reforçava seus pensamentos sombrios, cada vez mais presentes. Ela fechou a expressão ficando muito séria e tensa. O conflito entre sua antiga personalidade e a mancha deixada pelo espectro de Marlituk se acirrava.

Kyle apertou os lábios – Como quiser, Kiorina – e saiu da tenda.

Ao sair, foi requisitado. Alguns de seus oficiais queriam lhe perguntar sobre

suas viagens e Kyle acabou no entorno de uma fogueira comendo espetos de carne e contando histórias. Muitos deles nunca haviam saído de Lacoresh e outros nunca haviam ido além de Homenase, ou dos arquipélagos dos silfos do mar. Tchilla, Tonuak e outros lugares eram como lendas para eles.

- Muitos acham esse assunto uma completa tolice – disse um de seus homens – mas há alguns anos, começou a se falar no profeta de Shind.

- De Shind? Um silfo?

- Sim, dizem que um silfo velho que teve contato com o rebeldes previu que o velho rei cairia com o retorno do cavaleiro predestinado. Que haveria uma mudança para melhor, mas fico pensando se a imperatriz não irá cumprir um papel semelhante ao de seu pai, o velho traçoeiro e mentiroso.

- Bem difícil ter certeza – disse Kyle – sei apenas que ela sempre odiou o pai e sempre pensou diferente dele... Talvez as coisas melhorem. Mas por hora precisamos nos concentrar. Enfrentar uma horda de mortos vivos não será nada fácil.

- Se os Naomir ainda fosse numerosos... – falou outro cavaleiro mais velho, veterano da segunda guerra contra os bestiais.

- Teremos que contar com os sacerdotes da igreja. E alguns feiticeiros da Alta Escola.

- Serão alguns destes necromantes? – indagou um cavaleiro jovem.

- Dizem que os mais importantes zarparam de Lacoresh antes da coroação.

- Há mais magos e sacerdotes em Kamanesh – disse Kyle – mas nossa principal arma será fogo e óleo. Devemos evitar um confronto aberto e usar o terreno a nosso favor.

- Não subestimemos o Rei Morto – disse o veterano – o maldito é ardiloso. Não é um zumbi qualquer com miolo mole. Além disso, dizem que ele retém sua magia.

- Sem falar nos demônios que controla. – falou pela primeira vez um cavaleiro grisalho com o rosto marcado por cicatrizes. – Eu vi uma daquelas coisas no Baile Maldito. Simplesmente não havia cavaleiro, mago ou sacerdote forte o bastante para ferir aquela aberração.

Kyle desembainhou sua espada encantada – Talvez com esta lâmina possamos fazer a diferença. Achei-a sob a lendária cidade de Ilm'taak. Soube que foi a espada de Tarquis, da ordem dos caçadores de demônios. – a lâmina respondia à luz

bruxelante da fogueira exibindo tons ora azulados, ora esverdeados. – Segundo a lenda que ouvi, ela foi forjada com a espada de metal estrelar do rei dos antigos Hölmos. Ele próprio teria enfrentado e derrotado o líder dos demônios pondo um fim a guerra milenar.

- Contos de fada... Tolices. – retrucou o cavaleiro grisalho – Quero ver manter sua confiança quando encontrar-se com aquela coisa infernal.

- Posso apenas dizer que já confrontei minha dose de demônios e vivi para contar a história.

Mais tarde naquela noite, uma figura encapuzada chegou até a velha mansão que pertenceu a Calisto, não muito longe do acampamento. O local estava abandonado.

- Apareça demônio! – disse Vekkardi – sei que está aí.

Uma janela do segundo andar se abriu e dela saltou uma menina que pousou no solo de quatro com graça e agilidade felina.

- Não esperava vê-lo vivo. Seu corpo foi um dos mais deliciosos que já possuí. Uma pena que não pude ficar mais. – e menina loira, de olhar e voz sinistras se levantou. Encarou-o de baixo para cima.

- Eu vim lhe oferecer uma barganha.

- Verdade?

- Precisamos de sua ajuda para derrotar o Rei Morto.

- Curioso! Seus pensamentos estão insondáveis. Vejo que recebeu a marca do dragão. Mas diga-me, Vekkardi, o que tem você a me oferecer em troca de meu auxílio?

- Algo que você muito deseja, Necranxelfer.

CAPÍTULO 117

Lacoresh havia mudado muito do ponto de vista de Kyle, Gorum e Kiorina. Como capital do império, houve crescimento de sua periferia, demolição e construção de muitos edifícios surgindo muitas construções de três a quatro pavimentos.

Porém a chagada a Kamanesh causou um choque ainda maior no trio. Não havia novas construções e as antigas tinham uma aparência de abandono. As áreas verdes que outrora eram bem cuidadas estavam arrasadas. O povo nas ruas parecia triste e oprimido. A alegria daquela cidade havia se apagado. As casas estavam sujas e muitas semi-arruinadas. O número de mendigos nas ruas lamacentas parecia ter triplicado, havia lixo acumulado, dejetos e nuvens de moscas. O mau cheiro era nauseante. Passaram pela rua da casa de Kyle onde funcionava a oficina de Gorum. Estava aos pedaços e dentro dela puderam ver algumas famílias de mendigos brigando entre si por comida. Aquela imagem foi a mais chocante de todas para eles. Passaram a imaginar o que poderia ter acontecido com outras cidades do reino que não fossem a capital.

Souberam que o velho Duque Dwain, agora Arquiduque de Kamanesh, raramente saía de seu castelo. Após a morte de seu filho e único herdeiro, Sir Clyde, anos atrás, tornou-se recluso, sem se importar com as necessidades de seu povo. Clyde possuía ideais e disposição para combater o governo corrupto. Apesar das advertências de seu pai, mais cauteloso, envolveu-se com a rebelião, pouco antes desta receber o golpe final e ser extinta. Foi executado pelos necromantes no pátio de seu próprio castelo. Aquele evento transformou profundamente o duque. Este manteve sua posição na medida em que se afastou da política deixando a administração do ducado para os conselheiros corruptos apontados pelo governo central.

Receber o título de Arquiduque não mudou em nada seu estado de espírito, porém, quando soube que o jovem Kyle Blackwing havia retornado de uma longa jornada e que recebera a posição de primeiro cavaleiro, veio-lhe um sentimento nostálgico. Isto o fez abandonar sua torre para ter uma conversa com ele.

Kyle foi chamado ao castelo ao passo que Kiorina foi visitar sua velha escola. Gorum foi para o porto em busca de uma taverna. O retorno ao lar tinha um gosto amargo que pretendia remover com algumas bebidas. Já Calisto alojou-se no castelo, pois estava ávido por uma boa cama e refeição.

A sala de audiências esteve fechada por muitos anos. Estava poeirenta e com cheiro de mofo. A luz da tarde penetrava pouco pelas frestas das pesadas cortinas que cobriam as janelas do amplo recinto. Alguns homens de Dwain que ali estavam

foram dispensados pelo nobre – Deixe-nos a sós! – sua voz soou envelhecida e pesada.

Kyle aproximou-se e ajoelhou-se diante do nobre que cortou as formalidades – De pé, rapaz. Deixe disto.

- Duque, digo Arquiduque Dwain, fico honrado em estar aqui.

- Já disse, Blackwing. Sem formalidades. Chegue mais perto, quero vê-lo.

Kyle se aproximou e ao ver Dwain de perto teve a mesma sensação de estar olhando para as ruas de Kamanesh. Lamentou constatar a óbvia decadência. Seu rosto agora estava enrugado, os cabelos e bigodes antes grisalhos agora eram ralos e brancos. Os olhos mais apertados, pareciam cansados quase sumindo sobre a pele que caía sobre estes. Estava fora de forma e acima de seu peso.

- O tempo foi generoso contigo, Blackwing.

- Obrigado, senhor – Kyle tentou pensar em algo interessante para dizer, mas sentiu-se constrangido.

O nobre prosseguiu – Tive notícias da passagem de vocês por Dacs. Atir ainda me escreve, de tempos em tempos. Então, me diga, o tal oráculo é real? Conseguiram encontrá-lo?

- Sim – Kyle baixou a cabeça – Mas temo que suas revelações não vão ajudar muito o império Iacorês.

- Império! Maldito seja Maurícius e sua megalomania. Essa história de império precisa acabar logo, senão Lacoresh estará definitivamente arruinada.

- Verdade – concordou o cavaleiro.

- O que me diz sobre a princesa Hana?

- Ela não é como o pai, isto posso afirmar. Ela teve um vislumbre de seu futuro como governante de Lacoresh, mas não faz ideia dos tempos difíceis que estão por vir.

- Compreendo. O oráculo revelou algo sobre a ruína de Lacoresh, estou certo? Eu não precisei de oráculo algum para ver isto.

- Minha jornada não foi em vão. Ao menos, ainda há umas coisas a fazer para garantir que não seja.

Dwain lamentou-se, mostrando certo descontrole emocional. Sua voz tornou-se embargada e os olhos nervosos e trêmulos. – Depois do que aconteceu a Clyde... Eu desisti de lutar, a verdade é esta. Recolhi-me e fui egoísta. Apenas os livros tem sido minha companhia. Já não há futuro para Lacoresh. A mim restou apenas

mergulhar no passado. Aprendi muito com os livros.

Kyle não tinha palavras de consolo. Disse apenas – O que vi no futuro foi muito sofrimento, não só para os lacoreshes, mas para todos os povos. Entendi que esse sofrimento é necessário. Uma dívida assumida com os Deuses que precisa ser paga.

-Bah, não me venha falar de Deuses! Que os malditos queimem nos infernos... São deuses fracos! Os fortes de verdade são os demônios que estão usando os tolos necromantes. Eles se iludem e acham que ganharão alguma coisa...

-Concordo. Ainda há duas tarefas que preciso cumprir antes de deixar Lacoresh para sempre.

-Então vai nos abandonar? Não faça isso, Blackwing – o duque ergueu-se e segurou-o pelos ombros – li sobre seus ancestrais. A casa dos Blackwing foi grande no passado. Por que não aproveitar-se do exército sob seu comando? Elimine a maldita Greysnow. Sabia que foram os ancestrais dela que usurparam o poder dos Blackwings? Você tem sangue de reis nas veias. Antes de Lacor unificar os reinos, seus ancestrais foram reis.

-Como é?

- Não sabia disto, não é? Os sujos Greysnow não só usurparam e rebaixaram os Blackwings, como também apagaram as evidências se sua sujeira eliminando os livros que mantinham tais relatos. Se alguém merece ser rei de Lacoresh é você rapaz. Destrua Hana, vingue-se e tome o poder para si. Rompa com os malditos silfos e abandone esta guerra insana contra tantos reinos. O sangue deles é podre. O neto, Calisto, conheci pessoalmente. Um moleque cruel e amoral. A única coisa que Hana e seu filho merecem é serem apunhalados pelas costas.

- Talvez o senhor tenha razão, mas eu não me vejo desta maneira. Não vou me tornar vil como eles.

- Esse foi o erro de seus ancestrais. Levaram seus malditos ideais de honra ao extremo. O apego à honra e o orgulho lhes trouxe apenas a ruína.

-A honra não é importante para o senhor?

-Eu fiz o que pude, mas a última coisa que posso afirmar é que sou honrado. Fui um covarde, um fraco, um egoísta, ainda que me doa admitir, é isto que sou. Deixei o mal envolver-nos pouco a pouco até não poder

fazer mais nada, a não ser suicidar-me. Não que não tenha tentado... Mas até para isto fui fraco. Quando ouvi falar de seu retorno tive uma esperança. Pensei que talvez as profecias do silfo de Shind pudessem ser verdadeiras. Que você talvez representasse a salvação de Lacoresh. Mas devo admitir, acho que fui tolo em pensar desta forma., pois vejo, que você, como eu, já foi corrompido. Desistiu. Nos abandonou.

- Isto não é verdade. Estou lutando por um bem maior do que Lacoresh e isso pode ser difícil de compreender. Tudo que fiz e o que ainda tenho que fazer é apenas para evitar que o mundo se afunde definitivamente nas trevas. Sacrifícios precisam ser feitos. Infelizmente, não vi um modo de fazer com que Lacoresh escapasse ilesa.

- O que diz não faz sentido.

- Não pretendo conseguir explicar. Eu tentei fazê-lo para meus amigos mais próximos e falhei. Me resta apenas suportar o fardo e agir, mesmo que ninguém compreenda minhas ações. Mas o senhor está certo em um aspecto. Lacoresh não pode continuar sendo um império. O império lacorês precisa ruir, ou então, as trevas prevalecerão.

- O que está dizendo?

- Se eu lhe disser o que deve fazer, precisa me prometer que não irá falar disso para ninguém. E que não irá agir de modo precipitado.

O duque olhou nos olhos de Kyle e confiou nele. – Eu lhe dou minha palavra.

- Pois bem, meu senhor. Esteja preparado para se erguer e proteger o povo de Kamanesh. Tempos difíceis estão por vir e o ideal de Lacor precisa ser abandonado.

- Como é?

- Não só o império lacorês irá ruir, mas também o que antes era o Reino de Lacoresh. Mas o senhor pode ser rei e proteger o povo de Kamanesh.

- Qua... quanto tempo?

- Não muito... – retrucou Kyle.

Naquela noite, Calisto revirava-se em sua cama, vítima de terríveis pesadelos. Thoudervon o perseguia rodeado de demônios. Quando acordou, totalmente suado e com o coração acelerado, viu que havia luzes de velas em seu aposento. Um grupo de figuras em mantos escuros, capuzes e lenços cobrindo os rostos o observavam.

Calisto acionou o Jii para sondar seus pensamentos, mas nada captou. Concluiu que se tratava dos homens de Nasbit.

- O que querem?

Um deles apresentou uma lâmina cujo metal rangeu ao sair da bainha. Sentiu o toque gelado desta contra sua garganta.

- Você virá conosco.

- Onde está Nasbit? Quero vê-lo. – Sua cabeça e mãos tremiam num tique involuntário.

- Por que pergunta por este? – um deles retrucou.

- Ele me deve explicações!

- Não pensamos assim – disse outro com uma voz estranhamente familiar – vista isto – atirou para Calisto um manto. – E fique quieto, se quiser chegar ao nosso destino ileso.

Calisto observou o braço deste último quando saiu fora do manto para jogar para ele a vestimenta. Usava um grande bracelete como uma longa tira de metal espiralada enroscada em seu antebraço terminando sobre o punho. Ali havia uma forma esculpida, mas não pôde reconhecê-la. Um gato? Um cão? Talvez um dragão?

A pele embaixo do bracelete era rugosa com grossos quelóides de queimadura. Onde, ou quando, Calisto já ouvira aquela voz?

Calisto se levantou e vestiu o pesado manto por cima de suas roupas de dormir. Calçou suas botas com revestimento interno suave feito de pele de coelho.

O homem foi adiante e Calisto foi conduzido até sair do castelo. Guardas observaram o grupo de homens sair, mas pareciam ignorar sua presença, como se estivessem cegos. Calisto percebeu fluxos de Jii emanando do líder, que ia na frente abrindo passagem. Seguia mancando um pouco devido à sua sequela. Sempre o fazia quando o corpo não estava aquecido. No pátio externo, havia uma carruagem de cabine espaçosa puxada por quatro cavalos. Ali, Calisto teve a oportunidade pela qual esperava.

- Já nos encontramos – disse ao se aproximar do homem do bracelete.

Seus olhares se cruzaram – Um encontro que jamais pude esquecer – respondeu-lhe.

Calisto o reconheceu. Era o tisamirense, Shaik Kain, seu genitor.

- Você! – ele sentiu seu estômago gelar.

- Vai desejar que eu o tivesse derrotado naquela ocasião – disse Shaik desgostoso.

- Hana me disse que todos os tisamirenses haviam partido.

- Por sua causa, eu não pude ir.

- Que família fui arranjar.... Um avô que tornou-se rei entre os mortos-vivos e um pai que vem me capturar na calada da noite.

- Resolvi sair de meu claustro quando tive notícias de seu retorno. Vim para me certificar que seu destino seja cumprido.

Calisto segurava a mão direita que tremia violentamente com sua mão esquerda. Estava habituado aos tiques que surgiram após a surra que levou de Arávner – É? O que é este destino, meu pai? Já poderia ter me matado...

- Uma morte simples é um privilégio que você não merece.

Calisto subiu para a carruagem acompanhado de Shaik e outros dois encapuzados. Kain repousou suas mãos entre os joelhos. Havia cicatrizes de queimaduras em ambos braços. Calisto o havia envolvido em chamas usando a magia do anel dado por Thoudervon. Mesmo a cabine era iluminada por duas lanternas de óleo. Calisto pode ver então os detalhes do bracelete. Era uma escultura feita num material negro, semelhante ao ébano. Uma cabeça de dragão com dois olhos de rubi, que faiscavam refletindo as luzes, estava posicionada sobre as costas da mão, e, seu corpo magro e escamoso, circundava o antebraço em curvas espirais até o cotovelo. O tisamirense baixou seu capuz e afrouxou o lenço que escondia o rosto abaixo dos olhos. Seu rosto era manchado pelas mesmas cicatrizes de queimadura.

Shaik Kain percebeu a atenção de Calisto sobre o bracelete e disse – Quando Al’ne’ir conduziu os tisamirenses para a terra nova, nada de material pode levar. Então, herdei esta relíquia que protegeu tisamir, desde sua criação.

- O que é?

- Um potencializador do Jii, um de seus poderes é que, nas mãos de um mestre mentalista como Al’ne’ir, permitia ocultar a cidade de visitantes indesejados. No meu caso, já aprendi umas coisas muito interessantes.

- É disto que advém o nome da irmandade – concluir Calisto.

- Finalmente chegou o momento de governarmos o império.

- Você é mesmo um incompetente, meu pai. Se eu tivesse isto, já teria destruído Arávner, Thoudervon e os demais.

- O Dragão Negro confere poderes fascinantes, mas lembre-se que até pouco tempo, Arávner possuía o Orbe do Progresso e Thoudervon quase nunca deixava sua base na necrópole onde vivia cercado de demônios e hábeis necromantes. E muito de nosso trabalho tem sido justamente fazer com que fossemos subestimados pelos nossos inimigos. A organização de Atir deixou um espaço em Lacoresh que precisava ser preenchido. Ladrões que se organizam em busca de ouro, são como baratas, você desiste de tentar eliminá-las e aprende a conviver com elas. Nunca fizemos

uma real oposição ao regime necromante. Simplesmente crescemos dentro dele. Inclusive, muitas vezes, nos fazendo úteis aos necromantes e seus propósitos. Mas não importa, a arrogância e vilania necromante está com as horas contadas.

A carruagem a esta altura deixava Kamanesh e seguia pela estrada em direção a Lacoresh.

-Para onde estão me levando? – indagou o rapaz.

-Sua velha casa... Onde é ansiosamente aguardado.

CAPÍTULO 118

Poucos dias depois, o exército comandado por Blackwing marchava para o Baronato de Fannel, a noroeste. Desde então, Calisto seguia acompanhado de Vekkardi e dois outros encapuzados da irmandade. Kiorina andava desconfiada deles, mas não pode concluir o que estava havendo. Alguma coisa estava errada, especialmente com Calisto, mas ela não conseguia descobrir o que era.

Durante a marcha, emparelhou seu cavalo ao de Kyle. Era a primeira vez que se falavam em dias.

- Vi Calisto, Vekkardi e os membros da irmandade novamente em sua barraca, ontem à noite. Diga-me Kyle, o que estão escondendo?

- Deixe de ser paranoica. Estavam apenas como todos, me questionando a respeito da estratégia de avanço contra Maurícus.

- Para mim, você sempre foi um péssimo mentiroso. O que está havendo? Por acaso perdeu a confiança em mim?

- Já que perguntou desta forma, sim. Depois de tudo que houve em Ilm'taak, já não sei se posso confiar em você. Diga-me, Kiorina, é mesmo só astrologia que você vem estudando recentemente?

Kiorina fechou a cara. Estava estudando demonologia e recorria a tomos potencialmente perigosos. Não falava sobre isto com ninguém. – Há! E quem é o paranoico aqui mesmo?

Gorum, observava-os discutindo. Evocava um hábito que havia entre os dois, mas não como antigamente. Desde Banzanac as brigas entre os dois eram cada vez mais sombrias. Gorum coçava a barba e sem gostar nada do jeito de Kiorina. Podia jurar que agora isso transcendia um simples ressentimento. A fagulha que viu nos olhos da moça sugeriam malícia e ódio, cautelosamente velados. Aquilo causava no gigante um mau pressentimento.

Momentos depois, surgiu uma grande confusão. Era o primeiro ataque, ou melhor, encontro com uma horda de carniçais. Aquele tipo era especialmente vicioso e transmitia a moléstia através de qualquer ferimento causado por suas unhas ou mordidas. Lutavam incansavelmente até que tivessem os cérebros esmagados ou que fossem incendiados. Durante o confronto, Kiorina mostrou fúria e incendiou dúzias deles.

Muitos dos homens feridos no confronto esconderam os ferimentos. Isto causou surpresas no acampamento durante a noite. A consciência de que um simples ferimento seria o fim, deixou as tropas com a moral abalada. O terror crescia e na

alta madrugada, um segundo assalto de carniçais causou pânico, mas foi rapidamente rechaçado.

Haviam enfrentado na tarde e na madrugada números insignificantes de carniçais. Poucas centenas. Kyle começou a temer o que aconteceria se eles se deparassem com milhares daquelas criaturas. Não havia notícias claras de que todas as cidades tivessem sucumbido plenamente à praga de Maurícius, mas se assim fosse, aquela investida poderia ser inútil. Suicídio coletivo.

No dia seguinte, marcharam sobre uma vila na qual o número de carniçais era muito maior. As criaturas não agiam de forma coordenada e sequer demonstravam inteligência razoável. Foram horas de combate até que uma certa calma tomasse conta do local. Houve muitas baixas e os corpos dos soldados eram reunidos e queimados antes que voltasse da morte para atacá-los. O local foi tomado, limpo e convertido numa base. Ainda havia grãos armazenados e outros suprimentos puderam ser encontrados em despensas. Meia dúzia de sobreviventes surgiram agradecendo aos deuses pela ajuda que havia chegado. Estavam escondidos em porões ou sótãos.

Cercas e trincheiras foram cavadas no entorno da vila. Batedores enviados investigar Liont, a capital de Fannel, não retornaram. Ocasionais combates eram travados e logo o exército foi se tornando proficiente na maneira de combater os carniçais. Vinham, ora sozinhos, ora vagando em bandos.

O tempo passava e o alinhamento das luas ficava cada vez mais próximo. Os sagrados ofícios operados pelos sacerdotes contra aquela espécie de carniçal não surtia o mesmo efeito que contra zumbis e sombras. Não retornavam por magia de animação, mas algo diferente. Alguns comentaram que estes eram mais fortes devido ao alinhamento lunar que se aproximava.

Vekkardi conhecia bem o baronato e se ofereceu, numa conferência com Kyle, para investigar Liont, mas sua ação foi proibida por Shaik Kain.

O tisamirense disse – Maurícius, a esta altura, tem ciência de nossa presença. Se avançarmos ao território dele, pereceremos. A melhor estratégia é permanecermos aqui. Ele conta com nosso enfraquecimento. O tempo está a seu favor, mas precisamos apostar na possibilidade dele impacientar-se e vir pessoalmente. Devemos fortalecer nossas defesas. É a melhor estratégia para derrotá-lo.

Kyle concordou com a visão do encapuzado, cuja identidade desconhecia. Seguiram com o plano e por muitos dias resistiram aos ataques. O clima de ansiedade e terror se acirrava. Havia pessoas falando em um motim e retirada, mas graças a Shaik Kain e os membros da irmandade, estes eram logo silenciados através de forte sugestionamento que beirava o controle da mente.

A expectativa dos estrategistas se concretizou. Sob as luzes do crepúsculo, batedores avistaram milhares de carniçais avançando. Desta vez, alguns mortos-

vivos montados e sombras também foram avistados. Era um ataque massivo e coordenado.

Milhares de flechas incendiárias cortaram o céu da noite jovem atingindo a massa de mortos vivos que vinham do oeste. Era impossível deter tantos e logo um combate feroz teve início. A muralha de madeira e estacas favoreceu os defensores, mas muitos mortos vivos, ainda pegando fogo, caíam sobre a cerca e um incêndio se alastrou dando passagem a milhares de mortos-vivos.

Da construção mais alta da vila os membros da irmandade e Calisto observavam esperando que Maurícus pudesse mostrar sua face.

Kyle era capaz de destruir carniçais, sombras e zumbias com apenas um ou dois golpes da Espada de Tarquis. Mesmo sem atingi-los na cabeça a magia da espada era capaz de devolvê-los ao além.

O problema todo era o cansaço que se acumulava perigosamente. Era impossível atingir a moral dos inimigos e fazê-los bater em retirada. Gorum, alguns cavaleiros e soldados que lutavam num círculo recuaram para uma casa e se trancaram nela para tentar recuperar o fôlego. Esta foi cercada e era golpeada pelos carniçais que aos poucos rompiam as paredes de madeira a despeito dos reforços colocados nas portas e janelas. De modo semelhante, outros grupos recuaram buscando abrigo.

Kiorina, apesar de dominar magias do fogo, convocando-as sem maiores esforços, após uma hora de combate, viu-se perto da exaustão. Lutava perto de onde estavam Gorum e Kyle, mas com a confusão que se estabeleceu após uma série de baixas consecutivas, separou-se deles. Sozinha, recuou para uma das casas na parte central da vila, perseguida por uma turba de carniçais, alguns mancos e lerdos, mas outros que avançavam com relativa rapidez.

Ela corria ofegante e atirou uma brasa explosiva contra os olhos de um carniçal que se aproximou demais. A pequena explosão estourou o olho e atingiu o cérebro, fazendo-o tombar. Outros dois a cercavam. Um caiu sobre ela pegando-a pelas vestes que se rasgaram. Estava tonta de cansaço e fazer mais magias parecia impossível, ainda assim, ateou fogo sobre as vestes do carniçal que a ameaçava fazendo-o sair de lado desorientado. Caiu sentada e o segundo carniçal veio com a mandíbula aberta que exibia toda a dentição, pois havia perdido os lábios. Sua cabeça rolou antes que desferisse a mordida contra Kiorina.

Kyle segurou-a pelo braço e ergueu-a. — Por aqui! — ordenou e parou para enfrentar mais três carniçais que já estavam sobre eles. Três golpes precisos os abateram, mas havia dúzias deles se aproximando a poucos metros. Seguiram até a entrada da casa mais próxima, entraram e fecharam a porta baixando duas madeiras grossas sobre ferrolhos nas laterais. Vieram as batidas na porta e nas paredes. BAM! BAM-BAM! BAM-BAM-BAM!

Luz de incêndios lá fora penetravam na casa por frestas aqui e ali provendo uma fraca iluminação no interior. Kiorina atirou-se nos braços de Kyle chorando – Me desculpe Kyle! Me desculpe por tudo!

-Eu é quem peço perdão!

-Eu o perdoo. Ao menos isto, antes de morrermos.

Kyle a afastou um pouco e olhou para a lâmina da espada que emitia um fraco brilho esverdeado. Recordava-se de sua visão. Aquela em estava a salvo e junto de Kiorina. Uma dúvida passou por sua cabeça. “Será que me enganei?” Enquanto isso, mais batidas vinham da porta e das janelas que haviam sido reforçadas com placas de madeira.

Lá fora o combate prosseguia. Bolsões de homens do exército lacorês combatiam os carnicais que não paravam de chegar. Uns poucos cavaleiros da morte em seus cavalos zumbis quebravam as formações com seus ataques dotados de força descomunal. Alguns carnicais que cercavam casas como as que serviam de abrigo para Gorum, Kyle e outros, ocasionalmente as abandonavam para perseguir fugitivos solitários e desesperados, ou mesmo, envolviam-se em combates com grupos de soldados que se deslocavam de modo caótico.

Kyle ajudou Kiorina a subir para o sótão. Na verdade, um pequeno forro para o telhado com apenas meio metro de altura. Ele pegou uma cadeira para alcançar a borda do alçapão e depois a derrubou. Fecharam-se lá em cima bem a tempo, pois uma das janelas foi rompida e carnicais penetraram em busca de pessoas para devorar.

Kyle removeu um par de telhas para poder ver como a batalha se desenrolava. Kiorina estava agarrada a ele e chorava baixinho. O pensamento circulava na cabeça de Kyle “Será que me enganei?”

Um vento gelado soprou sobre a vila. Kyle sentiu um calafrio de natureza sobrenatural. Em seguida, avistou uma figura rodeada por uma aura azulada surgir à distância. Os incêndios que tomavam a porção oeste da cidade se apagaram como se alguém soprasse as velas de um enorme candelabro. A figura esguia avançava volitando sobre o solo com um longo manto esfarrapado esvoaçante atrás de si. Ao longe foi possível ver dois pontos, como chamas azuladas, brilhando dentro das órbitas vazias do feiticeiro morto-vivo. Perto da casa que abrigava Kyle, estava o casarão onde estavam Vekkardi e os outros.

Shaik Kain disse – É ele! Maurícus chegou!

Vekkardi respondeu – É hora de libertá-lo.

Kain concordou com um aceno e virou-se para encarar Calisto. O rapaz olhava-o quase sem demonstrar consciência. Sua mente esteve adormecida, controlada pelo poder de Kain e seu amuleto com forma de dragão.

- Está na hora de cumprir nosso acordo – disse o líder, mas não se

dirigia à pessoa de Calisto. Tocou sua testa de Calisto com a mão do Dragão Negro fazendo seus olhos de rubi brilharem. Assim que Kain o libertou recebeu um forte safanão que o atirou no chão.

- Sai da minha frente! – Calisto produziu uma voz profunda e gutural que não lhe era própria. O rapaz saltou da janela caindo agachado no chão com um forte baque. Um carniçal o viu e veio atacá-lo. Calisto levantou-se e com um forte soco esmagou o crânio da criatura.

- É hora de terminar este serviço – disse o demônio. Calisto protestava assistindo seu corpo agir contra sua vontade “Tenha cuidado com minha mão!”

Necranxelfer se divertia possuindo o corpo de Calisto e distribuía socos e pontapés nos carniçais enquanto avançava em direção a Maurícius.

- Veja isto! – Necranxelfer disse a Calisto. Com o poder de sua mente, ergueu três carniçais no ar e os esmagou. “Como fez isto? Eu mal podia mover moedas...”

- Seu tolo fraco. Veja do que você seria capaz... Tomou espadas de soldados caídos e trouxe-as flutuando para perto de si. Uma, duas, cinco! Girou-as no ar ao seu redor formando um turbilhão. Destruiu cinco, dez, vinte carniçais sem sequer precisar tocá-los. Seguia em passos calmos na direção do bruxo necromante.

Maurícius identificou a figura solitária que se aproximava. Ao reconhecê-lo como Calisto, o descendente que estava destinado a destruí-lo, exclamou com sua voz gélida e sinistra – Você!?

Necranxelfer retrucou – Seu neto fraco não seria adversário para você, feiticeiro.

Maurícius convocou uma chuva de estacas de gelo sobre o oponente. Nenhuma destas o tocou, pois se estilhaçaram contra um domo protetor.

- Quem é você? – gritou o bruxo.

- Certamente Thoudervon lhe falou sobre mim.

- Necranxelfer!

O demônio deu uma gargalhada. – Já tenho a alma do seu filho, Serin. E finalmente, o corpo de seu neto predestinado a me servir. Agora também terei a sua alma, Maurícius! Será um valioso membro de minha horda.

- Nunca! – virou-se para fugir.

Calisto deu um salto impulsionado pela telecinese e caiu do outro lado bloqueando a fuga de Maurícius. – Tolo, não vai me escapar – Esmagou o corpo

esquelético de Maurícius fazendo soar muitos estalos até que sua forma compacta tomou o tamanho aproximado de um ovo de avestruz. Este flutuou até o demônio que deu-lhe uma mordida sugando para dentro de si o sumo, que era a alma corrompida de Maurícius.

Tendo absorvido a origem do poderoso feitiço que criou todos aqueles mortos vivos, Necranxelfer obteve a conexão para sugar suas almas. Os corpos dos carniçais começaram a cair, um a um, como uma onda progressiva que varreu toda a vila.

- Isso foi divertido! – sua voz soou alto ecoando pela vila – Vou deixá-los, como prometi – disse dirigindo-se a Shaik Kain e seus companheiros – há muito o que colher nestas terras desoladas.

Foi então que os carniçais que estavam sobre Gorum, tentando arrancar sua armadura caíram inertes. Gorum levantou-se e constatou que era o único a sobreviver naquela casa. Isto apenas aconteceu devido à força da Armadura de Tarquis, obtida em Ilm'taak.

Menos que uma centena de membros do exército havia sobrevivido. Kyle e Kiorina desceram e comemoraram o reencontro com Gorum, mas este não vibrou.

- Desculpem-me – disse ao retirar o pesado elmo. Puderam ver sua face iluminada por tochas carregadas pelos sobreviventes que se reagrupavam. Sua face estava ensanguentada, cheia de arranhões. – mas acho que chegou a minha hora.

Kiorina caiu imediatamente em prantos – Não, Gorum, você vai ficar bem. Maurícius foi destruído, isto pode ter desmanchado a maldição.

- Espero que esteja certa, mas veja, há muitos abatidos entre os nossos. É uma questão de horas até que retornem. Vamos nos ocupar disto, certo? É hora de fazermos uma fogueira, e das grandes.

Gorum não estava nas visões de Kyle e ele suspeitava que não havia mais esperanças para ele. Acreditava que ele, como outros, adoeceriam e morreriam para depois retornarem como carniçais.

Quando o dia raiou, ainda estavam trabalhando e Gorum atirou o corpo de um soldado no fogo e disse – Mais um!

Todos estavam ocupados e apreensivos. Uns corpos haviam sido separados e acorrentados para que fosse verificado se a maldição ainda seguiria seu curso.

Depois da primeira hora do dia, todo o trabalho foi concluído. Tomaram chá no entorno de uma fogueira e um mingau de cereais foi servido. Havia muitos sobreviventes feridos como Gorum. O clima era tenso, mas Gorum, para variar, quebrava isto com suas piadas. Aqueles que estavam ali reunidos davam boas gargalhadas. Foi quando um grito desesperado soou na vila – Não! Não! – gritou um

dos soldados que havia sido mordido. Os soldados acorrentados haviam despertado, mas sem o brilho da vida nos olhos.

Kiorina abraçou Gorum e começou a chorar. Kyle abraçou-o também. Gorum havia terminado de contar uma piada. – Escutem, vocês dois, não adianta. Está definido. Ainda tenho uns dois ou três dias. Quero voltar a Kamanesh e depois seguir para Tanir. Quero morrer em minha terra, onde nasci. E quero que me acompanhem até lá.

- Não Gorum – Kiorina chorava inconformada – eu vou dar um jeito, encontrarei um livro, vamos localizar um necromante capaz de reverter essa maldição!

- Apreciarei a tentativa – disse o gigante, calmamente aceitando seu destino. – Desde que a maldição surgiu, muitos tentaram, mas ninguém foi capaz de anulá-la.

Dois dias depois, o trio chegou a Tanir. Gorum tinha fortes febres e cavalgava quase deitado sobre o dorso do cavalo.

- Quero água – disse Gorum – daquela fonte.

Pararam ao lado da fonte e Kyle pegou água com uma caneco. O gigante recordou-se da cena, anos atrás, quando veio buscar Kyle para ser ordenado cavaleiro. Kyle tinha recebido uma carta de Archibald e havia parado naquele local para refletir. Gorum bebeu e tossiu. Estava sentado no chão, recostado na mureta da fonte.

- Escutem – disse quase num sussurro – escutem bem, vocês dois.

- Sim – disse Kyle com os olhos marejados, mas contendo o choro. Kiorina havia desabado, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

- Quero que me prometam uma coisa, vocês dois. E não adianta protestar – Gorum forçou um sorriso. Os arranhões em seu rosto estavam inflamados, sua pele estava pálida e sob seus olhos havia fortes olheiras negras. – Eu sempre soube... Sempre soube que vocês dois foram feitos para ficar juntos. Não importa o que passou. Kiorina, você esteve com An Leopard, não é mesmo?

A ruiva acenou positivamente.

- Kyle, você esteve com Claudine e Lilástrata, mas ambas ficaram para trás, não é mesmo?

- Sim – disse Kyle.

- Agora – disse Gorum – vocês só tem um ao outro. Então, quero que me prometam, como meu último desejo, que enquanto o coração de vocês

disser que desejam um ao outro, e não ninguém mais, não permitam se afastar por bobagens que ficaram no passado. Devem perdoar... Eu sinto – Gorum fez uma careta – Sinto que apesar de tudo, ainda há um futuro para vocês dois. Então, me prometam... Prometam que... – Gorum fechou os olhos e em seguida sua cabeça tombou de lado. Kiorina e Kyle, ajoelhados, abraçaram Gorum e choraram.

Mais tarde, a dupla havia ajeitado o corpo de Gorum sobre uma pira funerária. Kiorina convocou um elemental do fogo, uma força da natureza, para queimar o corpo do amigo. Ela pediu ao espírito de fogo, que mostrasse a Gorum o caminho para a luz. O espírito consumiu o corpo e prometeu que faria o seu melhor.

Os dois observaram abraçados. Kiorina chorou até esgotar suas lágrimas e Kyle tentava não pensar, ou se recordar de nada para evitar as fortes emoções e lágrimas.

- Adeus, meu pai – disse Kyle – Obrigado por tudo!

Nenhum dos dois cedeu para responder ao pedido de Gorum. Mas o pedido fora razoável. Ele não pediu para que ficassem juntos por que ele queria, mas sim, que seguissem seus corações e fossem capazes de esquecer o passado, perdoar. Então, passaram a examinar seus sentimentos receosos quanto ao que iriam encontrar.

CAPÍTULO 119

Após a destruição do corpo amaldiçoado de Maurícius, o ataque iminente da praga de mortos vivos sobre o sul de Lacoresh deixou de ocorrer. O poder dos necromantes sobre Lacoresh se esvaia para dar lugar a um novo domínio a ser exercido a partir dos bastidores pela Irmandade do Dragão Negro.

Klereon Nasbit obteve sua vingança contra Maurícius e retornaria a Homenase para assumir o trono que lhe fora usurpado tantos anos antes. Hana foi aconselhada a proclamar uma série de decretos que iniciaram a decomposição do império lacorês. Ordens foram enviadas para as frentes de guerra para a desmobilização das tropas e retorno das mesmas para seus reinos de origem.

Não se falava em outro assunto na capital. No dia em que Kyle e Kiorina retornaram a Lacoresh, tiveram um encontro com Nasbit e Shaik Kain na taverna de Meinard. Vekkardi também estava presente, acompanhava Kain, mas não sentou-se. Ficou olhando o céu por uma janela e escutando a conversa.

Kain sentou-se por último e baixou a capa e o lenço que tampava o rosto. Ele tinha olhos azuis cristalinos como os de Radishi e na testa, resquícios das tatuagens típicas dos tisamirenses. Era um homem maduro de cerca de cinquenta anos e seus cabelos eram grisalhos, especialmente nas têmporas. O rosto ainda conservava uma lembrança de sua beleza quando jovem, mas estava manchado por uma feia cicatriz de queimadura que tomava a parte esquerda do rosto subindo até a testa.

- Você é um tisamirense? – Kiorina estava surpresa.

- Sim, podem me chamar de Shaik.

- Mas Radishi nos disse que todos os tisamirenses haviam perecido.

- De fato, sou um dos poucos remanescentes. Também sou o líder da irmandade. Anos atrás, eu e Radishi discutimos a respeito de como ajudar Lacoresh, e até o mundo, em relação ao período de sombras que se aproximava. Eu tinha um plano, mas discordávamos muito. Ele debruçou-se em livros em busca de uma solução milagrosa, já eu, passei a adotar uma abordagem realista. Concluí que é impossível para a humanidade evitar as trevas vindouras, mas isto não quer dizer que não possamos, ou melhor, devemos lutar. Meu povo já não acreditava em lutas e nos deixaram para trás. Não acho que estavam errados, mas eu, simplesmente não podia ir. Muito do que veio a acontecer está relacionado com erros do meu passado.

- Como assim? – quis saber Kiorina.

- Para começar, sou pai de Calisto. Também fui eu, que levei conhecimentos de Tisamir para aquele que vocês conhecem como Arávner. Ele era um estrangeiro, o primeiro que conheci com fortes inclinações para o Jii. Ele tentou ingressar no Ermirak, mas foi recusado. Foi ele também quem me trouxe Hana, a quem muito amei. Eu concordei em treiná-lo, pois não suspeitei que ele fosse portador de uma agenda maligna. No final, fui o culpado por deixá-la escapar.

- Mas Hana é filha de Maurícus. Afinal, como se conheceram?

- Ela fugiu de um casamento arranjado por seu pai e foi parar em Tisamir. Arávner usou-a para chegar em mim. E tirou de nós, nosso filho para usar em seus planos junto com o maligno Thoudervon. Tudo isso ocorreu por minha culpa, mas de algum modo, irei reparar meus erros.

- O que diremos a Hana sobre Calisto? Acho que ela irá ficar arrasada quando souber... – disse a ruiva.

- Cabe a mim falar sobre isto com ela. Infelizmente, ela está enganada a respeito do rapaz. Foi criado por um monstro e tornou-se um monstro. Não podemos confiar nele. Ele não pode ser recuperado. O projeto original dos necromantes para ele foi cumprido. Thoudervon iria entregá-lo a seu poderoso aliado, o demônio Necranxelfer. Mas agora, ao menos, estes dois não serão mais plenos aliados. Teremos a chance de confrontá-los separadamente, assim como devemos agora confrontar e derrotar Arávner.

- Como? – indagou Kyle.

- Com isto – Shaik mostrou o seu braço, cheio de cicatrizes e nele o bracelete do dragão negro. Ele o retirou e entregou a Kyle.

- Vocês dois – ele prosseguiu – devem ir até sua fortaleza e confrontá-lo. Ele está desesperado e usará todos seus recursos para inverter a situação. Ele sabe que Thoudervon o quer fora do caminho e que trouxe inimigos, no caso vocês, para derrotá-lo. Enquanto vocês cuidam dele, eu irei cuidar de medidas urgentes aqui em Lacoresh. Lidarei com Hana e com as ameaças iminentes de diversos conspiradores, em especial, do clero, que anseiam pelo poder.

- Mas como poderei usar isto? – Kyle indagou.

- Você é jovem e vigoroso. Além disso, desenvolveu a antiga forma de

combate que se aproveita dos fluxos de Jii, o Kishar. O Dragão Negro tem muitas capacidades, mas em geral, é um potencializador do Jii. Espero que seja suficiente para apoiá-los no combate decisivo contra Arávner, mas também, os ajudará com camuflagem. Com ele é possível selar os pensamentos de uma pessoa contra a ação de mentalistas. No passado, era usado para evitar que reis e outras pessoas já poderosas fossem possuídos ou influenciados por mentalistas que faziam mau uso do Jii. Vou instruí-lo quanto ao uso da camuflagem. Vamos, coloque-o e siga-me.

-Agora?

-Sim, não temos tempo. Uma cidade cheia de gente como Lacoresh é um ótimo lugar para praticar.

-E quanto a mim? – indagou Nasbit, o que devo fazer, mestre?

-É hora de você retomar o governo de seu reino, prepare-se para isto.

-Shaik – Kiorina segurou em seu braço antes que se levantasse.

-O que?

-Noran e Radishi – Eles podiam ajudar pessoa com problemas, quero dizer, em seus pensamentos...

-Sim.

-Será que você poderia me ajudar? Desde que estive em Ilm'taak, meus pensamentos estão...

-Compreendo. Eu já havia percebido. Vamos arranjar um tempo para isto, mas primeiro, a instrução de Kyle.

-Tudo bem, obrigada.

CAPÍTULO 120

Arávner pôs as mãos sobre a testa de seu servo, Kurzeki. Era hora de libertá-lo de sua prisão, pois sua verdadeira personalidade, seu verdadeiro eu, e seus poderes estavam aprisionados no fundo de sua mente.

Há muitos anos, Kurzeki fora o mais brilhante aluno do renomado Mestre Heirich, na Alta Escola. Então, era conhecido como Kímel Lorual. Um gênio como ele, com incríveis aptidões para magia aparecia apenas uma vez a cada geração. Formou-se mago pela escola chegando ao sétimo ciclo com apenas quinze anos de idade. Mas diferente dos demais magos que se estabeleciam como professores ou conselheiros em alguma cidade, Kímel deixou Lacoresh para fazer viagens que poucos ousavam fazer. Foi ao encalço dos mistérios perdidos da velha civilização dos Vetmös, em especial, conhecimentos da Alta Magia existente outrora. Sua busca obsessiva pelo conhecimento e poder o levaram a várias das antigas torres arruinadas e ruínas das cidades decaídas do império dos Vetmös. Em uma destas velhas torres encontrou congelado numa tumba, um sobrevivente da velha raça. Investigou uma maneira de reanimá-lo.

A magia que atuava sobre o túmulo era temporal, de natureza semelhante àquela que selava o planalto onde ficava a velha Trinidacs e as Torres Lunares. Ao despertar, Arávner trouxe de sua época apenas as roupas que vestia e uma tiara que usava para comunicar-se com sua esposa. O processo de libertação de Kímel dava-se através de uma rememoração de seu primeiro encontro com Arávner.

- Finalmente – dissera Arávner em Iven, a velha língua que há milênios não era pronunciada.

O rapaz, Kímel, não compreendeu. Estava surpreso por sua magia ter funcionado. Trocaram algumas impressões sem conseguirem alcançar entendimento. O lacorês era uma derivação muito distante do Iven para que pudessem dialogar. Mas Kímel conhecia um amplo leque de feitiços e ativou uma magia de tradução.

Arávner usou seu verdadeiro nome – Sou Ren Vara Uÿk.

Ao sair da câmara Arávner caiu no chão sentindo fortes dores nos ossos. Era a maldição dos Vetmös que agia sobre ele. Kímel observou que sua pele, antes alva e perfeita começava a ser tomada por manchas. O Vetmös cuspiu um dente que saiu espontaneamente.

- É a maldição!

- Maldição?

- Sim... Minha raça caiu em desgraça...

Os deuses partiram para nos castigar. Sem eles... Nós...

Kímel ajudou o homenzarrão a retornar ao esquife. Havia um resíduo da magia que o aprisionava. Kímel conseguiu canalizá-la para minimizar os efeitos da maldição. Arávner tornou-se um velho, todo enrugado, corcunda e deformado.

- Eu preciso vê-la, – pensava em sua esposa – será que todos despertaram também? – E colocou a tiara e ativou sua magia. Quando retornou, soube que apenas ele havia retornado.

Kímel ansiava por conhecimentos da antiga civilização. Havia poucos resquícios desta afora as velhas construções e algumas poucas inscrições. Todos os livros e pergaminhos haviam virado pó. Sob a orientação de Arávner, trabalharam numa elaborada magia para construir um corpo. Assim, poderia abandonar a tumba e explorar aquele novo mundo.

Arávner contava histórias sobre as torres e seu imenso poder mágico capaz de transportar pessoas entre os continentes e de abrir pontes entre diferentes mundos. Um poder que era pouco usado devido à regulação imposta pelos Arquimagos de Trinidacs. Até que o imperador Merrin e seu conselho decidiram copiar o projeto das torres e erguê-las ao redor da capital do império, no novo continente. Quando o projeto foi concluído, os Vetmös tiveram um imenso poder em mãos, nunca antes experimentado. Aquelas ideias seduziam o jovem Kímel e ele trabalhou ardentemente na construção de um novo corpo para Arávner. Juntos, estabeleceram uma torre de comunicação para outros mundos e dimensões. Foi quando o próprio Kímel começou a experimentar as incorporações para obter mais conhecimentos. A dupla investigou com fervor uma maneira de eliminar a magia que selou as torres originais. Sucessivas incorporações de espíritos e demônios levaram Kímel a vivenciar momentos de loucura. Um dia, o próprio Kímel destruiu o laboratório e confrontou Arávner. O antigo fez o que pode para subjugar seu discípulo encontrando apenas uma solução para afastar sua loucura e comportamento agressivo: aprisionar seus conhecimentos no fundo de sua mente. Quando isto ocorreu, Kímel morreu e deu lugar à criatura que passou a chamar a si mesmo de Kurzeki.

De volta ao presente, após um intenso e delicado trabalho de magias dos antigos Vetmös, Arávner finalmente retornou a Kurzeki as antigas memórias de sua vida como Kímel Lorual. O pequeno servo abriu os olhos e encarou o teto escuro.

- Mestre! Eles virão! Eles virão!

- Quem? – o homenzarrão quis saber.

Kurzeki encarou-o nos olhos com uma expressão que misturava medo e loucura.

- O mestre nunca deveria ter confiado em Thoudervon!

- Do que falais, Kurzeki?

- Nunca foram os demônios... São os conquistadores. Foi por isso que

os Arquimagos construíram as torres.

- Arquimagos? Nada do que fala faz sentido! – Arávner temia que a loucura estivesse de volta. Temia ter falhado em recuperar a mente de Kurzeki.

A mente dele se reintegrava aos poucos. Seria difícil, senão impossível explicar para Arávner o que havia acontecido consigo. Sua mente, de fato, havia sido dividida, mas não permaneceu aprisionada no fundo da mente, como supunha Arávner. Ao ser selada, a mente racional e brilhante de Kímel buscou uma válvula de escape e isto se deu não somente para o plano astral, adjacente ao plano físico, mas para um espectro de outros planos. Esta parte de sua mente vagou e aprendeu.

- Você o conheceu, mestre, sei que sim!

- Conheci a quem, Kurzeki?

- Zho Morkian.

- Sim, o conheci e ele está morto.

- He he he he... – o servo disparou uma série de suas habituais gargalhadas – Morto, mas não destruído. Ele retornou e continua sua obra, mas não usa seu velho nome.

- Zho? Retornou?

- Não é outro, senão o esqueleto que reponde pela alcunha de Thoudervon.

Arávner sentiu-se enjoado, seus lábios tremeram e ficaram esbranquiçados.

- Tu estais a delirar, Kurzeki. De onde tiraste tal fantasia? – ele racionalizou.

- Eu vi, mestre, via muitas coisas. Mas não pode ser tão tarde para detê-lo.

- Deter Thoudervon? Certamente não está nos meus planos.

- Mas o que pretende fazer?

- Ficar fora do caminho dele, ainda mais se houver alguma verdade no que tu disseste. É algo sobre o que preciso ponderar. Se Thoudervon for mesmo um dos arquimagos...

- Mas ele é, mestre! Ele é!

- Veremos... Por hora, precisamos organizar nossas defesas. Penso que receberemos visitantes indesejados.

CAPÍTULO 121

A frota lacoresa, capitaneada pelo grande navio que carregava Thoudervon, avançou para o leste acompanhando o litoral, passando por Homenase e depois Áxia. Depois passaram por uma longa extensão desabitada, por três grandes ruínas de antigas cidades Vetmös, até atingir o desfiladeiro que separava o oceano do Mar da Penúria. Ali ficava a ruína de uma das torres construídas pelos antigos para copiar as torres lunares. Aquela torre era conhecida como Tombada, pois apenas metade dela permanecia de pé inclinada cerca de trinta graus. O Mar da Penúria, já fora plenamente preenchido por navios e embarcações no tempo dos Vetmös. Depois da guerra, tornou-se um pesadelo para qualquer navegador, pois a região foi tomada por uma tempestade de ventos que emanava de seu centro sem nunca cessar. O céu tornou-se turvo e todos que ali viajavam vislumbravam a morte iminente. Porém, Thoudervon subiu pela primeira vez ao convés para contrariar tais expectativas. Tinha em mãos uma antiga gema esculpida para formar um orbe, semelhante ao Orbe do Progresso. Ele sempre o carregava dentro de sua caixa torácica. Os navios subiam e desciam em altas ondas causando pânico em todos que nunca haviam enfrentado uma tempestade marítima.

Thoudervon apontou seu orbe para o céu e dele emanou uma forte luz que subiu e depois curvou-se para sumir no horizonte. Sob o arco luminoso, a tempestade começou a ceder produzindo um túnel de calmaria. Os tripulantes observaram apreensivos as muralhas de mar revoltas ao seu redor e temiam que as massas d'água caíssem sobre as embarcações.

Fernon, um dos bruxo necromantes que trabalhava com Thoudervon na necrópole aproximou-se para indagar – Mestre, pode nos dizer o que está havendo? Quem lançou esta terrível tempestade contra nós?

– Nos aproximamos da torre dos usurpadores. Esta tempestade não foi lançada, esteve sempre aqui presente há milênios para afastar intrusos. É um dos selos que os elfos estabeleceram para evitar que a torre voltasse a ser usada.

Fernon observava a água revoltas apreensivo. O caminho parecia se estreitar, mais e mais conforme avançavam. – Seremos consumidos... – choramingou.

Thoudervon encarou-o – Você servirá – esticou o braço pegando-o pelo ombro. O necromante estremeceu e sua vida foi consumida. A carne murchou e secou em poucos instantes. A carcaça caiu quebradiça sobre o convés molhado e deslizou para estibordo. A energia vital sugada por Thoudervon manifestou-se no orbe que brilhou intensamente. As águas recuaram uma vez mais.

Dois outros necromantes surgiram no convés, muito apressados carregando entre eles um pequeno e pesado baú.

-Não demorem assim da próxima vez ou terão o mesmo destino dele – indicou o restos que eram arrastados de um lado a outro do convés. A dupla abriu o baú e dele escapou o brilho amarelado e característico dos cristais de sargentium. A energia fluiu lentamente destes para o orbe alimentando a magia que abria caminho pela tempestade.

Tempos depois, a pequena frota atingiu seu objetivo, uma ilha no centro do Mar da Penúria. Era um lugar rochoso e estéril, mas eternamente umedecido por uma névoa densa que ali pairava. Os navios foram descarregados e centenas de homens, necromantes e militares, aterraram conduzindo cerca de trezentas crianças dos olhos negros. Havia um clima tenso e muito medo. O bispo Marco, de Kamanesh, conclamou a todos a serem fortes para avançar naquele lugar sombrio, pois estava para se concretizar a profecia das crianças de olhos do eclipse. Apenas a união e oração conjunta seriam capazes de dissipar a força maligna que habitava aquela ilha. As mentiras que o conselho dos sete ensinaram ao clero, passaram a ser proferidas com fervor e devoção por muitos de seus membros. O discurso do bispo, hábil na oratória, acalmou a todos e colocou-os em marcha entoando cânticos de louvor para o interior da ilha. Thoudervon seguia entre eles, encapuzado, sem revelar sua natureza maligna.

Após uma longa marcha sob cerração que dava pouca visibilidade, uma estrutura alta e escura destacou-se. Era a antiga torre central copiada pelos Vetmös para obter para si o poder das torres lunares construídas ao redor.

Muito antes da Guerra Milenar, houve um terrível confronto entre os Vetmös e os elfos de Nelfária. O imperador dos Vetmös, Merrin, e seu conselho, guardavam rancor contra os elfos e desejosos de vingança usaram o poder das torres para buscar aliados nos abismos. Desejavam manipular os Holmös para promover uma guerra de extermínio contra os elfos. Os demônios, por sua vez, desejavam invadir o mundo de onde vieram os elfos cruzando os portões de Brás-Niara. O pacto celebrado com os demônios previa que eles abandonariam a Terra das Nove Luas depois de conseguirem acesso ao mundo dos elfos. A Guerra Milenar acabou sem que os demônios conseguissem cumprir seu objetivo. A aliança foi derrotada. Demônios foram expulsos e os Vetmös praticamente extintos.

Sob forte ventania os lacoreses alcançaram a torre e nela penetraram. A escuridão de seu interior foi quebrada pelas lanternas lacoresas que revelavam detalhes rebuscados daquela construção. O orbe de Thoudervon foi levado por ele até o subterrâneo da torre. Lá havia um pedestal que no passado sustentava um orbe semelhante e que mantinha a torre ativa. Ele se recordava bem da planta da torre,

pois ele próprio fora o arquiteto da torre original situada em Trinidacs. O orbe foi posicionado no orifício central. Um mecanismo elevou o pedestal até este tocar o mastro de metal fundido com cristais de sargentium que percorria a torre até seu topo. O imenso captador energético começou a funcionar trazendo iluminação para todo o interior da torre.

Os lacoreses que estavam no salão de entrada se surpreenderam com a iluminação que suplantou as luzes de suas lanternas. Os praticantes de magia e membros do clero sentiram os níveis de poder mágico se elevando, mais e mais.

O bispo Marco sentiu aquilo também, os pelos de seus braços se arrepiando e pôs-se a entoar cânticos da religião lacoresa.

No subterrâneo, Thoudervon reunia energia para realizar o ritual de reabertura do elo entre o plano físico e as esferas abissais. O alinhamento das luas e planetas estabelecia uma ponte energética entre a torre a lua mais brilhante, Tchunni, ou Nam-luir.

Os Vetmös haviam provado que o projeto das torres podia, de fato, conectar mundos distantes construindo portais entre eles, conhecidos como Elos Cósmicos.

O Elo entre a terra e as esferas abissais fora selado pela ação dos deuses durante a passagem destes para as esferas abissais. Agora, Thoudervon tinha condições de reativar a ponte, mesmo que de forma débil.

Sua voz inumana proferiu – Seres superiores dos abismos: Arcanael, Marlak, Vetza, Zimbros e Drenzult. Eu os convoco para cumprir o antigo e o novo pacto. Que a primeira legião cruze a velha ponte. Trouxe-lhes os vasos prometidos para potencializar a Grande Eclosão. Os herdeiros dos Vetmös aguardam para cumprir o velho pacto e marchar sobre Nelfária. As torres do planalto estão incólumes e necessitam de vosso poder para serem reativadas. Que o pacto de Tleos seja renovado. O pacto de Merrin venha a ser concluído e que se cumpram os desígnios exigidos pelo pacto de Zho Morkian.

Uma voz veio em resposta e estremeceu toda a torre e apenas Thoudervon e uns poucos necromantes puderam compreender as palavras ditas na língua sombria dos demônios. – O pacto de Tleos será eternamente respeitado. Que o pacto de Merrin possa ser finalmente cumprido e que Zho Morkian receba o auxílio para sua vingança contra Midrakus e os demais traidores. Que Vetza comande as hordas contra Nelfária. Que Marlak seja liberto. Que os elfos sejam esmagados e exterminados. Que Zho Morkian seja vingado. Que Fandall seja conquistada. Que o reduto celestial seja maculado.

Sombras imateriais surgiram vindas do subsolo da torre. A legião de demônios que cruzava a fronteira entre as dimensões buscou abrigo imediato nas crianças de olhos negros. Os necromantes, militares e religiosos mal podiam acreditar no que viam. Alguns demônios, ao tomar aqueles corpos, não promoviam alterações físicas,

mas outros sim. Onde em um instante havia uma criança, surgia um monstro deformado. Uns faziam crescer pernas e braços, outros chifres e asas, espinhos e escamas. Uns mantinham forma humanoide e bípede, outros assumiam formas indizíveis, com seus múltiplos olhos, tentáculos e mandíbulas. Os religiosos e militares reagiam contra aquela possessão coletiva enlouquecendo e um combate feroz e sanguinolento foi travado. Outros ajoelharam-se, trêmulos de pavor, oferecendo lealdade e devoção. O elo entre as dimensões voltava a se formar gradualmente. Com o tempo, o portal estaria novamente aberto e imensas legiões de demônios estariam aptas a cruzá-lo trazendo seus corpos físicos.

CAPÍTULO 122

Longe da torre profana onde se restabelecia o Elo Cósmico entre a terra e as dimensões abissais, Kyle olhava para o céu, tendo plena ciência do ocorrido e da impossibilidade de impedir a chegada daquela praga.

Tudo que importava era encontrar um meio de concretizar sua visão. A que escolheu para si e para o mundo entre centenas de possibilidades. Os detalhes do que e como fazer já haviam se perdido, mas algo ainda era bastante claro: era preciso derrotar Arávner. Se falhasse, ele reverteria a tomada de poder de Lacoresh desencadeando um futuro mais sombrio e perene para o mundo.

Kyle e Kiorina cavalgavam partilhando a mesma montaria. Ele disse – Olhe para o céu, é a noite do alinhamento das luas.

- Sim – ela sentia o fluxo de energia mágica crescendo ao seu redor. Aquilo a deixou excitada.

A outra montaria seguia ao lado da dupla e carregava Vekkardi. Eles haviam deixado as ruínas de Xilos há pouco tempo. Os soldados e necromantes instalados no que restou da cidade não tomaram conhecimento da passagem deles, pois Kyle ocultou-os utilizando os poderes do Dragão Negro. Os cavalos cansados subiam a tortuosa e estreita trilha que ligava Xilos à fortaleza de Arávner na porção mais alta daquela montanha. Luzes já podiam ser vistas ao longe.

Kiorina abraçou Kyle com força por trás. Seus sentimentos estavam confusos, mas à medida que o cavalo avançava e medo aumentava.

Vekkardi vestia negro e um capuz volumoso. Mantinha-se em silêncio e meditação. As memórias de seu confronto com Noran, há muitos anos naquela fortaleza retornavam. Assim como o confronto contra Arávner, no qual teve uma espada atravessada em sua coxa e pedregulhos que o castigaram quebrando alguns ossos. Depois de tantos anos ainda sentia resquícios dolorosos daqueles ferimentos. Ele pensava também em seu mestre. Que conselhos ele daria se ainda estivesse vivo?

- Melhor deixarmos as montarias aqui – disse Vekkardi – o bracelete poderá nos ocultar, mas certamente há sentinelas na fortaleza. Melhor diminuir as chances de sermos detectados.

Kyle concordou com um aceno e desmontou e em seguida ajudou a ruiva a fazê-lo.

- Podemos revisar nossa estratégia? – indagou o encapuzado encarando-o com seu olho bom.

- Sim. Você e Kiorina se infiltrarão diretamente para prover distração

enquanto eu irei escalar pelo lado do penhasco.

-Acho que não precisará escalar – disse Kiorina – há tanta energia que posso convocar um elemental para auxiliá-lo – ela sentia energia fluindo abundante por seu corpo – talvez possa convocar mais de um.

-Sejamos rápidos – disse Vekkardi.

Podiam ver com clareza o contorno da velha fortaleza, iluminada pelas luz intensa das nove luas alinhadas no céu. Uma das torres estava parcialmente arruinada. Era o local no qual Vekkardi, Dagon e Calisto haviam confrontado Arávner e perdido o Orbe do Progresso. Aquela seção da fortaleza era mantida fechada. O vitral quebrado no local em que Dagon se atirou, nunca fora repostos.

Vekkardi mostrou a janela para Kiorina. Ela compreendeu e iniciou a convocação dos elementais. O primeiro a chegar foi anunciado por um trovão. Uma intensa ventania soprou ao longo da montanha e Kiorina, de joelhos, aguardava a chegada do espírito elemental. Uma serpente escura surgiu no céu, seus contornos iluminados pelas luas mal podiam ser vistos, pois ela se movia com extrema velocidade contorcendo-se para avançar.

-Venerável serpente dos ventos, auxilie-nos! – disse a ruiva no estranho idioma sussurrado e assobiado dos elementais do ar. Kyle e Vekkardi nada compreendiam.

Kiorina combinava o feitiço de convocação com a conexão mental que permitia acessar e compartilhar a língua da criatura mágica. Nunca antes havia realizado tais feitiços com tal perfeição. Estava ciente de que jamais conseguiria fazê-lo não fosse pela limpeza de pensamentos conflitantes e malignos que realizou com a ajuda de Shaik Kain, antes de partirem de Lacoresh. Seu contato com a mente maléfica de Marlituk havia deixado resíduos de corrupção que o experiente mentalista encontrou, isolou e eliminou. Não apenas isto, Shaik Kain lhe ensinara a melhorar sua concentração para realizar feitiços.

Kyle foi tomado pela serpente e alçou voo sem ter tempo de despedir-se de Kiorina e Vekkardi. Ele segurou-se no dorso da serpente que tinha grossas escamas, que refletiam a luz azulada, e faixas com fartos pelos brancos nos flancos. Segurar-se mostrou-se inútil uma vez que estava sustentado por um poderoso bolsão de ar. O chão afastou-se rapidamente e o céu já o cercava por todos os lados. Passando o susto da surpresa, Kyle sentiu prazer naquele voo veloz que o levava cada vez mais para o alto.

-Vamos Vekkardi – disse ela ao se levantar.

-E quanto a Kyle?

-Vai entrar no momento certo. Agora é hora de prover a distração

adequada.

Ela concentrou-se para convocar outro elemental, do elemento que melhor dominava: o fogo. Um ser respondeu. Estava há muito adormecido nos leitos de lava dos vulcões que deram origem àquela cadeia de montanhas. O chão estremeceu e nas proximidades da fortaleza e emergiu uma enorme serpente de fogo e lava. O portão da fortaleza foi atingido e em pouco tempo consumido pelas chamas. Kiorina espantou-se com o tamanho da criatura que foi capaz de convocar. Vivenciava a magnitude do poder mágico exercido em tempos ancestrais.

-Então era este – murmurou estupefata – o poder dos antigos.

Logo surgiu um antagonista em resposta ao ataque da serpente. Um enorme elemental da terra formou-se à partir das enormes pedras da muralha. Toda fortaleza tremeu com seu surgimento. Alguns sentinelas gritaram na medida em que eram atingidos por fragmentos.

No alto da torre mais próxima da entrada, Kiorna pode ver seu inimigo. Suas risadas insanas ecoaram na noite – He, he, he! Esmagarei a todos!

A serpente de fogo que tinha cerca de quatro metros de altura pareceu encolhida ao lado da figura titânica convocada por Kurzeki. O titã de pedra atirou-se sobre a serpente e desmanchou-se num desmoronamento proposital. Sem ar para queimar, a serpente perdeu sua força e dobrou as barreiras dimensionais para retornar ao seu plano.

Vekkardi corria e saltava em meio a tempestade de rochas que caíam da muralha. Ele chegou perto do pátio e encontrou alguns cavaleiros e soldados lacoreses ainda em pânico e sem compreender o que acontecia. Um raio esverdeado veio da torre na direção de Vekkardi, mas foi defletido por uma mão etérea fosforescente convocada por Kiorina.

-Peste! – gritou o bruxo, estremecendo de ódio, à partir da sacada.

Aquele embate chamou a atenção dos soldados para Vekkardi. Este aguardou o golpe de espada afobado que veio em sua direção. Esquivou-se com facilidade e socou o peitoral da armadura do oponente com tal força que atirou-o girando para trás.

A enorme mão etérea convocada por Kiorina fechou-se num punho cerrado e voou contra a sacada da torre, destruindo-a. Kurzeki caiu, mas conseguiu fazer um feitiço para anular seu peso antes de tocar o chão.

Bolas de fogo lançadas por Kiorina voaram contra o bruxo, mas este protegeu-se com um domo energético. Naquela noite, ambos feiticeiros tinham a disposição energia mágica quase ilimitada. Protegido em sua redoma, Kurzeki encarou Kiorina e gargalhou mostrando seus dentes disformes e sujos.

-A pequena aprendiz retorna! Os anos lhe favoreceram, mas verá que

não é páreo para mim! He he he he...

Kiorina recordou-se da risada asquerosa do serviçal de Arávner. Nunca imaginava que ele fosse um bruxo. Kurzeki prosseguiu com suas gargalhadas insanas.

-A barreira entre as dimensões está tênue. Venha, venha! – ele iniciou uma convocação, e do plano etéreo, escaparam uma dúzia de sombras. A convocação prosseguia e a barreira entre o plano físico e o netéreo finalmente se rompeu na forma de uma fenda instável da qual surgiu uma pata branca monstruosa.

Kurzeki gargalhava ao dizer – O fim está próximo! Todos perecerão!

Vekkardi adiantou-se na direção da fenda e saltou por sobre a pata da criatura. Atravessou a fenda penetrando no plano netéreo. Tendo experiência em confrontar as criaturas daquela dimensão, Vekkardi lançou uma série de golpes distantes contra a criatura. O fluxo de Jii era visível por lá. Tudo parecia cinento por lá, exceto a fenda dimensional que queimava em tonalidades de laranja intenso. A criatura revidou e apesar dos ferimentos, conseguiu atingir Vekkardi com uma forte chicotada de sua cauda. Vekkardi gemeu quando sua carne foi talhada. Escorregou sobre o solo gelatinoso coberto por uma infinidade de fungos translúcidos. A criatura encarou-o com sua face disforme e ligeiramente sáuria. Tinha um único olho rajado em tons vermelhos e amarelos. O sangue que escorria das costas de Vekkardi assumiu uma tonalidade escura, próxima do negro.

Borboletas e insetos sem cores surgiram da vegetação rasteira farejando o sangue e examaram-se ao redor de Vekkardi. Ele fechou os olhos e se concentrou deixando que os insetos pousassem sobre seu corpo para lamber o sangue que escorria. O monstro albino atacou esticando seu pescoço e abrindo as mandíbulas para abocanhá-lo. Vekkardi aguardou até o último instante e saltou tomando impulso na própria cabeça do oponente. Atacou o olho penetrando-o com os dedos rígidos. A criatura emitiu um uivo terrível que derrubou Vekkardi forçando-o a proteger seus ouvidos.

Vekkardi se afastou e notou que a fenda entre as dimensões estava se estreitando. Correu, mas chegou tarde demais. Estava preso naquela dimensão, talvez, para sempre.

Do outro lado, Kurzeki selou a passagem e zombou – O maldito intrometido jamais retornará!

Kiorina avaliou seu oponente. Poderia vencê-lo em condições normais esgotando-o, pois ele era desleixado com suas magias, mas havia energia abundante naquela noite. Ela resolveu mudar de jogo. Ela precisava ser um rato e ele um gato. Fingiu fraquejar e pôs-se a fugir saltando para dentro da fortaleza. Ele a seguiu. Em

sua fala, ele sugeria superioridade. Kiorina queria apanhá-lo neste sentido. Ilusões sempre foram um ponto forte seu. Kurzeki disparava diversos ataques e ela deixou-o crer que era atingida por alguns destes.

A serpente dos ventos conduziu Kyle para dentro da fortaleza através do vitral arruinado. Era a seção mais alta do local que ligava suas principais torres. O vento revirou alguns entulhos aqui e ali e levantou muita poeira. Arávner manteve o lugar isolado, pois por muito pouco não perdeu sua vida ali, anos atrás. Se Calisto soubesse sobre as diferenças anatômicas entre os Vetmös e os humanos e tivesse mirado seu punhal no lado direito do peito, teria atingido seu coração. A serpente recuou e saiu do salão pela mesma entrada deixando Kyle em meio a poeira e escombros.

Kyle agachou-se e sentiu seu braço pulsar. Os olhos do Dragão Negro estavam brilhando e imagens da batalha que se passou ali vieram à sua mente. Encontrou a poucos passos de si o punhal empoeirado e desgastado pelos anos. O mesmo usado por Calisto contra Arávner. Ele teve ciência de toda a luta ocorrida. Viu o Barão Dagon em chamas se atirando pela janela e quebrando o vitral. Viu Vekkardi, ainda jovem e íntegro preso contra a parede com uma espada cravada na coxa. E viu como Arávner destruía seus inimigos usando apenas a força de sua mente. O que ele deveria fazer? Como poderia derrotá-lo?

Ele seguiu escutando, ao longe, os estrondos da batalha que ocorria do outro lado da fortaleza. Abriu a porta dupla que dava acesso à fortaleza. O interior estava escuro e quieto. Kyle sentiu o chão tremer e diversos objetos caíram de cima de mesas e aparadores. – Um terremoto? – murmurou ao apoiar-se no chão.

Ele levou o punhal consigo e tentou acessar os poderes do bracelete. O que viu, não veio do objeto, mas sim um resquício de suas visões junto ao oráculo. Havia uma cripta nas profundezas da fortaleza. Arávner estava lá, deitado. Do lado de fora, viu cavaleiros de guarda, entre estes, reconheceu Július Fortrail. Havia necromantes também e estes tinham jarros em suas mãos. Ele já havia visto tais objetos: nexos dimensionais.

-Ele está esperando por mim... – murmurou ao abrir os olhos. Desceu as escadarias espiraladas em passo acelerado.

Kiorina caiu diante de Kurzeki, toda ensanguentada e implorou – Por favor, não me mate...

O opositor gargalhou – O mestre ficará orgulhos de mim! Não se preocupe, menina. Você lutou bem e poderá ser útil ao mestre. Será um belo presente, isto sim! He he he... Sim, precisaremos de sua força para confrontar Zho Morkian.

-O lendário Arquimago de Trinidacs? Ainda vive?

-Kurzeki riu – Não exatamente... Nesta noite ele está cumprindo o

destino do Conselho dos Sete de Lacoresh. O Novo Elo entre a terra e os planos abissais está sendo restabelecido na distante Torre dos Profanos. Hordas demoníacas habitarão este mundo, uma vez mais! O fim está próximo, menina, mas talvez, ainda possamos fazer algo.

- O que, poderoso bruxo? – Kiorina atuava, falando como se suas forças fossem acabar a qualquer momento.

- Pode me chamar de poderoso Kurzeki!

- Sim, poderoso Kurzeki, o que pode ser feito?

- Meu mestre vai dar um jeito nisto tudo, sim ele vai, he he he... – Kurzeki revelou uma vez mais seus olhar insano olhando para as paredes como se visse algo nelas.

Ela percebeu que ele havia baixado sua guarda. Convocou um feitiço de sono, preciso e indefensável. Ele tombou, caindo de lado. Kiorina se levantou desfazendo a ilusão voltando a parecer saudável, exceto por pequenas contusões, arranhões e partes rasgadas de seu vestido. Avaliou que o bruxo louco não seria tão perigoso após aquela noite e seguiu caminho pensando naquilo. Concluiu: Zho Morkian, não verdade devia ser o que chamavam de Thoudervon.

Kiorina progrediu pela fortaleza que foi tomada por um silêncio sepulcral. Convocou sobre si um feitiço de levitação e volitou como um espectro pelos corredores. O único ruído que escutou, pouco depois, foram passos que vinham das escadarias. Deixou preparado um feitiço para atingir o oponente. Kyle chegou a ensaiar uma esquiva, mas o ataque não veio. Ao invés disso, se abraçaram e se beijaram.

- E Vekkardi?

- Perdeu-se... Depois explico, alguma sinal de Arávner?

- Já sei onde ele está. Vamos descer. Ele sabe de nossa vinda e tem defesas preparadas.

Ela sentiu um aperto no peito e disse – Estou com medo Kyle, vamos voltar, vamos fugir juntos.

Em resposta, ele colou seus lábios nos ouvidos dela, sussurrou algo e a conduziu escada abaixo. A dupla passou pelo corredor de celas que já fora usado para guardar carniçais e mais tarde homens usados nos experimentos de Arávner. Ali estavam os necromantes, mas não foram capazes de vê-los passar. Kiorina volitava levando Kyle consigo. Ele mantinha a concentração na camuflagem usando o Dragão Negro. Os olhos dos necromantes os viam, mas não suas mentes. A penetração nas mentes era sutil e surtia efeito mesmo em feiticeiros. Numa sala adiante estavam os cavaleiros conversando entre si apreensivos e inquietos.

Comentavam sobre dois tremores e ruídos de batalha que escutaram ao longe. Discutiam se deviam sair para ver o que ocorria. O líder, Fortrail, insistia que deviam permanecer ali seguindo as instruções de Arávner.

Kiorina não via chances de um bom desfecho. Convocou um forte feitiço de sono sobre toda a área da sala fazendo todos os cavaleiros adormecer. Kyle abriu a porta da cripta e depois a fechou atrás de si. Havia pouca iluminação, mas puderam ver Arávner deitado sobre um largo pedestal. Sem se mover, ou abrir os olhos ele disse – Presumi que possuísseis o orbe, mas vejo que me enganei.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Kyle e Kiorina foram separados por uma força violenta e invisível que os atirou contra paredes opostas. Kiorina convocou uma barreira ao seu redor e atingiu a parede num estrondo, mas sem se ferir. Kyle voou e conseguiu girar o corpo de forma a tocar a parede primeiro com os pés amortecendo um pouco a queda, mas ainda assim bateu-se contra a parede de forma dolorosa.

A força continuou atuando mantendo-os presos às paredes. Kiorina convocou outra ilusão fazendo sangue escorrer pelo nariz e deixou o corpo todo mole, como se tivesse desmaiado.

O efeito mais forte do Dragão Negro, não era a camuflagem visual que usaram para ludibriar os necromantes e cavaleiros há pouco, mas sim, a capacidade de bloquear a leitura de pensamentos.

-Que brinquedo tens tu contigo, hã Blackwing?

Kyle fazia força para soltar-se da parede, mas era como se a força de três homens o segurassem suspenso. Ele não disse nada e Arávner prosseguiu – Pensaste que com isto teríeis poder para me deter? Bah! Como sois tolos!

Arávner se levantou e caminhou até o cavaleiro dando as costas para Kiorina, porém ser remover a pressão que a mantinha colada na parede. Ele inspecionou Kyle e viu que havia embainhada e presa a um cinturão a espada cuja ornamentação do cabo ele reconheceu como obra dos Hölmós. Arávner retirou-a da bainha para observá-la. Havia nela a mão de cinco olhos, símbolo da casa Prístimos. Desembainhou a lâmina para ler as inscrições. Eram símbolos místicos usados na antiguidade.

-Uma espada dos Prístimos? Onde arranjaste tal objeto?

Kyle disse com certo esforço – Em Ilm'taak.

-Que pena... Foste tão longe para nada!

Deu as costas para Kyle e voltou a examinar Kiorina. Havia algo nela que o incomodava. Parecia estar ferida e sem sentidos, mas ainda assim...

Um ruído do outro lado chamou a atenção do Vetmös. Surgiu uma figura sombria e de rosto deformado. Arávner o reconheceu, mas antes de poder falar, teve que se defender do ataque deste. Vekkardi adiantou-se e girou as pernas no ar para

atingi-lo com um potente chute. Arávner tentou projetá-lo para trás com sua psicocinese, mas esta não fez efeito algum sobre o oponente. Kyle e Kiorina sentiram a força que os prendia se afrouxar um pouco. O chute acertou, mas também não causou dano. Kiorina esperou o olhar de Arávner voltar-se contra ela. Dissipou as ilusões e lançou outro feitiço. Uma explosão de luz surgiu diante da face de Arávner e iluminou todo o ambiente.

Kiorina e Kyle caíram no chão. O homenzarrão gritou – Maldita sejas tu!

A ruiva lançou bolas de fogo contra ele, mas este encolheu-se projetando ao seu redor uma barreira cinética que desviou os projéteis. Kyle aproveitou a oportunidade para concentrar-se usando o Kishar ao mesmo tempo que forçava sua visão do futuro iminente, resquício de seu contato com o Oráculo. O Dragão Negro potencializava sua concentração e uso do Jii. Dando um soco no ar que terminou com a ponta do dedo indicador esticado, direcionou um golpe distante que movia o Jii concentrado de forma semelhante à psicocinese. O pequeno projétil de força zuniu e perfurou a barreira de Arávner atingindo-o nas costas da mão que empunhava a Espada de Tarquis. Ele sentiu o beliscão de dor aguda e por reflexo, deixou cair a lâmina.

Arávner enxergava pouco, pois a luz de Kiorina ofuscara sua visão. Disparou uma série de ataques psicocinéticos contra Kyle. O cavaleiro enxergou em sua mente as bolhas de Jii que vinham em sua direção. Rolou por baixo de uma e depois saltou sobre outra. Uma terceira atingiu-o de raspão fazendo seu corpo girar no ar. Blackwing caiu, mas levantou retomando o equilíbrio. Kiorina seguia com seus ataques que não atingiam o alvo, mas ao menos distraíam Arávner.

Kyle girou as pernas no ar a fim de lançar um golpe distante mais forte que o primeiro. Este também perfurou a barreira de Arávner e atingiu-o no peito, fazendo-o recuar um passo com o impacto.

Kyle deu mais dois rápidos socos no ar com movimentos precisos e angulosos seguidos de um chute frontal. Os três golpes atingiram o oponente no peito, estômago e rosto, respectivamente. Arávner recuou ainda mais. Kyle realizou mais algumas acrobacias e rolou para alcançar a espada caída.

A visão de Arávner retornava aos poucos, mas Kyle não passava de um borrão que se movimentava com incrível velocidade utilizando-se da capacidade do Anel de Tarquis. Arávner puxou Kiorina com sua psicocinese fazendo-a flutuar diante de si, como um escudo.

-Muito bem Blackwing, já demonstraste que és habilidoso. Tomou-me de surpresa, mas agora, irás fazer conforme digo, ou então, esmagarei tua amiga diante dos teus olhos.

Kyle abaixou a lâmina. Arávner esticou os braços e pernas de Kiorina e ela gritou de dor.

- Teu bracelete. Dá-o para mim!

Kyle obedeceu. Com a própria mão esquerda destravou o mecanismo que fechava o bracelete contra a palma da mão. Atirou-o para Arávner fazendo-o quicar no chão. Quando Arávner voltou sua atenção para o objeto atraindo-o para si, Kyle agiu, veloz como o bote de uma serpente, e atirou a espada contra Arávner. Sua mira foi precisa. Kiorina recebeu o golpe no abdome que a trespassou. Ela arregalou os olhos, sem acreditar que o próprio Kyle a havia golpeado. A espada seguiu seu caminho e atingiu o peito de Arávner do lado direito, bem onde ficava seu coração. A espada penetrou o suficiente para rasgá-lo, mas não saiu do outro lado.

Arávner caiu, e no instante seguinte, Kiorina. Kyle partiu para acudi-la. Ele segurou-a contra si com lágrimas nos olhos e disse – Não vou deixá-la morrer, minha pequena. Não vou!

A dor que Arávner sentia no peito era aguda e insuportável. Ele estava morrendo. O ferimento no coração rompeu a proteção forjada contra a maldição dos Vetmös. Sua pele tornou-se flácida e enrugada. Os músculos se retraíram e seu corpo se curvou. Ele tentou dizer algo, mas nenhum som saía de sua garganta, exceto um gorgorejar. Estava se afogando em seu sangue que tinha enchido os pulmões. Queria pedir desculpas a sua esposa. Ele havia falhado. Fora longe demais com suas ambições. Seus antigos princípios foram se degradando até se tornar cruel e maligno. Faria tudo para libertá-la de sua prisão eterna. Havia se aliado a demônios e percebeu que, assim como seu povo, havia sido ludibriado por suas promessas. Pensou em Thoudervon e o ódio voltou a consumi-lo em seus últimos momentos. O maldito arquimago havia enganado a todos. Nunca devia ter se aliado a ele. Arávner rolou no chão e vomitou sangue. Direcionou seu olhar para Kyle e enviou pensamentos “Blackwing! Thoudervon venceu! O maldito abriu o portal. Vocês todos serão consumidos! Talvez pudéssemos tê-lo detido, mas agora... Os demônios irão consumir todo este mundo...”

Havia ódio em sua voz projetada, mas ainda assim, Kyle sentiu pena de Arávner ao vê-lo deformado, definhando e morrendo. Kiorina estava em seus braços inconsciente e perdendo muito sangue. Kyle apanhou o bracelete e vestiu-o. Saiu da cripta e viu os cavaleiros ainda adormecidos na sala adjacente. Kyle despertou Fortrail e disse – Julius, Arávner está morto. Eu fui nomeado primeiro cavaleiro pela Rainha Hana, legítima herdeira do trono. Preciso de sua ajuda com Kiorina.

Julius levantou-se, sentindo a cabeça pesada. Ainda processava as palavras de Kyle sem compreendê-las como um todo. Ele estava habituado a trocar de lado. Sempre ao lado dos vencedores, este era seu lema. Tinha a sensação que Hana seria uma rainha forte e decidiu que colaboraria com Kyle. Além do mais, sempre gostou do rapaz. Julius e o pai de Kyle forma bons amigos. Blackwing tinha mais honra que ele próprio. Fazia sentido que fosse o primeiro cavaleiro. Julius despertou os demais

e foram até o local das celas, onde estavam os necromantes reunidos numa acalorada discussão.

- Arávner morreu – anunciou o Cavaleiro Carmin encarando-os com seus olhos azuis escurecidos naquele ambiente sombrio. – Ele trazia Kiorina em seus braços.

Kyle ameaçou-os com a Espada de Tarquis ainda ensanguentada – Irão curá-la, se quiserem manter os pescoços atados às cabeças.

- Ora, quem é você para nos dar ordens? – retrucou um deles que possuía olheiras profundas.

- Sou o Primeiro Cavaleiro de Lacoresh – avançou rápido desaparecendo com a camuflagem, movendo-se com celeridade com a ajuda do anel e depois reaparecendo com a espada pressionada contra o pescoço do necromante. Aquilo causou surpresa em todos – Se não começarem a trabalhar, matarei vocês todos mais rápido que eliminei Arávner.

Quando chegaram em Lacoresh, dias depois, Kiorina já estava quase recuperada. Os ferimentos foram todos fechados pelos necromantes, mas ela havia perdido muito sangue o que a deixou enfraquecida. Para ela foi uma surpresa quando Kyle entregou seu posto de volta à Rainha Hana. Surpresa maior ainda foi o pedido que recebeu para casar-se com ele.

O casamento ocorreu na capital com honrarias reais. Apesar da beleza e luxo, foi uma cerimônia triste. Poucos amigos do casal puderam vir. A memória da perda de Gorum ainda era recente. Além disso, não tinham notícias de Archibald, ou Mishtra. Outra tristeza adveio da notícia de que An Leopard teria retornado a Lacoresh na companhia de Archibald, mas que perdera a vida na noite em que Maurícius enlouqueceu e lançou a praga de mortos vivos sobre a cidade. Apesar de toda melancolia, Kyle prometeu a Kiorina que seriam felizes no futuro. Falou para ela sobre uma cidade para onde pretendia levá-la. Viver em Lacoresh só traria lembranças tristes e após tudo o que passaram, mereciam buscar alguma porção de felicidade.

Shaik Kain conduzia os bastidores políticos de Lacoresh com habilidade e recebeu de volta de Kyle o bracelete do Dragão Negro. Ele tinha consciência sobre os tempos difíceis que viriam e convocou de volta das frentes de batalhas toda força que pode. As trevas convocadas por Thoudervon no leste longínquo não tardariam a chegar.

Após o casamento, Hana concedeu o desejo de Kyle de viajar para oeste rumo ao lendário porto de Tleos. A rainha ofereceu um dos melhores navios da frota

lacoresha para conduzi-los até o local. Lacoresh e outros tantos reinos veriam tempos difíceis e muitos conflitos, mas para Kyle e Kiorina, uma nova história estava para começar na milenar cidade estado de Tleos. Afinal, foi isto que Kyle buscou explorar em meio a centenas de possíveis futuros que vislumbrou. Desejava encontrar um futuro no qual pudesse viver uma vida feliz ao lado de Kiorina.

Epílogos

Zorena - sete anos antes

A mansão, sede da casa comercial dos Muntau, em Tonuak estava quieta àquela hora. Marino deixou sua sala de estudos satisfeito após revisar os livros e verificar que os lucros estavam altos e adequados. Ele chamou pelo criado, Ximbul, mas este não respondeu. Aquilo era estranho e deixou-o apreensivo. Ele saltou ao escutar a voz que veio de trás dele.

-Dispensei Ximbul – veio a voz de Zorena.

Marino relaxou, temia que pudesse haver problemas, como ladrões, ou assassinos.

- Zorena? Há quanto tempo! Cheguei a pensar que não a veria novamente.

A espiã estava tensa, não estava disposta a rodeios e disse – Você matou seu pai e seu tio, não foi?

Marino ficou chocado ao ouvir aquilo, mas respondeu dissimulado – Mas que estória é esta, minha cara? De onde você foi tirar uma ideia ridícula destas?

Zorena leu em sua expressão que mentia. A culpa estava estampada em seu olhar, ainda que tentasse disfarçar. Era tudo que precisava saber.

-Eu os amava! Você é um lixo humano. Não é digno que eu o sirva. Ou melhor... – A espiã sacou sua espada curva que zuniu veloz abrindo um corte na garganta de Marino – Não é digno de viver.

Marino caiu levando as mãos à garganta. Ficaram tingidas de sangue imediatamente.

Ela olhou-o com desprezo – Que você se afogue no próprio sangue, maldito!

Kurzeki - semanas depois (da derrota de seu mestre)

Kurzeki caminhava com dificuldade carregando a urna metálica nas costas. Em seu interior, os restos mortais de seu mestre, Arávner. Chovia um pouco e atrás de si, via-se o imponente Montgrey, mais cinzento que o normal. Em sua mente, semi enlouquecida, circulavam pensamentos cíclicos.

“Eu vou salvá-lo mestre! Eles vão pagar! Todos irão pagar por isto! Aquela bruxa pivete maldita não perde por esperar. Nós os esmagaremos, mestre, sim, como baratas. A necrópole será nossa. Sei que será nossa.”

Seu pensamentos, ocasionalmente eram verbalizados – Esmagar! Baratas! Sim!

Hehehehe! – e suas gargalhadas horrendas ecoavam na região erma.

Archibald DeReifos - um mês depois

Depois de derrotar Weiss e seus demônios na torre sílfica, Archibald retornou com seu filho Marr para a ilha nas proximidades de Shind onde foi se reencontrar com Mishtra. Foi um reencontro feliz, mas sérias divergências surgiram entre os dois após alguns meses de convivência.

Archibald queria levar a família para Tchilla, pois os profetas haviam previsto um tempo de caos que se aproximava. Ele acreditava que Tchilla resistiria ao caos vindouro. Estariam mais seguros lá do que entre os sílfos. Mishtra não aceitava a ideia. Além disso, tinha dificuldade em perdoar a ausência dele, de modo que Archibald decidiu partir e retornar à cidade que havia adotado. Seu sacerdócio lá fora forte, e o chamava de volta era tão intenso que nem mesmo seu afeto por seu filho, Marr, o deteve.

Archibald prometeu retornar para buscá-los, mas circunstâncias que não podia prever, o impediram disto. Ainda assim, não foi a última vez que Archibald e seu filho se viram. Marr DeReifos tinha um destino a cumprir e o chamado da Deusa Ectarlissè era forte nele. Ao se tornar adulto, este chamado o levaria para fora dos arquipélagos, mesmo contra a vontade de sua mãe. Os valores de sua deusa de verdade e compaixão seriam confrontados com os valores dos deuses sanguinários cultuados na robusta cidade estado milenar.

Rílkare Krenov - seis meses depois

O êxodo havia sido bem sucedido. Há poucos meses, Rílkare e Öron haviam conseguido chegar à cidade de Balish, uma das poucas que ainda resistiam contra as investidas das hordas de inumanos.

Rílkare fez-se homem diante do senhor que havia assumido o controle da cidade que fora comandada por seu falecido pai. Desafiou este senhor e venceu-o num duelo. Apesar dos protestos de Öron, Rílkare não quis se desfazer do pirilampo das trevas, Cretàh. O monstinho foi fonte de desavença entre os amigos. A primeira medida de Rílkare como senhor, foi declarar que o reino de Saubics estava liquidado e que seu rei fora corrompido pelas forças sombrias. Era culpa dele a invasão dos inumanos.

Sustentou que a única alternativa para o povo de Saubics ter paz era abandonar as terras do Vale Verde. Preparou as milícias para proteger e escoltar as numerosas caravanas que deixaram Balish. Mensageiros foram enviados pelo reino, mas poucos vieram seguir o caminho apontado pelo herdeiro de Balish.

A viagem através das montanhas, rumo a oeste, foi dura e muitos não chegaram.

O vale vizinho era um local desabitado e rico em florestas e selvas. Localizaram uma área de mata que foi derrubada para iniciar a construção de uma nova cidade. Era uma região selvagem e inexplorada. Se estabeleceram em terras altas. Havia escutado apenas lendas sobre as inóspitas selvas e terríveis criaturas que habitavam aquele vale. O local onde se estabeleceram recebeu o nome de Nova Balish.

No dia em que a esposa do velho castelão dos Krenov, o senhor Ulik, deu a luz à primeira criança nascida no assentamento, houve uma assembleia. O povo elegeu e reconheceu Rílkare Krenov como seu soberano. Rílkare, o salvador, assim passou a ser conhecido.

A primeira criança de Nova Balish era um homem e recebeu o nome de Fíneas Rílkare Ulik. Fíneas, significava alvorecer, chegada da luz, na língua saubiquense.

Fíneas foi ungido no modesto templo de madeira com teto de palha dedicado à Deusa da Luz. O profeta Luan, antigo frei da igreja de Saubics disse que o destino de Nova Balish era se fortalecer para combater o período de trevas vindouras.

Örion não gostava do que via e sentia-se isolado, só e deslocado vivendo entre os humanos. Ele se despediu de Rílkare e sua corte para cumprir a missão que lhe foi conferida por seu avô. Partiu para encontrar Nelfária, a terra dos antigos silfos e buscar ajuda para combater as trevas que cresciam ao redor de Ilm'taak e tomavam o Vale Verde.

Lilástrata - sete meses depois

Um novo dia estava para surgir em Banzanac. Lila estava com a barriga enorme e iniciara o trabalho de parto no dia anterior. A Sra. Phyllis cuidava dela e Wbick aguardava com certa ansiedade a chegada da criança.

- Vejo a cabeça – disse a Sra. Phyllis.

Wbick tocou a testa de Lilástrata, acariciando-a. – Faça força, minha filha. Força!

Lila gritou. E gritou.

O sol surgiu e o choro de um bebê ecoou para fora da casa do velho Wbick.

- É um menino. Um menino. – repetiu a Sra. Phyllis emocionada. Ela enrolou-o num tecido e levou-o para a mãe.

Lila estava suada e exausta, mas sorriu ao ter o filho no colo.

- Como vai se chamar? – indagou Wbick.

- Tristan.

- É um nome bonito, não é, pequeno Tristan? – disse a Sra. Phyllis acariciando a penugem negra que o bebê tinha sobre a cabeça. O bebê finalmente se acalmou.

Wbick olhou para a criança pensativo. Era a semente de Kyle a brotar. Fator que fora decisivo para sua partida. Wbick viu que havia um destino a ser cumprido por aquela criança. “Qual seria este?” Ele se perguntava.

Thoudervon - nove meses depois

Thoudervon ficou desapontado quando soube do revés ocorrido em Lacoresh. O império se desfez e isso afetaria seus planos, mas não por muito tempo. Como um ser que existia há incontáveis gerações, ele estava habituado com contratempos. Já esperava por milênios para estar de volta entre os seus, uns poucos anos a mais, ou décadas, não fariam muita diferença.

Mais uma vez a história ensinava sobre a dificuldade de contar com os humanos. A raiz do problema estava ligada à falta de disciplina no alto comando. Esteve discutindo o problema com Arcanael, o governante dos demônios. Ele havia dito – Minhas legiões obedecem, ou são severamente punidas.

Quando soube da morte de Arávner, contentou-se. Era menos um daqueles malditos a pisar naquela terra. Quantos Vetmös ainda teriam restado? Thoudervon não tinha certeza, mas suspeitava que haveria mais deles, assim como alguns Holmös. Necranxelfer também o havia traído. Fora tolice trabalhar com um demônio que havia traído seus mestres. No fim, nem mesmo Arcanael detinha pleno controle sobre seus subordinados.

Thoudervon, por vezes, lamentava que seu irmão não tivesse sobrevivido. Era tempo de aguardar. Arranjou uma ocupação para si mesmo enquanto aguardava e observava o lento crescimento das hordas demoníacas na Terra das Nove Luas. Agora, seria necessário construir um novo corpo para si. Uma nova identidade. Aquela aliança com os humanos havia terminado. Era hora de abandonar a ossada esquelética e assumir um novo corpo.

A torre construída pelos Vetmös passou a ser sua nova morada. Era uma cópia tosca da Torre de Trinidacs, mas ao menos funcionava. Ele não devia ter confiado tanto conhecimento aos Vetmös. Teria alcançado êxito em seus propósitos não fosse pela ganância e estupidez daqueles. Seu tempo ainda estava por chegar. Esperava que a guerra contra Nelfária pudesse ser mais eficaz e mais curta, desta vez. Mesmo para ele, mil anos era um tempo longo demais.

Teris’ful Garth - onze meses depois

O velho feiticeiro, último sumo sacerdote da ordem de caçadores de demônios que atuou após o final da Guerra Milenar, agora se estabelecia no mesmo território no qual, um dia, comandou como rei. Ele abandonou o sacerdócio para tornar-se o primeiro rei dos Hölmos fora da dinastia dos Prístimos. Na ocasião, ele não queria

apenas ser um rei, mas acreditava que era representante das divindades e que como tal, deveria ser adorado como Rei-Deus. A cidade de Krös, capital de seu reino, fora engolida pelas selvas que dominavam aquele vale quente, de muitos rios e clima tempestuoso, assolado por chuvas torrenciais em várias épocas do ano.

Há anos havia chegado no vale e os únicos habitantes inteligentes que encontrou foi a raça humanoide conhecida como Ingnatus. Selvagens, caçadores e comedores de carne crua. Era magros e fortes e possuíam dentição robusta e longos caninos, como os dos primatas inferiores. Teris, com sua magia superior, não demorou para arrebanhar e unificar as diversas tribos rivais que guerreavam entre si desde sempre. Há poucos meses sua busca naquele vale chegou ao fim. Localizou as ruínas de Krös, e ali, começou a tecer as bases para a construção de um novo reino.

A recuperação das ruínas, coincidiu com a chegada de humanos naquele vale. Homens vindos de além das montanhas, refugiados do Vale Verde, se estabeleceram nas terras altas a leste. Fato que Teris observou com interesse. Ponderou, que em alguns anos, aqueles poderiam ser subjugados e vir a ser aliados de sua causa. No momento, concentrava-se nos ingnatus. Precisava doutrinar, fazer crescer seus números e torná-los uma força significativa. A fé cega e fanatismo destes seriam seu trunfo.

Teris tinha exposto suas Oito Pedras de Almas, posicionando-as nos olhos das estátuas no entorno da pirâmide na qual habitava. Isto havia tornado aquele lugar, um edifício saturado com energias mágicas. Ali, estabeleceu o templo de procriação e instrução. Local onde seus súditos eram modificados para tornar-se mais fortes, mais fieis e mais astutos. Teris observava satisfeito o trabalho que seus súditos realizavam na imensa praça de Krös. Uma enorme estátua de pedra, a primeira de muitas, estava sendo erguida. Havia convertido os ingantus em trabalhadores fortes e incansáveis. Tomaria tempo, mas os gigantescos golens de Krös ainda seriam reconhecidos e temidos como as mais mortíferas armas de guerra já vistas em toda história da Terra das Nove Luas.

Meinard - 1 ano depois

O ex-monge estava satisfeito. Seus negócios em Lacoresh iam bem. O Banquete do Monge fora reconstruído e ampliado. Mesmo com o decreto real que extinguiu o Império Lacorês, a capital do reino ainda era um lugar muito movimentado. Um ano depois do flagelo de mortos-vivos, a cidade voltava à sua antiga rotina, como se nada tivesse ocorrido. O Arquiduque Dwain, viera ao seu restaurante por mais de uma vez. Em certas ocasiões, suas visitas a Lacoresh duravam vários dias. Foi dele próprio que partiu o convite para que Meinard construísse um restaurante em Kamanesh.

O restaurante recebeu o nome de O Gigante Hilário. O nome era homenagem ao

Cavaleiro Gorum, pois Meinard recebera do Arquiduque a velha oficina de Gorum como espaço para o novo negócio. A bigorna e a armadura do cavaleiro eram mantidas, bem polidas atrás do balcão do bar. A situação em Kamanesh não era tão boa quanto em Lacoresh, mas melhorava aos poucos na medida em que o velho Arquiduque incentivava melhorias na cidade.

Meinard empregou algumas pessoas que ficaram sem trabalho depois que grande parte da casa DeFruss-Lars arruinou-se com a morte de Jeero DeFruss e principalmente, a redução drástica do comércio. Não demoraria até que Kamanesh proclamasse sua independência. Quando isto ocorreu, Meinard decidiu ficar ali, afinal, era sua terra natal.

Örion Erendon - 2 anos mais tarde

Örion aprendera a silenciar e ler os sinais da natureza. Sua jornada em busca de Nelfária renderia uma canção de trovadores. Navegar pelos mares turbulentos da eterna tormenta não era algo que nenhum marujo quisesse fazer.

Örion esteve nos reinos do extremo leste buscando um meio para embarcar rumo a Nelfária. Só conseguiu isto após salvar a vida do filho de um proeminente nobre dos Reinos Bélicos de Orbech.

Foi levado até a costa, tida como local amaldiçoado pela tripulação orbechiana. Ali foi deixado só para buscar o reino lendário dos antigos silfos. Após alguns dias vagando nas florestas, foi localizado pelos antigos silfos, que ali, ainda chamavam uns aos outros de elfos. De algum modo, naquela terra, estavam livres da maldição que degenerava a raça e tornava seus membros mortais.

Maravilhado, foi levado à esplendorosa cidade de Talís, com suas altas e estreitas torres brancas, onde começou uma jornada, talvez mais cansativa que a primeira, para convencer seus parentes distantes, elfos, a saírem da segurança e proteção de seu reino a fim de combater o mal que crescia em toda parte, mas não ali, naquela terra isolada e intocada.

Noran - 3 anos mais tarde

Noran permaneceu em Lacoresh por alguns anos. Era um valoroso colaborador da causa lacoresa, um importante contato e aliado da Ordem do Dragão Negro. Mas seu espírito se afastou aos poucos dos dramas humanos e passou a observar com atenção o processo de renascimento de almas. Sentia que chegava sua hora de retornar à experiência carnal.

Foi através de uma canalização espiritual operada com a ajuda do bracelete do dragão negro que teve certeza. Um túnel dimensional trouxe uma comunicação vinda de seu antigo mestre, o Silfo Kivion. Ele disse a Noran que o mundo precisaria de

um profeta para cruzar os tempos de trevas. Os mundos de luz estavam à espera de tantas almas valorosas que ainda burilavam presas ao pesado ambiente da Terra das Nove Luas. Uma religião de luz precisava ser erguida e Noran precisaria auxiliar neste processo voltando a habitar a carne.

Teria uma família e berço humildes. Pouco tempo depois, começou o processo de esquecimento para voltar a mergulhar na experiência carnal.

Alonzo e Atir - 10 anos mais tarde

Atir estava velho, doente e rico. Aquele que herdaria seus negócios era seu fiel amigo Alonzo. Ele era muito ocupado, mas vinha visitar Atir, de tempos em tempos, principalmente quando chegavam notícias do exterior pelos portos. Muitos reinos vinham sucumbindo às incursões, cada vez mais ferozes, de hordas de demônios. Outros, resistiam. Em tal situação, tornou-se difícil receber notícias de sua terra natal, Lacoresh. Atir gostaria de voltar e ser enterrado lá e lamentava que navios não estivessem partido para Lacoresh há algum tempo.

Alonzo veio visitá-lo e trazia notícias.

- O que tem para mim, hã, meu velho?

- Chegaram alguns navios vindos de Homenase. São refugiados. Há lacoreses entre eles.

- Está ruim assim?

- Homenase caiu, mas Lacoresh e Kamanesh resistem.

Atir tossiu horivelmente até ficar vermelho, mas Alonzo não se alarmou. Estava habituado com a doença de seu chefe.

Muitos Homenasianos se refugiaram em Lacoresh, a maioria na verdade. As duas principais cidades restantes, Lacoresh e Kamanesh, segundo dizem, estão irreconhecíveis. Altas muralhas foram erguidas em torno delas e todas as demais vilas que ficam em suas imediações, foram fortificadas. Há notícias de que possuem incríveis estoques de flechas e outros armamentos para defesa. As hordas demoníacas, segundo dizem, vão sempre para os lugares que são mais fáceis de devastar e conquistar. O império Lacorês havia ruído anos atrás, mas havia muita riqueza acumulada o que propiciou o aumento de suas defesas.

- Parece que o Rei Corno tem feito um bom trabalho.

Alonzo riu – Sim chefe... É como dizem.

- Alguma novidade vinda de Archibald?

- Não senhor. Parece que as coisas estão agitadas em Tchilla. A guerra continua em pleno andamento.

- Os Tchillianos parecem estar adotando a estratégia de atacar para se

defender.

- Sim. O último ponto de resistência ao avanço deles é Tonuak. E dizem que a nova capital que estão construindo com a mão de obra dos escravos é ainda mais impressionante que Tchilla.

- Era uma coisa que eu gostaria de ver.

- O senhor devia ir mesmo. Lá eles tem magia, talvez pudessem curá-lo.

- Isto não significa que vou sair daqui e me enfiar num navio. Gostaria de ver, não significa que irei ver.

- Entendo isto senhor.

- Trouxe vinho?

- Ah sim, como sempre.

Alonzo abriu a garrafa e serviu uma taça a seu velho chefe. Havia muitas novidades para discutir. A noite seria longa.

Mais de dez anos depois.

Himil DeReifos Weiss

Weiss ficou prisioneiro dos silfos e chegou a imaginar que seus aliados em Lacoresh dariam um jeito de livrá-lo. Chegou a conseguir que uma carta fosse enviada aos governantes, mas quem recebeu a súplica do velho monge foi o consorte da Rainha Hana, Shaik Kain. Depois que Lacoresh rompeu a aliança com os silfos, Weiss foi aprisionado num calabouço sujo e sem luz. Ali definhou e enfraqueceu, sentindo ódio e desejo de vingança até o fim de seus dias.

Clefto

Clefto obteve perdão pelos crimes praticados e arrependeu-se de sua carreira como necromante. Ampliou seus estudos em demonologia e tornou-se um prestimoso auxiliar do Mestre Ayllew, vivendo em Nish, desde então.

Vekkardi

O discípulo de Modevash conseguiu sobreviver no Plano Netéreo por muito tempo. Como há um descompasso de tempo entre este plano e o plano físico, não se sabe exatamente quanto. Aprendeu sobre seus mistérios e encontrou uma das raras comunidades de pessoas que lá viviam. Os que detinham conhecimentos sobre como abrir passagens de volta, recusavam-se a fazê-lo, pois uma de suas leis mais importantes era sobre não ir ao plano físico. Vekkardi descobriu que para retornar, dependia de alguém do plano físico disposto a trazê-lo, mas estabelecer contato

provou-se difícilimo. O que conseguiu foi encontrar os poços de visão de onde podia ter vislumbres do que ocorria em seu mundo. Em geral, conseguia ver o avanço das trevas. Estava dividido entre continuar sua busca para retornar e ficar, ajudando o povo da comunidade que o acolheu a defender-se os muitos monstros e estranhas criaturas que habitavam aquela dimensão.

Rainha Hana Greysnow e Príncipe Kain

O reinado de Hana não foi curto. Como havia prometido, pretendia mitigar a destruição causada por seu pai. Lacoresh, no entanto, nunca mais foi o mesmo. Reduziu-se a menos de um quinto do seu território original. O oeste continuou tomado pelos bestiais e o norte, nunca foi recuperado da destruição causado pelo flagelo de mortos-vivos. Kamanesh tornou-se um reino independente, mas aliado. Pequenos feudos também emergiram em pontos isolados do território.

Hana chegou a reatar relações Shaik Kain. Casou-se com ele. A relação com o consorte não se sustentou por muito tempo. Afinal, o Príncipe Kain não conseguia perdoar Hana pelo que ocorrera no passado em Tisamir. E a tentativa de gerar um herdeiro falhou.

Kain estava sempre envolvido com as questões de estado e de defesa e Hana, não tinha gosto pelo ofício. Ficava satisfeita de cumprir certos compromissos sociais e no restante de seu tempo, aproveitar-se de sua condição privilegiada. Um de seus passa tempos prediletos era seduzir cavaleiros da crescente força de defesa lacoresa. Hana envelheceu, ainda vaidosa e usando sua magia para disfarçar sua real aparência. Com as doenças da idade, tornou-se azeda e reclusa. Não chegou a ver o dia em que Lacoresh confrontaria as hordas vindas dos abismos.

Calisto

Calisto passou a existir como uma voz, quase sempre ignorada no fundo da mente do demônio Necranxelfer. Mas não passaria a eternidade condenado àquele tormento. Em certa ocasião, quando Necranxelfer teve um embate com o demônio Marlituk, Calisto encontrou uma forma de escapar e achou para si, um novo corpo. Ainda nutria profundo ódio por Thoudervon e buscava uma forma de se vingar, mas isto é assunto para outra estória.

Kyle Blackwig e Kiorina DeLars - cerca de 20 anos mais tarde

Os jardins da casa de Kyle e Kiorina estavam floridos e iluminados pelo sol da manhã. A primeira coisa que aprenderam após chegar na cidade foi reverenciar o Rei-Deus, que raramente saía de seu palácio. Kyle acordava sempre cedo e ia até o

jardim fazer suas preces e agradecer pela proteção do Rei-Deus.

A casa deles se destacava na vizinhança. Fora construída pelos dois, ao longo dos anos, e com auxílio da magia de Kiorina. Possuía muitos cômodos e cada parte do seu entorno lembrava alguma coisa do passado do casal. Havia um largo portão que dava para uma estrebaria que lembrava o portão da casa de Gorum em Kamanesh. A porta principal da casa e a fachada lembravam a casa dos pais de Kiorina. Havia janelas que imitavam o estilo de Tisamir e uma pequena torre espiralada ao estilo dos silfos.

A permanência de qualquer estrangeiro na cidade de Tleos deveria ser aprovada pelo próprio Rei-Deus. Pouquíssimos recebiam esta honraria, mas logo que chegou, Kyle tinha convicção que seriam acolhidos. Aprenderam sobre os costumes locais e sua religião. Já falavam o idioma local, que era vagamente semelhante ao Tchilliano. O Rei-Deus era um homem muito alto, magro e vigoroso. Possuía olhos verdes penetrantes, mas calmos. Tudo que fez foi olhar nos olhos de Kyle e Kiorina e aprová-los. Foi a única vez que estiveram face a face com o monarca. Ele era um bom governante e suas leis eram duras e aplicadas à risca pela sua ordem de templários.

Tleos lembrava Tisamir em muitos aspectos. Havia escolas, parques e algum comércio com o mundo exterior. Mas isto diminuiu com o passar dos anos, desde que ali chegaram, até que, há alguns anos, os portos foram fechados. Nenhum navio aportou em Tleos, desde então.

Rumores diziam que uma grande guerra acontecia entre os reinos exteriores, mas a paz em Tleos, garantida pelo Rei-Deus, seguia firme, assim como ocorria há incontáveis gerações.

Em Tleos, quando possível, as pessoas se ocupavam com atividades que gostavam. Kyle teve muitos empregos, nenhum em que usasse armas. Acabou encontrando seu lugar cuidando de cavalos e ensinando crianças a montá-los. Ganhava muito pouco, mas gostava de fazer aquilo. Foi o trabalho de Kiorina que deu prosperidade ao casal. Magos eram raros em Tleos, mas por algum motivo, o Rei-Deus permitiu que Kiorina prestasse serviços diversos usando sua magia. Ela, além de hábil feiticeira, era simpática com todos e descobriu possuir um apurado tino comercial. Sabia cobrar os valores de acordo com a capacidade de pagamento da clientela. Tornou-se uma pessoa muito ocupada, não apenas pelo serviço, mas também sempre se desdobrando para cuidar dos filhos.

E não eram poucos os filhos de Kyle e Kiorina. O mais velho, Gorum, já tinha dezesseis anos e ajudava o pai. Lenora tinha quatorze e talento para magia, assim como o mais novo, Ector de apenas seis. Kiorina ainda não ensinava magia a Ector, ele deveria ter dez anos para começar, mas mesmo assim, havia aprendido alguns truques chantageando Lenora. Gálius, de onze, era um menino quieto e que

surpreendia seus pais, vez ou outra, dizendo coisas sábias que muitos adultos nunca diriam. Melgosh, de dez, era o mais inquieto e encenqueiro de todos e motivo de preocupação constante para os pais. Kyle sempre discutia com Kiorina dizendo que era o nome de silfo que o deixara endiabrado e Kiorina sempre dizia que aquilo era tolice, pois nomes não determinavam a personalidade de ninguém. Noran, tinha oito e só queria saber de brincar. Tinha também um talento especial para se sujar. Certa vez, voltou para casa fedendo a peixe e o cheiro demorou dias para passar, pois escolheu como esconderijo da brincadeira uma vala onde eram armazenados os pescados no mercado dos silfos.

Dora tinha sete e adorava o pai, seguia-o para todo canto, sempre tentando agradá-lo. Seus cabelos eram pretos e a pele muito branca, como a da mãe. Sua inteligência perspicaz era sempre usada para resolver as brigas entre os irmãos e até entre os pais.

Kyle e Kiorina haviam encontrado felicidades em seus trabalhos e naquela incrível cidade, mas a maior de todas, sem dúvidas, eram seus filhos. Kyle terminou suas preces e escutou a gritaria de sempre. Logo viu Melgosh perseguindo Noran. Os dois eram a dupla explosiva da casa.

-Mel, Noran! As preces!

Noran obedeceu o pai, mas Melgosh apenas trotou adiante e saltou por cima dos arbustos desaparecendo da vista de Kyle. – Mel! Melgosh! – Kyle o chamou – Volte aqui já! Ou vou lhe dar uma surra!

-Papai – disse o pequeno Noran – você sempre diz isso a ele, mas ele nunca apanha pra valer.

-As preces! – disse Kyle irritado – E depois o desjejum.

Kyle entrou na cozinha e viu as duas filhas, Lenore e Dora preparando chá, ovos e mingau. Kiorina zuniu pela cozinha pegando um caneco de mingau para tomar. Lenore protestou – Ainda não está pronto, mamãe!

Kiorina beijou a testa da filha e passou a mão na cabeça da outra. Deu uma bitoca em Kyle e seguiu para a saída.

-Onde vai? – ele perguntou.

-Um cliente. Estou atrasada... – e sumiu.

-Grande novidade... – comentou Lenore.

Kyle subiu as escadas e disse para as meninas – vou acordar Gorum e os outros.

Gorum resmungou na cama, pois queria dormir mais. Kyle procurou Ector, mas ele não estava em parte alguma. Saiu em um das janelas e perguntou – Noran, você viu o Ector?

O menino terminava de fazer as preces e respondeu que não.

Kyle subiu as escadarias da torre. Lá encontrou Ector guardando coisas apressadamente.

- Filho, já disse para não mexer nas coisas de sua mãe. Vai acabar explodindo a casa um dia desses.

- Mas pai!

- Mas nada! Para o jardim! A preces e depois comer.

O menino desceu as escadas serelepe. Se fosse a mãe, teria as orelhas queimando, ou algo pior.

Kyle olhou para cima, nas estantes. Lá estava a velha espada esperando. Um dia ele a entregaria a alguém. Foi parte de sua visão. Imaginava que este dia se aproximava. Olhou pela janela observando a cidade à qual tinha se afeiçoado. No céu, duas luas mostravam seu contorno iluminados pelo sol. Voltava a pensar sobre suas escolhas. Seus filhos eram a certeza de que tinha feito a escolha correta. Imaginava, às vezes, como estariam as coisas lá fora. Como estavam Archibald e outros. Rezava por eles e esperava que estivessem bem.

Kyle sabia que o estabelecimento do Novo Elo era o destino. Aquilo era a vontade dos deuses. Afinal, estiveram presos nos planos abissais por tempo demais. Os demônios já estavam retornando... Um dia, chegaria a vez dos deuses. E com eles, novas esperanças.

FIM

Sobre o Autor

Carlos Rocha é natural de São Paulo, graduou-se em Ciência da Computação, possui especializações em Gestão de TI e Gestão Estratégica da Informação. Também cursou faculdade de Belas Artes. Além de escrever romances de literatura fantástica, tem como hobbies: pintura, desenho, animação, jogar RPG, estudar línguas e música. Trabalha como profissional na área de Tecnologia da Informação e reside em Belo Horizonte.

Outros livros do autor

Terra das Nove Luas

Trilogia do Novo Elo

Olhos Negros

Maré Vermelha

Oráculo Esquecido

Herdeiros de Kamanesh

Série dos Heróis

Memorial de Quill, o exterminador de Demônios

A Morte de Öfinnel, o primeiro rei.

A Ordem de Tarquis

Série - Sina do Fogo

A Segunda Invasão

Crônicas Delorianas

Lentes da Perdição

A Queda de Durrkheim

Entre em contato com o autor

Site: <http://www.selo-.multiversos.net>

Twitter: <http://twitter.com/carlosmrocha>

Facebook: <http://www.facebook.com/SeloMultiveros>

Twitter do Multiversos: <http://twitter.com/selomultiversos>

About me: <http://about.me/carlosmrocha>

